ANTIGUIDADES MONUMENTAES DO ALGARVE

PALEOETHNOLOGIA

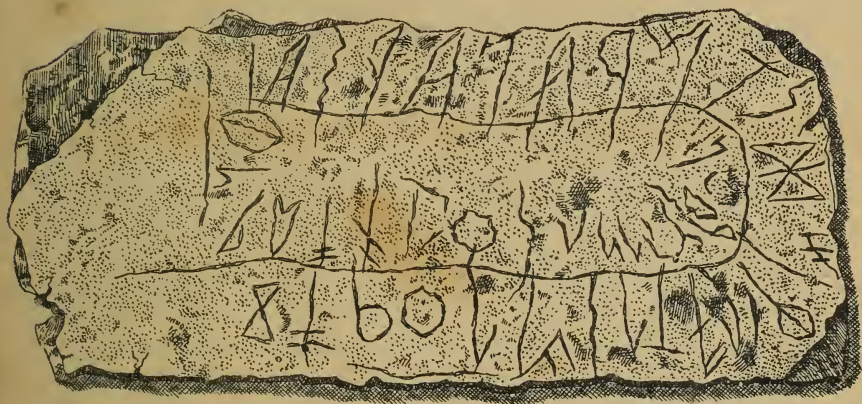
ANTIGUIDADES MONUMENTAES DO ALGARVE

TEMPOS PREHISTORICOS

POR

SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTACIO DA VEIGA

Socio correspondente da academia real das sciencias
de Lisboa, do instituto e da sociedade broteriana de Coimbra, do imperial instituto archeologico
germanico de Roma, da sociedade franceza de archeologia, da real academia
de historia de Madrid, da sociedade economica de Malaga, da academia de archeologia
da Belgica, do instituto archeologico e geographico pernambucano,
collector e fundador do museu archeologico do Algarve

VOLUME IV

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891

Programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal

Com este livro termino o trabalho respectivo á paleoethnologia do Algarve, em relação aos descobrimentos effeituados até este anno de 1890; o que não quer dizer que nada mais ficasse por estudar, porque, em meu entender, o que não me foi permittido descobrir, é muito mais do que o que symbolisei nas duas cartas actualmente publicadas.

Entretanto, é porém o Algarve o unico territorio em que foi possivel fazer-se um estudo methodico, embora não tão desenvolvido como conviria ter sido; pois, infelizmente, nas outras provincias quasi tudo jaz ignorado. D'este modo, póde-se dizer, que ainda n'esta data não ha uma noção geral das antiguidades nacionaes, nem mesmo a possibilidade pratica de se ordenar a sua catalogação scientifica; o que está lamentavelmente impedindo não poucos individuos, de já comprovada competencia, de emprehender qualquer trabalho especial que tenha de ser subordinado a um não interrompido seguimento ethnographico, e collocando este paiz na misera condição de permanecer estacionario em numerosos ramos de conhecimentos humanos perante as nações que caminham na vanguarda do progresso social.

Esta injustificavel falta, geralmente sentida por todos os entendimentos que sabem comprehendel-a, não póde porém ser supprida por uns planos, tão vagos como incompletos, que ahi se hão

visto emittidos com o directo proposito de se tratar da instituição de um *grande museu nacional* n'esta capital, composto de uma infinidade de elementos heterogeneos de todas as epochas e proveniencias, porque só mui parcamente cada um dos seus variadissimos grupos poderia corresponder a um qualquer estudo especial e systematico, como bem se deve conceber. Não me conformando, porém, com taes planos de immoderada centralisação, cujo resultado pratico seria a deslocação perniciosissima dos monumentos que devem servir de guia ao descobrimento dos vestigios, ainda occultos, correspondentes a cada phase das civilisações que nos precederam, que é o que mais deve interessar-nos, porque antes de se ter chegado a este conseguimento, nunca haverá sufficientes e bem ordenados fundamentos para se poder escrever a historia d'este territorio; e considerando, emfim, que este devêra ser o pensamento preferido, porque da sua realisação resultaria o conhecimento geral das antiguidades d'este sólo, e d'este conhecimento uma serie de trabalhos de superior importancia, tratei de reviver um já antigo programma, que a largos traços havia enunciado nas primeiras paginas do meu livro das *Antiguidades de Mertola,* logo que vi decretada a instituição de um ministerio de instrucção publica e bellas artes, e d'este modo enviei ao respectivo ministro, o sr. conselheiro João Arroyo, a seguinte representação e o programma, que julguei e julgo dever-se adoptar para a instituição dos estudos archeologicos em todo o reino.

O referido sr. ministro mostrou, porém, não ter querido honrar com a sua attenção a minha proposta; mas, sendo possivel que algum seu successor possa comprehendel-a e adopta-la, aqui fica textualmente registrada.

«Encarregado, ha muitos annos dos estudos archeologicos do Algarve, nunca perdi de vista o programma que vagamente esbocei na minha memoria das *Antiguidades de Mertola*, impressa em 1880, para que taes estudos, sob o mesmo systema que estabeleci, fôssem extensivos a todo o continente do reino, porque só assim, perante as exigencias da sciencia moderna, proclamadas por todos os paizes de mais alumiado entendimento, poderia esta nação, com os seus opulentos thesouros archeologicos methodicamente organisados, ministrar a essa sciencia que se propõe pôr por obra a historia da humanidade e do trabalho, as comprovações criticas mais definitivas da nunca interrompida população que teve este privilegiado territorio desde remotas idades geologicas até o alvorecer dos tempos historicos e das successivas phases de civilisação por que fôram passando essas sociedades que nos precedem.

«D'este modo a nação portugueza, que tão amplamente levou ás mais longinquas regiões do mundo os seus ensinamentos, quando as que desde então fôram aprendendo a engrandecer-se, apenas figuravam nos mappas geographicos modestamente limitadas ao sólo do seu nascimento, daria novo testemunho dos seus já um tanto deslembrados meritos, mostrando haver comprehendido ser a sciencia a mais poderosa alavanca que póde levar as nações decadentes, ou ainda incultas, a nivelarem-se com o valor intellectual dos maiores potentados, a força mais vigorosa que preside aos destinos dos povos, preparando-lhes o presente e

abrindo-lhes os horisontes do futuro, e a luz que esclarece e dirige todas as funcções da vida social, quando espargé a instrucção correspondente a cada classe ou categoria das que no seu conjuncto compõem as populações.

«Não teve, porém, o minimo acolhimento a minha proposta, porque o espirito publico não estava ainda bastantemente avisado para attingir o seu alcance, e os governos não ouviram a minha voz, ou a julgariam porventura astucioso reclamo para entreter o resto da vida, como se fôra possivel poder eu arrogar-me um trabalho de tanta magnitude!

«Se assim foi, enganaram-se e damnificaram o paiz, porque durante os ultimos dez annos pouco mais se fez, havendo quasi tudo por fazer, e deixaram esta terra de tantos brios e preeminencias inhibida de condignamente concorrer, como lhe competia, aos grandes certamens scientificos, a que a Europa civilisada tem chamado todos os povos do mundo, como ainda no anno findo succedeu n'um importante congresso de París, onde não foi visto um unico representante official, mas apenas um escriptor portuguez, que a suas expensas, e com superior illustração, se propôz ir discutir gravissimos assumptos e offerecer á discussão insignes trabalhos anthropologicos.

«Tudo parece, porém, agora querer mudar de feição em presença do recente ministerio de instrucção publica, fundado nas mui sensatas considerações que antecedem o decreto que o instituiu; pois é o proprio governo quem as profere, inteiramente convencido de que *«um povo sem instrucção, não póde occupar con-«dignamente o logar que deve ambicionar entre as nações cultas, «prosperas e independentes da epocha moderna»*, reconhecendo que *«só a cultura intellectual dá a consciencia plena dos direitos, o ver-«dadeiro amor da independencia, o apreço das instituições e o inci-«tamento ao progresso»*. Duvida alguma resta, pois, de que v. ex.ª se propõe em breve tempo occupar-se de todos os ramos de instrucção publica *desde a mais elementar até á sciencia mais elevada*, assim como das bellas artes, e por isso, entre taes limites, não póde deixar de ter cabimento o meu já antigo programma.

«Com este animador fundamento limitar-me-hei a lembrar e propôr a instituição e regulamento dos estudos que durante muitos annos tenho cultivado e de que estou officialmente incumbido.

«Em 1878 apresentei ao governo a carta archeologica do Algarve, sendo a primeira e unica que até hoje se tem coordenado n'este paiz, e em 1880 fundei em Lisboa um museu, que a comprovava do modo mais authentico, como o julgaram insignes membros do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistorica, que n'esta capital celebrou a sua nona sessão; mas o methodo scientifico que regeu a sua organisação não foi adoptado, porque sempre se tem preferido, em taes instituições, a completa ausencia de methodo.

«Foi, emfim, n'aquelle mesmo anno, como já disse, que saíu impresso o meu livro das *Antiguidades de Mertola,* em que deixei indicado a largos traços o systema que julguei e julgo dever-se empregar para o reconhecimento e estudo das antiguidades do reino.

«Existindo, porém, hoje um ministerio de instrucção publica, como poderá suppor-se que o descobrimento geral das antiguidades nacionaes, a sua representação em cartas e em museus scientificamente organisados, assim como o seu respectivo estudo, tenham ainda algum adiamento, quando tão explicitamente o governo reconhece que o estudo e a diffusão das bellas artes constituem uma necessidade publica?

«Acresce ainda um novo compromisso, que obriga todos os paizes a inventariar os seus padrões monumentaes e artisticos, em vista das deliberações tomadas em París na sessão de 24 de junho de 1889 pelo «congresso internacional para a protecção das obras de arte e dos monumentos de cada nação», a fim de poderem auferir a protecção confraternal das nações estrangeiras em caso de guerra.

«Já ahi se tentou elaborar um tal inventario, mandado fazer por portaria do ministerio das obras publicas de 24 de outubro de 1880; mas como poderia então relacionar-se o que ainda não se tinha estudado, quando o muito, que já o estava, ficou sem in-

dicação? Tudo se acha incompleto e reclamando energico remedio!

«O museu de bellas artes tem, primeiro que tudo, de representar methodicamente, em conformidade de um curso escolar bem ordenado, os diversos ramos, estylos e epochas de architectura, esculptura, pintura e artes correlativas inherentes ao curso geral, a fim de que os alumnos, no seguimento do seu estudo, possam achar praticamente exemplificadas todas as especialidades do ensino theorico; mas, para que o museu corresponda plenamente a esta necessidade, é indispensavel que cada um dos seus principaes grupos represente ordinalmente por epochas, a partir dos seus mais remotos caracteristicos, todas as phases de evolução, de progresso ou de decadencia por que foi passando no decurso dos tempos. D'este modo o museu ensinaria praticamente a historia da arte, servindo de superior utilidade aos alumnos e artistas de profissão e de proficua insinuação ao espirito publico. Ficaria, portanto, sendo um irreprehensivel museu de bellas artes, scientificamente organisado, sem que houvesse precisão de copiar modelos estrangeiros.

«A este museu escolar muito conviria addicionar uma secção de bellas artes propriamente nacional, a partir das mais assignaladas manifestações que sublimaram desde logo o aureo berço d'esta formosissima monarchia; pois não faltam preciosos monumentos de architectura religiosa, civil e militar, não faltam opulentas esculpturas ornamentaes e decorativas, de variadissimo lavor; não faltam pinturas iconographicas muito dignas das epochas a que pertencem; nem mesmo estylos de primorosa composição, para que todas estas grandezas, verdadeiramente symbolicas, por que cada uma d'ellas é um codice de tradições gloriosas, deva merecer a estima, o respeito e a veneração do coração portuguez. Seria, pois, este o mais poderoso meio de libertar dos despêgos da indifferença o valor e a significação de todos esses padrões venerandos, que ahi, esparsos por todo este reino, estão silenciosamente ensinando o que esta nobilissima nação deve ás conquistas da fé e do seu patriotismo, e as obrigações que comsigo mesma

contrahiu de perpetual-os como reliquias memoraveis da sua outr'ora sumptuosa autonomia.

«Conviria, emfim, haver tambem no museu de bellas artes uma secção de artes industriaes, organisada por epochas, que representassem em grupos distinctos, cuidadosamente ordenados, todos os generos de artefactos antigos existentes nas collecções do estado, e de possivel acquisição, que pelo estylo da sua fórma, composição e ornato patenteassem a directa applicação de um ou mais ramos de arte, sendo porém assignalados com rotulos especiaes em todas as series os de reconhecida fabrica nacional, a fim de que se podesse deduzir do respectivo catalogo o grau de cultura que em diversos tempos, em que não havia pomposas academias, attingiu o sentimento e o saber artistico n'este paiz, e ficar servindo de escola e de incitamento á cultura e progresso das aptidões actuaes e futuras, assim como de comprovação historica do estado de civilisação em que este povo sempre se manteve distincto e digno de equiparar-se aos de mais atilado primor intellectual.

«Mas se tudo isto, além de todos os mais ramos de conhecimentos humanos, é reconhecidamente preciso á instrucção geral de uma nação, que por seu proprio esforço se constituiu livre, independente, prospera e respeitavel, conquistando passo a passo todo este territorio e vasto dominio em todos os continentes, como deve ella continuar a desconhecer ou a desprezar os seus padrões monumentaes, os de todas as sociedades que a precederam, e ainda aquelles que ficaram assignalando á posteridade os seus insignes descobrimentos, as suas incomparaveis conquistas e seus infinitos feitos admiravelmente gloriosos?

«Está dado o primeiro impulso: as antiguidades do Algarve acham-se reconhecidas, symbolisadas por uma carta paleoethnologica e por outra de archeologia historica, comprovadas por um museu que reclama ser promptamente reorganisado, e descriptas n'uma obra que já corre adiantada, estando a entrar no prelo o quarto volume.

«É o que exigem todos os outros districtos do nosso territorio;

é o que reclamam a sciencia, a historia de todas as populações que aqui viveram desde os tempos geologicos e a das principaes instituições — religiosa, militar e naval —, que tão maravilhosamente perpetuaram o nome portuguez em todo o mundo.

«Para se fazer o que falta, não é preciso programma, porque está feito; basta seguir o que foi adoptado no Algarve. Tambem não falta gente competente para dirigir os trabalhos mediante instrucções especiaes, que facilmente poderei formular. Já temos ahi alguns illustres obreiros mui dignos de tal incumbencia; conhece-os v. ex.ª, certamente, conheço-os eu e o paiz inteiro.

«Falta sómente um regulamento legal que determine:

«1.º A organisação, no ministerio de instrucção publica, de uma direcção geral de archeologia e bellas artes, dividida em duas repartições e servida por funccionarios da mais reconhecida competencia.

«2.º Abrir-se concurso por espaço de um anno para a apresentação de um compendio de paleoethnologia e de archeologia historica, para ser submettido á approvação de um jury composto de escriptores especialistas, e aggregar-se este curso elementar ao curso superior de letras ou ao ultimo anno do lyceu de Lisboa, a fim de poder ser dois annos depois addicionado aos outros lyceus do continente e por este modo diffundidas as noções mais geraes dos assumptos que constituem esta nova sciencia das nações civilisadas, e ao mesmo tempo preparadas as vocações de maior distincção para no futuro poderem concorrer com suas elucidações ao depuramento dos elementos mais seguros de que carece a historia do homem e dos progressos da sua industria.

«3.º O levantamento da carta archeologica do reino em seguimento dos limites septentrionaes das do Algarve, servindo de base a carta chorographica de Portugal, na escala de 1 : 100.000, publicada pela direcção geral dos trabalhos geodesicos.

«4.º A divisão d'esta carta em seis circumscripções archeologicas, tendo por sédes as cidades de Faro, Evora, Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, ou Guimarães, onde já existe uma sociedade scientifica e um importante museu.

«5.º Incumbir-se a exploração concernente ao reconhecimento e acquisição das antiguidades prehistoricas e historicas das ultimas cinco circumscripções, a elaboração das cartaes parciaes, a organisação do museu e a descripção das suas antiguidades em obra especial, a escriptores nacionaes, que por suas já conhecidas obras de archeologia se tornem dignos de confiança, ou a engenheiros habituados a trabalhos geodesicos ou de minas, por se abonarem com valiosos conhecimentos scientificos de utilissimo auxilio, principalmente para os estudos da paleoethnologia.

«6.º Que a cada explorador seja fornecida a carta parcial da sua circumscripção, dividida em concelhos, freguezias e logares, e as instrucções que devem dirigil-o no decurso dos seus trabalhos, acompanhadas do mappa geral dos symbolos de convenção internacional, para poder indicar na carta as epochas e os generos das antiguidades que descobrir.

«7.º Que o explorador mande photographar em determinada escala todos os monumentos prehistoricos e historicos da sua circumscripção, levantar as plantas e perfis das construcções arruinadas ou arrazadas, que estejam á vista ou haja descoberto, tome os apontamentos indispensaveis, em caderno especial, á descripção respectiva a cada um d'esses padrões da antiguidade, e empenhe os seus maiores esforços para obter todas as manifestações ethnicas, paleontologicas e industriaes que fôr descobrindo, as quaes, mui cuidadosamente rotuladas e registradas, deve enviar para a séde do seu districto, onde ficarão temporariamente depositadas sob a vigilancia da auctoridade superior.

«8.º Que o explorador, findo o reconhecimento da circumscripção, em conformidade do programma que receber, proceda á organisação methodica do museu na sua respectiva séde, a fim de com elle comprovar authenticamente a carta correspondente, e fique preparado para o estudo descriptivo da carta e das antiguidades que ella symbolisar.

«A reunião das cartas parciaes constituirá a carta archeologica geral do reino e a ordenação systematica dos monumentos de cada circumscripção representará, por epochas e generos, as

antiguidades nacionaes de todos os tempos. Obtidos taes resultados praticos, este paiz, no campo da sciencia, levantar-se-ha á altura das mais cultas nações, nivelando-se, como distincto obreiro do progresso, com as que proseguem na vanguarda da civilisação.

«9.º Para a superior regulação de todos os trabalhos archeologicos, conservação e reparação dos monumentos nacionaes, assim como para a fiscalisação dos museus, convem haver um inspector dos monumentos do sul e outro dos do norte, o primeiro na circumscripção de Lisboa e o segundo em alguma das do norte, devendo o de Lisboa funccionar junto da direcção geral de archeologia e bellas artes, no ministerio de instrucção publica, e com esta repartição corresponder-se o do norte, sendo regidas as funcções dos ditos dois inspectores por um regulamento especial.

«Os directores dos museus corresponder-se-hão com os respectivos inspectores.

«Obrigados os exploradores das cinco restantes circumscripções a colligir os caracteristicos ethnicos encontrados no decurso do seu trabalho, e devendo-se presumir que em algumas sejam insufficientes para constituir uma secção anthropologica, occorre naturalmente a conveniencia de serem todos reunidos em museu especial ao da circumscripção archeologica de Lisboa, vindo acompanhados da planta, descripção e classificação dos seus jazigos, a fim de se poderem ordenar chronologicamente e com elles ser fundado o museu central de anthropologia prehistorica e historica, de que tanto se ha mister, como base fundamental de toda a ethnographia; mas, para que este museu e o seu estudo scientifico não possam accusar lacunas que interrompam o regular seguimento ethnographico de cada idade, periodo ou epocha, n'este territorio, devem indispensavelmente ser-lhe remettidas com as precisas indicações as já organisadas collecções ethnologicas do Algarve e todas as que existirem em quaesquer estabelecimentos publicos do paiz, para que um tal museu, dispondo d'estes elementos, permitta poder-se elaborar sobre a carta geologica uma carta ethnographica de anthropologia, cujos symbolos de repre-

sentação indiquem os logares, as epochas e os generos de jazigo de todas as reliquias ethnologicas do nosso territorio, e possa ficar preparado, quanto possivel, para deixar emprehender o seu estudo methodico e assim poder-se chegar ás conclusões concernentes ás raças ou populações humanas que viveram n'esta parte da peninsula luso-hispanica desde a idade geologica, periodo ou epocha a que chegarem os seus caracteristicos.

«Decretada a instituição do «museu central de anthropologia nacional», composto dos mencionados elementos e de todos os mais subsidios que se possam adquirir, muito conviria que no mesmo museu fôsse leccionado um curso de anthropologia e houvesse todos os instrumentos, apparelhos e utensilios em uso nas diversas medições geometricas e de cubagem, e nas operações de estereographia craniometrica, assim como uma livraria especial.

«O logar de fundador e director do museu, accumulando as funcções de professor do curso de anthropologia, com superior vantagem póde ser deferido em concurso publico a um cidadão portuguez, que mostre ser formado em medicina n'uma qualquer escola nacional ou estrangeira, que melhores provas documentaes, publicações especiaes ou trabalhos ineditos apresente, no prazo que fôr designado, perante a direcção geral de archeologia e bellas artes do ministerio de instrucção publica.

«Com referencia a esta sciencia, não ainda incluida no quadro geral da instrucção nacional, supponho ser por emquanto sufficiente centralisar o seu ensino n'esta capital, porque antes de uma reforma geral de aperfeiçoamento nos diversos cursos de instrucção publica, seria talvez prematura a sua diffusão. Em todo o caso, o museu anthropologico deve ser unico, porque só assim, com referencia ao nosso territorio, póde assumir a significação geral que lhe compete.

«Não penso, porém, d'este modo ácêrca dos altos estudos da paleoethnologia e da archeologia historica; entendo que não se devem centralisar na capital, e que a capital, pelo contrario, em vez de exhaurir o territorio nacional de todos os padrões monu-

mentaes que possam represental-o, deve concorrer para que os mantenha.

«Ha incalculavel conveniencia para o proprio estudo em não apartar das localidades uns certos monumentos referentes a estradas itinerarias, a logares amuralhados, a edificios em ruinas ou mesmo arrazados, em razão da homogeneidade de relações que os ligam aos sitios a que pertencem. Ficando nas suas circumscripções, mais facilmente se confrontam com os edificios de que fôram extrahidos e n'ellas perpetuam as memorias do passado, associando-se a todas as mais antiguidades intransportaveis, taes como dolmens, necropoles e outras construcções.

«Além d'isto, a centralisação archeologica em Lisboa impede a cultura de muitas aptidões distinctas, que em varias terras do reino se estão manifestando, aniquila nas provincias um dos mais attrahentes incentivos ao estudo de diversos ramos de conhecimentos humanos, repelle a exhibição de valiosissimas collecções particulares, que certamente nunca seriam depositadas em Lisboa, e usurpa a autonomia scientifica a que podiam aspirar as cidades que concentrassem os museus de antiguidades das suas circumscripções, deixando por isso de ser visitadas por sabios nacionaes e estrangeiros, e nomeadas com aquella superior distincção que estão logrando, por seus famosos museus, numerosas cidades de diversas nações. Finalmente, privar as provincias d'esse poderoso meio de cultura e representação scientifica, equivaleria a destruir as suas condições de progresso intellectual — em completa desharmonia com os mui previdentes intuitos que levaram o governo a propor ao chefe da nação a instituição do ministerio de instrucção publica — e a querer que não houvesse no reino mais do que duas ou tres cidades dignas de attenção.

«São, pois, estes os principaes serviços que julgo deverem ser estabelecidos, em vista do que exigem as sciencias archeologicas e das contribuições com que este paiz tem de concorrer para poder ser equiparado aos de mais adiantada sabedoria.

«Parecerá, porventura, que um tal conjuncto de instituições iria exuberantemente affrontar o renascido ministerio de instru-

cção publica, obrigando-o ao dispendio de avultadas sommas para se poderem levar a effeito; mas tudo se póde mui prudentemente prevenir e ordenar em termos convenientes, estabelecendo-se no proximo orçamento, como base e ponto de partida «a maior verba annual que fôr possivel determinar-se para este ramo de estudos».

«Se essa verba fôr sufficiente para se poder repartir por todas as circumscripções, o trabalho do reconhecimento geral póde ser começado ao mesmo tempo; não o sendo, deve regularmente seguir do alto Algarve para o Alemtejo, e indispensavelmente na Estremadura, onde convem que, na capital, sejam logo reunidos os elementos fundamentaes para a organisação do museu central de anthropologia nacional.

«Findo o primeiro anno de exploração no Alemtejo e na Estremadura, ter-se-ha effeituado na cidade de Faro a reorganisação do museu do Algarve, ficando assim concluidos os trabalhos da primeira circumscripção do sul, se fôr desde já nomeado o pessoal respectivo áquelle museu. Querendo, porém, alguma das circumscripções do norte — Coimbra, Porto e Braga ou Guimarães (no caso de não poder o governo mandal-as ao mesmo tempo explorar) — adiantar os precisos meios, a fim de não retardar os seus trabalhos, ao governo conviria acceitar, obrigando-se ao reembolso por uma verba especial designada nos subsequentes orçamentos, e a nomear logo o respectivo pessoal.

«A homogeneidade com que todos os trabalhos de exploração, de elaboração das cartas parciaes e de organisação dos museus se devem harmonisar, depende absolutamente das habilitações dos escriptores especialistas, da competencia e rigorosa fiscalisação dos inspectores do sul e do norte, que houverem de ser nomeados, e por isso é mister ter-se em vista que os trabalhos das circumscripções de Evora, Lisboa, Coimbra, Porto e Braga ou Guimarães exigem individuos, que, mediante as instrucções que receberem dos inspectores, saibam dirigir a exploração, colligir e classificar as provas locaes, organisar as cartas, os museus e descrever as respectivas antiguidades.

«Portanto, competindo aos inspectores a regulação e fiscali-

sação dos serviços que o governo possa em breve tempo querer determinar, devem elles ser nomeados com antecedencia; mas, parecendo ao mesmo tempo ser muito conveniente que estes inspectores, assim como o de bellas artes, fiquem adjuntos á direcção geral de archeologia e bellas artes, é consequentemente necessario que esta direcção seja dividida em duas repartições especiaes, e ao mesmo tempo nomeados os funccionarios que devam constituil-as sob a presidencia de um «director geral de archeologia e bellas artes».

«Mediante o programma e o orçamento, concernentes á organisação dos estudos archeologicos, que reservo esboçados, esperando que v. ex.ª se digne querer examinal-os e corrigil-os, o custo da exploração para o levantamento da carta archeologica do reino e instituição dos mencionados museus, dividido pelos dois annos em que já calculei poder-se effeituar este importantissimo trabalho, a terem-se em consideração as vantagens que d'ahi devem resultar ao desenvolvimento da instrucção publica do paiz, é relativamente modesto, sobretudo se o compararmos com outras muitas despezas menos precisas e de menor conveniencia, que anteriormente se hão feito sem deixarem apreciavel vestigio das applicações que tiveram.

«O que desde já posso informar a v. ex.ª, como prova do que acabo de referir, é que, em vista do orçamento que tenho calculado, a despeza annual a fazer com a manutenção das inspecções do sul e do norte, do museu central de anthropologia e dos museus archeologicos de Faro, Evora, Lisboa, Coimbra, Porto e Braga ou Guimarães, é mui notavelmente inferior á que foi decretada em 2 de março de 1881 para a gerencia da academia real de bellas artes de Lisboa, reunida á que sobreveiu com o arrendamento do palacio das Janellas Verdes, e a manutenção do museu que alli existe.

«Com referencia ao já calculado custo da exploração geral das cinco restantes circumscripções, do levantamento das cartas geraes de ethnologia, de paleoethnologia e de archeologia historica, bem como da acquisição dos elementos que devem constituir os

referidos museus em seis cidades do reino, é tambem inferior á despeza em que importaram as obras do palacio das Janellas Verdes e áquella que foi absorvida pela exposição de arte ornamental e decorativa, de que apenas restam uns celebres catalogos testemunhando a completa ausencia de methodo que a regeu!

«Não ouso com estas reflexões insinuar o descuramento das bellas artes; julgo, pelo contrario, dever-se desde já tratar da reorganisação das escolas e museus, comquanto sabido seja que a prosperidade das bellas artes nunca se viu raiar em meio de um povo mal provído de instrucção, como o está ensinando a antiguidade classica das civilisações grega e romana, que só attingiu a sua mais primorosa elevação artistica quando as sciencias e as letras chegaram a firmar n'aquellas robustas nacionalidades os mais abastecidos fócos de sabedoria; pois o sentimento do gosto, a agudeza do engenho e a esthetica da arte não se ensinam, nascem da cultura do entendimento, e, portanto, sem esta cultura, faltará sempre o principal elemento do progresso artistico.

«É, pois, por isso que sou levado a antepôr a utilidade dos altos estudos da anthropologia, da paleoethnologia e da archeologia historica, como a de todas as mais sciencias, á do talvez prematuro *aperfeiçoamento* das bellas artes; porque, para aperfeiçoar é primeiramente preciso organisar com esclarecida sciencia, e a sciencia, quando não existe, ensina-se, mas não se póde repentinamente vincular; e tão convencido está v. ex.ª de que a instrucção publica é uma inquestionavel necessidade nacional, que se propõe amplamente diffundil-a, partindo da mais elementar até á mais elevada, para crear a que não existe e aperfeiçoar a que não produz sensiveis resultados.

«Bem devêra eu pensar que aos insignes talentos, com que v. ex.ª deixa transluzir os seus elevados meritos, não escaparia a mui reconhecida necessidade de instituir n'este reino os estudos archeologicos; mas o facto de não os ver especificados, como o fôram os de bellas artes, embora não signifique a sua exclusão, não me permittiu ficar silencioso e trahindo as minhas mais arraigadas convicções.»

Fôram estes os apontamentos, certamente ainda incompletos, que enderecei ao sr. ministro da instrucção publica, reservando-me para apresentar os projectos dos regulamentos que taes estudos exigem e os orçamentos respectivos á sua realisação; mas nada d'isto me foi pedido.

Continúo, porém, a dedicar estes modestissimos serviços ao meu muito adorado paiz, e por isso os ponho á disposição de todos os governos e de todas as sociedades scientificas nacionaes que queiram aproveital-os.

É este o prefacio do quarto volume das *Antiguidades monumentaes do Algarve.*

Estacio da Veiga.

I

SUMMARIO

Recapitulação dos principaes assumptos do periodo neolithico de que tratam os dois primeiros volumes. — Explica-se a razão por que na carta paleoethnologica não foi indicada a idade do cobre. — Continuando a ordenação dos assumptos, alludese á doutrina exarada no terceiro volume, mostrando-se que n'esta região data da ultima idade da pedra o descobrimento e a manipulação do cobre, não sendo ainda conhecido o bronze. — Referencia á impugnação que ficou feita á theoria que attribue ás migrações asiaticas a instauração das industrias metallurgicas na peninsula luso-hispanica. — Previnem-se os futuros exploradores do muito que ficou ainda por descobrir no territorio do Algarve, recommenda-se-lhes com particular especialidade a exploração das cavernas e indica-se o motivo unico que a impediu. — Demonstra-se o absurdo conceito de estarem desertos os continentes e consequentemente o sólo peninsular antes dos primeiros imaginarios éxodos asiaticos, mostrando-se serem mais antigas do que as da Asia as manifestações ethnologicas e industriaes d'este territorio, as de uma parte da Europa, da Africa, e da America, por isso que em pleno periodo quaternario, associados a faunas extinctas, patentearam estas regiões os typos fundamentaes dolichocephalo e brachycephalo. — Explica-se a causa que teria promovido a uniformidade geral não synchronica dos instrumentos de pedra n'aquelle periodo geologico, mas não se admitte, á falta de provas, que da Asia tivesse dimanado. — Mostra-se que os da peninsula hispanica occupam a cota de nivel mais inferior que se conhece. — Razões fundamentaes que repellem as affirmações de ser provenientes da região caucasica as primitivas populações européas. — Condições que desabonam a prioridade do periodo neolithico na Asia. — Refuta-se a pretendida indole civilisadora da Asia com o facto das raças indianas no continente americano, ainda hoje refractarias a todos os progressos da civilisação. — Conclusões geraes.

As antiguidades paleoethnologicas por mim descobertas no Algarve, fôram cuidadosamente separadas em epochas distinctas, na conformidade dos caracteristicos dos seus jazigos.

Algumas d'essas epochas já ficaram representadas e descriptas nos volumes antecedentes.

Ao primeiro volume reuni a carta paleoethnologica, em que são indicados com os respectivos signaes de genero e de epocha

todos os logares que manifestaram antiguidades prehistoricas, desde a ultima idade da pedra até á primeira idade do ferro, mantendo ainda essa carta a ordem geralmente seguida na Europa, em razão de não terem até á data da sua elaboração apparecido n'aquelle territorio sufficientes factos comprovativos da *idade do cobre*, e por isso, sob a denominação de *idade do bronze*, então unicamente adoptada, forçoso me foi incluir todas as estações e logares que continham artefactos de cobre ou de bronze.

Após a publicação d'este livro, o leitor ficará, porém, conhecendo, não só as estações que no Algarve devem ser inscriptas na *idade do cobre*, como aquellas que do mesmo modo já se podem designar em todo o reino.

Ao passo que os dois primeiros volumes tratam exclusivamente dos assumptos respectivos á ultima idade da pedra, refutando as theorias até hoje tão impropriamente applicadas ao sólo peninsular, e mostrando de que modo se deve deduzir a significação das suas antiguidades, o terceiro volume estabelece as bases mais genuinas para a inquirição e reconhecimento dos primordios da metallurgia n'esta privilegiada terra do Occidente, impugna todas as affirmações contrarias á verdadeira hermeneutica dos factos, e reivindica o valor e a força com que elles devem reagir contra os conceitos e hypotheses que os estavam de todo o ponto empobrecendo e desfigurando.

Com este quarto livro termino os estudos que dediquei á prehistoria do Algarve, porque para elle reservei os caracteristicos que lhe competiam, comquanto deva presumir que não poucos ficam inutilisados no silencioso remanso das collecções particulares sob a cautelosa vigilancia dos seus possuidores, entre os quaes alguns ha, infelizmente, que preferem ter hermeticamente aferrolhados quantos objectos antigos conseguem obter por mero capricho a communicarem-n'os a quem podia com grande utilidade deixal-os memorados.

Muito mais ficou por fazer; tres vezes mais, talvez; mas de tal falta ninguem me póde arguir, sabendo-se que todos os meus estudos hão sido obrigados a prazos fixos e fataes, como se fôs-

sem obras mecanicas de calculavel acabamento. Entendo, porém, dever denunciar esta falta com inteira lealdade, para que os futuros exploradores não julguem haver ficado aquelle manancial de riquezas archeologicas completamente esgotado.

Prosigam, que hão de achar o que eu não tive possibilidade de descobrir; mas não se afastem do meu plano de trabalho; tratem de enriquecer as duas cartas archeologicas, que ahi deixo por emquanto oscillando nos regaços da indifferença: ellas, juntamente com os livros d'esta obra, indicarão os elementos essenciaes de que carece o alistamento methodico dos monumentos d'aquella região, quando este paiz fôr compellido a elaborar o inventario dos seus monumentos [1], se não preferir patentear o seu menosprezo e a sua incuria pelas cousas que em todas as nações civilisadas estão sendo conscientemente colligidas e estudadas.

---

[1] Em conformidade das deliberações tomadas em París no dia 24 de junho de 1889 pelo *congresso internacional para a protecção das obras de arte e monumentos de cada nação*, deve-se esperar que este paiz seja convidado a inventariar os seus padrões artisticos e monumentaes, a fim de poder auferir, para a conservação do que ainda possue, a protecção confraternal das nações estrangeiras em caso de guerra.

Para a elaboração do tombo dos monumentos do Algarve ha duas cartas archeologicas, indicando os generos e as epochas do que resta n'aquella provincia de data anterior á conquista portugueza, auxiliadas por esta obra que vae seguindo, e bastará proceder-se, por freguezias, á designação e alistamento dos edificios mais assignalados por seu valor architectonico, artistico ou historico, de origem posterior, para se poder methodicamente inventariar o que existe.

Quaes são, porém, as bases de que os governos poderão servir-se para conseguir um inventario, assim constituido, concernente ás outras provincias do reino? Dar-se-hão por satisfeitos com o *Relatorio e mappas ácêrca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes,* elaborado por uma commissão, em conformidade da portaria do ministerio das obras publicas de 24 de outubro de 1880, apresentado e publicado em 1881 ao governo pela real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes?

Para o governo, ou qualquer interessado, ficar conhecendo o alcance d'esse documento, indico simplesmente o Algarve, e assim poderá ajuizar do resto.

Sob a epigraphe —*monumentos de arte militar antiga, castellos e torres*— apenas se designa Castro Marim e mais adiante a inscripção que a rainha D. Maria II mandou erigir na praça de Sagres em memoria do infante D. Henrique.

Sob a epigraphe —*cippos, columnas milliarias e outras memorias epigraphicas*— o inventario ficou feito n'estes termos:

«Encontram-se em quasi todas as provincias de Portugal restos mais ou menos importantes, de povoações antigas, representantes de differentes civilisações. Em algumas, infelizmente poucas, têem-se feito explorações dirigidas por pessoas competentes,

Para que em tempo algum não se podessem considerar como simplesmente locaes os criterios que de diversas idades descobri n'aquelle territorio, occorreu-me confrontal-os com os que eram synchronicos, já anteriormente estudados n'outras estações do reino por distinctos investigadores nacionaes e estrangeiros, levando-me ainda o meu preventivo intuito a examinar, se entre elles e os do sólo hispanico haveria algum sensivel antagonismo, ou aquella peculiar similhança que geralmente harmonisa as manifestações dos povos oriundos da mesma estirpe.

Encaminhando assim o meu processo de inquirição, julgo ter conseguido reconhecer, que estas duas nações, apenas ha poucos seculos separadas por uns limites politicos, que as cartas geographicas indicam e a voz eloquente da historia justifica, são duas

---

zelosos cultores de archeologia. Aquellas são, em tempos anteriores, porém modernos, Cetobriga, e na actualidade as Citania, no Minho, Ossonoba e outras no Algarve. Mas a maior parte jazem desconhecidas ou desprezadas.

Note-se, que na data da referida portaria já estava instituido e franqueado ao estudo publico o museu archeologico do Algarve, onde numerosos quadros manifestavam as plantas e perfis dos edificios explorados e o desenho de muitos padrões archeologicos, descobertos n'aquelle territorio, assim como estava tambem methodicamente organisada uma extensa galeria de monumentos epigraphicos, representando ordinalmente cinco epochas e muitos logares; mas nada d'isto foi registrado n'aquelle documento, cujo relator, lamentando que estejam desconhecidas e desprezadas tantas antiguidades em todo o reino, foi ao mesmo tempo occultando e desprezando as do Algarve, do que resultou ficar o ministerio das obras publicas sem saber a que edificios d'aquella provincia deveria applicar uma verba para o seu reparo e conservação.

Já se vê, pois, que um tal documento ficou muito longe de ser o tombo dos monumentos nacionaes, como o proprio relatorio declara; porque, para se poder elaborar na generalidade, faltavam as bases fundamentaes e para se lhe inscrever o meu reconhecimento e classificação das antiguidades paleoethnologicas e historicas do Algarve, faltou simplesmente uma imparcial boa vontade.

Se, com effeito, como no referido documento expendeu o seu relator, não podem deixar de ser considerados monumentos nacionaes todos os padrões que attestam a passagem ou a existencia dos povos que occuparam este territorio desde os tempos mais remotos, escusado é pensar na possibilidade de se poderem inventariar sem que primeiramente se haja procedido ao reconhecimento geral das antiguidades do reino e pela fórma já por mim anteriormente indicada no prefacio das *Antiguidades de Mertola*, quando tratei de mostrar a superior conveniencia de que os trabalhos do Algarve fôssem pelo mesmo systema extensivos a todo o paiz.

Deixo portanto aqui estas passageiras observações para que o governo, quando haja de voltar ao mesmo assumpto, fique sabendo como com mais proficuidade lhe con virá proceder.

distinctissimas irmãs, nascidas na mesma terra e da mesma arvore genealogica, cujos enxertos de procedencia exotica nunca alteraram a essencia primordial do seu tronco incorruptivel e inabalavel, e por isso, embora independentes em seus privativos dominios, e não obstante o seu genio emprehendedor e bellicoso as ter levado algumas vezes a disputar direitos de herança ou de conquista, por esse mesmo genio, pela feição nobilissima dos seus levantados espiritos, pelo uniformismo das suas audaciosas tendencias, pelo desmedido arrojo com que sulcaram todos os mares e a todos os pontos da terra levaram o ensinamento da sua civilisação, tão perfeitamente ainda hoje mostram ser irmãs, como pela homogeneidade de caracteristicos que os seus ascendentes deixaram assignalados em cada phase da sua existencia, tanto nos seios da terra que os viu nascer, como nos das plagas longinquas a que chegaram.

Reduzido a este convencimento, quando ao mesmo tempo lia nos proprios livros de mais imponente auctoridade, *que toda esta região do Occidente fôra povoada por migrações asiaticas em diversas epochas prehistoricas; que fôram essas migrações as portadoras da civilisação neolithica, as que tinham descoberto os metaes e vindo aqui instaurar as industrias metallurgicas,* tratei igualmente de perscrutar, se haveria bases sufficientemente positivas para se poderem affirmar tão peremptorias proposições, cuja demonstração indispensavel nunca se viu exarada em parte alguma.

Ora tudo isto, subordinado ao principio monogenico, propende para insinuar, que o sólo peninsular, antes dos primeiros éxodos asiaticos, estava completamente deserto, como desertos deviam estar os continentes que abrangem os dois hemispherios do globo terrestre, com excepção da Asia, unica patria de tão diversas raças, *nascidas de um só par primordial!*

Mas, a ter sido assim, esses primeiros éxodos devem ter começado, pelo menos, durante o plioceno, porque os instrumentos quaternarios, mais geralmente de silex, de fórma amygdaloide, estão verificados na Asia em os territorios de Madrasta, de Assam, de Bengala, da Palestina, do Thabor, de Babylonia, e ainda

em mais alguns; na Africa, em pontos grandemente distantes entre si, taes como em Argel, nas vizinhanças do Sahara, no Cairo, no Cabo da Boa Esperança, no Delta do Baixo-Egypto e n'outros pontos d'aquelle continente; na America, não só esses typicos instrumentos, como os proprios typos do homem quaternario, estão verificados em numerosas paragens. Só da caverna do Sumidouro, em a Lagôa-Santa, juntamente com muitos ossos de animaes extinctos, extrahiu o celebre Lund dezeseis craneos, sendo todos, menos um, do typo dolichocephalo. Por outro lado e posteriormente o homem fossil foi descoberto na Patagonia pelo sr. Moreno, e nos Pampas de Buenos-Ayres pelo sr. Florentino Ameghino, assim como pelo sr. Roth, em a confluencia do Paraná com o Rio da Prata, um esqueleto cuja cabeça ossea patenteou um perfeito brachycephalo. E não foi simplesmente na America do Sul que o homem quaternario se manifestou; pois tambem foi achado nas alluviões glaciarias de New-Jersey pelo sr. Abbott, no Mississipi por M. Babitt, no Mexico pelo sr. Tarayre e em muitos outros pontos da America do Norte por varios naturalistas, mostrando tudo isto que os typos dolichocephalo e brachycephalo já então existiam na America do Sul, e que todo aquelle continente era habitado desde o pólo arctico até quasi ao antarctico.

Finalmente, na Europa os instrumentos quaternarios de silex com similhantes fórmas hão sido achados na França, na Inglaterra, n'uma parte da Russia, na Allemanha, na Italia, na Grecia, na Hispanha, em Portugal e n'outros paizes.

Esta uniformidade de instrumentos de silex, de quartzite, de jaspe, de grés e ainda de outras pedras proprias de cada região, sendo geral em todo o mundo, na mesma epocha geologica, permitte uma simultanea serie de asserções de que é mister admittir, pelo menos, as seguintes:

1.ª Que no primeiro periodo dos tempos quaternarios o homem já existia na Europa, na Asia, na Africa e na America, povoando as já designadas regiões em os dois hemispherios do globo.

2.ª Que o homem, ou era indigena das regiões em que ficou caracterisado, ou achou entre os actuaes continentes taes ligações, que lhe permittiram passar de uns para os outros, sendo possivel ter-se ao mesmo tempo dado um e outro caso.

3.ª Que para os instrumentos amygdaloides de pedra chegarem a ter feição uniforme em toda a parte, a diffusão de taes instrumentos deve ter-se começado e concluido n'aquelle primeiro periodo.

4.ª Que não sendo racional admittir-se que a fórma dos instrumentos de pedra do primeiro periodo quaternario fôsse ao mesmo tempo inventada em todo o mundo, segue-se que esses instrumentos tiveram origem n'um qualquer ponto da terra; mas como o povo inventor não podia de modo algum ter sido o seu universal propagador n'uma determinada epocha, é de todo o ponto verosimil que de estação em estação se fôssem transmittindo alguns modelos e o processo da sua fabricação, visto ter-se reconhecido que os da Africa e de outras regiões representam rochas de formação local.

Este modo de transmittir productos de paizes longinquos continuou a ser usado em antigos tempos historicos, sem que taes productos fôssem acompanhados pelos naturaes d'esses paizes; e por isso se póde julgar que o mesmo haja succedido com referencia á implantação de certas industrias reconhecidamente estrangeiras, independentemente de migrações destinadas ao seu ensinamento.

Mas não percâmos de vista o assumpto principal.

Em que ponto da terra fôram fabricados os primeiros instrumentos de pedra que caracterisam a primeira idade dos tempos quaternarios?

O exclusivismo absoluto com que se tem pretendido apresentar a Asia como unica origem da vida humana, levou insignes anthropologos a considerar as populações da Europa como derivadas de origem caucasica. D'este modo o Caucaso ficou sendo o alvo em que as mais atiladas vistas scientificas se fixaram. Concorreram alli abalisados naturalistas, e o ministerio de instruc-

ção publica de França, que mui largamente se tem empenhado no reconhecimento das antiguidades do seu territorio e de mais alguns paizes, entendeu que o Caucaso reclamava tambem investigações muito especiaes e, para o estudo de toda aquella vasta região comprehendida entre o Mar Negro e o Caspio, convidou o sr. Ernesto Chantre, um dos mais distinctos paleoethnologos francezes.

Tres expedições ao Caucaso têem sido habilmente dirigidas pelo sr. Chantre, resultando dos seus mui complexos estudos uma obra grandiosa em quatro volumes e um atlas, intitulada *Recherches anthropologiques dans le Caucase.*

N'esta obra, luxuosamente illustrada e nitidamente impressa, recopilou o sr. Chantre os mais importantes trabalhos que outros investigadores competentissimos tinham emprehendido, e por isso todos os descobrimentos effeituados até 1888 n'aquelle imaginario *berço da humanidade* ficaram registrados pelo sabio sub-director do famoso museu de Lyon.

O sr. E. Chantre, como é sabido, tem até hoje sido um dos mais convictos propagadores da theoria das migrações asiaticas; mas ainda assim não ousou trahir a sua lealdade scientifica para com maior vigor poder fortificar os conceitos que adquiriu na velha escola escandinava.

Os que seguem as tradições biblicas, diz o sr. Chantre no começo do primeiro livro (1885), têem collocado tanto na Armenia como nas rampas meridionaes do Caucaso o berço primitivo da humanidade; outros, comparando as noticias escriptas de muitos povos da antiga Asia, referem ao celebre planalto de Pamir o *centro* de dispersão das *raças superiores* [1], que o sr. Renan mui poeticamente considera ser a summidade, o pinaculo do mundo, o meio entre o céu e a terra, ao passo que os mongolicos e mais alguns povos julgam a cordilheira Oural, e mais particularmente o Altai, — o possante contraforte septentrional do grande planalto

---

[1] Logo, houve ainda outro centro d'onde partiram as raças inferiores..

central, — como tendo sido a patria dos seus primitivos ascendentes.

A todos estes idealismos aventurosos acode, porém, o sr. Chantre, considerando não poderem ultrapassar os limites das origens historicas, porque o problema dos primordios naturaes do homem fica intacto, comquanto alguns naturalistas os hajam referido ás regiões tropicaes e mesmo a um continente que julgam de ha muito immerso no oceano índico.

A esse conceito responde, porém, o sr. Chantre, que provas irrecusaveis demonstram ter sido tropical o clima da Europa durante o periodo terciario, e portanto as *transformações* biologicas de que houvesse resultado o apparecimento do homem, tanto podiam ter-se operado na Europa como na Asia, e accrescenta, *que de tal periodo nenhum descobrimento importante se tem feito n'aquella região.*

Com referencia ao homem quaternario, observa que «o isthmo ponto-caspiano que, durante o terciario soffreu poderosas oscillações, não definiu o seu relevo actual senão no principio do quaternario, e tendo em vista os importantes trabalhos do sr. Abich *(Prodrome de géologie du Caucase)* e do sr. E. Fabre *(Recherches géologiques dans la partie centrale de la chaîne du Caucase)*, julga que os grandes cones trachyticos, que formam os pontos mais elevados da cordilheira, não datam de outra epocha».

Já se vê que o homem terciario, sob taes condições, não podia ter alli existido.

Com o quaternario não melhoraram porém as condições locaes; pois affirmam os referidos geologos, que esse periodo ficou marcado no Caucaso, como nos Alpes, por uma enorme extensão de geleiras, de que acharam immensos depositos erraticos na maior parte dos valles ponto-caspianos, sendo mui notavel uma d'aquellas massas, chamada Pedra Yermolov, por medir 5:655 metros cubicos.

Do mesmo modo, aquelles geologos consideram os valles da vertente septentrional do Caucaso invadidos pelas geleiras desde

o começo do quaternario, quando successivos vulcões ainda abalavam o sólo, cobrindo-o de materias igneas.

O proprio sr. Chantre reconhece que uns taes phenomenos não podiam permittir que os animaes e as populações habitassem n'aquellas paragens, que, só muito mais tarde, passaram a ser abrigo de differentes povos.

Appellava, porém, o sr. Chantre para as alluviões e grutas dos valles da vertente meridional do Caucaso, suppondo alli descobrir vestigios paleontologicos e anthropologicos da epocha paleolithica; mas, combinando o que viu com os poucos caracteristicos paleontologicos descobertos pelo sr. Felitzine na provincia de Koban, a respeito d'aquella ultima região diz: «*Le versant méridional, au contraire, n'a fourni à la préhistoire du Caucase aucun document sérieux*».

Em vista do que fica expendido, não vejo, emfim, doutrina que auctorise, ou deixe presumir, que as raças brancas da Europa, durante os tempos geologicos, tenham tido origem na região caucasica.

O proprio periodo neolithico no Caucaso, comparado nas suas manisfestações com o da Europa, tambem nada deixa conceber a tal respeito.

Acham-se alli, como em toda a parte, facas de silex, raspadores e pontas de frecha; mas apparecem juntamente uns martellos furados de mui regular e symetrico acabamento, que o sr. Chantre representa (vol. I, pag. 49), os quaes pertencem a uma phase já adiantada da ultima idade da pedra. Os percutores de sulco circumdante, encontrados nas minas de sal de Koulpe e em mais alguns logares, são similhantes aos da Europa e da America do Norte; mas não está provado que os das minas do Lago Maior e os das de toda a peninsula hispanica fôssem feitos á imagem dos da região caucasica.

Os dolmens que o sr. Chantre representa, indicados por Faitbout de Marigny, por Dubois de Montpéreux, por Bayern e Felitzine, na região occidental, não permittem segura classificação: nota-se, porém, que a sua construcção é muito mais aprimorada

que a dos da Europa, que geralmente uma das suas pedras lateraes é furada e que alguns têem fornecido varios objectos metallicos. Com os da India succede outro tanto, não se tendo podido classificar a epocha da sua construcção, como affirma o insuspeito sr. Chantre. Parece, portanto, que taes circumstancias repellem o tão propagado conceito de serem os da Europa construidos por aquella migração asiatica, a que mui pomposamente se deu a designação de *povo dos dolmens*.

As cavernas e grutas artificiaes, ainda hoje em grande parte habitadas, estão no mesmo caso, não se sabendo quando começaram a ser utilisadas.

Emfim, quem attentamente observar os machados de bronze do Caucaso, estampados pelo sr. Chantre (de pag. 77 em diante), encontrará umas fórmas especialissimas e um lavor de gravura ornamental, que não ha ver em nenhum machado de cobre ou de bronze da peninsula hispanica, assim como notará mui sensivel differença entre os outros instrumentos metallicos do Caucaso e os da Hispanha e Portugal.

D'aquella adiantadissima phase da idade do bronze, já confundida mui provavelmente com a primeira idade do ferro, não ha prova de terem os seus modelos chegado a esta região, e tendo-se á vista as estampas do *Atlas* em que o sr. Chantre figurou os artefactos que no Caucaso caracterisam a primeira idade do ferro, não é necessario ser archeologo para se ficar immediatamente convencido de não haver entre elles e os que já são conhecidos n'este paiz a minima similhança na fórma, ou no lavor.

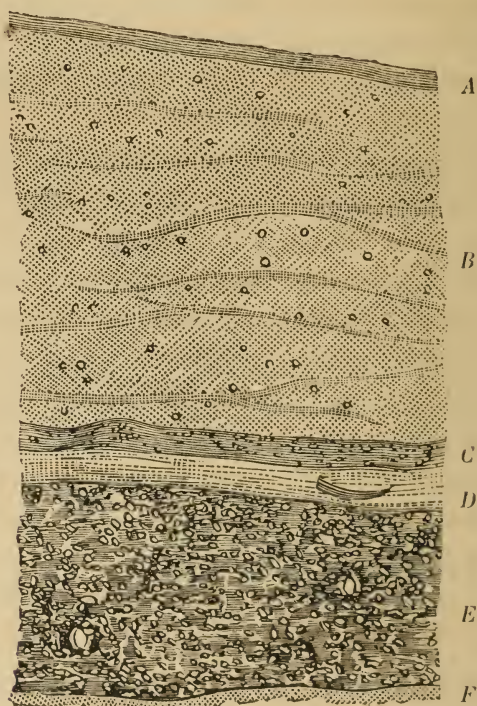
Para repellir a idéa das imaginadas migrações, que se affirma terem invadido e civilisado esta região peninsular, basta-me recorrer ás mesmas bases com que o sr. Chantre refutou a origem phenicia, assyriana ou egypcia, que o sr. Sophus Muller attribuiu á ornamentação em espiral dos machados metallicos do Caucaso.

«Pour Sophus Muller, diz o sr. Chantre (pag. 192), cet art oriental que personne ne peut méconnaître sur les antiquités de Mycènes aussi bien que sur celles de Koban et des autres groupes kobaniens du Caucase, ne peut pas être attribué aux Assy-

riens; *aucun ne présente le style assyrien;* il ne peut pas non plus être rattaché au génie égyptien, *car on ne voit aucune pièce absolument égyptienne.*»

Portanto, se desde os tempos terciarios até á primeira idade do ferro nenhum vestigio artistico ou industrial de qualquer epocha se póde considerar como simples signal de antigas relações entre o Caucaso e a peninsula hispanica, nenhum fundamento leva a derivar do Caucaso as nossas origens ethnicas, a implantação da civilisação neolithica com todo o seu cortejo de novidades, e o ensinamento das industrias metallurgicas.

Não faltam sómente no Caucaso as provas indispensaveis para se poderem admittir n'esta peninsula as origens asiaticas que lhe hão sido attribuidas; essas provas faltam igualmente em

Est. I

A. Terra vegetal. — *B.* Areias e calhãos. — *C.* Argilla. — *D.* Argilla arenosa com dentes de elephante. — *E.* Seixos e areia (quaternario inferior) com instrumentos amygdaloides de silex. — *F.* Plioceno (terciario).

toda aquella região, e de modo algum podem ser suppridas por conceitos meramente hypotheticos.

Já citei o resultado das explorações nos territorios de Madrasta, de Assam, de Bengala, da Palestina e da Babylonia. Nada de terciario, e do quaternario apenas o que é commum e conhecido hoje em todo o mundo.

Resta saber, se os instrumentos quaternarios da Asia podem competir em condições de synchronismo geologico com os da Europa, da Africa e America. Não me parece, porém, que se tenham manifestado em niveis inferiores aos que occupavam na estação de San Isidro, perto de Madrid, os que D. Casiano de Prado, E. de Verneuil e L. Lartet extrahiram d'aquellas alluviões quaternarias, e creio que o leitor formará o mesmo conceito, observando simplesmente a situação em que elles jaziam no córte que reproduzo na pagina anterior [1].

Este córte da estação de San Isidro apresenta-se de tal modo nitido e comprehensivel, que deixa immediatamente perceber o nivel que alli occupavam aquelles singularissimos productos da industria humana; pois se tivesse attingido uma cota pouco mais inferior, aquelles instrumentos assentariam na formação terciaria.

Ora, se os niveis em que o sr. Bruce-Foot achou taes instrumentos nas proximidades do Ganges, no reino de Assam, ao sueste de Bengala, e em Madrasta, em vista do summario descriptivo dos jazigos, não são geologicamente mais antigos, com que fundamento se podem julgar oriundos da Asia os homens que nas alluviões do Manzanares deixaram tão assignalada demonstração da sua existencia? Eu mesmo não me recordo de ter visto outro córte accusando em nivel tão baixo uma tão perfeita prova do homem quaternario.

De onde vieram, pois, os *emigrantes*, que então estanciavam no coração da Hispanha? Elles deviam ter, certamente, uma pa-

---

[1] Publicado em 1868 na revista intitulada *Matériaux pour l'histoire de l'homme*, etc., pag. 201.

tria qualquer e uns progenitores, e esses progenitores, tendo-se á vista o córte do Manzanares, já é mister collocal-os n'outras condições geologicas... Viriam elles da Asia durante o plioceno, sem que ninguem tivesse dado por isso?... Mas na Asia, como já se sabe, não se tem indicado um unico jazigo terciario com presumptivos caracteristicos industriaes: portanto, o estado actual da sciencia ordena uma repentina mudança de orientação, ao passo que o simples bom senso aconselha que não se desprezem os jazigos de tal epocha até hoje descobertos na Europa, apesar das objecções com que todos, mais ou menos, hão sido atacados pelos monogenistas. Pouco importa isso. Contra factos nada valem subtilezas dialecticas.

Repito: é a Europa que manifesta esses jazigos na França, descobertos no aquitaniano ou mioceno inferior do Thenay, pelo abbade Bourgeois, e no tortoniano ou mioceno superior do Cantal, pelo distincto geologo de Aurillac, o sr. B. Rames; na Italia, em a collina de Castenedolo[1]; na Lombardia, pelo antigo professor de geologia, o sr. Giuseppe Ragazzoni; em Portugal, na vasta formação terciaria do valle do Tejo, junto ao Monte Redondo, perto de Otta, entre o mioceno e o plioceno, por Carlos Ribeiro; e se no proprio Manzanares quizerem proceder a um mais dilatado exame, é de todo o ponto provavel que se achem vestigios similhantes aos do valle do Tejo, attestando, como aqui, a primeva ascendencia do homem quaternario, não duvidoso em parte alguma, em pleno territorio peninsular.

De tudo isto deduz-se francamente, que, desde o mioceno inferior até o plioceno superior, são o Thenay e o Tejo que estabelecem os extremos da escala de successão dos ascendentes do homem quaternario.

Como já disse, não estão, pois, reconhecidos na Asia até esta data jazigos terciarios com caracteristicos industriaes; mas quando

---

[1] São ainda muito contestados os depositos de Castenedolo.

mesmo tivessem apparecido em cotas superiores ao mioceno inferior, não provavam ser mais antigos que os da Europa, do mesmo modo que os seus instrumentos quaternarios não denotam por circumstancia alguma ser anteriores aos d'esta região, nem aos da Africa e da America.

Portanto, a critica archeologica dos factos é levada a repellir a pretendida prioridade do elemento ethnico desabrochado na Asia e consequentemente aquelle proposto fóco da primeva existencia humana como unico viveiro de que dimanou a população do globo.

Além d'isto, a indole civilisadora, que tão exageradamente se tem attribuido aos povos da Asia, não passa de ser uma hypothese simplesmente aventurosa, ou antes uma ficção radicalmente mythologica, com que as sagacidades do monogenismo estão adulterando a significação mais eloquente e positiva dos documentos que constituem o archivo universal da terra.

Para se dar uma indiscutivel amostra da *indole civilisadora* dos povos originariamente asiaticos, que em tempos mais ou menos remotos invadiram outras regiões, bastaria indicar as numerosas tribus indianas, que ainda hoje estão assombrosamente conspurcando com a sua depravadissima existencia vastos territorios no continente americano, e mostrar que são essas hordas brutaes de indomitos selvagens, armadas de arco e frechas hervadas, adornadas de pennas e tatuagens, e que consideram como timbre principal da sua nobreza o maior numero de esqueletos das victimas humanas que sacrificaram ao horroroso e bestial prazer do seu feroz cannibalismo, as unicas populações do sólo americano verdadeiramente refractarias a todos os impulsos da civilisação.

Se, finalmente, na Asia a prioridade humana não pôde ainda ser paleontologicamente demonstrada, e se anteriormente a uma phase já muito adiantada da idade do bronze, não se tem visto n'aquella região cousa alguma que podesse servir de modelo ao que hão manifestado todos os continentes e terras insuladas, com que fundamento se pretende ver alli a origem unica de todas as raças humanas, de todas as linguas, de todos os cultos, de todas as industrias, e negar aos outros pontos da terra a faculdade de

terem sido tão productores da vida como aquelles que nos são indicados na Asia, tanto mais havendo nas floras e faunas extinctas e actuaes dos diversos continentes muitos individuos que nunca viveram na região asiatica, o que momentaneamente deixa perceber que cada região teve umas certas aptidões especiaes na ordem geral da creação?

As civilisações orientaes que fundaram as cidades, as religiões e os templos, com referencia aos tempos prehistoricos, são relativamente muito modernas, e por isso quando se apontam como tendo sido os unicos mananciaes da diffusão civilisadora, commette-se um ardiloso sophisma, fundindo e confundindo a feição de uma epocha relativamente recente com a das primevas sociedades que povoaram o globo.

E por que chegaram até os nossos dias tantas noticias e tradições de taes grandezas, e apenas muito de passagem só uma ou outra vez os escriptores classicos se referem ao Occidente?

Foi a Grecia, durante a sua mais vigorosa civilisação, que pela narrativa dos seus historiadores, pelas descripções dos seus geographos e pela harmonia dos seus cantos poeticos fez passar á posteridade muitas d'essas grandezas ainda accessiveis á observação, e a tradição de outras já decadentes ou destruidas.

Todas as vistas se fixaram então no Oriente, principalmente entre a Grecia, a Syria e o Egypto, de modo que, quando Strabão e poucos mais, começaram a querer conhecer a peninsula hispanica, o que innegavelmente sobretudo acharam em certas cidades peninsulares, foi a tradição da tão preeminente civilisação turdetana, que ficára memorada pela fama da sua opulencia e de uma antiquissima litteratura, cujos padrões monumentaes ninguem, todavia, já sabia reunir e indicar senão mui vagamente; mas essa civilisação existiu, sem que as velleidades systematicas dos theoristas possam negar-lhe o sólo em que nasceu e floriu, como o attestam as ruinas das suas cidades, os seus monumentos epigraphicos e as suas tradições.

Escusado é insistir. Os que pretendem ver nas primevas populações da peninsula hispanica o resultado de successivas mi-

grações asiaticas, laboram n'um erro gravissimo por não conhecerem os caracteristicos de epocha das nossas antiguidades, ou porque a isso são levados pela imperiosa força de umas theorias, que de modo algum se podem applicar a este territorio.

Mais adiante haverá, talvez, occasião de reconhecer se a peninsula recebeu taes migrações, ou se foi ella que as diffundiu em diversos territorios.

II

SUMMARIO

Resumo dos caracteristicos que representam os inicios da industria manufactora do cobre, já representados e descriptos no volume antecedente (pag. 123 a 130). — Novos descobrimentos que reforçam a significação dos anteriores. — Mostra-se que as frechas, as lanças e outros artefactos de cobre têem sido achados em sepulturas, dolmens, cavernas, em campos de habitações arrazadas da ultima idade da pedra e em minas. — Conclusões que todos estes factos obrigam a deduzir.

Para não ter de alterar o plano geral do meu trabalho vou limitar-me á ordenação dos assumptos que competem a este ultimo livro da paleoethnologia do Algarve.

Já mostrei no terceiro volume d'esta obra ter o cobre sido o primeiro metal descoberto e manufacturado no sólo peninsular, quando ainda imperava o periodo neolithico, e que nenhum indicio ainda se patenteou, nem fundamento algum deixou presumir qualquer intervenção estrangeira nas estações peninsulares de mais perfeita caracterisação local. Para este fim enumerei geographicamente algumas estações neolithicas de Portugal, em que se tinham encontrado frechas e lanças de cobre, sem mistura de algum instrumento de bronze, e apresentei n'uma estampa a configuração notavelmente rudimentar d'esses primitivos artefactos metallicos [1].

---

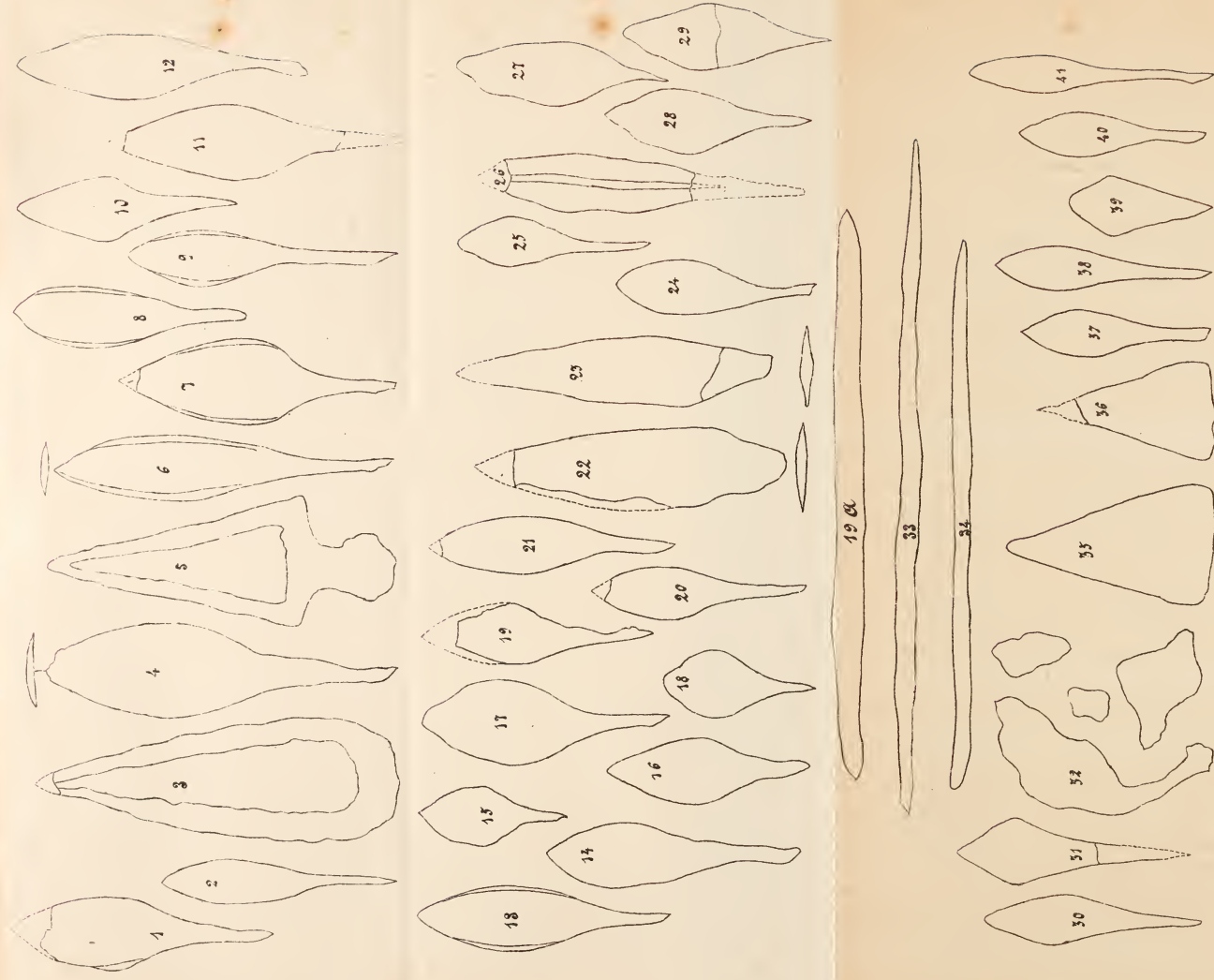
[1] Antiguidades monumentaes do Algarve, vol. III, cap. II, pag. 123 a 130 e estampa junta.

Convindo aqui resumir o que fica expendido ácêrca dos inicios e seguimentos da industria metallurgica, para assim não se perderem da lembrança as particularidades mais caracteristicas de cada phase ou idade das que succederam á ultima idade da pedra, tenho ao mesmo tempo de registrar mais alguns descobrimentos que surgem agora em reforço do que ficou expendido no volume III (pag. 123 a 130). Devem-se estes descobrimentos ao milagroso *acaso*, porque os estudos methodicos, de que carece o opulentissimo thesouro archeologico do reino, ainda não tiveram ingresso (1890) no quadro geral da instrucção publica. Do que se vae achando, apenas uma diminuta parte se póde aproveitar, visto que taes artefactos, na sua grande maioria, vão ficando sepultados nas mais obscuras collecções particulares, ou sendo ineptamente disseminados, sem proveniencia e condições conhecidas, em museus que estão envergonhando o paiz, quando não mudam de fórma no cadinho do fundidor, ou são vandalicamente vendidos a estrangeiros!

As frechas e lanças de cobre imitando as folhas lanceoladas do loureiro e de outros vegetaes, rematadas em espigão, do mesmo modo que os peciolos das folhas de algumas plantas, achando-se em sepulturas, dolmens e cavernas da ultima idade da pedra, em que não ha ver um unico artefacto de bronze, obrigarão sempre todos os archeologos conscienciosos, mediante taes condições de jazigo, a inscrevel-as na ultima phase d'aquelle idade, como representantes da mais antiga manifestação metallurgica peninsular.

A est. II dá os precisos exemplos para comprovarem esta asserção.

A fig. 7.ª representa, com metade das dimensões, uma frecha de cobre encontrada n'uma sepultura formada de lages toscas, perto da foz do rio Mira, a curta distancia de Odemira, pertencente a uma necropole da ultima idade da pedra, explorada pelo dr. Abel da Silva Ribeiro. Continham aquellas sepulturas alguns machados e enxós de pedra polida, machados de cobre, ossos mal conservados, louças neolithicas, reduzidas a pedaços e carvões

Instrumentos de cobre

1 Paderne – 2 e 3 Silves – 4 Alcalá – 5 e 6 Aljezur – 7 Odemira – 8. V.ª N.ª de Milfontes – 9 Aljustrel – 10 Evora – 11 a 19 A Palmella – 20 e 21 Oeiras – 22 23 Cascaes – 24 Torres Vedras – 25 Cesareda – 26 Caldellas (Leiria) – 27 a 29 Balugães (Barcellos) – 30 e 31 Eriales – 32 a 36 Parazuelos – 37 Ifre – 38 e 39 Argar – 40 e 41 Oficio.
Escala = 1/2, indo só os N.os 32 a 36 como as proprias dimensões.

misturados na terra dura, que as enchia. Tres sómente encerravam instrumentos de cobre associados a estes caracteristicos; n'uma havia um escopro ou pequeno machado tosco, do comprimento de $0^m,085$, com um engrossamento n'uma face; n'outra dois ponteiros bipontagudos ou dardos de cobre, e na terceira a dita frecha, a que me referi, a qual foi chimicamente analysada pelo sr. Withnch, a pedido do sr. Cartailhac, como o declara este insigne paleoethnologo no seu famoso livro intitulado *Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 210 e 211 (1886). Não havia outro metal n'aquelles depositos mortuarios.

A fig. 8.ª mostra outra frecha de cobre, similhante á antecedente, achada n'outra necropole com os mesmos caracteristicos da de Odemira, explorada pelo mesmo zeloso medico Silva Ribeiro, de mui saudosa memoria. As referidas duas frechas e o escopro de cobre com outros muitos instrumentos metallicos e de pedra existem no museu da commissão geologica de Lisboa por offerecimento d'aquelle benemerito da sciencia.

A frecha n.º 10 pertence á collecção do sr. Gabriel Pereira, mui distincto cultor dos estudos archeologicos nacionaes, depositada no museu de Evora. Tambem vae reduzida a metade. O sr. Gabriel Pereira, escrupuloso indagador de mui atilada perspicacia, presume ter sido extrahida de um dos dolmens da região eborense, assim como outros artefactos metallicos e de pedra, que obteve no Alemtejo.

Se, porém, entre aquelles dolmens alguns têem manifestado uns taes artefactos de cobre, não são certamente os unicos. Com algum fundamento se podem esperar identicos resultados, quando os poderes publicos chegarem a conceber a necessidade de serem estudados os monumentos nacionaes; pois já ahi temos a confirmação d'este conceito, olhando simplesmente para a lança e frecha de cobre, fig. 30.ª e 31.ª, que D. Manuel de Gongora extrahiu de um dos dolmens dos Eriales na formosa plaga andaluza.

Não é, pois, unicamente nas necropoles e dolmens da ultima idade da pedra, que tão rudimentares manufacturas de cobre dão pleno testemunho da epocha da sua apparição; tambem se acham

nas grutas e cavernas da mesma epocha, sem precisarmos saír do nosso territorio. Vejam-se na dita est. II os exemplares de n.os 11 a 19, que figuram em meia grandeza as pontas de frecha de cobre que ministraram aos exploradores da commissão geologica as grutas artificiaes neolithicas da Quinta do Anjo, perto de Palmella; vejam-se no museu da commissão geologica as duas frechas (n.os 20 e 21), um machado, tres ponteiros e um fragmento de fibula de cobre, que forneceu a caverna neolithica de Oeiras, denominada Furna da Ponte da Lage; as frechas de cobre (n.os 22 e 23), extrahidas do deposito superior da Furninha neolithica de Cascaes, assim como dois fragmentos de fibulas e um alfinete de cabello; o adorno de cobre do Vimeiro, tirado da gruta do Cabeço do Castello, ao poente de Aguas Santas uns 200 metros; a adaga de cobre achada nas excavações do valle de Nenna, distante 1 kilometro a oeste de Setubal; a ponta de frecha de cobre (n.º 24) da gruta neolithica da Casa da Moura, em Cesareda; a que se achou na abertura da linha ferrea de Torres Vedras (n.º 26), existente no museu do Carmo; a do escondrijo de fundidor em Caldella (n.º 25), perto de Leiria, e as tres de Balugães, no concelho de Barcellos (n.os 27 a 29). Passem depois á provincia de Almeria, onde os srs. Siret descobriram nas ruinas da população neolithica de Parazuelos tudo quanto podéra desejar-se para se poderem representar os primordios da industria manufactora do cobre, começando pelas affloraçōes d'este metal na serra de Lomo de Bas, a 2 kilometros de distancia; pois alli, onde não foi visto um unico objecto de bronze, acharam aquelles exploradores belgas uns pedaços de cobre fundido (fig. 32.ª), duas armas bipontagudas de arremesso, similhantes aos ponteiros da necropole de Odemira (fig. 33.ª e 34.ª) e a 1 kilometro de Palmella (n.º 19 A), duas pontas de frecha de cobre triangulares (fig. 35.ª e 36.ª) da mesma fórma das de silex, mui frequentes no Algarve e em quasi todos os depositos neolithicos de Portugal e da Hispanha. Havia, pois, tudo n'aquella privilegiada estação: em Lomo de Bas o metal afflorado, nas ruinas da população extincta o metal já fundido, a copia fiel dos ponteiros ou espigões de osso de varios

depositos da ultima idade da pedra e a reproducção mais perfeita das frechas de silex, devendo notar-se que aquelles archeologos, acerrimos propagadores da theoria das migrações portadoras dos ensinos metallurgicos, não poderam deixar de reconhecer como productos de uma industria local os numerosos artefactos que colligiram n'aquella tão significativa estação.

Não parou, porém, alli o descobrimento das typicas frechas de cobre, que em Portugal se acham associadas ao peculio neolithico de certas sepulturas, de dolmens, cavernas e minas; appareceram tambem com fórmas e dimensões similhantes ás d'este paiz nas estações de Ifre, Argar e Oficio, na mesma provincia de Almeria, estações riquissimas, originariamente neolithicas, que em larga escala desenvolveram a industria mineira e manufactora do cobre e da prata nativa, que tinham abundantemente no proprio territorio, e que prolongaram a sua existencia até á idade do bronze. Vejam-se mais essas frechas de cobre que indico na mencionada estampa com os n.os 37 a 41, e tendo-se lido o que expendi nos capitulos I e II do volume III, nada mais preciso acrescentar para que se deva considerar exuberantemente demonstrado:

1.º Que a vasta região cuprifera do territorio peninsular foi em muitos pontos explorada na ultima idade da pedra pelas populações indigenas.

2.º Que nas minas de cobre que ficam indicadas com trabalho neolithico, assim como nas estações de habitação e nos campos mortuarios d'esse periodo, nenhuma prova tem sido encontrada da presença de migrações estrangeiras, que possa considerar-se caracteristica entre os diversos productos industriaes reconhecidamente locaes.

3.º Que, portanto, foi o cobre o primeiro metal manufacturado em grande parte da peninsula hispanica pelos indigenas que viveram n'este territorio na ultima idade da pedra.

Não fallarei aqui das frechas de cobre de Paderne (n.º 1) e de Silves (n.os 2 e 3), por terem apparecido soltas em trabalhos ruraes, não obstante ser mui provavel que pertencessem a sepulturas. Da de n.º 4 e das de n.os 5 e 6 darei noticia no capitulo se-

guinte. A de n.º 9 foi achada com mais algumas e outros instrumentos de cobre na mina dos Algares de Aljustrel, e pertence á collecção do sr. Teixeira de Aragão. Outros muitos objectos, de que ha noticia, sabe-se que fôram vendidos pelos mineiros e trabalhadores do campo aos fundidores ambulantes e caldeireiros.

Para representar os *primordios metallurgicos* (volume III, pag. 115), ahi ficam os outros exemplares figurados na est. II d'este livro.

Se quizerem mais, e em mais ampla ordenação ethnographica, appellem para o reconhecimento geral das antiguidades do reino, unica fonte limpa de que devem emanar copiosas riquezas archeologicas.

III

SUMMARIO

Transição do periodo neolithico para a idade do cobre. — Instrumentos de cobre que succedem aos encontrados, sem outros metaes, em minas, sepulturas, dolmens e cavernas da ultima idade da pedra; suas variedades, dimensões e fórmas. — Mostra-se que o progresso d'estas manufacturas acompanha o das construcções architectonicas dos monumentos mortuarios, deixando assim ver uma phase de mais adiantada civilisação. — Confrontam-se os monumentos que continham artefactos de cobre com outro que é puramente megalithico e só manifestou productos industriaes do periodo neolithico. — Apparição de artefactos de ouro juntamente com os de cobre, de pedra, osso, ambar, barro, etc. — Estações fundamentalmente neolithicas, nacionaes e estrangeiras, em que está verificada a presença do cobre e do ouro sem mais nenhum metal. — Indicando-se a situação em que estão as poucas estações até hoje conhecidas e presumindo-se que muitas mais deve haver, insiste-se em mostrar a necessidade inadiavel de se proceder ao reconhecimento geral das antiguidades do reino.

Todas as industrias nascentes passam gradualmente por uma serie de modificações, ou de novos processos applicados ao aperfeiçoamento da producção, que o entendimento e a pratica vão suggerindo e ensinando até attingirem uma feição definitiva.

Tudo quanto hoje se observa na evolução do progresso industrial, foi o que succedeu em todos os tempos na proporção dos seus respectivos recursos, devendo-se porém entender que o desenvolvimento das industrias primitivas deve ter sido muito mais lento e retardado do que em epochas de mais adiantada civilisação.

É, pois, o que a industria cuprifera está mostrando a quem souber perceber e ordenar as suas primeiras evoluções.

Os homens da ultima idade da pedra, como já vimos, acha-

ram o cobre; reconheceram que era fusivel sob a acção do fogo; que batido pelo percutor era malleavel e adquiria maior tenacidade pela compressão das molleculas; que sujeito ao attrito da pedra de amollar, se desgastava, alisava e se fazia perfurante ou cortante; e que, no estado de liquefacção, correndo para uma cavidade, ficava tendo a fórma do espaço em que se tinha operado a consolidação pelo resfriamento.

Conhecidas estas circumstancias, a arte do fundidor e fabricante de varios artefactos estava iniciada. Os instrumentos de pedra e de osso eram moldes que, estampados em areia molhada ou argilla amassada, podiam ser reproduzidos, fazendo-se correr para os espaços moldados o metal derretido. Não ha duvida alguma de que a frecha triangular de silex fosse um d'esses moldes primitivos, vendo-se os dois exemplares n.os 35 e 36 da est. II, achados em Parazuelos. A raridade, porém, dos instrumentos de cobre de tal fórma deixa perceber que fôram logo adoptados outros modelos de maiores dimensões, copiados da propria natureza. As folhas lanceoladas do loureiro e as de longo peciolo de outros vegetaes fôram os modelos preferidos e por isso são d'essas fórmas as frechas e lanças de cobre que com mais frequencia se acham nas sepulturas, dolmens e cavernas da ultima idade da pedra, como bem mostra a est. II.

O espigão em varias armas de guerra e em numerosos instrumentos de trabalho nunca mais se extinguiu. Assim o vemos ainda hoje adaptado á empunhadura das adagas, espadas, alfanges, terçados, floretes e ao encabamento de muitas ferramentas perforantes e cortantes, de que em seus officios se servem os artifices.

Ao espigão, sem que ficasse completamente em desuso, seguiu-se uma nova fórma de encabar as frechas, lanças, adagas, facas e serrotes de cobre fundido ou batido, consistindo em dois entalhos lateraes na extremidade inferior, dispostos na mesma linha ou alternados.

Esta innovação é fundamentalmente caracteristica da epocha de transição da ultima idade da pedra para a idade do cobre, ou

primeira dos metaes, como o comprovam os mais antigos depositos em que se observa.

No terceiro volume d'esta obra (de pag. 131 a 250) figuro e descrevo largamente a famosa necropole de Alcalá, considerando-a estação classica da epocha de transição da ultima idade da pedra para a primeira dos metaes.

Represento a perspectiva geral, a planta do campo e a situação dos sete monumentos que cheguei completamente a explorar, deixando talvez outros tantos fóra d'aquelle perimetro sem o minimo exame, por falta absoluta de tempo, os quaes muito recommendo aos futuros exploradores.

O monumento n.º 1, como já se viu[1], é um perfeito modelo de architectura dolmenica, composto de monolithos com 2m,30 a 2m,50 de altura e 1m,60 de largura, que convergem superiormente para o eixo vertical, sendo cobertos por uma *mesa* de espaçosas dimensões. O estylo da sua robusta construcção, e todo o peculio industrial que continha, figurado nas est. III a IX do vol. I, sem a minima mistura de artefactos metallicos, o inscrevem radicalmente na ultima idade da pedra, embora n'uma phase porventura adiantada.

Comparando com este os outros seis monumentos, cujas plantas e perfis figurei no dito volume I, facilmente se observam as varias modificações por que foi passando o estylo architectonico, sem comtudo abandonar umas certas fórmas primitivas.

Estas differenças são muito accessiveis á propria observação menos atilada. O curto vestibulo do dolmen n.º 1 transforma-se em extenso corredor nos outros monumentos da necropole; a crypta polygonal do primeiro forma-se de um duplo circuito de robustos monolithos, convergindo superiormente; a do n.º 2, onde havia uma agulha de cobre, figurada no volume III, est. IX-A, e com o n.º 10, na estampa III d'este livro, approxima-se mais do

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, vol. I, pag. 213 a 239 e vol. III, pag. 134, est. II.

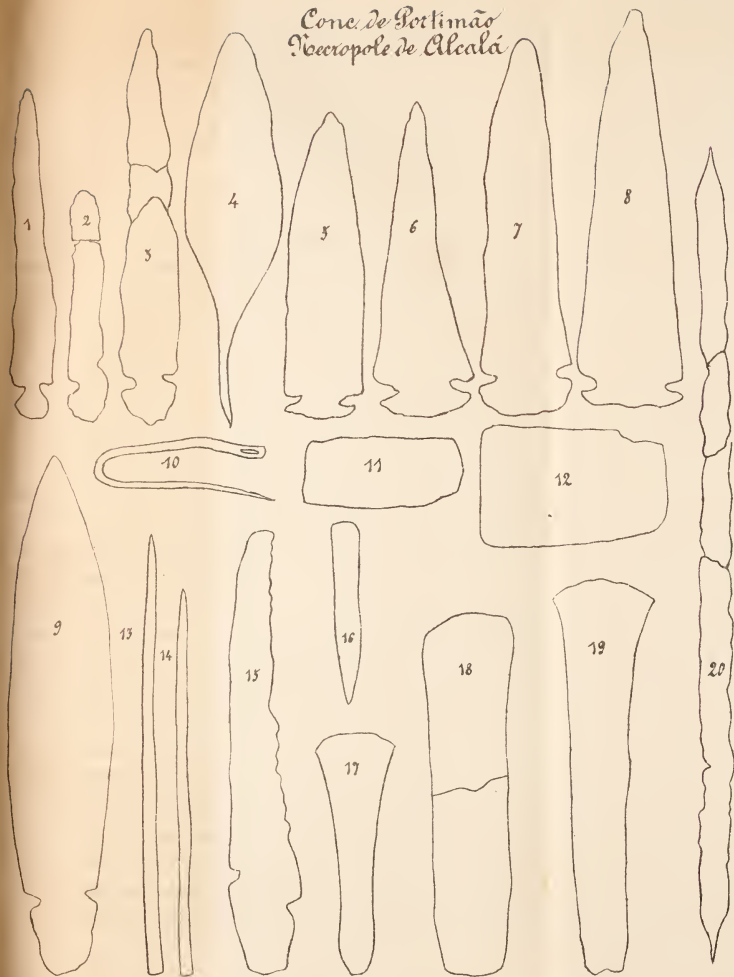
circulo e compõe-se de lages toscas mais estreitas, unidas e sem sensivel convergencia, deixando ver um trabalho de maior cuidado; é, porém, muito mais perfeita a construcção geral do n.º 3, tendo a galeria notavelmente bem alinhada nos flancos e o vestibulo que a precede formado de lages bem dispostas com um degrau para o pavimento; além d'isto, a crypta, a uma certa altura desenvolve na orientação de nordeste um espaçoso nicho, ou uma outra crypta, cujo eixo passa pelo centro da primeira, onde estavam accumulados por exhumação os ossos de um só individuo reduzidos a pedaços e acompanhados juntamente com sete alentadas facas de silex (vol. III, est. VIII) os instrumentos de cobre (vol. III, est. IX) que aqui reproduzo com metade das suas dimensões (est. III), como adiante notarei; foi, finalmente, este monumento que mais variadas novidades apresentou, taes como pinjentes de ambar escuro, marcas circulares de aragonite, contas de schisto e calaïte, um pedaço de grosso alfinete de osso, talvez de segurar o penteado de quem usou os outros enfeites, muitas frechas de silex de diversas fórmas na base, machados e percutores de pedra. Ora, tudo isto já evidentemente manifesta sensivel evolução no lavor architectonico e um certo progresso industrial; mas como os instrumentos de cobre estavam alli associados a numerosos artefactos neolithicos, forçoso é considerar este conjuncto de circumstancias e de cousas como representante da transição da ultima idade da pedra para a primeira dos metaes, que n'esta região é inquestionavelmente a *idade do cobre*.

É o mesmo caracteristico fornecido n'uma frecha de cobre, que D. Manuel de Gongora extrahiu d'entre numerosos instrumentos de pedra de um dos dolmens de Gorafe, onde não havia nenhum artefacto de bronze ou de outro qualquer metal[1].

O monumento n.º 4 (vol. III, est. X, pag. 183) patenteou, porém, umas outras novidades: um mixto systema de construcção, em que o material monolithico só foi empregado na galeria e no

[1] Gongora — *Antiguedades prehistoricas de Andalucia*, 1868, pag. 105, fig. 126.

Conc. de Portimão
Necropole de Alcalá

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

1 a 3 Facas — 4 Lança — 5 a 9 Adagas — 10 Agulha — 11 e 12 Brunidores — 13 e 14 Estiletes com uma extremidade cortante — 15 Serrote — 16 e 17 Escropos — 18 e 19 Formões — 20 Cinturão. Escala ½ — Os n.os 10, 11 e 12 com as dimensões proprias — Tudo de cobre.

vestibulo; o aspecto quasi hemispherico da crypta, formada de fiadas horisontalmente sobrepostas de pedras pouco volumosas, tendendo a diminuirem de diametro até todo aquelle espaço poder ser coberto com uma ou mais lages de 2 metros de comprimento, ter dois nichos adherentes á crypta, similhantemente construidos, um apontando o seu eixo para oeste e o outro para noroeste.

A arte de construir attingiu, pois, alli audaciosas variantes e lançou, por assim dizer, com referencia á configuração das cryptas, uns indecisos inicios da abobada, ainda então desconhecida, como bem o mostra a constante disposição horisontal das fiadas superiores.

Este monumento foi o terceiro e ultimo da necropole, que patenteou dois artefactos metallicos, sendo um d'elles a lança de cobre figurada no vol. III, est. IX-B, que aqui vae reduzida á metade na est. III, sob n.º 3, e com as proprias dimensões na est. IV, com o n.º 1, e o outro um adorno de ouro em tres fragmentos.

Já se vê, pois, que, embora as facas, serrotes e adagas passassem a ter entalhos lateraes na base para o encabamento, o espigão primitivo não ficou de todo banido.

A associação, porém, do cobre com o ouro, em jazigo fundamentalmente neolithico, está exemplificada n'outros paizes, como já referi no vol. III, pag. 186, citando mais especialmente a galeria coberta de Wellow Stoney Litleton, no condado de Sommerset, em que havia varios artefactos de ouro e espadas de cobre.

Temos além d'isto mais uma estação no nosso territerio (e quantas mais haverá?) em que os dois metaes estavam reunidos; e não deve admirar esta associação, se é verdade, como affirma Strabão[1], que a algumas minas de cobre da Turdetania se dava o mesmo nome que ás de ouro, porém havia entre os indigenas a tradição de que em antigos tempos se extrahia ouro d'essas minas.

Descobriu-se mui casualmente no logar de S. Bento, fregue-

---

[1] *Strabão*, liv. III, pag. 8.

zia de Balugães, pertencente ao concelho de Barcellos e ao districto de Braga.

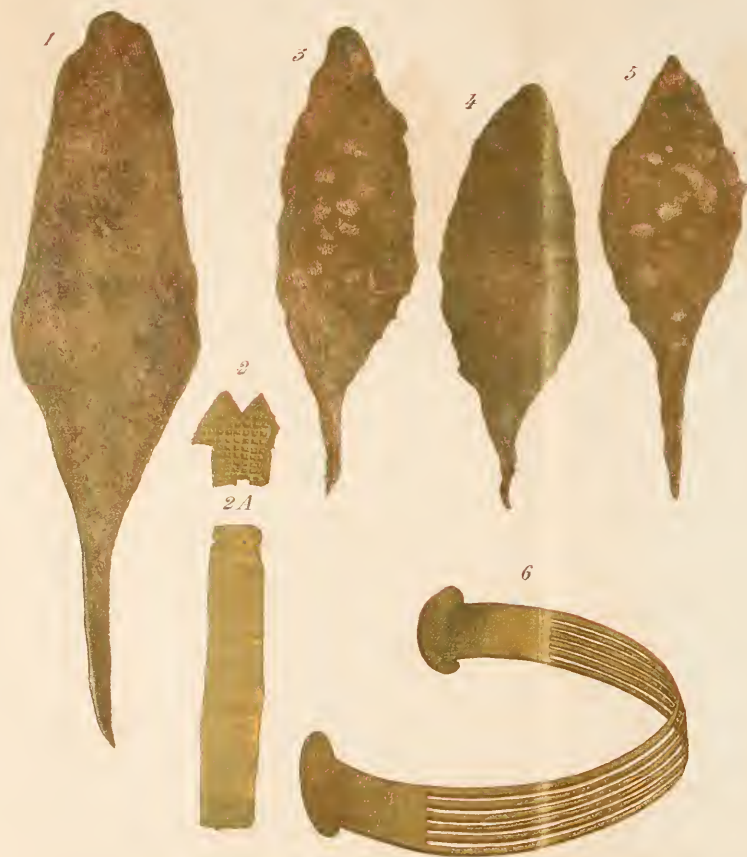
N'aquelle logar de S. Bento consta terem sido achadas muitas sepulturas, de que não ha noticia especial, e por isso fallarei simplesmente d'aquella que continha os dois metaes. Sabe-se que era excavada no sólo; não se diz se tinha revestimento de lages toscas, como é provavel, nem quaes eram as suas dimensões; ha, porém, lembrança de que estava orientada pela linha norte-sul. Não manifestou vestigio algum de cremação, mas um pó cinzento proveniente da completa decomposição dos ossos da pessoa alli sepultada. N'um angulo do topo do norte estavam quatro frechas de cobre acompanhadas de um diadema de ouro, e diz-se que mais nada continha.

A estampa IV representa com as proprias dimensões as tres frechas de cobre, que a muito custo poderam ser salvas das garras do vandalismo; a outra é que não escapou ao destino fatal que persegue as nossas antiguidades; não se sabe ao certo o fim que levou. Ainda uma das tres, indo parar ás mãos de um ferreiro, foi por elle partida ao meio para ver *se dentro tinha algum ouro!*

Esta victima indefeza é a que indico sob n.º 4. É mui notavel o tosco trabalho d'estas frechas; não se póde imaginar um lavor mais rudimentar, e por isso forçoso é admittir que não foi obra ensinada por mestres estrangeiros, mas propriamente local, e de gente que começava a ensaiar a manufactura do cobre.

É, porém, admiravel o diadema figurado na mesma estampa com o n.º 6. Vae muito reduzido nas suas dimensões pela photographia.

Obtida uma lamina rectangular de tenue espessura, do comprimento de $0^m,35$ e da largura de $0^m,036$, fôram as suas extremidades arredondadas em arco, sendo abertos dois entalhos lateraes, d'onde saíram cortadas, mui provavelmente com serra de silex e escopro de cobre batido, duas fitas da largura de $0^m,007$ cada uma, ficando d'este modo a da lamina reduzida a $0^m,022$. O *ourives*, quer fôsse para poupar algum ouro, ou para levar

Transição do periodo neolithico para a idade do cobre em Portugal

1. Folha de lança de cobre (Alcalá).

2. Extremidade de um ornato de ouro com dois orificios e trabalho de punção.

2A. Dois fragmentos de fita de ouro, tendo o de cima numa das extremidades dois entalhos lateraes e dois furos no alinhamento dos entalhos.

Obs: Foram estes os unicos objectos metalicos encontrados no monumento N.º 4 da Necropole de Alcalá.

3 a 5. Tres frechas de cobre.

6. Diadema de Ouro puro

Obs. Estes objectos metallicos e mais uma frecha de cobre extraviada foram achados juntos n'uma sepultura em que os ossos estavam inteiramente reduzidos a pó. A sepultura descobriu-se no logar de S. Bento, freguezia de Balugães, concelho de Barcellos e districto de Braga.

a effeito um artefacto mais vistoso e artistico, deixou lisa uma parte das duas extremidades da sua alfaia, talvez para lhe dar maior consistencia, e dividiu o resto da lamina em dez córtes parallelos, destacando alternadamente cinco fitas para sómente deixar seis.

Só uma delicada serrinha de silex encostada a uma regua de schisto ou a uma varinha muito direita, auxiliada por uns escoprosinhos de cobre, similhantes aos que figuro na est. III com os n.os 16 a 19, poderia produzir, á força de tempo e de paciente perseverança, um tão admiravel resultado. Conseguida esta operação, as arestas resultantes da serragem seriam abatidas e alisadas com raspadores de afilado córte; finalmente, a pedra de grés desgastaria algumas asperezas e desappareceriam as estrias que devêra ter deixado, pela acção aperfeiçoada do brunidor.

Este diadema, que ajusta e fica seguro na cabeça por não ter perdido a sua elasticidade, pesa 117 grammas e é de ouro puro com mais de 23 quilates. Avaliado cada gramma em 610 réis, o seu valor intrinseco é de 71$370 réis. Obteve-o em Braga o sr. Antonio Casimiro Costa, e tendo-me sido mostrado em Lisboa pelo sr. Simões de Almeida, este meu apreciavel amigo, a instancias minhas, obteve do sr. Costa as noticias que deixo expendidas e ainda o conhecimento de mais algumas particularidades que julgo dever registrar, porque dão indicações que podem encaminhar a futuros descobrimentos: pois informou o sr. A. Casimiro Costa em 7 de outubro de 1889, ao sr. Simões de Almeida, que o logar de Balugães fica a 5 metros ao sul da antiga estrada real entre Braga e Vianna do Castello, e que a sepultura com o diadema de ouro e as frechas de cobre estava ao norte de uma eira, tendo ao poente uma pequena casa de lavrador, ao nascente um muro antigo, que foi demolido para a construcção da eira e da casa, e ao norte um caminho transversal que parte da dita estrada real.

Com estas indicações, que o sr. Simões de Almeida chegou a conseguir, e mui obsequiosamente me transmittiu, não seria diffi-

cil acertar com a necropole a que deve ter pertencido aquelle jazigo.

A fórma do diadema de ouro de S. Bento de Balugães é muito original; só conheço outra similhante no genero do trabalho, e é um collar de lamina mui delgada, encontrado no departamento francez de Deux-Sèvres, que A. de Caumont representa no volume I (pag. LIII) do *Abécédaire d'archéologie,* dizendo haver mais alguns descobertos n'outros departamentos do territorio da Bretanha. É uma lamina de ouro rectangular, cujos topos seriam ligados pelos dois orificios de cada um, para servir de collar ou bracellete, sendo parcialmente aberto por treze córtes parallelos, que deixaram quatorze mui estreitos fitilhos. Nem deve admirar que taes artefactos appareçam com frequencia n'aquella região, havendo entre os Pyrenéus e os Montes Cevennas riquissimas minas de ouro, como refere Strabão (liv. IV, 13), desde tempos remotos utilisadas, que muito certamente teriam contribuido para os celebres thesouros dos lagos sagrados e do templo de Apollo em Tolosa [1], não obstante serem em parte attribuidos aos despojos de Delphos, finalmente cobiçados por Scipião [2].

É mui provavel que futuras explorações feitas entre o districto de Braga e as minas de ouro da região pyrenaica manifestem mais alguns exemplares do mesmo lavor.

---

[1] Posidonius avaliou aquelles thesouros em 15:000 talentos. O talento attico valia 1:000 drachmas e a drachma era a oitava parte de uma onça. O Apollo de Tolosa era. pois, um enorme ricaço, e o Scipião um homem *esperto* dos seus tempos.

[2] A lenda explicativa das desgraças de Scipião e da sua familia é sobremaneira assombrosa! Refere Strabão, liv. IV, 13, que um supersticioso auctor seu conterraneo attribue o fim miseravel d'aquelle celebre capitão romano, longe da patria, d'onde tinha sido expulso como sacrilego, e a desditosa morte das suas filhas, a ter elle profanado os thesouros sagrados do templo de Apollo.

Cá entre nós, os profanadores dos templos, em boa hora se diga, hão passado sempre, mais ou menos, sem maiores desastres, e alguns ha, de muitos *talentos*, que, no dizer dos maldizentes, ainda estão fruindo grandes thesouros, que não tiveram outra origem.

Isto por aqui, a dizer verdade, sempre foi muito mais macio: os proprios sectarios de Apollo, quando alguma vez se encolerisam, dedicam ao seu *Deus* uma reverente libação, e com uma satyra furibunda espantam o céo e a terra. Depois... o mesmo que succede ás tempestades do oceano!... maré de rosas.

Worsaae[1] figura tambem uma gargantilha de ouro de cinco fitas, gravadas e presas a dos fechos terminaes de vistoso lavor, rematando no centro de cada um em botão conico, e diz pertencer á idade do bronze na Irlanda, o que vem corroborar a epocha em que inscrevo o de Balugães, muito mais rudimentar no trabalho e sem o minimo ornato.

Tendo, pois, em vista que o monumento n.º 4 da necropole de Alcalá, juntamente com os caracteristicos neolithicos já indicados, continha uma fita de ouro, que póde ter sido enfeite para o braço, pescoço ou penteado, e uma lança de cobre rematada em espigão, porém muito mais perfeita que as frechas da sepultura de S. Bento de Bulagães, que são as de trabalho mais rudimentar que conheço, não posso deixar de incluir aquella sepultura na epocha de transição da ultima idade da pedra para a idade do cobre, não obstante ser notavelmente admiravel a fabricação do diadema, o qual todavia nenhum conceito impede de ter sido possivel fazer-se na ultima phase do periodo neolithico com os instrumentos de pedra e de cobre então usados.

N'outro qualquer paiz não seria necessario recorrer á simples inducção para se computar a epocha a que parece pertencer uma tão preciosa alfaia; ter-se-ía procedido immediatamente á exploração do logar do seu apparecimento, procurando-se outras sepulturas não ainda destruidas, cujos conteúdos, planta, perfis e orientações muito conviria conhecer; mas como estes assumptos pouco ou nenhum interesse aqui suscitam, nada se fez, nem espero poder-se fazer em boa regra, não obstante de quando em quando surgirem pomposas promessas de se ir tratar a serio da salvação e estudo dos monumentos e das joias artisticas nacionaes, promessas que começam e terminam geralmente com a nomeação de uma commissão em grande parte composta de individuos, aliás mui bem intencionados, mas de comprovada incompetencia, como

[1] Worsaae, *La colonisation de la Russie et du nord scandinave*, pag. 72, fig. 1

o está attestando o resultado dos serviços que lhes hão sido incumbidos.

Desenganem-se de uma vez para sempre, de que sem estarem scientificamente reconhecidas as antiguidades prehistoricas e historicas d'este territorio, symbolisadas por epochas e generos n'uma carta archeologica geral e representadas em museus rigorosamente archeologicos, todos os trabalhos, que se queiram emprehender, luctarão com insuperaveis difficuldades, tornando-se impossiveis. Comecem por onde devem começar, se com effeito pretendem fazer alguma cousa util e digna das exigencias dos tempos que vão correndo; pois nunca dos incompletos museus que ahi se hão imaginado, em que nenhuma ordenação systematica seria permittida pelas enormes lacunas que a todo o passo cortariam o trajecto ethnographico de cada epocha, se poderiam deduzir as conclusões imprescindiveis de que carecemos para um dia se poder escrever scientificamente a historia critica das diversas civilisações que ficaram caracterisadas no solo d'esta nação muitos milhares de annos antes de raiarem nas amplidões do horisonte as primeiras alvoradas da nacionalidade portugueza.

E não vão mais longe procurar um exemplo; aqui está elle á vista; sou eu que o denuncío: para poder representar a transição da ultima idade da pedra para a idade do cobre cito apenas uma necropole em Alcalá, na extremidade sul do reino, e outra, que não chegou a ser estudada, no districto de Braga, entre o Cávado e o Lima, na região mais septentrional.

Poderia ainda citar outra estação no valle do Nenna, perto de Setubal, d'onde veiu uma faca ou adaga de cobre, com entalhos lateraes, uns 15 a 18 millimetros acima da extremidade inferior, existente no museu da commissão geologica de Lisboa, instrumento que perdeu parte da sua extensão, ficando reduzido a $0^{m},12$ de comprimento e a $0^{m},03$ na maxima largura; mas faltam-me noticias especiaes ácêrca das condições locaes do seu jazigo. Ha no museu mineralogico da escola polytechnica outros indicios provenientes da Fonte da Ruptura (Setubal), a que alludo no vol. III, pag. 117.

Quantas mais estações poderiam hoje ser indicadas entre os concelhos de Portimão e Barcellos, se o meu antigo programma para o reconhecimento e estudo das antiguidades do reino já tivesse sido levado a effeito!

IV

SUMMARIO

Fundamentos com que fôram divididos os tempos prehistoricos em idade da pedra, idade do bronze e idade do ferro. — Subdivisões que soffreu a idade da pedra. — Falta de synchronismo na ultima idade da pedra, fazendo variar geographicamente as origens da metallurgia nos dois hemispherios do globo. — A lei de Thomsen. — Mostra-se que esta lei não se póde applicar á peninsula hispanica. — De como a idade do bronze envolveu durante quasi meio seculo a idade do cobre, e esta foi constantemente ignorada por uns e systematicamente negada por outros. — Caracteristicos da idade do cobre em Portugal e na Hispanha. — Estações e necropoles da idade do cobre no Algarve: Aljezur, caverna com armas de cobre; Arregata e Ferrarias, com necropoles da idade do cobre; Corte Cabreira, com pedreira de lavra antiga, de onde se extrahiram as lages de schisto para a construcção das sepulturas das necropoles mais proximas e as ardozias para as placas gravadas do grande monumento neolithico de Aljezur; Margalhos, mina com machados de cobre; indicios da idade do cobre em Bensafrim, Espiche, Chocalho e Odiáxere, onde tambem appareceram, assim como no Monte de Alcaria em a varzea de Arão e em Val da Lama, enterramentos em grandes potes de barro cru, mui similhantes aos de Almeria e aos que em Espiche continham muitos e varios objectos de cobre sem mais algum metal. — Prioridade que este systema de inhumação parece conferir ao Algarve, por isso que em Almeria é acompanhado de artefactos de bronze e na Chaldéa, na Assyria, e no Egypto por artefactos de ferro. — Necropoles da idade do cobre na Mexilhoeira Grande e em Montes de Alvor. — As lanças e machados de cobre de Silves. — A mina de cobre de Santo Estevão primitivamente lavrada com machados e percutores de pedra e com machados de cobre. — As sepulturas quadradas com instrumentos de pedra no Zambujal, a curta distancia de abundantes escorias de fundição. — As sepulturas excavadas na rocha de gres do Serro do Castello e no Serro do Monte da Figueira, a 300 metros da igreja de S Bartholomeu, contendo uma d'ellas um treçado de cobre. — Outras necropoles similhantes em Monte de Boi e no Serro da Portella. — Mostra-se a curta distancia que ha entre essas necropoles e a mina de cobre do Pico Alto, onde havia machados de cobre e outros artefactos d'este metal. — A mina de cobre de Alte; os instrumentos de cobre que continha e os que nos terrenos proximos fôram achados com muitos outros de pedra; figuram-se alguns na est. VIII. — Cavernas que estão

a curto caminho da mina com a tradição de ter sido habitadas. — A necropole da Fonte Santa a 1:800 metros de Alte. — Instrumentos de pedra e de cobre das sepulturas existentes no museu de Freiburg. — Identidade de circumstancias existentes na mina de Alte e na de Santo Estevão. — Mostra-se que Paderne foi estação neolithica, que continuou a existir na idade do cobre e na do bronze. — Famosa collecção de instrumentos de cobre de Paderne e de amuletos de schisto, figurados na est. x. — Outro grupo de caracteristicos similhantes aos das minas já indicadas, acompanham a mina de cobre da Vendinha do Esteval perto de Querença. — Machados de cobre que appareceram perto da mina, e cavernas que lhe ficam proximas. — Abundancia de machados e percutores de pedra n'aquelles sitios e nos de Salir, onde existem restos de um monumento megalithico. — Grande concentração de caracteristicos neolithicos e da idade do cobre na região central cuprifera, occupando de oeste para leste uma linha superior a 35 kilometros. — As cavernas da Mexilhoeira da Carregação, e os instrumentos de pedra do sitio do Mexilhão, do Quintão, Loubite e Estombar, juntamente com machados de cobre; de Ferragudo e da Ponta do Altar; de Lagôa e do Bemparece, em que ha uma necropole da idade do cobre; do Cabo Carvoeiro, de Alporchinhos e de Porches Velho, onde ha machados de cobre achados em sepulturas quadradas; de Crastos, com outra necropole do mesmo tempo; de Alcantarilha, da Senhora do Pilar, de Algoz e das proximidades da caverna do Serro de Gueina. — As sepulturas quadradas, os machados de pedra e de cobre e a lavra immemorial da pedreira da serra de Santa Barbara de Nexe nas proximidades da caverna de Matos da Nora. — A necropole do Monte do Castello, perto das ruinas de Ossonoba, contendo uma das sepulturas quadradas a famosa adaga de cobre, figurada com o n.º 14 na est. x. — Os instrumentos neolithicos do Milreu, do Monte da Mestra, de Alcaria, S. Braz e Alportel, nas proximidades da mina de cobre da Pedra do Leão, parecendo constituir um outro grupo mineiro. — A necropole de Bias, os instrumentos de pedra de Moncarapacho na proximidade da caverna do Abysmo. — Os machados de pedra, e as adagas de cobre das Antas, que figuro com os n.os 1 e 2 na est. xii. — A grande população neolithica do littoral comprehendido entre a ribeira do Almargem e Castro Marim, onde appareceram famosos monumentos prehistoricos. — As necropoles mais typicas da idade do cobre em varios sitios da Torre dos Frades e de S. Bartholomeu, com armas de cobre. — As proximas necropoles, que começam nos montes da Zambujeira acima de Castro Marim, as da Córte do Guadiana, de Almada do Ouro, dos Serros dos Valles, da Eira da Estrada, dos Corveiros, das Casas Velhas, das Casas Novas e dos Mochos. — Plantas, louças e armas de cobre d'essas necropoles, onde não havia outro metal. — A necropole de Odeleite e a do Curral da Pedra com uma frecha de cobre a poucos passos da mina cuprifera do Serro da Conceição, tendo a oeste as minas de cobre de Forra Merendas e do Serro da Pedra. A necropole de Belva Chã. — A mina de cobre da Cova dos Mouros rodeada das necropoles e monumentos de pedra dos Serros de Vaqueiros. — A necropole dos Vicentes, na freguezia do Pereiro. — Os montes do Valle de Nossa Senhora, perto de Alcoutim, colmados de necropoles, na proximidade da mina de cobre com trabalho antigo, que fica a curta distancia da de antimonio. — Mostra-se que o grande tracto de terreno abrangido pelas freguezias de Vaqueiros, Martim Longo, Giões, Pereiro e Alcoutim, entre as ribeiras do Vascão e da Foupana, constituem uma rica região cuprifera com quatro minas de trabalho antigo, numerosos instrumentos de pedra e necropoles da idade do cobre nas proximidades de cada uma, distinguindo-se a de Martim Longo com a manifestação de um monumento epigraphico com duas inscripções de caracteres peninsulares. — Conclue-se, mostrando que um tão vasto conjuncto de significativos caracteristicos comprova em toda a região do Algarve, que aos ultimos tempos neolithicos succedeu n'aquelle territorio a *idade do cobre*. — Conclusões geraes. — Rapido bosquejo de outros logares do reino com vestigios d'essa idade. — Nota-se serem identicos estes

aos do Algarve. — Estações de comprovação entre a foz do rio Mira e Barcellos. — Os mesmos caracteristicos em muitas minas cupriferas e outras estações prehistoricas da Hispanha, deixando comprovada em toda a peninsula a *idade do cobre*.

Idade do cobre

A Dinamarca, a Suecia, a Noruega e a Suissa entenderam um dia que a base mais segura e insinuativa do progresso das sociedades humanas não consistia simplesmente em decretar apparentes melhoramentos nas instituições destinadas ao engrandecimento do futuro, sem primeiramente conhecer quaes tinham sido os primordios e sucessos das populações precedentes, e como na evolução do entendimento se tinham lavrado os élos da corrente que ligava as gentes que existiam ás que cessaram de viver.

Para este collossal emprehendimento surge n'aquella região arctica da Europa um congresso, ou antes uma constellação de espiritos brilhantes, que logo se levanta nos horisontes da sciencia como se fôra uma aurora boreal destinada a dissipar as trevas em que jaziam as reliquias das gerações extinctas.

Os astros superiores d'essa constellação, que scintillavam na região escandinava, fôram o insigne Thomsen, immortal fundador dos formosissimos museus da Dinamarca; Nilson, o decano dos naturalistas da universidade de Lund, na Suecia; o illustre geologo dinamarquez Forchhammer, e os sabios directores dos museus ethnographicos e archeologicos de Copenhague, Worsaae e Steenstrup, sendo secundados na Suissa por Keller, o descobridor das cidades lacustres da sua patria, e Morlot, o insigne geologo da academia de Lausanne.

A Escandinavia e a Suissa tinham apenas uma historia limitada a datas chronologicas relativamente modernas, porque os documentos escriptos não chegavam para mais e as tradições sagasticas careciam de um exame sizudo e despojado de todas as maravilhas que os tinham feito correr por entre as enredadas concepções da mythologia.

Era mister achar um outro archivo, e elles acharam-n'o, ainda intacto, no fundo dos lagos, nas turfeiras, nas dunas naturaes ou artificiaes do littoral maritimo, nos monticulos funerarios, nas sepulturas e no amago da terra, dividido em folhas distinctas e mui ordinalmente dispostas á feição das de um codice dos tempos historicos.

Os caracteres d'essas folhas e d'aquelles depositos eram as reliquias humanas e os productos do lavor industrial e artistico de todas as epochas anteriores, como se fôssem hieroglyphos representando originalmente os pensamentos e as obras dos que tinham vivido n'aquelle frigido clima.

Faltava saber interpretar aquelles *caracteres* e atinar com a numeração ordinal que competia ás *folhas* d'aquelle codice, até então ignorado.

Tudo se descobriu, porque os interessados eram archeologos, geologos e naturalistas.

Thomsen, de um grande numero de varios factos deduz a chronologia archeologica, tendo reconhecido como principio indestructivel, ensinado pela observação, que a industria humana se simplifica na razão directa da sua antiguidade.

D'esta lei, que todos acceitaram como legitimamente sanccionada pelo exame dos factos manifestados por todos os depositos explorados n'aquella região, nasceu a divisão dos tempos antigos em tres idades principaes: *idade da pedra, idade do bronze* e *idade do ferro*, sendo a mais remota fundamentalmente caracterisada por artefactos de pedra e de outras substancias, com exclusão de qualquer metal; a do bronze por artefactos d'esta composição metallica, embora acompanhados dos já conhecidos e usados na idade anterior; e a do ferro, a que se mostrava representada por manufacturas d'este metal, isoladas ou acompanhadas das que já fôram caracteristicas das duas idades antecedentes.

No meio seculo que decorre até esta data, póde-se dizer que tem sido esta lei quasi universalmente admittida, comquanto a idade da pedra, em vista de insignes descobrimentos geologicos, passasse a ser dividida por distinctos geologos francezes em tres

periodos, denominados *neolithico, paleolithico* e *eolithico* ou primordial.

Factos posteriores vieram, porém, não só advertir, mas demonstrar, que uma tal divisão dos tempos antigos não tinha synchronismo em todos os paizes, por haver alguns em que a ultima idade da pedra foi mais duradoura do que n'outros, fazendo assim variar o começo das idades metallicas.

N'uma sessão que em 1878 celebrou em París a secção de anthropologia, o sr. Schmidt, tentando dividir em provincias as regiões da Europa, onde a idade do bronze começou quasi ao mesmo tempo, reconheceu haver um grupo arctico no periodo neolithico differente do escandinavo, e que na parte septentrional da Suecia e da Noruega não houve idade do bronze, porque na Escandinavia este metal sómente appareceu mil ou oitocentos annos antes da era christã e o ferro na epocha romana[1].

Mostrei, porém, no volume anterior, que o ferro, successor da idade do bronze, havia mais de mil e quinhentos annos antes de Christo, era largamente conhecido e usado nas nações do Mediterraneo, o que deixa consequentemente entender que as nações do norte fôram sempre as mais atrazadas em civilisação, e por isso as menos competentes para constituir estações classicas.

Portanto, a lei estabelecida pelos sabios escandinavos, sendo fundada nas uniformes manifestações archeologicas das suas nações, não póde ser applicada áquellas em que uma differente ordem de factos de mais longinqua origem se haja verificado.

As antiguidades paleoethnologicas de Portugal e da Hispanha reagem, pois, contra essa lei exotica, a que os theoristas hão pretendido subordinal-as; a lei, que tem de regel-as, ha de ser outra um tanto diversa, mas emquanto não estiverem scientificamente reconhecidas, classificadas e methodicamente ordenadas em todo o sólo peninsular, faltam seguros elementos para a sua elaboração.

---

[1] *Revista Anthropologica*, segunda serie, tomo II, 1879, pag. 141.

Entretanto, ordenando os factos já conhecidos, são elles de tal valor e de tão genuina significação, que duvida alguma podem inspirar ao entendimento dos que não se julgam obrigados a defender os preceitos das escolas em que mui precipitadamente se filiaram, como está succedendo.

É preciso reconhecer que, sob a nomenclatura de *idade do bronze,* ficou imperceptivelmente incluida uma outra idade anterior, que a principio não foi possivel distinguir, por não ter logo occorrido a necessidade de se proceder á analyse chimica dos artefactos metallicos encontrados em diversos depositos, e serem separados em grupos especiaes os de cobre e os de bronze, tomando-se cuidadosa nota dos outros objectos e das condições dos jazigos em que os de cobre não eram acompanhados de outro qualquer metal.

Não se procedeu assim: o cobre e o bronze ficaram reunidos e confundidos, e a tudo se deu genericamente a denominação de bronze. Só muito tempo depois alguns archeologos começaram a notar um já crescido numero de objectos, que mais pareciam ser de cobre que de bronze; mas o dogmatismo da escola fundamental não permittia liberdades de pensamento, e por isso, quando surgia um *scismatico,* emittindo algum conceito que podesse affrontar a unidade da *idade do bronze,* como succedeu no congresso de Lisboa, era fatalmente repellido pelos mestres da doutrina ecumenica.

Pois que venham hoje os mestres negar a evidencia dos factos; que me condemnem nos seus congressos; que me privem das suas confraternaes amenidades, e proclamem em toda a parte ser eu o mais inepto dos escrevedores, por ter a ousadia de abrir n'este livro um capitulo intitulado *idade do cobre.* Nada d'isso temo, nem me impede o seguimento inalteravel do meu programma. O futuro nos julgará.

A idade do cobre, como immediata successora da ultima idade da pedra, manifestou-se em quasi todas as regiões da terra. Já o disse no meu antecedente livro, mas aqui preciso e devo mostrar que existiu no Algarve, em todo este reino e no territorio hispa-

nico, para que não se possa dizer que o Algarve, por si só, é insufficiente para exhibir uma tal demonstração.

No volume III deixei esboçados os caracteristicos que até á data da sua publicação se deduziam das diversas estações em que, associadas a um conjuncto de artefactos neolithicos, se tinham descoberto n'este paiz e na Hispanha algumas manufacturas de cobre sem ser acompanhadas de bronze ou de ferro, e aqui os reproduzo agora para se poderem melhor confrontar com os das estações que vou figurar em estampas e descrever. É possivel que hajam de soffrer algumas modificações, se um dia se chegar a conseguir o reconhecimento geral das antiguidades do reino, como tantas vezes tenho proposto, sem ser ouvido por quem tinha obrigação de ouvir e de entender o alcance scientifico de um tal trabalho, para não deixar por mais tempo esta nação em tão deploraveis condições de inferioridade com referencia áquellas que, não occupando largo espaço nas cartas geographicas, hão todavia sabido nivelar-se, no campo da sciencia, com as de maior grandeza e de mais adiantado progresso.

Eis-aqui os principaes caracteristicos que por emquanto posso indicar:

«Idade do cobre.—É fundamentalmente representada por instrumentos pontagudos ou cortantes e por outros artefactos de cobre, em estações, jazigos, minas ou escondrijos do mesmo metal, sem manufactura alguma de bronze ou de ferro; por terem sido substituidos, não os espigões, mas os entalhos lateraes na base das facas, dos serrotes, das lanças, das adagas e espadas de cobre por dois e mais orificios; por sepulturas quadrangulares de curtas dimensões, não alinhadas e sem orientação uniforme, construidas com lages toscas, cujos topos lateraes excedem um tanto o alinhamento transversal das cabeceiras, e por outras de varias configurações, sendo algumas formadas por fiadas horisontaes sobrepostas de pedra de pequeno apparelho; por serem taes construcções mais geralmente grupadas em rampas de collinas e em cabeços de outeiros, constituindo grandes ou pequenas necro-

poles; por melhoradas fórmas e varias differenças na louça, em que é quasi constante o fundo externamente convexo; por artefactos de prata associados a outros de cobre em estações do territorio hispanico, sem mistura alguma de bronze; por não haver nos jazigos de taes caracteristicos artefacto algum de bronze acompanhando armas ou quaesquer manufacturas de cobre; por ser mui frequente nas necropoles de pequenas sepulturas o uso da exhumação, e por vezes o da consagração, representada por uma simples urna.»

Estações e necropoles da idade do cobre

Aljezur

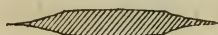
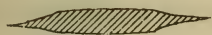
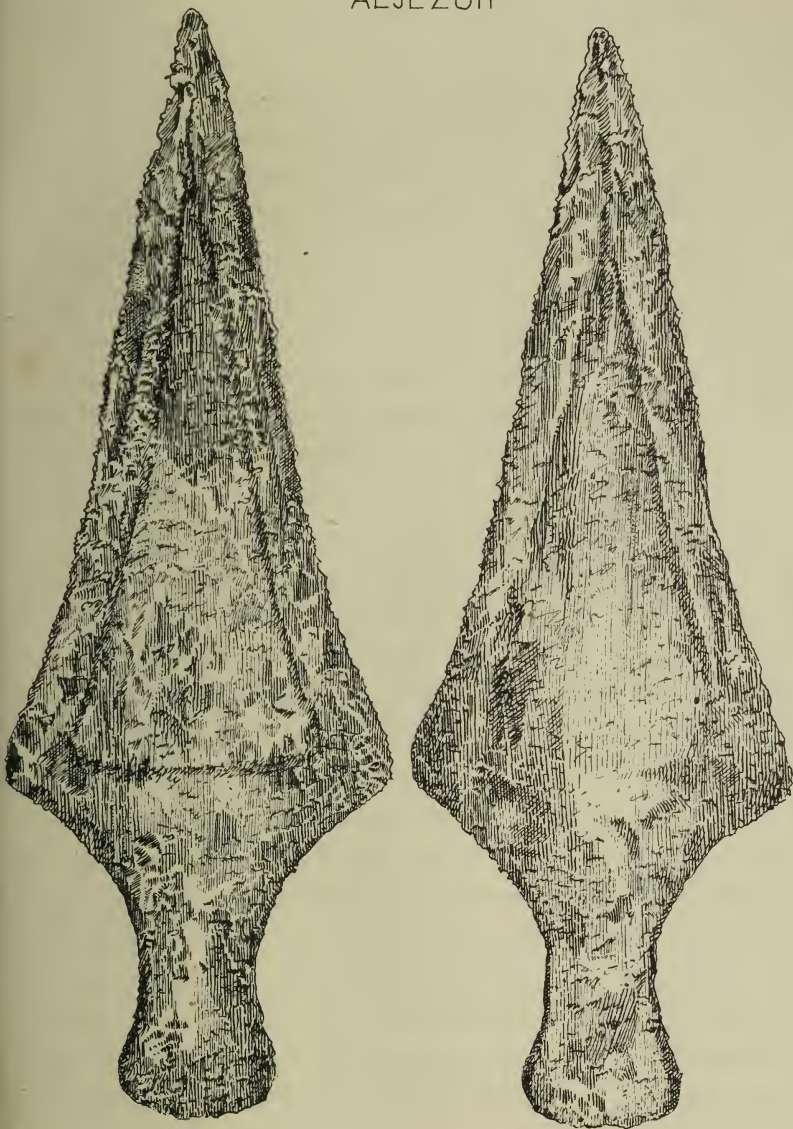
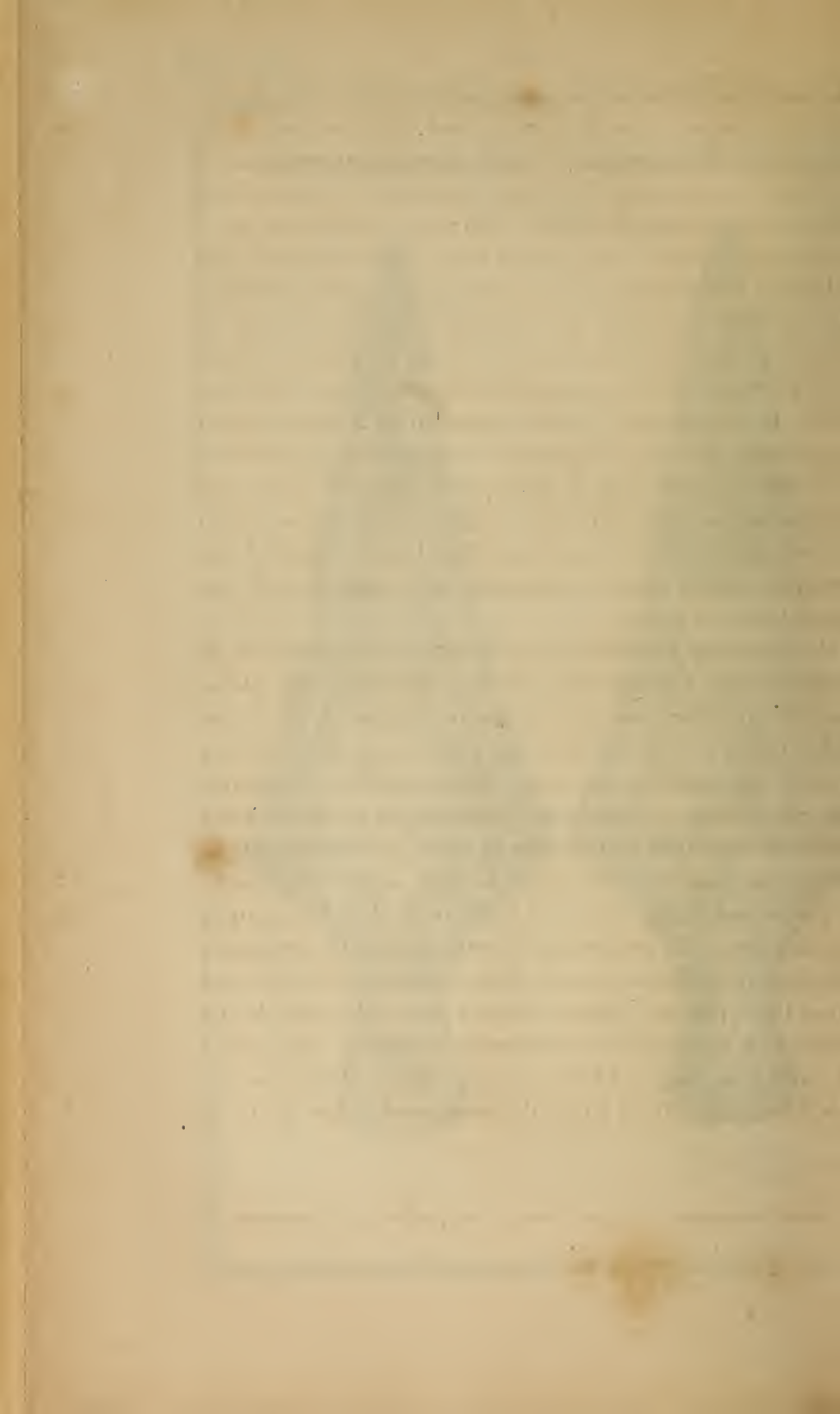
No volume I d'esta obra (pag. 145, est. A) deixei figurada e descripta a famosa carta neolithica de Aljezur, situada ao norte e a poucos metros do flanco direito da igreja de Nossa Senhora da Alva, e figurei tambem na mesma estampa algumas cavernas excavadas no sólo, não mui distantes d'aquella mansão mortuaria.

As cavernas, como já é sabido, fôram horisontalmente cortadas pelo desaterro mandado fazer n'uma área dilatada para a construcção da igreja, não se podendo por isso saber qual fôra a sua primitiva profundidade. Percebe-se, porém, que fôram abertas em rampa, porque as mais proximas do grande deposito mortuario ficaram medindo a fundura de $1^{m},40$, ao passo que as mais distantes por mim exploradas apenas conservaram a de $0^{m},25$, assim como devem ter completamente desapparecido as que houvesse logo pouco acima d'ellas, entre sul e sueste.

A população neolithica de Aljezur tinha, pois, sob a sua vigilancia os reconditos depositos destinados á jazida dos mortos.

As cavernas n.^{os} 2 e 3, que são as mais fundas, já não estavam intactas; fôram certamente invadidas em antigos tempos, e apenas sobre o sólo uma d'ellas tinha algumas pedras tostadas pela acção do fogo, envoltas em terra escura, mesclada de cinzas e carvões miudos. As outras mostraram ter sido completamente despejadas, porque appareceram entupidas com entulhos e terras

ALJEZUR

Est. VI

ALJEZUR

que continham fragmentos de louças arabes e de outras relativamente mais modernas, sendo mui provavel que fôssem revolvidas na occasião do desaterro que o bispo D. Francisco Gomes mandou fazer para a construcção da igreja, julgando-se estarem alli *as riquezas que os mouros deixaram,* como o povo geralmente julga.

Mandando, porém, o sr. José da Costa Serrão fazer uma eira em 1886, a curta distancia do grande deposito mortuario explorado em 1882, descobriu mais algumas d'aquellas cavernas de habitação prehistorica, cortadas como as que já conhecia, e ordenando que uma d'ellas fôsse completamente despejada á sua vista, a $0^{m},65$ de profundidade, e com o diametro de 2 metros, achou um pavimento plano de configuração circular, sobre o qual havia uma vasilha de barro, que se partiu em muitos pedaços no acto da extracção por estar alli muito compacto um cinzeiro misturado com terra, e perto da vasilha as duas lanças de cobre [1] que represento com as proprias dimensões nas estampas V e VI que acompanham esta pagina.

O monumento mortuario, em que havia grande quantidade de machados, enxós e escopros de schisto amphibolico, vinte placas de schisto ardosiano com gravuras, facas e frechas de silex, contas de steatite e todos os mais artefactos de que dei noticia no volume I, não continha um unico objecto metallico, mostrando assim que nenhum dos numerosos individuos alli sepultados havia possuido um qualquer instrumento de cobre, mas unicamente os objectos que rodeavam cada grupo de ossos, o que deixa entender que em seu tempo ainda não havia armas de cobre, porque, se já existissem, não escapariam de certo áquelles tão fartamente abastecidos possuidores dos mais bellos e perfeitos objectos então usados. Deve, portanto, ser mais antigo o seu amplo jazigo do que a caverna em que não havia instrumentos neolithicos, mas apenas uma vasilha de louça prehistorica, um cinzeiro, denunciando o lar de habitação, e duas lanças de cobre, sendo a que figuro na

---

[1] Fôram chimicamente analysadas pelo sr. C. von Bonhorst no seu laboratorio.

estampa v de mui apurado acabamento, para não se poder julgar como producto de uma industria recemnascida, pois é a mais perfeita que tenho observado.

Em vista d'estas circumstancias, parece-me não ser inverosimil conceber-se que os habitantes d'aquellas cavernas possam representar a descendencia dos que tão perto ficaram sepultados, e que viveram n'uma epocha em que a fragil e curta frecha de silex passou a ser vantajosamente substituida por mui possantes armas de cobre.

Mas d'onde vieram aquellas armas ou o cobre para a sua fabricação?

A resposta a esta pergunta está dada por todos os sectarios da theoria das migrações asiaticas. *O cobre,* dizem elles, *veiu da Asia e da Asia vieram os mestres da metallurgia*: só lhes faltou affirmar que da Asia trouxeram tambem folhas do *Laurus nobilis* (Linn.) para modelo das frechas e lanças...

Esta resposta, porém, não a posso eu acceitar, porque nunca vi demonstradas taes affirmações, e porque, tendo percorrido todo o Algarve e explorado numerosissimos monumentos, nunca achei um unico objecto de feição oriental anteriormente á primeira idade do ferro.

Estudando os factos locaes, julgo-me obrigado a formar conceitos diametralmente oppostos.

Não precisavam os habitantes d'aquella ultima raia do Occidente importar o cobre da Asia; tinham-no a poucos passos das suas habitações, muito abundante e de subida lei, explorado desde tempos immemoriaes, como foi officialmente verificado na mina do Margalho e Penedo, distante 1 legua a noroeste do castello de Aljezur[1], e n'outra ainda mais proxima, em que um filão de cobre meia legua para o nascente, corre de leste a oeste, com possança regular e com largos indicios de trabalho antigo, como n'esta e

[1] Veja-se a descripção das duas minas de cobre de Aljezur no vol. I pag. 39 a 41.

na do Margalho verificou o sabio engenheiro relator em 1862 e 1863.

O engenheiro João Ferreira Braga, comquanto reconhecesse largos indicios de trabalho antigo na mina do Margalho, não conseguiu perceber a epocha da primitiva lavra, porque não viu ou não ligou especial importancia aos instrumentos que havia no interior e nas immediações do poço que estava aberto e muito obstruido na encosta oriental do valle; acharam-n'os, porém, os trabalhadores quando se procedeu á reabertura do poço e de uma galeria de esgoto, assim como em terrenos proximos; pois em 1878, perguntando eu a uns homens do campo, tanto em Aljezur como n'outros pontos d'aquelle concelho, se davam noticia de algum sitio em que tivessem apparecido *pedras de raio* e umas cunhas de metal, cujo esboço tracei n'um papel, todos mais ou menos conheciam uma e outra cousa, e me informaram de que as pedras de raio appareciam em varios logares, principalmente no tempo das cavas da terra, e nas covas da mina, onde tambem fôram achadas muitas cunhas de cobre, mas que as cunhas e tudo quanto era metal compravam os ciganos para fundir ou trocavam por cousas que vendiam, e por isso o que ainda se poderia alcançar seria alguma *pedra de raio*.

Finalmente, um dos informantes chegou a affirmar que os *mouros* é que usavam aquellas cunhas para rachar a lenha quando queriam derreter o cobre!

De tudo isto apura-se essencialmente, que, na primitiva lavra da mina do Margalho eram empregados como instrumentos do trabalho os machados de pedra e os de cobre. Se os machados de bronze, muito mais possantes que os de cobre, já então existissem, seriam certamente preferidos; mas os informadores affirmavam ser de cobre aquellas cunhas, porque assim as designavam os fundidores de profissão, que tão praticamente conheciam e fundiam separadamente em barras o cobre, o bronze, o latão e o chumbo, para facilitar o transporte e a venda aos compradores hispanhoes.

Ora se aquelle povo não precisava receber o cobre da Asia,

do mesmo modo não carecia que de tão longe viessem folhas de loureiro para modelo das frechas e lanças de cobre, pois o *Laurus nobilis* (Linn.) é tambem indigena d'este paiz, nasce espontaneamente no Gerez, na Arrabida e na magestosa serra de Monchique, em as vizinhanças de Aljezur.

Igualmente não precisavam de aventureiros mestres para descobrir e fabricar o cobre aquelles artifices e artistas, que tão bizarramente deixaram numerosas provas do seu natural engenho e aptidões, mostrando ter sabido achar as rochas mais apropriadas á fabricação das suas armas de guerra, instrumentos de trabalho e adornos, de que deixaram alguns esboços como attestando terem elles sido os manipuladores d'aquellas pedras, abundantissimas em toda a região da sua vivenda, os fabricantes das urnas e dos vasos de suspensão[1] e os constructores d'aquellas camaras sepulchraes, de uma fórma singular e unica[2].

Tudo leva a crer que os diversos productos industriaes das estações de Aljezur são de fabricação local, começando-se por notar que toda a materia prima alli se acha com profusão, ao passo que nenhum fundamento racional se póde invocar para que se devam julgar oriundos de uma civilisação estrangeira.

A lança de cobre, figurada pelas duas faces na est. v, é de apurado trabalho, como já disse, comquanto conserve a fórma primitiva das frechas e das lanças que hão apparecido nas estações da ultima idade da pedra, ainda actualmente usada em muitas armas de combate e instrumentos de trabalho.

A outra lança de cobre, de fórma sagittada, tambem com focetas de gume cortante afiladissimo, figurada na est. vi, parece ser uma derivação dos instrumentos com entalhos lateraes na extremidade inferior, como são os que representam na est. iii a transição da ultima idade da pedra para a idade do cobre. Devia ser encabada em haste fendida e firmada com apertada ligadura.

---

[1] Veja-se a descripção das duas minas de cobre de Aljezur, est. F, pag. 202.
[2] Idem, est. A, pag. 145.

Tanto esta nova fórma, como a rematada em espigão, póde-se considerar como associando-se á de orificios abertos na base ou nos lados, que é de todas a mais typica e mais geralmente usada na idade do cobre.

Temos assim em Aljezur uma estação da idade do cobre ao norte e a curta distancia da igreja de Nossa Senhora da Alva e do *tumulus* neolithico, figurado e descripto no volume I d'esta obra.

ARREGATA. — Está este logar situado ao noroeste e distante de Aljezur pouco mais de 2 kilometros, ficando-lhe a mina do Margalho na mesma orientação e quasi a igual distancia.

Silva Lopes diz na *Chorographia do Algarve* (pag. 204) haver n'aquelles terrenos umas sepulturas, da fórma de caixão, feitas com seis lages, mas sem ossos humanos, mostrando assim terem pertencido a um povo idolatra, que queimava os cadaveres; e acrescenta que só se acham ossos nas sepulturas abertas n'uma proxima rocha de caliço, o que, em seu entender, representam outro povo com diversos usos funerarios. Não descreve, porém, nem umas, nem outras, e por isso se ficou ignorando se continham alguns artefactos. Esta falta obrigou-me em 1874 a pedir ao sr. Antonio Melchiades de Sequeira Machado, então administrador do concelho de Aljezur, uns esclarecimentos especiaes ácêrca d'aquellas necropoles; mas o sr. Machado não achou vestigios de cousa alguma, informando que os lavradores tinham destruido todas as sepulturas que encontraram; e, comtudo, quando em 1878 fui a Aljezur, soube que ainda havia algumas, e que quasi todas continham uma ou duas tigelas de barro grosseiro e alguns pedaços de ossos, sendo todas ellas tapadas com uma lage de pedra da serra, o que me deixou perceber que as sepulturas sem ossos, a que se referíra Silva Lopes, seriam de simples consagração, como algumas que achei nos montes de Almada do Ouro, na freguezia do Azinhal, contendo apenas uma urna vasia sem signal algum de cinzas, ou que bem podéra ter sido uma necropole em que se tivesse livremente usado a incineração, a inhumação e a exhumação.

Não me foi possivel fazer alli o reconhecimento de que carecia, por estar o campo semeado na occasião da minha chegada; mas todos os informantes affirmaram ser as sepulturas quasi quadradas, porém tão curtas e pouco fundas, que não era praticavel o enterramento de um cadaver, ainda mesmo dobrado, como eu lembrei, pelas duas articulações dos fémures e com a mandibula apoiada sobre os joelhos, porque não tinham sufficiente fundura. Finalmente, nenhum se lembrava de ter visto cinzas ou carvões miudos em taes sepulturas, mas que estavam cheias de uma terra tão dura, como se fôra amassada e batida a malho.

Não manifestou, pois, aquella necropole metal algum; mas a fórma e construcção das sepulturas as identificam ás que mais adiante mostrarei com a mesma planta, e de que extrahi urnas de barro e artefactos de cobre, para que d'este modo possam considerar-se contemporaneas e pertencentes á idade do cobre. Além d'isto, acresce a circumstancia de estarem a pouca distancia da mina de cobre do Margalho e Penedo, onde a primitiva exploração foi feita com instrumentos de pedra e de cobre, e por isso não será inverosimil admittir-se que os mineiros, enterrando-se voluntariamente durante a vida, não passariam sem sepultura depois de mortos.

Comquanto não o possa affirmar, é mui provavel que aquella necropole pertencesse á primitiva população mineira da mui bella ribeira dos Penedos.

Ferrarias. — Este sitio está no mesmo caso do antecedente. Acha-se a sueste, distando approximadamente 1 kilometro de Aljezur e quasi a sudoeste, e a uns 2 kilometros da outra mina de cobre, com trabalho antigo, a meia legua e a leste da villa, estudada em 1862 pelo engenheiro João Ferreira Braga. Tambem é este sitio assignalado por muitas sepulturas quadrangulares, formadas de lages de schisto, a que Silva Lopes se refere, identificando-as ás da Arregata. Muitas têem sido destruidas pelo proprietario, porém consta haver ainda algumas nas proximidades do casal, em terrenos que estavam semeados quando alli fui. O

dono da terra negou-as, receiando que lhe destruissem a sementeira ou lhe levassem algum thesouro n'ellas escondido; mas os trabalhadores dão d'ellas as mesmas noticias que tive das da Arregata.

É mui verosimil que pertencessem á população que explorava o filão de cobre, que corre de leste a oeste a meia legua da villa. Ora, fallando Silva Lopes do sitio do Vidigal, que está ao norte e a pouco mais de 3 kilometros da mina, diz (pag. 205): «Perto se vêem ruinas de edificios e terras queimadas, que indicam ser de mina trabalhada; o sitio conserva este nome, e em alguns mappas se vê notado o logar com o nome de *mina de cobre*».

A identidade de circumstancias da necropole da Arregata com a de Ferrarias, faz com que esta deva igualmente ser inscripta na idade do cobre.

Córte Cabreira.—A herdade de Córte Cabreira forma um triangulo com Arregata e Ferrarias, cujos lados de ligação pouco excedem a 3 kilometros, e para que se conheça a importancia de relações entre estes tres sitios, vou copiar textualmente o que refere o auctor da *Chorographia do Algarve* (pag. 204):

«Na herdade de Córte Cabreira, 1 legua distante da villa, ha uma pedreira de ardozia trabalhada já de tempo immemorial; pois no sitio das Ferrarias, fronteiro e não mui distante da villa, e no da Arregata meia legua d'ella, se encontram muitas sepulturas, formadas de seis lapidas da mesma ardozia, em fórma de caixão, sem que n'ellas se contenham ossos alguns, indicio de que eram de nações que queimavam os corpos. Appareceram, porém, outras sepulturas cavadas em pedra, que alli se chama *caliço,* as quaes encerram os ossos dos enterrados; e por isso parece serem de diversas nações. Corre a pedreira na direcção obliqua ao horisonte, e d'ella se tiram pedras das dimensões e grossura que cada um quer. Acham-se cinzentas, azul claro, e bem escuro; estas são as mais rijas, e as outras mais brandas.»

Está, pois, verificado que as lages das sepulturas da Arregata e Ferrarias fôram extrahidas da grande bancada de schistos de

Córte Cabreira, onde tambem abundam ardozias cinzentas, azul claro e bem escuro.

Confrontando-se as ardozias de Córte Cabreira com as placas gravadas que continha o monumento mortuario de Aljezur, reconhece-se promptamente serem identicas: portanto, as ardozias para as placas fôram exploradas na ultima idade da pedra, e as lages das sepulturas da Arregata e Ferrarias na idade do cobre. D'este modo prova-se que a população alli existente na ultima idade da pedra já sabia explorar as pedreiras, e sendo esta uma das suas aptidões, como se poderá julgar que os filões de cobre, a tão curta distancia dos logares em que ficaram tantos indicios de occupação, tivessem deixado de ser utilisados, tanto n'uma como n'outra mina, quando ambas estão reconhecidas como trabalho de exploração de tempo immemorial?

Nada escapava áquelle povo indagador do que havia nas immediações do seu centro de habitação, pois a presença de alguns dentes de *Carcharodon* [1], entre os instrumentos neolithicos da *estação-tumulus* de Aljezur, permitte mui presumptivamente suppor-se que frequentava as cavernas, visto não se terem por alli achado uns taes dentes senão na caverna da Sinceira, a menos de 1 legua de distancia.

Em presença de factos tão significativos, o entendimento da propria gente mais vulgar preferirá sempre attribuir áquelles indigenas a fabricação dos instrumentos de cobre achados pelos mineiros nas covas da mina dos Margalhos, e por elles vendidos aos caldeireiros ciganos, assim como as lanças de cobre da caverna que fica proxima do monumento neolithico de Aljezur, do que ter de figurar na sua imaginação a vinda de uma migração estrangeira áquellas paragens para lhe passar diploma de mestra da metallurgia occidental.

E ainda certos sabios se admiram de que a gente rude do povo attribua aos mouros todas as cousas antigas que se acham na terra, não se lembrando que elles incorrem em mais grave

---

[1] Veja-se: vol. I, pag. 55 e 170, est. D, fig. 18 e 19.

erro querendo explicar a origem de todas as industrias na Europa por uma corrente não interrompida de migrações asiaticas, quando não preferem referir aos phenicios o que já aqui tinhamos muitos milhares de annos antes de taes aventureiros terem sulcado as aguas do mar Atlantico.

Continuem a enredar tudo no labyrintho das suas hypotheses e theorias, que ainda assim não conseguirão usurpar aos indigenas d'esta região os valiosos tributos de entendimento e de aptidão com que, sabendo conhecer e aproveitar os elementos locaes, amplamente contribuiram para o progresso das primitivas civilisações.

Muito maior numero de provas poderia hoje exhibir d'essa remotissima industria cuprifera, se os apertados prasos que me fôram impostos para o levantamento da carta archeologica tivessem permittido fazer-se a larga exploração que aquelle e outros muitos concelhos, riquissimos de antiguidades, estavam reclamando; mas como estes trabalhos nunca fôram devidamente apreciados por quem não devêra ignorar o seu elevado valor, muitas estações ficaram e continuarão a permanecer sem a minima observação.

A existencia de duas minas de cobre no concelho de Aljezur, ambas com trabalho de datas immemoriaes, promette muito maior somma de caracteristicos a quem não tiver de procural-os a praso contado.

O concelho de Villa do Bispo, tão abundante em antiguidades de varias epochas, não deixaria de manifestar algumas estações da idade do cobre; mas não chegou o tempo de que podia dispor para o explorar em devida regra, *por não haver verba no orçamento* para taes despezas[1].

O concelho de Lagos, onde muito ficou por fazer, concorreu apenas com ligeiros indicios da idade do cobre, quando se me tivesse sido dispensada só a vigesima parte do que absorveu a ce-

[1] N'aquella mesma occasião despendiam-se dezenas de contos de réis com uma estrada de Tavira para a freguezia rural de Martim Longo, estrada que ficou a meio caminho, porque o que se pretendia era que chegasse ás propriedades de uns influentes locaes!

lebre estrada promettida aos serranos de Martim Longo, as importantes antiguidades lacobrigenses poderiam hoje elucidar tudo quanto continúa a ser duvidoso e obscuro com referencia á historia e geographia antiga d'aquella região, onde Pomponio Mela designa duas cidades, cujas sédes ficaram sem determinação, como sem reconhecimento algum muitas estações prehistoricas.

Fui, portanto, obrigado a cortar o seguimento ethnographico que deveria indicar n'aquelle tracto de terra a distribuição da população de cada epocha, e por isso me julgo obrigado a explicar aos futuros exploradores e a todas as pessoas que estudam scientificamente estes assumptos, a causa, muito estranha aos meus desejos, que promoveu tão lamentaveis lacunas.

Serro do Haver. — Depois de impressa a carta archeologica dos tempos prehistoricos, onde symboliso os instrumentos de pedra alli achados, e uns indicios da primeira idade do ferro, como são duas contas de vidro azul escuro, identicas ás da necropole da Fonte Velha, de Bensafrim, soube que nas rampas do serro, propinquas a duas nascentes do rio de Almádena, havia muitas escorias de antigas fundições, que devem corresponder a uma qualquer mina, de que não obtive esclarecimentos, e por isso não a inclui no quadro geral das minas do Algarve, impresso nas pag. 78 e 79 do volume III.

Ha n'aquelle serro muitos vestigios de occupação romana, que em seu competente logar indicarei; mas é certo que outros muito mais antigos alli se hão descoberto, como são as duas contas a que acima me refiro, e o notavel instrumento de pedra que figuro e descrevo no volume II, pag. 314 a 316, est. IV, n.º 1.

Não tendo alli feito exploração alguma, nem procurado a situação da mina a que correspondem aquellas provas de fundição, não fiquei sabendo se fôram os romanos os primeiros exploradores, ou se elles seriam alli attrahidos por uma industria mineira já anteriormente exercida, como parece provavel, tendo-se em vista que um tão desabrido escampado só poderia ser procurado

por um grande interesse local, ou por ser ponto por dois lados defendido por caudalosas correntes de agua.

Não devo, pois, incluir o Serro do Haver na lista das estações da idade do cobre; mas deixo-o aqui simplesmente recommendado a quem o queira explorar e procurar as sepulturas que necessariamente deve ter, a fim de que ellas ensinem o que não me foi possivel observar.

Bensafrim.—Além dos logares de que obtive notaveis instrumentos de pedra, na freguezia de Bensafrim, figurados e descriptos no volume ii d'esta obra (de pag. 314 a 332), o illustrado prior Antonio José Nunes da Gloria, meu prestantissimo amigo e consciencioso collector das antiguidades que vão apparecendo na sua circumscripção parochial, me enviou o esboço de numerosos instrumentos descobertos no sitio do Paraiso, uns 3 kilometros a nordeste da igreja, no da Hortinha, perto da aldeia, no Monte Amarello, no Solão do Moinho ou das Alfarrobeiras, e na Córte do Bispo, que a meu pedido está reunindo e ordenando para quando se reorganise o museu do Algarve, e além d'isto me dá tambem noticia de uma necropole de curtas sepulturas formadas de lages de grés vermelho a uns 100 metros a nordeste da igreja, em fazenda de Francisco Duarte, bem como de varios instrumentos em terras contiguas.

O sr. Manuel José de Barros, actual prior de S. Sebastião de Lagos, tendo parochiado primeiramente em Bensafrim, foi cuidadoso collector das antiguidades locaes, com que mui generosamente quiz engrandecer as minhas collecções, offerecendo-me os monumentos epigraphicos de caracteres peninsulares, que tenho depositados no malfadado museu do Algarve, os machados de pedra, a que acima me refiro, e um espigão de cobre, partido em dois pedaços, encontrado n'uma sepultura de curtas dimensões, que fôra descoberta a pouca distancia da igreja. Este objecto de cobre é similhante ao de n.º 19-*a* de uma gruta da quinta do Anjo, perto de Palmella, figurado na est. ii. É tambem similhante a dois parallelipipedos bipontagudos de cobre fundido, e rude-

mente preparados a choques de percutor de pedra, que um camponez de Bensafrim me vendeu em 1878, por elle achados n'uma sepultura formada com quatro lages toscas de grés vermelho com menos de uma vara de comprimento, pedacinhos de ossos e de uma vasilha de barro escuro, que já estava partida, acrescentando que n'aquelle sitio, apenas distante uns duzentos passos para o norte da torre da igreja, tinham sido desmanchadas outras sepulturas por estarem muito á flor da terra estorvando o trabalho, e que sendo todas despejadas, nenhuma tinha senão pedaços de ossos e de tigelas partidas, sem cousa alguma de valor.

De tudo isto se deduz, que as necropoles da idade do cobre chegaram até Bensafrim, onde muitas estações ficaram sem exploração e outras inteiramente destruidas pelos lavradores.

Espiche. — É verdadeiramente lamentavel que tantos pontos de grande interesse para o conhecimento das antiguidades do Algarve, que já me tinham sido indicadas alguns annos antes do governo me haver incumbido do estudo das antiguidades d'essa provincia, que sempre teve no mais deploravel esquecimento, ficassem sem ser devidamente estudadas. Um d'elles era a aldeia de Espiche, que o meu intelligente conterraneo e amigo Francisco Xavier de Paiva muito me tinha recommendado em 12 de fevereiro e 15 de março de 1874, noticiando-me, além de outras antiguidades historicas, o descobrimento de uns *potes* de barro grosseiro mal cozidos, enterrados no solo, onde tinham apparecido numerosos artefactos de cobre, taes como argolas (talvez torques ou braceletes) de 1 decimetro de diametro, ligadas por uma espessa pasta de azinhabre, outras argolas de menor diametro, fibulas e varios outros objectos, tudo de cobre tão macio, que se cortava facilmente com canivete.

Quatro annos depois, estando a explorar as ruinas da praia da Luz, fui um dia a Espiche, uns 3 kilometros para o norte, ver a muralha de reprezas, lançada entre as margens elevadas da ribeira, de que me tinha fallado; mas Francisco Xavier de Paiva já não existia para me indicar os logares dos potes que conti-

nham artefactos de cobre, e na aldeia a gente ignara não os soube indicar! Além d'isto, o grande trabalho que abri na praia da Luz, como a seu tempo se verá, absorvia-me todo o tempo, e a estação da idade do cobre em Espiche não chegou a ser por mim descoberta! Francisco Xavier de Paiva não mentia, nem o seu illustrado entendimento facilmente se deixava illudir em assumptos archeologicos.

Creio firmemente que em Espiche, onde têem apparecido muitos instrumentos de pedra, houve em seguida uma *idade do cobre*.

Chocalho. — N'este sitio da freguezia de Odiáxere appareceram ha alguns annos muitas sepulturas quasi quadradas, de lages toscas dispostas em fórma de caixa, e sem alinhamento: umas continham pedaços de ossos e uma tigela de barro grosseiro, partida em numerosos bocados; outros sem ossos e só com uma urna de barro cru a um canto, que nunca se tirava inteira por estar cheia de terra endurecida; duas, perfeitamente tapadas, sem ossos nem louças, e uma com pedaços de louças negras e um espigão de cobre dobrado de modo que parecia um grosso anzol, como me informou o estudioso Xavier de Paiva, acrescentando que bem parecia um instrumento de pesca. Este objecto, assim como os maiores pedaços de louça, colligiu elle para me offerecer quando viesse a Lisboa; mas não cumpriu a promessa, porque a morte lhe embargou o passo, usurpando-me ao mesmo tempo o mais consciencioso dos meus correspondentes.

Quando em 1878 estive em Odiáxere, obtive a mesma informação de terem apparecido no sitio do Chocalho muitas sepulturas de curtas dimensões, mas ninguem sabia dizer o que continham. Sabia-se, porém, que n'aquelles terrenos appareciam *pedras de raio* de differentes tamanhos, e que algumas pessoas ainda as conservavam, o que me obrigou a ir áquella povoado, onde obtive o instrumento de diorite com incrustações quartzosas, figurado e descripto no volume II (est. VII, sob n.° 2, pag. 325), o qual se póde observar no museu do Algarve, mediante a indispensavel licença do depositario das minhas collecções e das que me con-

fiaram os proprietarios dos terrenos explorados, mandadas inventariar pelo sr. Barjona de Freitas, sendo ministro do reino, como estão designadas no inventario official, datado de 2 de dezembro de 1885, de que tenho copia.

A freguezia de Odiáxere não figura sómente n'este capitulo pela necropole verificada no sitio do Chocalho por um homem de atilada perspicacia e de não vulgar instrucção, como foi Francisco Xavier de Paiva. Este distincto informador viu muito mais, e com o que elle viu estão conformes os esclarecimentos que recebi de outros informadoreres dignos de fé.

Já se sabe que em Espiche appareceram enterrados uns potes que continham varios objectos de cobre, e que no Chocalho, a es-nordeste e distante de Espiche uns 7 kilometros, havia uma necropole da idade do cobre.

No sitio da Torre, a noroeste e a poucos passos do Chocalho, ha covões, da fórma de potes, excavados na rocha.

Em Odiáxere, uns 1:200 metros a nordeste do Chocalho, além de muitos vestigios de edificios arrazados, communicou-me o sr. José Gonçalves Vieira, prior d'aquella freguezia, em 22 de abril de 1874, ter-se alli observado um solo, que, sendo arrancado, deixou á vista um grande pote de barro crú com ossos humanos quasi deteriorados, igual a outros que já tinham sido achados no mesmo sitio, inteiramente vasios.

O mesmo prior refere que ao norte, uns 3 kilometros, n'um outeiro denominado da Alcaria, sobranceiro á varzea de Arão, tambem hão sido descobertos alguns potes com ossos humanos, assim como cavernas excavadas na rocha.

Em Valle da Lama, a uns 3 $^1/_2$ kilometros a es-sueste de Odiáxere, appareceu ha mais de quinze annos um dos referidos potes com ossos humanos, quasi diluidos, na proximidade de outros de barro crú, contendo apenas alguma terra escura.

Tudo isto appareceu com as explorações dos srs. Siret na provincia de Almeria: enterramentos por inhumação dentro de grandes urnas de barro, sendo uma embebida na outra, e fechando completamente um espaço, quando havia dentro d'ellas

mais de um cadaver, e é o que o sr. Paul de Chatelier observou nos dolmens da Bretanha, denominados de S. Michel e de Tumiac, como refere a revista intitulada *Matériaux pour l'histoire primitive de l'homme,* 1888, pag. 1.

Em toda a parte estes enterramentos em grandes talhas de barro acham-se acompanhados de armas de cobre ou de bronze; mas como não se encontrou ainda um unico artefacto de bronze na área determinada pelos mencionados pontos do Chocalho, Torre, Odiáxere, Alcaria e Valle da Lama, mas dentro d'esses receptaculos unicamente torques, argolas, fibulas e outros objectos de cobre, forçoso é incluir todas aquellas estações na idade do cobre.

Na Chaldéa e na Assyria inhumava-se o cadaver dentro de duas urnas subcylindricas de barro, ficando a bôca de uma embutida na outra, e segura por um envolucro de betume, havendo porém n'uma um buraco para dar saída aos gazes provenientes da decomposição da materia. Dentro d'essas urnas, segundo referem os srs. G. Perrot e C. Chipiez [1], têem sido achadas outras urnas ou vasos de barro, uma ponta de frecha de bronze, em torno dos pés umas argolas massiças de ferro, outras mais pequenas rodeando phalanges das mãos, e algumas vezes objectos de ouro, marfim e conchas.

Vê-se, portanto, que este modo de inhumar os cadaveres não era usado na orla maritima do Mediterraneo, a que chega a Asia Menor, a Syria, a Palestina e o Egypto, em epocha anterior á idade do ferro; consequentemente são mais antigos estes jazigos no sueste da Hispanha (Almeria), onde não havia signal de ferro, mas artefactos de bronze, e no sul de Portugal (Algarve), onde não se achou artefacto algum de ferro ou de bronze, mas sómente de cobre.

Não se póde, pois, attribuir áquella região oriental a intro-

[1] *Histoire de l'Art dans l'antiquité,* vol. II, pag. 273.

ducção d'este uso funerario na peninsula luso-hispanica e na Bretanha.

Pelo contrario, deve-se entender que d'esta parte da Europa, em que tal uso remonta á idade do cobre, é que seria levado a essa orla do Mediterraneo, que a Chaldéa e a Assyria dominavam em plena idade do ferro.

Registro, emfim, mais este caso como contraprova opposta á theoria, nunca demonstrada e quasi sempre absurda nos seus resultados melhor observados, que pretende derivar da Asia a implantação de todos os usos e costumes das velhas populações da Europa.

Mexilhoeira Grande.—A pouca distancia do adro da igreja da Mexilhoeira me communicou Francisco Xavier de Paiva, em 12 de fevereiro de 1874, terem apparecido umas curtas sepulturas, quasi quadradas, com pedaços de ossos humanos acompanhados de urnas de barro encruado, já partidas, mas que recompoz n'um esboço, que mostrava a fórma de fundo convexo, adherente a um curto gargalo de cannelura concava, de que tenho alguns exemplares no museu e nas collecções que posteriormente organisei na minha casa campestre, que pela maior parte extrahi de sepulturas da idade do cobre, o que deixa entender que na área da actual freguezia continuaram a viver os descendentes da população neolithica, largamente alli representada pelos numerosos instrumentos de pedra que me tem offerecido o meu prestantissimo amigo padre Nunes da Gloria, e por muitos mais que elle possue da Cavoada, perto da igreja; das Areias, a 100 metros para leste; do Figueiral Velho, uns 300 metros ao norte; do Branquinho, 800 metros a es-sueste; do Saragoçal, 1:800 metros ao norte; Detraz das Vinhas, distante uns $2\frac{1}{2}$ kilometros a leste da igreja, e de todos os mais sitios designados nas pag. 328 a 340 do volume II d'esta obra.

Montes de Alvor.—Na mencionada carta de 12 de fevereiro de 1874 me referiu Xavier de Paiva ter-se descoberto em

Montes de Alvor uma sepultura com ossos humanos, duas ossadas de cães, uma folha de lança de cobre e duas garrafas de barro. Muitos machados de pedra têem apparecido em Montes de Alvor, principalmente no sitio da Queimada e em Montes de Cima, como noticiei no volume II, pag. 345, e por isso era mui provavel que á ultima idade da pedra, alli tão bem caracterisada, succedesse a idade do cobre.

Quando mandei fazer o alistamento dos trabalhadores para a exploração da necropole monumental de Alcalá, muitos homens e mulheres da Figueira, Montes de Alvor e de outros sitios proximos se apresentaram. De Montes de Alvor ficou muita gente, e as mulheres, juntamente com as de outros sitios, fôram geralmente encarregadas do transporte e da escolha das terras extrahidas dos monumentos, com grande proveito da exploração, porque d'este modo consegui reunir numerosos objectos miudos que íam envoltos nos entulhos. Quando, porém, do nicho do monumento n.º 3 se tiraram os artefactos de cobre que representei no volume III, est. IX, e descrevi, a começar da pag. 173, informou-me uma d'aquellas mulheres mais idosas de Montes de Alvor, «que já tinha visto algumas cousas iguaes que havia algum tempo uns homens do seu sitio acharam dentro de umas *caixas de pedra* enterradas n'um logar em que depois plantaram vinha; mas como eram cousas que não prestavam para nada, não sabe que destino tiveram». Lembrava-se, porém, de ter visto uma lança muito mais aguda de ponta do que a que foi achada no monumento n.º 4, figurada na dita estampa com a letra B, e que tambem já alli tinha visto uma d'aquellas cunhas, achada n'uma terra que estavam a cavar.

Estas informações vieram, pois, confirmar a noticia, que oito annos antes tinha recebido, de ter sido encontrada n'uma tal sepultura uma lança de cobre, e de ter com effeito havido em Montes de Alvor uma necropole, que só na idade do cobre póde ser inscripta.

Silves.—A área da cidade de Silves, e a que do seu peri-

metro se dilata em todos os rumos até os cabeços dos serros e cristas das collinas, abundam em caracteristicos de epochas comprehendidas entre a ultima idade da pedra e a da conquista portugueza.

São numerosos os instrumentos de pedra achados dentro e fóra da cidade. Só o sr. Joaquim José Judice dos Santos depositou trinta exemplares no museu que fundei em Lisboa em 1880, os quaes descrevo no volume II, de pag. 355 a 366, e não poucos tambem posteriormente tenho adquirido. Além de tantos instrumentos de pedra, outros muitos de cobre por alli se hão achado até em excavações feitas nas ruas da cidade, sendo infelizmente em grande parte vendidos pelos trabalhadores aos caldeireiros. Conseguiu, porém, o sr. Judice dos Santos salvar alguns exemplares, que represento na est. VII e passo a descrever, os quaes fôram chimicamente analysados pelo insigne chimico allemão, sr. C. von Bonhorst.

No volume III, pag. 125 e 126, descrevi a frecha n.º 2 e a lança n.º 3, cujos perimetros figuro na estampa junta, achadas em Silves no córte da estrada que se fez para S. Bartholomeu de Messines, e que o sr. Judice dos Santos, acudindo a tempo, impediu que fôssem derretidas no cadinho devorador de um fatalissimo caldeireiro, que animado do furor diabolico de querer derreter tudo, não pouparia talvez o encephalo do seu melhor parente, se suspeitasse haver n'elle algumas particulas metallicas.

Para melhor idéa se formar da lança, em que não ha espigão, entalhos lateraes ou orificios para o encabamento, reproduzo-a na estampa que acompanha esta pagina, com a sua configuração geral e dimensões exactas, incluindo as do córte transversal da espessura.

Em seguida vão na mesma estampa figurados dois machados de cobre, achados em excavações no interior da cidade; mede o primeiro o comprimento de $0^m,112$ e o segundo de $0^m,123$; as outras dimensões, largura e espessura, são mui variaveis, e por isso só se podem apreciar no seu conjuncto com a estampa á vista.

SILVES

(Cobre)

Collecç. inedita do Sr. Judice dos Santos

Muitos mais hão sido achados na cidade e nos seus arrabaldes; se algum existe ainda ignorado em qualquer collecção particular, sabido é que os outros mudaram de fórma no cadinho do fundidor.

Escaparam, pois, estes e as referidas lanças para attestar que n'aquelle terreno houve uma epocha ou idade em que as frechas, as lanças e os machados eram de cobre.

D'onde vinha, porém, todo esse cobre? Viria das duas minas do termo de Aljezur? Já vamos ver que não havia sómente no Algarve aquelles dois centros de producção cuprifera.

Santo Estevão.—No volume antecedente ficou descripta a mina de cobre de Santo Estevão (pag. 48 a 57), em vista dos relatorios officiaes dos distinctos engenheiros de minas, já fallecidos, João Ferreira Braga e João Baptista Schiappa de Azevedo.

A mina começa a manifestar-se no quadrante do norte, a 5 kilometros de Silves, e diz o ultimo relator, *que n'uma grande área se acham multiplicadas excavações, postoque talvez pouco profundas,* apparecendo a primeira estação *com trabalhos antigos,* denominada *Mina da Estrada.* A mina foi reconhecida com mais tres estações de trabalho antigo, a do *Lagar*, da *Defeza* e da *Cumiada.* Ainda a 7 ou 8 kilometros de Silves para S. Bartholomeu, na encosta occidental entre o valle de Rendufe e o de Arada, descobriu Shiappa de Azevedo *trabalhos antigos* tão irregularmente praticados, que não ousou referil-os *aos romanos, que no seu lavor mineiro imprimiam um cunho de sciencia e de methodo impossivel de confundir,* e d'este modo se lembrou de attribuil-os aos arabes, não lhe occorrendo que os romanos e os carthaginezes acharam em toda a peninsula numerosas minas exploradas, e entre ellas algumas já esgotadas, desde datas remotissimas, e que outros phenicios muito mais antigos que os de Carthago, quando apontaram as suas navegações aos portos da Iberia e da Lusitania, já corria em toda a parte a fama das enormes riquezas metalliferas d'esta região, d'onde se deduz que as populações peninsulares fôram as primeiras exploradoras dos metaes.

A propria mina forneceu provas indiscutiveis da sua antiguidade prehistorica, tendo sido achados por trabalhadores no interior da estação da Cumiada e nas covas do Serro de Monterroso um empilhamento de machados de pedra, muitos machados de cobre e outros diversos objectos do mesmo metal, como me affirmaram varias pessoas, que d'isso mui bem sabiam, no sitio da Amorosa e em S. Bartholomeu de Messines, sendo-me estes esclarecimentos confirmados em Loulé por um dos compradores ciganos, que tudo quanto era de cobre já tinha fundido e enviado em barras para Hispanha[1]. Note-se, finalmente, que em toda a dilatada área d'aquella mina, abrangendo Messines com sua corta antiga, muita gente das povoações proximas sabe terem-se achado numerosos machados de pedra, e bem convencido estou de que muitos chegariam á minha mão se tivesse podido demorar-me n'aquelles sitios; mas ainda assim obtive em Monte de Boi, Córtes, Amorosa, Cumiada, Zambujal (onde ha abundantes escorias de fundição) e em S. Bartholomeu de Messines, os que deixei figurados no volume II, est. XIII, XIV e XV.

N'aquella mina trabalhava-se tambem com percutores de diorite de cannelura circumdante e com outros ainda mais toscos: o sr. Judice dos Santos obteve o que vae figurado com o n.° 1 na est. IX, em que represento os machados de pedra e o escopro de cobre que o barão Hermann Maltzan comprou ha onze annos em Fonte Santa, ao sul de Alte, extrahidos das sepulturas quadradas que alli ainda então havia. Veiu, pois, mais este facto confirmar a epocha em que aquella mina começou a ser explorada.

Considero, portanto, a mina de Santo Estevão como estação mineira mui significativa da idade do cobre.

Pico Alto. — Permitta-se-me que para melhor elucidação da ethnographia cuprifera do Algarve, a partir de Silves para leste,

---

[1] Veja-se o que a este respeito refiro com maior desenvolvimento no vol. III, de pag. 48 a 57.

divida em duas zonas o tracto de terra que corre até á estação do Monte do Castello, na freguezia de Estoi, a fim de não interromper o seguimento das manifestações mineiras na zona central, e que reserve para o acabamento do meu exame a zona littoral maritima do sul desde o flanco esquerdo do rio de Portimão, e a que corre pela margem direita do rio Guadiana até á foz da Ribeira do Vascão, porque d'este modo ficará mais comprehensivel a significação dos caracteristicos, não completamente ainda descobertos, que se acham esparsos n'aquelle espaçoso ambito de terra.

Tenha o leitor á vista a carta paleoethnologica que acompanha o primeiro volume d'esta obra e tome nota dos caracteristicos de cada ponto que vou indicar, assim como dos conceitos que me parece poder suggerir a inquirição critica dos factos locaes, pois talvez possa com elles concordar.

Já vimos que a região mineira de Santo Estevão é povoada actualmente por pequenos centros agricolas, taes como Zambujal, Messines, Castello, S. Bartholomeu, Amorosa, Monte de Boi, Cumiada, Córtes e Cômoros da Portella, onde estão verificados, assim como nos campos adjacentes, muitos vestigios prehistoricos em plena homogeneidade com os que hão sido achados no interior e nas immediações da mina, deixando assim perceber a sua contemporaneidade.

No Zambujal, a noroeste e a 1 kilometro de Messines, ha sepulturas quadradas com louças e instrumentos de pedra em terreno de Francisco Soeiro, a quem comprei o machado de diorite todo polido, que figura com o n.º 5 na est. XVI do vol. II. Houve alli fundições de minério, como na carta indica o respectivo signal.

Nos cabeços de alguns montes de Messines ha sepulturas quadradas, e achou-se n'uma d'ellas uma adaga de cobre, que soube ter sido vendida a um comprador ambulante.

No sitio do Castello, distante 2 kilometros a nordeste de S. Bartholomeu, são ainda visiveis muitas sepulturas abertas na rocha de grés vermelho, com as cabeceiras arredondadas para o norte, medindo a maior 1^{m},75 de comprimento no eixo transver-

sal, correspondente aos hombros do cadaver $0^{m},50$ e na extremidade inferior $0^{m},20$. Estavam todas despejadas, quasi destruidas, e só n'uma d'ellas consta terem-se achado uns pedaços de vasilha de barro. Havendo outras com pouco mais de 1 metro de comprimento, parece terem sido destinadas para crianças, e que os enterramentos seriam feitos com o cadavor horisontalmente estendido. Não me foi possivel reconhecer a epocha d'essas sepulturas, nem obter algum dos machados de pedra que se diz terem apparecido n'aquelle sitio. Em todo o caso devem ter pertencido a um povo muito antigo.

S. Bartholomeu de Messines. — O reverendo prior d'aquella freguezia enviou-me a 30 de maio de 1874 interessantes noticias respectivas a varios logares proximos. Foi quem me indicou as sepulturas excavadas nas rochas de grés do Serro do Castello, por mim verificadas em 1878; apontou mais tres logares com sepulturas quadradas, feitas de quatro lages e cobertas por outra: um d'esses grupos no serro da Fonte da Figueira, distante 300 metros a sueste da igreja; outra necropole de iguaes sepulturas, havendo n'uma d'ellas um treçado e um punhal, no Monte do Boi, junto á estrada para Silves e a 600 metros a oeste da igreja, e ainda outra necropole ao norte do serro da Portella, que fica a uns 2 kilometros a sueste da igreja, acrescentando que estas ultimas sepulturas tinham a um canto uma vasilha de louça escura.

Cada uma d'estas necropoles corresponde certamente a um logar povoado, e note-se que todos devem ter ficado a curta distancia da mina de cobre do Pico Alto, indicada na carta e descripta no volume III, pag. 57 e 58. Foi mui provavelmente esta mina que attrahiu a tão agreste escampado aquella gente n'uma epocha ou idade em que os mortos tinham por abrigo umas caixas quadrangulares de lages toscas, e como tributo de piedosa veneração uma urna de terra escura, mal cozida. Essas sepulturas, como adiante se verá, são identicas ás das necropoles mais typicas da idade do cobre, tanto na fórma e dimensões como nos conteudos.

A mina de cobre denominada o Pico Alto está distante 3 kilometros a leste de S. Bartholomeu, e por isso mui proxima das necropoles acima indicadas. O sr. Costa Sequeira, distincto engenheiro de minas, foi inspeccional-a em 1872 e notou uma corta antiga, d'onde partiam diversas excavações, estando porém entulhados todos os trabalhos primitivos. Viu, finalmente, na extremidade de sudoeste do serro e na proximidade do Monte do Pomar umas escorias provenientes de antigas fundições do minério.

A muita gente de alguns logares vizinhos d'aquella mina pedi informações, por me constar que algumas covas se tinham aberto em busca de pedaços de cobre para serem vendidos, que se dizia alli haver com abundancia, e foi n'essa occasião que um serrano me informou de ter vendido na feira de Faro a um fundidor umas *cunhas de cobre* achadas n'uma cova da mina, tendo uma d'ellas quasi palmo e meio de comprimento.

Com effeito, fallando pouco tempo depois com os fundidores de Faro, soube que algumas vezes tinham comprado machados de cobre, como escopros grossos e varias miudezas, que os rebuscadores achavam dentro das minas, mas que nada d'isso tinham já, porque umas cousas fundiam e outras vendiam, quando notavam que o metal era ruim.

D'este modo, quantos d'esses preciosos documentos locaes hão desapparecido para sempre, caíndo em mãos de tão ignara gente! Longe estão esses mal ensinados fundidores de poder avaliar o damno que hão causado, destruindo esses tão significativos vestigios das gerações que nos precedem!

Alte. — Temos agora de ir caminhando no sentido de leste, sem perdermos o resto do filão cuprifero que a curtos intervallos se vae manifestando, a fim de podermos observar, se juntamente proseguem os mesmos caracteristicos inherentes ás minas de Santo Estevão e do Pico Alto.

Do Pico Alto á mina de cobre da Atalaia de Alte correm 11 kilometros em linha recta no rumo de leste. Paremos ahi alguns momentos e examinemos o que seja visivel e já sabido.

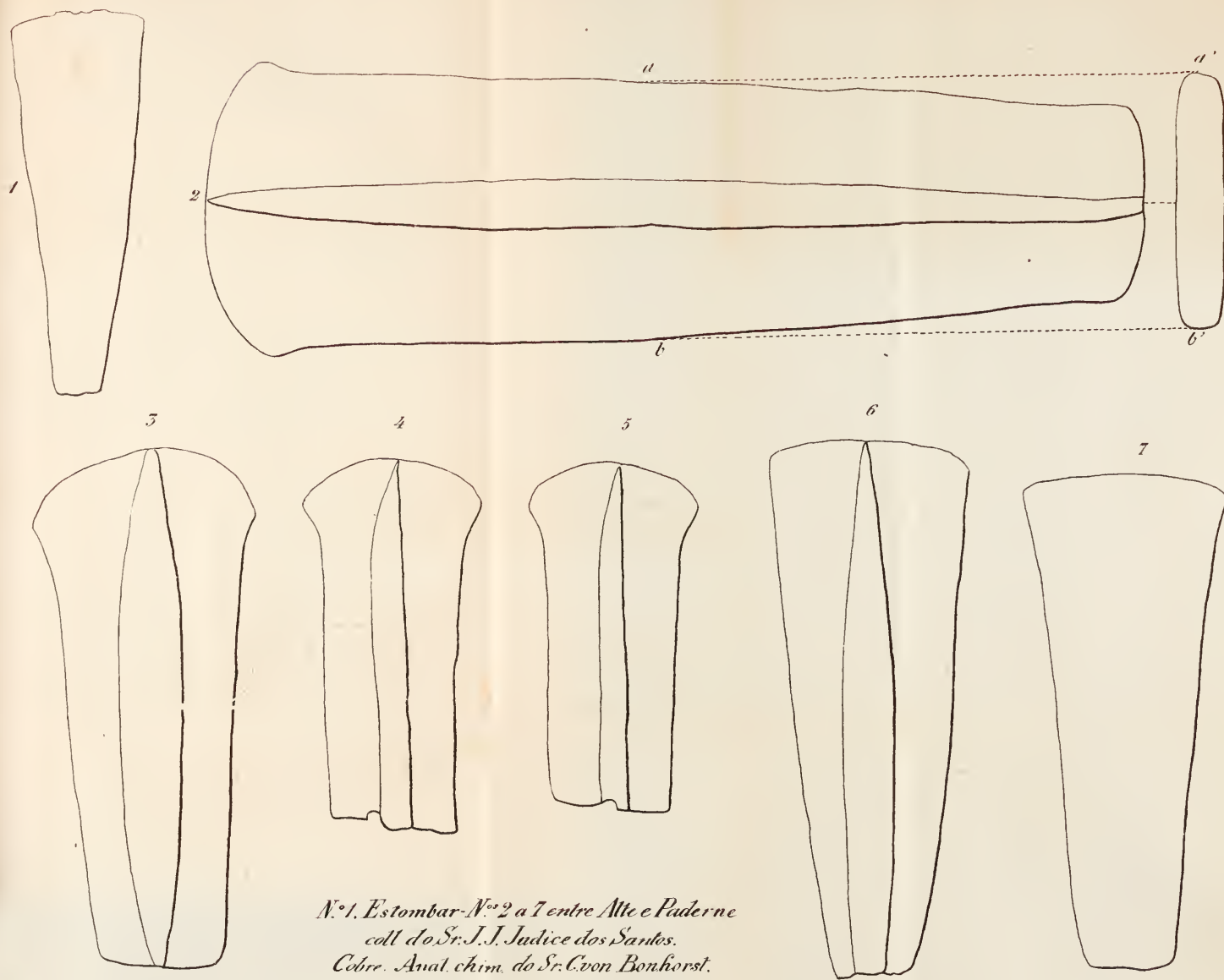
A mina de Alte é no Algarve a mais nomeada: o seu minerio de cobre é da mais subida lei que tem apparecido em Portugal, como refere o engenheiro Ferreira Braga no seu relatorio inedito, acrescentando que ella abrange um grande tracto da região central da provincia.

Em 1845 requereu o conde do Farrobo a sua concessão e parece ter parcialmente atacado muitos trabalhos antigos, sem comtudo já se poder conhecer até onde chegou, por estarem em grande parte obstruidas as passagens por muitos desabamentos. Escusado seria querer-se descobrir hoje os vestigios que aquella empreza achou das primitivas explorações. Sabe-se, porém, que os trabalhadores se apossaram de numerosos machados e de outros diversos objectos de cobre que jaziam no interior e nos terrenos externos da mina e que os venderam a peso aos caldeireiros de Faro e aos ciganos que costumam frequentar aquelles sitios, assim como a alguns collectores de antiguidades.

Uma das entradas da mina com trabalho antigo existe aberta na contiguidade da aldeia para oeste, em terreno de Francisco Leal. Quando em 1878 a observei, fui informado de que n'aquellas immediações tinham sido encontrados alguns machados de cobre e não poucos de pedra; mas n'aquella data a nomenclatura scientifica não consignava machados de cobre, porque a todos os artefactos d'este metal se dava indistinctamente a designação de bronze, como ainda actualmente usam os escriptores que defendem a idade do bronze como successora da ultima idade da pedra, e por isso não se estranhe ter eu tambem incorrido na mesma falta, tanto na carta archeologica dos tempos prehistoricos, como ainda posteriormente quando redigi o volume II d'esta obra; pois, para não destoar da linguagem corrente, cheguei a designar por bronze os machados descobertos em Alte, Fonte Santa (pag. 382) e n'outros logares, quando ainda não tinha procedido á analyse chimica d'esses artefactos, como posteriormente fiz, e por isso não era possivel então estremar as estações em que só havia cobre d'aquellas em que apparecia o bronze. Para mim acabaram, pois, essas confusões, e por isso muito lealmente denuncío aos leitores a for-

Idade do Cobre

1 2 a a' b b'

3 4 5 6 7

N.° 1. Estombar - N.os 2 a 7 entre Alte e Paderne
coll. do Sr. J. J. Judice dos Santos.
Cobre. Anal. chim. do Sr. C. von Bonhorst.

çada linguagem que algumas vezes empreguei anteriormente á publicação do terceiro volume, chamando bronze ao que era cobre, linguagem que continúa a ser usada em obras nacionaes e estrangeiras, do que resulta não se poderem ainda determinar em cada paiz as estações da idade do cobre e as da idade do bronze.

Com referencia, porém, á mina de Alte, sabe-se, com a possivel certeza, que era de cobre tudo quanto chegou á mão dos fundidores, porque fôram elles que o affirmaram, fundando-se na grande pratica que os ensinou a não confundir o cobre com o bronze.

Além d'isto, os cinco machados da collecção do sr. Judice dos Santos, figurados na est. VIII, sabe-se que fôram encontrados entre a caverna da Igrejinha dos Soidos, 1 kilometro a noroeste da mina de Alte, e a caverna do Sumidouro dos Lentiscaes, 1^{km},5 a noroeste de Paderne e quasi a 3 kilometros a sul-sudoeste de Fonte Santa, porque todos são de cobre, e fôram chimicamente analysados pelo sr. C. von Bonhorst.

Mas quem primitivamente explorou as massas cupriferas da mina de Alte? Fôram as imaginarias migrações asiaticas, que nenhum vestigio alli deixaram da sua typica civilisação, ou os indigenas descendentes das primitivas raças peninsulares?

No tracto de Alte nada, absolutamente nada, nos inculca uma influencia estrangeira, e, portanto, tudo é local.

Fonte Santa.—Fica este sitio ao sul e distante de Alte uns 1:800 metros, e é indicado na carta dos tempos prehistoricos por uma necropole composta de muitas sepulturas ou cistos de fórma quadrangular e de outras dimensões, em que duas lages toscas e parallelas marcam os topos, e outras duas os lados, sem regular uniformidade de orientação. Acham-se quasi sempre n'aquelles cistos ossos partidos em diminuta quantidade, uma pucara de bôjo dilatado ou escudella pouco funda; mas apparecem tambem alguns com instrumentos de pedra e de cobre. Não se devem, porém, confundir estas typicas sepulturas, em que principalmente impera o rito da exhumação, com as que da epocha romana se

encontram em terrenos proximos, nos Mortorios, na azinhaga do Monte Julia, entre Alte e Benafins, e n'outros logares [1].

Quando em 1878 fui ao sitio da Fonte Santa, disseram-me varios informantes que havia já muitos annos tinham aquellas caixas de pedra sido revolvidas e que d'ellas saíram muitas cousas de cobre, que os rebuscadores venderam nas feiras aos caldeireiros, e foi esta a razão principal que me levou a desistir das excavações que tencionava mandar fazer.

Presumo, porém, haver ainda intactos alguns d'esses jazigos.

---

[1] O dr. E. Hubner, dando uma noticia geral dos dois primeiros volumes d'esta obra (*Deutsche Litteraturzeitung*, n.º 23, pag. 837 de 9 de junho de 1888), comquanto engrandeça o meu trabalho, assim como outros modestos serviços com que tenho podido concorrer para o conhecimento das antiguidades d'este paiz, e me dirija expressões de superior consideração, certamente immerecidas, ao passo que entende *serem exactas e de confiança* as minhas explicações, parece não ter ficado inteiramente convencido de que ao periodo neolithico pertençam os machados de pedra, as lanças e frechas de silex, os vasos de pedra (graes) e de barro, figurados nas estampas, e d'este modo não ousa asseverar que os ossos humanos, encontrados nos tumulos, dolmens, menhirs e no sólo, pertençam aquella epocha, visto terem apparecido nas mesmas localidades varios restos antigos e mais modernos (monumentos romanos e sepulturas de epochas christãs muito antigas), embora ao mesmo tempo julgue que houvesse sufficiente cuidado na delimitação dos periodos.

Logo que recebi este artigo do illustrado epigraphista, tratei de enviar-lhe os esclarecimentos que julguei mais essenciaes para o tranquillisar ácêrca das suas duvidas e mostrar-lhe que as bases da minha classificação de epochas e os processos que empregava sempre com o maior rigor, me impediam de acceitar essas duvidas tão vagamente expendidas emquanto não me indicasse especialmente os assumptos que lh'as tinham suscitado, a fim de lhe fornecer todos os esclarecimentos de que carecesse para o convencer de que, tendo empregado metade da minha vida em taes estudos, os quaes hão sido soccorridos durante muitos annos com a pratica adquirida na exploração de uma provincia inteira, a ninguem admittiria a suspeita de poder eu confundir caracteristicos prehistoricos, por mim descobertos em condições muito definidas, com os de qualquer nacionalidade historica, e por isso declarava, que as minhas classificações continuariam a ser vigorosamente mantidas e discutidas com quem as quizesse impugnar.

Ora, não me constando que o sr. dr. Hubner rectificasse as suas tão arriscadas suspeitas, cumpre-me aqui muito lealmente denuncial-as, com a segura consciencia, porém, de que não podem de modo algum, nem mesmo muito de leve, abalar as bases e processos de que me tenho servido para não poder confundir os periodos, idades e epochas, que mui cuidadosamente tenho sempre tratado de estremar.

O sr. dr. Hubner é altamente competente em assumptos epigraphicos e mesmo nos de todas as especialidades da antiguidade classica, mas com referencia aos da paleoethnologia do territorio portuguez, por emquanto não nos tem sido preciso ir estudal-os a Berlim.

Por aqui ha tambem quem saiba alguma cousa d'isso.

1

0m,163

0m,089

2

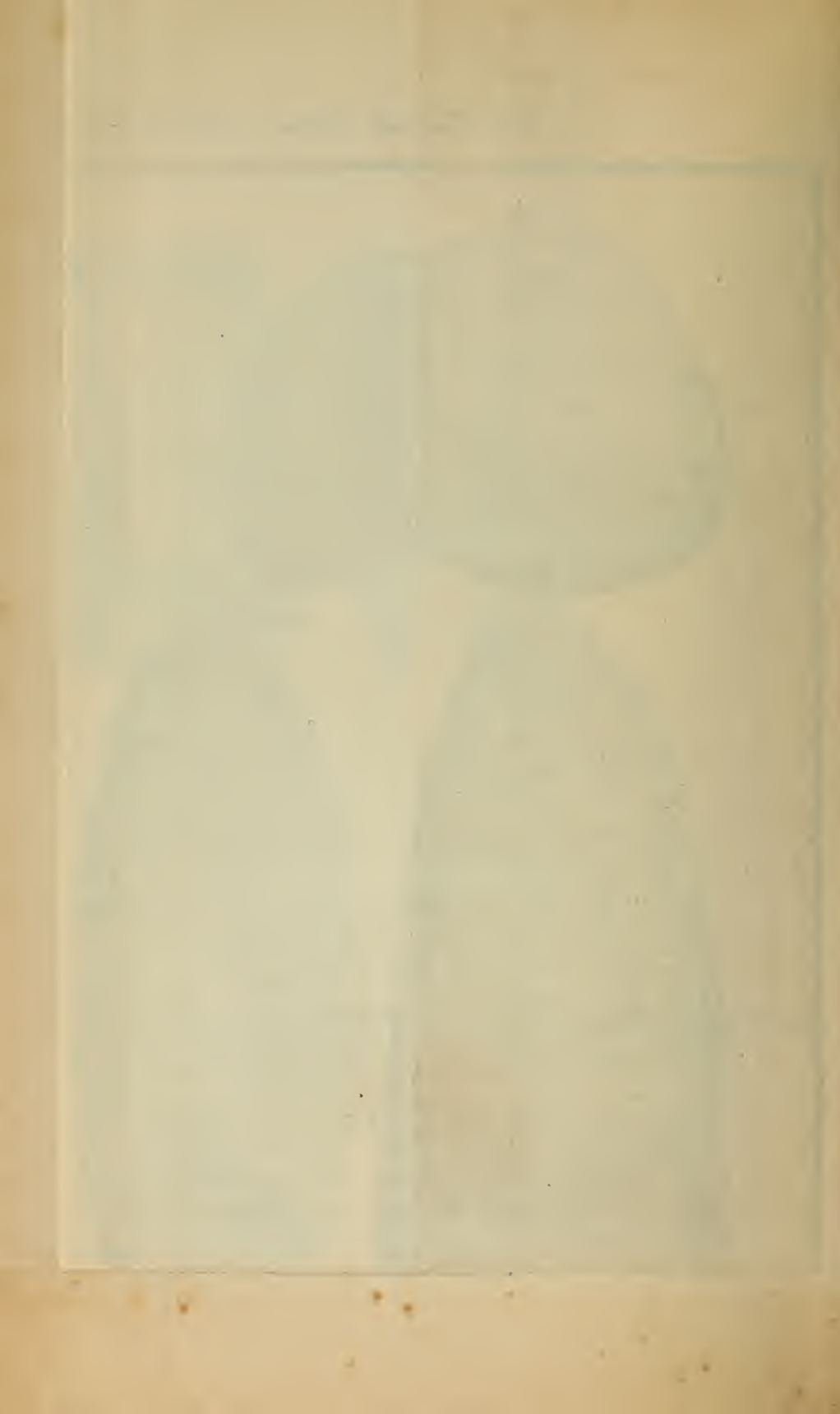
3

4

5

6

Cobre

N.º 1, Coll. do Sr. Judice dos Santos - N.os 2 a 6, Coll. do Sr. barão Maltzan, no museu de Freiburg.

pois em 28 de setembro de 1883 me communicou mui obsequiosamente o distincto geologo sr. P. Choffat, ter o sr. barão Hermann Maltzan comprado em Fonte Santa, perto de Alte, alguns instrumentos de pedra e outros metallicos, achados em terrenos de José Machado, o que foi confirmado por aquelle illustrado cavalheiro, mandando-me os esboços que figuro na est. IX, dos instrumentos de pedra e de cobre que alli obteve em 1879, actualmente existentes no museu prehistorico e ethnologico da universidade de Freiburg, como me informou por uma carta que recebi de Berlim com data de 25 de julho de 1888.

São quatro os instrumentos de pedra e um de cobre.

O n.º 1 da estampa já ficou descripto: é um percutor de diorite, achado com outros muitos no interior da mina de Santo Estêvão, perto de Silves, pertencente á collecção do sr. Judice dos Santos.

N.º 2. É um machado de quartzite schistosa, transversalmente partido, faltando-lhe o terço inferior, mui provavelmente estalado no exercicio do trabalho. É todo polido.

N.º 3. Representa com as proprias dimensões uma polida enchó de quartzite, bem conservada.

N.º 4. É um possante machado de amphibolite, de configuração ellipsoidal, lascado em toda a largura do gume cortante, deixando assim perceber que foi empregado no trabalho.

N.º 5. Escopro de fórma ellipsoidal de felsite, com a extremidade cortante obliterada.

N.º 6. Escopro de cobre de rude fabricação.

A classificação das substancias mineralogicas foi enviada ao sr. de Mattzan pela direcção do museu de Freiburg, onde se reconheceu que o escopro n.º 5 era de cobre (kupfer).

Já se sabe, pois, que dos poços, galerias e dos terrenos proximos da mina de Alte se hão extrahido muitos instrumentos de pedra e de cobre, os quaes não se póde julgar que alli fôssem empregados em trabalhos de tempos historicos, e por isso é mister admittir que fôram usados n'uma phase da vida humana, em que os homens não conheciam ainda instrumentos de maior pos-

sança, idade que não precede a da pedra polida, nem se póde considerar posterior á do cobre, visto não haver em taes depositos da mais remota antiguidade artefacto algum de bronze ou de ferro, ou qualquer outro caracteristico prehistorico dos que mais geralmente symbolisam a idade do bronze e a primeira idade do ferro.

Considero, portanto, a mina de cobre de Alte primitivamente explorada na ultima phase do periodo neolithico e continuada a sua exploração quando o minério que ella foi produzindo pôde ser aproveitado para a fabricação dos primeiros instrumentos de cobre, de que mui naturalmente se muniram os exploradores como possantes auxiliares da sua industria mineira.

Mas, para tudo isto se conseguir n'uma epocha de tão minguados recursos, era preciso decorrer muito tempo, e que primeiro que tudo os exploradores não vivessem em logares mui distantes d'aquelle centro de attracção.

Combinem agora os leitores esta necessidade, que a todos os espiritos occorre, com as tradições de occupação que já relatei no primeiro volume ácêrca das cavernas da Igrejinha dos Soidos e do Sumidouro dos Lentiscaes, e notem que a primeira dista apenas da mina de Alte para noroeste 1 kilometro e a segunda uns 3 kilometros da necropole da Fonte Santa, assim como que o sitio de Paniachos, tambem uns 3 kilometros a leste de Alte, além dos seus vestigios de rusticos edificios, cujas construcções são determinadas por linhas curvas, abunda em machados de pedra.

Tendo-se, pois, diante dos olhos a carta prehistorica, ou a critica dos factos não presta para cousa alguma, ou o conjuncto de circumstancias, que ella revela, deixa ver um centro de população neolithica, que viveu n'aquellas cavernas, no logar de Paniachos e n'outros, cujos vestigios já não existem; que descobriu, explorou e conseguiu saber aproveitar mais um producto da natureza, ao passo que, sentindo piedosa veneração pelas reliquias dos que tinham sido companheiros nas aventuras da vida, foi construir a necropole da Fonte Santa para alli depositar por exhu-

mação os restos que ainda achou nos logares em que, com os seus instrumentos de trabalho tinham sido soterrados.

Temos, portanto, em Alte e na Fonte Santa um grupo de caracteristicos identicos aos de Santo Estêvão, e cada um d'elles circumdando uma mina de cobre com attestado trabalho de exploração, que não ultrapassa a idade do cobre.

Não são, porém, elles os unicos grupos n'aquelle tracto cuprifero, que bem podem ser considerados centros de populações prehistoricas.

Paderne. —Ainda para o sul da Fonte Senta e da caverna dos Lentiscaes está Paderne, com a sua mina de manganez em Valle de Pegas, a leste da igreja uns 2 kilometros.

Não declara o illustrado engenheiro relator, sr. Costa Sequeira, se achou nos dois poços que descobriu, com 10 metros de profundidade, ou n'outros pontos da mina, alguns vestigios de trabalho antigo.

Em alguns depositos neolithicos tem sido achado o manganez com graes de pedra, permittindo assim presumir-se que seria aproveitado em tinta para as tatuagens, ou pinturas da pelle, e talvez mesmo de alguns tecidos ou artefactos de outro genero.

Fôsse, porém, explorado, ou não, o manganez de Valle de Pegas, é todavia certo que os terrenos de Paderne, abundando em instrumentos de pedra, de cobre e de bronze, como em seu logar mostrarei, é mister consideral-os como séde de população neolithica, que continuou largamente a existir na idade do cobre, chegando ainda a fazer uso de instrumentos de bronze. Habitações não lhe faltariam, tendo a aldeia de Paderne a nor-noroeste a caverna de Lentiscaes, a pouco mais de 1 kilometro de distancia, e havendo ainda numerosas cavernas excavadas nas ruas da aldeia e nos campos.

No volume II, pag. 379 e est. XIX, 2, figuro e descrevo um machado de pedra de Paderne, assim como na pag. 381 mais alguns da collecção do sr. Judice dos Santos, achados n'aquelles terrenos.

Já se vê que os caracteristicos de Paderne são identicos aos de toda a região cuprifera, devendo por isso entender-se que a população de todo aquelle territorio central era essencialmente mineira.

Com referencia a instrumentos de cobre, parece-me que, embora se saiba terem desapparecido muitos, os que vou representar na est. x, junta a esta pagina, serão sufficientes para que se deva entender que houve em Paderne uma idade, em que, se o bronze ou o ferro já estivessem em uso, não seriam fabricados tantos objectos de cobre.

Ao sr. Joaquim José Judice dos Santos pertence a frecha n.º 1 e o machado n.º 2, que ha muitos annos appareceram n'aquella aldeia, e ao sr. Antonio Joaquim Judice, residente na Mexilhoeira da Carregação, possuidor de excellentes collecções de antiguidades, pertencem todos os outros machados de cobre, os quaes fôram photographados em Villa Nova de Portimão em 14 de janeiro d'este anno de 1890, sendo todos achados na aldeia de Paderne, porventura nas numerosas cavernas artificiaes que abundam nas ruas, sob o pavimento inferior e nos proprios quintaes das casas de habitação; pois quando mandei abrir e despejar algumas, logo notei estar todo o entulho revolvido. Parece, pois, ter sido dentro do perimetro d'aquella aldeia que habitou a população neolithica e a que lhe sobreviveu na idade do cobre.

Os instrumentos vão figurados com o proprio perimetro respectivo ao comprimento, largura e espessura.

Mais adiante mostrarei estas fórmas repetidas n'outras estações da mesma idade.

D'aquella proveniencia é a placa de schisto ardoziano cinzento, n.º 11, da fórma de machado, com um orificio proximo da extremidade. É este objecto, que parece ter andado pendente como divisa ou amuleto, mui similhante ao de n.º 10, achado em Silves e pertencente ao sr. Judice dos Santos.

Finalmente, outra placa de schisto, mais pequena e que represento sob n.º 9 com as dimensões exactas, obteve em Paderne o sr. Antonio Joaquim Judice, sendo esta mais espessa do que a

duas antecedentes. Apesar de não estar completa, vê-se que era um rectangulo de schisto, arredondado n'uma extremidade, tendo a $0^m,013$ de distancia do bordo superior um sulco transversal e dois em diagonal, formando triangulos lateraes e um central com orificio. Os sulcos rodeavam toda a espessura, onde ainda ha outro vertical que os corta. Não obstante mostrar lisas as duas faces oppostas, parece este pinjente dever-se aggregar ao grupo das placas de schisto com gravuras, representadas no volume II, as quaes mostrei terem pertencido á ultima phase do periodo neolithico e ter ainda acompanhado a idade do cobre, em que inscrevo os objectos figurados na estampa.

Mina de cobre da Vendinha do Esteval. — Mais adiante, no sentido de leste, ha outro grupo, presidido pela mina de cobre da Vendinha do Esteval, na freguezia de Querença.

Não se perca de vista a carta prehistorica: note-se que a oesnoroeste de Salir restam no Serro da Pedra os destroços de um monumento megalithico da ultima idade da pedra, figurados e descriptos no volume I d'esta obra (pag. 244 a 248, est. X e XI); que a 3 kilometros a es-sueste de Salir está a caverna da Solestreira, d'onde o dr. Gadow, professor da universidade de Cambridge, extrahiu em 1885 um esqueleto humano, contas de calaïte e fragmentos de louça (vol. I, pag. 81), mostrando assim ter sido habitada; que os terrenos da freguezia de Querença, a sueste uns 2 kilometros da caverna da Solestreira, hão sido abundantes de instrumentos de pedra, e que quasi ao sul da igreja de Querença está a mina da Vendinha do Esteval, reconhecida em 1862 pelo engenheiro Ferreira Braga com trabalhos antigos, em grande parte entulhados, menos uma galeria de esgoto de uns 80 a 100 metros, e que nos entulhos havia pedaços de cobre nativo e sulphureto de cobre de tão elevado teor, que julgou serem os mais ricos que tinha visto no reino. Considerando, finalmente, identico este jazigo ao de Alte e devido á mesma emissão de porphyros e serpentinas que trouxe comsigo o cobre, indicou haver no proximo

Serro das Ferrarias, a oeste da mina, muitos escoriaes provenientes de antigas fundições.

Não se sabe ao certo se no interior da mina appareceram machados, percutores de pedra e machados de cobre, como na mina de Alte, na do Pico Alto e na de Santo Estêvão; affirmaram-me, porém, alguns trabalhadores, que nos arredores da mina da Vendinha se tinham achado *cunhas de cobre* iguaes aos desenhos que lhes mostrei, mas que todas fôram vendidas a peso ou trocadas por generos alimenticios aos compradores de metaes usados, acrescentando que muitos machados de pedra se acham tambem em toda a freguezia de Querença.

Finalmente, a mina está situada a menos de 5 kilometros ao norte de Loulé, e ao occidente d'esta villa ha muitas cavernas, das quaes indico na carta a da Esparguina, a $7 \frac{1}{2}$ kilometros, e a do Barrocalinho, a pouco mais de 4, mas que não me foi permittido explorar, e por isso não sei dizer se teriam ellas sido habitadas por aquelle povo mineiro, ou servido de abrigo aos mortos.

Ácêrca da caverna do Poço dos Mouros, na serra da Pena, não faltam tradições, assim como da que no Serro dos Soidos é denominada a Igrejinha [1].

As freguezias de Querença e de Salir abundam em machados e percutores de pedra, e certo estou de que teria obtido muitos, se tivesse podido demorar-me para explorar a caverna da Solestreira, e com maior desenvolvimento o monumento megalithico do Serro das Pedras.

A situação d'aquellas duas freguezias serranas, cortadas por muitos e ricos mananciaes de excellentes aguas e dotadas de terrenos de muita fertilidade, daria á população mineira que alli é denunciada por tantos vestigios de habitação, as principaes condições de que carece a vida de um povo laborioso.

Temos, portanto, a contar da mina de Santo Estêvão, no concelho de Silves, até á da Vendinha do Esteval, no de Loulé, e

---

[1] Veja-se a descripção das cavernas no vol. I, de pag. 72 em diante.

sempre no rumo de leste, uma dilatada região mineira, que mede em linha recta, entre os ditos pontos, uns 35 kilometros, assignalados por tantos grupos de população neolithica, quantas são as minas cupriferas com caracteristicos de trabalho prehistorico.

Quando, além do que fica expendido, nada mais houvesse n'aquelle territorio, seria levado a considerar um tal conjuncto de uniformes caracteristicos como sufficiente prova de ter alli havido uma dilatada idade do cobre, promovida pela industria mineira da população neolithica; ha, porém, muito mais, como se vae ver.

Páro agora aqui nos limites orientaes do concelho de Loulé para recomeçar da margem esquerda do rio de Portimão, como prometti, a fim de poder examinar a zona do littoral maritimo e proseguir o meu exame por todo o flanco direito do rio Guadiana.

Mexilhoeira da Carregação. — O territorio do concelho de Lagôa parece não ter sido menos povoado nos tempos prehistoricos do que actualmente é. Para se perceber que assim foi, basta olhar para a carta paleoethnologica.

Percorri aquelle concelho sem achar um unico signal de habitação, o que todavia não contradiz a significação de outros caracteristicos. É mui provavel que em alguns logares tenham sido completamente destruidos pela cultura agricola, mas que n'outros fôssem simplesmente as cavernas que abundam em grande parte da margem esquerda do rio que corre de Silves para a foz de Portimão. Uma d'ellas está a nordeste, distante apenas uns 500 passos da igreja d'aquella grande aldeia. Já a descrevi quanto ao que foi accessivel á minha observação, referindo as narrativas e tradições que colligi n'aquelles sitios[1].

Uma das crenças populares da localidade é que, quando os christãos tomaram o castello de Silves, os mouros vieram refugiar-se nas cavernas da margem do rio, e que alli viveram bas-

---

[1] Veja-se o vol. I, pag. 64 a 66.

tantes annos; pois muitas cousas que *elles deixaram*, têem sido achadas por varias pessoas.

Um trabalhador já idoso contou-me que, quando era moço, não poucas vezes entrou no caverna das duas portas com alguns companheiros, e chegou até uns logares em que havia fôjos ou abysmos, que já ninguem póde ver, porque as passagens estão tapadas com grandes pedras pelos pastores, temendo que o gado dos rebanhos se perca em meio da escuridão. Lembrava-se de ter passado por muitos corredores e de ter visto casas lindissimas com os tectos formados de *bicos de uma pedra de agua* (stalactites), de ver muitos pedaços de louça de barro, e que os morcegos eram tantos, que vinham caír sobre as luzes que levavam os rapazes. Contava, emfim, que um parente seu, revolvendo um monte de conchas de marisco, achou umas cousas de cobre, que não sabia dizer o que eram, porque tudo isso se passou ha muitos annos.

É, porém, certo que no proximo sitio do Mexilhão têem apparecido muitos instrumentos de pedra; cinco possue o sr. Judice dos Santos, e um d'elles é o que represento com o n.º 1 na est. XVII do vol. II.

Estombar. — Esta aldeia, a curta distancia da Mexilhoeira, tem fornecido caracteristicos prehistoricos e historicos de varias epochas. São numerosos os instrumentos de pedra achados nos seus campos. O sr. Judice dos Santos possue os machados, escopros e enxós que descrevo no vol. II, pag. 371 e 372. Um d'elles é o que represento com o n.º 3 na est. XVII.

A este caracteristico neolithico succede o da idade do cobre, representado por alguns machados d'este metal, de que o sr. Judice dos Santos possue o exemplar que vae indicado na est. VIII com o n.º 1, o qual manifesta no corte uns ligeiros sulcos. Em 1878 vi outro mui possante em casa do sr. dr. Gaivão, alli residente, e soube então que muitos mais têem apparecido.

Póde-se entender que a população primitivamente neolithica continuou a subsistir n'aquelles terrenos, onde tambem se hão

manifestado machados de bronze, de que darei noticia no capitulo seguinte, e até excellentes caracteristicos da primeira idade do ferro.

E porque não havia de ser assim, se a lei que rege o progresso das sociedades modernas nasceu com as sociedades primitivas?

Ferragudo. — Não podia ter escapado á gente antiga a famosa situação da actual aldeia de Ferragudo na propinquidade do flanco esquerdo do rio de Portimão, a curta distancia da foz, e na contiguidade de productores terrenos. Outro qualquer povo, menos esquecido do que deve á fama das suas grandezas, a teria transformado em prospera cidade.

Os romanos já alli acharam uma população que tinha edificios, cujo material aproveitaram na construcção das suas luxuosas residencias, decoradas de bellos mosaicos, como tambem se observam na encosta da collina em que assenta o forte de S. João; e não se cuide que essa gente sería originariamente saída de Carthago, porque aquelles phenicios africanos e os seus antecessores não usavam certamente os machados de pedra que alli apparecem com mais ou menos frequencia, e no seguimento d'aquella costa maritima, em que jazem os arruamentos de Porches Velho sobre a enseada occidental do Cabo Carvoeiro, até o pittoresco isthmo, onde, com columnas e capiteis romanos, foi edificada a ermida da Senhora da Rocha e a bateria que lhe serve de parapeito na propinquidade do oceano.

Os machados de pedra proseguem até á foz do rio, sendo das proximidades da Ponta do Altar o que alli mesmo comprei e figuro no vol. II, est. XVII, n.º 3.

Bemparece. —Assim se denomina, no concelho e freguezia de Lagôa, um sitio a oes-sudoeste e distante da igreja 1 kilometro. Em terrenos de D. Carolina Bentes Castel Branco ha uma necropole de sepulturas quadradas, formadas de quatro lages toscas cravadas no chão, contendo ossos humanos e louça prehisto-

rica. Por uns trabalhadores do campo fui informado de haverem apparecido em logares proximos muitas *pedras de raio,* e mostrando-lhes alguns desenhos dos machados de cobre, logo os reconheceram, affirmando ter visto alguns que fôram achados em covas abertas para plantação de arvores, mas não me souberam dizer que destino tinham tido.

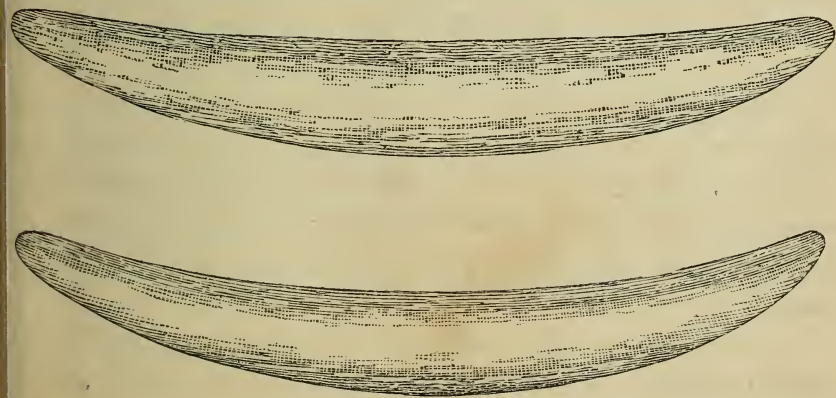
Não consta haver por alli vestigios de habitações correspondentes áquellas sepulturas, e não é provavel que os constructores se servissem das cavernas da margem do rio, distando ellas da necropole 3 e 4 kilometros. Julgo mais verosimil que os trabalhos ruraes tenham completamente destruido os assentamentos de taes vivendas.

Lagôa.—Não deixo de presumir que esta villa fôsse edificada sobre os restos de um antigo centro de população, e que alli mesmo residissem os constructores da necropole do Bemparece; pois é o que tenho observado, não em Lagôa, mas n'outras villas e cidades, quando me tem sido preciso abrir córtes mais ou menos fundos para reconhecer as cotas dos planos em que viveram successivas populações, que mui claramente se distinguem por seus especiaes caracteristicos; e fundo principalmente este conceito no facto de terem apparecido no interior da villa muitos machados de pedra, assim como nos proximos logarejos de Loubite e Quintão, a nordeste, o primeiro a 2 e o segundo a 3½ kilometros. Alguns d'esses machados ficaram descriptos no volume II (pag. 373 a 376) e representados nas est. XVII e XVIII.

Porches Velho.— Assim era denominada uma grande e antiga povoação, situada a pouca distancia do Cabo Carvoeiro, que o tremendo terremoto de 1755 quasi inteiramente arrazou, destruindo-lhe em poucos momentos duzentos trinta e oito predios de casas e um forte castello mourisco, talvez em grande parte levantado sobre muralhas de mais remota data.

Silva Lopes, na *Chorographia do Algarve,* diz haver alli antigos sarcophagos, e, com effeito, visitando em 1878 os restos

d'aquella importante povoação extincta, me communicou o sr. Manuel Verissimo Cabrita, um dos principaes lavradores da localidade, que na propriedade da sua residencia tinham os trabalhadores algumas vezes achado sepulturas quasi quadradas, feitas com lageado tosco, e que dentro d'ellas havia pedaços de ossos, vasilhas de um barro escuro muito ordinario, cunhas e outros objectos de cobre, a que já me referi no vol. II (pag. 377) com a designação de bronze, para d'este modo não faltar á nomenclatura adoptada. N'aquelle sitio ha noticia de terem apparecido muitos machados de pedra; o sr. Cabrita chegou a reunir alguns, e lembrava-se de ter tambem guardado um de cobre; mas buscando-os em varios logares da sua casa, só conseguiu achar um de rocha quartzosa, todo polido, que logo me offereceu muito amavelmente, mostrando-se pezaroso de não encontrar mais nenhum. É o que foi figurado com o n.º 2 na est. XVIII do vol. II.

É muito notavel, e não menos enygmatico, um corpulento artefacto de pedra, achado em Alporcinhos, mui perto da Mexilhoeira da Carregação. Parece representar uma secção do disco lunar, o arco de propellir a frecha, ou ainda um assentador de tecidos de linho ou de esparto. A corda da arcatura mede 1^{m},07 e o diametro na espessura central do instrumento 0^{m},15. É muito pesado, inteiramente polido e sem uma unica falha que permitta o reconhecimento da rocha. Foi achado em excavação de trabalho

rustico e não se sabe se dentro de alguma sepultura, se isolado ou acompanhado de mais algumas cousas. Felizmente os excavadores gostaram do feitio do objecto e por isso não o destruiram. Escapou milagrosamente de ser partido, como fizeram uns trabalhadores de Alportel a um excellente polidor de schisto crystallino aphanitico, *para ver se dentro tinha algum ouro!*

O culto da lua presume-se que já existiria na ultima idade da pedra: assim o deixou entender o monumento da Folha das Barradas, dentro da quinta regional de Cintra, onde Carlos Ribeiro, entre preciosas adagas de silex, louças muito rudimentares e outros objectos, achou um artefacto de calcareo branco subcrystallino, de fórma pyramidal, mas cortado por uma secção vertical, que ficou plana e lisa, como se fôsse para adherir a uma lage, tendo porém em meio de varios ornatos um relevo, que representa a meia lua ou a lua no crescente, indicando d'este modo ter sido um symbolo de culto religioso, e não uma clava, como propôz o descobridor[1], e de modo algum arma ou instrumento de trabalho, sendo de tão branda substancia.

O arco poderia ter sido um outro symbolo religioso; pois se o machado de pedra, a faca e a frecha de silex tinham veneração especial, como deixaria elle de tel-a, sendo companheiro inseparavel, protector e defensor do homem no exercicio da caça e nas luctas da guerra?

Não poderia ter sido possante assentador para sobre lage bem alisada abater as asperezas de grosseiros tecidos?

Se nada d'isto foi, passou a ser um enygma, talvez companheiro ou mui vizinho da necropole de Porches Velho.

No museu da commissão geologica ha tres instrumentos de marmore branco mui bem polidos, achados no concelho de Mafra, mas sem indicação de jazigo. São todos achatados, dando porém o seu córte transversal uma ellipse. O maior forma no terço central um rectangulo da largura de $0^{m},055$, que gradualmente de-

---

[1] Carlos Ribeiro — *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos* — 1880 pag. 83, fig. 87.

cresce para as extremidades, que são arredondadas, até 0^{m},032 e mede de comprimento 0^{m},35. Outro, do comprimento de 0^{m},267 e da largura de 0^{m},042, é mui similhante ao primeiro, mas nos dois terços terminaes, as linhas convergentes de um lado desenvolvem maior curva do que no outro. Finalmente, o terceiro instrumento, que mede de comprimento 0^{m},332 e de largura central 0^{m},050, tem mui approximadamente a configuração curvilinea do de Alporchinhos, com a differença de ser este de figura biconica e de descrever o seu eixo longitudinal um arco, cuja corda tem a extensão de 1^{m},07.

A fig. 1.ª da pag. 97 representa o de Mafra e a fig. 2.ª o de Alporchinhos.

É possivel acharem-se ainda alguns vestigios d'estes instrumentos em condições taes, que deixem melhor perceber a applicação que tiveram. As proprias conjecturas que expendi, se alguem as quizer atacar, não as defenderei.

Crastos. — São numerosos os instrumentos de pedra que hão sido achados n'aquelles terrenos, entre Porches Velho e a ermida da Senhora da Rocha. Visitei aquelle pequeno povoado em 20 de dezembro de 1877, e n'essa occasião apenas consegui obter o machado polido de quartzo, que represento com o n.º 3 na est. XVIII do vol. II. Vê-se, pois, que a população neolithica occupou todo aquelle sitio e que continùou a utilisal-o na idade do cobre, a que devem pertencer as typicas sepulturas quadradas que alli se acham, construidas com lages toscas, postas a prumo em fórma de caixa. Um dos informantes, tendo visto nas sepulturas muitos pedaços de ossos, chegou a imaginar que eram partidos de proposito para poderem caber n'aquellas caixas de pedra, e estava convencido de que seriam de mouros, *porque só elles eram capazes de tratar assim os defuntos!* A idéa desfavoravel que o povo rustico ainda forma dos chamados mouros, póde-se julgar devida á falsidade com que os chronistas e outros diversos fanaticos trataram sempre de fazer odiar a propria memoria de uma civilisação, que por tantos titulos distinctos merece ainda hoje a admi-

ração dos que conhecem o misero estado de decadencia a que chegaram as sociedades peninsulares com as invasões barbaricas do norte.

Note-se agora que as necropoles de Bemparece, de Porches Velho e Crastos abrangem ainda vestigios neolithicos das duas margens do obstruido rio de Alcantarilha e da freguezia de Algoz, onde a curto espaço da igreja, no Serro de Gucina, existe uma caverna, que affirmam ser das maiores do Algarve, como diz Carlos Bonnet na sua memoria geographica e geologica, publicada em francez pela academia real das sciencias em 1850, e me informaram os homens que me acompanharam a um reconhecimento que fui fazer nos proximos terrenos a oeste e a leste do Barranco Longo e da ermida da Senhora do Pilar, ao sul de Algoz, referindo-se uns ás noticias que davam as pessoas antigas de ter sido n'aquella caverna que se refugiaram os mouros quando o castello de Porches foi tomado pelos christãos, e outros ás numerosas pedras do feitio de bolas, que ainda apparecem espalhadas nas terras, com que elles atiravam do alto das muralhas, dando ao mesmo tempo noticia de muitas pedras de raio que por alli appareciam, principalmente no tempo das sementeiras.

Nada posso, porém, affirmar ácêrca da caverna de Algoz, nem das grutas das Gralheiras ou das furnas da Orada e da Praia, que guarnecem os terrenos de Albufeira, porque o governo não auctorisou este estudo especial. Observa-se, porém, como a carta prehistorica indica, que todo o tracto de terreno occupado pelas freguezias de Algoz, Alcantarilha, Pera e Albufeira, denuncía mui esparsos vestigios de occupação na ultima idade da pedra, como com todas as probabilidades teria revelado os da idade do cobre, se tivesse sido explorado em conformidade do meu programma de trabalhos, tantas vezes alterado pelos prazos fataes que me eram impostos.

Bastaria ter á vista a carta, para se notar promptamente a ausencia de necropoles da idade do cobre entre Crastos e Santa Barbara de Nexe, sendo a distancia que separa os dois pontos tomada em linha recta, não inferior a 40 kilometros.

Correndo esta linha tão extensa de oeste para leste por todo o dilatado tracto da região cuprifera central, e tendo ao norte as minas de Santo Estevão, do Pico Alto, da Atalaia de Alte e a da Vendinha do Esteval, todas com instrumentos neolithicos e de cobre, não é crivel ter ficado completamente excluida de caracteristicos da idade do cobre. A carta não os accusa, porque não me deram tempo sufficiente para os descobrir. Alguma cousa d'isso ha de ir apparecendo n'estes cincoenta annos mais proximos, á medida que aquelles terrenos fôrem sendo excavados para a plantação de vinhas e figueiras. A sciencia que espere emquanto se trata do *aperfeiçoamento* das bellas artes...

A estação, a que vou agora referir-me, poderá mostrar talvez se os reparos, que tenho feito, são ou não fundamentados.

Santa Barbara de Nexe.—A uns 1:200 metros, quasi ao norte da igreja, está situada, segundo as informações que me deram, a caverna de Matos da Nora. Não a vi, nem sei se tem sido rebuscada. Sei que João Nunes Faria[1], natural d'aquella freguezia, e meu fiel apontador em todos os trabalhos do reconhecimento geral do Algarve, me affirmou ter visto em alguns sitios uns pequenos grupos de sepulturas quadradas, mas que não sabia o que continham, porque, no tempo em que as viu, não se fazia caso de taes descobrimentos. Contava, porém, que os machados de pedra appareciam muitas vezes nas encostas da serra de Santa Barbara e até nos valles proximos.

Esta noticia vi eu depois confirmada no museu mineralogico

---

[1] O canteiro João Nunes Faria, que foi sempre mui zeloso e intelligente apontador durante os trabalhos do levantamento da carta archeologica, já não existe. Pouca gente podia competir com elle no conhecimento do territorio do Algarve. Ás incessantes diligencias d'esse homem de grande prestimo devo a acquisição de muitos monumentos e de numerosos objectos por elle obtidos para as minhas collecções. Muitas cousas importantes teria eu ficado ignorando, se não o tivesse tido ao meu lado, e por isso me julgo imperiosamente obrigado a dedicar estas poucas palavras em memoria d'esse honrado operario, a quem devi constantes provas da mais leal dedicação. Não merecia o triste destino que lhe consumiu a existencia.

da escola polytechnica de Lisboa, onde existe um machado de pedra, encontrado na referida freguezia por Joaquim Duarte, antigo collector da secção de mineralogia.

Igual confirmação me deu a este respeito o sr. Judice dos Santos, referindo-me ter-se alli descoberto n'uma occasião vinte e dois machados de pedra de 8 a 12 centimetros de comprimento, e um de cobre, de que fez acquisição, o qual vae figurado na est. x, sob n.º 13, com as suas exactas dimensões, tendo sido chimicamente analysado pelo sr. Bonhorst, assim como todos os da mesma estampa. Finalmente, alguns dos trabalhadores da freguezia de Santa Barbara, que concorreram ás proximas excavações das ruinas de Ossonoba, no Milreu, me informaram de ter visto algumas cunhas de cobre, parecidas com os desenhos que lhes mostrei, achadas soltas nas terras lavradas, nas proximidades de uma grande pedreira, que é explorada desde antigos tempos e d'onde tem ido material para as construcções de Faro e de outras terras.

As sepulturas quadradas, os numerosos machados de pedra e de cobre, achados nas proximidades das pedreiras de lavra antiga e da caverna de Matos da Nora, são indicios indiscutiveis de uma população que alli viveu n'um tempo em que tinham uso aquelles instrumentos de trabalho, sendo mui provavel que a caverna tivesse sido um dos seus abrigos de habitação. Não apparecendo, pois, com os instrumentos de pedra e de cobre, alguns de bronze ou de ferro, com feição prehistorica, entendo poder-se alli indicar uma estação da idade do cobre, á qual só é licito referir os pequenos grupos de sepulturas quadradas, de que ha noticia fornecida por habitantes da localidade.

Milreu. — É o nome da quinta do sr. Manuel José de Sarrea Tavares Garfias e Torres, na freguezia de Estoi, em que puz á vista notabilissimos edificios da outr'ora opulenta Ossonoba (Osso-Noba ou Nova-Osso)[1].

---

[1] Interpretação inédita do meu erudito amigo sr. João Bonança, auctor da *Historia da Luzitania e da Iberia*.

As amplas explorações que fiz n'aquella quinta deixaram ver que a extincta cidade havia levantado os seus edificios monumentaes sobre os restos de outras populações mais antigas; pois alli, em cotas inferiores ás dos pavimentos romanos, appareceram uns instrumentes de pedra e outros de bronze, que indicarei no capitulo seguinte.

A igreja de Estoi fica a leste da de Santa Barbara uns 5 kilometros.

Monte do Castello. — Está situado a nordeste e distante 1 legua metrica da igreja de Estoi.

Muitas são as sepulturas quadradas que hão sido achadas n'aquelles terrenos elevados, contendo ossos e louças escuras, mal cozidas e de rude trabalho, assim como varios artefactos de cobre, cunhas e espigões bipontagudos, que não existem já em poder dos lavradores; mas um proprietario do Monte do Castello, chamado Manuel José, guardava ainda um d'esses objectos, que em maior grau tinha attrahido a sua attenção, e com a mais generosa bondade m'o mandou offerecer por João Nunes Faria. É a preciosa adaga de cobre, que vae figurada com o n.º 14 na estampa antecedente com o n.º x, chimicamente analysada pelo insigne chimico allemão, sr. C. von Bonhorst. Não quiz mandal-a reduzir pela photographia para poder apresental-a com as suas proprias dimensões.

O sr. Cartailhac[1] estampou esta adaga na sua obra (pag. 216 sob n.º 286), mas por equivocação attribuiu-a ao monumento do Serro do Castello, em Almada do Ouro (pag. 212, fig. 274); estava, porém, em duvida se seria de cobre ou de bronze, duvida que já não existe, porque é de cobre. Mede 21 $^1/_2$ centimetros de comprimento total; a lamina é prismatica nas duas faces e a parte plana tem dois orificios lateraes por onde foi cavilhada a

---

[1] *Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal.*

um punho de osso ou de madeira, deixando ainda conhecer até que altura chegou, por ter ficado com diversa côr.

Mais adiante, em vista das plantas de algumas necropoles, haverá occasião de se ficar percebendo que os orificios, na base das armas de cobre achadas em sepulturas quadradas, são caracteristicos que só começam a manifestar-se em jazigos onde não ha bronze nem ferro, e por isso inscrevo as sepulturas do Monte do Castello na idade do cobre.

Note-se agora, que a pouco mais de 1 kilometro para leste está o sitio da Mestra, uns 3 kilometros para nor-nordeste de Alcaria, tendo em ambos apparecido machados de pedra, assim como em S. Braz e Alportel, e que a pouco mais de 4 kilometros, no rumo de es-nordeste, começa a região cuprifera das minas da Pedra do Leão e da Malhada do Nobre, na freguezia de Santa Catharina, pertencente ao concelho de Tavira, d'onde obtive bellissimos exemplares de rica pyrite de cobre.

Todos esses pontos, pois, que á primeira vista podem parecer isolados, é mister consideral-os mutuamente dependentes entre si e referil-os á mesma epocha em que quasi todas as minas de cobre do Algarve mostram ter sido primitivamente exploradas com instrumentos de pedra, fieis caracteristicos de todos os logares assignalados com trabalho de data immemorial e com aquellas typicas sepulturas, onde elles tambem apparecem, como no interior e nos terrenos proximos das minas, não raras vezes acompanhados de instrumentos de cobre e sem artefacto algum de bronze ou de ferro.

Considero, portanto, o Monte do Castello como estação typica da idade do cobre e pertencente a uma população mineira que occupou os referidos pontos nas actuaes freguezias de Santa Barbara, Estoi, S. Braz e Santa Catharina.

Amendoal, Marim e Bias.—Não posso julgar que ao trabalho das minas concorresse toda a população neolithica; noto numerosos pontos, principalmente no littoral maritimo, onde não ha minas, com accumulados vestigios d'esse immenso periodo, a que

pertencem muitas estações e monumentos ricamente abastecidos de variado peculio industrial, havendo alguns que manifestam artefactos metallicos correspondentes ás diversas phases da evolução ordinal dos tempos, que é mister saber estremar para não haver confusão de epochas.

Outras seriam as occupações dos habitantes d'esses logares, pois já então não faltavam industrias e cargos: havia agricultores, pescadores, marisqueiros, caçadores de monteria e volateria, fabricantes de armas, bem como de instrumentos de pedra e de osso, oleiros, cavouqueiros, conductores de material de construcção, architectos, constructores, joalheiros que fabricavam braceletes de conchas e de pedra, collares de contas de pedra, de madeira, de conchas, de ambar e de vertebras de peixe, alfinetes de osso e marfim de segurar o penteado, pinjentes e amuletos, desenhadores, esculptores e gravadores, polidores de pedras rijas, fabricantes de taças de marmore, tecelões, tintureiros, padeiros, forneiros, manipuladores de lacticinios, de bebidas fermentadas, de oleos, alparcateiros, sombreireiros, alfaiates, pelleiros, cortadores de lenha, carniceiros, cozinheiros, mezinheiros, ideologos, theurgicos, sacerdotes dos cultos, chefes, guerreiros, letrados, artistas, calligraphos, lapidarios epigraphicos, libitinarios, professores, oradores de comicios, politicos, grandes senhores, conselheiros e muitos brutos com varios prestimos.

Tendo já descripto no vol. II (pag. 386 a 388) os caracteristicos neolithicos que descobri n'um plano muito inferior ao dos pavimentos romanos do Milreu (Ossonoba), os do proximo sitio do Amendoal (pag. 390), e os de Marim (pag. 391), aos quaes devo addicionar um machado de pedra encontrado no pavimento de uma caverna artificial das que se julga terem sido celleiros de mouros, passarei ao sitio de Bias, no concelho de Olhão, e freguezia de Moncarapaxo.

Na Canada de Bias, entre o muro da fazenda do padre Lourenço e o da de José Novaes, 40 metros ao norte da berma da estrada real de Faro para Tavira, ficando-lhe o primeiro muro a leste e o segundo a poente, explorei uma sepultura quadra-

da, contendo pedaços de ossos e fragmentos de louça prehistorica, de que levantei a planta que vae figurada na est. IX, sob n.º 1. Não achei objectos metallicos, mas fui alli mesmo informado de que n'aquella fazenda, n'outras proximas e no caminho para o poço da Amoreira, hão sido destruidas outras muitas similhantes sepulturas com ossos, louças [1], *pedras de raio* e *cousas de cobre, parecidas com lancetas de sangrar gado*, promettendo um dos informantes trazer uma que tinha em casa e tambem uma pedra de raio; mas como não podia demorar-me n'aquelle sitio, nada d'isso cheguei a obter.

Em vista de taes informações, julgo ter havido n'aquelles sitios mais de uma necropole na idade do cobre, por não ser provavel que uma só abrangesse tão amplo espaço, e consequentemente uma população muito proxima das praias do oceano, cujos vestigios de habitação podem já ter sido destruidos, ou ficado sepultados nas areias do littoral.

MONCARAPAXO. — Esta rica aldeia está situada a nor-noroeste e distante de Bias uns 3 kilometros. Já no vol. II (pag. 391) referi, que no proximo Serro da Cabeça, em altitude de 246 metros, estão as cavernas denominadas o *Abysmo*, *Ladroeira Grande* e *Ladroeira Pequena*, tendo a primeira fornecido muitas cousas deixadas pelos *mouros* (vol. I, pag. 83 a 85).

Os conhecedores praticos d'aquella montanha, mui digna de varios estudos, dão noticia de terem alli apparecido, e em sitios proximos, muitos machados de pedra, assim como em 1868 muitas sepulturas, quasi quadradas, na fazenda de José Catharina; no Serro de Argil; na Foupana, em 1875, n'uma propriedade de Antonio Palermo, e na rua dos Parreirões, em fazenda da viuva de Francisco Pacheco.

Na aldeia tambem têem sido achados alguns machados de pe-

[1] No museu do Algarve deixei alguns fragmentos das louças de Bias.

Est. VI

Idade do Cobre

1
N.

3
OSO.

4A

6A

4
NNE

5A

5

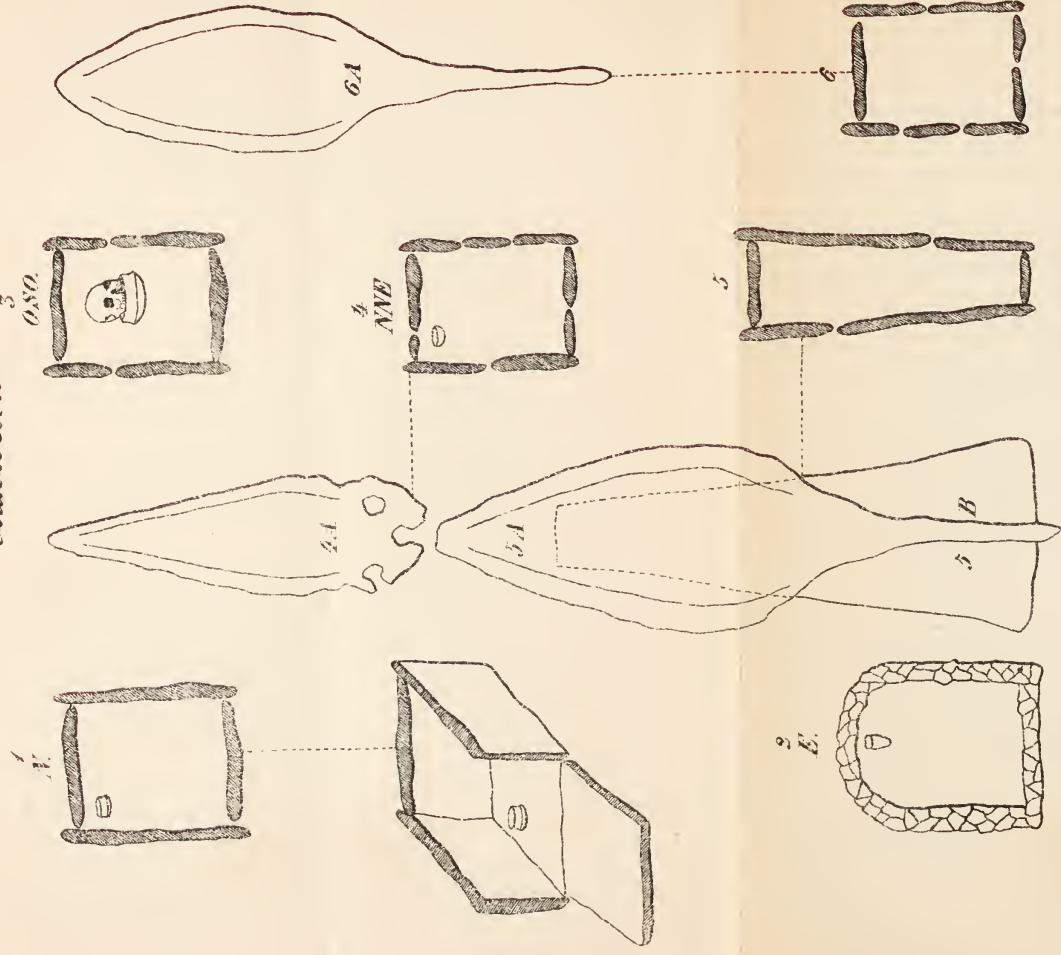
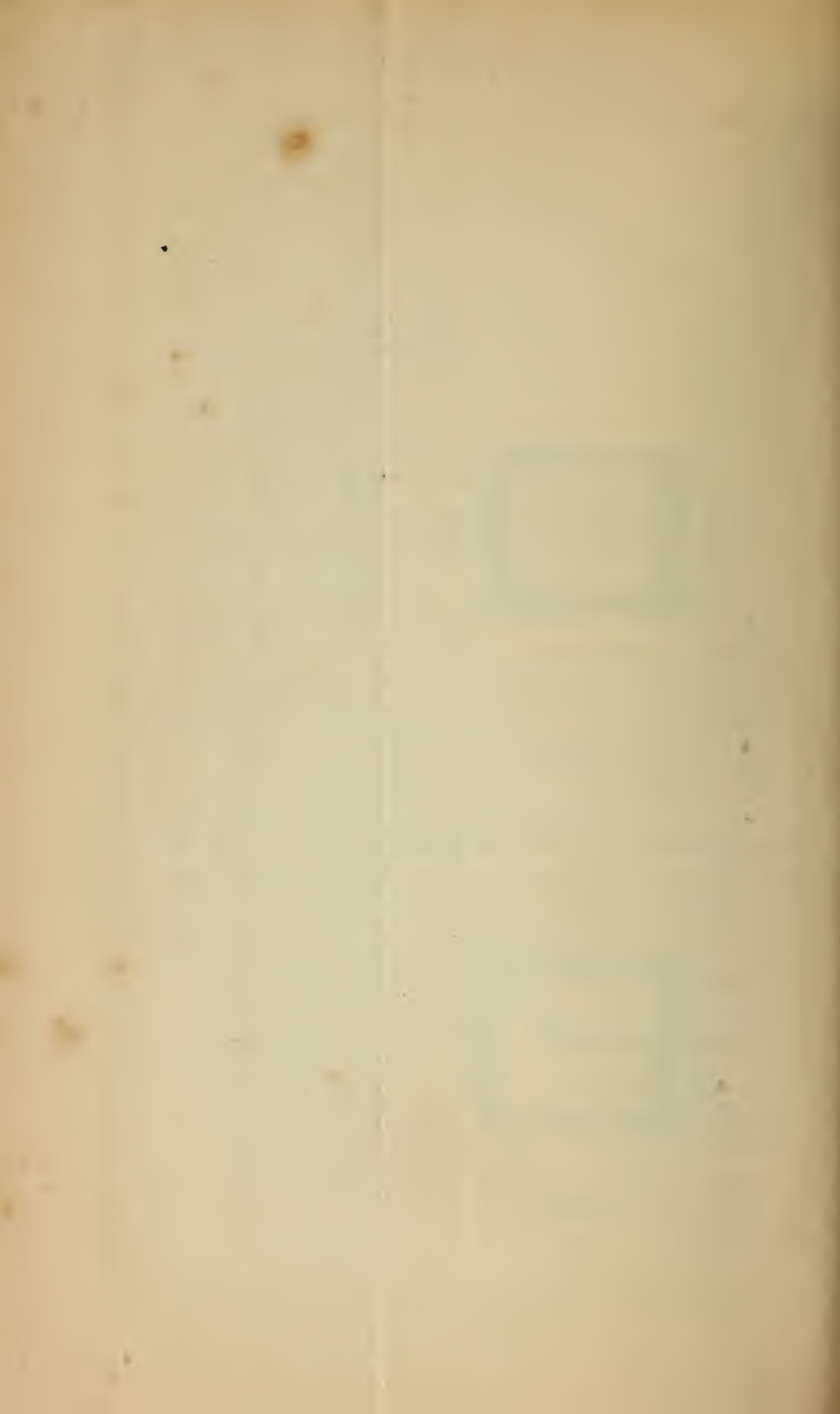
2
E.

5 B

6

Sepulturas — Escala 1:40 = Armas de cobre, dimensões exactas.

1 - Bias (Conc.º de Olhão). 2 - Torre dos Frades (Conc.º de Vª Rªl). 3 - Serro de Alcaria (Conc.º de Vª Rªl). 4 e 4A - S. Bartholomeu (Conc.º de Castro Marim) 5, 5A e 5B Odemira 6 e 6A - Vª Nª de Milfontes.

4A Coll. de Estacio da Veiga. 5A e 6A - Museu da Commissão Geologica

dra, dos quaes obtive dois, um que comprei e outro que me foi offerecido pelo oleiro Manuel Joaquim.

Além dos machados de pedra, não se diz quaes fôram as outras cousas deixadas pelos taes *mouros* que usavam instrumentos de pedra e machados de cobre, que aquella gente camponeza tambem se lembra de ter visto; deve-se, porém, entender que essas sepulturas não ficariam a grande distancia dos logares povoados, os quaes mais provavelmente seriam os que appareceram assignalados com os machados de pedra que havia no cimo d'aquella extensa montanha, que mede de leste para oeste uns 6 kilometros contados entre o Monte do Thesouro e a aldeia do Jordana, onde estão á vista, no rumo de oeste, uns outeiros de configuração mammilar, deixando presumir a existencia de monumentos mortuarios ainda intactos, mas que não tive tempo de mandar cortar.

Tudo leva, emfim, a crer que aquella região de Moncarapaxo abrange uma larga occupação neolithica, succedida por uma phase da vida d'aquelles povos em que o cobre já estava sendo manipulado; pois logo um pouco mais adiante, perto de Moncarapaxo e de Bias, apparece este metal representado por duas adagas ou facas, como se vae ver.

Antas. — No vol. I (pag. 104 a 107) dei noticia d'este importante logar da região balsense, onde o nome e muitos caracteristicos da ultima idade da pedra deixam presumir que alli tivesse havido algumas antas ou dolmens, cujos monolithos fôssem aproveitados nas grandiosas construcções de Balsa, de que restam ainda á vista e a pouca profundidade da superficie dos terrenos d'aquella quinta e das que lhe são contiguas, denominadas Torre de Ares e Pedras de El-Rei, numerosos paredões de famosos edificios arrazados, assentes n'um plano pouco mais baixo, em que têem apparecido muitos machados, percutores e outros instrumentos de pedra, como significando a séde de uma população neolithica, que continuou a viver na primeira idade dos metaes.

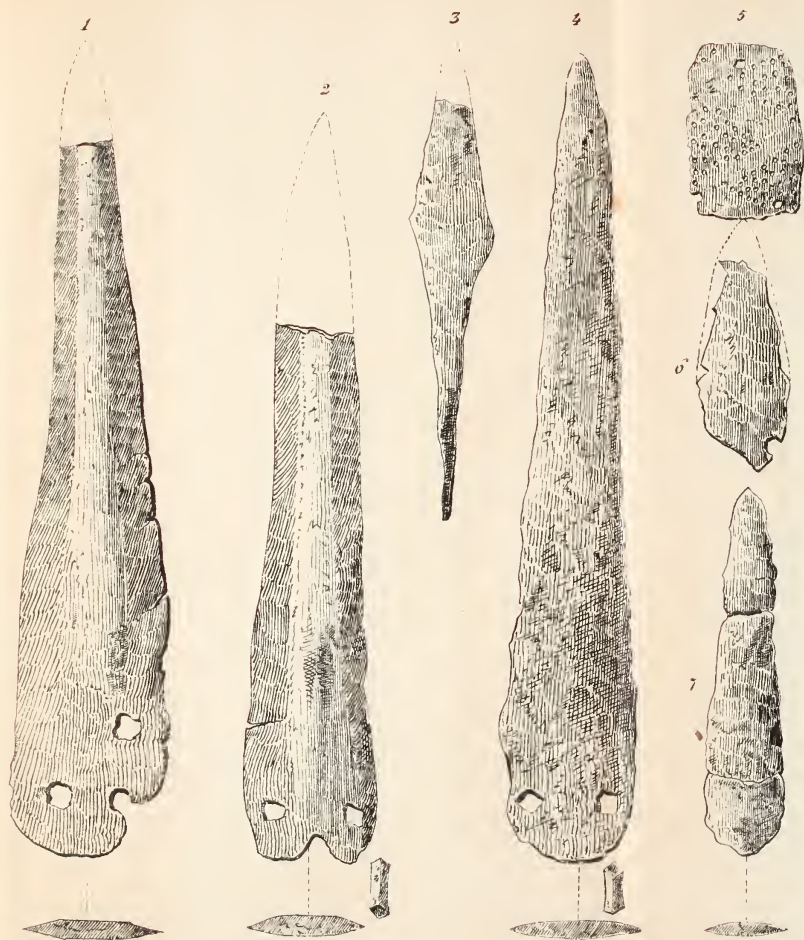
No vol. II (pag. 392 a 395) deixei indicação de alguns d'esses instrumentos, achados na Torre de Ares e nas Antas; mas não é só o periodo neolithico que se vê alli bem caracterisado, como tambem a sua successora idade do cobre.

Ha já muitos annos mandou o sr. João Luiz de Mendonça e Mello fazer fundas excavações na sua quinta das Antas, e tendo descido a um nivel inferior ao dos pavimentos das construcções balsenses, achou alguns machados e outros instrumentos de pedra. Dois dos ditos machados fôram arrecadados na toca de uma antiga arvore, mas quando á minha vista foi em busca d'elles para m'os offerecer, já não os encontrou; de modo que d'alli apenas tenho um, que comprei ha muito tempo; o sr. Judice dos Santos possue um outro e o sr. Teixeira de Aragão tambem obteve um brunidor de serpentina, assim como as duas adagas ou facas de cobre, que represento com os n.os 1 e 2 na est. XII.

A rude fabricação d'estes dois instrumentos não permitte suppor-se que pertençam a uma phase adiantada da idade do cobre, e muito menos á idade do bronze, tanto mais não constando ter-se alli achado artefacto algum prehistorico d'esse metal.

A região balsense, cuja população já os romanos acharam constituida desde longa data, foi portanto primitivamente, ou muito anteriormente occupada por um povo que fazia uso de instrumentos de pedra e de armas de cobre.

Não póde, pois, deixar de ser inscripta na idade do cobre.

Da população neolithica proseguem os vestigios, não só no littoral maritimo, como em terrenos um tanto já distantes das praias do mar. Acham-se, pois, em muitos logares das freguezias da Luz, de Santa Maria e S. Thiago de Tavira, da Conceição e de Cacella. Em todo este tracto de terra é frequente o apparecimento de instrumentos de pedra e de cavernas artificiaes das vulgarmente chamadas celleiros dos mouros, como indico na carta paleoethnologica, comquanto muitos d'esses pontos ficassem por explorar. De todas estas, porém, a mais rica é a freguezia de Cacella, onde descobri os famosos monumentos da Nora, da Marcella e da Torre dos Frades. Não é mister nomear aqui todos os

1 a 2-Antas (Tavira). 3-Zambugeira (Castro Marim).-4 e 5-Serro da Eira da Estrada (Almada do Ouro). 6-Serro dos Valles (Almada do Ouro)
7-Curral da Pedra (Odeleite).

pontos d'essas freguezias, por estarem já descriptos nos dois primeiros livros d'esta obra e indicados na carta. Ha, porém, um tracto muito especial, que abrange toda a secção comprehendida entre o flanco oriental do rio Gilão (Tavira) e a freguezia de Castro Marim, onde numerosos logares, assignalados na carta com varios criterios neolithicos e da primeira epocha metallurgica, taes como cavernas artificiaes excavadas no sólo, grandes monumentos megalithicos de cobertura tumular, necropoles da idade do cobre e abundantes instrumentos de pedra, deixam ainda hoje perceber que uma densa população occupou n'aquelles tempos, tão distantes dos nossos dias, toda aquella área abastecida de excellentes terrenos e fertilisada por muitos e perennes mananciaes de crystallinas aguas, situada entre as praias do oceano e a margem occidental do rio Guadiana.

Em tão privilegiada situação não haveria escassez dos alimentos mais necessarios á vida de um povo laborioso, tendo sempre ao seu alcance os fructos da terra e do mar.

Note, porém, o leitor uma particularidade sobremaneira admiravel, que só com a carta á vista mui claramente se póde apreciar.

A população que se vê pois condensada desde a foz do Gilão até á do rio Guadiana, parece ter-se um tanto espalhado pelo territorio da actual freguezia do Azinhal sem se apartar da margem d'este ultimo rio, mas que, tendo chegado á foz da ribeira de Odeleite, determinou a sua avançada no rumo comprehendido entre oes-noroeste e nor-noroeste, abandonando o seguimento marginal do Guadiana. A sua distribuição operou-se nas margens das ribeiras de Belixe, de Odeleite, da Foupana e do Vascão, de modo que entre a foz da ribeira de Odeleite e a da ribeira de Cadavaes, que corre acima de Alcoutim para o Guadiana, não achei, nem me constou que houvesse vestigios de habitação prehistorica em qualquer ponto d'aquelle acervo de schistos e grawackes.

Não suscitará estranheza, certamente, que aquelle povo procurasse as margens d'essas quatro ribeiras para preferil-as a outros quaesquer logares menos abundantes de agua, pois sempre

foi a agua uma das mais indispensaveis necessidades da vida; mas no mencionado tracto marginal do Guadiana, entre Odeleite e Alcoutim, havia tambem cinco ou mais ribeiros a correr para o rio e nas vizinhanças d'elles, como disse, não se tem dado noticia de caracteristicos neolithicos: logo, não foi sómente a agua a causa attrahente da povoação marginal das ribeiras de Odeleite, da Foupana e do Vascão; houve certamente mais alguma, e é de crer que o leitor promptamente a descubra, olhando apenas para a carta paleoethnologica.

É que todo aquelle tracto, em que impera o carbonifero inferior, com uma orographia fortemente accidentada, constitue uma das mais ricas regiões metalliferas do Algarve, e é precisamente nas proximidades das minas e das montanhas mais abundantes de escorias de remotissimas fundições de minerio, que em maior escala se congregam os vestigios prehistoricos.

Veja-se no vol. III (de pag. 65 a 79) o que expendi ácêrca d'aquellas seis minas de cobre, todas com trabalho antigo, denominadas Serro da Mina e Conceição, na freguezia de Odeleite; Forra Merendas, Cova dos Mouros e Serro das Pedras e da Gallinha, na freguezia de Vaqueiros; Aroeira, na freguezia de Martim Longo e Laborato, na mesma freguezia. Na freguezia de Alcoutim, a curta distancia da mina de antimonio de Córtes Pereira, ha tambem outra mina de cobre com remota exploração nos filões, e prova evidente da fundição do minerio, attestada por muitos escoriaes esparsos.

Para tudo isto, porém, ficar tendo valor positivo e mostrar de modo incontestavel a epocha ou idade em que o cobre começou a ser utilisado, não bastam conjecturas nem hypotheses; é absolutamente preciso que o cobre se ache manufacturado em algum deposito de rigorosa epocha prehistorica, em que não haja bronze, estanho ou ferro, para assim se poder associar aos instrumentos de pedra, que alli tão frequentemente apparecem.

Começarei pela freguezia de Cacella, onde cito os famosos monumentos da Nora, da Marcella, o que foi descoberto ao norte e a 1:780 metros da igreja no córte do ramal da Ponte Nova para

igreja parochial; os da azinhaga contigua ao cercado da casa e D. Maria dos Martyres e Silva, na Torre dos Frades, e o do ɔgar do Arrife, ainda pertencente á Torre dos Frades, em pro-riedade de Manuel Gil Cardeira.

Como já se viu no vol. I[1], todos pertencem ao periodo neoli-iico e nenhum manifestou artefactos metallicos.

Torre dos Frades. — Entre as noticias que dei da Torre dos 'rades no vol. I (pag. 277 a 290) e no II (pag. 403 a 405) não ıclui a de duas sepulturas que abri na propriedade em que re-de o abastado lavrador Sebastião Marcellino Madeira: uma era uadrangular, formada de sete lages de schisto stratificado, me-indo no eixo maior 0m,95, no transversal 0m,63 e de fundura m,57. Já não estava intacta; a cobertura tinha desapparecido e terra que a enchia, via-se revolvida, e por isso apenas apurei o entulho uns fragmentos de ossos e de louça.

A outra sepultura foi achada a oes-sudoeste, em distancia de 4m,90 da casa de habitação. A planta, posta verticalmente, re-resenta um portico de arco abatido, da altura de 1m,15, tendo e largura 0m,86 e de fundura 0m,45. A construcção foi feita com edaços de lages de schisto por meio de fiadas horisontaes sobre-ɔstas e mui provavelmente assentes em terra que se molharia ara cada fiada ficar mais firme. Tambem já tinha sido revolvida, ıas não totalmente, porque no fundo, sobre a terra batida, achei m machado de pedra quasi adherente ao muro, occupando o eixo ıaior, e muitos pedaços de louça misturados com ossos partidos n mui diminuta quantidade.

Em mais parte alguma achei outro jazigo de tal configuração; genero de construcção era, porém, o mesmo que tinha obser-ıdo nos monumentos n.os 5 e 6 da necropole de Alcalá, e por

---

[1] Todos os referidos monumentos e os objectos que continham, estão representa-ɔs e descriptos no vol. I d'esta obra desde a pag. 248 até á 290, como representantes ɔ periodo neolithico.

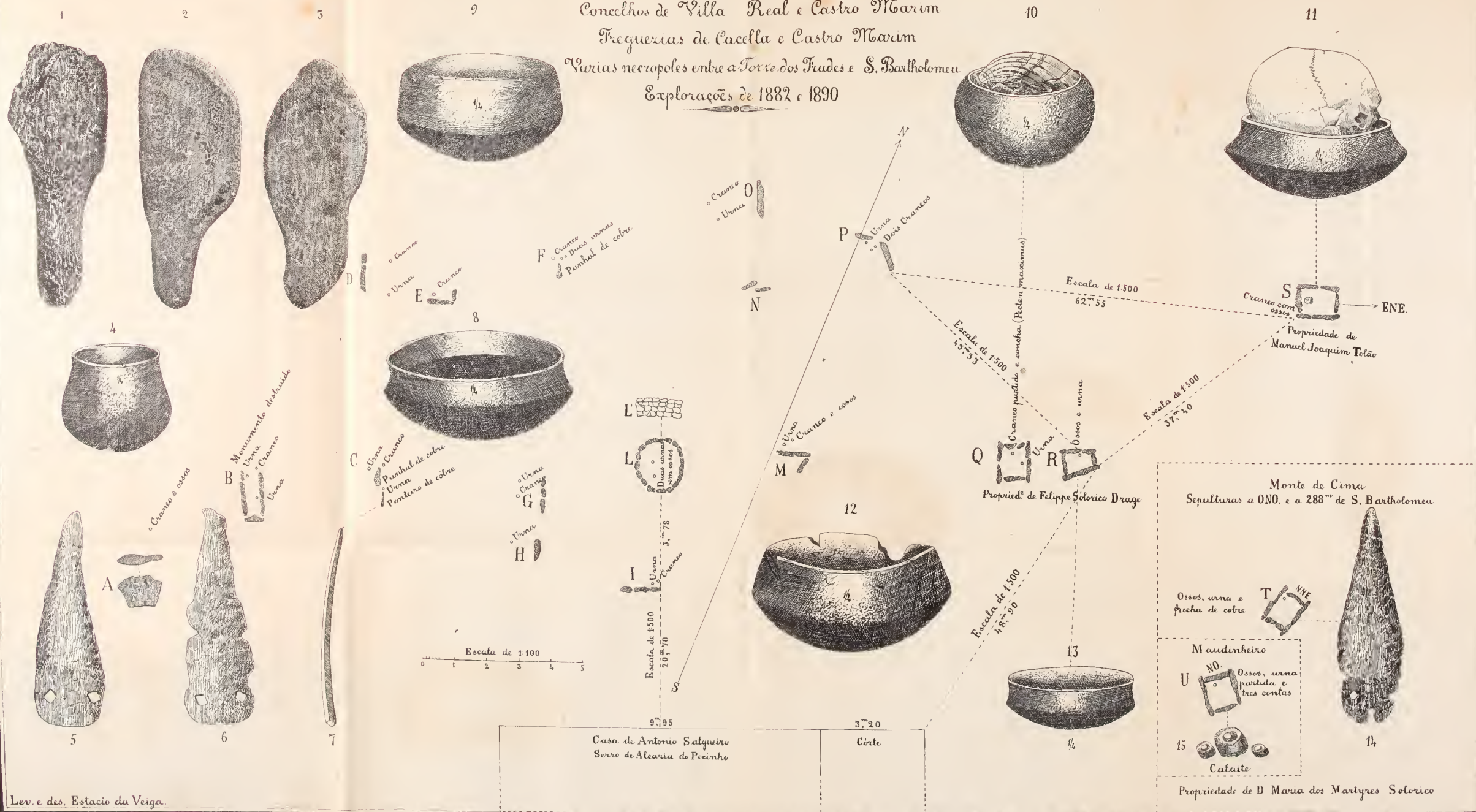
isso entendi que já pertencia á idade do cobre, tanto mais po[r] apparecer n'um terreno abundante de instrumentos neolithicos onde não consta haver-se achado algum artefacto prehistorico d[e] bronze ou de ferro.

Com o n.º 2 represento este jazigo na est. XI, sob n.º 2, reduzido á escala de 1 : 40, o qual julgo ter sido destinado a recolher as reliquias de uma exhumação.

A pouca distancia d'este terreno fica o chamado Serro da Alcaria do Pocinho, pertencente a outro proprietario, e ha mais alguns logares que ainda conservam restos de necropoles da idade do cobre, como se vae ver.

Serro de Alcaria do Pocinho. — Havia noticia de terem sido destruidas muitas sepulturas quasi quadradas no serro de Alcaria do Pocinho, de Antonio Salgueiro. Obtida a licença do proprietario, fui inspeccionar aquelle campo, acompanhado de trabalhadores. Notei logo que á superficie da terra de lavoura afflloravam muito irregularmente uns topos de lages, que bem mostravam ter sido mettidas no sólo. Mandei desencravar algumas d'essas lages, e reconhecendo que eram restos de cistos, porque começaram a apparecer pedaços de ossos e de louças, tracei immediatamente o meu plano de reconhecimento.

Estabeleci a estação no centro da porta da casa do proprietario, collocando a bussola, para d'aquelle ponto fazer partir alinhamentos por todos os vestigios de sepulturas, tomar as orientações e distancias, e formar a triangulação geral, a fim de poder fixar a situação de cada jazigo e a de relação entre todos. D'este modo a planta, como vae figurada na est. XIII, foi levantada á vista por falta de instrumentos, servindo-me apenas da bussula, da fita metrica e de umas bandeirolas. Julgo-a exacta.

O campo mostra ter tido numerósas sepulturas ou cistos, de fórma quadrangular, determinada nos lados e nos topos por quatro a sete lages toscas, e teve tambem alguns monumentos, talvez similhantes na configuração e no genero de construcção aos de n.os 5 e 6 da necropole de Alcalá (vol. III, pag. 226, est XIII).

Ultimamente appareceram tambem umas sepulturas similhan tes no proximo sitio de Maudinheiro, havendo n'uma d'ellas quatro craneos, tres mui conchegados á cabeceira do poente e um á do nascente, os quaes completamente se despedaçaram no acto da extracção. N'outra d'essas sepulturas achou e trouxe-me o explorador Antonio Marcellino Madeira alguns ossos de criança e dois dentes mollares da primeira dentição.

Esta sepultura, formada de dez lages toscas de schisto, mediu de comprimento $0^{m},80$, de largura $0^{m},60$ e de fundura $0^{m},50$. A primeira tinha só cinco lages, por lhe terem arrancado duas; sendo medida, achou-se-lhe $1^{m},35$ de comprimento, $0^{m},63$ de largura e pouco mais de $^{1}/_{2}$ metro de fundura. N'aquelle mesmo sitio sabe-se que fôram destruidas mais umas oito ou dez.

Muito mais teria hoje que relatar, se o pouco tempo de que podia dispor tivesse chegado para explorar aquelles e mais alguns logares com os mesmos caracteristicos.

Fiquem, porém, na mais tranquilla paz essas reliquias humanas, que pretendi profanar com o simples intuito de reunir todos os possiveis elementos de elucidação, para que um dia se podesse bosquejar a historia critica das velhas civilisações que dominaram este territorio; pois não serei eu certamente que tornarei a passar pelos sitios em que jazem.

Á planta das excavações da Alcaria do Pocinho aggreguei a das sepulturas de outros logares, determinando as orientações e distancias relativas, com excepção das do Monte de Cima, que vão referidas á ermida de S. Bartholomeu.

Na est. XIII os n.[os] 1, 2 e 3 representam os instrumentos de grés (?) um tanto micaceo e rijo, cujas fórmas não fôram inventadas, mas achadas, mui provavelmente entre os calhaus rolados que se observam nos álveos e margens de caudalosas ribeiras quando nas estações de estiagem chegam a seccar ou simplesmente a dar passagem a tenues correntes de agua.

O de n.º 1 mostra ter sido instrumento contundente ou pesado percutor, lateralmente rematado em arestas. De meia altura

ara uma extremidade foi em todo o seu contorno desengrossado
ara se poder finalmente empunhar.

O corpo do instrumento mostra ter sido apparelhado em faces
onvexas, de modo que a sua secção transversal daria uma ellipse
u uma figura geometrica resultante de duas curvas que em dois
ontos se tocassem para formar os dois angulos curvilineos op-
ostos. Uma porém d'essas faces perdeu, em secção obliqua, uma
rande lasca, que se destacou talvez no exercicio do trabalho ou
ue intencionalmente se fez saltar para produzir novo gume, e
'este estado foi extrahido com alguns ossos humanos da destrui-
la sepultura, marcada com a lettra *A*, de que só restavam duas
ages, medindo a que mandei arrancar $1^{m},30$ de largura e 1 me-
ro de altura.

A largura da pedra que deixei mettida a prumo, quasi igual
da que foi arrancada, deixa ver o comprimento da sepultura e
sua orientação de oes-sudoeste e es-noroeste[1].

Os outros dois instrumentos são calhaus achatados de ribeira,
uja fórma de cutelo não soffreu a minima modificação: o de n.º 2
em as arestas lateraes muito picadas pela acção da percussão que
xerceu n'outras pedras; o de n.º 3 não tem signal algum de tra-
alho, se uma lasca que lhe falta não indica um começo de pre-
aração. Ambos estavam reunidos no espaço que restava da ga-
eria do monumento *B*, e acompanhados da urna n.º 4, de outra
ompletamente esmagada e de um cranio, que tambem estava des-
edaçado.

Os referidos tres instrumentos de pedra ficaram reduzidos
ela photographia a pouco mais de um terço das suas dimensões.
s louças vão reduzidas á quarta parte.

Com os n.os 5 e 6 represento a fórma e dimensões exactas
e dois pequenos punhaes de cobre, conservando cada um d'elles

---

[1] No museu da commissão geologica ha um instrumento de pedra com o punho
icado, mui parecido com este de Alcaria do Pocinho, tendo de comprimento $0^{m},20$.
oi achado em condições ignoradas na serra de Picoalegrete, como se lê no rotulo.

as cavilhas do mesmo metal, atravessadas nos dois orificios late-
raes da base. O primeiro, e o ponteiro de cobre n.º 7, acharam-se
no ponto *C*, sepultura já desguarnecida de pedras, mas que ainda
conservava duas urnas partidas, um cranio despedaçado e alguns
bocados de ossos. O segundo appareceu no ponto *F*, dentro da
urna n.º 12, onde havia muitos pedaços de cranio envolvidos em
terra dura, e pedaços de outra urna, que parece tel-a tapado.

A lettra *D* indica a unica lage que restava de uma sepultura
em que havia ossos e louça partida, e *E* representa um angulo
de outra sepultura, onde junto á urna n.º 9 estava um cranio que
parecia inteiro, mas que se reduziu a numerosos fragmentos no
acto de se querer exhumar, ficando-lhe porém a fórma interna
estampada na terra dura que o enchia. Já disse que no ponto *F*
estava o punhal de cobre n.º 6 dentro da urna n.º 12.

No ponto *G* estavam tres pedras bem alinhadas, pertencentes
a um lado de sepultura, onde havia um cranio esmagado e fra-
gmentos de louça. No ponto *H*, com uma só pedra, não vi ossos
mas muitos pedaços de louça.

No logar *I*, a 20^m,70 da estação da bussola, acharam-se duas
pedras de um lado de sepultura, que fôra orientada entre oes-su-
doeste e es-nordeste. Arrumada á ultima pedra estava uma urna
com pedaços de ossos, phalanges de dedos e dentes, e fóra da
urna, a 0^m,20 de distancia, um cranio mui delgado na região
temporal, a que pertence o maior fragmento. A urna estava toda
estalada pela pressão da terra que a enchia, e por isso não se
aproveitou.

No ponto *L*, a 24^m,48 a nor-noroeste da estação da bussola
e a 3^m,78 da anterior sepultura destruida, appareceu um circuito
de fórma elliptica, construido com pequenas lages de schisto em
fiadas horisontaes sobrepostas. Estava mui bem conservado, cer-
tamente porque a pequenez do material da sua construcção foi
escapando á vista dos destruidoros dos outros jazigos. Parece
ter-se assim querido imitar a crypta dos grandes monumentos e
o genero do trabalho de alguns de Alcalá, dos que continham
maior numero de artefactos de cobre.

A cobertura tinha completamente desapparecido. Continha nicamente duas urnas, a de n.º 8, que é mui perfeita, e outra eduzida a pedaços, que parecia ter tido a configuração da de .º 4. Não tendo manifestado um unico osso, deixa presumir que)sse simplesmente um monumento de consagração.

No eixo maior mediu apenas 1^{m},45. A lettra *L* indica a dis-osição do apparelho interno.

O ponto *M* indica duas lages alinhadas e outra a formar com llas angulo agudo, ficando porém esta visivelmente deslocada no cto de ser destruido o jazigo, onde ainda se achou um cranio smagado, mais alguns ossos e uma urna de barro crú feita em umerosos bocados. Esta sepultura esteve orientada entre oes-su-oeste e es-noroeste.

O logar *N* mostra duas lages, uma ainda cravada no chão e outra deslocada; ambas pertenceram certamente a um jazigo estruido, porque perto d'ellas havia ossos e louças partidas.

A lettra *O* representa uma lage tosca mettida a prumo no 1ão, tendo de altura 0^{m},50, de largura 1^{m},50 e na maior gros-ıra 0^{m},35. Parece ter pertencido a grande jazigo, porque a 2 me-os de distancia, no sentido de oes-sudoeste, achou-se um cra-io com fragmentos de ossos compridos, e mais para sudoeste ma urna que pôde ser restaurada, similhante á de n.º 8.

A lettra *P* indica duas lages desalinhadas, pertencentes a uma pultura desmanchada. Perto da extremidade superior da maior avia dois cranios a 0^{m},15 de distancia e uma urna partida, ar-ımada á pedra menor.

Note-se que até este ultimo ponto apenas descobri vestigios e quatorze sepulturas; mas os grandes intervallos que as sepa-ıvam deixam presumir que houve muitas mais na propriedade e Antonio Salgueiro, a quem pertence a casa com frente para ıl-sueste; o que parece significar que a necessidade de material ıra a construcção d'aquella casa, no declive do serro, e da córte ɔntigua, onde ainda estão á vista muitas pedras mettidas na pa-de, levaria o proprietario a arrancal-as, se é que o motivo prin-al não foi o estorvo que causariam á lavoura da terra.

Em toda aquella rampa até á maior altura da collina consta terem sido desmanchadas muitas sepulturas.

Havia, portanto, n'aquelle espaço uma necropole, que ninguem ousará inscrever na ultima idade da pedra, por não conter sufficientes caracteristicos neolithicos, assim como tambem não se póde presumir que pertencesse á idade do bronze, visto não ter apparecido um unico artefacto d'este metal; n'este caso, forçoso é, pois, admittil-a como estação typica da idade do cobre, por ser este o unico metal manufacturado que se manifestou n'aquelles apertados jazigos, mais geralmente destinados ás exhumações, visto que as minguadas dimensões de alguns de nenhum modo permittiriam o enterramento, ainda mesmo dobrado que fôsse o cadaver pelas articulações dos fémures.

Cada uma d'aquellas sepulturas continha as reliquias humanas de um só individuo, comquanto em algumas apparecessem vestigios de dois e tres cranios, como talvez significando um piedoso preceito de familia.

Não se podem, finalmente, comparar estes jazigos com os grandes depositos mortuarios do periodo neolithico, nem mesmo com aquelles, já muito modificados no lavor architectonico, em que os instrumentos de cobre se mostraram associados a numerosos caracteristicos da idade anterior, como já se viu na grande necropole monumental de Alcalá.

As proprias louças que acompanhavam os artefactos de cobre na necropole de Alcaria do Pocinho, differem tambem por suas fórmas menos rudimentares das que eram mais geraes na ultima idade da pedra, e tão singular progresso attingiram n'outras estações já mui abastecidas de cobre, que chegam a ser verdadeiramente admiraveis pelo aperfeiçoamento e ornamentação: taes são, sem duvida alguma, as das grutas artificiaes da quinta do Anjo, perto de Palmella, existentes no museu da commissão geologica.

No amplo sitio da Torre dos Frades não havia, porém, só esta necropole, como já disse, indicando as de outros logares; mas, para melhor se perceber este facto, inclui na est. XIII a exempli-

icação de outras a pouca distancia das terras de Antonio Salgueiro. O leitor terá sufficiente perspicacia para perceber que to-
las essas sepulturas pertencem á mesma idade do cobre.

Com as lettras *Q* e *R* accuso duas sepulturas em terrenos de
Filippe Solorico Drago a es-sudoeste, e já distantes da que indico
com a lettra *P*, na rampa da Alcaria, $43^{m},33$, seguindo porém o
mesmo rumo de es-nordeste, que manifestou a de lettra *M*,
ambem distante d'ellas uns 40 metros.

Estavam parcialmente invadidas estas duas sepulturas, porém
mui bem conservadas: a primeira continha a urna n.º 10, de fór-
na espheroidal com fragmentos de cranio cobertos pela valva con-
cava de uma vieira, como geralmente se chama no Algarve ao
excellente mollusco, bem conhecido na nomenclatura scientifica
por *Pecten maximus*, e agora mui utilisado n'aquella provincia
lesde que uma das suas maiores bancadas foi descoberta nas pro-
ximidades do Cabo de Santa Maria.

A outra sepultura, contendo alguns ossos, e a bellissima urna
n.º 13, é porém notavel pela sua configuração trapezoidal, mui
similhante ás da idade do cobre de Odemira, que represento com
o n.º 5 na est. XI, sendo a unica d'esta fórma que achei em todo
o campo das necropoles. Nas terras do dito proprietario, Solorico
Drago, sabe-se que fôram destruidas muitas das de planta qua-
lrangular.

Proseguem ainda as necropoles no sentido de es-noroeste;
pois em propriedade de Manuel Joaquim Tolão houve muitas d'es-
sas sepulturas e foi descoberta pelo explorador Antonio Marcel-
ino Madeira uma ainda intacta, contendo mui singularmente um
cranio quasi inteiro dentro de uma urna, como figuro em o n.º 11
la est. XIII e sob n.º 3 da est. XI, e fóra da urna alguns pedaços
le ossos. Mediu esta sepultura internamente no seu eixo maior
$1^{m},15$, na largura $1^{m},80$ e de fundura $0^{m},57$.

O cranio, não obstante ter-se partido um pedaço, verificou-se
ser dolichocephalo.

Esta sepultura, no rumo de es-nordeste, achou-se a $62^{m},55$
la de lettra *P* de Alcaria do Pocinho, mostrando assim pertencer

a outra necropole que começava a oes-sudoeste, em distancia superior a 200 metros.

Mais adiante uns 3 kilometros, a nordeste da Torre dos Frades, ha tambem as mesmas necropoles pertencentes á idade do cobre; pois no Monte de Cima, em propriedade de D. Maria dos Martyres Solorico, a oes-noroeste e distante 288 millimetros da ermida de S. Bartholomeu, onde muitas sepulturas hão sido destruidas, achou-se ainda ha pouco tempo uma com ossos, louça partida e a bellissima frecha de cobre com tres orificios na base e entalhos lateraes, que represento com o n.º 14 na mesma est. XIII juntamente com a sepultura *T*, sendo esta mais uma comprovação de taes necropoles pertencerem á idade do cobre. A referida frecha obteve-a dos seus parentes o sr. Antonio Marcellino Madeira, para assim poder augmentar o já crescido numero de objectos prehistoricos com que tem auxiliado o desenvolvimento das minhas ultimas collecções.

Na mesma estampa represento uma das sepulturas do sitio de Maudinheiro, a noroeste $^1/_4$ norte, e a umas centenas de metros de S. Bartholomeu, que indico a noroeste com a lettra *U*, para mostrar mais uma necropole n'aquelle tracto de terra. A sepultura tinha approximadamente as dimensões das outras, e continha, como já disse, alguns ossos, dois dentes mollares da primeira dentição e as tres contas de calaïte que figuro com o n.º 15.

As contas de calaïte começaram a manifestar-se nos jazigos da ultima idade de pedra; mas continuaram a ser usadas n'esta região durante a transição para a idade do cobre, como bem o mostra a necropole de Alcalá (vol. III, est. V, VII, XII, etc.).

A uniformidade da configuração e construcção dos jazigos de todas as necropoles mencionadas; umas novas fórmas e aperfeiçoamentos nas louças, que se notam quando se comparam com as dos depositos puramente neolithicos; a differença no ritual funerario de separar em receptaculos especiaes os restos humanos de cada pessoa, embora por excepção tenham apparecido dois e mais cranios em alguns d'esses abrigos, quando mais geralmente no periodo neolithico predominava o uso de recolher em grandiosos

depositos os ossos e alfaias de numerosos individuos; finalmente, o facto de não apparecer artefacto algum de bronze ou de ferro em taes necropoles, mas unicamente de cobre, não podem, portanto, sendo acompanhadas de circumstancias especiaes, deixar de ser inscriptas na idade do cobre as que ficam reconhecidas entre Cacella e Castro Marim.

Não pararam, porém, alli os caracteristicos da idade do cobre nem os do periodo que a precede. No Sobral, na Espargosa, no Pizabarro e na propria villa de Castro Marim, muitos machados e percutores de pedra hão sido achados[1], assim como a curta distancia da villa mais algumas necropoles da idade do cobre. Com a carta á vista as irá o leitor acompanhando e ao mesmo tempo corrigindo a nomenclatura da *idade do bronze*, que exclusivamente ainda imperava quando em 1883 a carta foi publicada.

Vou, pois, indicar as orientações que tomou o seguimento d'essas estações mortuarias, onde do silencio da morte triumpha a eloquente hermeneutica dos factos, abonando-as como documentos das sociedades extinctas e definindo a sua mais genuina significação.

Zambujeira. — É como se designa um accidentado campo, que distando $2\,^1/_2$ kilometros a nor-nordeste de Castro Marim, adhere ao pequeno povoado do Montinho, cuja orographia, destacando-se em varios pontos culminantes, inspirou tambem a denominação de «Montes da Zambujeira».

Nos cabeços d'aquelles montes ha vestigios apparentes de habitações prehistoricas, quasi totalmente destruidas, com paredes toscas de pedra não apparelhada, parecendo algumas ter tido a fórma quadrangular, sem que comtudo se possam conhecer as dimensões do comprimento e largura, porque nenhuma d'essas paredes está inteira. Tanto a alguma distancia das construcções arruinadas, como nas rampas das collinas, ha grupos de *cistos* tão

---

[1] Veja-se o vol. II, est. XXIV, n.º 2 e XXV n.º 2 e 3.

irregularmente distribuidos, que não se encontram dois com a mesma orientação.

Excavados alguns restos d'essas derruidas habitações, appareceram cinzeiros mesclados de carvão miudo, fragmentos de louças grosseiras e ossos de gado, dos generos *Bos* e *Cervus*, e mais outros mui delgados, que me pareceram ser do genero *Lepus*, assim como abundantes pedras lascadas e oito grandes nucleos de silex escuro, d'onde tinham sido destacadas algumas lascas cortantes, mostrando assim este significativo conjuncto de cousas diversas o lar onde se tratava das refeições domesticas.

A curta distancia d'esses já tão escassos e raros vestigios de vivenda estavam os *cistos*, geralmente sem cobertura, cheios de terra compacta e quasi vasios de ossos humanos; pois só mui poucos fôram achados no fundo com pedaços de louça que tinha sido partida pela pressão da massa terrosa que enchia totalmente aquelles espaços de acanhadas dimensões, do comprimento de $0^m,85$ a $1^m,10$, e da largura de $0^m,40$ a $0^m,65$, variando a fundura entre $0^m,50$ e $0^m,70$.

Os *cistos* compunham-se de quatro a nove lages toscas, tendo o sólo muito endurecido, como se tivesse sido feito com terra molhada e batida. Alguns não tinham ossos, mas só uma urna de barro mal cozido, completamente esmagada e acompanhada de terra mais escura, em que mui provavelmente se tinham convertido os preventivos manjares, que aos mortos eram offerecidos para no suspirado dia da resurreição da carne acharem logo mesa posta. A unica urna que se tirou inteira é a que indico na est. XV com o n.° 1. Póde-se ver no museu.

As necropoles acham-se nas rampas e nos cabeços ou plan'altos dos outeiros. Se algumas chegaram a ser profanadas pelos romanos, o nullissimo lucro que d'isso tirariam, os levaria a desistir de tal empreza, e por isso algumas ainda ficaram dizendo á posteridade, na sua manifestação silenciosa e tranquilla, que era alli que jaziam as reliquias humanas das gerações que viveram entre o periodo neolithico e a idade do cobre, como bem o denunciou uma d'essas sepulturas quadrangulares em que appa-

CONCELHO DE CASTRO MARIM

Freg. do Azinhal

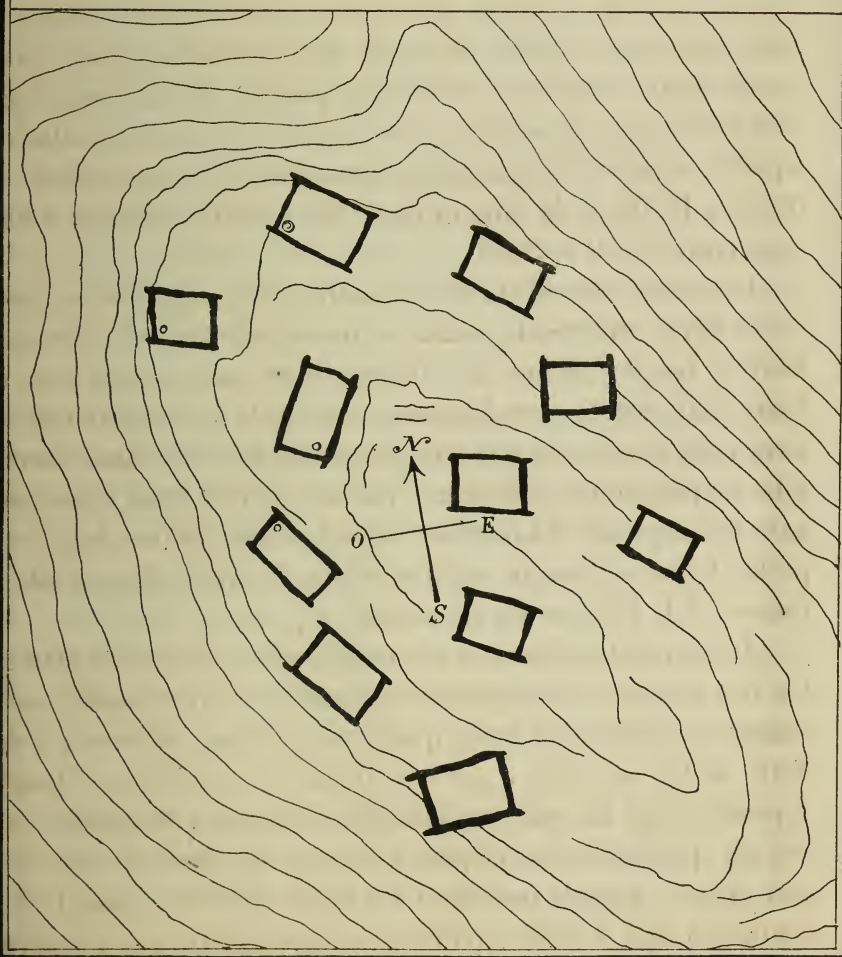
CÓRTE DO GUADIANA

0 1 2 3 4

Escala das sepulturas = $\frac{1}{100}$

N

O E

S

receu a frecha bipontaguda de cobre, de feição incontestavelmente primitiva, que figuro na est. XII, sob n.º 3, e que com o mesmo conceito foi estampada e descripta por Emilio Cartaillac no seu explendido livro intitulado *Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* (pag. 216), para o qual me prézo de ter concorrido, fornecendo áquelle notabilissimo homem de sciencia tudo quanto quiz copiar do museu do Algarve.

Não é mister fatigar o leitor com a planta d'essas necropoles, cuja feição geral vae agora observar na de outra do mesmo tempo, um pouco acima das dos montes da Zambujeira.

CÓRTE DO GUADIANA.—A ribeira de Belixe corta com a sua foz o flanco direito do rio, e no terreno que separa aquelle flanco da margem esquerda da dita ribeira, está situado o logar da Córte do Guadiana, pertencente ao concelho de Castro Marim e á freguezia do Azinhal, uns 3 kilometros a sueste da igreja, ficando perto o monte denominado «Corga das Oliveiras», em cujo cabeço fôram abertos onze *cistos,* estando seis inteiramente cheios de terra endurecida e cinco apenas contendo cada um só uma urna de barro. Tres d'essas urnas, sendo despejadas, verifiquei terem sido depositadas n'aquelles apertados receptaculos completamente vasias, havendo nas outras duas uns tenues fragmentos de ossos não queimados, como se póde verificar na urna que vae figurada com o n.º 2 na est. XV, existente nas carunchosas arrecadações da real academia, que se diz ser de bellas artes, onde jaz o museu do Algarve, esperando porém pelo seu dia de resurreição, como aquelles pedacinhos de ossos humanos que tão piedosamente ficaram arrecadados em toscos relicarios de grosseiro barro mal cozido, que são muito approximadamente prototypos das actuaes bellas artes.

A planta da necropole explorada no cabeço da Corga das Oliveiras vae figurada na est. XIV, sendo em tudo similhante ás dos montes da Zambujeira e áquellas que em seguida vou representar.

Por omissão do desenhador, na sepultura inferior do lado de oeste, deixou de ser indicada a urna.

Feita esta advertencia, notar-se-ha que as seis sepulturas do lado de leste não tinham urnas, o que talvez signifique terem sido posteriormente construidas e destinadas para exhumações que não chegaram a ser effeituadas.

Almada do Ouro. — É uma pouco abastada povoação, propinqua á raia marginal direita do rio Guadiana, cujo nome pomposo parece estar inculcando alli um farto manancial de auriferas riquezas; mas eu, que lá estive muitos dias, confesso que o unico ouro que vi, foi o mui pouco que teve de saír da minha bolsa para pagar as modestas despezas de hospedagem; e comtudo, se fr. João de Sousa[1] nas suas etymologias arabicas não errou, o simples nome de Almada significa *mina de ouro, ou de prata;* o que deixa ver, que se alguma mina houve n'aquelle sitio, não seria de prata e sim de ouro, como o proprio nome está ensinando.

Não ha, porém, noticia local de tal mina, e todavia esse nome tradicional póde significar a sua existencia em antigos tempos, embora seja hoje desconhecida.

A natureza physica de todo aquelle tracto oriental até á margem do rio é indicada pelo carbonifero inferior na carta geologica do reino; mas Almada do Ouro está situada entre caudalosas ribeiras, que formam a foz das de Odeleite e Foupana, e o porto do Azinhal, e por isso é possivel que algum ouro possa ter sido arrastado pelas correntes n'um tempo de maior ventura do que este, em que os habitantes d'aquelle povoado não parecem andar muito acompanhados de ouro.

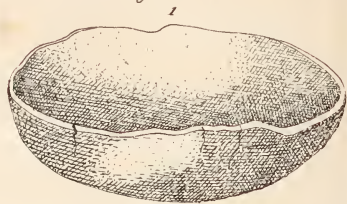
Não é, porém, verosimil que o ouro fôsse a causa attrahente das populações prehistoricas, de que dão comprovação directa quasi todos os cabeços dos serros que em todo o contorno occidental attingiram varias altitudes até á de 204 metros, podendo

---

[1] Vestigios da lingua arabica em Portugal, etc. 1789. — Ver. Almada.

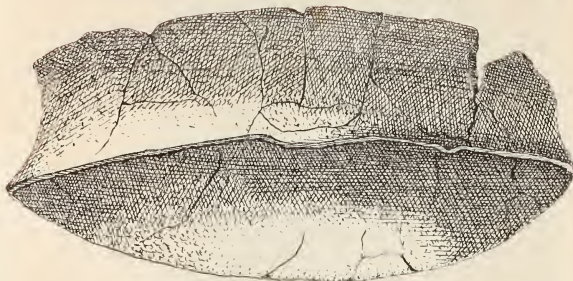
Concelho de Castro Marim

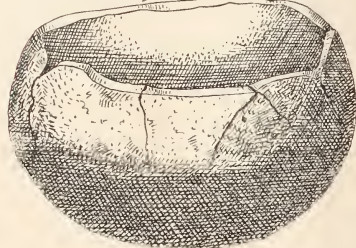
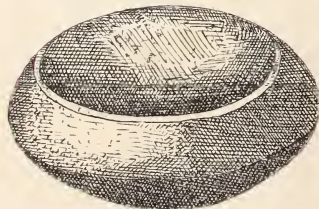
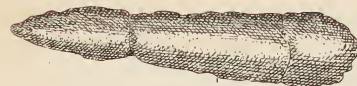
Vasia – com frecha de cobre biponteaguda – Museu.

1

Diametro $0^{m},25$ 5 Cheia de terra dura Museu

6

Cheia de terra – Museu

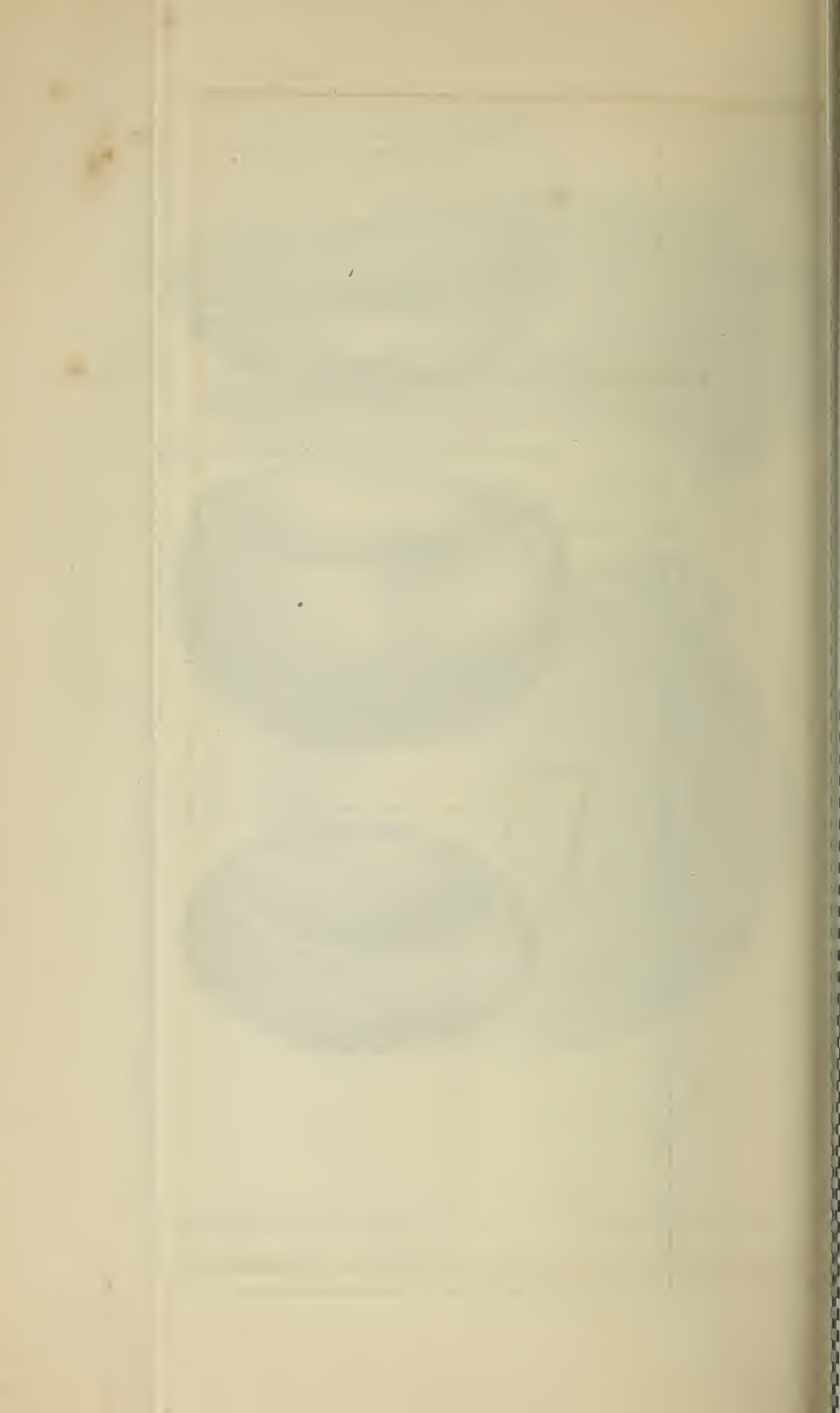
2

Vasia – tinha fragmentos de ossos – Museu

Cheia de terra dura e raizes

Vasia – só tinha terra – Museu

Tinha fragmentos de ossos – Museu

7

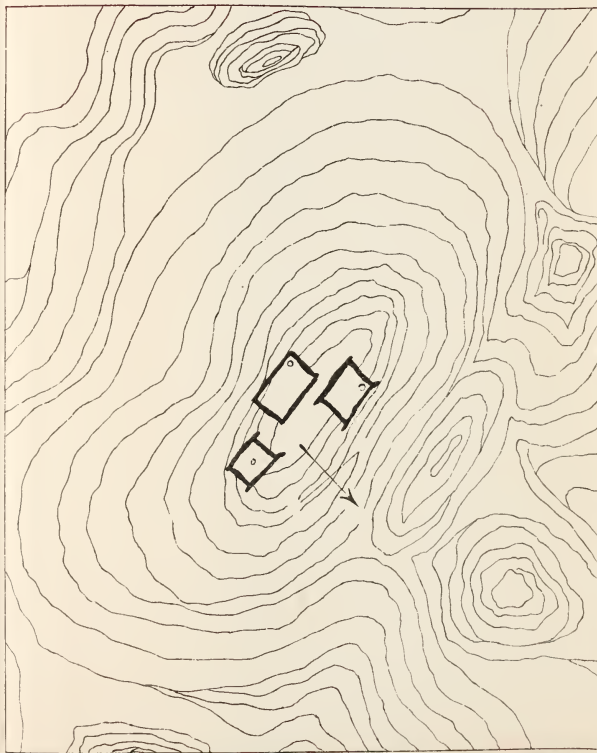
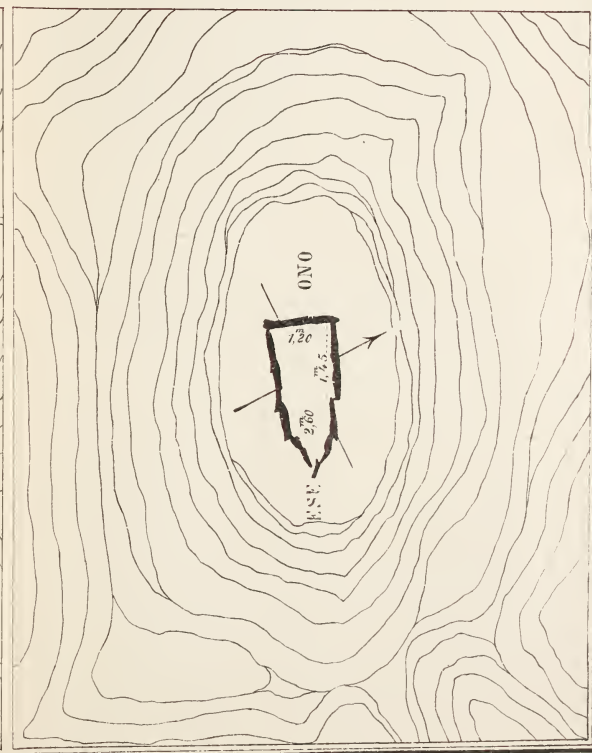
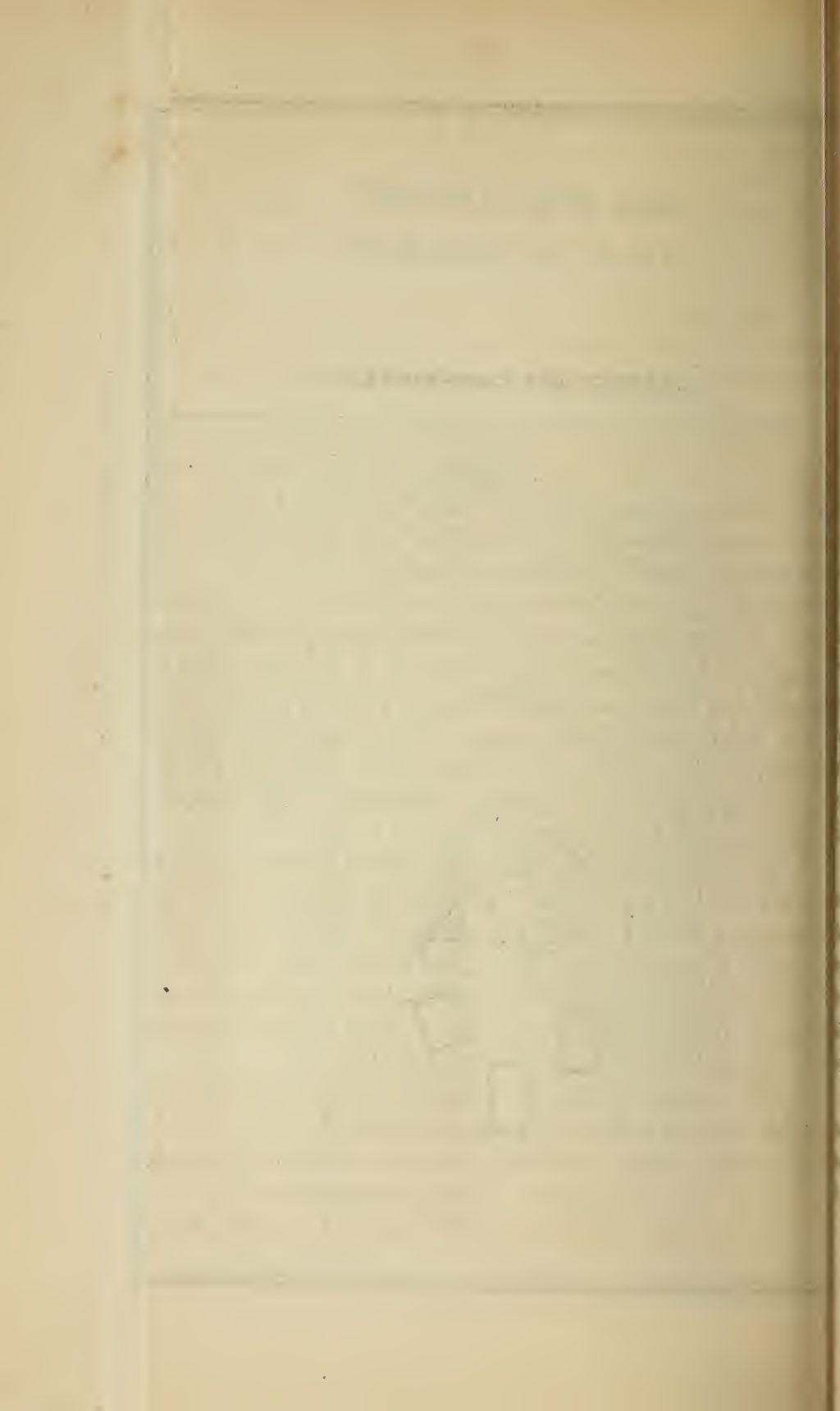
3

4

1. Montes da Zambujeira (concelho de Castro Marim) - 2. Córte do Guadiana (Idem) - 3 e 4. - Serro da Eira da Estrada
5. Serro dos Corveiros (Almada do Ouro). - 6 e 7. - Curral da Pedra (Freguezia de Odeleite).

CONCELHO DE CASTRO MARIM

ALMADA DE OURO

SERRO DOS CORVEIROS

SERRO DA EIRA DA ESTRADA

SERRO DO CASTELLO

já ser citados o dos Corveiros, da Eira da Estrada, das Casas Novas, das Casas Velhas, o do Castello, o dos Valles e o dos Mochos, todos com suas necropoles nas rampas ou nos plan'altos, como em seguimento das que tinham ficado nos montes da Zambujeira e na Córte do Guadiana. No museu ha louças de todos elles.

Logo mais adiante será facil talvez atinar com a causa que parece ser a mais plausivel. Entretanto, vamos dando mais algumas amostras das necropoles que rodeiam Almada do Ouro.

Serro da Eira da Estrada.—Acha-se este serro a oes-sudueste e a uns 700 metros distante do povoado. As sepulturas que guarnecem o plan'alto são da mesma fórma e construcção das que represento na est. xiv. Mandei abrir muitas, onde achei os mesmos caracteristicos que já mencionei nas necropoles anteriormente descriptas; mas só tomei as dimensões e orientação das tres que figuro na est. xvi. Todas tinham geralmente uma urna partida e alguns pedaços de ossos. A do centro, sobre os pedaços da urna tinha a adaga de cobre, que sob o n.º 4 vae figurada com as proprias dimensões na est. xii. Conservava ainda nos orificios lateraes da base as cavilhas do cabo. Um nucleo de silex escuro acompanhava esta arma, e n'outro logar da sepultura havia um espheroide de diorite.

Das outras duas sepulturas extrahi inteira uma urna, figurada com o n.º 3 na est. xv, e sem lhe faltar um pedaço, mas toda fracturada, a de n.º 4. Ambas estavam cheias de terra muito endurecida; a primeira nada mais tinha, porque assim o verifiquei, sendo despejada, e a outra que está toda ligada com uma fita para não lhe caírem os pedaços, conserva-se cheia de terra e de raizes de plantas. Estão as duas no museu do Algarve.

Na sepultura da urna n.º 3 estava uma placa quadrilonga de cobre com tres orificios, dois n'uma extremidade e outro no centro do lado opposto, com lavor ornamental de triangulos levantados a punção. Vae figurada na mesma estampa com o n.º 5.

Temos agora, portanto, mais uma necropole da idade do co-

bre, porque a adaga n.º 4 da est. XII é legitima successora da ultima idade da pedra.

SERRO DOS CORVEIROS. — Este nome significa cêrca ou curral de gado cabrum. É possivel que áquelle serro ficasse tal nome por ter servido de ameijoar os rebanhos. Antes, porém, dos rebanhos alli treparem, já o serro era frequentado pelos constructores de uma necropole similhante á da Eira da Estrada, como prove com a primeira planta da est. XVI. Escusado é dizer que os caracteristicos de ambas eram os mesmos.

A est. XV, com o n.º 5, figura uma caçoula de pouca altura, tendo porém $0^{m},25$ de diametro na bôca. Estava cheia de terra dura, como ainda a conservo no museu, mas sem vestigio de outra qualquer cousa. Achei-a feita em bocados, que reuni e collei. Se a tivessem enchido de comida, daria para fartar a fome de muitos seculos a dois ou tres resuscitados. Como, porém, nada continha, julgo-me tranquillo, suppondo que não fará falta no solemnissimo momento da resurreição.

O serro dos Corveiros fica a 600 metros e a oeste $^{1}/_{4}$ noroeste de Almada do Ouro.

SERRO DOS VALLES. — Fica a pouca distancia do povoado. A sua necropole, occupando o plano mais elevado, é identica ás antecedentes. Uma das sepulturas tinha dentro de uma urna partida uma frecha de cobre com dois orificios na base. É a que represento com o n.º 6 na est. XII. Está no museu do Algarve com os fragmentos da urna.

D'este modo cumpre-me incluil-a na idade do cobre, pois não tinha nenhum outro artefacto metallico nem caracteristico algum de epocha menos antiga.

SERRO DO CASTELLO. — Este serro não tem sepultura, mas um unico monumento; e é o que fica mais distante de Almada do Ouro.

Não estava determinado em carta alguma aquelle ponto; foi

ister marcal-o por approximação e á vista, por não haver os pre-
isos instrumentos na occasião em que foi observado. O logar
iais proximo era o logarejo da Fonte do Penedo, com uns quinze
ogos ao norte e a uma distancia calculada em 500 metros. O si-
o de Alcarias tambem me foi indicado a nor-nordeste e a $1\,^1/_2$
ilometro, sem todavia poder ser observado do alto do serro, e
stando designado na carta de Silva Lopes, foi o que me serviu
ara a determinação do Serro do Castello. Sendo, porém, mui pro-
avel que não houvesse a precisa exactidão na orientação e na
istancia, cumpre-me advertir que a situação que dei a esse ponto
recisa ser talvez rectificada quando taes informações poderem
er substituidas por dados mais seguros.

O monumento do Serro do Castello já ficou descripto no vol. I
pag. 292 e 293), onde expendo os fundamentos que me levaram
julgal-o pertencente á ultima idade da pedra, com preferencia
inscrevel-o na *idade do bronze*, como então ainda geralmente se
izia em obediencia aos preceitos da imperiosa escola vigente, que
e modo algum admittia a *idade do cobre;* e é ainda hoje este o
eu pensar, embora o seu genero de construcção pareça já um
nto participar do que se vê, em menor escala, empregado nos
zigos das necropoles da idade do cobre; pois alem de ter achado
ma faca de silex entre dois dos seus monolithos lateraes, e de
unca ter visto este caracteristico nos *cistos* d'aquella região orien-
l, parece-me antes pertencer a um trajecto dolmenico, que pre-
umo ter partido das Antas[1], na freguezia da Luz, e seguido pela
ora[2], Marcella[3], Cacella[4], Torre dos Frades[5], Castro Marim[6],
erro do Castello[7], Vaqueiros[8] e Serro da Pedra[9], na freguezia

---

[1] Vejam-se as descripções respectivas: vol. I. Antas, pag. 104 a 107.
[2] Nora, pag. 248 a 257.
[3] Marcella, pag. 257 a 275.
[4] Cacella, pag. 275 a 277.
[5] Torre dos Frades, pag. 275 a 290.
[6] Castro Marim, pag. 290 a 292.
[7] Sero do Castello, pag. 292 e 293.
[8] Vaqueiros, pag. 294 a 296.
[9] Serrro da Pedra, pag. 244 a 248.

de Salir, para proseguir pelo Alemtejo, do que ao rumo que levo a diffusão das necropoles da idade do cobre, não ainda acabad de indicar, mas que pouco mais adiante ficará melhor perce bido.

Ora, este interessante trajecto dolmenico, a que parece per tencer o monumento do Serro do Castello, não estava inteiramen reconhecido na data em que conclui a carta paleothnologica, pu blicada em 1883, e por isso ella deixou de indicar algumas d'es sas estações, que, em meu entender, não são as unicas que lh faltam, como devo julgar pelos largos intervallos que as sepa ram.

Veja-se o que relativamente ao monumento do Serro do Cas tello expendi nas pag. 292 e 293 do primeiro volume, e veja-s tambem a planta d'esse monumento na est. XVI d'este livro, levan tada na escala de 1 : 100, mostrando a entrada apontada par es-sueste e o topo da crypta para oes-noroeste, e não com a orientações que por lapso indiquei no primeiro volume, pag. 293

Fica d'este modo excluido da corrente das necropoles da ida de do cobre, comquanto se me afigure ter sido uma das ultima construcções da architectura neolithica.

Odeleite.—A oeste, e pouco distante da igreja de Odeleite descobriram os exploradores enviados em 1877 pelo administra dor do concelho de Castro Marim, João Ferreira Tavares, alguma sepulturas quadradas com menos de 1 metro de comprimento, e tendo despejado uma d'ellas, que é a que indico na carta, acha ram pedaços de ossos e de louça partida, de que trouxeram os fragmentos que estão no museu do Algarve.

Curral da Pedra.—Fica este sitio a oeste $^1/_4$ norte, e a 5 ki lometros de Odeleite, assim como a 2 kilometros ao sul $^1/_4$ sudoeste de Furnasinhas, e a uns 500 metros a sueste da mina de cobre, denominada Serro, da Mina e Conceição [1], situada na herdade da

[1] Veja-se a descripção d'esta mina, vol. III, pag. 65 a 67.

edronheira, onde hão sido descobertos numerosos instrumentos
pedra. A mina foi reconhecida com vestigios de antigas pes-
uizas pelo sr. Costa Sequeira, actual distinctissimo director da
partição de minas, e no Curral da Pedra, a tão curta distancia,
i descoberta em 1877 uma necropole de *cistos* quadrangulares,
ue continham geralmente pedaços de ossos e louças similhantes
que já ficam indicadas nas necropoles antecedentes. Um dos
tos tinha uma urna cheia de terra dura, a um lado uma frecha
cobre sem espigão, entalhos ou orificios, por não se ter che-
do a concluir, ou porque assim mesmo seria inserida e ligada
haste fendida. Estava partida em tres pedaços, talvez inten-
nalmente, para que não mais podesse ser utilisada. De outro
quelles *cistos* extrahiu-se uma urna em numerosos bocados, de
ndo convexo, com duas gibosidades oppostas, e d'ahi até ao bor-
do gargalo decrescendo em diametro; fôram, porém, collados
fragmentos para se lhe reconhecer a fórma. Estava cheia de
ra dura e continha muitos fragmentos de um cranio de pouca
essura. A frecha de cobre e a primeira urna, ainda cheia de
ra, são figuradas com o n.º 6 na est. XV e a segunda com o
7. Estão no museu do Algarve.

O primeiro cisto mediu 1 metro de comprimento, 0m,75 de
gura e 0m,60 de fundura; o outro era inteiramente quadrado,
n 0m,60 de cada lado e 0m,50 de fundura.

Temos assim mais uma necropole com um instrumento de co-
, a curta distancia da mina de cobre da Conceição, com re-
hecido trabalho antigo, e ao poente d'esta, a uns 6 kilome-
s de distancia, mais duas minas de cobre, a de Forra Meren-
e a do Serro da Pedra[1], ambas com trabalho antigo e provas
fundição de minério.

Lançando-se, pois, a vista para a carta paleoethnologica, obser-
se todo o tracto da margem direita do Guadiana, entre a foz
ibeira de Odeleite e a da ribeira de Cadavaes, inteiramente des-

[1] Estas duas minas são descriptas no vol. II, pag. 73 a 76.

provida de caracteristicos prehistoricos, não obstante ser ahi co
tada por alguns barrancos e ribeiras, ao passo que todos os ve
tigios de população e trabalho correm no rumo d'aquellas tr
minas de cobre.

D'este modo temos aqui a repetição do mesmo caso já obse
vado nas minas de cobre da região central e nas da região occ
dental, mostrando com a maior evidencia que nunca se acha un
mina de cobre com trabalho antigo sem ser acompanhada de c
racteristicos da ultima idade da pedra ou da idade do cobre.

Levado o exame critico até este ponto, e não havendo o firn
proposito de se querer a todo o transe desvirtuar um facto de t
saliente significação, forçoso é entender-se que as minas de c
bre da zona meridional d'este reino fôram descobertas e começ
ram a ser exploradas na ultima idade da pedra, e que continua
do a exploração na idade do cobre, foi esta industria que attrah
e congregou o pessoal de que carecia, e com um caracter tal
permanencia, que foi mister construir necropoles para poder t
sob sua vigilancia as venerandas reliquias dos que cessavam
existir.

Em toda a parte se acham, pois, repetidos os mesmos car
cteristicos, como continuo a mostrar.

Relva Chã.—Está este sitio a 2 kilometros ao norte de Fi
nasinhas e a 3:800 metros da mina da Conceição, tanto a oes
na freguezia de Vaqueiros, embora já um tanto distante, a mi
de cobre da Cova dos Mouros[1], abundante de antigos vestig
de trabalho, de tradições de habitação referida aos *mouros* e
deada de caracteristicos da ultima idade da pedra, que a ca
não indica por ter sido posterior o seu descobrimento.

Na Relva Chã apparecem necropoles de cistos quadrilon
nos cabeços dos serros, manifestando um d'elles o machado
pedra com o córte obliterado, que represento na est. xxvi, s

[1] Veja-se a descripção da mina da Cova dos Mouros, vol. i, pag. 69 a 73.

i.º 2, no vol. II, e descrevo na pag. 414, o qual depositei no mu-
eu do Algarve.

Mas entre a Relva Chã, com as suas necropoles da idade do
obre e a mina da Cova dos Mouros, está o Monte de Sodes, sem
inguem saber que significa este nome, talvez por corrupção de-
ivado de *sodalis* ou *sodalitas,* na accepção de *logar dos compa-
heiros, da sociedade, do ajuntamento;* pois não é de admirar que
corrupção possa ter desfigurado o nome de um monte quasi
gnorado, quando ella está fazendo figurar tantos nomes ainda ha
ouco desconhecidos e que em tão levantado plano estão assom-
rando a tolerancia publica; e eu não penso assim sem algum
undamento, porque não pouco admirado fiquei quando do Monte
e Sodes vieram ter á minha mão onze denarios de prata repre-
entando nove familias consulares, todas muito anteriores á fun-
ação do imperio romano, já indicadas no volume antecedente[1].

Como foi, pois, que todos essses denarios, batidos durante o
empo das guerras punicas, a contar do terceiro seculo anterior
era christã, fôram alli parar, e com que fim?

Parece que emquanto as armas da republica disputavam aos
henicios de Carthago e aos indigenas lusitanos e ibericos a posse
a peninsula, alguns grupos d'essa gente guerreira poderam in-
ernar-se e fixar a sua audaciosa presença em logares menos ar-
iscados, dos que melhor podiam corresponder aos interesses que
s attrahiram a estas terras.

A fama da riqueza das minas era geralmente tradicional
uando os proprios ascendentes d'esses fundadores de Carthago
muitos seculos antes começaram a saír de Tyro e de Sidonia para
bicar aos portos peninsulares do Mediterraneo e do Atlantico, e
aes tradições não estou longe de julgar, que desde tempos remo-
os já tinham sido vinculadas pelos peninsulares em as nações
o Mediterraneo e ainda n'outras do grande mar oceano, poisque

[1] Vol. III, pag. 71 e 72.

me parece ter provado no volume antecedente[1], que muito ante dos romanos, gregos, carthaginezes e os mais antigos phenicio terem chegado a estas paragens, já a navegação entre a peninsul luso-hispanica e outras nações, era tão antiga, que na Irland em muitos territorios banhados pelo Atlantico, e principalment nas ilhas do Mediterraneo, apparecem muitos caracteristicos iden ticos aos dos monumentos de varias nações, o que prova que s por via maritima podiam ser transmittidos.

E como atinariam esses romanos, que ainda usavam os dena rios da familia Lutatia, batidos no anno 242 anterior á era christ isto é, ha mais de vinte e um seculos, com as minas de cobre da proximidades do Monte de Sodes, se alli não fôssem levados pel fama da riqueza d'essas minas, que os indigenas tinham explo rado em tempo remoto, como bem o deixam entender as necropo les de cistos quadrados e os famosos instrumentos de pedra do vizinhos serros de Vaqueiros[2]?

Muitos mais d'esses caracteristicos, principalmente na regiã serrana, ficaram por explorar, tanto porque as primeiras informa ções pedidas á gente das freguezias não os accusaram, como, so bretudo, porque o tempo de que podia dispor para o exame dire cto de tantas centenas de kilometros quadrádos n'uma superfici de tão aspera accidentação, era insufficientissimo.

Não quero tambem isentar-me da culpa que me compete, poi tendo deparado com um governo, que tão magistralmente sabi calcular por mezes e dias o tempo que levariam os serviços d que me tinha encarregado, devêra ter-lhe devolvido a commissã para que a mandasse desempenhar por algum d'esses sabios qu pretenderam fundar um museu com o fructo dos meus descobri mentos, incluindo as minhas proprias collecções!

Saibam, pois, todos os meus leitores, que ficou muito por fa

---

[1] Vejam-se no vol. III, pag. 376 a 384.

[2] Veja-se o que digo de Vaqueiros e o que represento em estampas, vol. I, pag 294 e seguintes, est. XXIX e XXX.

›r, principalmente nas freguezias de Alcoutim, Pereiro, Vaquei-
›s, Giões e Martim Longo. Em todas ellas ha vestigios neolithi-
›s e necropoles identicas ás do cobre; mas como não fôram
‹ploradas, pouco me resta a dizer do territorio do Algarve com
ferencia a essa idade, tão systematicamente negada!

Valle de Nossa Senhora. — Este valle segue na proximidade
sobre o flanco esquerdo da ribeira de Cadavaes, cujo lado op-
›sto, quasi junto á foz, é occupado pela villa de Alcoutim.

Nos cabeços dos montes propinquos ao valle e nos de outros
ais distantes verifiquei a existencia de algumas necropoles de
tos quadrangulares. Abri poucas sepulturas em dois d'esses
ontes, pertencentes ao sr. Pedro Teixeira, administrador do con-
ho de Alcoutim e sacristão da igreja parochial da villa, sendo
las construidas com lages toscas de schisto. Continha cada uma
llas a competente urna reduzida a pedaços pela pressão da
rissima terra de que estavam cheias, e raros pedaços de ossos.
riavam, porém, nas dimensões mediante a grandeza das lages
e os constructores tinham podido encontrar.

Uma das do monte proximo do Valle de Nossa Senhora me-
de comprimento $1^{m},02$, de largura $0^{m},70$ e de fundura $0^{m},80$,
do esta a mais espaçosa; mas no outro monte a maior tinha
90 de comprimento sobre $0^{m},60$ de largura e $0^{m},55$ de fun-
a. Nenhuma patenteou artefactos metallicos; mas a construc-
, as dimensões e os conteúdos mostram ter pertencido á idade
cobre; o que foi confirmado por um trabalhador, que me in-
nou ter visto uma *choupa* delgada de metal com dois buracos
baixo e córte amollado nos dois lados, achada por um pastor
na d'aquellas caixas de pedra.

Córtes Pereira. — Em serros proximos da mina de antimo-
apparecem sepulturas similhantes ás dos que pegam com o
le de Nossa Senhora, devendo notar-se que a curta distancia
juella mina ha filões de cobre com provas de exploração an-

tiga e muitas escorias provenientes da fusão do minerio [1]. Alguns machados de pedra se diz terem alli sido achados. Ora, quando todo aquelle agreste escampado chega a parecer improprio para repouso dos mortos, como poderia ter sido habitado por vivos, se um interesse local não os tivesse attrahido!

Vicentes. — Pertence este logarejo á freguezia do Pereiro, d que dista a es-nordeste pouco mais de 1 kilometro. Ha tambem sepulturas quadradas nos montes proximos, constando havel-a igualmente n'outros ao norte do caminho que dos Vicentes corr pelos sitios do Garcia e Oliveirinha para Córte Tabellião.

N'aquelles sitios, porém, nada explorei por não me poder de morar. A unica sepultura que se abriu, e indico na carta, mostro ser identica na construcção e conteúdos ás das necropoles ante cedentes. Não deixa de ser notavel o nome tradicional de The souro que se dá a um monte que fica a distancia de 2 kilometros

Entre Vicentes, Córtes Pereira e Giões ha noticia de terem apparecido machados e grandes percutores de pedra. Um d'esse machados foi achado entre a margem direita da ribeira do Vascã e o flanco oriental da antiga estrada para Mertola. Comprei-o um camponez: é o que descrevo no segundo volume (pag. 415 416) e represento com o n.º 3 na est. XXVI do mesmo livro. de rija diorite; mede de comprimento $0^m,172$, e tem o córte mui obliterado pela acção do trabalho. Póde-se ver no museu do A garve, onde o deixei depositado com todos os outros objectos d minhas collecções.

Martim Longo. — Deixo sem descripção especial o Serro d Reliquias a noroeste, e a pouco mais de $1\,^1/_2$ kilometro da igre de Giões, propinquo á margem direita da grande ribeira do Va cão, em que se diz haver uma antiga mina, já entulhada, que saída para a ribeira.

---

[1] Veja-se o vol. III, pag. 68

O nome do serro deriva-se de ter n'elle havido uma ermida
a invocação de Nossa Senhora das Reliquias, como me informou
n officio de 24 de março de 1877 o prior de Giões, Nuno Au-
usto de Brito Inglez, de quem recebi outras interessantes noti-
ias relativas a grandes construcções romanas ainda existentes
'aquelle serro, as quaes reservo para referir em logar compe-
ente.

Não deve, porém, admirar que em tempos historicos, e mesmo
nteriormente, fôsse alli explorada uma mina, sabendo-se que a
a Aroeira está a leste de Martim Longo, tendo a nordeste o Serro
as Reliquias, e ao norte outra mina de cobre, denominada do
aborato, ambas reconhecidas com trabalho antigo; pois foi ob-
ervado pelo engenheiro Ferreira Braga na mina da Cova dos
louros, que o filão cuprifero corre de oeste para leste.

Vê-se, portanto, que o grande tracto de terreno abrangido pe-
as freguezias de Vaqueiros, Martim Longo, Giões, Pereiro e Al-
outim, e que se dilata no rumo de leste entre a ribeira do Vas-
ão e a da Foupana, constitue uma rica região cuprifera, que se
ecommenda por quatro minas com trabalho antigo, pelos nume-
osos instrumentos de pedra que tem fornecido e pelas necropo-
es da idade do cobre que se observam nas proximidades de cada
ma.

Pouco importa que n'essas minas se achem largos vestigios
e explorações historicas, porque sabido é que os romanos prin-
ipalmente souberam sempre aproveitar tudo quanto encontraram
niciado ou constituido pelos seus antecessores, aos quaes não é
erosimil terem escapado os filões cupriferos d'essa região tão as-
ignalada por caracteristicos da ultima idade da pedra e da idade
lo cobre [1].

---

[1] Cada nacionalidade ficou caracterisada n'essas explorações, sobre tudo por seus
nstrumentos e utensilios do trabalho. A este respeito diz o antigo director da reparti-
ão de minas, João Baptista Schiappa de Azevedo (relatorio sobre a mina de cobre de
anto Estevão, no concelho de Silves, Algarve.— Lisboa, typ. do *Jornal do Commercio*,
864, pag. 6):

«É na cumiada d'esta collina (entre os valles de Rendufe e de Arada) e na sua en

Advirto mais uma vez, que a feição geral da carta paleoethnologica está evidentemente mostrando não terem apenas sido as boas condições de habitação, que áquelles povos offereciam as margens das ribeiras, que os levaram a permanecer em taes sitios; pois com mais de 3 leguas de extensão e cortada por varias correntes de agua, mas sem vestigio de occupação prehistorica, se vê toda a margem direita do Guadiana entre Alcoutim e a foz de Odeleite, onde muitos terrenos são actualmente bem aproveitados.

As minas fôram, portanto, o foco principal de attracção, e sendo o minerio alli mesmo tratado, como se prova com uma infinidade de logares cobertos de escorias de fundições, é de todo o ponto perceptivel que a industria mineira, a contar da ultima idade da pedra, creou em toda a zona do Algarve a *idade do cobre*.

O cobre foi, pois, em grande escala substituindo muitos instrumentos de pedra e de osso; creou novas fórmas de armas de

---

costa occidental, que se vêem os vestigios de trabalhos antigos, que não é licito reportar ao periodo da nossa monarchia, e que eu julgo deverem ser attribuidos aos arabes durante a epocha em que occuparam a nossa peninsula.

«Algumas candeias de barro e varios utensilios encontrados n'essas excavações auxiliam esta hypothese. A irregularidade de taes trabalhos não permitte que seja considerada a exploração como devida aos romanos, que no seu lavor mineiro imprimiam um cunho de sciencia e de methodo impossivel de confundir».

Ora, se o genero de methodo nos trabalhos mineiros, as ferramentas e utensilios permittem o reconhecimento das explorações romanas e não se podem estas confundir com outras antecedentes, ou subsequentes, com o mesmo fundamento se deve entender que as minas com trabalhos de irregular feição, acompanhadas de machados, enxós, escopros e percutores de pedra, fôram primordialmente exploradas na epocha que é archeologicamente caracterisada por esses instrumentos de trabalho, assim como aquellas em que apparecem armas, machados e escopros de cobre, devem igualmente caracterisar uma epocha anterior ao uso do bronze e do ferro, por isso que o cobre nunca seria preferido para instrumentos de trabalho, se o bronze já fôsse conhecido e sobretudo o ferro; pois desde que o ferro veiu supplantar as armas e instrumentos de bronze, o bronze e o cobre passaram a ter outras mui diversas e proveitosas applicações.

As minas que deixo indicadas com instrumentos de pedra e de cobre mostram portanto ter sido primordialmente exploradas n'essas epochas, ou idades prehistoricas.

Quantas, porém, não podem hoje patentear a sua origem, por terem os seus mais significativos caracteristicos sido utilisados, destruidos ou deslocados por exploradores de data posterior! Ainda assim, os vestigios externos não tão facilmente se extinguem; não poucas vezes podem elles mui racionalmente supprir os que deixaram de existir

;uerra e de caça, mais possantes, de mais facil transporte e ma-
iejo do que as antecedentes, e permutado pelos productos de ou-
ras industrias de primeira necessidade na alimentação, no ves-
iario e nos proprios abrigos da vida, póde-se julgar que foi
entamente transformando em apreciaveis melhoramentos muitas
udezas e supprindo muitas deficiencias das sociedades neolithi-
as. Foi um verdadeiro manancial de progresso, tão fecundo, e
elativamente áquelles tempos, tão poderoso e civilisador, como
oi o ferro para as mais antigas populações historicas. Tudo se
oi modificando e aperfeiçoando á luz d'essa nova aurora, a todo
passo reflectida pelo brilho do cobre polido e do ouro sempre
uzente e fascinante, seu já demonstrado contemporaneo (est. IV).

As antiguidades prehistoricas de Martim Longo são, final-
iente, coroadas por uma pedra com duas inscripções de ca-
acteres prehistoricos peninsulares. Eil-a já aqui (est. XIX), fiel-
ente reduzida pela photographia. Está gravada, ou antes rude-
ente aberta a escopro de silex, n'uma lage tosca de grés rijo
stratificado, de côr pardacenta, medindo de altura 0^{m},30, de lar-
ura 0^{m},44 e de espessura 0^{m},09. Foi achada n'um desaterro que
fez a mui curta distancia da igreja parochial, sendo-me offe-
cida pelo sr. Antonio de Paulo Serpa, distincto conductor da
recção das obras publicas do districto de Faro, e meu muito
estante auxiliar nos trabalhos de levantamento da carta archeo-
gica do Algarve.

Não appareceu, pois, este importante monumento em perce-
iveis condições caracteristicas de epocha, e por isso não vae
ui incluido como representante da idade do cobre, mas como
nples padrão pertencente áquella localidade.

No penultimo capitulo occupar-me-hei do exame archeologico
spectivo aos outros monumentos com inscripções de taes cara-
eres, descobertos n'este paiz, e expenderei fundadamente as
ovas e conceitos que me levam a julgar essa linguagem penin-
lar já perfeitamente reduzida á fórma epigraphica na ultima
ade da pedra.

Quando este assumpto fôr apresentado e discutido, os linguis-

ticos, que ao mesmo tempo souberem ser archeologos, compre-
henderão onde existem as mais antigas origens da linguagem pa-
leographicamente figurada.

Conclusões geraes

Em vista dos caracteristicos descriptos e representados na
paginas e estampas d'este capitulo, dos que ficaram symbolisado
na carta paleoethnologica, estampados e interpretados nos tres pr
meiros livros d'esta obra, está provado:

1.º Que o actual territorio do Algarve foi em grande par
povoado na ultima idade da pedra;

2.º Que a população neolithica occupou todo o litoral mar
timo do sul e do poente, e quasi todo o flanco direito do rio Gu
diana, assim como de oeste para leste a zona central que abran
a grande região mineira, deixando geralmente assignalados co
seus vestigios os terrenos proximos das minas de cobre e das c
vernas;

3.º Que, com seus possantes instrumentos de pedra de vari
rochas, lavrou as minas de cobre indicadas com taes caracteri
ticos;

4.º Que o cobre foi explorado, depurado pela fusão e man
facturado por fundição, martellagem e attrito pelos obreiros in
genas, visto não se ter achado um unico artefacto de qualquer i
dustria estrangeira;

5.º Que as necropoles, de cistos ou sepulturas quadradas
curtas dimensões, são frequentes nas proximidades das minas
cobre, bem como a pouca distancia dos logares com vestigios
antigas fundições, e que tendo algumas das necropoles, mina
seus terrenos adjacentes e varios logares de fundição manifesta
instrumentos de pedra, armas, instrumentos e outros artefact
de cobre, com inteira exclusão de qualquer caracteristico da ida
do bronze ou da idade do ferro, é evidente que taes necropole
minas e logares caracterisam a idade do cobre;

6.º Que ficam exuberantemente exemplificados todos os c

acteristicos da idade do cobre enumerados no começo d'este ca-
itulo (pag. 5).

Não me compete o estudo das antiguidades que ultrapassam
raia septentrional do Algarve; mas ao mesmo tempo entendo
er necessario indagar se os caracteristicos que tenho mencionado
ão exclusivos d'aquella região, ou se deixaram mais algum ves-
igio n'outros territorios do reino, e n'este caso qual o trajecto
ue os indica e até que ponto se manifestam.

É, pois, esta a mais difficil das emprezas, porque nas outras
rovincias do reino nunca houve estudos methodicos, e por isso
exame dos trajectos ethnographicos concernentes ás populações
ue occuparam todo este territorio desde as mais remotas mani-
estações da vida humana, longe ainda está de se poder fazer!

Falta o reconhecimento geral das antiguidades d'este reino,
antas vezes por mim lembrado e até proposto, e esta falta está
m grande escala retardando o progresso scientifico do paiz, usur-
ando ás sciencias modernas um enorme conjuncto de importan-
issimas revelações, e impedindo os homens mais illustrados n'es-
es lavores da sabedoria nacional, ahi já tão conhecidos e justa-
nente festejados pelos proprios estrangeiros, de contribuir com o
seu esclarecido entendimento, com o seu saber e os seus ainda
não polluidos sentimentos patrioticos para que esta nação possa
rilhantemente nivelar-se, ao menos na cultura intellectual, com
s que hoje principalmente devem a sua grandeza a essa força,
mais ainda o seu prestigio, ao elevado grau de sabedoria que
ão sabido attingir, não descurando um unico ramo de conhe-
cimentos humanos.

Aqui está um exemplo d'essa immensa falta, devida á supre-
ma contumacia que tem havido em não se querer attender e re-
mediar, falta que não permitte aos homens que sabem conscien-
ciosamente trabalhar o conhecimento dos elementos que deviam
auxilial-os no programma e desenvolvimento dos seus utilissimos
trabalhos: eu mesmo, se taes estudos já estivessem effeituados,
iria agora marcando na carta geographica do paiz o seguimento
ethnographico das estações que em todo o reino caracterisam, ne-

cessariamente, a idade do cobre, desde as necropoles do concelho de Portimão até ás do concelho de Barcellos, no districto de Braga.

O leitor verdadeiramente instruido e sabio vae agora observar as enormes lacunas que separam as poucas estações já conhecidas, a contar do Alemtejo até Braga, e assim perceberá a fundamentada instancia com que tenho reclamado esse indispensabilissimo estudo geral, unica base segura e positiva de que estão carecendo absolutamente numerosos e variadissimos trabalhos de grandiosa importancia.

A todos já adverti com a mais franca lealdade, que o proprio Algarve não ficou em devida regra explorado. Ainda alli ha muitas cousas geralmente ignoradas, como já disse n'outro logar. O tempo de que podia dispor é que não chegou para mais.

Não se espere agora de mim uma revista completa de tudo mais que ha da idade do cobre em todo o reino. As collecções particulares, á falta de museus provinciaes, são numerosas e pela maior parte desconhecidas. A maioria dos collectores não se têem interessado em tomar nota dos logares e condições em que appareceram os seus padrões archeologicos, e por isso os objectos, que n'este caso estejam, perderam todo seu valor scientifico, passando á categoria das cousas inuteis. A sciencia não os póde perfilhar.

Vou, pois, limitar-me ao que julgo sufficiente para mostrar que a idade do cobre está authenticada por varias estações descobertas em differentes districtos.

Já vimos uma estação em Aljezur representada por duas lanças de cobre: fique sendo esse o ponto de partida.

Odemira e Villa Nova de Milfontes. — O sr. Cartailhac[1], dando noticia das antiguidades prehistoricas descobertas e exploradas em Odemira e Villa Nova de Milfontes, pelo sr. dr. Abel da Silva Ribeiro, que por equivocação denominou dr. Oliveira, de-

---

[1] *Ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 210.

:reve uma serie de sepulturas, que a pouca distancia da foz do
o Mira achou aquelle distincto medico e fanatico amador das an-
guidades nacionaes.

Algumas sepulturas eram, como eu as represento, em escala
: 1 : 40, na est. XI, com o n.º 5, permittindo o enterramento por
humação sem necessidade de ser dobrado o cadaver, e outras
: menores dimensões. Estavam geralmente construidas com seis
ges toscas, quatro formando os flancos lateraes e duas os topos,
italadas entre os lados. Não são todas completamente identicas
das necropoles do Algarve, por terem as primeiras maior ex-
nsão e a configuração trapeziforme, mas nas necropoles do Al-
irve tambem appareceram variantes, como a que indico sob
º 2 da mesma est. XI e as que figuro na planta da de Alcaria
Pocinho, como se vê na est. XIII, letras *B* e *L,* onde tambem
ostro, com a letra *R,* uma trapeziforme. O sr. Cartailhac diz
ie os ossos achados n'aquelles jazigos estavam partidos, com
cepção das phalanges e dos dentes. Não tinham signaes de cre-
ıção, e comtudo a terra que os enchia manifestou carvão miu-
, talvez proveniente de alguma ceremonia funebre, em honra
s mortos, que fôsse celebrada no acto do enterramento ou da
humação.

Prefiro, porém, guiar-me pelas informações que directamente
: enviou o proprio illustrado explorador.

Para se formar approximada idéa da situação d'aquellas ne-
opoles, convirá primeiramente conhecer a sua situação.

Villa Nova de Milfontes está na margem direita do rio Mira,
mui curta distancia da foz, ficando-lhe a sueste Odemira na pro-
ıquidade d'essa margem, a menos de 4 leguas metricas.

O rio Mira, abastecido por uma enorme rede de affluentes em
lo o seu trajecto, alguns dos quaes descem de cotas superiores
400 metros, deve ter sido importante em antigos tempos, tendo
ı bom porto e sendo navegavel talvez n'uma extensão superior
30 kilometros.

Foi sem duvida alguma um porto maritimo utilisado em tem-
s prehistoricos, como bem o denunciam as suas necropoles, nu-

merosos instrumentos de pedra, achados geralmente nos terren
altos mais proximos, alguns dos quaes fôram offerecidos pel
dr. Silva Ribeiro ao museu da commissão geologica. Não sã
porém, esses instrumentos os unicos caracteristicos locaes.
dr. Silva Ribeiro, ainda em 30 de novembro de 1889, fallan
do-me das extensas dunas que correm no parallelo do mar ocea
em todo aquelle littoral, julgou n'ellas observar bem caracteris
dos kioekkenmoeddings, embora não as tivesse explorado.

Outra manifestação veiu fortificar os conceitos, que as ant
guidades marginaes do Mira tinham suscitado.

O Esteiro da Galé, a 2 kilometros da foz do rio, é um ba
ranco, ainda hoje parcialmente invadido pelas marés, que em ter
pos prehistoricos parece ter dado abrigo ás embarcações ent
usadas; pois no inverno de 1876 as aguas torrenciaes a que d
arrebatada passagem, abaixaram-lhe o álveo até á profundida
de 5 a 6 metros, deixando á vista um corpulento madeiro de ca
valho excavado a fogo e a instrumentos de pedra, cujos golpes
parte carbonisada ficaram impressos e reconheciveis. Era ur
naveta ou piroga que jazia n'uma funda camada de lodo alluvi
de que apenas restava inteira uma porção, que mediu mais de
metros de comprimento, mas que o dr. Silva Ribeiro não cons
guiu salvar do ultimo cataclismo, porque quando alli foi para
recolher, já a tinham reduzido a lenha, do mesmo modo que su
cedeu á que foi descoberta em Peniche.

Note-se agora o que havia nas sepulturas de Odemira e
Villa Nova de Milfontes. É o sr. Cartailhac quem o diz no seu
vro (pag. 210):

«On recueillit seulement quelques gros objets qui vraisemb
blement n'étaient pas seuls: des haches, une herminette en pier
enfin deux objets en métal, une pointe de trait du type déjà
gnalé (fig. 181), et une hache plate, au tranchant légèrement é
sé, pareille à tant d'autres de la péninsule, que je décrirai p
loin.»

A respeito do machado metallico accrescenta que, sendo chi-
iicamente analysado pelo sr. Witnich, verificou ser de *cobre, sem*
stanho. Os outros objectos que acompanhavam os de pedra eram
gualmente de cobre, como verificou o sr. Bensaude no laborato-
o da commissão geologica.

A sepultura n.º 5 de Odemira, que represento na est. XI, con-
nha a frecha de cobre n.º 5–A e o machado de cobre n.º 5–B;
sepultura n.º 6 de Villa Nova de Milfontes, figurada com o n.º 6,
endo identica á de S. Bartholomeu, n.º 4, em que se achou a
echa de cobre n.º 4–A, que inclui na mesma estampa, tinha
imbem a frecha de cobre n.º 6–A. N'umas informações, porém,
ue o dr. Silva Ribeiro me enviou em 4 de abril de 1889, indi-
ava outras sepulturas d'aquella villa com machados de pedra,
ssos, louças, argolas e um harpão de cobre, assim como com
ies caracteristicos outras muitas nos terrenos marginaes do Mira
na propria zona do littoral maritimo.

Muitos d'esses instrumentos de pedra e de cobre estão no mu-
eu da commissão geologica, onde podem ser observados.

Nas sepulturas não foi encontrado um unico artefacto ou ca-
acteristico da idade do bronze ou da idade do ferro e só alguns
a ultima idade da pedra; portanto, as necropoles marginaes do
io Mira, de Odemira e Villa Nova de Milfontes, representam a
dade do cobre.

Agora vae-se praticamente conhecer a impossibilidade, em
que hão de sempre achar-se os escriptores encarregados do estudo
undamental das antiguidades nacionaes, devida á quasi absoluta
iusencia de seguras bases, pelo simples facto de não se ter ainda
procedido ao reconhecimento geral dos caracteristicos archeologi-
cos do reino, como se fez no Algarve.

Da foz do rio Mira temos, pois, de passar a Alcaçovas, dei-
xando entre estes dois pontos uma lacuna, que, medida na carta
geographica em linha recta, dá a extensão de 80 kilometros, a
im de se poderem encontrar no fim d'esta linha alguns outros ca-
racteristicos da idade do cobre!

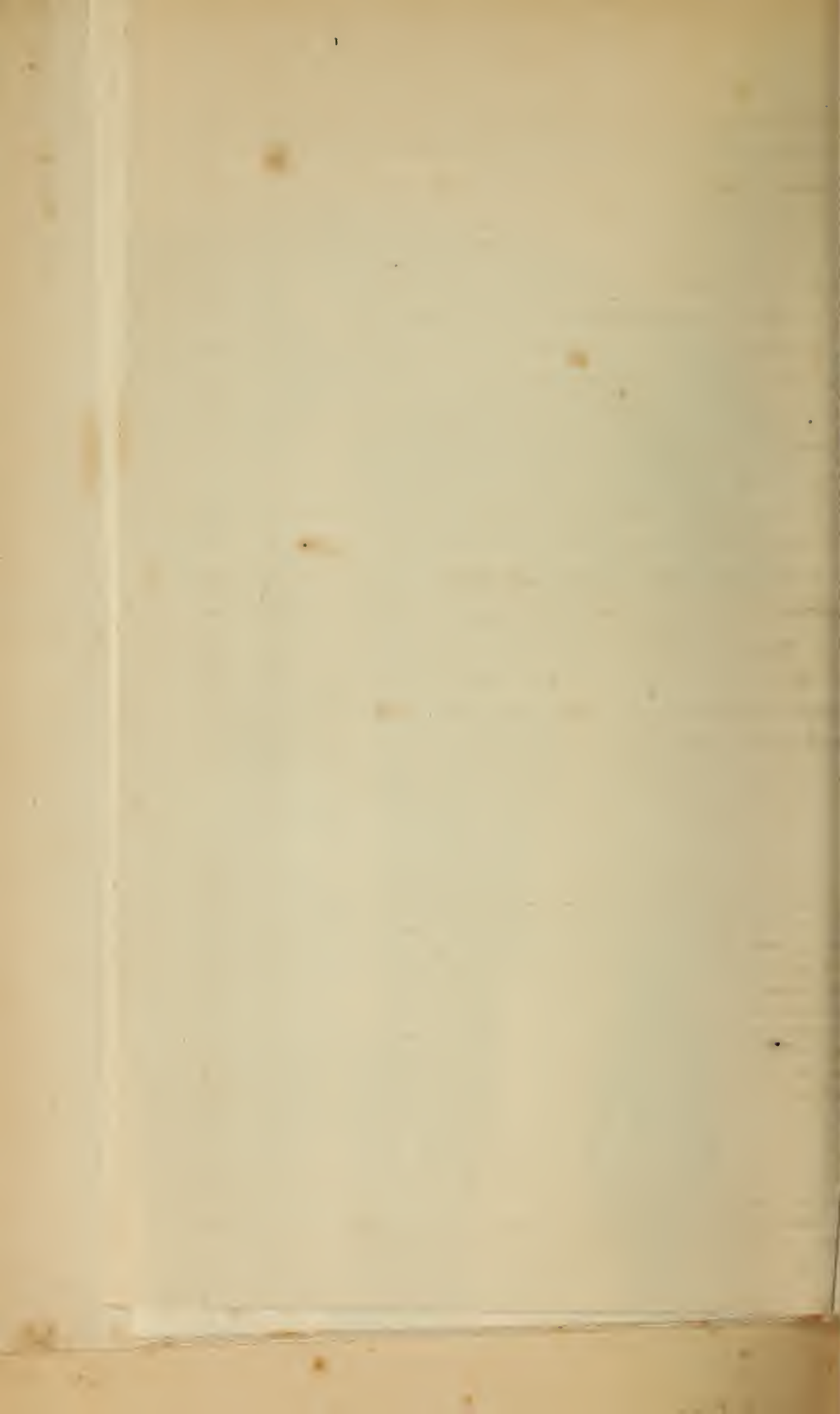
Aljustrel.—Antes de Alcaçovas, tenhâmos porém em lembrança as minas de Aljustrel, onde sabido é que os rebuscadores acharam cunhas e frechas de cobre, que venderam aos caldeireiros, podendo porém o sr. Teixeira de Aragão obter uma d'essas frechas, que é a que, reduzida á metade das dimensões, represento com o n.º 9 na est. ii. O sr. Cartailhac (obra citada, pag. 220) acrescenta o seguinte:

«Aljustrel, localité célèbre par la découverte qu'on y a faite d'une table en bronze sur laquelle était gravée une loi romaine sur les mines, a fourni aussi quelques objets en métal, deux lames de poignard dont la pointe est cassée, à soie courte et portant deux trous pour rivets, et une pointe de la même famille que celle de Casa da Moura, d'Odemira, de Palmella, et de los Eriales (399).»

Com taes caracteristicos, aquellas minas constituem uma estação da idade do cobre.

Alcaçovas.—Assenta esta villa na grande região eruptiva do Alemtejo, caracterisada por um extenso massiço de porphyros, diorites, euphotides e serpentinas, tomando entre os granitos, syenites e as formações cretaceas e marinas um plano obliquo de apparente manifestação entre noroeste e sueste.

Não tenho noticias especiaes da feição prehistorica d'aquelles terrenos de crystallisação; consta-me, porém, que em sitios não mui distantes da villa têem sido descobertos alguns machados de pedra, mui provavelmente das diorites e serpentinas locaes; pois de porphyro não conheço exemplar algum, nem mesmo percutores, em que mui vantajosamente poderia ter sido aproveitado.

Mas nos contornos de Alcaçovas não appareceram sómente machados de pedra. O distincto archeologo, sr. Gabriel Pereira, obteve d'aquelles sitios uma frecha de cobre e do mesmo metal o maior machado que conheço. O machado, depositado no museu

Evora juntamente com a frecha, mede de comprimento 0m,215, diametro da bôca 0m,132, na extremidade inferior 0m,035 e maxima espessura central 0m,021. Não se sabe em que condies fôram achados estes dois objectos, que represento na est. XVIII b n.os 1 e 2, porque o sr. Gabriel Pereira não encontrou quem désse os esclarecimentos que desejava obter.

Se esses dois artefactos não representam alguma estação lol da idade do cobre, poderiam ser talvez attribuidos a um dos oximos dolmens da região eborense, ou a uma das mui ricas nas cupriferas do Alemtejo, que de Almodovar seguem princilmente no rumo de noroeste, passando o filão cuprifero por stro Verde, Aljustrel, Ferreira, Grandola e ainda n'outros rus, com vestigios de trabalho antigo; mas como não temos uma ta das minas do nosso territorio, nem carta dolmenica [1], pore todas estas cousas estão e continuam a estar n'um completo sprezo, faltam até as bases para se poder firmar uma conjectu; o que por vezes me tem levado a pensar que este paiz, oudo dizer que na Polynesia e no territorio dos indios kioways [2] passa admiravelmente bem sem cartas archeologicas, queira ndonar a ultima idade do ferro para voltar á innocente idade ouro, que é a mesma em que o cobre predomina.

---

[1] Já no vol. I reproduzi a noticia das cartas archeologicas publicadas até 1881, pelo sr. Cartailhac (*Matériaux pour l'histoire primitive de l'homme*, etc., segunda, tomo XII, pag. 199, 1881). Não vem, porém, fóra de proposito renovar aqui a lemça d'essas importantes publicações, n'esta occasião em que está submettido ao ne do sr. ministro de instrucção publica um esboço de programma para a instituidos estudos archeologicos em Portugal, mediante um reconhecimento geral, repreado em cartas archeologicas, que devem ser comprovadas com seis museus provin, e com mais um museu central de anthropologia, estabelecido em Lisboa; porque ore entendi, como ha de entender toda a gente que d'estes assumptos sabe alguma a, que a instituição de taes serviços é indispensavelmente inadiavel, sob pena de inuar este paiz a ficar impossibilitado de cooperar nos grandes certames da scienmoderna, sendo privado do conhecimento scientifico das suas antiguidades e alisno grau mais inferior das nações cultas, quando para a solução dos mais impors problemas ethnologicos e ethnographicos poucas nações poderiam concorrer tão valiosa e avultada somma de manifestações, a serem effeituados os trabalhos gente competente, como estão propostos.

[2] Cartailhac, *Ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 204: «indiens ays, les plus barbares et les plus sauvages de toute l'Amérique du Nord.»

Limito-me, pois, a registrar a noticia de terem appare aquelles dois instrumentos de cobre em Alcaçovas, como os filhou o museu de Evora; e considerando o assumpto mui dentemente esgotado, e sobretudo ás escuras por falta de passo a seguir jornada pelo ramal de Evora até o Templo de na, d'onde as rapinas tiraram a melhor lampada que havia, que a *metropole das possessões continentaes,* denominadas Alga Alemtejo, etc., podesse alumiar o *Templo da Sabedoria,* adn velmente construido sobre a columna dorsal e os iliacos do ul padre-mestre guardião de S. Francisco da Cidade.

Evora.—Aqui se renova a necessidade de uma carta dol nica, como a que de ordem do ministerio de instrucção pu de França foi elaborada pela commissão de topographia das lias para representar os dolmens, tumulos, cavernas, os cara risticos da idade do bronze, os cemiterios merovingianos, et concluida em 1878; porque, não se conhecendo ainda n'esta a situação dos nossos monumentos prehistoricos, ordenar a tribuição ethnographica dos que pertencem a cada epocha, n possivel, nem elles estão ainda sufficientemente pesquizados permittirem segura classificação [1].

O Alemtejo tem ainda muitas antas, e algumas d'ellas g necem os arredores de Evora. É riquissimo em minas cuprif e não poucas pertencem ao concelho de Evora e a outros lim phes.

Não são igualmente raros na região eborense os machad pedra e os de cobre: mas d'estes é menor o numero hoje conhe porque uns jazem em collecções particulares e outros deix de existir, sendo derretidos no cadinho do fundidor. O sr. Ga Pereira possue quatro excellentes exemplares no museu de E

---

[1] Já em 1881 foi mandado fazer o inventario dos monumentos nacionae como não se sabia ainda o paradeiro d'elles, e não se definiu o que se devia en por monumentos nacionaes, o inventario sahiu vesgo e com outros achaques e tos: elle ahi está á venda na Real associação dos architectos e archeologo s portu

são os que represento na est. XVIII com os n.^{os} 3 a 6; presume
ie tenham sido extrahidos das antas, mas não o affirma; pois
rebuscadores dos monumentos e minas não querem geralmente
dicar os logares de taes achados, sobretudo quando esperam
ntinuar a desenvolver as suas pesquizas. Ha, porém, a possivel
rteza de terem sido encontrados nas proximidades d'aquella ci-
ıde.

Analysados mui obsequiosamente pelo sr. C. von Bonhorst
dos os artefactos metallicos do museu de Evora, sabe-se que
o de cobre os referidos exemplares.

Deve-se, portanto, entender que os monumentos ou minas
ıs vizinhanças de Evora, que taes instrumentos continham, re-
esentam a idade do cobre.

Arraiolos. — Está este concelho nas mesmas condições do de
vora: tem minas de cobre e uma anta, de que falla o dr. Pereira
ı Costa [1], já figurada e citada pelo barão de Bonstetten [2] e por
insey.

No museu de Evora depositou o sr. Gabriel Pereira o dardo
cobre que represento com o n.º 7 na est. XVIII, o qual foi acha-
em Sant'Anna do Campo na demolição de umas ruinas par-
ılmente aproveitadas para a nova igreja, perto de Arraiolos.
ixa, portanto, este singular instrumento presumir, que n'aquel-
s sitios houve uma estação na idade do cobre.

Tenho muitas outras indicações de caracteristicos da idade
cobre em varios pontos do Alemtejo, mas tão incompletas, que
o provam por emquanto cousa alguma.

Falla-se das sepulturas prehistoricas em S. Thiago do Ca-
m, de que o arcebispo Cenaculo recebeu placas de schisto com
avuras, machados de pedra e outros objectos; indica-se o dol-
en de Melides, ao norte do cabo de Sines, dizendo-se que foi

---

[1] Pereira da Costa — *Descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal*, pag. 84,
8.

[2] B. de Bonstetten — *Essai sur les dolmens*, pag. 22, fig. 19, 1865.

construido pelos *mouros*, como passado mais algum tempo hav
talvez quem o attribua aos inglezes.

N'uma fazenda perto de Beja informou-me o meu distin
e sabio amigo, o dr. Abel da Silva Ribeiro, ter um lavrador d
coberto com o arado duas lousas com inscripções peninsular
mas que indo por ellas para as arrecadar, já um pedreiro as tin
partido e mettido n'uma parede que estava levantando, sendo n
provavel que taes pedras pertencessem a sepulturas, de que ta
bem tive noticia.

Não vale a pena continuar com a vaga citação de cousas, q
a gente dos campos não sabe explicar com a precisa clareza
por isso fique em tranquilla quietação a riquissima provincia
Alemtejo até haver quem determine o estudo methodico das su
importantissimas antiguidades.

Setubal. — Pouco distantes da cidade ha uns bons carac
risticos da idade do cobre: os da Fonte da Ruptura, distante pa
leste uns 2 ½ kilometros, existentes no museu mineralogico
escola polytechnica, são o serrote e o ponteiro de cobre encaba
n'uma ponta de esgalho, que figuro com os n.os 8 a 10 na est. xv
um grosso anzol de cobre, percutores, machados de pedra, u
punhal de osso, etc., e a adaga de cobre do valle de Nenna, q
na mesma estampa figuro com o n.º 11, existente no museu
commissão geologica.

N'aquelles dois sitios, perto de Setubal e da foz do Sad
houve portanto gente que viveu na idade do cobre.

Palmella. — Em distancia de 3k,600 a oes-sudoeste
Palmella está situada a quinta do Anjo, com umas grutas a
tificiaes de caracteristicos fundamentalmente neolithicos, associ
dos ás lanças e frechas de cobre, que com metade das dimensõ
figuro sob n.os 11 a 19-A, na est. ii, tendo além d'isto mais u
ponteiro de 0m,11 de comprimento e 0m,005 de largura nas su
quatro faces, rematando n'uma extremidade em córte de formã
e mais um curioso instrumento, tambem de cobre, da fórma

ha espatulada, que alargando até o diametro de $0^m,03$ n'uma
remidade delineada em plano de secção vertical pyriforme,
estreitando gradualmente para a outra, que remata em ponta
ida, mede de comprimento total $0^m,168$.

As grutas da quinta do Anjo, perto de Palmella, são descriptas
o sr. Cartailhac na sua obra (pag. 118 a 134) e juntamente
rados em estampas os principaes artefactos que continham.

Vê-se imperar alli um notavel numero de instrumentos de pe-
, acompanhados da mais bella, perfeita e ornamentada louça
se tem achado em depositos prehistoricos d'este paiz, associan-
-se a tudo isto um interessante conjuncto de artefactos de co-
; portanto, as grutas de Palmella onde não havia caracteristico
um da idade do bronze ou da primeira idade do ferro, consti-
m uma importante estação da mais antiga phase da idade do
re.

Oeiras. — A furna ou caverna da Ponta da Lage foi explo-
a pela commissão geologica, como o tinham sido as grutas de
mella. Fôram alli descobertos muitos instrumentos neolithicos,
mpanhados das lanças e do machado de cobre, que represento
os n.os 12 a 14 na est. xvii, e não se encontrou cousa algu-
de bronze ou de ferro. Considero, pois, como perfeita esta-
mortuaria da idade do cobre a mencionada furna.

O que havia nas grutas de Palmella, na furna de Oeiras, as-
como em a Furninha de Cascaes, acha-se no museu da com-
são geologica.

Cascaes. —As grutas do Poço Velho, na propinquidade do
ino, fôram escolhidas e utilisadas pelos homens da ultima
le da pedra para recondito abrigo dos que cessavam de exis-
Não sei se são originariamente devidas á natureza da rocha,
impetuosa acção erosiva das ondas do mar, havendo inte-
mente espaços com altitude superior a 6 metros. N'esta ultima
othese seriamos obrigados a admittir um levantamento n'aquelle
marginal, ou uma lenta retirada das aguas n'uma epocha

geologica anterior ao tempo da occupação das grutas. Não ve
porém, ao meu proposito deixar aqui averiguada a causa que o
ginou aquella formação.

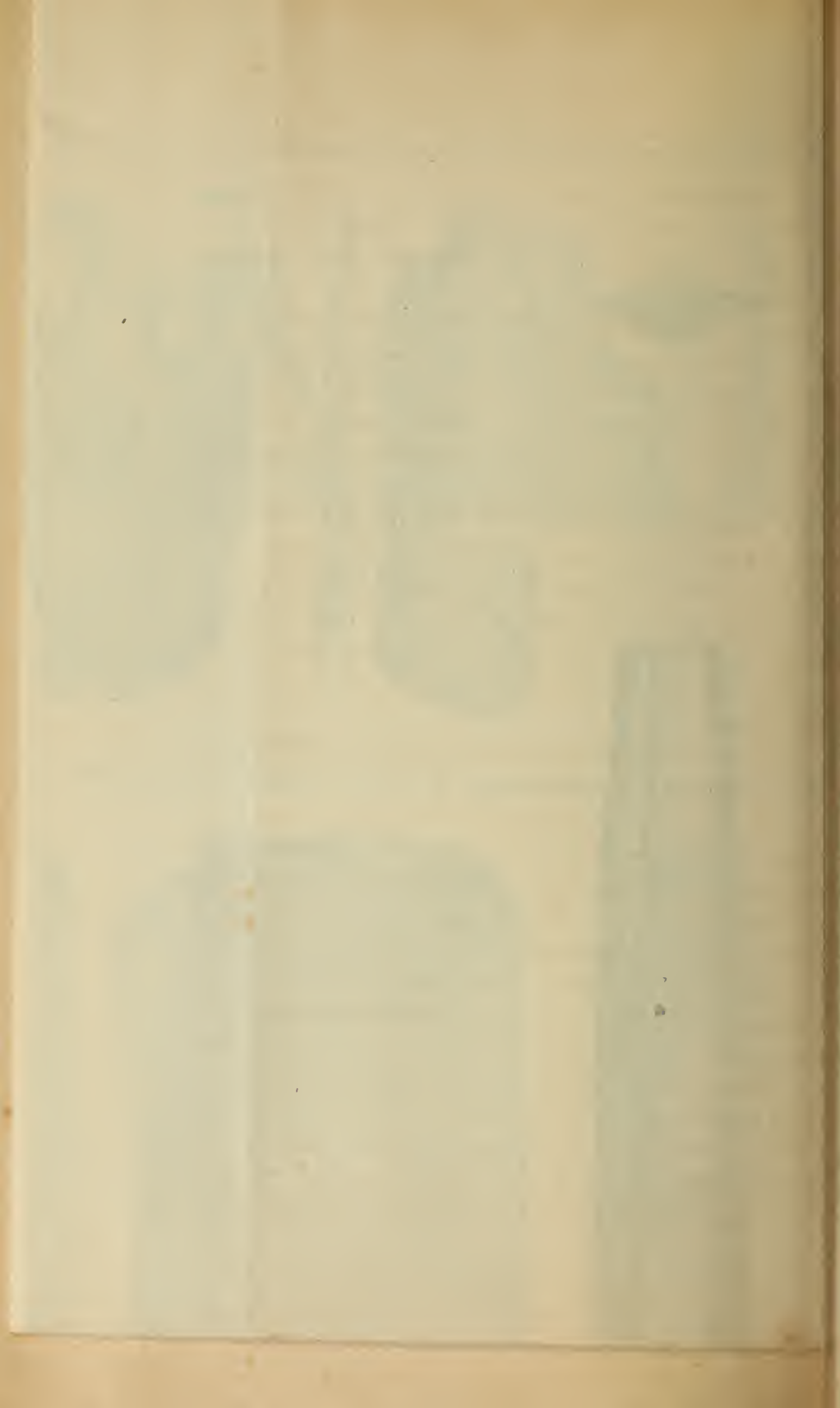
Basta-me poder mostrar com o peculio funerario, que Carl
Ribeiro fez d'alli remover para o museu da commissão geologic
que os esqueletos humanos, que fôram achados com ossos de a
maes, conchas de molluscos marinhos, louças, facas e frechas
silex, nucleos e facas de quartzo, placas de schisto ardosiano co
gravuras geometricas, contas e outros adornos de azeviche, c
laïte e serpentina, varios artefactos de osso, machados polidos
percutores de pedra, appareceram tambem as duas lanças de c
bre que represento com os n.os 15 e 16 na est. XVIII [1].

Não é licito considerar estas lanças de cobre como signi
cando uma posterior occupação d'aquella caverna, ou referil-as
uma civilisação mais adiantada, por isso que nenhum artefac
indicador de maior progresso industrial foi achado na situaç
que occupavam aquellas armas de cobre, nem mesmo envolto
camada superficial do deposito: logo, as lanças de cobre hão
necessariamente corresponder ao tempo em que os mencionad
caracteristicos da ultima idade da pedra ainda estavam em us
e portanto, o homem neolithico d'esta parte da Europa, conh
cendo já e usando armas de cobre, passou d'este modo a insc
ver-se n'uma nova phase de progresso industrial, que eu de
mino *idade do cobre*.

A gruta do Poço Velho de Cascaes, em que taes instrumen
metallicos fôram achados, ficou por este facto constituindo n'e
reino mais uma estação mortuaria da *idade do cobre*.

CADAVAL. — Cito simplesmente esta localidade, por ser d'a

---

[1] A analyse chimica foi feita pelos srs. C. Lepierre e M. Lachanel, engenhe
chimicos do laboratorio de chimica mineral da escola polythechnica de Lisboa, co
refere o sr. Alfredo Ben-Saude no seu interessante opusculo intitulado *Notice sur q
ques objets prehistoriques fabriqués en cuivre*, pag. 3, datado do mez de agosto
1889.

roveniente, ou antes por ter sido alli adquirido pelo sr. Leite de
'asconcellos, o machado de cobre que represento com o n.º 17
a est. XVIII; pois não foi possivel a este distincto investigador
bter esclarecimentos respectivos ao logar e condições em que foi
chado o dito instrumento, que apenas, quando muito, permitte
resumir-se extrahido de um deposito mais ou menos proximo
'aquella villa.

Todos dirão, que um objecto isolado e sem condições conhe-
idas, nada prova em absoluto; mas com estes mesmos casos iso-
ıdos é mister haver cuidadosa attenção, e não os condemnar ao
ienosprezo, porque ainda assim podem inspirar presumpções
em fundamentadas, que levem o explorador perspicaz a conse-
uir importantes descobrimentos.

A acquisição d'esse machado de cobre, que o sr. Leite de
'asconcellos reuniu ás suas já mui abastecidas collecções de va-
ias antiguidades, vae aqui ficar registrada, mediante a sua beni-
na auctorisação, suppondo que possa servir para indicar uma
stação da idade do cobre, se um dia chegar a haver n'este paiz
bom senso de se proceder ao reconhecimento geral das nossas
ntiguidades.

Talvez esse instrumento não se deva considerar tão isolado
omo á primeira vista parece.

Note-se que nos trabalhos do córte para a viação ferrea de
'orres Vedras appareceu a frecha de cobre, existente no museu
o Carmo, que já figurei com o n.º 24 na est. II; que a nordeste
e Torres Vedras está o Cadaval; que a nor-nordeste está a ca-
erna de Turquel, perto do Carvalhal, d'onde saíram muitos ar-
efactos neolithicos, entre os quaes havia uma placa de schisto
rdoziano com gravuras, pertencente ao museu da commissão geo-
ogica; que a oes-sudoeste do Turquel estão as grutas da Cesareda
a Furninha de Peniche, que tanto enriqueceram aquelle museu;
ue a nor-nordeste de Turquel está Porto de Moz, onde um im-
ortante escondrijo de instrumentos de cobre é citado por Cartai-
ıac (pag. 220), figurando uma adaga ou espada curta, que deve
er medido 0m,23 de comprimento, 0m,03 de largura e 0m,008 de

espessura na proximidade do punho, que lhe foi firmado por t
cavilhas de cravação, que ainda conserva, como indico sob n.
na est. XIX[1]; que um tanto a oes-sudoeste de Leiria está a a
de Monte Real, d'onde se extrahiram muitos artefactos da id
da pedra polida e uma placa de schisto com gravuras, existe
no museu mineralogico da escola polytechnica; e que no conce
de Leiria, como já vamos ver, appareceu um importante esc
drijo de fundidor, com muitos objectos de cobre.

Mais alguns outros logares proximos podéra indicar com
tiguidades neolithicas; mas os que ficam apontados, tendo-se p
sente a carta chorographica, parece-me serem sufficientes p
mostrar um bem comprehensivel trajecto ethnographico entre T
res Vedras e Leiria, pertencente a uma epocha em que o cobr
o unico metal associado a numerosos caracteristicos neolithic

Appliquem-se processos de investigação methodica a tudo is
que no reino apparece isolado, que logo se perceberá o valor sci
tifico que taes cousas podem vir a ter.

O machado do Cadaval mostra ter resistido a um alurado
violento trabalho, apresentando a extremidade opposta ao córte
tal modo rebatida, que se transformou em largo tôpo, a curtos i
tervallos estalado em todo o seu contorno, o que não parece t
resultado da percussão de martellos de pedra, e por isso é poss
vel que tendo sido achado em tempo mais ou menos antigo, o t
vessem aproveitado em trabalhos mineiros ou como cunha de r
char lenha; pois a patina do tôpo é mui diversa da que reveste
resto do instrumento.

Espite.—Assim se denomina o logar de uma freguezia d
concelho de Villa Nova de Ourem, pertencente ao districto de Sa
tarem, em que, na maragem de uma pequena ribeira, na occasiã
de ser derribado um velhissimo carvalho, cujas raizes desciam at

[1] Existe no gabinete de antiguidades do museu mineralogico da escola polytechni
com mais dois bocados de cobre fundido e uma chapa de cobre em dois pedaços

metros, foi descoberto n'aquella profundidade um empilhamento
nstante de muitos machados, de pedaços de outros e de metal
ndido, perfazendo trinta e dois exemplares, que mui felizmente
ram adquiridos em Leiria pelo distincto amador de antiguida-
es, o sr. Jeronymo de Lima Paes de Sande e Castro. No nivel
n que estava o empilhamento, mostrando ser um escondrijo de
ndidor destinado á refundição, havia cinzas, carvão e fragmen-
s de louça de barro.

Devo ao mui distincto engenheiro, sr. João Anastacio de Car-
lho, não só o conhecimento de tão importante descoberta, como
or sua intervenção a obsequiosa faculdade que me deu o sr. San-
e e Castro para se proceder á analyse chimica dos referidos
jectos, dos quaes este cavalheiro offereceu dois exemplares ao
. Leite de Vasconcellos e mais alguns a outros seus amigos.

O sr. Sande e Castro, vindo a Lisboa, quiz ainda ser o por-
dor de quinze d'esses instrumentos, e com igual obsequio me
nrou o sr. Leite de Vasconcellos, permittindo que os dois, que
e pertenciam, fôssem desenhados e analysados.

A este congresso de cavalleiros altamente obsequiadores as-
ciou-se o illustrado e mui conhecido chimico allemão, o sr. C.
n Bonhorst, e mui generosamente fez a analyse qualitativa, de
ue resultou o conhecimento de serem de cobre, sem mescla de
tanho ou de zinco, os dezesete exemplares que reuni.

A est. XIX representa quatorze objectos de Espite, tres de
aldellas e um de Condeixa a Velha.

Os de n.os 2 e 3 são pedaços de cobre fundido, que o fundi-
r reservaria para a fabricação de algum instrumento de traba-
o ou arma de guerra.

O n.º 4 é uma adaga com entalhos lateraes na base para o
cabamento, mas com a ponta partida, devendo ter medido uns
3 centimetros de comprimento.

O n.º 5 é um machado com o córte um tanto abatido e bas-
nte obliterado na extremidade opposta.

O n.º 6 é outro machado mui bem conservado.

O n.º 7 é tambem um machado de bom córte, mas com a ex-

tremidade opposta transversalmente fendida e rebatida por cl-
ques de percutor.

O n.º 8 é um reforçado machado de córte abatido, tendo u
tanto rebatida pelo percutor a extremidade opposta.

O n.º 9 mostra ser pouco menos de metade de um mui e
pesso machado, tendo porém perdido uma porção lateral, q
abrangeu mais de um terço do gume cortante.

O n.º 10 figura ser metade de um machado, que parece
sido bicortante e muito reforçado.

O n.º 11 é um pequeno machado com bem conservado cór
mas algum tanto destruido na extremidade opposta.

Estes dois ultimos são os que o sr. Sande e Castro offerec
ao sr. Leite e Vasconcellos.

O n.º 12 é um machado inteiro, dos mais delgados e esc
brosos de toda a collecção e com uma fractura a um lado da e
tremidade inferior.

O n.º 13 representa mais de metade de outro machado q
perdeu talvez o terço em que estava o córte.

O n.º 14 mostra o perimetro de um machado ainda intei
tendo o tôpo opposto á extremidade do córte um tanto rebati
pela percussão.

O n.º 15 parece ser a metade inferior de outro machado pa
tido.

Caldellas. — É como se denomina o sitio de uma quinta di
tante 7,5 kilometros da freguezia da Caranguejeira, pertencen
ao districto e concelho de Leiria. Fica a leste e a 6 kilometros d
cidade pela estrada real n.º 15 que segue para Villa Nova de Ou
rem. A curta distancia da quinta corre a ribeira dos Pouzos, q
vae desaguar no rio Liz.

A grande cheia que no inverno de 1887 passou pela ribei
dos Pouzos ou de Caldellas, destruindo vallados e causando fu
dos desaterros, deixou á vista sobre as areias muitos objectos d
cobre, que fôram vendidos a um fundidor, escapando milagros
mente do cadinho a lança ou adaga que figuro com o n.º 16 n

st. xix, reforçada longitudinalmente no centro por um veio sa-
ente e já sem uma e outra extremidade, assim como o machado
.º 18, em mui bom estado, e parte de outro, que deve ter sido
e grandos dimensões, indicado com o n.º 17.

O sr. Sande e Castro, a quem devo todas as informações res-
ectivas a Espite e Caldellas, calcula entre 4 e 5 metros a pro-
ndidade d'aquelle thesouro de cobre com referencia á superficie
ctual do sólo; mas não sabe se esse conjuncto de artefactos de
bre se póde considerar como escondrijo de fundidor ou se per-
ncia a algum deposito mortuario, porque o estado em que a inun-
ação deixou aquelles terrenos, não permittiu este reconheci-
ento.

Finalmente, o engenheiro sr. Sande e Castro informa, que
uma circumferencia talvez de 30 kilometros, a que é central a
dade de Leiria, e especialmente nos logares de Espite e Caldel-
s, obteve uns vinte e tantos machados de pedra, e que perto
e Leiria as cavernas do Lopedo, dos Pousos, da Malha de Ouro
de Mira hão manifestado ossos humanos [1].

Não appareceu em Espite, nem em Caldellas um unico arte-
cto de bronze ou qualquer outro caracteristico d'essa idade;
rtanto, Espite e Caldellas representam estações da idade do
bre.

Condeixa a Velha. — No museu da commissão geologica
iste um machado, descoberto em Condeixa a Velha e offerecido
quelle museu. Não sei em que condições foi achado, nem tenho
ticia alguma das antiguidades prehistoricas d'aquella localidade.
egistro-o simplesmente aqui para que o logar do seu appareci-
ento fique em lembrança e seja pesquizado, se alguma vez se
atar do estudo geral das antiguidades do reino; pois deixa pre-
imir que por alli possa achar-se alguma estação da idade do
bre.

---

[1] Carta de 9 de março de 1889.

O machado foi analysado no laboratorio da escola polytechn ca pelos srs. Lachanel e Lepierre. É de cobre[1], e vae figurad com o n.º 19 da est. xix.

Agora, do districto de Coimbra passarei repentinamente a de Braga, deixando entre um e outro um espaço immenso, sabida mente riquissimo de antiguidades de todos os tempos, mas de qu me faltam os precisos esclarecimentos para não deixar perder d vista os vestigios que necessariamente deve ter da idade do co bre.

S. Bento. — É um sitio, a que já me referi, da freguezia d Balugães, pertencente ao concelho de Barcellos e ao districto d Braga.

As tres ultimas frechas de cobre e o diadema de ouro qu figurei na est. iv, estavam n'uma das muitas sepulturas encontra das no sitio de S. Bento. Tudo isso ficou descripto no fim do ca pitulo antecedente e por isso escusado é aqui repetir o que já é sabido.

Se volto a indicar de novo aquelle sitio, é unicamente para mostrar até onde chegam no nosso territorio os vestigios que co nheço da idade do cobre.

Apesar da quasi completa ausencia de nexo ethnographico, que se nota em vista das enormes lacunas que separam entre si os logares, a contar da foz do rio Mira até Barcellos, indicados como caracteristicos da idade do cobre, é evidente serem estes sufficientemente significativos para que possâmos proclamar demonstrada a existencia d'essa primeira idade dos metaes como immediata successora da ultima idade da pedra em todo o territorio d'este reino.

Se algumas das terras apontadas não reunem todas as condições precisas para se poderem considerar estações typicas da ida-

[1] *Notice sur quelques objets préhistoriques du Portugal fabriqués en cuivre*, por Alfredo Ben-Saude, pag. 2, n.º 3.

e do cobre, como são o Cadaval e Condeixa a Velha, outras com-
ensam as deficiencias d'estas duas, taes como Odemira, Villa
Nova de Milfontes, a Fonte da Ruptura, Palmella (Quinta do Anjo),
Oeiras, Porto de Moz, Espite, Caldellas e S. Bento de Balugães,
ujos caracteristicos principaes são de todo o ponto analogos aos
as estações do Algarve.

Além d'estas ha outras estações que deixo de citar, por não
er podido reunir a tempo os esclarecimentos que me propuz obter,
ha tambem muitas minas de cobre com diversos instrumentos
eolithicos de pedra, que, tendo sido achados em poços e galerias
e reconhecido trabalho antigo, sómente se podem considerar
omo primitivos instrumentos de exploração mineira. Para com-
rovar esta asserção, já n'outro logar indiquei a mina de Ruy
omes no Alemtejo, com os seus percutores de sulco circumdante;
cito ainda a de Monte Judeu, no concelho de Moura, onde fôram
chados não sómente numerosos percutores de pedra de sulco cen-
al, como um perfeito polidor subcylindrico de schisto crystallino
phanitico, um peso de fuso de grés quartzoso, uma conta da
esma pedra e outros diversos objectos alli deixados ou perdidos
elos mineiros, que acharam o cobre e uma enorme quantidade
e grandes crystallisações de quartzo, que mui provavelmente
proveitariam para lascas cortantes de mais afilado fio que as de
lex.

A mina da herdade de Ruy Gomes, na freguezia de Santo
leixo, pertence ao mesmo concelho de Moura; o que mostra te-
m sido exploradas as minas d'aquella região na ultima idade
pedra.

Portanto, a idade do cobre não foi um privilegio exclusivo do
garve, mas uma phase, uma epocha ou idade, que se tornou
tensiva ás populações neolithicas que occuparam este territorio,
mo assignalando um notabilissimo progresso na vida d'essas
ciedades, que certamente não seriam tão selvagens e tão bar-
ras como hão sido julgadas, porque fôram ellas as grandes ini-
adoras do trabalho, procurando no amago da terra o cobre, o
ro, a prata e ainda outras substancias mineraes, inventando os

processos do seu depuramento e dando a cada um d'esses prod
ctos da natureza todas as applicações de utilidade com que p
diam substituir as rudezas dos seus primeiros dias e conquis
á custa de incalculaveis fadigas uma prosperidade que os se
ascendentes não tinham conhecido.

Com a carta paleoethnologica do Algarve á vista, bastará fix
os principaes fócos de riqueza cuprifera, ter em lembrança os c
racteristicos que o interior de alguns têem manifestado e aquel
que ficam symbolisados no seu contorno exterior, para ao mesm
tempo se entender que foi a população da ultima idade da ped
a primeira exploradora do cobre, e que foi esta industria minei
a principal causa que levou a muitos d'esses pontos, ainda ho
agrestes e mal providos de mimos da natureza, os ousados obre
ros, que tambem exploravam as pedreiras para a construcção d
jazigos consagrados ao repouso dos que durante a vida tinha
sido companheiros nas afanosas lides do trabalho.

Outros muitos grupos de população, estanciando em mai
escala no littoral maritimo e no dos rios e ribeiras, como tão cl
ramente o deixa perceber a carta que os symbolisa, permutaria
com os da região mineira os productos das suas varias industria
se assim se deve entender, quando se acham amontoamentos d
conchas de molluscos maritimos em logares assaz distantes d
praias do oceano, e quando em muitos d'esses pontos littoraes, e
que não ha minas cupriferas, apparecem artefactos de cobre.

Era a lucta pela existencia que triumphava das durezas d
trabalho. O trabalho era, pois, uma instituição social, sanctificad
já por muitas crenças religiosas.

Eis-aqui um rapido bosquejo da feição moral d'esses vetust
habitadores d'esse territorio.

Chamem *selvagens* a esses homens, se entenderem que es
affrontoso qualificativo póde justamente ser applicado aos que n
legaram as suas crenças e o exemplo do trabalho; mas se assi
fôr, não fiquem elles sem uma antithese palpitante: chamem e
tão *civilisados* aos vadios parasitas da sociedade moderna, q
nunca trabalharam, nem acreditaram em cousa alguma.

E seria sómente n'esta zona occidental da peninsula que im-
perou a idade de cobre?

No antecedente volume d'esta obra [1] já a deixei exemplificada
desde os dolmens da Andaluzia e das minas cupriferas de Huelva,
de Odiel e Rio Tinto até ás das Asturias, na região cantabrica, e
com oito bem definidas estações entre Carthagena e Almeria, no
tracto sul-oriental da Hispanha; e foi ainda muito mais longe essa
primeira idade dos metaes! Procurem-n'a em os dois hemisphe-
rios do globo terrestre, que hão de achal-a, se aprenderem pri-
meiramente a reconhecel-a.

---

[1] Veja-se no vol. III o cap. IV, de pag. 250 em diante.

V

SUMMARIO

ostra-se que na peninsula luso-hispanica, assim como n'outras muitas nações, a idade do bronze não succedeu á ultima idade da pedra.—Condições physicas que excluem a Escandinavia de poder constituir a serie das estações humanas desde os tempos paleolithicos.—De onde mais provavelmente receberiam aquelles paizes do norte os primeiros elementos de população.— Indicios industriaes que abonam esta presumpção.—Do mesmo modo que os homens neolithicos d'esta região criaram a idade do cobre, passaram a instaurar a do bronze logo que a riqueza estanifera d'este solo começou a ser conhecida e aproveitada; pois está verificado, como aqui se demonstra, que onde havia cobre e estanho, a industria do bronze foi exercida desde o Alemtejo central até ás extremas raias do Minho e Trás-os-Montes.—Provas de que esta industria era local, e logares que mais seguramente a manifestam.—As minas de cobre e as minas de estanho n'este territorio.—Refuta-se a theoria da importação do bronze.—Caracteristicos da idade do bronze em Portugal, deduzidos dos factos observados.—Estações e logares do Algarve com caracteristicos da idade do bronze.—Monte da Pedralva: figuras de bronze parecendo representar o touro e o javali; conceitos ácêrca d'estas figuras.—Budens, Serro das Alfarrobeiras e Serro do Castello, seus caracteristicos, e os de Bensafrim, Monchique, Silves, Ferragudo, Estombar, Paderne, Milreu, Faro e Tavira, representados na est. XXII.—Proseguimento dos mesmos caracteristicos no Alemtejo, em Odemira, Villa Nova de Milfontes, Almodovar, Ourique, Senhora da Colla, Castro Verde, Aljustrel, Mina da Juliana, Grandola, Beja, Evora, Estremoz e Elvas.—Apparecem finalmente em quasi todo o reino provados indicios da idade do bronze, na Extremadura, na Beira, no Minho e em Trás-os-Montes.—Notaveis estações da mesma idade em o territorio fronteiro.—Houve portanto na vida das populações peninsulares uma phase de progresso industrial em que imperou a idade do bronze.

Idade do bronze

Está exuberantemente demonstrado, que a idade do bronze o succedeu á ultima idade da pedra na peninsula luso-hispa-ca, na grande maioria das nações da Europa, no continente ame-ano e ainda n'outras regiões do globo, mas sim á idade do bre, em que tambem se manifestaram o oiro, a prata e mais al-mas essencias metalliferas.

É preciso repetir aqui o que já está dito por mais de u
vez, para ver se fica em lembrança o que parece não se ter q
rido entender.

Julgo termos chegado a um tempo em que é mister pôr co
ás demasias do sophisma e á velleidade da defeza de theorias
todo o passo condemnadas pela imponente affirmação dos fact
A escola escandinava instaurou na Europa os estudos arche
logicos concernentes aos tempos prehistoricos, como pretend
distinctos auctores, não se lembrando, porém, que já muito an
riormente havia estudos de magna importancia attinentes á h
toria do homem e do trabalho.

Eu direi, talvez com mais austera verdade, sem desconhe
os serviços dos sabios escandinavos, que a geologia, no largo
curso das suas revelações paleontologicas, abrindo uma a u
as paginas do immenso codice em que ficaram registrados tod
os successos da creação dos seres, foi quem ensinou o que ni
guem tinha ainda podido aprender.

Os sabios escandinavos fizeram muito, ordenando e metho
camente grupando os successos que podiam ser accessiveis á o
servação; mas a sua situação arctica, já cortada pelo circulo p
lar, era absolutamente impossivel para a vida.

O homem paleolithico viveu em muitas regiões da terra quan
todo o solo escandinavo estava coberto de alterosas montan
de gêlo.

Houve portanto n'aquella região uma enormissima lacu
que começou com os primordios da vida humana e que só po
ter findado com o vasto periodo quaternario.

Durante esse immenso lapso de tempo, comprehendido en
o periodo da formação dos gelos e o das torrenciaes exundaçõ
a Escandinavia esteve forçadamente deshabitada.

Desde que aquelle accidentado solo ficou liberto, é que se
acham vestigios de occupação.

Tudo alli foi tardío.

Ha tres mil annos, já em tempos protohistoricos, ainda

scandinavia imperava a ultima idade da pedra, e o bronze só
il ou oitocentos annos antes da era christã teve alli ingresso[1].
Houve portanto um fóco de população que destacou emigran-
s, que seguiram no rumo do norte e chegaram á Noruega e Sue-
ia, onde o sr. de Mortillet nota umas lanças de fórma triangular
u quadrangular de schisto silicioso escuro com um pequeno ap-
endice[2], as quaes indica tambem em Portugal.
O sr. Cartailhac[3], fallando das frechas de silex do Algarve,
ılga-as similhantes ás do grupo que Madsen figura na est. 39
as *Antiquités préhistoriques du Danemark*, comquanto diga ha-
l-as tambem no Japão, em Mycena e na Patagonia.
Não affirmarei que seja sufficiente a similhança notada entre
frechas e lanças de silex de Portugal e as da Escandinavia
ıra as impôr como levadas d'este territorio, porque seria possi-
l terem ído do Japão, da Grecia e da Patagonia, onde todavia
sr. Cartailhac não dá igual noticia com referencia ás grandes lan-
s triangulares de silex ligeiramente pedunculadas, que o sr. de
ortillet diz serem de fórma especial na *Escandinavia* e em *Por-
gal*. D'este modo, tendo-se em vista mais este indicio, com me-
or presumpção e mais facilmente poderiam julgar-se oriundas
este paiz. E advirta-se que esta idéa não é totalmente minha,
rque já o sr. Evans[4], no congresso de Lisboa em 1880, notou
ıver surprendente analogia entre estas frechas do typo trian-
ılar e grandes pontas de lança portuguezas e outras dos mes-
os generos achadas na Irlanda; o que em seu conceito deixa
ıtrever que algumas gentes provindas da peninsula hispanica
essem podido chegar á Irlanda.
Se, pois, esta hypothese do sr. Evans é admissivel, apesar
grandissima difficuldade de uma viagem tão franqueada aos
rigos do oceano, com menos risco, embora com maior demora,

[1] Zaborowski. — *Rev. d'Anthropol.*, 2.ᵉ série, tom. III, pag. 141, 1879.
[2] *Le Préhistorique.* — Pag. 526.
[3] Cartailhac. — *Ages préhistoriques*, etc., pag. 160.
[4] J. Evans. — *Compte rendu*, etc., (congresso de Lisboa) 1880, pag. 329.

seria muito mais facil chegarem aquelles instrumentos da peni
sula á Escandinavia, do que do Japão, da Grecia ou da Ameri
do sul.

Não insisto, porém, n'esta preferencia, comquanto podes
ainda fortalecel-a, como adiante sobre outro assumpto mostrar
com o facto de apparecerem significativas provas de genuina o
gem peninsular em regiões já pertencentes á Escandinavia;
que bem deixará perceber, que a peninsula hispanica, don
nem os seus primitivos habitantes nem os seus descendentes
veram de fugir á perseguição dos gelos, destacou da sua popul
ção varias migrações, que ainda hoje se reconhecem em longi
quas terras pela conservação dos caracteristicos que n'ellas se h
encontrado.

Esta peninsula, em razão da sua privilegiada situação ge
graphica, das suas condições physicas e meteorologicas, fôra n
tempos quaternarios uma das regiões mais adaptaveis ás exige
cias da vida humana, porque assim o testificam as suas faunas
floras fosseis e outras particularidades archeologicas dos temp
paleolithicos. Devêra ter sido um dos mais fecundos viveiros
terra, e se podermos comprehender quão longe chegou a diffus
dos seus naturaes, teremos de reconhecer na indole dos arrojad
portuguezes e hespanhoes, que ha poucos seculos, triumphan
da braveza dos mares, chegaram a todos os confins do mund
que a temeraria audacia de tão assignalados heroes lhes ficou vi
culada no sangue como sagrada herança dos antepassados.

Na successão dos tempos não acho lacunas ou hiatos no to
rão peninsular, mas um conjuncto de caracteristicos para cad
periodo, epocha ou idade, de que ha noticia em todo o mund
portanto, houve aqui uma nunca interrompida população; a ne
lithica creou a idade do cobre e d'esta idade nasceu a do bronz
que se affirma ter sido implantada na Europa por migrações asi
ticas, fundando-se os affirmantes n'uns mui aventurosos conceito
que já um a um refutei e destrui no primeiro capitulo do antec
dente volume d'esta obra, quando tratei de provar que na penin
sula hispanica foi a idade do cobre que succedeu á ultima idad

a pedra, e que ninguem póde demonstrar, á falta absoluta de
rovas positivas, que as industrias metallurgicas fôram aqui tra-
idas, ensinadas e exercidas por migrações estrangeiras.

O que expendi com relação á idade do cobre, continua a ser
pplicavel á idade do bronze. Os artefactos prehistoricos da idade
o bronze até hoje achados em Portugal e na Hispanha nada de-
em á Asia nem a nenhum estranho aventureiro. Industria mi-
eira, materia prima, fundições, fórmas especiaes em algumas ar-
ıas e instrumentos de trabalho, completa ausencia de lavor or-
amental de estylo estrangeiro nas manufacturas, tudo isto, emfim,
o mesmo tempo manifestado em as mais insuspeitas condições
ıcaes, proclama uma nova phase na industria metallurgica, com
ue os indigenas d'esta região deixaram affirmada a evolução pro-
ressiva do seu entendimento e das suas já anteriormente demon-
radas aptidões.

Os homens peninsulares da ultima idade da pedra (já se viu
) capitulo antecedente e em quasi todo o decurso do volume III)
ınheceram, exploraram e manipularam o cobre, e nas suas ma-
ıfacturas de cobre impera constantemente um cunho de industria
cal, não havendo figuras, nem symbolos, nem ornatos suscepti-
ıis de alimentar a infundada preoccupação das intervenções es-
angeiras; e para que duvida alguma se podesse ainda inventar
n apoio das imaginarias migrações civilisadoras, que se pretende
rem aqui vindo ensinar a distinguir a pedra do cobre, apontei
uitas minas cupriferas com instrumentos neolithicos e de cobre,
hados igualmente nos seus terrenos adjacentes, nas sédes de
ıbitação ahi assignaladas por esses caracteristicos e nas proprias
ecropoles, que, no Algarve, quasi sempre se acham nas proximi-
ıdes das minas.

Esta singularidade tão significativa, que me parece ter clara-
ente evidenciado, de serem mais frequentes os artefactos de
bre no interior das minas, nos terrenos adjacentes e nos jazigos
oximos, manifesta-se tambem com os instrumentos de bronze,
ıasi sempre mais frequentes onde ha minas de estanho e de co-
e. Ninguem tinha ainda reparado nesta circumstancia e por

isso é mister apontal-a, e comproval-a. É o que mais adian
hei de fazer. No Algarve não ha minas de estanho, mas tem-n'a
o Alemtejo e com assignalado trabalho antigo.

As populações mineiras d'esta região não precisavam pois re
ceber de fóra o cobre e o estanho, porque tinham estes dois mi
neraes em grande abundancia; e que ellas souberam combinal-o
e aproveital-os, não ha que duvidar, olhando simplesmente pa
os machados de bronze de talão com uma e duas azelhas latera
quasi a meia altura, achados em zonas estaniferas de Portugal.

Como se póde pois admittir a absurda hypothese da impo
tação d'esses dois metaes, quando os antigos povos d'este terr
torio, essencialmente mineiros, deixaram varias fórmas de ma
chados de bronze nas proprias regiões em que havia riquissim
minas de cobre e de estanho, por elles lavradas, como o attesta
os instrumentos de pedra, de cobre e de bronze, que mui clara
mente caracterisam as epochas de taes explorações? Pois os po
vos historicos empregaram estes instrumentos nas suas lavras m
neiras?

Os que assim o julgarem, é porque certamente desconhece
os escopros, os ponteiros, os martellos de ferro de alvado, rema
tados em picão e em córte, que em muitas minas se hão achad
associados a utensilios caracteristicamente romanos. Desde que
ferro começou a ser amplamente reduzido e manufacturado, e re
conhecida a sua grande superioridade, as armas, os instrument
de trabalho e uma infinidade de outros artefactos levaram de ven
cida tudo quanto até então havia sido feito de cobre e de bronz
passando estes dois metaes a ter usos mui diversos dos anteri
res. Portanto, é claro que as minas em que não ha caracteristic
prehistoricos da primeira idade do ferro, embora os haja de ep
chas historicas, se tambem os manifestam de pedra, de cobre, o
de bronze, a sua primitiva exploração ha de inscrever-se nos co
respondentes tempos prehistoricos.

No volume antecedente designei o grande numero de mina
auriferas e estaniferas reconhecidas no territorio de Portugal, in

cando aquellas que ficaram assignaladas com trabalho de tem-
os remotos.

Convem, todavia, ter agora em lembrança os logares enrique-
dos com minas de estanho.

Já disse que a ultima estatistica official das minas registradas,
iblicada em 1886, dá conhecimento de quinze minas de esta-
io, oito no districto de Bragança, duas no da Guarda, uma no
) Porto, tres no de Villa Real, e uma no de Vizeu; mas que o livro
anuscripto inedito, intitulado *Extractos*[1], do dr. Domingos Van-
elli, indica no Alemtejo a do Alandroal, e a de Arronches, na
iinta do Campino, com esta nota: «Estanho, mina riquissima.»
and., fl. 33.

Note-se agora, que no concelho do Alandroal, onde Vandelli
a uma mina de estanho (ms., fl. 141), ha a rica mina de cobre
) Bogalho, assim como na mesma zona cuprifera as de Vinha
elha e Serra das Correias, no de Villa Viçosa, a da Mostardeira
Vinha da Coutada, no de Extremoz, ficando tambem estas duas
cobre a sudoeste da *riquissima* mina de estanho de Arronches,
a su-sudoeste as outras duas de cobre do concelho de Villa Vi-
sa, todas relacionadas pelo sr. Neves Cabral na *Estatistica mi-
ira,* pag. 20, 1886.

Adiante notarei outros logares com cobre e estanho.

Com minas de estanho, fiquem em lembrança os seguintes:
androal, Alqueidão, Goes, Selavisa, Arronches, Serra da Es-
ella, Carvalhal do Estanho, Doutar, Ervedoza, Hermello, Jales,
afões, Montenegro, Montesinhos, Roriz, Saborosa, Serra Ama-
lla, Sidiellos, Soutello, Trasminas, Vagenea, Villa Marim, Villar
Serbus, Codeço, Raposo, Teixugueira, Ribeira, Serrinha da
iscalheira, Paranhos de Besteiros, Outeiro dos Hujos, Rebordo-
; umas citadas por Vandelli e outras pelo sr. Neves Cabral,

[1] Consta que este precioso manuscripto pertence hoje á livraria do sr. conselheiro
é Julio Rodrigues, tendo anteriormente sido possuido pelo conselheiro F. A. Pereira
Costa. Veja-se vol. III, pag. 19.

antigo director da repartição de minas. São trinta e um logar
com minas de estanho! Ha porém muitos mais.

A respeito da mina do Carvalhal do Estanho, diz o sr. Neve
Cabral: «teve uma certa actividade em tempos remotos, porq
ainda se vêem os vestigios do canal por onde as aguas eram co
duzidas para a lavagem e concentração do estanho». N'outro l
gar nota «que a metallisação dos jazigos é na maior parte *supe
ficial* e que os trabalhos indicam *má direcção e pequena profu
didade.*»

Com este quadro á vista, digam os incredulos, os systemat
cos e scismaticos, se ainda julgam que o estanho entrado na com
posição dos nossos artefactos prehistoricos de bronze, viria d
India para a Europa, como pretende o sr. Chantre, baseando-s
nas seguintes assombrosas asserções do sr. de Mortillet:

«Guidé par la statistique des dépôts stannifères, il arriv
(Mr. de Mortillet) à cette conclusion, que c'est de la partie mér
dional de l'Inde que nous est venu le bronze. On sait, en effe
que ce sont la presqu'île de Malaca et l'île de Banca qui fourni
sent, le plus d'étain... D'autre part, le cuivre se trouve en abo
dance dans les mêmes régions.»

Vem ainda aqui a proposito repetir outras asserções do s
de Mortillet[1]:

«Le bronze est le premier métal (já vinha manufacturado...
qui se montre dans le nord scandinave et dans toute l'Europe..
Pourtant le fait est certain, c'est bien le bronze qui dans le nor
comme dans le reste de l'Europe, est venu le premier des métau
remplacer la pierre pour les besoins usuels.»

Tudo isto, porém, já ficou refutado no primeiro capitulo d
volume antecedente, mostrando a enorme abundancia de estanh
que havia na Hispanha, na Inglaterra, na Bohemia, na Saxonia
como n'outros paizes, e desde tão remota data conhecido, explo
rado e exportado, que os proprios auctores gregos e romanos nã

---

[1] *Le préhistorique*, pag. 4.

poderam deixar de referir com admiração as grandes riquezas que elle produziu ás ilhas Cassitérides e á Lusitania. Veja-se, pois, o que ácêrca d'este assumpto expendi, para não ter de repetir aqui o que já ficou dito.

Não levarei mais longe estas considerações preliminares; escusado é amontoar argumentos; a realeza dos factos supprirá tudo quanto podéra ainda acrescentar. Tratarei, pois, agora de ordenar os vestigios que da idade do bronze tenho podido reunir; mas primeiro que tudo vou reproduzir aqui os caracteristicos que d'essa idade deixei exarados no anterior volume d'esta obra (pag. 118 e 119), advertindo, porém, ser mui provavel que varias modificações possam vir a ter, se alguma vez se tratar do reconhecimento geral das antiguidades do reino, visto que por emquanto só é possivel dar uma assaz incompleta ordenação ao que tão disperso e mal conhecido ahi jaz em museus, que geralmente não registram em devida regra os objectos que recebem, em collecções particulares e n'aquellas que tenho podido organisar.

Idade do bronze

Caracteristicos por emquanto deduzidos dos factos observados

É a idade do bronze no territorio portuguez provisoriamente caracterisada por artefactos d'este metal, isolados ou associados aos de cobre e ainda algumas vezes aos de pedra, mas nunca a algum de ferro, ou a qualquer caracteristico da idade do ferro; por escopros e machados planos de bronze, de lados rectilineos ou curvilineos, com uma extremidade cortante mais ou menos arqueada, por serem typicos em algumas localidades da peninsula hispanica e conservarem o modelo de muitos da anterior idade do cobre; por machados de talão e de alvado com uma ou duas azelhas lateraes, por frechas de bronze com espigão, por adagas, facas, espadas do mesmo metal com orificios na base para a cravação dos punhos; por lanças e outros instrumentos de alvado, de inserir em haste de madeira, por estoques inteiriços de bron-

ze; por alfaias e adornos de bronze e de outras substancias asso ciadas; por diversos artefactos de cobre e de bronze, sendo un singelos, e outros compostos de varias peças, lisos ou ornamen tados, quando os de cobre se achem associados a algum dos ca racteristicos da idade do bronze; por lanças de novos typos en algumas estações, ou por aquellas dos typos anteriores que a es tas se achem associadas, e em geral por suas mais variadas fór mas e apurada fabricação; por apparecerem em alguns logares o artefactos de cobre e de bronze acompanhados de outros de prat ou de ouro; por serem algumas estações de habitação defendida por muralhas de pedra de rustico apparelho, circumscrevendo pe rimetros fortificados e ainda por parapeitos de terra em plan'alto de outeiros e collinas, onde se achem artefactos de bronze, ou ou tros caracteristicos de tal idade; por empilhamentos de artefacto de bronze obliterados, visivelmente reunidos em escondrijos para a refundição; por empilhamentos de artefactos de bronze não usa dos ou não mesmo acabados de preparar, que possam ser consi derados thesouros industriaes; por logares com indicios de fun dição de bronze, em que appareçam minerios de cobre e de esta nho, barras ou empastamentos já fundidos; por minas em que se achem machados, escopros e outros artefactos de bronze, embora associados a um ou muitos de cobre, de pedra, ou de osso; por amontoamentos de varios artefactos em que algum seja de bronze ou represente como caracteristico da idade do bronze; por fôrmas de fundição, por escoriaes achados em estações prehistoricas, em rampas de collinas, no fundo de valles ou em álveos de ribei ras, os quaes, sendo chimicamente analysados, manifestem apre ciavel quantidade de estanho; por *cistos,* sepulturas de quaesquer configurações, por monticulos de incineração, ou por monumentos dolmenicos e por grutas ou cavernas, que encerrem armas ou ou tros artefactos de bronze; por jazigos com inscripções de caracte res paleographicos peninsulares gravados nas pedras toscas da sua construcção, dispostos em fileiras mais ou menos regulares, que contenham artefactos caracteristicos da idade do bronze.

Advirto que muitas outras revelações se devem ainda esperar

la idade do bronze, se este territorio chegar a ser scientifica-
nente explorado. Por emquanto ha já interessantes comprovações
l'essa idade em quasi todo o reino, mas não um seguimento
thnographico regular em parte alguma, como se vae observar[1].

Estações e logares com caracteristicos da idade do bronze

Monte da Pedralva.—Este monte está situado a noroeste e
istante uns 5 kilometros de Villa do Bispo, a pouco mais de 4
ilometros da igreja da Raposeira, na mesma orientação, e a
ueste pouco mais de 4 kilometros da mina de manganez do Mor-
ação, que fica á mesma distancia ao sul da aldeia da Carrapa-
eira. Pertence o dito monte á herdade do Arieiro, onde duas
rianças, andando por uma estreita vereda, viram luzir á super-
cie do chão um objecto, que fôram tirar com o auxilio de uns
edacinhos de madeira. Era uma fita de ouro grosseiramente ba-
do, da largura de 0m,020, feita em pedaços, que media quasi
metro de comprimento, a qual parecia cingir duas figuras de
ronze, de quadrupedes, um touro, e um javali (?) com os caninos
iferiores de prata. A fita sabe-se que foi vendida a um ourives,
as figuras de bronze obteve-as o sr. Judice dos Santos, o qual
ndagou que no logar do achado ha um filão de mineral e indi-
ios de mina antiga, parecendo queimada ou com residuos de
undição a terra em que estavam os ditos objectos.

Ora, a mina que se conhece hoje mais proxima do Monte da
'edralva, como já disse, é a de manganez do Morração, cujo reco-
hecimento foi feito em 1886 pelo sr. Neves Cabral, no serro do
anafrechal, com seguimento para oeste e terminando em escarpa
brupta na propinquidade do oceano entre a praia da Fuzelha e

---

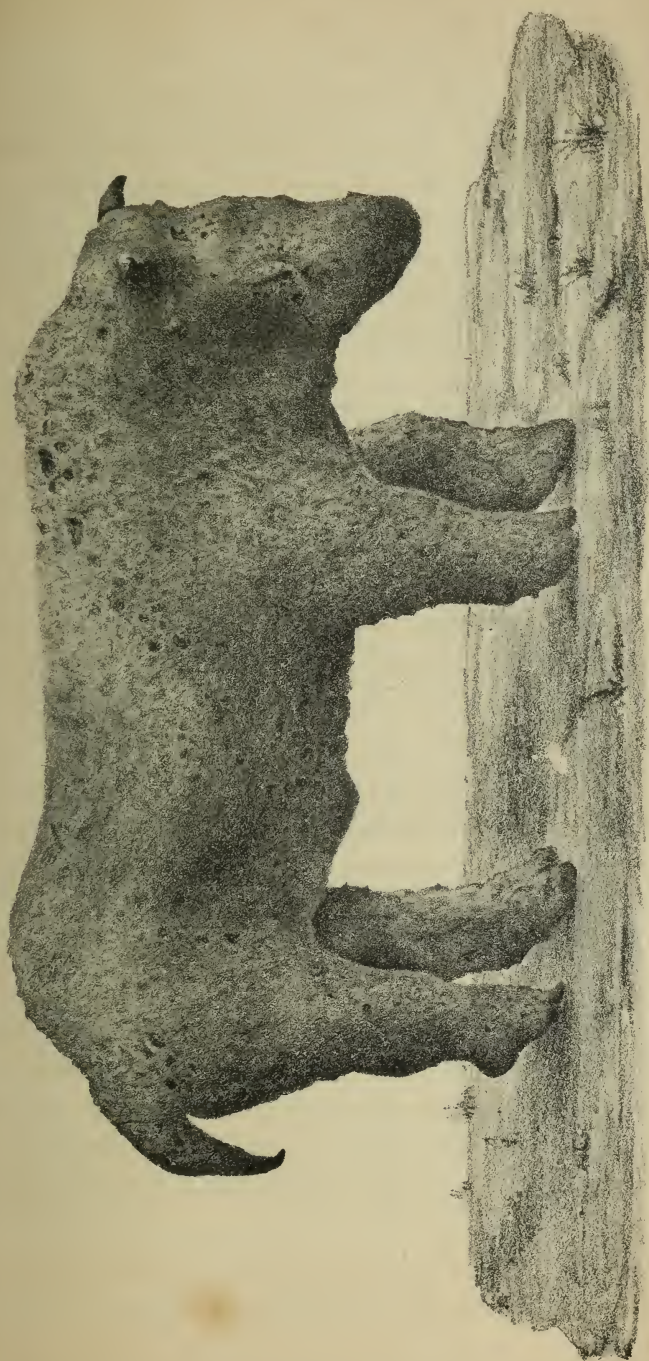
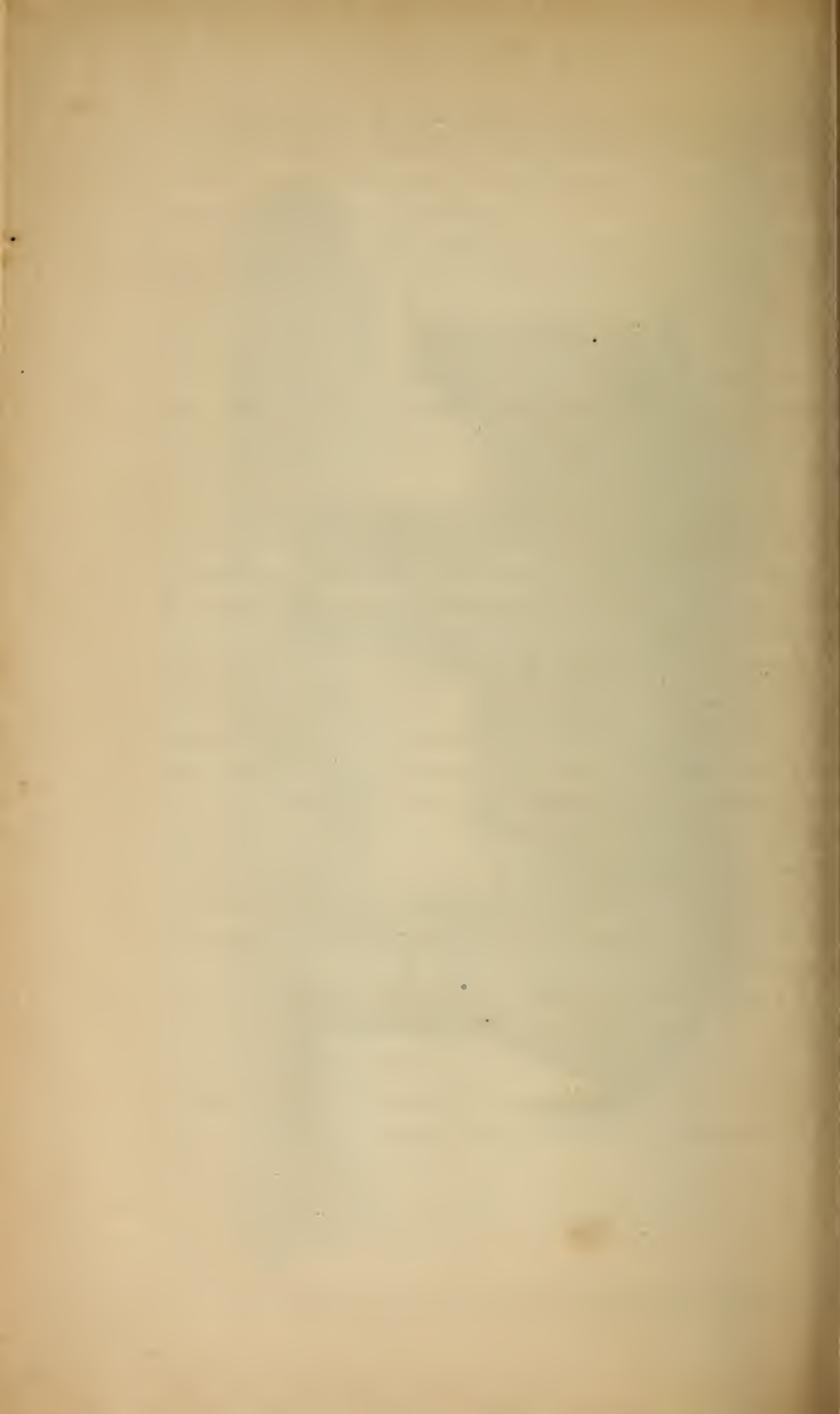
[1] Reproduzo agora com algumas modificações os caracteristicos da idade do bron-
:, publicados no vol. III, em razão de descobrimentos posteriores á data em que foram
edigidos. Não serão estas as unicas. Explore-se e depois se verá.

a do Amado; mas na sua estatistica mineira, publicada em 1886 não a cita; nota, porém, que o manganez forma jazigos em mass ou bolsadas de configuração lenticular intercaladas na estratifi cação dos schistos e quartzites.

«Estes jazigos, diz o distincto engenheiro de minas, acompa nham muito de perto, tanto em Portugal como na provincia his panhola de Huelva, os jazigos pyrito-cupriferos que occupam mesma zona.»

Portanto, é mui provavel que alli perto se tivessem achad em antigos tempos alguns minerios de cobre e que os vestigio de fundição não fôssem de manganez, mas de cobre, ou d bronze.

Todas estas circumstancias são porém insufficientes para qu se possa determinar a epocha a que pertencem as figuras d bronze e essa fita de ouro, que não cheguei a observar, mas que a ser exacta a informação dada ao sr. Judice dos Santos pel camponez que a vendeu a um ourives, representa um trabalh primitivo, se com effeito foi estendida a choques de percutor ainda os deixava perceber. Póde pois ter sido um adorno simi lhante áquelle que figuro na est. IV sob n.º 2, achado com in strumentos de cobre no monumento n.º 4, de Alcalá, cujo traba lho tosco estivesse ainda em uso quando foram fundidas as dua figuras de bronze que represento nas estampas XX e XXI; poder porém a configuração, a fusão e o preparo das figuras deixar a menos presumir a epocha da sua fabricação? Faltam exemplo do mesmo genero nos museus nacionaes, achados em condiçõe archeologicas conhecidas e classificadas com seguro fundamento porque geralmente nos museus e na grande maioria das collec ções particulares só se pretende que entre toda a casta de cous que se tenha achado em qualquer parte, e nada se registra en devida regra, havendo por isso objectos que seriam de apreciave importancia, se fôssem conhecidas as localidades e condições do seus jazigos.

É, portanto, preciso recorrer a meios estranhos para se fica percebendo alguma cousa.

A est. xx, permitte julgar que o auctor do original que ella
presenta, teve os melhores desejos de figurar um touro, pois até
rto ponto conseguiu traçar no molde um delineamento tal, que
ixa adivinhar ter sido esta a sua intenção. O touro saíu porém
n tanto mocho. O molde que deveria ter empregado para ornar
fronte pouco taurina do animal, foi o que elle inseriu no logar
cauda. A respeito de orelhas, mal se percebe o logar que de-
am occupar, e o focinho ficou mais agudo que trombudo. As
rnas dianteiras são muito mais robustas que as trazeiras; a di-
ita mede na espessura superior, metade da altura do abdomen
linha dorsal; foi porém muito cuidadoso em rachar as unhas ao
cho, mas não atinou com a fórma das patas: entretanto, mostra
r-se querido esmerar na perna direita posterior, accentuando
m farto engrossamento lateral a articulação dos dois ossos, dei-
ndo porém a tibia talvez quatro vezes mais curta que o femur:
nfim; em vez de boi saíu-lhe um monstro em attitude de mar-
ar para a direita.

Comparado com a figura do boi, representada nas mais anti-
s moedas de legendas peninsulares, é mister inscrever este con-
ncto de imperfeições n'outra epocha muito anterior á da cunha-
m d'aquellas moedas, quer seja na primeira idade do ferro, ou
lvez ainda nos ultimos tempos da idade do bronze, tanto mais
confrontarmos a rudeza da cabeça d'esse aleijão bovino com a
que remata um picarete de alvado central, de tromba bicor-
ta, achado em Jelabugy, que Worsaae nos mostra estampado
m o n.º 7, pag. 44 [1], como um dos representantes da idade do
onze na Russia.

É porém ainda muito mais brutesca a figura da est. xxi, com-
nheira do touro de Pedralva, cuja representação intencional é
ra mim um tanto duvidosa, não se podendo affirmar se o cin-
lador que deu o modelo para a fundição quiz figurar um javali,
hyppopotamo, ou a sua propria imagem.

[1] Worsaae. — *La colonisation de la Russie*, etc.

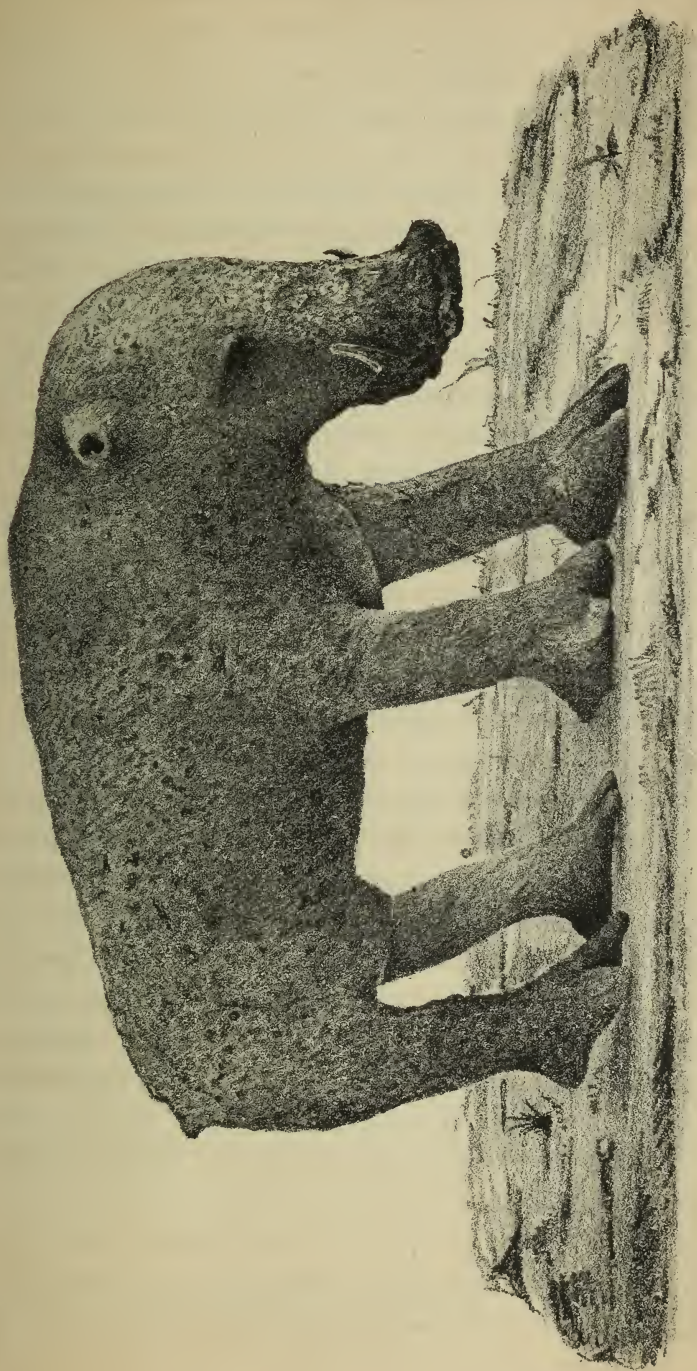
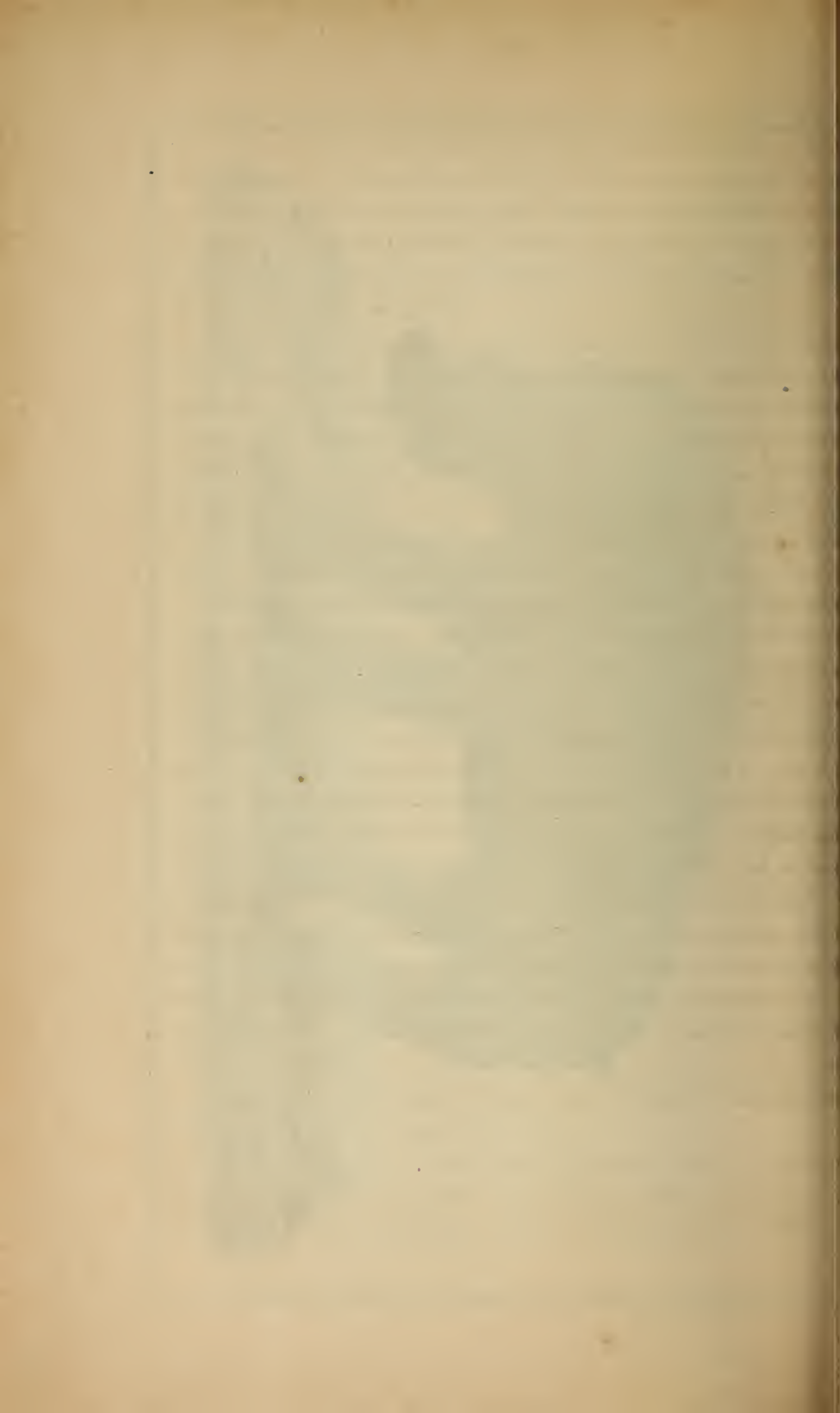
Observando-se attentamente a configuração da cabeça, d
orelhas, dos olhos, da tromba descommunalmente larga, da cau
simplesmente assignalada, da linha dorsal mui arqueada,
enorme grossura das pernas sem signal de articulações, e d
patas rematadas em saliente e espesso calcaneo, não parece q
tantas desconformidades se juntassem ao mesmo tempo com o fi
de se representar um javali.

Parece-me approximar-se um tanto menos impropriamen
do hyppopotamo, comquanto não se possa dizer que fôra is
mesmo que o *artista* havia pretendido figurar, porque nenhu
dos dois viventes ficou sendo reconhecivel; e comtudo o auct
julgou ter tão perfeitamente conseguido o seu desenho, que pa
melhor o dar a conhecer teve ainda a singular habilidade de l
encravar dois mui salientes caninos de prata na enorme mand
bula.

A arte de fundir o bronze é que estava muito atrazada; po
cada peça, toda crivada de bolhas de ar e de cavidades resulta
tes de substancias terrosas que correram com o minerio derretid
parece antes formada de escoriaes do que de bronze; o que, e
vista de tal impureza, permitte presumir que o mister da fund
ção estava aindo pouco experimentado.

No museu de Evora ha um javali de bronze cujos deline
mentos já são regidos pelo sentimento artistico do modelado
mas não se sabe onde e como foi achado; não parece, porém, q
ultrapassasse as raias do dominio romano, e se assim é, aqui t
mos, pela comparação, mais um argumento em abono da mai
antiguidade dos exemplares de Pedralva, os quaes, com as dev
das reservas, incluo n'uma das phases da idade do bronze, tend
em vista o primor artistico que assignalou os ultimos tempo
d'essa idade.

Mas que representação tinha o boi e o javali? Não seria
symbolos de um culto superstícioso?

N'este caso, teria de considerar os dois monstruosos animalejo
do Monte da Pedralva como idolos de uma seita religiosa; ma
D. Antonio Delgado considera o javali e o touro como emblema

duas raças, *que vieram povoar a peninsula*, porque seguiu á
ca o *preceito* de considerar desertos todos os territorios do
indo emquanto a *unidade* asiatica não operou a sua universal
fusão! O javali ou cerdo era, em seu entender, o emblema dos
ltas, que os gregos disseram ter sido os povoadores do Occi-
nte.

Delgado quiz porém ir mais longe, dizendo que os taes celtas
ham abrangido os aborigens procedentes das mesmas raças
e povoaram a Atlantida ou os valles do Mediterraneo anterior-
nte ao cataclismo que separou o Calpe e o Abyla, abrindo o
reito que uniu aquelle mar com o Atlantico; mas nem os gre-
s designaram a epocha em que os celtas *vieram* occupar o Oc-
ente, nem Delgado indicou aquella em que desappareceu a
lantida e em que baqueou a ponte que ligava a Europa á
rica[1]; e assim se tem sempre trazido illudidos os espiritos, af-
nando varios auctores o que não podiam de modo algum com-
ovar, confundindo celtas com phenicios e symbologias relativa-
nte recentes com factos geologicos que nunca chegaram a per-
ver; pois não se póde entender com que apropriado fundamento
avali e o boi, dois mammiferos da fauna terciaria da Europa,
issem symbolisando umas migrações asiaticas, que por em-
anto apenas se sabe terem chegado aos dominios da imagina-
o que as inventou e propagou com tal expansibilidade, que a
opria Atlantida de Platão não lhes pôde escapar.

Não são as iconographias numismaticas dos tempos historicos
e podem esclarecer o significado dos idolos que tiveram culto
persticioso nas idades paleoethnologicas.

Por exemplo, a vacca, diz o sr. Bouillet[2], era adorada no
ypto sob o nome de Isis e hoje mesmo tem culto particular en-
os indios, porque estes povos pensam que no corpo d'esses
maes passa a residir a alma dos bons, e por isso a vacca lo-

---

[1] Delgado. — *Nuevo metodo de clasificacion de las monedas,* etc., tomo I, pag. LXXX.
[2] Bouillet. — *Dicc. univ. des sciences, des lettres et des arts,* 1867. — Verb. Vache.

gra plena liberdade em meio d'aquelles descendentes dos civilis
dores do mundo e a immunidade protectora da vida, porque ser
grande crime matar uma vacca, o *paraizo* das almas dos indio

Não trato aqui dos cultos peninsulares senão muito incide
temente. Os especialistas que desenvolvam este vasto assump
Entretanto, deve-se entender que ao touro compete na penins
uma iconographia especial, que os romanos parece terem achad
pois elle é representado nas moedas dos indigenas e nas roman
em monumentos dos proprios deuses, como se observa n'um d'
quelles pertencentes ao grupo do Endovélico ou Endovólico, ul
mamente descobertos pelo sr. Leite de Vasconcellos, e porventu
em edificios publicos, a que pertenciam as duas toscas cabeç
de pedra que em Beja foram achadas e mettidas na face exter
da parede de uma igreja, que pega com a rua do *Touro*.

Se no corpo do javali tambem entrava alguma essencia sub
me, não o sei dizer. O que julgo dever entender é que a vida
javali e do boi não estava absolutamente protegida por um qu
quer culto religioso, por isso que são numerosos os ossos q
d'esses e de outros mammiferos tenho encontrado em deposit
prehistoricos e historicos de varias idades, como significando q
o principal preceito que elles inspiravam, consistia em se lh
aproveitar a carne e abandonar os ossos... D'este modo, sen
assim considerada a utilidade d'esses animaes, é possivel que
seus vultos em bronze não symbolisem idolos de adoração, m
simplesmente memoraveis emblemas da mais apreciavel aliment
ção dos povos.

Muito podéra eu aqui compilar ácêrca do que se tem escr
pto, relativamente ao javali e ao boi; mas deixo esta especial er
dição a quem tenha mais tempo disponivel para poder dar a es
assumpto maior amplitude.

Com a indispensavel reserva dou ao Monte da Pedralva
honras de estação (?) da idade do bronze.

Budens.—Esta aldeia, pertencente ao concelho de Villa
Bispo, está situada entre o riacho da Zorreta e o antigo rio

lmádena, hoje obstruido, e acha-se a pouco mais de 2 kilome-
os ao norte da raia maritima do sul. A privilegiada situação
'esse actualmente pequeno povoado, foi reconhecida e aprovei-
da desde tempos prehistoricos e d'ahi em diante continuou sem-
:e a ser logar de habitação

No segundo tomo d'esta obra (pag. 312 e 313) ficaram re-
stradas varias noticias de Budens; reservo porém as principaes
ıra quando tratar dos tempos historicos.

A importancia que logrou aquella situação, percebe-se á pri-
eira vista, olhando-se para os pontos que a circumdam com ves-
;ios de varias epochas, indicados na carta archeologica dos tem-
›s historicos, impressa em agosto de 1890.

Entre os pontos indicados nas cartas, o Serro das Alfarrobei-
s abunda em sepulturas romanas pertencentes á grande popu-
ção que alli permaneceu com grandiosos edificios, mas tambem
m manifestado muitas quadrangulares de tempos prehistoricos,
sim como outros logares proximos de Budens.

No Serro do Castello, a 2 kilometros para sueste da aldeia,
no cabeço uns paredões parallelos á Bôca do Rio, distando en-
e si 25 metros, e alinhando-se de noroeste a sueste, sem com-
do se poderem á simples vista conhecer os seus limites e a con-
;uração que tiveram n'aquelle plan'alto, que bem parece ter sido
n *castrum* que assentou sobre outra fortificação anterior, de que
uns restos nas extremidades do cabeço, representados por mu-
s de pedra e terra amassada, com 0^{m},80 de largura; e póde-se
gar que seja a obra de defeza prehistorica que alli houve, por-
e mui perto appareceram tambem sepulturas rectangulares,
mo me informou Joaquim Leal, meu apontador nas explorações
e fiz na Bôca do Rio, sendo-me tambem indicadas por varios
ıbalhadores das localidades mais proximas.

N'uma d'essas sepulturas achou-se um objecto de marfim com
ıa cavidade n'um topo, sendo no outro quasi rematado em cór-
; parecer ter sido punho de uma arma ou de instrumento de tra-
lho; mede de comprimento 0^{m},113, de largura 0^{m},050, e na
ıior espessura 0^{m},26. Com este objecto havia fragmentos de

louça prehistorica e uma rodela ou marca de schisto com orifici central e uma lança ou adaga de bronze, como verificou Joaquii Leal, residente em Budens, sendo tudo isto extrahido da dita sepu tura por um seu conhecido, e obtido por elle para me offerece como se póde ver no museu do Algarve, menos a lança, que fôr levada por um individuo estranho, que desejou possuil-a. Outr homem d'aquelle sitio, que viu tambem a lança, disse-me que er larga em baixo, com pouco menos de um palmo de compriment e que parecendo de ouro quando se começou a raspar, logo de pois se percebeu ser de bronze muito rijo.

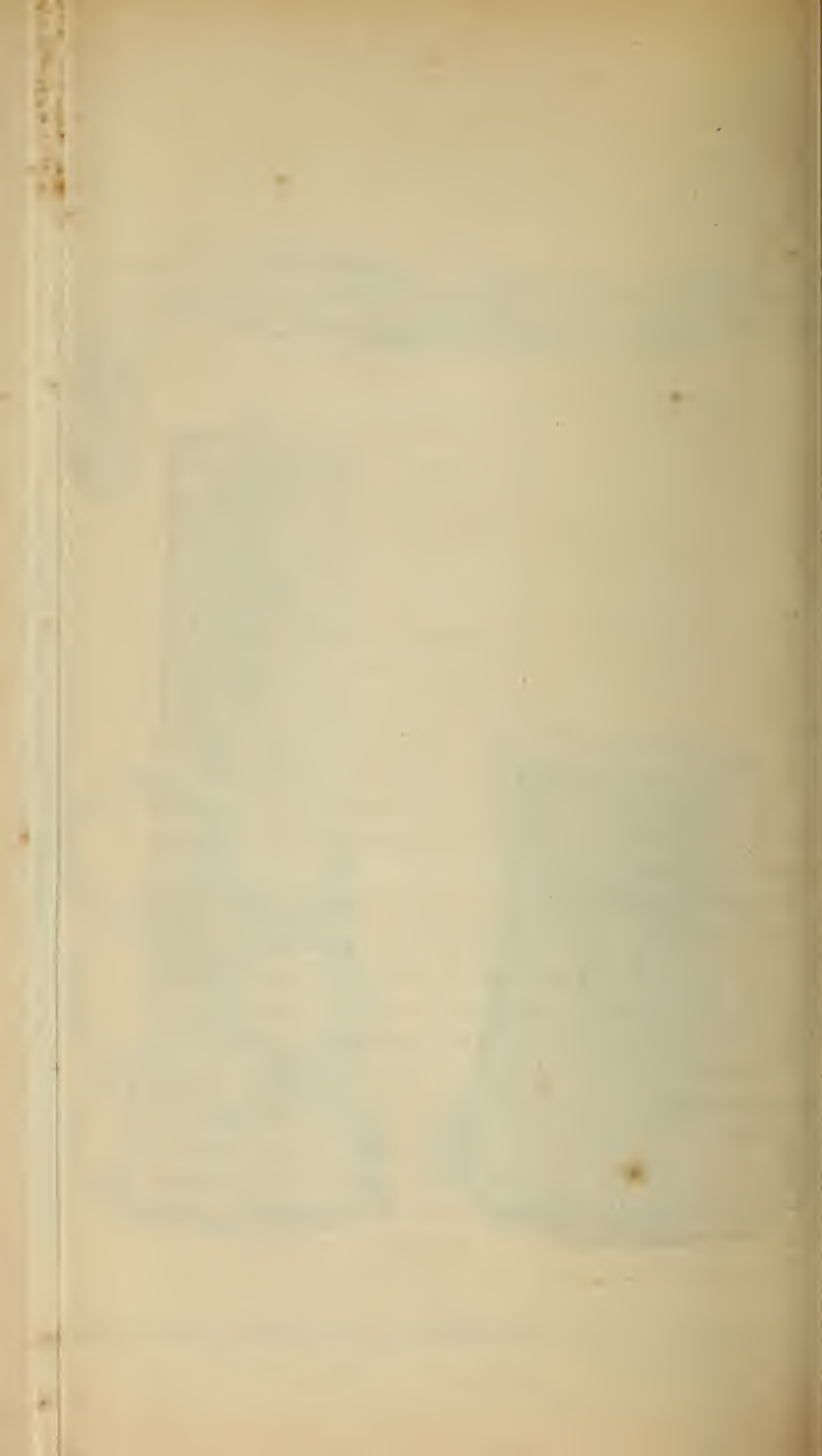
Não me foi possivel fazer o reconhecimento das sepultura que continham objectos de bronze, por falta de tempo disponivel e por isso não as posso figurar em planta, nem descrever.

É muito provavel que haja por alli jazigos da idade do cobre visto não faltarem os da ultima idade da pedra, mesmo no inte rior da aldeia de Budens, onde comprei dois machados e a enx de schisto amphibolico que represento no volume II com o n.º 2 na est. III.

Bensafrim.—Cito este ponto, por ter alli comprado o ma chado de bronze, que represento na est. XXII, sob n.º 1, achad em sepultura no proximo sitio das Vargens, a leste da aldeia, distante apenas umas centenas de passos. Não está completo est instrumento, como se vê: falta-lhe um terço do comprimento pri mitivo, destacado por fractura no exercicio do trabalho, em qu tambem perdeu um canto do córte e teve outros estragos.

Este instrumento não se deve considerar como facto isolado tendo apparecido n'outra sepultura em Budens uma lança o adaga de bronze, e no Monte da Pedralva duas figuras de qua drupedes cuja rusticidade de trabalho, comparada com a corre cção de fórmas e aperfeiçoamento dos artefactos que são tidos com caracteristicos da idade do bronze na Europa. Não podem os di tos objectos ser inscriptos n'uma idade posterior, tanto mais po terem dois d'elles sido achados com uma fita de ouro batido choques de percutor.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

1. Benafim. — 2. Monchique (Foya) - 3. Monchique (Picota) 4. Silves — 5. Ferragudo - 6. Estombar. — 7 a 9. Paderne. — 10 a 12. Milreu. — 13 e 14. Faro (Campo da Trindade). — 15. Tavira (Serra da Conceição).
1, 3, 13, Coll. de Estacio da Veiga. — 2, 3, 4, 5, 6, 7, Coll. do snr. Judice dos Santos — 8 e 9. Coll. do snr. Teixeira de Aragão — 10 a 14 Museu do Algarve.

Appareceram pois artefactos de bronze n'uma região compre-
hendida entre as margens do rio de Lagos e o Cabo de S. Vi-
cente, onde largamente já denunciei os monumentos e outros ca-
racteristicos da ultima idade da pedra, e da idade do cobre, e
portanto está demonstrado que na mesma região actuou a idade
do bronze. Reservando, porém, para o capitulo seguinte a com-
provação da primeira idade do ferro n'aquelle tracto de terra, se-
gue-se que desde a ultima idade da pedra até á do ferro nunca
alli cessou de haver população.

Bem convencido estou, emfim, de que se tivesse podido ex-
plorar todos os vestigios que descobri n'aquella área territorial,
teria mui provavelmente descoberto as estações correspondentes
a cada uma d'essas remotas idades, que, todavia, julgo ficarem
sufficientemente exemplificadas.

Monchique.—A região monchicana teve tambem a sua idade
lo bronze. Na propria rampa da Foya, em que assenta a villa,
onsta ter-se achado ha alguns annos um empilhamento de arte-
actos metallicos pela maior parte obliterados. Segundo a infor-
nação que obtive, estavam no fundo de uma cova cheia de terra,
ue á feição da gruta era formada pelo contacto de dois grandes
enedos destacados da rocha, mas superiormente cobertos de terra
pedaços de pedra.

O informante não sabia, porém, se n'aquelle escondrijo ha-
ia ossos humanos, louças ou qualquer outra cousa, porque só
nha noticia dos muitos pedaços de metal que foram alli acha-
os, e dos quaes ainda chegou a ver alguns antes de serem ven-
dos em Lagos, entre os quaes havia *cunhas de bom córte.*

Ha tambem alguns annos que o sr. Judice dos Santos com-
ou em Monchique um machado metallico, achado na Foya, que
sr. Bonhorst reconheceu pela analyse chimica ser de bronze; e
o que figuro na est. xxii com o n.º 2, mostrando ter o córte
stante obliterado. O que não se sabe é se este machado perten-
u ao referido empilhamento, ou appareceu n'outro logar.

No volume ii (pag. 326 a 328, e est. viii) representei e des-

crevi os instrumentos de pedra, que soube terem sido achados n serra de Monchique desde o Marmelete até á Picota, sem falla n'outros muitos que são guardados nos domicilios, como *seguro preventivos* contra os raios; e tambem me referi a um [illegible] des truido, que Joaquim Duarte, explorador da secção mineralogic da escola polytechnica, verificou em a rampa oriental da Foy distante da villa uns 1:500 metros, onde ainda achou um machad de schisto amphibolico, existente no museu da referida secção m neralogica.

Alem d'isto, quando em 1878 cheguei a Monchique, ond doze annos antes tinha estado durante um mez com o conde Her mann de Solms Laubach, explorando a flora d'aquella regiã obtive na aldeia de Marmelete dois machados de pedra, achad a pouca distancia da povoação, e, regressando á villa, comprei Manuel Ginjeira uma chapa de bronze (est. XXII, n.º 3), com se anneis unidos em duas fileiras, como tinha saído da fundiçã mostrando que o molde fôra grosseiramente preparado por que não conhecia melhor preceito e arte.

Foi este rude artefacto encontrado na serra da Picota, pe mesmo individuo, n'uma das sepulturas que alli descobriu e de pejou, julgando conterem algum objecto de valor; mas apen achou calhaos arredondados e machados de pedra, pedaços d tijelas de barro, umas pedrinhas furadas, maiores que as cont usuaes, cinzas mescladas de carvões miudos e as argolas de bron ainda unidas, sendo este o unico objecto que guardou. As sepu turas parece que eram feitas por meio de fiadas de pedras sobr postas, e de curtas dimensões.

Na serra de Monchique houve portanto uma população pr historica, que fez uso de artefactos de bronze.

Silves.—Aquelle centro de população de todos os temp que já mostrei enriquecido de caracteristicos neolithicos e da ida do cobre, chegou tambem á idade do bronze. Assim o deixa e tender o facto de se terem achado dentro do perimetro da cid de, dois pedaços de um machado de bronze, que represento

st. XXII, sob n.º 4, adquiridos pelo sr. Judice dos Santos. Muito bliterado no córte, mostra ter sido antes instrumento de trabalho lo que arma de guerra. Começa, pois, aqui uma região em que bronze parece ter succedido á industria do cobre.

Ferragudo. — A importante situação maritima da famosa poação de Ferragudo, sobre o flanco esquerdo e a curto espaço a foz do rio de Portimão, já ficou descripta no volume II (pag. 70) d'esta obra.

Muitos instrumentos de pedra hão sido achados n'aquelles rrenos, testemunhando que o povo que d'elles usava tinha renhecido as vantagens da sua permanencia em tão privilegiado gar.

Provado já ficou, que a navegação era largamente exercida ultima idade da pedra, e por isso quem aventurasse a presumão de ter então alli havido um porto maritimo, talvez não anisse longe de acertar. Que a houve n'esta ultima raia do Occinte, não ha que duvidar, tendo-se achado n'uma das enseadas Peniche uma extensa naveta, que foi desenterrada da praia, e tra extrahida dos lodos do rio Mira, perto da foz e de Villa ova de Milfontes, escavada a fogo e a golpes de instrumentos pedra n'um grosso tronco de carvalho, como verificou o dr. el da Silva Ribeiro, meritorio explorador d'aquella raia littoral Alemtejo.

Não foi, porém sómente occupado aquelle sitio pela populao neolithica. Entre Ferragudo e o forte de S. João, sendo escado um monte até á profundidade de 2 metros, descobriu-se sob solo de formigão e n'um plano muito inferior ao do assentanto dos edificios romanos, uma serpente de bronze, que bem rece pertencer a uma epocha anterior, como tambem o indica sua tosca manufactura, figurada com as proprias dimensões na . XXII, sob n.º 5.

Com este objecto appareceu uma bésta de cobre, ou arco de cha; mas sómente da serpente conseguiu o sr. Judice dos San-

tos fazer acquisição, e não lhe foi possivel obter mais explicito
esclarecimentos.

Não se tendo pois manifestado aquelle deposito com algu
artefacto de ferro ou com qualquer outro caracteristico seguro d
tal epocha, deve elle ser inscripto na idade do bronze, mas aind
assim com muita reserva, porque havendo unicamente n'aquell
deposito dois artefactos metallicos, um de cobre e outro de bro
ze, podiam pertencer á idade do ferro, em que o cobre e o bron
continuaram a ter desenvolvidas applicações; e comtudo, por nã
apparecer alli outro artefacto caracteristico da idade do ferr
falta seguro fundamento para se inscreverem n'essa idade.

Entretanto, parece-me plausivel julgar-se que a serpente nã
seja anterior á ultima epocha da idade do bronze, que n'este te
ritorio não é caracterisada como n'outros da Europa septentrion
por artefactos de aprimorado lavor artistico, nem posterior á pr
meira idade do ferro, porque já então o sentimento da arte s
manifestava em quasi todos os povos europeus com um assaz a
signalado cunho de progresso industrial, que a serpente cert
mente não denuncía.

Por isso considero, não só a serpente de Ferragudo, mas ta
bem o javali (?) e o touro do Monte de Pedralva, como acomp
nhando a passagem da idade do bronze para a do ferro, quand
segundo outros indicios, parece ter tomado mais desenvolvido i
cremento a communicação maritima entre o Mediterraneo e
Atlantico.

É pois a essa epocha que parece poder-se referir um grand
numero de mysticismos extravagantes, sobre os que já existia
de anteriores tempos e com primitivos cultos em varias regiõ
da terra.

Não deve portanto causar admiração o apparecimento de u
certos idolos, que sómente começam a manifestar-se em determ
nados territorios n'umas condições archeologicas correspondent
a uma já adiantada phase de communicação entre diversos povo
e que a implantação d'esses cultos supersticiosos se estatuiss
em paizes longinquamente separados, porque é essa mesma com

municação que nos explica uma tal diffusão; mas quando este fa-
to se manifesta, deixa ainda sem solução muitas duvidas concer-
entes á determinação dos focos de irradiação; pois não se póde
oje affirmar como principio ecumenico de todo o ponto verifica-
lo, que todos os cultos na antiguidade nasceram na Asia. Contra
ste falso principio até hoje tão acerrimamente proclamado pro-
estam aqui mesmo, sem que hajâmos necessidade de ir mais
onge, os proprios cultos lusitanicos, que ninguem ousará attribuir
estranhas terras.

A ophiolatria, ou o culto consagrado ás serpentes, dizem va-
ios auctores derivar-se da mais recondita antiguidade.

Poucas symbologias logram ter sido perpetuadas com tão au-
entico registro como a da serpente. No primeiro livro do Pen-
teucho, que trata da cosmogonia biblica, é ella representada
omo genio da sagacidade e da seducção, porque o *demonio*, trans-
rmando-se em *serpente*, tomou logo a seu cargo ensinar a pri-
eira mulher a quebrantar o preceito sagrado *de não tocar no
ucto prohibido.*

Muito depois d'isto falla-se na serpente de Moysés, que os is-
elitas figuraram em bronze, e que passou a ter taes virtudes,
ue bastava olharem para ella os que tinham sido mordidos de
es reptis, para ficarem sanados; e por isso outros supersticiosos
consideravam como representante do proprio Moysés.

A symbologia da serpente subdividiu-se ainda, com a implan-
ção do christianismo, segundo refere o insuspeito abbade Mar-
ny [1], como emblema da victoria de Jesus Christo sobre o demo-
, rojada sob a haste do monogramma ou da cruz *(ut qui in
no vincebat, in ligno quoque vinceretur);* como signo da pruden-
, que Christo recommendava aos discipulos *(Estote prudentes
ut serpentes)* e como allegoria da cruz e do proprio Christo
*icut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet
ium Hominis),* sendo ainda usada nos primeiros seculos da per-

[1] *Dicc. des antiq. chrétiennes* (1865), verb. *Serpent.*

seguição, quando aos christãos não era permittida a exhibição da cruz. Por isso, e como representando a prudencia, Santo Ambrosio recommendava aos fieis: *Imitare serpentem,* porque considerava ser ella o symbolo da resurreição e da immortalidade.

Mas como o idolo de bronze dos serpenticotas israelitas fôra mandado destruir por Ezechias, e muitos outros cultos pagãos lhe eram ao mesmo tempo dedicados com attribuições as mais extravagantes, incluindo a de ser propicia ás doenças verminosas das crianças, S. Carlos Borromeu, na sua visita á basilica de Santo Ambrosio de Milão, supprimiu-lhe o culto.

Citam-se muitas narrativas dos livros sagrados dos indios[1] respectivas ao culto da serpente e ainda ás tradições da que era denominada *Ananta Mahasecha,* á qual foi erigido *um templo* a leste de *Meissour* no logar chamado *Soubra-Manniah;* mas quaes eram os templos dos indios que existiam n'uma epocha correspondente á idade do bronze n'esta região peninsular?...

Pois não ficou já definido nos capitulos antecedentes o resultado da confrontação dos caracteristicos das idades prehistoricas da India com os das mesmas idades n'esta região? E a qual d'essas idades correspondem os mais antigos templos da India e mais especialmente os que deram culto á serpente? E os livros sagrados, a que data ou a que idade archeologica alcançam? Irá tudo isso alem dos primordios da idade do bronze na Europa?... Se assim o affirmam, precisam primeiramente demonstral-o.

Calmet[2], citando Elieno, diz que no Egypto eram as serpentes consideradas como divindades domesticas e por isso as criavam e mantinham com grande veneração; que *n'uma torre* de Mileto tinham ellas sacerdote e ministros, que lhes prestavam culto e as alimentavam, e que na Phrygia havia um dragão sagrado n'um bosque dedicado a Diana.

Nos *templos* de Serapis e de Isis tambem os egypcios as ti-

---

[1] Larousse. — Verb. *Ophiolatrie.*
[2] Dicc. da Biblia.

iam em cofres e veneravam, e os ophitas, de que tanto falla
anto Epiphanio (Hær. xxvi), abominaveis herejes que seguiam os
bsurdos dos nicolaitas e gnosticos na mesma epocha em que
s apostolos prégavam o evangelho, tambem nos seus templos ve-
eravam as serpentes com irrisorio e ridiculo ceremonial. Outros
lolatras as consagravam a Proserpina e a Ceres; representavam
sculapio sob a figura de um d'esses reptis, e nas festas de Baccho,
ngindo com ellas o corpo, pintavam a cara com o sangue das
ctimas sacrificadas a umas taes divindades, como refere Grono-
o nas *Antiguidades gregas e romanas.*

Tambem figuram, não sei desde quando, os chamados ophio-
hagos, selvagens que se nutriam da carne das serpentes.

Conta mais o noticioso Bluteau, no *Supplemento ao vocabu-
rio* (verb. *cobra),* entre outras particularidades relativas á *cobra
e capello,* que os gentios do Brazil veneram esta cobra como sa-
ada, e sempre criam alguma em seus pagodes, «beneficio que
la recompensa aos seus devotos, matando-lhe algum filho ou
ha».

Estamos pois no mesmo caso: todas estas adorações eram
aticadas em torres, templos e pagodes; o que não abona a an-
guidade que se tem pretendido attribuir ao culto da serpente,
mo podendo exceder a do texto biblico, cuja data julgo corres-
onder a uma epocha em que n'algumas regiões subsistia a idade
o bronze.

Não cabem porém aqui todas as noticias que podéra dar
cêrca do mui variado symbologismo da serpente: entretanto não
rá fóra do meu proposito um conceito, que todavia ainda carece
e comprovação, expendido por Miss Buckland no seu estudo
bre a origem da agricultura, apresentado á *British association,*
e Glascow *(meeting* de 1876), de que Mr. E. Dally deu resu-
ida noticia no tomo ii da segunda serie da *Revue d'anthropolo-
e* (1879).

Miss Buckland, contra o que affirma o seu compatriota sir J.
ubboch, diz que o culto da lua nasceu entre os agricultores, e
do sol entre os metallurgistas, concluindo que as artes da civili-

sação, e em particular a metallurgia, podem ser referidas a um raça que adorava o sol e a serpente, originariamente pré-arian de fortes affinidades com os chinezes e os egypcios, a que attri bue a agricultura, a tecelagem, a ceramica, as pyramides, que tudo isso apparecesse ao mesmo tempo ou successivamente: acha a confirmação do seu conceito na parecença com que esta industrias, no seu estado rudimentar, se mostram em toda a parte acompanhadas do culto da serpente e dos sacrificios humano que lhe eram inherentes.

Com a devida cortezia recordarei porém a Miss Buckland que muito anteriormente á data da fabricação da primeira ser pente de bronze e de todos os ensaios metallurgicos, já em am bos os hemispherios do globo, imperando a ultima idade da pe dra, havia agricultura, tecelagem e ceramica; que o culto da ser pente deve ser muito posterior ao da lua, porque d'este aqui te mos na serra de Cintra o monumento neolithico da Folha da Barradas a testifical-o com um artefacto de marmore branco, em que o crescente se vê perfeitamente esculpido, acompanhado da ceramica mais rudimentar na fórma e na fabricação e de instru mentos de silex, que só podem ser inscriptos na ultima idade da pedra.

Se com effeito a agricultura, a metallurgia e o culto da ser pente se podem julgar contemporaneos e devidos a uma raça muito chegada á dos chinezes e egypcios, com essa raça, pelo que está reconhecido até hoje, nenhuma affinidade parece haver com os typos ethnicos peninsulares, assim como não se tem achado um unico vestigio nas nossas primitivas estações metallurgicas mui provadamente instauradas pelos indigenas que viveram n'este solo na ultima idade da pedra, que possa ser racionalmente at-tribuido a uma qualquer influencia estrangeira.

A serpente de bronze de Ferragudo representa pois uma epo-cha muito posterior á ultima idade da pedra, á idade do cobre e talvez mesmo á primeira metade da idade do bronze, quando as communicações maritimas entre o Mediterraneo e o Atlantico po-diam ter attingido grande desenvolvimento, e por isso é possivel

ıe esse culto, n'um tempo de já adiantado commercio maritimo, esse aqui parar, sendo trazido por gente estranha, ou pelos oprios nautas peninsulares; tambem era possivel que fôsse um os cultos da peninsula, levado a longinquas terras pelos naveıdores indigenas, ou apenas implantado n'um qualquer ponto a ıe chegassem por mar ou por terra, e que d'ahi começasse a sua radiação; emfim, outras hypotheses poderiam a este respeito rmar-se em detrimento da exagerada antiguidade que se tem tribuido com reservado proposito a todas as cousas do Oriente ıra assim se dar mais livre transito a tudo quanto se pretende r d'alli saído em beneficio do resto do mundo. Não é preciso far obra por hypotheses, quando os factos estão ensinando a sua opria significação.

O mais antigo documento concernente ao culto da serpente é texto biblico, e este documento especifica que era de bronze o olo dos israelitas: portanto, nem o idolo, nem o texto se póde screver n'uma idade anterior á do bronze.

As torres, os templos e os pagodes em que a serpente era nerada na India, na China, no Egypto, na Grecia, na Italia e outros paizes da Europa, assim como no Brazil, tambem não dem ser anteriores á idade do bronze, porque ainda ninguem scobriu uma torre, um templo ou um pagode, que se podesse screver nos tempos que a precedem.

Em vista, pois, das considerações que deixo expendidas, a rpente de bronze de Ferragudo, não podendo representar uma ocha anterior á segunda metade da idade do bronze nem posior á primeira idade do férro, deve estar em approximadas conções de synchronismo com os idolos congeneres de mais remota ta e levar a sua manifestação n'este territorio a um tempo anior á fundação de todas as torres, templos e pagodes, em que outras regiões teve adoração.

Que povo inventou o culto da serpente, foi o asiatico?...

Prove-se.

Estombar. — Esta rica aldeia, que foi famosa villa, doada co seu castello por D. Sancho I ao mosteiro de Alcobaça, mostra t sido habitada em remotos tempos prehistoricos. Muitos machad e outros instrumentos de pedra hão sido encontrados em se terrenos. O sr. Judice dos Santos possue os seis que descrevo i volume II, pag. 371 e 372.

A idade do cobre tambem ficou alli representada, como se v no capitulo antecedente, por um machado que indico na est. v com o n.º 1, pertencente ao sr. Judice dos Santos, assim como podéra ser por mais alguns, se não tivessem sido vendidos a fundidores, e por outro, que ainda cheguei a ver em 1878, se seu possuidor não o tivesse tão cautelosamente defeso á min observação, não lhe occorrendo que esse objecto ficaria conse vando o valor scientifico que lhe competia, sendo aqui figurado descripto, e que no caso contrario, quando passados alguns ann já ninguem soubesse indicar o logar e as condições em que f achado, passaria a ser apenas um simples pedaço de metal fu dido, sem a minima significação!

A idade do bronze tambem alvoreceu em Estombar, como be o indica o excellente machado de bronze, que figuro na est. xx 6, pertencente á collecção do sr. Judice dos Santos, tendo sid achado em 1864 entre duas grandes pedras, juntamente com ou tros, no proximo sitio das Fontes Grandes, deixando presumir al a existencia de um escondrijo.

No capitulo seguinte indicarei os caracteristicos que nos te renos de Estombar deixou a primeira idade do ferro, e d'est modo se ficará entendendo, que desde os tempos neolithicos e diante nunca cessou de haver população n'aquelles sitios.

Fica portanto indicada em Estombar uma estação represen tada por um escondrijo de artefactos pertencentes á idade d bronze.

Paderne. — No volume II, pag. 379, indiquei as varias ant guidades prehistoricas e historicas de Paderne, citando em pri meiro logar os seus caracteristicos neolithicos, e no capitulo an

cedente referi-me aos da idade do cobre. Resta-me agora dizer, ue tambem alli ficou representada a idade do bronze.

Muitos machados, que hoje não se sabe se eram de cobre ou bronze, hão sido desenterrados das ruas e dos campos proxios d'aquella aldeia notavelmente rica em antiguidades; mas asi todos foram parar ás mãos damnosas dos fundidores e mais pecialmente dos ciganos. Não sei, alem dos que vou indicar, se istem mais alguns em collecções particulares. Sei que em 1878, n dos trabalhadores empregados na exploração dos silos das as de Paderne me informou de ter um seu visinho achado duas nhas de bronze, e que sendo por mim encarregado de ir comal-as, voltou dizendo que o possuidor já as tinha vendido a um ldeireiro de fóra e mais um punhal que tinha a ponta partida.

Os mesmos individuos me deram noticia de haver em Alca-, 2 kilometros ao norte de Paderne, muitas sepulturas com lous e machados de bronze.

O sr. Judice dos Santos possue, porém, um pedaço de escoo de bronze comprado em Paderne, que figuro com as dimenes exactas na est. XXII, com o n.º 7, sendo da mesma proveencia os dois excellentes machados do mesmo metal, que na la estampa represento com os n.os 8 e 9, pertencentes ao sr. ixeira de Aragão.

Não se sabe se a mina de manganez de Valle de Pegas, onde diz terem sido achados por trabalhadores do campo muitos achados metallicos e de pedra, revelou algum vestigio de exoração antiga. Não é, porém, provavel que a gente prehistorica, com effeito se servia do manganez nas suas tinturarias e taagens, precisasse extrahir grandes quantidades de um minerio, ue não teria então talvez mais nenhuma applicação. Ficava-lhe rém a mina de cobre de Alte a pouco mais de 7 kilometros, ao sso que as minas do Alemtejo exportariam o estanho para as ndições da zona cuprifera; pois deve-se notar que no Algarve machados de bronze são quasi moldados pelos de cobre.

Não me consta que tivesse apparecido algum de talão ou de vado.

O que em todo o caso fica demonstrado, é que houve un
epocha ou idade em que viveu n'aquelle sitio um povo que us
machados de bronze.

Milreu. — Distante pouco mais de 9 kilometros ao norte
nordeste de Faro está este sitio notavelmente marcado com
ruinas da arrazada Ossonoba, cidade lusitanica de origem mui
anterior á data do dominio romano, que certamente assentou
seus fundamentos sobre um plano em que viveu uma populaçã
que desde a ultima idade da pedra proseguiu a sua successão at
á idade do bronze, como verifiquei em varios córtes que mand
fazer, no acto de explorar parcialmente aquellas nobilissimas ru
nas; pois descendo a pouco mais de 1 metro do nivel dos pav
mentos mais baixos e proximos da margem esquerda do rio Sêcc
appareceram em alguns logares varios instrumentos de pedr
como os que descrevo no volume II, pag. 386 a 388, e entre es
cota e a dos pavimentos, um pequeno machado de bronze u
tanto obliterado no gume cortante e na extremidade opposta,
qual represento com as proprias dimensões na est. XXII, so
n.º 10.

Acharam-se mais os dois objectos de bronze que vão figura
dos na mesma estampa com os n.ºs 11 e 12: o primeiro de fórm
arqueada, mostra as extremidades aguçadas em córte, e o segund
é uma raspadeira rectangular, formando córte rectilineo nos to
pos, produzido por uma estreita faceta, e tendo no lado das face
tas um ligeiro sulco diagonal a um canto.

Occupava, pois, a regular posição que lhe competia entre o
pavimentos revestidos de famosos mosaicos e o plano que mani
festou caracteristicos neolithicos, taes como enxós, percutores
brunidores de varias rochas.

Existiu portanto n'aquelle sitio, e n'uma epocha anterior
todos os vestigios de construcções, uma população que já conhe
cia e usava instrumentos de bronze.

Faro. — Ao sul 1/4 sudoeste do Milreu, e a pouco menos de
eguas metricas, está o Campo da Trindade, adjunto á cidade
Faro, onde descobri e explorei duas curtas sepulturas qua-
ingulares, excavadas na compacta saibreira do terciario marino
e forma todo aquelle solo entre as raias do oceano e a mancha
cretaceo inferior que lhe serve de limite septentrional, de
te para leste, logo pouco acima da Conceição.

Continham aquelles jazigos, de 0m,90 a 0m,95 de compri-
nto sobre 0m,65 a 0m,72 de largura e com 0m,57 a 0m,63 de
dura, ambos approximadamente na mesma orientação de nor-
deste a sul-sudoeste, uns pedaços de ossos mui saturados de
do de ferro que impregnava o terreno e os tingíra de ama-
o avermelhado, abundantes fragmentos de urnas de barro ex-
iamente cinzento escuro, e mais na segunda uma chapa re-
ngular de bronze com córte de formão em dois lados contiguos,
parece ter servido de raspadeira, e um furador de bronze de
na conica, tendo porém perdido o terço correspondente á pon-
Vão estes dois instrumentos incluidos na est. xxii, com os n.os
e 14 [1].

Julgo pois poderem as duas sepulturas do Campo da Trin-
e, na cidade de Faro, representar uma estação mortuaria da
le do bronze.

Tavira — Serra da Conceição. — Com as devidas reservas, e
sem alguma hesitação, vou incluir n'este capitulo um notavel
facto que se diz ter sido achado em excavação rustica n'um
da Serra da Conceição, a pouco mais de 1 legua de Tavira,
designação não foi possivel indagar-se.

É o *torques* de ouro massiço, esbranquiçado, que figuro na
xxii, com o n.º 15. Foi comprado em Tavira no anno de 1881,
sr. Luiz da Paz Simplicio a um serrano da freguezia da Con-

---

[1] Analyses chimicas do sr. C. von Bonhorst.

ceição, que disse tel-o achado n'uma terra que andava a cava
occultando porém a designação do sitio do achado.

Estando eu então residindo na minha casa campestre da prai
da Conceição, mandou-me o sr. Simplicio, ourives residente e
Tavira, mostrar o dito objecto, e uma pessoa da minha familia
comprou por 21$600 réis; mas não foi possivel descobrir o ve
dedor serrano para me dar as informações que desejei obter e q
mui provavelmente me daria, se chegasse a avistal-o. Ignoram-
portanto as condições archeologicas em que se manifestou, co
quanto até certo ponto possam talvez ser suppridas pela analy
do proprio objecto.

Observando primeiro que tudo o metal, duas circumstanci
o tornam ao mesmo tempo notavel, a côr e a inflexibilidade, e
opposição á ductilidade propria do ouro.

A côr poderia julgar-se devida a uma liga natural de prat
que muitas vezes acompanha as palhetas e pepitas de ouro; m
esta liga natural, calculada entre 0,14 e 72 por 100, não pod
tão sensivelmente esbranquiçal-o: portanto, era forçoso admitt
uma liga intencional de prata, de percentagem não decimal: e f
o que deu em resultado a analyse que em minha presença fez
sr. Simões de Almeida, pela qual se verificou ter-se aquelle our
em virtude da liga de prata, reduzido a pouco mais de 14 quil
tes; o que explica a pouca malleabilidade do artefacto.

Tenha-se em lembrança que a prata começou a manifestar-
no fim da idade do cobre e que no sueste da Hispanha, on
abunda no estado nativo, acompanhou com maior desenvolvimen
a idade do bronze, como ficou dito e comprovado no capitulo
do volume III, e que a mina de prata nativa de Herrerias, na pr
vincia de Almeria, está verificada com trabalho de exploração pr
historica; o que bem deixa perceber que não era preciso vir
mais longe.

Quanto á fórma do torques, não ha vel-a nas necropoles e t
mulos da primeira idade do ferro, como se póde verificar nas e
tampas da obra do sr. Chantre, intitulada *Premier âge du fer.*

Os torques e braceletes da primeira idade do ferro são abu

antissimos em todas as estações d'essa idade. O sr. E. Chantre, a sua mencionada obra, apresenta numerosissimos exemplos em iais de quarenta estampas. O furor por estes adornos chegou a er excessivo, usando-se em grande numero nos braços e nas ernas, na cintura e no pescoço.

Só uma sepultura encerrava mais de 3 kilogrammas d'estes ifeites enfiados pelos ossos das pernas e dos braços da pessoa epultada. As fórmas d'estes artefactos e o seu lavor em relevos, italhos e gravuras, denunciam um grande progresso na manuctura dos metaes, e nenhuma comparação póde haver entre elles o torques de ouro da serra da Conceição, o qual, sendo fielente copiado na est. XXII, não precisa ser descripto. Vê-se porém ie, depois de fundido, foi afeiçoado a choques de percutor, rasdo, alisado, e corrido com tão grosseiro brunidor, que não lhe egou a abater as estrias mais fundas.

Deve portanto este torques de ouro, ou antes pinjente da ma de torques, pertencer a uma idade anterior á primeira do ro e a uma phase ou epocha em que a prata já estava em uso; essa epocha não póde ser posterior á idade do bronze, e por o, com estes fundamentos o inscrevo n'essa idade, se é que, se ssem sabidas as condições do seu jazigo, não se devesse referir outra epocha anterior.

A fórma d'este torques está perfeitamente exemplificada por tro, roliço e sem ornato, achado ha uns cincoenta annos na etanha, cujos diametros se cruzam com 0m,177 e 0m,145, o al se vê estampado na pag. 52, do *Abécédaire ou rudiment rchéologie*, de M. de Caumont (ère gallo-romaine); mas este igo mestre dos archeologos francezes não refere as condições que foi achado.

Temos portanto visto, que a idade do cobre succedeu no Alve a idade do bronze. Conservaram porém os machados as nas primitivas dos de cobre e poucas fôram as variedades que ram caracterisando essa idade até ás primeiras manifestações ferro.

No Algarve havia abundante cobre, mas faltava o estanho, e

a esta falta se poderá talvez principalmente attribuir o limitado desenvolvimento da industria manufactora do bronze, como com algum fundamento assim se póde suspeitar, vendo-se no Alemtejo, onde havia cobre e estanho em abastança, outros diversos artefactos de bronze; o que consequentemente mostra que as materias primas e a industria metallurgica eram locaes; pois se os artefactos de bronze tivessem sido trazidos por migrações estrangeiras saídas do Mediterraneo, os portos do Algarve deveriam tel-os recebido em maior escala e não ficariam totalmente privados d'aquelles que só se acham no Alemtejo e n'outros tractos mineralogicos d'este reino em que ha minas de cobre e de estanho com demonstrados vestigios de exploração prehistorica; e deve-se tambem entender que não vieram por via terrestre, porque, como em seguida se vae ver, ha no Alemtejo uns typicos estoques de bronze, que nunca ninguem achou na Asia nem em paiz algum e por isso tenho necessariamente de consideral-os como producto de industria local.

No resto do reino, como é sabido, apenas tem havido explorações archeologicas locaes; mas ainda assim, alguma cousa já se sabe do muito que continúa a jazer ignorado, e é isso que passo a relacionar.

Odemira. — Ao dr. Abel da Silva Ribeiro, que durante muitos annos exerceu a clinica medica em Odemira, devem-se apreciaveis descobrimentos em toda aquella circumscripção, comprehendendo as margens do rio Mira até á foz e Villa Nova de Milfontes. Foi ahi n'essas proximidades da foz do Mira que elle descobriu as sepulturas da idade do cobre. Caminhando porém em sentido opposto, além da margem direita do rio, como se de Odemira quizesse procurar o rumo de Ourique, achou muitos machados de pedra e alguns de bronze, dos quaes offereceu ao museu da commissão geologica o que represento na est. XXIII, com o n.º

Este machado tem o córte um tanto obliterado e com certeza foi empregado como escopro, bem como o indica a saliencia dos bordos na extremidade inferior, devida á acção do percutor

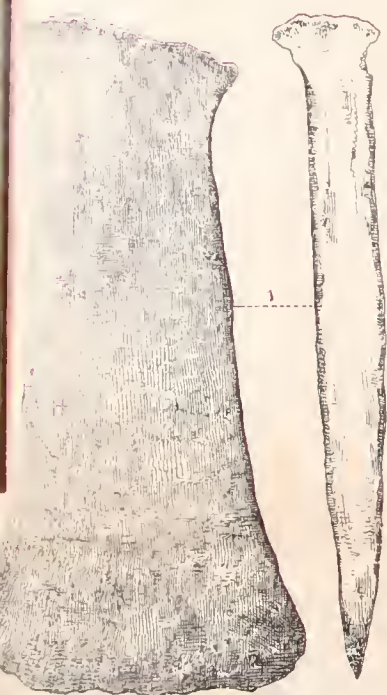
ɔedra. O trabalho que o reduziu a tal estado não é conhecido, nas tendo-se em vista a distribuição cuprifera do districto de Beja, é possivel que tivesse sido instrumento de mineiro, pois toda .quella faxa littoral entre Odemira e a foz do Sado corre no sen-ido de leste para uma linha cuprifera, que das minas do Algarve entral passa por Almodovar, Castro Verde, Aljustrel, Juliana, 'erreira, Barrancos, etc.

Quando mais adiante mostrar dois excellentes instrumentos e bronze extrahidos do interior de uma d'essas minas, se reconhe-erá não ser esta presumpção inteiramente destituida de funda-nento.

Em todo o caso, aquelle e outros machados do mesmo metal, ncontrados a leste de Odemira, deixam entender que alli estacio-ou uma população, que se servia de instrumentos de bronze.

Almodovar. — A curta distancia d'essa villa houve uma po-ɔação que depositou os seus mortos no sitio actualmente deno-ninado de S. Miguel do Pinheiro. Sabe-se que as sepulturas eram ɔnstruidas com lages toscas de schisto paleozoico, porque não só n Almodovar como em a vasta região que a circumda, impera o arbonifero inferior, quasi sem manchas de outra formação.

Dá-se porém o caso mui singular de haver em algumas d'es-.s lages umas inscripções gravadas em caracteres peninsulares, ão até ao presente interpretadas, comquanto sejam esses cara-eres identicos aos das legendas das chamadas moedas celtiberi-.s, tambem não decifradas, não obstante os processos que os aleographos hispanhoes e de outras nações hão pretendido ap-icar a esses padrões mortuarios e numismaticos para a sua de-fração.

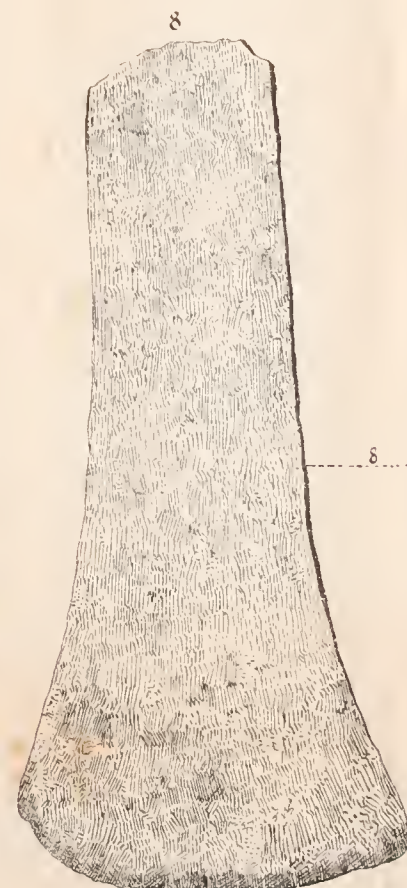
Não existem essas pedras, nem se sabe o destino que tive-m; presume-se, porém, que D. fr. Manuel do Cenaculo Villas ɔas, bispo de Beja e depois arcebispo de Evora, chegou a pos-il-as nas suas memoraveis collecções de antiguidades, pois d'el-s tirou copia, que trasladou no seu manuscripto, existente na bliotheca de Evora, intitulado *Museu Sizenando*.

9

Elvas

1

Odemira

2

Mina da Juliana (Beja)

3

M. da Juliana

4

Serra da Caveira
Grandola

5

Evora

6

Evora

7

Estremoz

8

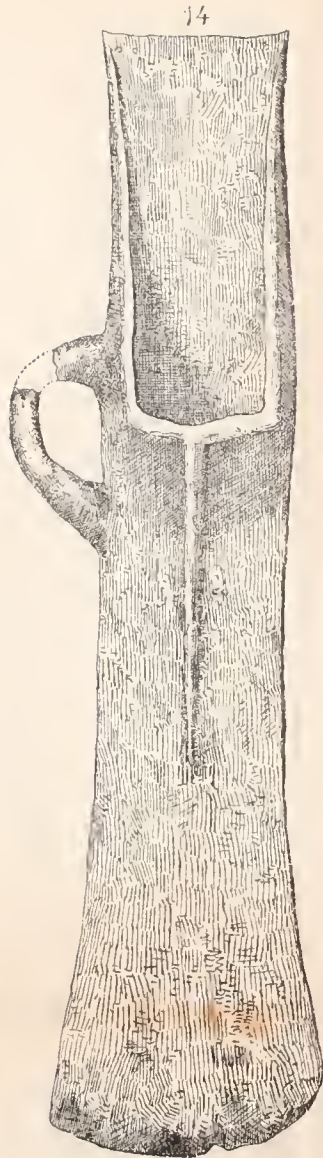
Estremoz

Est. XXIII

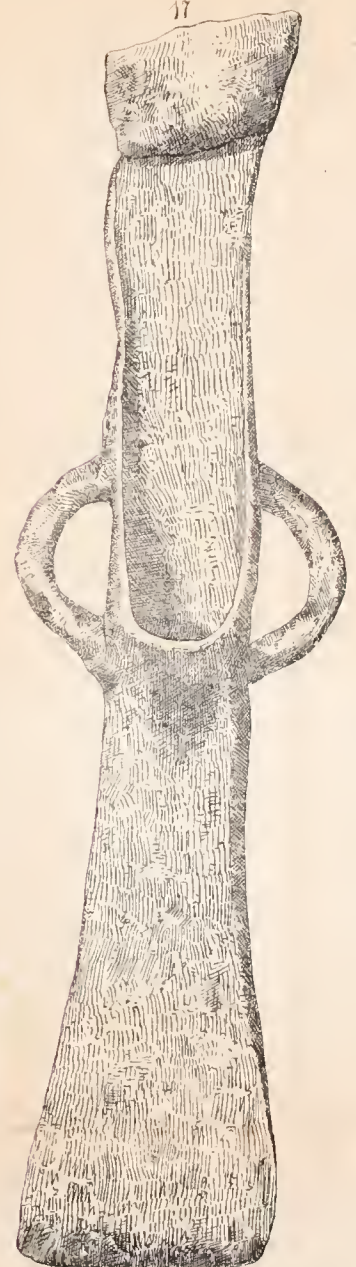
10 — Abrigada, Estramadura

11 — Ferreira d'Aves, Beira Alta.

12 — Roriz, Minho

13 — Roriz, Minho

14 — Sabugal

15 — Alto de Pereiras. (Vimioso)

16, 17 — Castro de Medeiros

Não se diz o que havia nas sepulturas de S. Miguel do Pinheiro. Fique porém em lembrança que continham inscripções de caracteres luso-ibericos, como as que vão figuradas no capitulo seguinte, visto ter de referir-me a outras da mesma região com identicas inscripções, acompanhadas de um caracteristico especial.

Senhora da Colla.—Fixando-se a situação de Almodovar, Ourique, Castro Verde, Aljustrel, Juliana e Beja, ter-se-ha assim marcado no baixo Alemtejo central um tracto da zona cuprifera, que deixei indicado, onde o bronze mais se tem manifestado em armas e instrumentos de trabalho.

Já figurei um dos machados de bronze encontrados na raia oriental do concelho de Odemira, a qual vae entestar n'aquella zona, e indiquei na freguezia de Almodovar, em S. Miguel do Pinheiro, a inscripção de caracteres peninsulares, aberta n'uma das lages toscas de que se formavam as sepulturas.

Estes jazigos com taes inscripções apparecem em maior numero na freguezia de Ourique, sendo mui notaveis as que o arcebispo Cenaculo explorou.

Eis aqui a planta; mas não sou eu que devo descrevel-a, porque desde 1879 está explicada por um archeologo distincto, a quem principalmente as antiguidades do Alemtejo meridional devem mui apreciaveis serviços, e por isso, com a devida venia, vou transcrever textualmente as suas apreciações, em razão do muito conceito que me inspiram.

O sr. Gabriel Pereira, já mui conhecido por varias publicações e principalmente pela sua memoria intitulada *Dolmens ou antas dos arredores de Evora,* publicada em 1876, escreveu tres annos depois uma outra memoria com o titulo de *Notas de archeologia,* impressa em Evora, em 8.º e com 65 paginas.

N'esta memoria descreve os *castellos ou montes fortificados da Colla e Castro Verde, o dolmen furado da Candieira e as ruinas da Citania de Briteiros.*

Diz o sr. Gabriel Pereira (pag. 8 a 13):

Graças concedidas por Christo no campo de Ourique, acontecidas em outros tempos, e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades.

Lisboa, 1813 Est. VII

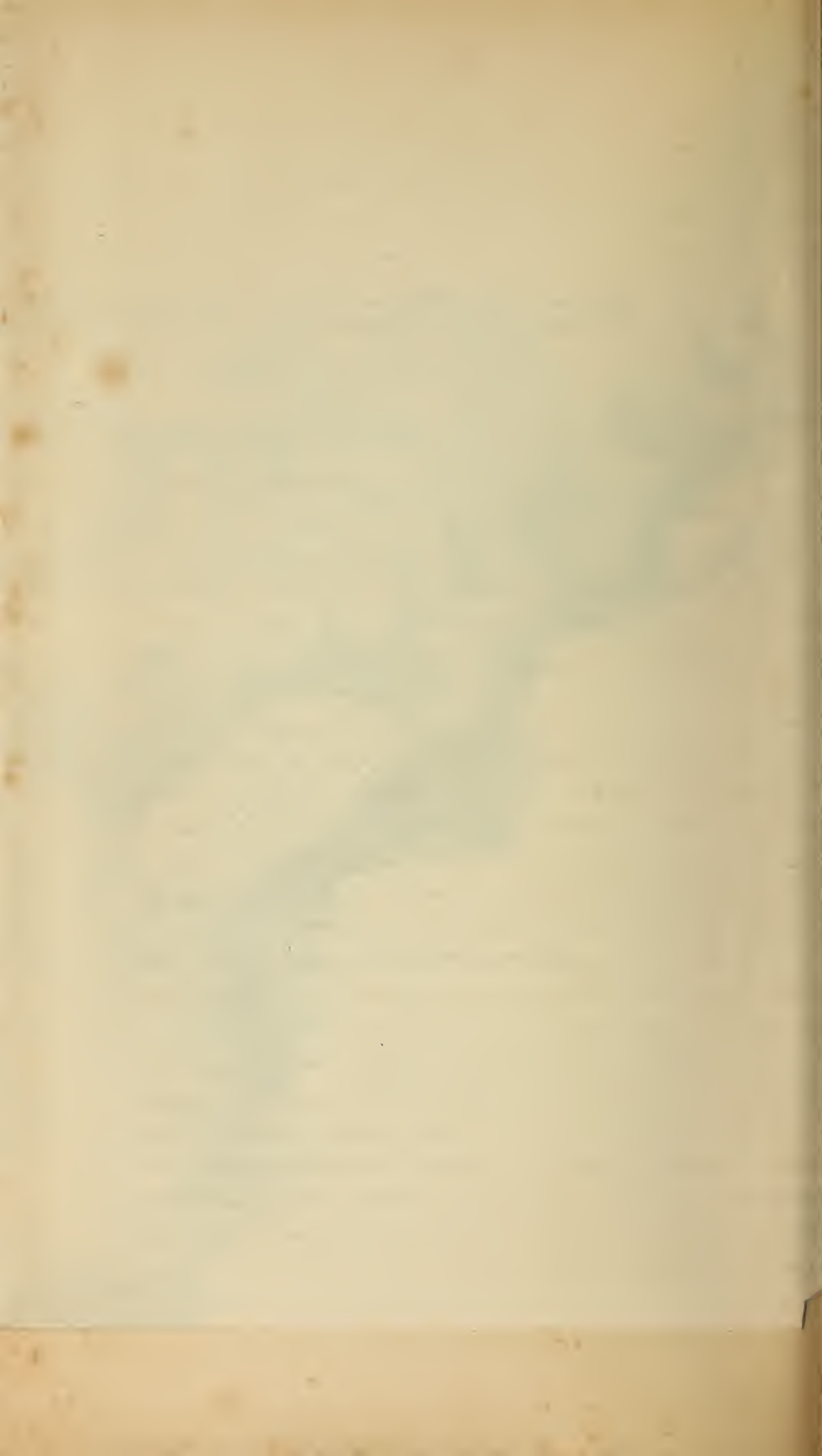
Pelo arcebispo D. Fr. M. do Cenaculo

Norte

Rio Mariscão

Planalto artificial a [illegible] do castello

Rio de Odemira

A-Igreja de N.S. da Colla
B-Hospedarias
C-Casa do hermitão
D-Ruinas do Templo Antigo
E-Castello da Cidade
F-Castello pequeno da Cidade
G-Sepulturas de Generaes
I-Estrada q vem de Ourique
L-Casas de lavradores
M-Rio de Odemira
N-Casteleyos da Cidade
O-Sepulturas da gente da plebe
P-Rio de Mariscão

«Rezende visitou a Colla e o Campo de Ourique em 1573, em companhia de el-rei D. Sebastião.

«Pouco mais de dois seculos depois, recebiam estes logares outra visita illustre, a de fr. Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, mais tarde arcebispo de Evora. Eis o que elle relata nos *Cuidados litterarios do prelado de Beja em graça do seu bispado* (Lisboa, 1791), a pag. 384, 5.º: «Uma legua de Castro para o sul, em montanha difficil, no sitio de S. Pedro das Cabeças ha signaes de fortaleza... e d'outras, uma dos Reis, outra das Juntas: esta tinha mais de 1:000 passos em roda, e chamavam-lhe Juntas por estar na confluencia do Terges e Cobres.

«A da Senhora da Colla tem mais de 800 passos em circuito, em uma eminencia impraticavel por todos os lados, ficando n'um d'elles a juncção de duas ribeiras (Odemira, Mariscão).

«Nos cabeços dos outeiros que a cercam por dois lados ha vestigios de fortins. A idéa que hoje se póde formar d'aquelles restos, emquanto mão propria os não sonda, e nós podermos adiantar as excavações, é de juizo incerto a muitos respeitos: podem ser de romanos, mouros e porventura dos lusitanos velhos que viviam «more spartiano», como diz Strabão. As muralhas têem 12 palmos de largura, sem a liga vitruviana; em parte são formadas de lages sobrepostas seccamente. A fortaleza da Colla tem como no centro uma cisterna antiga: a cerca consiste em simples cortina da qual sáe de espaço a espaço uma obra angular de mui pequena extensão, e talvez seriam seus bastiões.

«Ha mais dois espaços e intervallos divididos por dois antemuraes, sem obra alguma reintrante capaz de fazer enganos, mas tal qual lhes serviria em vez de revelim ou meia lua.

«Os pequenos corpos angulares póde ser que servissem para flanquearem as pedras de arremesso. Não apparecem vestigios de ter havido torres, e eram escusadas, porque estando as fortalezas a cavalleiro, ganhavam quaesquer elevações de terra... Na margem de uma das ribeiras estão por longo espaço as sepulturas; na encosta da montanha achámos seis sepulturas, e algumas de 25 palmos em quadro.»

«A isto acrescenta Cenaculo que viu um capitel, lapidas sepulcraes de caracteres phenicios ou turdetanós e os estoques longos sem gume e feitos de aço e cobre bem calcinado com punho pouco engrossado e virote chato, pequeno, e que forma uma especie de orelhas que não póde ser da mais remota antiguidade.

«N'uma collecção de sete gravuras grandes que o arcebispo Cenaculo intitulou «Graças concedidas por Christo no campo de Ourique acontecidas em outros tempos, e repetidas no actual conformes aos desenhos de suas idades» (Lisboa, 1813), ha tres que respeitam ao nosso assumpto.

«A estampa III, representa a imagem de pedra primitiva (sigo o dizer ou explicação da mesma estampa) de Nossa Senhora da Colla; tem de altura 4 palmos.

«É a meu ver uma singular esculptura; não sei o que é feito da antiquissima imagem; parece de um trabalho rude, ingenuo e não superior talvez ao das estatuas gallaicas. Um grande manto cobre a cabeça e envolve a esculptura até abaixo, deixando a descoberto o rosto e garganta; largas pregas percorrem o manto; as mãos occultam-se sob o manto, e parece que o rude operario tentou mostrar que ellas juntam ou apertam o manto sobre o seio; os pés não apparecem, o tronco assenta immediatamente na base tosca.

«A estampa VI é uma planta de Castro Verde, grosseira, os pontos cardeaes invertidos, mostrando todavia as estradas e ribeiras.

«Marca os seguintes fortes:

«*Forte do coito;* pequeno, muro com quatro angulos salientes e tres rectangulos, isto é, em tres pontos a muralha está fóra do contorno geral ligando-se por meio de pequenos panos em angulo recto. A gravura mostra um circulo inscripto no contorno geral.

«*Forte das Juntas;* maior que o antecedente, disposição quasi igual, dois angulos e cinco rectangulos.

«*Forte grande;* quatro angulos e tres rectangulos, dois dos quaes são symetricos e flanqueados por um angulo saliente.

«*Forte da Amendoeira;* cinco rectangulos salientes, isto é, um contorno quebrado por cinco angulos reintrantes.

«*Forte da Ribeira*; 5 angulos.

«*Cabeças de Rei;* representa uma figura formada por quatro arcos de circulo com a convexidade para o interior, e quatro angulos agudos salientes.

«*S. Pedro das Cabeças;* onde está uma ermida, cinco angulos salientes e grandes.

«Tres d'estes fortes ou logares fortificados ficam entre as ribeiras e o das *Juntas*, o mais visinho da confluencia, parece comprehender o terreno de ribeira a ribeira.

«Est. VII. Plano da fortificação da antiga cidade de Colla. O auctor do desenho quiz combinar a planta com o desenho do aspecto do terreno, com a *vista*, e viu-se em difficuldades com tantos montes; demais, este artista não attendeu á estampagem, e o desenho tambem ficou invertido: é preciso reparar para entender bem a planta e vista.

«Mostra o castello, o castello pequeno da cidade, e os castelleyos. Sigo os dizeres da estampa. A muralha tem em parte 30 palmos de alto e 14 de grossura. Mostra tres cortinas no castello, pelo monte acima (o que de certo nunca existiu), e torres altas n'esta e nas outras fortalezas, que o bom do desenhista de certo não viu tambem, porque o arcebispo na obra acima citada e muito anterior, diz que não as viu, julga até que nunca existiram, e com razão.

«Na base do monte do castello para o sul, marca seis grandes sepulturas, de *generaes*, duas a par e quatro em linha; marca os rios de Odemira e Mariscão nos seus fundos leitos; e depois da confluencia apresenta doze sepulturas, de *gente da plebe*. A estampa, apesar das suas irregularidades e caprichos, tem para nós grande valor archeologico.

«Na vida de S. Sizenando, manuscripto da bibliotheca de Evora, Cenaculo escreve de varias antiguidades do Alemtejo meridional; não encontrei porém menção dos logares fortificados de Castro Verde e Colla. O manuscripto é de 1800. Marca dois si-

tios onde se descobriram antiguidades notaveis, um na ribeira do Roxo, e outro ainda mais notavel na herdade do Raco, freguezia do Cercal, a 2 leguas do Villa Nova de Milfontes.

«Aqui appareceram muitas sepulturas que pela descripção parecem de *cists*, e em algumas se encontraram objectos de ouro (ornamentos), vidro e barro lavrado.

«Segundo diz a respeito dos estoques conheceu elle mais que os cinco existentes agora em Evora, e de varios sitios da diocese de Beja; em alguns notou a pequenez dos punhos: nos de Evora são iguaes e normaes. Estes estoques são de cobre, nada têem de aço, de igual trabalho, variando só e pouco no comprimento; o sr. Filippe Simões, no seu excellente livro *Introducção á archeologia da peninsula* (Lisboa, 1878), menciona-os, e apresenta desenhos exactos a pag. 120. Creio que os desenhos das lapidas de caracteres desconhecidos, que estão na collecção ou album intitulado *Museu Sizenando,* que se guarda tambem na bibliotheca de Evora, se referem, com excepção de um, á Colla, pois n'um catalogo junto se indica serem provenientes da freguezia de Ourique, e um só de Almodovar.»

O dr. Augusto Filippe Simões [1], tambem se referiu aos estoques do Alemtejo, dizendo:

«Na bibliotheca de Evora guardam-se seis ou sete espadas de cobre, achadas em varios sitios da diocese de Beja, por D. Fr. Manuel do Cenaculo. Fundidores de Evora affirmam terem fundido outras similhantes, o que prova não serem raras nas terras transtaganas. Julgou-as o descobridor feitas de bronze, porém com os objectos de cobre é que ellas têem mais analogia nas suas propriedades physicas (fig. 68, 69 e 70).

«Estas espadas não têem gumes; serviam portanto para ferir de ponta. Outra circumstancia notavel é serem inteiriças, isto é, cada uma d'ellas formada de uma só peça, e sem articulação dos punhos e copos com a folha, quando as armas d'este genero. já

[1] A. F. Simoes — *Introducção á archeol. na penins. iberica* (1878), pag. 119.

urante a epocha do bronze, eram geralmente articuladas. Esta
nesma circumstancia se observa n'outras espadas ou punhaes de
obre ou de bronze, achados no Alemtejo, os quaes são tambem
nteiriços ou formados de uma só folha metallica, afeiçoada á força
le trabalho com instrumentos cortantes e contundentes (fig. 71).
Porém outros objectos da mesma epocha foram fundidos. Têem-se
ncontrado na Irlanda e na Sardenha alguns dos moldes que ser-
iram para este fim.»

Ácêrca das relações existentes entre os estoques metallicos,
que chama espadas, e as sepulturas do Alemtejo, nada nos diz
sse mallogrado escriptor, que tão piamente ainda derivava as ve-
has populações peninsulares das migrações asiaticas!

Com referencia a essas relações, foi porém muito mais expli-
ito o sr. Cartailhac, expressando-se assim[1]:

Sépultures du Portugal avec bronzes et inscriptions

«D. Fr. Manuel de Cenaculo, prélat très érudit et fort distin-
gué du diocèse de Beja, au siècle dernier, et dont la bibliothèque
l'Evora possède les précieux manuscrits, a souvent noté des
aits intéressants pour l'histoire de la haute antiquité dans son
pays. Ainsi, dans la *Vita de S. Sizenando* e *Historia de Beja,* ou-
rage inédit; et dans un autre *Cuidados litterarios do prelado de
Beja,* Lisboa, 1791, l'évêque raconte, qu'étant à Colla, il fit des
fouilles dans plusieures sépultures et qu'il rencontra des pierres
avec inscriptions qu'il nomme phéniciennes ou turditaines et quel-
ques estocs en bronze.

«São estoques, ou espadas de 4 palmos de comprido e 1
dedo de largo, sem gume.

«Ces bronzes, de 4 pieds de long et ayant 1 doigt de large,
sont probablement ceux que l'on voit dans le musée de Evora

[1] *Ages préhistoriques*, etc., pag. 262.

(fig. 379 et 382). Je dis probablement parce que d'après Cenaculo lui-même, on en a trouvé d'autres en divers points du diocèse.»

O sr. Cartailhac julga que estes artefactos não eram estoquês mas enfeites, ou *alfinetes* de segurar o cabello, não obstante te verificado no maior $1^m,15$ de comprimento e 430 grammas de peso e julga tambem que não tiveram punho de madeira ou de osso por haver n'aquelle espaço uns ligeiros ornatos gravados em alguns, mas está provado que tiveram punho, porque n'um dos dois que fôram offerecidos a Sua Magestade, o sr. D. Carlos, então Principe Real, pelo dr. Abel da Silva Ribeiro, achados na proximidade de Beja, houve punho de madeira, como se deve deprehender das informações que a este respeito me mandou aquelle illustre antiquario, em 6 de abril de 1889, expressando-se n'estes termos:

«N'uma d'essas *espadas*, no punho, estavam marcas indeleveis de fibras lenhosas, mas já reduzidas a oxydo de cobre, o que fez com que se conservassem até hoje; e porque estavam de um lado e do outro do punho, leva-me a crer, que os povos que as usaram lhes adaptavam dois bocados de madeira para ser ligados e assim permittirem mais seguro manejo.

«Vi ha tempo, tambem perto de Beja, duas lousas que o arado descobriu, nas quaes havia caracteres gravados grosseiramente, mas para mim desconhecidos; pois não eram gregos, romanos nem arabes: devem ser os peninsulares, a que v. allude na sua carta. Um pouco mais para o sul de Beja vi algumas antas e rochedos com signaes ou figuras que mal se poderiam estampar em razão das suas grandes dimensões e da pouca nitidez que lhes deixou a decomposição superficial do granito.»

Em presença da planta XXIV e dos esclarecimentos que ficam reproduzidos, observa-se que no valle formado pelas collinas e cabeços fortificados da Colla, corre o rio Mira e a ribeira do Mariscão, sua affluente.

Ácêrca da origem d'essas fortificações não ousou o cauteloso arcebispo Cenaculo emittir conceito definitivo: «podem ser, disse

lle, de romanos, mouros, e porventura dos *lusitanos velhos* que
iviam *more spartiano,* como diz Strabão». E dos velhos lusita-
os seriam, certamente, porque, nem romanos nem arabes assim
ımais construiram suas defezas; pois correspondiam ellas a uma
opulação que assignalava as sepulturas dos seus mortos com in-
cripções de caracteres *turdetanos*, como occorreu ao perspicaz
rcebispo; e de tão remotos tempos seriam esses jazigos, que as
rmas n'elles encontradas eram de bronze, sem que ficasse no-
.cia de se ter conjunctamente encontrado algum artefacto de
ərro.

O que, em verdade, não deixa de ser singularmente especiosa
a distincção que o prelado fez das duas necropoles que explo-
ou, com doze jazigos, dispostos em tres fileiras parallelas á mar-
;em do rio Mira e na confluencia do Mariscão, orientados no-
oeste a sueste, e a outra *de generaes*, com seis sepulturas de
!5 palmos quadrados, orientadas de leste a oeste; e eu chego
, julgar, que tal distincção não deixou de ter algum fundamento,
uppondo que seria n'estas que encontrou as inscripções e os es-
oques, como indicativos de pessoas de graduada hierarchia, ao
ɔasso que estes caracteristicos faltassem no outro grupo de jazi-
;os, embora do mesmo estylo de construcção.

N'este caso não se deve entender que elle quizesse referir-se
ı *generaes*, na accepção militar, mas como denotando individuos
ɪue tivessem exercido mando superior, como parecem significar
ıs armas que tinham usado e as memorias escriptas em pedra,
ɪue os honravam.

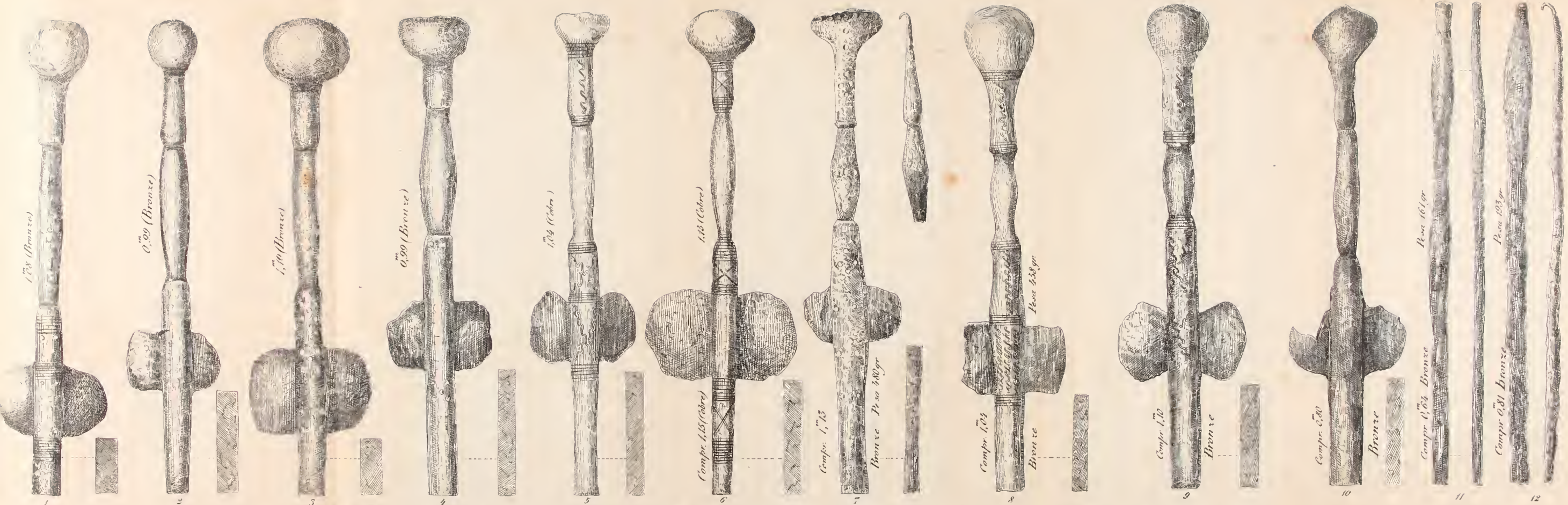
Note-se, porém, que essas sepulturas com estoques de bron-
ːe, defendidas por um contorno de cabeços fortificados, não se
'estringem a um unico logar isolado; appareceram nas proximi-
lades de Almodovar, em S. Miguel do Pinheiro, e havendo em
Castro Verde um outro campo fortificado, mui similhante ao da
Colla, forçoso é admittir que os habitantes, tendo adoptado igual
systema de defeza, deveriam pertencer á mesma epocha e ter ap-
proximadamente os mesmos usos e costumes, e por isso é de crer
que as suas necropoles não divergissem das do povo que habi-

tava os colles do termo de Ourique, embora taes jazigos, que necessariamente houve, não se tenham ainda descoberto.

Não pararam porém alli os caracteristicos da idade do bronze, porque seguindo-se de Castro Verde para Beja ahi temos a mina de cobre da Juliana uns 11 kilometros distante de Aljustrel para es-nordeste e a sudoeste de Beja, onde fôram achados varios instrumentos de bronze, como adiante mostrarei; e continuando-se no rumo de Beja, não só D. Fr. Manuel do Cenaculo refere ter conhecido maior numero de estoques de bronze do que os cinco que se conservam na bibliotheca de Evora, achados em varios sitios da diocese de Beja, como se sabe terem apparecido recentemente a curta distancia d'aquella cidade mais alguns, que fôram obtidos pelo dr. Abel da Silva Ribeiro, pelo sr. Teixeira de Aragão e Francisco de Paula e Oliveira, de que adiante darei os desenhos.

Fique tambem em lembrança, que perto de Beja appareceram inscripções luso-ibericas. Mas o povo que usava os typicos estoques seguiu ainda no sentido do norte e chegou até Evora; pois é o dr. A. Filippe Simões quem affirma terem os fundidores d'aquella cidade fundido outras similhantes armas. E não ultrapassariam esses caracteristicos — inscripções e estoques de bronze — os limites de Evora? Faça-se o reconhecimento methodico das antiguidades do reino, que só assim será possivel ordenar os vestigios de cada epocha.

Reservo para um capitulo especial as inscripções de caracteres peninsulares encontradas no Algarve, no Alemtejo, na Hispanha e em mais alguns paizes. Quando estiverem ordenadas geographicamente e por epochas, muitos conceitos preconcebidos, arraigados e propagados por escriptores, aliás de mui levantados meritos, mas que nunca estudaram as antiguidades luso-hispanicas, ficarão de todo o ponto invalidados, porque tudo tem sido invertido, tomando-se o activo pelo passivo...

Fica-se pois sabendo: que entre Almodovar e Beja, acompanhando a já indicada zona cuprifera, viveu um povo que usava sepultar os seus mortos em jazigos construidos com lages toscas

m que ficaram gravadas umas inscripções de caracteres *turde-*
mos, como lhes chamou o seu primeiro explorador, e que em al-
uns d'esses jazigos sómente fôram encontrados os estoques de
ronze, que vão figurados na est. xxv, sem que haja noticia
e ter apparecido algum artefacto de ferro, e que essas armas de
erir pela ponta constituem um typo local, não se achando em ne-
hum outro paiz; o que obriga a inscrever essas necropoles na
dade do bronze, e a reconhecer que n'essa idade já era tão an-
iga a linguagem escripta n'esta parte da peninsula, que se em-
regava com a fórma epigraphica nos jazigos dos mortos.

Deve-se igualmente reconhecer, tendo-se á vista a planta da
Jolla (est. xxiv), que as necropoles em que não apparecem senão
ssas inscripções e armas de bronze, manifestando as sepulturas
m fileiras approximadamente parallelas, differem das da idade
o cobre, as quaes eram arbitrariamente abertas sem orientação
niforme, e que finalmente não havia ainda na idade do bronze
ma orientação determinada para as sepulturas, como se observa
os dois grupos da est. xxiv; pois n'um, estão orientadas tres
leiras de noroeste a sueste e no outro, de este a oeste.

Quasi todos os antiquarios modernos citavam os cinco esto-
ues existentes no museu de Evora, e não faziam referencia a
nais nenhum; mas havia mais sete em collecções particulares,
ue consegui fazer analysar chimicamente. Foi o sr. C. von Bo-
nhorst, insigne chimico allemão, que mui graciosamente procedeu
analyse de todos no seu laboratorio, reconhecendo serem onze
le bronze e um só de cobre.

Eis-aqui a estampa que os representa:

Os estoques fôram fundidos por inteiro, mui provavelmente
reparados pelo percutor, desgastadas as suas excrescencias e
scabrosidades pela pedra de amolar, raspados com lascas de si-
ex e finalmente brunidos, conservando porém alguns as estrias
roduzidas pela granulação do grés e talvez mesmo pelas raspa-
leiras de silex.

Fóra do territorio portuguez não se tem achado typos iden-
icos aos d'estes estoques, e n'este mesmo territorio parecem lo-

calisados entre Almodovar, Beja e Evora, cuja linha recta de l
gação méde 115k,5 ou 23,5 leguas metricas, sendo n'essa fa
cuprifera acompanhados pelas celebres inscripções, que os sabi
dizem ser de caracteres *phenicios*, mas que ainda não podera
decifrar, ao passo que dão como perfeitamente interpretadas
numerosas inscripções phenicias de Carthago e de outros log
res...

Já é sabido que nas sepulturas e logares em que se hão acha
essas armas de guerra não consta que tenha apparecido algu
artefacto de ferro. Os estoques são os unicos conhecidos comp
nheiros das inscripções turdetanas, lusitanicas ou luso-iberic
(como quizerem), que se sabe terem apparecido nos mencionad
jazigos, ácêrca dos quaes diz o sr. Cartailhac (pag. 270): «C
taient des *cists* en cinc ou sept pierres, sous de petits tumulus

Acrescenta porém o sr. Cartailhac, que em Bensafrim desc
bri eu uma necropole com taes inscripções, contendo artefact
de bronze, de cobre, fragmentos de louças escuras e contas d
vidro, sendo algumas esmaltadas de azul e branco, de preto
amarello.

Escapou-lhe comtudo dizer, que com as contas e todos os d
tos artefactos achei tambem um pinjente e duas pontas de frech
de ferro, e que com estes tres ultimos caracteristicos inscre
aquella necropole na primeira idade do ferro, como no capitul
seguinte mostrarei.

Devo pois desde já advertir, que a necropole da Fonte Velh
de Bensafrim não se póde confundir com as da região alemtejan
que sómente se devem inscrever na idade do bronze ao passo qu
a do Algarve ninguem a póde excluir da primeira idade do ferr

A identidade das inscripções nas duas regiões não basta par
que se julguem pertencentes a uma só epocha; o que essa iden
tidade genuinamente significa, é que na primeira idade do ferr
continuou a usar-se n'este territorio a mesma escriptura pale
graphica que era usada na idade do bronze, revelando assim um
antiguidade que se enreda, mas não se perde de vista, nas ida
des precedentes, porque esta escriptura já existia na peninsul

em a ultima idade da pedra, como adiante comprovarei com um documento authentico, que não soffre duvidas, nem admitte astuciosos subterfugios.

Veremos depois como os orientalistas, em presença das provas archeologicas e das idades que ellas definem, poderão ainda obstinadamente sustentar, que os alphabetos peninsulares fôram aqui introduzidos pelos phenicios e que por isso não ultrapassam uma epocha protohistorica.

Fica porém aprazado este assumpto para o capitulo VII; agora tratarei de dar noticia dos estoques, tendo sempre em vista, que só na idade do bronze podem ser archeologicamente inscriptos, embora o sabio Cartailhac mostre ainda alguma hesitação a este respeito, sem todavia desconhecer a grande antiguidade que representam. D pois veremos isso.

Os cinco primeiros estoques figurados na est. XXV são os que existem no museu da bibliotheca de Evora, com excepção do segundo, em que não distingui ornato algum, os outros quatro estão visivelmente assignalados de um modo symetrico por sulcos horisontaes parallelos, por pequenos circulos incompletos, dispostos em linha horisontal, em lisonja, ou quincunce e por outros ornatos da fórma de *ss*, ligados em linha vertical ou cruzando-se em diagonal. Os punhos medem entre 10 $^1/_2$ e 13 centimetros de comprimento até ás guardas, cuja largura maior é de 0^m,55. A folha é um parallelipipedo similhante á do florete, e que decresce até á ponta, sendo o comprimento total da arma comprehendido entre 0^m,80 e 1^m,15. Os punhos eram forrados de madeira, mui provavelmente compostos de duas peças que se ajustavam e ligavam, como deixaram perceber as impressões de fibras lenhosas, que um d'elles manifestou, estampadas no oxydo de cobre que o revestia.

O de n.º 6 existe no museu de bellas artes de Lisboa; ignora-se a sua procedencia, mas presume-se que mão damninha o deslocasse da collecção do arcebispo Cenaculo. É de cobre, o mais comprido de todos, e ao mesmo tempo, em tal museu, o mais curto em significação.

Os de n.os 7, 8 e 9, fôram achados n'uma fazenda perto de Beja por um trabalhador, no acto de abrir uma sanja muito funda para o escoamento das aguas pluviaes.

Os dois primeiros estavam inteiros e fôram comprados pelo benemerito dr. Abel da Silva Ribeiro, e outro, partido em dois pedaços, foi adquirido pelo sr. Teixeira de Aragão, que logo o mandou soldar e mui francamente me permittiu a analyse chimica, e a estampagem n'esta obra.

Não podia porém o distincto dr. Silva Ribeiro fazer-me igual concessão, porque sabendo que Sua Magestade o sr. D. Carlos I, então Principe Real, tinha em particular apreço as antiguidades nacionaes, já lh'os havia offerecido juntamente com um machado de bronze, outros de pedra, e um collar de contas pretas de vidro, esmaltadas de branco, de que fallarei no capitulo seguinte; mas como para o meu reservado intuito era caso de especial importancia o reconhecimento chimico dos artefactos metallicos prehistoricos e á minha obrigação official competia proceder a todas as indagações de que carecia o meu estudo, fui solicitar a Sua Magestade se dignasse permittir-me a analyse chimica e a estampagem dos estoques de Beja, o que mui benevolamente me foi concedido, mandando-me logo Sua Magestade os ditos estoques e as contas esmaltadas, que tinham apparecido em excavações na zona litoral a 2 kilometros da raia do oceano e a curta distancia de Odemira.

Não vi porém o machado de bronze, nem os outros instrumentos de pedra do Alemtejo, e por isso não vão figurados e descriptos n'esta obra.

Devendo a todos os collectores que mui francamente me permittiram o estudo dos seus reservados monumentos o mais cordial agradecimento, compete-me n'este logar deixar registrado o que é devido ás benignidades com que Sua Magestade me quiz honrar, contribuindo para a illustração d'esta obra, cujo plano muito conviria ser applicado ao estudo das antiguidades de todo o reino, em conformidade do meu já impresso programma; porque d'este modo cresceria de ponto o numero dos agradecidos, abrin-

lo-se assim um amplo horisonte aos cultores das sciencias anthro-
pologicas, paleoethnologicas e historicas, e o paiz attingiria o ni-
vel dos que caminham na vanguarda d'essas sciencias.

Os estoques n.os 10, 11 e 12 são os que o mallogrado Fran-
cisco de Paula e Oliveira obteve na sua ultima ida a Beja, encon-
trados, segundo consta, n'uma propriedade das proximidades d'a-
quella cidade; e tive noticia d'elles, porque, tendo um dia ído ob-
servar os instrumentos metallicos do museu da commissão geolo-
gica, disse-me o estudioso Paula e Oliveira: «Tenho agora tres
estoques de bronze, que comprei na minha ída a Beja, sendo um
d'elles similhante aos de Evora, os quaes desejo mostrar-lhe[1]».

Com effeito o n.º 10 é mui parecido com os n.os 2 e 4 de
Evora; mas o seu estado de decomposição superficial não deixa
ver se teve algum ornato.

Os outros dois, 11 e 12, são diversos na fórma do punho e
em não ter guardas; deviam comtudo ter tido punho de madeira,
porque no ultimo mostra-se dobrada a extremidade do espigão,
como tambem se vê no de n.º 7. São de bronze estes ultimos
tres.

Não tenho noticia de haver mais alguns alem d'estes e d'a-
quelles que fôram fundidos pelos caldeireiros de Evora, como re-
fere o dr. A. F. Simões.

O sr. Cartailhac viu unicamente os cinco de Evora, e que-
rendo comparal-os com outros objectos achados na Suissa, na
Hungria e na França, que hão sido considerados como travessões
de segurar o cabello, expende finalmente estas considerações:

«Le rapprochement des broches avec celles de l'Europe, per-
mettrait d'attribuer à ces sépultures une date fort reculée; parler
cependant de l'âge du bronze serait téméraire. Les inscriptions

---

[1] Paula e Oliveira, passado algum tempo, adoeceu e deixou de existir. Os estoques
vieram porém á minha mão, porque a distincta viuva de Paula e Oliveira permittiu ao
sr. Gabriel Pereira que eu os desenhasse e mandasse analysar chimicamente; o que
me obriga a deixar aqui registrados os meus agradecimentos a essa nobre dama e
aquelle mui prestante amigo pela sua obsequiosa intervenção n'este assumpto.

ne contredisent pas l'idée d'une antiquité relativement préhistorique.»

A meu ver, nenhuma objecção valiosa póde arredar da idade do bronze os estoques de bronze e de cobre do Alemtejo. Para se inscreverem na primeira idade do ferro seria mister que com elles tivessem apparecido artefactos de ferro ou caracteristicos d'essa idade; mas ninguem os deixou indicados. Alem d'isto mal se póde conceber que desde que foi reconhecida a superioridade do ferro para armas e instrumentos de trabalho se fabricassem estoques de bronze e de cobre.

A fórma, o genero de trabalho e o ornato que se vê nos estoques do Alemtejo, não auctorisam a suppor-se que elles pertencessem á idade do ferro, se compararmos a sua rudimentar singeleza com os artefactos que os srs. Chantre, de Mortillet e Worsaae representam como typicos da idade do bronze na Finlandia, na Russia, na Siberia, no Indostão, no Egypto, na Grecia, na ilha de Chypre, na Italia, na Irlanda e n'outros paizes.

Feita esta confrontação, como n'este momento a estou fazendo, sómente julgo *temerario* o receio de inscrever os estoques do Alemtejo na idade do bronze, tanto mais não havendo uma unica prova archeologica em contrario.

Considero portanto os estoques unicamente achados no territorio portuguez em jazigos que continham inscripções de caracteres peninsulares como caracteristicos da idade do bronze n'esta região, e consequentemente essas inscripções como pertencentes á mesma idade.

Mina da Juliana.—Fica esta mina de cobre a sudoeste e a 20 kilometros de Beja, assim como a 14 kilometros a nor-nordeste de Aljustrel. A sueste e a uns 500 metros está a mina de Villar. A es-sueste e distante da Juliana uns 3 $^1/_2$ kilometros é indicada na carta chorographica a mina da Figueirinha. Vê-se portanto haver entre os Algares (Aljustrel) e Beja um largo tracto cuprifero.

A mina da Juliana mostra porém ter sido primitivamente ex-

lorada n'uma epocha em que o estanho da região alemtejana já ra aproveitado; pois, havendo-o abundantemente em varios pon- ɔs, não é crivel que os fundidores do bronze o recebessem de ɔra.

Que houve uma epocha em que n'aquella mina os operarios npregaram no seu trabalho instrumentos de bronze, não se óde duvidar; pois no interior d'ella e em muita profundidade ɔram encontrados alguns machados e escopros de bronze, assim ɔmo calháos espheroidaes de pedra (percutores).

Para o comprovar represento na est. XXIII, com o n.º 2, um 'esses machados, que ha muitos annos me foi obsequiosamente ɔdido pelo sr. Dr. Pacheco de Rezende no seu laboratorio chi- iico, então estabelecido na rua do Crucifixo.

É este machado bastante robusto e perfeito, tem uma das ıas faces assignaladas por ligeiros sulcos longitudinaes e trans- ɔrsaes, que formam quadrados irregulares; e mostra ter tido so, porque o córte está um tanto abatido.

Na mesma estampa e com o n.º 3 figuro um dos escopros, ue ainda conservo, o qual tem a extremidade cortante muito ar- ɔdondada, como gasta pelo trabalho, e a outra lascada, mui pro- ıvelmente pela acção do percutor.

A mina da Juliana deve ser portanto considerada como esta- ão da idade do bronze.

Grandola. — Até aqui tem-se visto que os machados de bronze ão variaram da fórma primitiva dos de cobre, e são d'esta fórma ıdubitavelmente os mais antigos, embora Worsaae e de Mortil- t, sem fundamento algum, os apresentem como representantes ɘ uma imaginaria decadencia na industria manufactora do bron- ɔ; mas não houve tal decadencia, porque já a primeira idade do rro corria adiantada nas nações mediterraneas quando os arte- .ctos de bronze attingiam maior perfeição e mais aprimorado la- ɔr no norte da Europa.

Diga-se que só muito depois de conhecidos os artefactos de ronze é que se começou a fazer algum reparo nos de cobre

de fórma rudimentar e que não havendo já logar para os collocar desde que se declarou ter o bronze succedido á ultima idade da pedra, foi mister atirar com elles para uma derradeira phase de decadencia, que mui astuciosamente se quiz aggregar aos primeiros desenvolvimentos da manipulação do ferro, como se depois de toda a industria metallurgica ter adquirido a maxima prosperidade, se podesse racionalmente admittir a apparição dos machados planos, adagas e outros instrumentos de cobre na sua grande maioria toscamente fabricados!

Já se vê pois que uma tal ordenação imposta ao natural desencadeamento evolutivo das industrias metallurgicas, sómente conseguiu inverter e alterar a succcessão dos factos, e chegar de absurdo em absurdo ás ultimas conclusões paradoxas.

No capitulo antecedente mostrei que, tanto no Algarve como no Alemtejo, o machado plano de fórma de cunha predominou em as estações mais reconheciveis da idade do cobre, e mostro agora que na propria idade do bronze ainda essa fórma foi plenamente usada, comquanto apparecessem outras, como succede todas as vezes que uma industria consegue dilatar o seu raio de acção.

Cabe ao termo de Grandola a manifestação de uma d'essas novas fórmas e é a que represento na est. XXIII, com o n.º 4.

É um machado solido de bronze, dos chamados de *talão*, com duas facetas ligeiramente prismaticas, que decrescem gradualmente até formar o gume cortante, cuja largura é de 0^{m},53, rematado em dois planos oppostos, que tambem decrescem para a extremidade, sem formar córte, n'uma extensão superior a um terço do comprimento total, que é de 0^{m},243, sendo guarnecidos por um bordo lateral que se liga entre duas azelhas fronteiras, destinadas á segurança do encabamento, as quaes de lado a lado dão a largura de 0^{m},074.

O desenho representa o instrumento reduzido a quasi metade das dimensões.

Foi descoberto este machado na Serra da Caveira, em o concelho de Grandola; pertence á collecção de antiguidades do sr.

abriel Pereira, e está depositado no museu de Evora, onde o vi
o dia 14 de outubro d'este anno de 1890.

O sitio em que foi descoberto, dá-lhe uma especial significa-
ão, sabendo-se que na Serra da Caveira ha uma rica mina de
obre com trabalhos de tempos immemoriaes.

D'esta mina dá o sr. Neves Cabral varias noticias na sua *Es-
tistica mineira:* «As massas são, em geral, de fórma lenticular,
e grande possança e concordantes com a stratificação... obser-
ando-se em (os jazigos) vestigios profundos de trabalhos roma-
os e arabes, excavações e extensos escoriaes... Esta mina marca
extremo noroeste da extensa faxa de jazigos cupriferos em
assa... Os minerios calculam-se uns em 2 $^1/_2$ por cento e ou-
as de teor de 8 a 11 por cento. São conduzidos á margem es-
uerda do Sado, proximo a Alcacer do Sal» (Pag. 22 a 25).

O distincto engenheiro não affirma que fôssem os romanos e
s arabes os mais antigos exploradores d'aquella mina; reconhe-
eu em profundas excavações e extensos escoriaes a grande acti-
dade com que n'aquellas epochas fôra explorada, mui provavel-
ente por ter alli achado utensilios e outras provas caracteristicas
'essas duas civilisações.

Qualquer trabalho anterior teria pois sido desfigurado por
sses de maior amplitude e só poderia reconhecer-se, achando-se
iternamente ou proximo de antigas excavações obstruidas algum
istrumento ou fragmentos de louças de anteriores tempos; mas
so é que nunca se procurou intencionalmente em Portugal no
cto de reconhecimento de minas abandonadas, ou pelo menos
ão consta que alguem tivesse tido esse cuidado e por isso a his-
oria da metallurgia peninsular corre ainda tão obscura.

Mas que significa um tão alentado machado de bronze na
erra da Caveira?

Nem arabes, nem romanos, nem phenicios mesmo, usaram
es instrumentos, porque em toda a parte são considerados por
aracteristicos de uma idade muito anterior.

Um machado de bronze achado n'uma rica região cuprifera e
o recosto de uma serra, onde nenhum interesse actualmente per-

ceptivel podéra attrahir alguma entidade humana, deixa presumir o mesmo caso que já ficou verificado n'outras regiões cupriferas, em cujas minas se hão encontrado sufficientes provas de terem sido primitivamente lavradas com instrumentos de pedra, de cobre e de bronze, e por isso, embora o não possa provar, porque os objectos existentes nos museus nacionaes em grande maioria entram sem as precisas indicações, parece-me que não será em demasia temeraria a presumpção de que a mina da Serra da Caveira começasse a ser explorada na idade do bronze e mesmo anteriormente, como o fôram as que ficam citadas no volume III d'esta obra.

Mas d'onde viria o estanho que entrou na composição d'esse instrumento de bronze? Parece-me não poder haver suspeita de ter sido trazido da Ilha de Banca, sabendo-se que o estanho abunda na região cuprifera do Alemtejo central, no rumo de leste e de nordeste, que ainda ultrapassa a fronteira oriental, e segue com riquissimos jazigos por todo este reino acima.

Pretender-se-ha que o machado já viesse feito de fóra?

Logo veremos que tambem cá se fabricavam instrumentos da mesma fórma.

Finalmente, não deixo passar sem algum reparo o nome da serra do concelho de Grandola em que appareceu o machado. Um tal nome deixa suppor que por ter sido alli achada uma caveira, a serra passaria a ser apontada por esse motivo e denominada «Serra da Caveira»; o que ao mesmo tempo deixa tambem julgar que a caveira teria sido achada em sepultura.

Não devo ir mais longe com o meu juizo conjectural: entretanto afigura-se-me que, se nas proximidades da mina de cobre houver algum reconhecimento archeologico por quem o saiba fazer, poderão descobrir-se os mesmos caracteristicos de população e de necropoles prehistoricas, como os que ficaram indicados em algumas minas do Algarve.

Experimentem os que fôrem encarregados do estudo das antiguidades transtaganas Se nada acharem, queiram perdoar a

minha ousadia; mas se acharem, o que julgo alli haver, peço-lhes que não me chamem propheta...

Beja. — Em vista dos tres estoques de bronze que consta terem sido encontrados nas proximidades de Beja, os quaes figuro com os n.os 10 a 12 na est. xxv, e sabendo por directa informação do meu amigo dr. Abel da Silva Ribeiro, que tambem mui perto d'aquella cidade chegou a ver duas lages toscas com inscripções de caracteres peninsulares, achadas em excavação rural, sou levado a julgar que a celebre *Pax Julia* assentou o seu *convento juridico*, com seus edificios e seus monumentos sobre um campo em que viveu uma população que ainda não conhecia o ferro, porque usava estoques de bronze, e que não aprendeu com os romanos, nem com os hellenos, nem com os phenicios a assignalar os jazigos dos seus mortos com memorias epigraphicas, porque assim já praticava muito antes da fundação de Roma, de Athenas, de Carthago, de Tyro e de Sidonia.

Faça-se um rigoroso reconhecimento scientifico nos campos de Beja, que, apesar da opulencia romana ter desfigurado o que encontrou das populações indigenas, ainda se hão de achar porventura alguns restos, ou pelo menos umas raras sepulturas que as caracterisem.

Uma região cuprifera tão rica e já tão avisinhada dos jazigos estaniferos, tendo manifestado instrumentos de bronze na sua mina da Juliana, forçoso é inscrevel-a na idade em que taes instrumentos fôram usados.

Evora. — Emquanto não for determinado o reconhecimento scientifico das antiguidades nacionaes, considerarei a cidade de Evora, tão notavelmente celebre pela historia das suas grandezas muito anteriores á data da instituição da monarchia portugueza, como centro de uma vasta circumscripção mineira, em que até os nossos dias hão sido descobertos importantes caracteristicos das populações que a occuparam desde a ultima idade da pedra, como o estão attestando os seus ainda subsistentes monumentos

dolmenicos, os vestigios que conserva das idades dos metaes e ainda os que são visiveis dos tempos romanos, wisigothicos e arabes.

Não trato porém aqui de ordenar e descrever as series archeologicas da circumscripção eborense, comquanto, embora com muitas lacunas em cada uma, já se podessem estremar e até mesmo representar methodicamente no museu da bibliotheca, o qual mui bem abastecido ficará quando lhe reunirem a famosa collecção epigraphica, existente no passeio publico da cidade em o chamado palacio de D. Manuel, onde me parece que o museu ficaria tendo maior e mais apropriado espaço quando um dia, levado a effeito o reconhecimento scientifico do reino, houvesse de concentrar as antiguidades do Alemtejo; pois d'este modo tambem deixaria á bibliotheca maior largueza para attingir os desenvolvimentos de que carece em conformidade com as exigencias das sciencias modernas.

Trate porém quem podér e quizer d'essas antiguidades, porque o seu estudo não está a meu cargo; apenas me limito a procurar em todo paiz, mediante as noticias que posso obter, os vestigios ethnographicos de cada uma das epochas ou idades que achei caracterisadas no Algarve, para assim poder indicar a distribuição geographica concernente ás populações indigenas com os tempos prehistoricos; e por isso que n'este capitulo me occupo da idade do bronze no territorio actualmente portuguez, não podia deixar de citar a circumscripção eborense, onde abundam minas de cobre, bem como a pouca distancia ricos jazigos estaniferos, e em que se sabe terem sido descobertos muitos artefactos de bronze de genuina feição prehistorica, como eram os estoques que o dr. A. Filippe Simões disse terem sido destruidos por fundidores de Evora, e como é o machado plano de bronze, lascado n'um angulo do córte, e a lança de alvado, tambem de bronze, reforçada em cada face por uma nervura longitudinal, que figuro com os n.os 5 e 6, na est. XXIII, que o sr. Teixeira de Aragão comprou em Evora e me permittiu mandar analysar chimicamente e estampar n'esta obra.

No museu observei quatro figuras de bronze, de pequenas di-

Est.ª XXVI

1

2

3

4

5

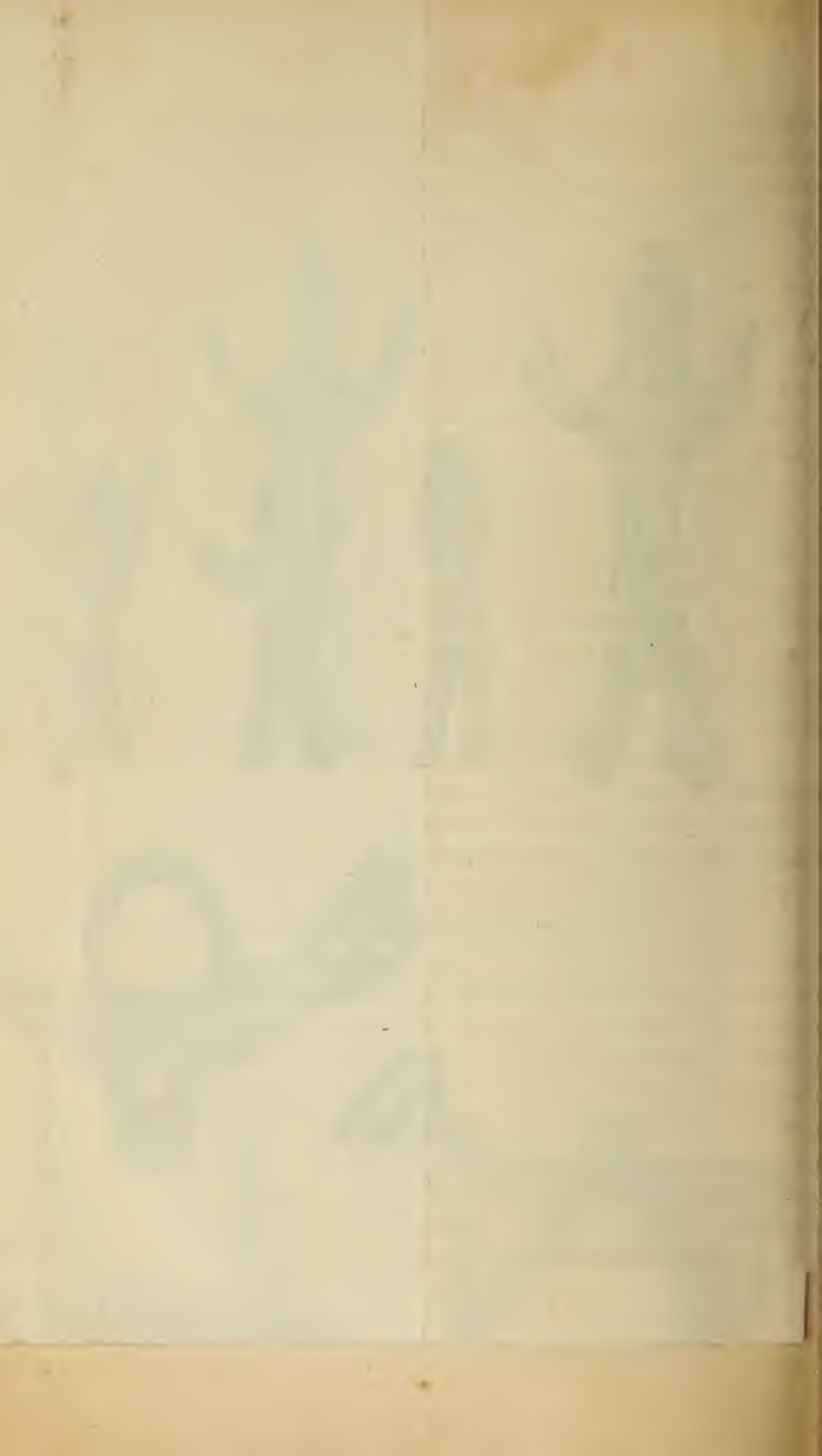
6

7

8

9

10

1 a 4 e 8 a 10 Museu de Evora 5 e 6 Alcacer do Sal (?) no gabinete de antiguidades da Bibliotheca Nacional de Lisboa; 7 coll. de Estacio da Veiga

mensões e de incorrectissima fabricação; pois não se póde imaginar um trabalho mais brutesco e rudimentar. O auctor teve em vista representar com ellas os dois sexos, a ponto de não deixar em duvida o seu intento. Tres d'essas figuras, duas com os braços levantados e uma com a mão direita sobre a face e a esquerda apoiada no peito, indicam o sexo masculino, e a outra, com os braços erguidos, o sexo feminino.

No gabinete de antiguidades da bibliotheca nacional de Lisboa ha tambem dois exemplares similhantes, representando o sexo masculino, e consta terem sido achados na Troya, perto do rio Sado. Vão figurados na est. XXVI com os n.^{os} 5 e 6.

Na mina de Alte, do Algarve, ou em terrenos proximos, tambem se diz terem apparecido algumas d'essas figuras; mas eu não vi nenhuma, nem sei em que condições foram achadas, e por isso não posso inscrevel-as com a precisa segurança em a idade do bronze, comquanto muito menos se devam referir á primeira idade do ferro, em que os artefactos metallicos já tinham attingido um assaz singular estylo artistico; e sendo d'este modo anteriores, só na idade do bronze é licito incluil-as.

Ignoro igualmente a significação iconographica d'essas disformidades de bronze, que representam o homem e a mulher em completa nudez e n'uma attitude nada graciosa, mas que parece muito intencional. É possivel que symbolisem o principio gerador e porventura um culto consagrado a esse principio.

Tem-se querido incluir na historia das antigas seitas um culto consagrado á procreação, geralmente exercido em cavernas e n'outros logares reconditos; mas eu não o affirmo nem o nego, porque não trato aqui da historia dos cultos, que tanto hão perturbado o cerebro humano; pois só muito de leve tocarei em taes assumptos, quando me seja preciso procurar a explicação, mais ou menos verosimil, de algum facto archeologico, como n'este caso succede.

As noticias escriptas ácêrca de origens que se perdem nas trevas dos tempos prehistoricos, nada provam.

A incerteza dos logares e condições de jazigo em que têem

apparecido as toscas figuras de bronze, não permitte emittir-se qualquer conceito fundamentado, respectivo á sua significação.

Nada posso afiançar, nem mesmo desejo aventurar conjecturas, que prejudiquem o estudo de um assumpto por emquanto mal conhecido.

Entretanto, se é verdade que no interior da mina de Alte havia algumas d'aquellas figuras, não vem fóra de proposito citar aqui o apparecimento de um objecto, um tanto congenere, no poço de uma mina com trabalho antigo e quasi totalmente ainda entulhada, existente n'um sitio da margem direita do rio Paiva, na região do Douro, pertencente á freguezia de Alvarenga, como me informou o sr. José Maria Pereira, proprietario na freguezia de Dornes em o concelho de Ferreira do Zezere.

Refiro-me ao *Phallus* ou *Fascinum* de bronze, que reproduzo com o n.º 7, na est. XXVI, que o dito sr. Pereira me offereceu com as indicações acima expendidas.

Note-se que o referido objecto representa um triplice *Phallus*, um em cada extremidade lateral e outro na base, sendo este mui similhante ao das figuras de n.os 1, 2, 3, 5 e 6.

Parece, portanto, haver a mesma significação symbolica n'esses talvez idolos de um culto, que chegou a ter celebridade nos annaes do gentilismo romano.

Comparado porém o trabalho das figuras de bronze de Evora e das margens do Sado com o do *Phallus* da mina de Alvarenga, logo á simples vista se reconhece pertencer a duas epochas distinctas, porventura largamente separadas, uma que parece preceder a primeira idade do ferro e a outra já pertencente a mui adiantados tempos historicos.

Se com effeito a symbologia fundamental dos referidos exemplares é a mesma, a origem do culto do *Phallus* deve ser bastante antiga na Europa e especialmente nos paizes em que têem apparecido figuras de bronze de tal feição, as quaes podem ter sido idolos do culto, ao passo que os *Phallus* simplices, os duplos, como é um que extrahi de uma incineração balsense e conservo no museu do Algarve, e os triplices, como é o da mina de Alvaren-

ga, devem ter sido amuletos de suspensão, se n'elles ha orificios ou entalhos que permittam esta supposição.

Na serie dos idolos orientaes e de outros continentes não conheço um unico que se pareça com taes figuras, ao passo que ellas hão sido achadas n'outros paizes da Europa. D'este modo não significam uma importação estrangeira, e sim um culto (?) propriamente europeu; mas em que paiz da Europa surgiu? Não sei.

Na est. xxvi, represento com os n.os 1 a 4 as figuras humanas de bronze do museu de Evora, um tanto reduzidas pela photographia, e mesma estampa os n.os 8 a 10, tres cabras tambem de bronze, existentes n'aquelle museu; mas pertencerão todos estes exemplares á mesma epocha? Não creio. O delineamento das cabras é relativamente mais estudado e muito mais perfeito; ha n'elle proporções, anatomia e attitude, que não offendem o sentimento artistico, e mesmo um certo acabamento nos contornos geraes, que não se acha n'aquelles monos que envilecem e desfiguram todas as fórmas humanas.

Além d'isto, as cabras apparecem sobre pontas de forcado, a que deve ter correspondido uma base ou uma haste para ficarem encimadas á feição da aguia e de outras insignias militares dos romanos; e por isso, se ellas precederam a epocha romana, parece-me que não ficariam a grande distancia d'ella. Emquanto não se acharem em condições archeologicas bem definidas, escusado é querer classifical-as.

Ficam aqui hospedadas. Talvez pertençam á idade do bronze... na Escandinavia; á da peninsula hispanica, não. No museu de Evora ficam bem em qualquer logar, ou seja entre os exemplares paleontologicos dos tempos terciarios ou entre a *Venus gallina* das areias salgadas das praias atlanticas e a *Unio littoralis* das lamas de agua doce dos nossos rios e ribeiras.

No museu do Carmo, em Lisboa, ficariam porém muito melhor dentro da *pia em que se baptisavam os mouros,* ou de sentinella á campa que alli ha *de um general romano de cavallaria*...

Em todo o caso, se as cabrinhas de Evora não pertencem á

idade do bronze na peninsula, deixemol-as ahi até haver quem saiba collocal-as em seu logar, e não nos esqueçâmos dos caracteristicos já indicados para que aquella cidade se considere como representante de algumas estações, embora ainda desconhecidas, pertencentes a essa idade.

Estremoz. — Agora seguirei no rumo de nordeste em direcção a Estremoz por sobre os jazigos cupriferos d'aquelle concelho, como são o da Mostardeira e o da Vendinha da Coutada, deixando a es-nordeste a mina de estanho do Alandroal, que fica ao sul de Villa Viçosa, em cujo concelho estão reconhecidas as minas de cobre de Vinhas Velhas e a da Serra das Correias, assim como no proprio concelho do Alandroal, onde além do jazigo estanifero reconhecido por Vandelli, ha tambem a mina de cobre do Bogalho, relacionada pelo sr. Neves Cabral [1].

São do termo de Estremoz os dois machados planos de bronze, que figuro na est. xxiii com os n.os 7 e 8, e pertencem á collecção do sr. Leite de Vasconcellos, a quem devo a permissão de serem aqui estampados depois de chimicamente analysados.

Houve portanto no termo de Estremoz, pelo menos, uma estação da idade do bronze.

Elvas. — Está quasi a leste de Estremoz, a nor-noroeste de Arronches e a sudoeste de Alandroal; fica pois entre estes dois jazigos estaniferos, e a pouca distancia das minas de cobre da região.

Veja-se agora a espada de bronze figurada na est. xxiii com o n.º 9. Foi achada no termo de Elvas; mede de comprimento 0m,44 e na maxima largura da folha 0m,03. O punho tem de altura 7 a 8 centimetros, e de largura 0m,027; a largura das guardas é de 0m,058 e a do tôpo 0m,053. É inteiriça, sem articulação alguma. Foi obtida pelo sr. Gabriel Pereira e está depositada no museu

---

[1] *Estatistica mineira*, 1886, pag. 20

de Evora. Nada se sabe ácêrca das condições em que foi achada. Sabe-se simplesmente que appareceu nas proximidades de Elvas; o que deixa entender que houve alli uma estação na idade do bronze.

A photographia reduziu esta arma a pouco menos de metade das suas dimensões.

Param aqui as noticias que obtive ácêrca do Alemtejo. Muitas mais estações da idade do bronze e em condições de poderem ser estudadas deverão certamente apparecer logo que n'essa provincia se faça um reconhecimento methodico.

Não escapará ao leitor de atilado entendimento o facto muito significativo de ser a região das minas de cobre e de estanho que maior numero de instrumentos de bronze tem até hoje manifestado. Esta circumstancia, que pela primeira vez é agora apreciada, induz a crer que fôram as populações indigenas as primitivas exploradoras d'esses metaes e as manufactoras dos instrumentos que ficam indicados, tanto mais sabendo-se que muitas d'essas minas, embora exploradas em tempos historicos, ainda conservam indicios de trabalho de data immemorial.

Devemos portanto entender que ao Alemtejo cabe a prerogativa de ter sido uma das provincias que em maior grau contribuiu para o progresso das industrias metallurgicas nos tempos prehistoricos.

Abrigada. — Seguindo por ordem geographica os esparsos vestigios da idade do bronze eventualmente descobertos e de que tenho tomado apontamento, vou agora referir-me a um padrão de machado de bronze de diverso typo, que appareceu na Abrigada, pertencente á Estremadura, uns 10 kilometros ao norte de Alemquer, ponto que medeia entre o flanco direito do Tejo e a costa occidental.

Se já (que não era cedo) estivesse feito o reconhecimento archeologico do reino, poderia eu talvez perceber como um tal instrumento surgiu na Abrigada; mas como nada se sabe d'aquelles

sitios, passará por emquanto como facto isolado e sem plausivel explicação.

O machado de bronze da Abrigada pertence ao grupo dos instrumentos ôcos ou de alvado, destinados a ser encabados ou inseridos em haste, para cortar ou ferir de golpe.

Foi o sr. J. Possidonio da Silva quem apresentou este padrão, juntamente com outros dois typos de machados, ao congresso de Lisboa (1880); mas relativamente aos jazigos de taes instrumentos nenhuma indicação forneceu.

O typo do machado de alvado tem talvez sido um dos mais discutidos. Não se manifesta elle exclusivamente do nosso territorio, porque tem apparecido na região meridional das ilhas Britannicas, em alguns pontos da Russia, na Italia, no sul da França, etc., comquanto se julgue originariamente peninsular.

Em Portugal sabe-se terem-se achado muitissimos machados ôcos, mas nunca fôram estudados. Todos íam parar ás mãos dos caldeireiros e ciganos, e eram fatalmente derretidos. Não succedeu porém tanto assim em Inglaterra.

O dr. Stukeley's [1] leu em 26 de fevereiro de 1724 á sociedade dos antiquarios de Londres uma declaração, tendente a mostrar que os machados ôcos de bronze, por varias vezes encontrados no solo britannico, eram instrumentos pertencentes aos druidas, ou sacerdotes celticos de uma seita sanguinaria, e que sendo encabados, assim os utilisavam, elles e os bretões, para cortar ramos de arvores.

Veiu muito depois Boucher de Perthes [2] declarar que os machados ôcos, encontrados no departamento de Oise, do Somme, da Seine Inférieur, e de Calvados, sendo improprios para rachar lenha por serem ôcos, poderiam ter sido bolsas de conter fragmentos do mesmo metal para se fazerem pagamentos e d'este modo andarem enfiados pela aza e pendentes da cintura, com-

---

[1] *Archaeologia or Miscellaneus Tracts Relating to Antiquity*, tom. v. pag. 110.
[2] *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes*, tom. I, cap. VIII.

quanto Mongez [1], no começo d'este seculo, já tivesse entendido que á parte ôca devêra corresponder um encabamento qualquer, julgando-os *lances des barbares.*

Estes machados deram que fazer aos velhos archeologos inglezes, pois perto de Tadcaster (Yorkshire) foi achado um com a aza enfiada por um bracelete de cobre, e o bracelete por uma conta de azeviche, como se vê na est. LIV do 16.º volume da *Archæologia*, publicado em Londres em 1812.

Novas considerações fôram então expendidas (pag. 362), mas nem por isso o caso ficou melhor averiguado, comquanto permittisse suppôr-se, que assim, pendente de um bracelete, tivesse uso em alguma ceremonia, porventura religiosa, o famoso machado de Tadcaster com o bracelete e a conta.

Eu é que não estou disposto a emittir conjecturas; prefiro dizer que não sei o que significa a união d'aquellas tres peças.

Ligo, porém, alguma importancia a este typo de machados de bronze por me parecer originario da peninsula, do mesmo modo que os de talão, de que adiante darei algumas noticias.

Ora, a este respeito andou o sr. Cartailhac mais adiantado do que eu, porque já expendeu a mesma idéa; pois no seu livro *Ages préhistoriques,* etc. (pag. 241), referindo-se aos machados ôcos e de talão, expressa-se n'estes termos:

«*Il parait donc légitime de dire qu'un lien positive rattache l'Espagne et le Portugal au sud-ouest de la France et au sud des iles Britanniques*», tendo em vista a grande similhança dos que fôram achados em Montalegre e Grandola com os de Andaluzia e Granada, os de Tarbes (Altos Pyrenéus) e Langoiran (Gironda), com os de West Buckland (Somerset), Penvores (Cornwall) e Irlonda; e por isso ainda acrescenta: «*Est-ce l'Ibérie qui rayonnait vers le bassin de la Gironde et jusqu'aux grandes îles?*»

É com effeito este o conceito d'esse sabio, que tão de perto examinou as antiguidades prehistoricas do territorio peninsular.

---

[1] *Recueil d'Antiquités*, n.º 75, fig. 7.—Vide *Encyclop. Méthod.* Paris, 1804.

O sr. Cartailhac nota que os machados da Irlanda se desenvolveram depois dos de Inglaterra, onde só apparece um pequeno numero dos typos mais frequentes na peninsula, e mui atiladamente observa que a Inglaterra só tem manifestado machados ôcos com duas azelhas na sua região meridional, pertencendo o maior numero á zona mais rica do estanho, e d'este modo suppõe que a presença dos mesmos typos na Gironda, caminho natural do oceano para o Mediterraneo, possa indicar que estes artefactos, tendo partido do norte e do oeste da peninsula, assim como da Gran-Bretanha, levassem esta direcção.

Acompanhado d'estas considerações fica pois aqui o machado ôco da Abrigada, de $0^{m}.15$ de comprimento, figurado com o n.º 10 na est. XXIII. A falta de explorações locaes explica o seu isolamento; porém mais adiante voltaremos a ver o mesmo typo no Minho.

Ferreira de Aves. — Da Extremadura tenho agora de passar á Beira Alta para poder fixar uma estação mui bem abastecida de machados de bronze de talão.

Achou-se um escondrijo de fundidor com dezenove exemplares, todos com duas azelhas, uns partidos e outros usados, comquanto o que é figurado na estampa do *Compte rendu* (pag. 366) com o n.º 2, conserve ainda o appendice da fundição. Na noticia enviada ao congresso de Lisboa acrescenta-se que os machados de Ferreira de Aves, medindo 26 centimetros de comprimento, eram os maiores até então conhecidos.

O sr. Possidonio refere estes typicos machados a uma industria peninsular *(Compte,* pag. 359); o que não concede aos da fórma de cunha, que julga «*apportés dans la péninsule par quelque tribu que vint y séjourner*», não obstante consideral-os como representantes do typo primitivo!

Ora, não são os machados de talão de Ferreira de Aves os unicos que denunciam ter sido fabricados n'este territorio e na Hispanha. Com uma azelha sabe-se terem apparecido em varias

terras do Minho e Traz os Montes, e com duas são mais frequentes.

Caminha e Pinhel. — Os n.os 11 e 12 da est. xxiii indicam dois exemplares simillhantes, um de Caminha e o outro de Pinhel, de que o benemerito dr. Martins Sarmento fez acquisição para o museu de Guimarães, e appareceram preparados sem o extremo appendice com que saíram da fôrma da fundição. Desconhecem-se as condições em que appareceu o de Pinhel, mas alguma cousa se sabe relativamente ao primeiro.

Com o de Caminha, descoberto por uns pedreiros sob um penedo perto de Castro de Moiros, diz-se terem sido achados uns duzentos objectos diversos, os quaes fôram ter em grande parte ás mãos dos fundidores, sendo outros colligidos por varias pessoas, como me informou o sr. M. Sarmento.

Sabugal. — A grande distancia de Caminha surgiu, mas em condições apreciabilissimas e bem averiguadas, outro machado de talão com uma só azelha. É o que figuro com o n.º 14 na est. xxiii. Este machado pertence ao districto da Guarda. Foi achado no Sabugal n'uma mina de cobre sobre trabalho antigo e em profundidade de 12 metros. Consta que outros artefactos prehistoricos o acompanhavam e que n'aquella mina appareceram tambem percutores de pedra.

Este machado esteve patente na secção de minas durante a ultima exposição industrial de Lisboa. Alli o vi durante muitos dias e obtive as informações que ficam referidas. Actualmente pertence ao museu da commissão geologica.

Assim se mostra com a maior evidencia quão cedo começou na região do Sabugal a exploração cuprifera, cujas minas occupam a área de 100:000 hectares.

Houve, portanto, uma idade nos tempos prehistoricos em que nas minas de cobre do Sabugal eram empregados machados de bronze e percutores de pedra.

Abelheira. — Como já disse, são mais frequentes no Minho e em Traz os Montes os machados de talão com duas azelhas. Em logar incerto appareceu um, de que fez acquisição o sr. Martins Sarmento para o museu de Guimarães, e appareceu o de alvado em Roriz, ou Rodriz, no Minho, que vem figurado no *Compte rendu* da sessão de Lisboa, com o n.º 4, na estampa que acompanha a pag. 366. Da mesma localidade representa com o n.º 1 outro machado de talão, tendo ainda adherente o appendice da fundição, o qual figura o espaço da fórma por onde correu o metal derretido; e é o mesmo caso que se dá com os machados de talão da Abelheira, famosa acquisição feita por subido preço pelo sr. Martins Sarmento para o já mui notavel e rico museu de Guimarães.

A Abelheira pertence á freguezia de Bongado e fica meia legua distante da estação do caminho de ferro da Trofa. A freguezia de Bongado está entre Villa do Conde e Santo Thyrso, perto do flanco esquerdo do rio Ave, e a oeste da estrada do Porto a Braga. Foi, pois, n'aquelle sitio da Abelheira, como refere o sr. Martins Sarmento, que dentro de uma cova coberta com uma pedra appareceram trinta e seis dos ditos machados, dos quaes o sr. Martins Sarmento chegou a comprar trinta inteiros e fragmentos de mais tres. Todos conservavam o appendice terminal da fundição, da fórma de pyramide conica invertida. Era um escondrijo ou thesouro de fundidor, que havia milhares de annos alli jazia, onde mui provavelmente teriam taes machados sido fundidos, porque não faltava o cobre nem o estanho em toda a região.

Villa Pouca de Aguiar. — Outro machado de talão com o referido appendice da fundição foi achado na serra do Marão, a curta distancia de Villa Pouca. Foi tambem adquirido pelo sr. Martins Sarmento para o museu de Guimarães, e não vae aqui representado com os mais existentes n'aquelle museu, para não repetir na est. xxiii os que figuro com os n.os 11 e 12. O typo é o mesmo, embora resultante de diversos moldes.

Não parou, porém, alli a manifestação dos referidos macha-

dos e dos da fórma de cunha. Mais adiante se acharão até na propria área de uma das mais nomeadas minas de estanho, advertindo que muitos mais deixarei de indicar por falta de noticias especiaes.

Fallarei agora aqui de umas estações assaz importantes da idade do bronze.

Grutas de Santo Adrião.—As pessoas que frequentaram a secção de minas durante a ultima exposição industrial de Lisboa (1888), terão certamente em lembrança as bellissimas laminas de alabastro, que nos ultimos dias alli tiveram ingresso, acompanhadas da noticia de haver sido cortadas em espessos depositos de umas grutas naturaes, situadas entre Vimioso e Miranda do Douro, onde havia ossos humanos e muitos artefactos de tempos prehistoricos; e com effeito assim era.

Coube o reconhecimento d'aquella um tanto complicada formação ao sr. Nery Delgado, distincto geologo, director da commissão geologica, já mui conhecido e festejado por seus insignes trabalhos, e por isso hoje se póde avaliar a grande importancia d'aquelle descobrimento, tendo-se á vista uma bem elaborada memoria, que o sr. Delgado intitulou *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas comprehendidas nos mesmos jazigos,* recentemente publicada.

Não pertence a esta obra o exame d'aquella constituição geologica, riquissima de marmores e de *alabastro oriental,* como é denominado pelo sapiente relator.

Pertence-me apenas reproduzir as noticias respectivas ás grutas.

O sr. Nery Delgado, que n'este paiz foi o instaurador do estudo das cavernas e fez a sua brilhante estreia com o das de Cesareda, em que logo revelou a superioridade das suas aptidões e do seu saber, descobriu entre Vimioso e Miranda do Douro, n'um dos ultimos tractos da região norte-oriental do territorio portuguez, quatro grutas de mui valiosa significação, tres no Monte de Ferreiros e uma pouco mais ao norte no monte do Geraldes, as

quaes designa com os nomes de *gruta de Ferreiros, gruta Grande, gruta da Ribeira* e *gruta do Geraldes.*

«A primeira (diz o sr. Delgado) era já conhecida desde muito tempo pelo nome de *Buraco de Ferreiros,* e foi n'ella que se revelou a presença dos alabastros, material que depois se reconheceu existir em todas. Está situada na vertente septentrional do cabeço, em nivel superior ás outras, mas communicando muito provavelmente com ellas, particularmente com a gruta Grande e a gruta da Ribeira, por meio de galerias ou algares, hoje obstruidos pelos depositos stalagmiticos ou alabastrinos. Segundo esta hypothese, que muitos indicios corroboram, todas as grutas juntas constituiram uma enorme caverna, cujas ramificações irregulares e caprichosamente dispostas, se estendem n'um grande espaço.»

É muito interessante a parte descriptiva d'aquellas grutas (pag. 6 a 10) e de outros depositos adjacentes, que é mister considerar como estações humanas de uma phase já adiantada da idade do bronze, a ter-se em vista o delineamento geral de alguns artefactos de bronze alli achados e n'outros pontos da mesma região; e por isso mais convirá ler-se no original, onde ao mesmo tempo o leitor póde admirar a riqueza d'aquella possante bancada de marmores, e, sobretudo, de bellissimos alabastros, mui cuidadosamente explorados pelos srs. Francisco Cardoso Pinto e José Cardoso Pinto.

Gruta de Ferreiros. — Nas terras e entulhos que assentavam sobre o sólo stalagmitico alabastrino, em que appareceram copiosos fragmentos de louças prehistoricas lisas e com ornatos rudimentares, achou-se um craneo dolichocephalo quasi completo, acompanhado de fragmentos de outros, e de mais alguns ossos, denotando que a gruta fôra habitada ou consagrada aos mortos. Com estes despojos humanos havia um furador de osso, do comprimento de $0^{m},15$, e de bronze uma ponta de setta e um pequeno machado da fórma de cunha, deixando ver que ainda era usada a fórma dos precedentes machados de cobre: mas como a gruta

occupa um grande espaço, que não chegou a ser explorado, com mui acceitavel fundamento presume o sr. Nery Delgado poderem-se alli achar muitos outros artefactos.

Sejam, porém, quaes fôrem os caracteristicos que ainda se manifestem de idades anteriores ou posteriores, é evidente que aquella gruta foi utilisada n'uma epocha em que a industria metallurgica do bronze já era exercida. Portanto, a gruta de Ferreiros representa uma estação da idade do bronze.

Gruta da Ribeira. — No genero caverna, deve ter sido uma encantadora habitação humana, tendo-se á vista a descripção que dá o sr. Delgado. Não havia alli instrumentos metallicos, mas ossos de coelho, de cabra ou carneiro, e os de um esqueleto humano encrustado na formação stalagmitica, estando porém separado da cabeça; o que deixa perceber que um cadaver fôra alli depositado, e que d'elle se destacou posteriormente o craneo para outro logar, ou que essa separação possa ser devida a uma exhumação, se não o foi em resultado de alguma invasão de aguas torrenciaes. É certo, porém, que as infiltrações stalactiticas continuaram a engrossar o sólo stalagmitico, a ponto de envolverem aquelles ossos, que o sr. Delgado, com mui acertado fundamento, refere ao periodo neolithico, tendo-os visto associados a numerosos fragmentos de louças similhantes ás do deposito da gruta de Ferreiros; o que permitte entender-se que a ceramica da idade do bronze conservava n'aquella região a sua primitiva feição rudimentar, ou que a gruta Grande pertencia como aquella á mesma idade do bronze, embora não contivesse artefactos d'este metal.

Gruta da Ribeira. — Esta gruta não accusou ossos humanos, porém muitos de animaes, principalmente de boi e cavallo: mas como em seu espesso deposito terroso fôram achadas duas pontas de setta de quartzo hyalino, lascas d'esta pedra e de silex, é evidente a sua occupação n'uma epocha em que ainda tinham uso uns taes instrumentos.

Gruta do Geraldes. — D'esta gruta nada se sabe, por não ter sido observada pelo sr. Delgado.

Além d'estas quatro grutas, indica o sabio investigador a existencia de outras no prolongamento da faxa dos marmores para S. Pedro da Silva, onde a curta distancia d'aquella aldeia appareceram tambem ossos humanos e instrumentos de trabalho, assim como no Monte do Pedriço, distante 4,5 kilometros a su-sudoeste de Caçarelhos fôram achados dois polidos machados de amphibolite, medindo um d'elles 25 centimetros de comprimento. Além d'isto, refere que n'outros pontos da mesma localidade, em os algares do calcareo se acharam ossadas de dois esqueletos, e na superficie do sólo duas imperfeitas mós de granito, excavadas n'uma só face, com mais de $^1/_2$ metro de diametro, parecendo terem servido para a trituração de duras substancias.

Uma das conclusões do distincto explorador, em vista dos craneos que permittiram melhor exame, e dos caracteristicos de outros ossos, taes como a saliencia da linha aspera dos fémures e a platycnemia das tibias, sendo mui similhantes aos que predominam em os das estações neolithicas da Extremadura, é que uma população dos mesmos caracteres anthropologicos occupava todo o tracto territorial comprehendido entre a Extremadura e a zona septentrional d'este paiz, comquanto eu tambem julgue que o typo ethnico brachycephalo se achará, porventura em menor escala, em todo o reino, quando alguma vez se tratar do reconhecimento geral das antiguidades nacionaes e da instituição de um museu central de anthropologia, não como ahi se tem ideado, mas como eu o propuz ao sr. ministro da instrucção publica em 16 de maio de 1890, visto estar verificado, assim como o cruzamento com o dolichocephalo, nos kioekkenmoeddings do valle do Tejo.

Finalmente, é interessante saber-se, que, n'aquella excursão pela provincia de Traz os Montes, descobriu o sr. Delgado, juntamente com o mallogrado anthropologista Francisco de Paula e Oliveira, a existencia de *castros* ou *crastos*, como tambem se denominam no Algarve, construcções que na proxima terra de Galliza fôram mui habilmente estudadas e descriptas por D. José Vila-

Amil y Castro, na sua obra intitulada *Los castros y mamoas de Galicia;* pois referindo-se o sr. Delgado a Castro de Avellãs, distante 4 kilometros de Bragança, embora essas estações de defeza caracterisem em Portugal varias epochas até os tempos historicos, julga comtudo poder inscrever aquella na idade do bronze; o que eu igualmente julgo muito provavel, porque os caracteristicos mais positivos d'essa segunda idade dos metaes continuam a manifestar-se a oes-noroeste de Chaves, nas alturas de Montalegre, onde está situado o Castro de Medeiros, de onde são oriundos os machados de bronze, que figuro na est. XXIII com os n.os 16 e 17, existentes no museu da commissão geologica. No mesmo caso estará talvez Castro Laboreiro, na fronteira da Galliza, uns 15 kilometros a sueste de Melgaço, e estarão outros muitos logares.

Temos portanto em Castro de Medeiros, perto de Montalegre, uma estação da idade do bronze, já mui avizinhada da fronteira da Galliza, e entre Vimioso e Miranda do Douro, na fronteira oriental, uma vasta zona de habitação prehistorica, em que a gruta de Ferreiros manifestou uma setta, e um machado de bronze da fórma dos primitivos machados de cobre; mas, além d'isto, no Alto de Pereiras, proximo de Vimioso, foi encontrada pelo sr. João José Vaz Pinto e offerecida ao sr. Delgado uma adaga de bronze, que represento com o n.º 15 na est. XXIII, que o sr. Delgado (pag. 10) descreve assim:

«É uma folha de punhal, de fórma triangular, reforçada por um veio longitudinal, com a ponta arredondada, medindo 0m,29 de comprimento e 0m,10 de largura na base. É ornada de tres estrias ou linhas parallelas ao gume, e junto da base tem tres orificios, por meio dos quaes se ligava ao cabo.»

O Alto de Pereiras, perto de Vimioso, e as grutas de Santo Adrião, entre Vimioso e Miranda do Douro, não são estações isoladas, porque constituem uma vasta região occupada por uma população que viveu principalmente na *idade do bronze.*

Tenho, pois, chegado desde a raia meridional do Algarve até ás fronteiras da Galliza, sem que tenham faltado estações, ou pelo menos caracteristicos propriamente representantes da idade do

bronze, embora não poucas vezes a grandes distancias entre si, e a tal ponto, que no estado actual de desconhecimento das antiguidades paleoethnologicas do reino, ainda não é possivel traçar na carta geographica o trajecto da distribuição ethnographica d'essa idade ou d'essa phase de grande progresso industrial na historia das antigas populações indigenas d'este territorio.

Em vista do que já é conhecido, não ha que duvidar de que a industria manufactora dos metaes teve aqui, como em toda a peninsula hispanica, uma das mais prematuras manifestações, e que a contar da ultima idade da pedra até á idade do bronze, não se tem observado até á data d'este livro um unico artefacto metallico, que se possa archeologicamente attribuir á importação, ou ao ensinamento estrangeiro.

O viveiro humano, que desde os tempos geologicos mais remotos occupou a margem do Tejo e do Manzanares, achou sempre, atravez dos proprios tempos quaternarios e durante mesmo o immenso periodo glaciario, as mais propicias condições physicas e meteorologicas para se desenvolver e prosperar.

Tudo havia n'este sólo, como bem o affirmam as floras e faunas das diversas epochas geologicas até os tempos actuaes. Não se podem porém apreciar por emquanto as aptidões, os usos, os costumes das populações que precederam as dos kioekkenmoeddings do Tejo e das que restam sem observação nos de muitos pontos maritimos da costa occidental, porque quasi tudo está por inquirir e por saber n'este paiz, que tão largamente distribue as suas riquezas, com esquecimento quasi completo do que deve ao seu engrandecimento intellectual e ás instantes exigencias das sciencias modernas; pois, á falta de estudos methodicos, não temos ainda á vista uma estação classica dos tempos quaternarios, comquanto nos haja fornecido alguns indicios a gruta da Furninha de Peniche [1].

No estado actual dos conhecimentos adquiridos, apenas co-

---

[1] *Compte rendu*, pag. 207 e seguintes.

neçâmos a saber alguma cousa dos homens préneolithicos do valle do Tejo e dos da ultima idade da pedra, que considero como iniciadores da industria metallurgica em toda a peninsula; pois já ficou provado terem elles sido os primeiros exploradores e manufactores do cobre, e os que posteriormente descobriram o estanho e souberam aproveital-o na industria do bronze, como forçoso é admittir, notando-se simplesmente que é nas zonas estaniferas de Portugal, onde o cobre igualmente abunda, que em maior escala impera o descobrimento dos artefactos de bronze, em grande parte modelados e fundidos com typos especiaes nas proprias localidades, sem que a este respeito possam ficar duvidas em presença dos numerosos instrumentos que não chegaram a ser concluidos, porque ainda conservam as adherencias da fundição.

Abonam sobretudo o grau de civilisação, a que tinham chegado esses povos peninsulares, os seus proprios monumentos epigraphicos, consagrados á memoria dos seus conterraneos e á posteridade, como adiante mostrarei em capitulo especial.

Não temos, porém, ainda descoberto estações tão perfeitas da idade do bronze como aquellas que já indiquei em varios pontos da Hispanha, quando no volume III (pag, 322) me referi ás explorações dos srs. Siret, entre Cartagena e Almeria, nos sitios denominados Caldero de Mojácar, Quréníma, Argar, Barranco Hondo, Campos, Fuente Alamo, Oficio, Ifre e La Bastida.

Entretanto julgo ter demonstrado, que, n'esta parte da peninsula, houve uma epocha ou idade em que a industria do bronze foi largamente exercida pelos seus habitantes.

Resta, porém, muito por saber d'esses tempos, sómente accessiveis á critica archeologica, e é por isso que sinto sempre grande hesitação quando me aventuro a incluir n'uma determinada epocha um qualquer facto dos que tenho a registrar, se os seus caracteristicos me parecem insufficientes.

Tal é o caso que succede com uns monumentos das vizinhanças de Silves, já em grande parte destruidos, uns de fórma pyramidal, toscamente lavrados em calcareo branco, manchado por

alguns veios cinzentos [1], sendo outros inteiramente toscos e mais robustos, de grés vermelho.

A situação d'essas pyramides e *menhirs* indico eu por approximação na carta paleoethnologica, em que bem se observa como seguindo um alinhamento que parecia irregularmente partir de oes-noroeste de Silves para nor-noroeste, e d'alli, no sentido de nordeste, por uma extensão superior a 10 kilometros, como em linha recta mostra ser a que medeia entre o Monte da Pedra Branca e a Cumiada de S. Bartholomeu de Messines.

No monte da Pedra Branca, em propriedade de Eugenio Drade, restam duas pyramides incompletas, de fórma conica e base circular, ornamentadas por tres cordões parallelamente ondulados, correndo entre 10 centimetros de largura até quasi o vertice, onde se ligam em volta redonda; e este ornato é constante em todas as outras pyramides do Monte de Roma, como o era tambem na do Monte Branco, já destruida, e nos *menhirs* de grés da Cumiada.

Na estampa junta a esta pagina, e que por lapso se vê com o n.º XVIII, represento os tres grandes fragmentos ainda existentes no Monte de Roma, uns 3 kilometros distante de Silves.

A planta e o desenho são obra do meu prestante amigo Antonio José Nunes da Gloria, actual prior de Bensafrim. Partimos expressamente para Silves, a fim de se fazer o desenho d'aquelles singularissimos padrões da antiguidade; mas a mais perfeita pyramide, que era a do Monte Branco, tinha sido despedaçada e reduzida a cal, e o unico *menhir* que restava inteiro na Cumiada, com o comprimento de 3m,20, fôra transformado pelo proprietario em duas grandes pias para o gado beber. Do *menhir* ainda salvei um fragmento com restos do seu ornato corrido de alto a baixo por uma lista de tres cordões parallelos formando arcos oppostos muito abertos, rudemente trabalhados. Está arrecadado na camara de Portimão.

---

[1] O calcareo das pyramides só se acha na opposta margem do rio

CONCELHO DE SILVES

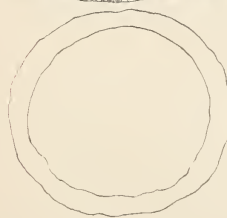
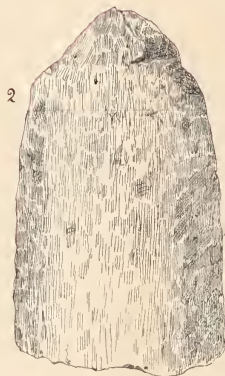
Monte de Roma

1

2

3

0 1m 2m 3m

Des. A. J. N. da Gloria

Fôram, pois, sómente mettidos em escala e desenhados os fragmentos do Monte de Roma, uns 120 metros a noroeste do castello de Silves, existentes em propriedade de Francisco de Paula Rozado. O primeiro, unidos os tres pedaços, mediu 2^{m},23 de altura, sendo de 0^{m},97 o diametro da base; o segundo achou-se a 150 metros do primeiro, a sueste do casal, havendo a su-sueste da porta do casal, a uns 100 metros de distancia, outro fragmento informe; finalmente, o terceiro achou-se na descida do Monte de Roma para o Almarjão, uns 200 metros a sueste do casal, partido em dois pedaços, medindo o inferior 1^{m},33 de altura e o de cima 0^{m},70.

Serviriam essas pyramides e *menhirs* de demarcação de um determinado territorio, ou cada um d'esses monumentos ficaria representando um feito memoravel ou uma consagração de piedosa lembrança? Não o sei dizer.

Em todos aquelles sitios sabe-se terem apparecido machados e outros instrumentos de pedra. Do Monte Branco, a 1 kilometro proximamente ao norte de Silves, me offereceu dois machados de pedra o cavalheiro Gregorio Nunes Mascarenhas Netto, e do Monte de Roma me offereceu tambem o sr. João Mascarenhas Netto dois machados e um duplo gral de calcareo oolithico.

No Monte Branco acham-se abertas e completamente despejadas muitas sepulturas excavadas nas chapadas da rocha de grés, de configuração trapeziforme. Os informantes da localidade dizem haver apenas n'esses jazigos alguns pedaços de louça grosseira e ossos humanos.

Estas sepulturas não parecem neolithicas, ao passo que o podem ser os instrumentos de pedra, bem como de uma epocha mais adiantada. Por isso, pois, com as devidas reservas, deixei aquellas pyramides e *menhirs,* em que ha trabalho ornamental um tanto regular, para lhes dar cabimento n'este capitulo, comquanto algumas objecções eu mesmo podesse oppor a esta pouco segura collocação.

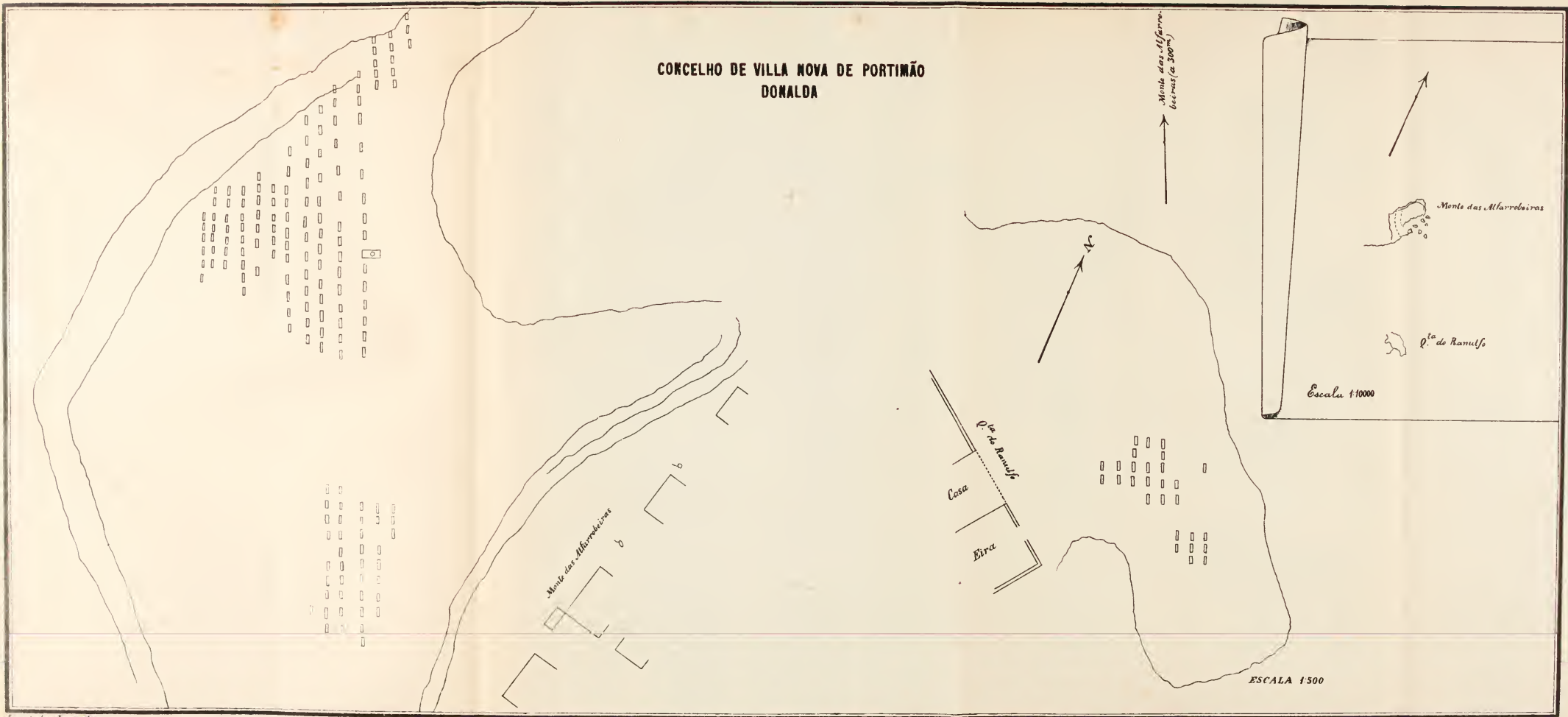
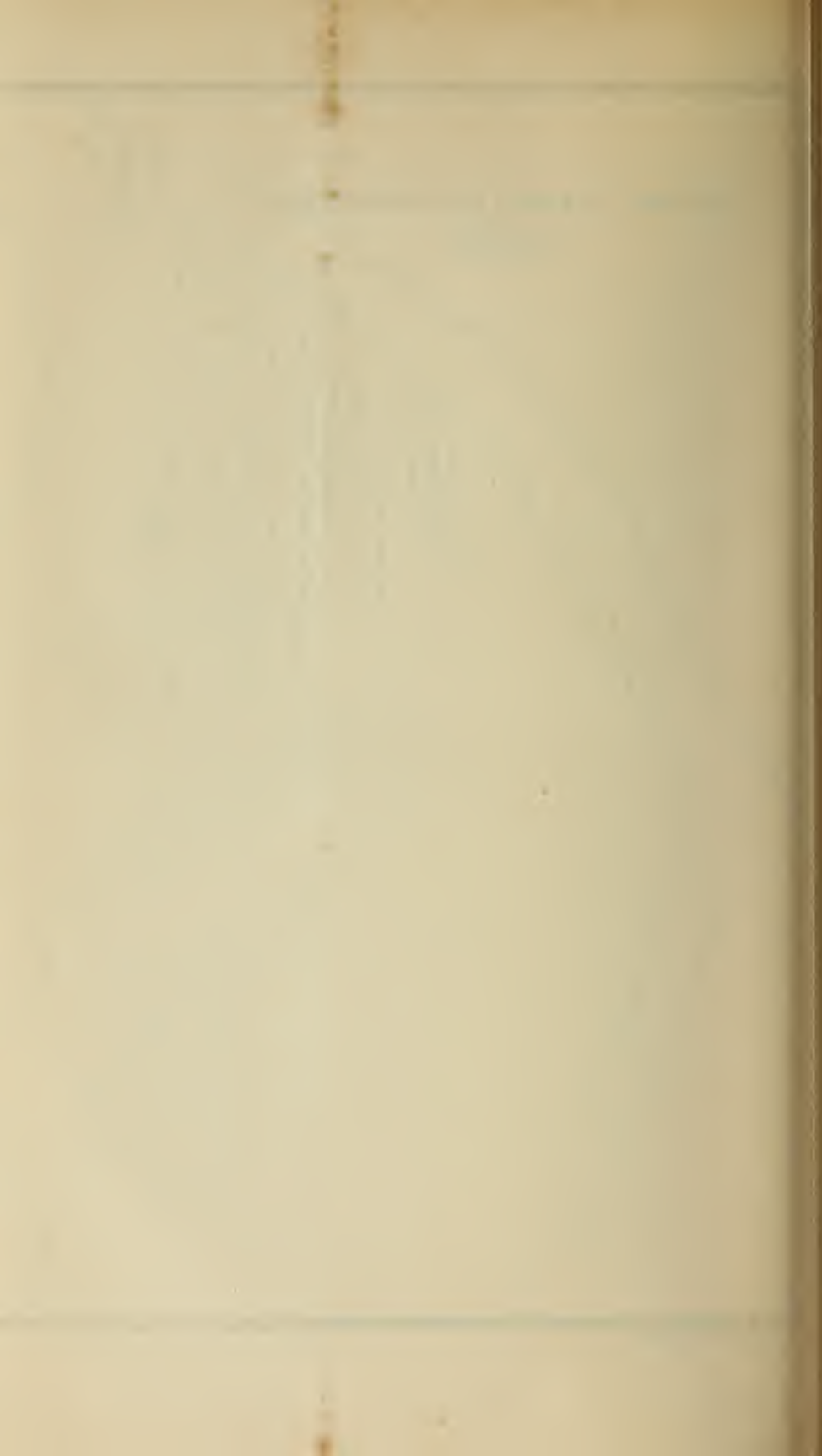
Donalda.—Aqui vae outro appendice á idade do bronze, que

não posso omittir, embora labore tambem, como o assumpto antecedente, em algumas duvidas.

A Donalda é um sitio distante uns 4 kilometros a leste da Mexilhoeira Grande e 1 $^1/_2$ kilometro a nordeste de Montes de Alvor. Toma uma grande parte do Morgado da Torre, o pequeno povoado denominado Monte das Alfarrobeiras, e as quintas contiguas, pertencentes aos srs. Ranulfo, e Sarrea, de Portimão. Os referidos montes abrangem um extenso campo mortuario, repartido em dois grupos, um nos terrenos da Torre, com cincoenta e uma sepulturas á vista, e o outro no seguimento da casa da quinta do sr. Ranulfo. São todas excavadas na rocha em alinhamentos proximamente parallelos e orientados de nor-noroeste a su-sueste. Nenhuma tem sufficiente comprimento para o enterramento por inhumação, e, comtudo, as que não fôram invadidas, hão manifestado ossos não calcinados, terra escura e louças de pasta e feição prehistoricas. O comprimento medeia entre 1^m,02 a 1^m,20, a largura entre 0^m,30 a 0^m,40 e a fundura varía de 0^m,50 a 0^m,75, sendo todas rectangulares.

A planta junta a esta pagina, cujo numero saíu errado, mostra os dois grupos de sepulturas; no dos montes das Alfarrobeiras mandei eu abrir muitas, mas todas estavam revolvidas desde longa data, não contendo senão terra negra, pedaços de louça partida e raros ossos.

Das sepulturas da quinta do sr. Ranulfo é que obtive duas urnas inteiras, de fundo externamente convexo e gargalo em canelura concava, mui similhantes a algumas das necropoles da Torre dos Frades; uma me foi mandada offerecer pelo proprietario, e a outra pelo sr. Padua Franco, em Portimão. Estão por mim depositadas no museu do Algarve.

Estas louças são mui frequentes nas necropoles do Algarve, pertencentes á idade do cobre, cujas sepulturas não são porém subordinadas a alinhamentos regulares, como as da Donalda, e estas por emquanto apenas se acham exemplificadas pelo arcebispo Cenaculo (est. XXIV) nas explorações da Colla, d'onde extrahiu os já figurados e descriptos estoques de bronze: o que deixa

suppor que na ultima phase talvez da idade do bronze se começou a usar as sepulturas em alinhamentos, como depois mais francamente apparecem nas necropoles da primeira idade do ferro, que figuro no capitulo seguinte.

Tendo, pois, em vista estas circumstancias, e a de não ter já achado na primeira idade do ferro umas taes louças, reservei a necropole da Donalda para com ella pôr termo, no Algarve, á idade do bronze, da qual muito fica ainda por saber.

Cheguei, emfim, até onde me foi possivel. Não me julgo obrigado a mais.

VI

SUMMARIO

Primeira idade do ferro. — Fabulas e falsos conceitos que desfiguram as origens da industria manufactora do ferro. — Noticias eruditas de alguns auctores ácèrca d'este assumpto. — Necropoles e tumulos: armas, adornos e utensilios que continham desde os Altos Alpes até ás fozes do Rhódano. — Attribuem-se todos os productos industriaes dos usos funerarios a importações estrangeiras. — Repelle-se este conceito com referencia á peninsula hispanica. — Riqueza ferrífera de Portugal, Hispanha e de muitos paizes da Europa. — Aproveitamento do ferro sob varias fórmas desde tempos remotissimos. — Admittem os proprios sectarios da theoria das importações estrangeiras dois typos de producção industrial não derivados do mesmo fóco, reconhecendo ser differentes dos da Europa occidental os da região do norte. — Discussão de que resulta deprehender-se que o Egypto já manipulava o ferro anteriormente á epocha da primeira dynastia.—Anachronismo na implantação do uso do ferro em as nações da Europa. — Mostra-se que uma estação que se diz ser typica da primeira idade do ferro, não se póde assim considerar na peninsula hispanica.—A estação da primeira idade do ferro na Fonte Velha de Bensafrim.— Planta da necropole e caracteristicos das sepulturas. — Manifestação de monumentos epigraphicos de caracteres luso-ibericos. — As contas de vidro da necropole e a sua origem estrangeira.—Outras contas, do mesmo genero, dos Cômoros da Portella, de Silves, Estombar, Milreu, Torre d'Ares, Odemira, Chellas e de varios paizes da Europa, da Africa e da America. — Mostra-se que, assim como as contas de vidro esmaltadas constituem um bom caracteristico da primeira idade do ferro nas estações prehistoricas, ou deixam suppor a existencia de taes estações nos logares em que apparecem, ha outros caracteristicos, que d'ellas não dependem para poder assignalar estações d'essa idade. — Exemplifica-se este caso em Alcacer do Sal, nos montes de Briteiros, de Sabroso e n'outros d'este paiz. — Figuram-se e descrevem-se os caracteristicos de Alcacer do Sal, comparam-se com alguns da Hispanha e do norte da Europa. — Dá-se finalmente como demonstrada a existencia da primeira idade do ferro no territorio luso-hispanico.

Primeira idade do ferro

Para se comprovar a antiguidade do uso do ferro fabricado tem-se recorrido a todas as fontes d'onde podiam emanar alguns argumentos aproveitaveis.

Invocaram-se as tradições, folheou-se a Biblia e indicou-se o

filho de Lamech e de Silla a forjar espadas de ferro e outros instrumentos cortantes, quasi 3:000 annos antes de Christo. Citaram-se os Védas, como para se confirmar que os indios, pelo mesmo tempo, já manipulavam o ferro.

As citações chegam até aos phantasiosos dominios da fabula, e ahi ascendem ainda ás mais guindadas regiões do espirito poetico.

São chamados os gregos a depôr: elles, poetas e artistas por indole, attribuem a Vulcano (!) a invenção da forja e vão buscar a affirmação d'este descobrimento a Homero e a Hesiodo, que 900 annos antes de haver christãos já descreviam os processos de reduzir e forjar o ferro.

Aqui está como quasi sempre, pouco mais ou menos, se escreveu a historia... e a que se reduz o alcance da erudição classica quando se trata da averiguação de origens de tempos prehistoricos.

O sr. Leger[1], distincto engenheiro e mui esclarecido archeologo, não podendo conformar-se com taes origens, appella para os factos materiaes, dizendo ser certo que 2:000 annos antes de Christo o ferro forjado e polido foi comprovado por pregos e anneis encontrados no tumulo de um rei do Egypto, e que não só o ferro, mas o aço deveria já então, ou pelo menos 1:600 annos antes da nossa era, estar em uso n'aquella região, porque nenhum outro metal poderia cortar, gravar e insculpir no granito e nos porphyros os seus baixo-relevos, as esphinges, os obeliscos e os hieroglyphos, ou inscripções, com tão particular delicadeza. Gaba o acertado emprego do ferro em construcções assyrianas, attribuidas a uma era anterior á nossa 1:200 annos; falla na descoberta de cadeias, argolas e de diversos instrumentos de ferro de excellente qualidade, pesando 160 toneladas, que se extrahiram das ruinas de Ninive; do emprego que teve este metal no

---

[1] A. Leger — *Les travaux publiques, les mines et la metallurgie aux temps des romains*. Paris. 1885.

templo de Salomão, cuja construcção refere ao anno 830 antes de Christo; da immensa exploração que desde o anno 700 antes da era christã fizeram os etruscos nas minas de ferro da ilha de Elba, e apresenta os carthaginezes tão conhecedores d'este metal, que na exploração de uma mina de chumbo argentifero da Hispanha deixaram associados a moedas punicas alguns picaretes de ferro de boa tempera n'uma galeria de 110 metros de profundidade.

O sr. Leger já em 1874 julgava, porém, mui acertadamente que o cobre tivéra no Occidente prioridade de uso, bem como que os gregos fôram os primeiros que 900 annos antes da era christã aprenderam e ensinaram á Italia, á Hispanha e á Gallia a trabalhar o ferro, comquanto já muito antes os phenicios o importassem do Mar Negro e da Laconia.

É o que julga confirmado pelas minas em que apparecem objectos de cobre como instrumentos de trabalho, sem comtudo determinar a data em que na peninsula iberica se manifestou a manipulação do ferro.

Cinco annos depois publicava o sr. E. Chantre, abalisado sub-director do rico museu de Lyon, uma grande obra largamente illustrada por numerosas estampas, intitulada *Premier âge du fer* (1880), de que possuo um exemplar, que aquelle sabio se dignou offerecer-me.

N'essa obra de aprimorado lavor artistico, como o são todas as do illustre paleoethnologo francez, a primeira idade do ferro é representada em alguns paizes da Europa por dois grandes grupos, denominados *necropoles* e *tumulus*. Da peninsula hispanica não falla; desce dos paizes do norte até ás fozes do Rhódano, e não passa para áquem da Italia occidental. Nas estampas figura simplesmente os artefactos de bronze e de ferro, algumas contas de ambar e de vidro. Omitte, porém, as plantas das necropoles e dos tumulos e as louças contidas n'esses depositos mortuarios. Lamentavel falta!

D'este modo não é possivel comparar esses jazigos e essas louças com o mui pouco d'essa idade até hoje descoberto em Por-

tugal e na Hispanha. O que desde já posso affirmar, é que nenhum artefacto de bronze ou de ferro, dos que se podem referir a tal idade, por emquanto descobertos em Portugal, tem a minima parecença com os que em grandissimo numero representa o sr. Chantre no seu Atlas; mas todos esses variadissimos productos de industria metallifera attribue o sr. Chantre a importações estrangeiras. N'este caso essas importações não chegaram ás raias maritimas d'este territorio, e fica sendo, a meu ver, mui significativo o facto de não se terem visto em paiz algum artefactos similhantes aos nossos, em parte ainda reproduzidos por modelos da idade do bronze; o que parece ser obra dos mesmos manipuladores dos instrumentos de bronze, os quaes, tendo primeiramente fabricado o cobre, tambem poderiam depois do bronze saber-se haver com o ferro.

Em contraposição a estas observações propõe o sr. Chantre varias conclusões, que não julgo adaptaveis a este territorio, mas que todavia podem ser verdadeiras em relação aos paizes a que se refere. Citarei as seguintes:

«Que a civilisação da idade do ferro é diversa d'aquella da idade do bronze.

«Que a civilisação gauleza substituiu definitivamente as armas de bronze e os instrumentos cortantes pelo ferro.

«Que os monumentos funerarios *(tombeaux)* não são as sepulturas dos habitantes das palafittas.

«Que as populações constructoras das necropoles e dos tumulus da bacia do Rhódano são verosimilmente as que importaram a nova civilisação, sob cuja influencia o ferro substituiu o bronze.

«Que o estudo comparativo dos elementos industriaes e artisticos, descobertos nos tumulus, mostra que vieram primeiro da Italia pelos Alpes centraes, e depois, ou ao mesmo tempo, pelo Danubio.

«Que os typos de fibulas e outros objectos, que pareciam oriundos da Italia, se acham no Caucaso em condições, que fazem lembrar as necropoles occidentaes.

«Que, finalmente, não ousa affirmar que o ferro tenha sido

importado do Oriente para o Occidente; mas julga que esta influencia especial, cuja origem se tem attribuido a populações proto-etruscas, deve ser procurada no Caucaso.»

Parta-se do principio de que não está ainda archeologicamente demonstrada a estação classica *mais antiga* da primeira idade do ferro.

As estações indicadas pelo sr. Chantre são todas tão ricas e abundantes de artefactos industriaes e artisticos, que em verdade não se podem considerar primitivas, mas antes como participando já dos progressos d'essa industria, que supplantou a das armas e instrumentos cortantes de bronze.

Não me parece que da evolução produzida por uma nova industria, que certamente em alguma parte exhibiu as suas primeiras manifestações, se possa deduzir a existencia de uma influencia estrangeira, quando mais naturalmente aos paizes em que as populações, de conquista em conquista, fôram provadamente desenvolvendo a esphera da sua civilisação, nada repugna attribuir mais um passo nas sendas do progresso.

Os ritos funerarios em todas as epochas soffreram modificações, como temos visto desde os tempos preneolithicos (Cabeço da Arruda) até á idade do bronze. Se as necropoles e tumulus da primeira idade do ferro tambem as manifestam, com que fundamento poderemos attribuil-as a civilisações estranhas, de novo chegadas aos territorios colmados de taes jazigos? Não poderão esses jazigos ser referidos á iniciativa dos proprios povos preexistentes?

O facto de se acharem na Italia e nas margens do Danubio uns certos productos industriaes e artisticos, similhantes aos que n'outras regiões hão patenteado as necropoles e os tumulus, não prova prioridade de proveniencia, do mesmo modo que por se terem tambem visto no Caucaso, não é regra que nos leve a admittir que no Caucaso tiveram origem.

Á falta de provas archeologicas em contrario, julgo mais racional conceber-se que ás populações indigenas, que descobriram e manipularam o cobre e em seguida o estanho e o bronze, se

deve com preferencia attribuir o descobrimento do ferro e os processos da sua fabricação. Era apenas mais uma conquista realisada na natureza physica da terra, onde o ferro é talvez a substancia metallifera mais expansivamente desenvolvida sob diversas fórmas, sendo algumas já conhecidas e usadas desde os tempos paleolithicos.

Diga-se a verdade; diga-se francamente que até esta data não se tem podido reconhecer o fóco onde se operou o primeiro aproveitamento do ferro e d'onde se foi lentamente diffundindo o processo de preparação, e não estejâmos, em obediencia a uma certa ordem de preceitos escolares, a querer persuadir; que todos os descobrimentos partiram do Caucaso, onde já vimos, com o proprio insuspeito testemunho ocular do sr. Chantre, que nas idades anteriores á primeira do ferro, em cousa alguma o Caucaso levou prioridade ao que já havia na Europa occidental.

Ha abundantes zonas ferriferas em Portugal desde o Algarve até o alto Minho e Traz os Montes, assim como em toda a Hispanha e em muitos paizes da Europa. O ferro acha-se igualmente em todos os continentes da terra.

No Alemtejo, como n'outras regiões do territorio portuguez, dá-se a notavel circumstancia de se encontrar o ferro em filões ou em camadas superficiaes de schistos repassados de oxydos de ferro associado ao manganez, o que lhe imprime o valor especial de ser aptissimo para a fabricação do aço.

O ferro oligisto e pyritoso tem-se achado em alguns depositos paleolithicos, associado a lascas de silex de bordos mais ou menos obliterados, deixando assim entender quão cedo foi descoberto um dos processos de produzir artificialmente o fogo; e a hematite rubra, que na mina dos Monges, no Alemtejo, assim como n'outras partes, se manifesta em possantes camadas, não só nos depositos neolithicos do Algarve, como n'outros da Europa, tem-se encontrado associada a graes de pedra. N'um d'esses graes, que extrahi da necropole de Alcalá, ainda se observam restos d'essa substancia colorante, de que certamente se serviram os homens

da ultima idade da pedra para as suas tatuagens e outras pinturas.

Portanto, sob diversas fórmas, já o ferro era conhecido e usado desde epochas remotissimas. Não ha pois que admirar, que os que o conheciam sob diversos aspectos, achassem um processo conducente á sua manipulação.

Não se sabe, finalmente, em que ponto da terra se descobriu a maneira de reduzir e de fabricar o ferro; sabe-se apenas, que, quando a industria do bronze tinha attingido o maior grau de desenvolvimento industrial e artistico, é que a industria manufactora do ferro se patenteou em grandes zonas do territorio europeu com variadissimas applicações, e já em grande parte substituindo mui vantajosamente as armas de bronze e os instrumentos de trabalho; o que deixa perceber, que uma notavel epocha de prosperidade industrial actuava já então em meio de numerosas populações, sem que comtudo desde os seus primordios se possa conceber um similhante synchronismo.

Os primordios da industria ferrifera poderiam achar-se nas estações em que hão apparecido os seus productos mais rudimentares na fórma e na fabricação, se em toda a parte se podessem admittir aptidões iguaes nos artifices productores; e é esta differença de aptidões que não me permitte reconhecer como verdadeira a lei de Thomsen, de que «a industria humana se simplifica na razão directa da sua antiguidade».

Não vejo fundamento algum, que me leve a considerar a industria do ferro na Europa como derivada da Asia. O proprio Worsaae[1], que a todo o passo nos falla das migrações que d'aquella região vieram povoar a Europa, d'esta vez vem em auxilio dos meus conceitos, dizendo:

«... il est déjà incontestable tout à la fois, que les trouvailles des temps comparativement récents sont de beaucoup les plus nombreuses, et que les restes de l'âge de fer ont généralement en

[1] Worsae — *La colonisation de la Russie*, etc., pag. 82.

Russie, un caracter très-prononcé, *bien différent des types de l'Europe occidentale, et se rapprochant beaucoup plus des types asiatiques.*»

Se, pois, os typos industriaes de ferro na Russia são similhantes aos da Asia e muito diversos dos da Europa occidental, é claro que estes não se derivam da Asia.

Portanto a Europa, abundantissima de ricos depositos ferriferos, creou uma industria propriamente sua e mui diversa dos productos mais typicos da região asiatica.

A peninsula hispanica póde-se dizer que quasi nada alterou em os novos productos de ferro, porque mais geralmente se limitou a copiar alguns artefactos de bronze, com excepção de varias armas de guerra, a que deu uma feição especial, que parece não ter ultrapassado as raias da artistica Etruria, ao passo que tambem melhorou na massa plastica, na fórma e no lavor os seus productos ceramicos.

A industria do ferro, como predestinada a ser um dos mais poderosos elementos das futuras civilisações, parece ter incutido desde logo no espirito das populações laboriosas uma nova ordem de idéas, um instinctivo aperfeiçoamento de aptidões e o conhecimento pratico da sua superioridade com referencia a todas as industrias metalliferas até então exercidas. O ferro passou, pois, a ser a essencia transformadora dos usos e costumes mais rudes das velhas sociedades, em cujo coração já eram nutridas muitas crenças e muitos sentimentos generosos.

Tinha-se, emfim, chegado a uma epocha em que as communicações maritimas e terrestres haviam tomado grande desenvolvimento, e por isso mui difficil será, senão impossivel, atinar-se com o paiz em que surgiu esta nova industria.

Outros productos industriaes derramou então o commercio em varias regiões. Cá chegaram tambem alguns de fabricação reconhecidamente exotica. Não se sabe, porém, se fôram trazidos por estrangeiros ou pelos proprios navegadores peninsulares. Mais adiante os indicarei.

As fibulas e braceletes, tanto de bronze como de ferro, toma-

ram fórmas variadissimas, assim como outros adornos. D'este modo têem apparecido em diversas necropoles e tumulus da Europa, e mesmo nas sédes outr'ora occupadas por aquellas populações, que as invasões estrangeiras fôram desalojando, destruindo ou tolerando. O fóco emanador de tudo isso é que não é facil assignalar, tanto mais que bem podéra então haver varios centros de producção. É uma lacuna, que por emquanto fica em aberto na historia do trabalho.

Entretanto, não faltam conceitos e asserções em apoio das origens de ferro fabricado.

Considerando o sr. J. Evans a Africa oriental como sendo uma das mais ricas regiões do ferro, refere não se ter todavia alli achado prova alguma de que este metal fôsse utilisado antes do bronze, e que mesmo no Egypto, tão ligado áquella região, não ha noticia de ferro manipulado anteriormente á 12.ª dynastia; pois apenas é então empregado em pinturas, ao passo que a exploração do cobre das minas de Meghara remonta á 2.ª dynastia e ainda a 800 annos antes; mas a isto responde o sr. Zaborowski [1], que o aproveitamento do ferro no Egypto não só é anterior á 12.ª dynastia, como á 4.ª, e ainda talvez á 1.ª, como se deduz da propria significação das pinturas, e bem o deixam perceber certos artefactos, que só podiam ser trabalhados a ferro. Esta opinião é ainda ampliada pelo sr. Callamand [2]; pois, referindo-se a uma nota em que o sr. de Mortillet allude ás origens do ferro, diz que esta industria nasceu na Africa, onde se acham reunidas as condições mais favoraveis á sua producção: peroxydo de ferro mui facilmente reductivel e depositos salinos, que são famosos fundentes, acrescentando que o Egypto conhecia o ferro desde as suas primeiras dynastias, isto é, 4:000 annos antes da nossa era, mas que certos paizes não o empregaram senão mui posteriormente, como o mostram alguns tumulus do norte da Rus-

---

[1] *Revue d'Anthropologie*, 2.ª serie, tom. II, (1879), pag. 507 a 516.
[2] Idem, pag. 518.

sia e da Siberia, os quaes não são anteriores ao anno 1000, ou 800 da era christã, onde o ferro ainda não apparece, e que na Escandinavia a idade do ferro começa com a nossa era, na Gallia 800 annos antes, ao passo que na Italia o ferro era conhecido desde a origem da grande civilisação etrusca, uns 1:400 annos antes de Christo, sendo desconhecido na America précolombiana.

Não tiveram estes auctores em consideração, com referencia ás origens da industria do ferro, os resultados obtidos pelo sr. Bayern, nas suas amplas explorações no Caucaso.

O sr. Bayern explorou a vasta necropole de Samthavro, cujas sepulturas se compunham de quatro camadas sobrepostas, contendo numerosos craneos macrocephalos, com excepção da primeira camada, que era protegida por um amontoamento informe de grossas pedras angulosas, em que havia espadas de bronze e de ferro de dois gumes com punho curto, sem guardas nem cruz, punhaes triangulares, pontas de lança e de frecha, ornatos de bronze e muita louça. As dos craneos deformados eram revestidas de lages de pedra ou de barro cozido e cobertas por uma lage.

Não pertenceriam mui provavelmente a duas raças diversas, mas a duas epochas, podendo-se entender que na mais antiga os usos funerarios tinham sido um tanto modificados emquanto subsistiu o barbaro costume de deformar os craneos pela compressão dos parietaes, como bem se percebe, comparando os indices cephalicos e orbitarios dos primeiros dolichocephalos com os dos craneos deformados [1], que certamente pertencem a uma phase muito adiantada da primeira idade do ferro; o que impede de se olhar para o Caucaso como séde da civilisação que diffundiu a industria do ferro na Europa.

Ponhâmos, porém, de parte a systematica pretenção de que tudo viesse do Oriente, e olhemos um pouco para a Europa.

A necropole de Hallstatt, na Austria, diz o sr. Chantre ter-se

[1] *Revue d'Anthropologie*, 2.ª serie, 1879, tom. II, pag. 520 — Art. do sr. Callamand

tornado celebre[1] por ter fornecido o typo da primeira idade do ferro, descripta pelo dr. de Sacken, desde as explorações do sr. Ramsauer, dando uma importante serie de armas e utensilios d'aquella epocha, como se vê no resumo feito nos *Matériaux pour l'histoire de l'homme* (1ère partie, tom. I, pag. 476).

Cá para a peninsula não póde ser considerada como estação classica, porque em Hallstatt abundam muitos artefactos por emquanto aqui não encontrados, e faltam outros dos que hão sido descobertos n'este territorio. Se para os paizes do norte é estação classica, é porque pertence a uma phase muito posterior á das estações em que a industria do ferro se vê revestida de fórmas rudimentares e de rude trabalho.

Em caso similhante está tambem a necropole de Villanova, na Italia, a 8 kilometros distante de Bolonha, a qual foi completamente explorada e descripta em 1870 pelo conde e senador João Gozzadini[2].

Não só a variada construcção dos jazigos differe das sepulturas do Algarve, como tambem geralmente são diversos os artefactos de bronze e de ferro, e mui principalmente as louças, tanto nas fórmas como nos seus ornatos symbolicos de feição egypciaca; o que bem deixa ver as relações commerciaes que então havia entre o Egypto e a Etruria, como igualmente se acham exemplificadas n'outros pontos maritimos do Mediterraneo e ainda do Atlantico; pois tambem aqui chegaram alguns d'esses productos industriaes, que certamente não fôram fabricados na peninsula luso-iberica, podendo-se desde já especialisar os adornos de vidro de cores e esmaltados, de que adiante darei noticia.

É possivel que estando por emquanto pouco conhecida e minguadamente representada em Portugal a primeira idade do ferro, não permitta ainda estabelecer maior numero de analogias entre as suas estações e as que já são conhecidas na Europa. É

---

[1] *Age du bronze,* tom. I, pag. 9.
[2] C. J. Gozzadini — *La nécropole de Villanova.* Bologne, 1870.

mesmo mui provavel, que, procedendo-se a explorações systematicas n'este territorio, appareçam boas estações da idade do ferro com mais variados caracteristicos dos que por agora se têem achado.

Na carta paleoethnologica do Algarve indico duas estações da primeira idade do ferro, e em ordem geographica muitos logares em toda a provincia com monumentos ou artefactos isolados da mesma idade.

Necropole da Fonte Velha de Bensafrim

Quando em 1878 cheguei ao concelho de Lagos, já tinha noticia de haver notaveis antiguidades de varias epochas na aldeia de Bensafrim, e mais especialmente n'um sitio a oeste e distante uns 1:200 metros da torre da igreja, denominado Fonte Velha ou Solões da Mina.

Estava então parochiando n'aquella freguezia o sr. Manuel José de Barros, actual prior de S. Sebastião de Lagos, e foi este illustrado cavalheiro quem melhor me informou, fallando-me de varios objectos antigos que alli tinha colligido, e mais especialmente de duas inscripções gravadas em lages toscas de grés vermelho, de que tinha feito acquisição, tiradas de sepulturas achadas na Fonte Velha.

Bastariam, pois, estes monumentos, que o distincto prior logo me offereceu, com outros muitos instrumentos de pedra, para que o sitio da Fonte Velha nunca mais me ficasse em esquecimento.

Consegui lá chegar, e não fiquei dando o tempo por perdido, porque a pouca distancia do logar em que tinham sido achados aquelles padrões epigraphicos, mandei logo começar a exploração.

A 35^{m},40, no sentido de nordeste, a contar do vallado do caminho publico, abriu-se a primeira valla, e a excavação proseguiu de sudoeste para noroeste.

Emquanto eu inspeccionava o campo em busca de alguns vestigios apparentes de construcções arrazadas, os excavadores tinham em certo ponto levado bastante fundo o córte e achado va-

rios objectos, que de modo algum se podiam harmonisar. Confesso que este caso me deixou um tanto perturbado e que cousa alguma fiquei percebendo, por não ter presenciado o seguimento da excavação. Resolvi mandar abandonar aquelle córte e abrir outro, a fim de poder constantemente acompanhal-o, e foi quanto bastou; pois ninguem podia comprehender como n'um determinado jazigo houvesse um enterramento por inhumação, ou uma exhumação de ossos humanos não queimados, contas de vidro esmaltadas de epocha prehistorica em meio de uma curta sepultura, de fórma quadrangular, e juntamente ossos calcinados, terras queimadas, louças e vidros romanos.

O novo córte resolveu todas as duvidas.

Uma formação alluvial da espessura de 1^{m},25 assentava sobre a possante rocha triasica (grés vermelho), que em muitos pontos d'aquella freguezia, e nas proprias ruas da aldeia, se manifesta em dilatadas afflorações.

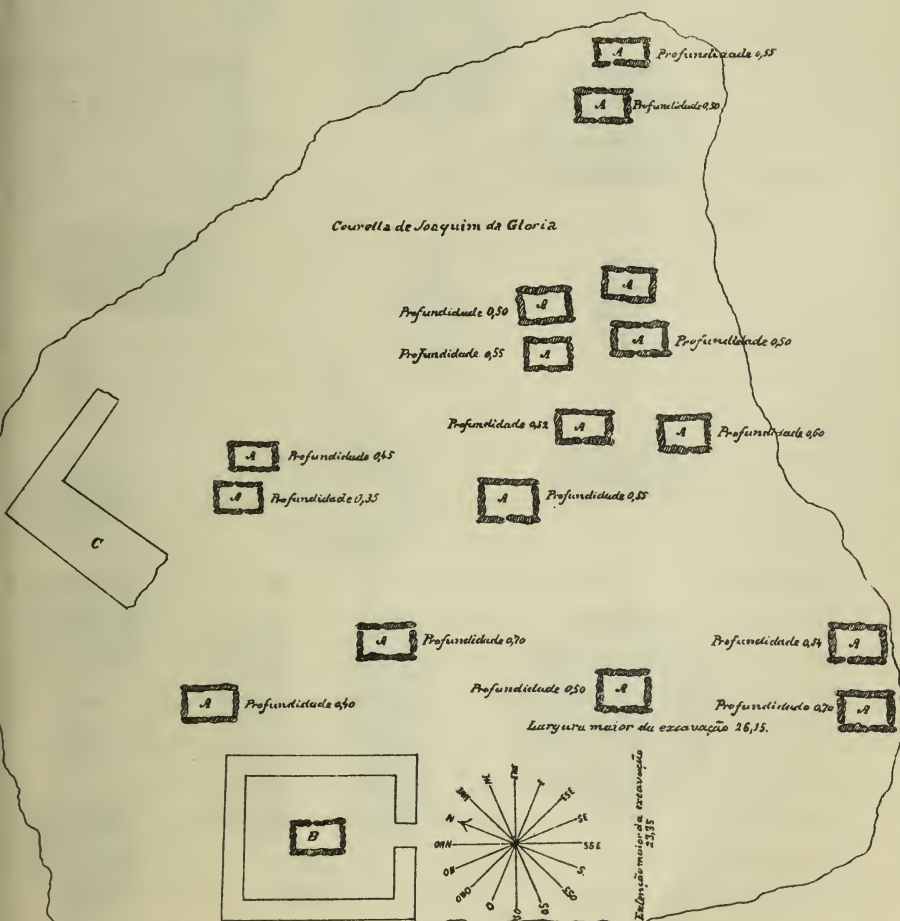
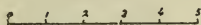
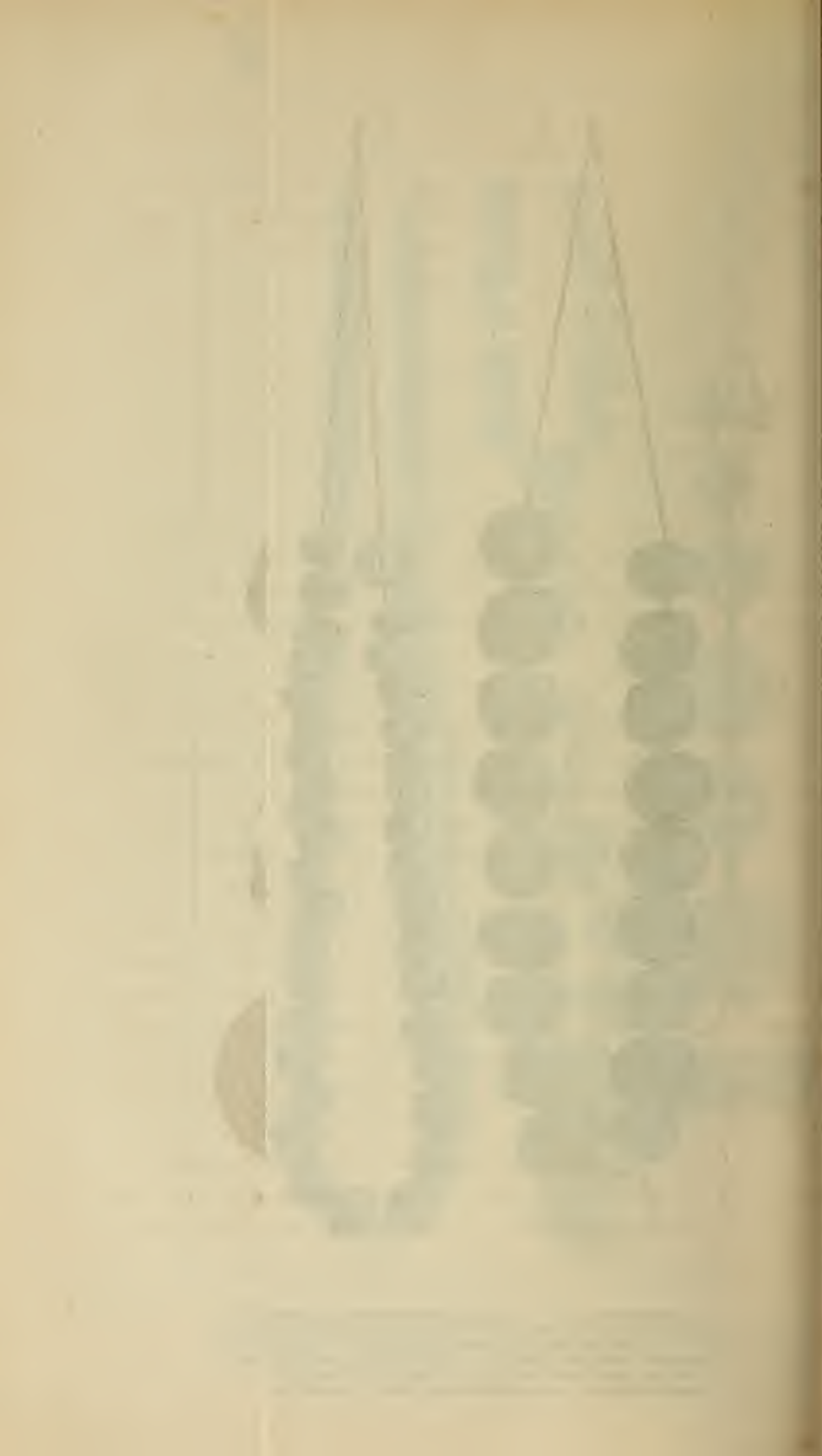
Descendo da superficie 0^{m},30, appareceu uma camada de terra queimada com 0^{m},35 de espessura, contendo numerosos enterramentos por incineração. Cada monticulo patenteou terras negras mescladas de cinza e pequenos carvões, urnas de barro de feição genuinamente romana, frascos de vidro deformados por um principio de fusão, ossos calcinados, lanças e outras armas de ferro, fibulas de cinturões, pregos de ferro e uns raros medianos bronzes, que podem ser de Tiberio ou de Claudio, mas sem legenda perceptivel; o que, tudo junto, indicava ter alli havido no primeiro seculo um campo mortuario, abundante de armas de ferro, como se tivera pertencido a uma tribu guerreira.

Quando a 0^{m},65 de profundidade terminou a camada das incinerações, mandei n'aquelle ponto de estudo retirar toda a terra, e appareceu logo n'um plano 0^{m},10 mais fundo uma sepultura rectangular com 0^{m},92 de comprimento interno, 0^{m},57 de largura e 0^{m},62 de fundura, contendo pedaços de ossos não queimados, duas lascas de silex e outra de quartzite opaca, metade de um annel de cobre enrolado por arame do mesmo metal (est. XXIX, n.º 2), uma pequena quantidade de pedras soltas sobre

o fundo, e entre estas muitas contas de vidro azul escuro de duas grandezas diversas (est. XXVIII, n.º 2). N'este *cisto* ou sepultura não havia louças. A sua construcção tinha sido feita com seis lages toscas de grés vermelho, duas formando cada um dos lados e outras duas os topos.

Empregado o mesmo systema, proseguiu a exploração, tendo os operarios já mui bem comprehendido o cuidado que devêra empregar-se para não confundir o que havia na camada das terras queimadas com o que fôsse achado no plano e dentro das sepulturas; e assim tudo d'ahi em diante correu com a mais escrupulosa observação, separando-se o que continha cada um d'aquelles planos, representantes de duas epochas diversas.

A est. XXVII, junta a esta pagina, mostra a planta do espaço que foi explorado, as dezesete sepulturas que continha e a sua orientação. É preciso advertir que n'esse espaço explorado a espessura das duas camadas mortuarias mostrou variantes em alguns pontos, achando-se mais ou menos engrossada a que tinha recebido as incinerações romanas e a maior ou menor profundidade a do plano da necropole prehistorica; o que no plano superficial não se podia conhecer, porque a formação alluvial, descendo na orientação de oes-sudoeste, em rampa suave, cobriu as pouco sensiveis desigualdades do sólo, ou porque as sepulturas antigas não fôram construidas no mesmo nivel.

O perimetro da exploração feita na courella de Joaquim da Gloria, contigua e a nor-noroeste da courella dos Bravos, em que appareceram excellentes monumentos epigraphicos de caracteres peninsulares, mediu no parallelo do caminho publico, de nor-noroeste a su-sueste, 26^{m},15, e no rumo de oes-sudoeste a es-nordeste, 23^{m},35, sendo todas as sepulturas orientadas no seu eixo maior entre nor-noroeste e su-sueste, mas com muitas interrupções nos seus alinhamentos parallelos, talvez em parte provenientes de antigas destruições. A necropole occupa, porém, um espaço não inferior em largura a 300 metros, e não posso avaliar a extensão que attingiu, por não ter havido pesquizas n'esse sentido. Está, comtudo, reconhecida na courella dos Bravos, na de

Fonte Velha (1 a 7) — 1 Contas de vidro azul escuro e argolinha de ouro.— 2 e 3 Contas de vidro azul escuro. — 4 Contas esverdiadas, esmaltadas de branco. — 5 Contas de vidro preto esmaltadas de branco. — 6 Contas lisas e esmaltadas de varias côres e esmaltes. — 7 Contas de vidro esverdiado lisas e uma com duas côres dispostas em espiral. — 8 Comoros da Portella em S. Bartholomeu de Messines. — Inferiormente, cabeça vitrea de serpente com dois furos transversaes figurando os olhos e ouvidos, conta de vidro azul com esmalte branco, outra de vidro preto com esmalte branco, outra lisa de vidro azul escuro e outra esverdiada com esmalte branco. — 9 Milreu, marca de vidro de duas côres, de fórma semilenticular, com orificio central; duas contas sub-cylindricas de vidro de duas côres e outra de uma só côr. — 10 Torre de Ares, quatro vértebras de peixe; marca de vidro de duas côres, de fórma semilenticular e orificio no centro; pinjente de agatha. — 11 Torre de Ares, marca de vidro de duas côres, semilenticular, com orificio central, conta cylindrica com faxas parallelas de duas côres; conta lisa de vidro azul; conta esverdiada, com larga abertura, externamente formando gomos, e conta de vidro azul com esmalte branco.

Joaquim da Gloria, na de Ignacio do Alamo e n'outra que com esta confina, pertencente ao sr. Manuel José de Barros.

As pedras com inscripções peninsulares acham-se em todo aquelle campo; pois ellas é que formam os flancos ou os topos de algumas sepulturas, tendo os letreiros apontados para dentro; o que tem permittido a sua conservação.

Um d'esses monumentos tirei eu do lado de uma sepultura, e está no museu do Algarve juntamente com os que me offereceu o prior Barros. Não posso reproduzil-o com fidelidade, por ter a inscripção sido gravada um tanto superficialmente e estarem muitos caracteres imperceptiveis, talvez em razão da decomposição da pedra.

Os romanos fizeram alli algumas construcções mui provavelmente no tempo em que occuparam aquelle campo com as incinerações dos seus mortos. Restam ainda arrazadas as quatro paredes, com $0^{m},60$ de grossura, de uma pequena casa quadrangular do comprimento interno de 4 metros e da largura de $3^{m},20$, com sua porta de $0^{m},60$ de luz apontada para su-sueste, tendo esta construcção coberto uma sepultura da antiga necropole, que na planta vae marcada com a letra B; mas como a construcção não desceu ao nivel da sepultura, ficou esta intacta, e foi por isso talvez a que forneceu maior numero de artefactos diversos; pois conservava dezoito contas grandes de vidro azul escuro (est. XXXVIII, n.° 1), uma argolinha de ouro, tres braceletes abertos de cobre (est. XXIX, n.os 1, 3 e 4), sendo um d'elles nas extremidades enrolado por arame do mesmo metal, muitos pedaços de ossos não queimados e fragmentos de uma urna de barro escuro de pasta grosseira, mas bem cozida. Os adornos, e uns bocados mui delgados, que restavam do craneo, me deixaram presumir que tudo aquillo poderia pertencer a uma mulher que alli tivesse sido inhumada ou para alli exhumada.

Ao norte da casa, e a alguns metros de distancia, achou se um grosso paredão de alvenaria, formando angulo recto com um resto de parede de $0^{m},70$ de grossura. Excavado o lado interno do angulo, nada se encontrou.

Das outras sepulturas da necropole não tratei de reunir os ossos, porque quasi todos estavam partidos, não se encontrando um craneo em estado de se poder recompor e medir. Extrahi simplesmente alguns fragmentos de louças, as contas que vão figuradas na est. XXXVIII, desde n.º 2 a n.º 7, um annel de cobre (n.º 7), que vae representado na est. XXIX, junta a esta pagina, assim como as quatro argolas de bronze, indicadas com os n.os 8 a 11 e os dois fusilões de fibulas n.os 5 e 6.

Além d'estes objectos, reuni ainda um alfinete de cobre, de toucar, incompleto, mas que se vê ter sido rematado por um cordão enrolado em espiral, o qual n'esta estampa dos artefactos metallicos é indicado com o n.º 12.

A figura 13 da mesma estampa ora parece ter sido um alfinete dobrado na extremidade pontaguda, ora um anzol de bronze. Não sei que applicação poderia ter o que figuro com o n.º 14, de fórma espatulada e bordos afilados; é possivel que fôsse um instrumento cortante, como o parece ter sido o de n.º 15. O objecto n.º 16 é tambem de bronze. Parece um amuleto que se usou pendente e ligado por um sulco em que remata na extremidade superior.

Temos agora tres artefactos de ferro, duas pontas de lança muito obliteradas e parte de um pinjente, que parece ter tido a configuração de crescente e que superiormente tinha dois orificios.

Este pinjente (19) e a lança n.º 18 estavam no fundo de uma sepultura com pedaços de ossos, que assentavam n'uma camada de lascas de pedra, duas argolas de bronze (n.os 10 e 11) e as contas de vidro preto esmaltado de branco, figuradas na estampa antecedente com o n.º 5.

N'outra sepultura, com as contas n.º 6, figuradas na est. XXVIII, havia ossos partidos, pequenas pedras lascadas, um pedaço informe de silex, fragmentos de um vaso de barro preto ordinario e a lança de ferro, que represento na est. XXIX sob n.º 17, achando-se com tudo isto um parallelipipedo de chumbo, partido em dois pedaços, cujos quatro angulos fôram picados á feição de denticulos.

Freg. de Bensafrim — de 1 a 19, Fonte Velha — Freg. de Estoi de 20 a 21, Milreu

sendo rematado n'uma extremidade em secção um tanto elliptica, terminalmente fendida. Se este remate não symbolisa o phallus, póde talvez representar a cabeça de um reptil. Em qualquer caso julgo ter sido objecto de culto supersticioso. Cada pedaço mede 0m,17 de comprimento, ou 0m,34, estando unidos os dois.

Não trato aqui das inscripções da necropole; ficam reservadas para o capitulo seguinte. Este assumpto reclama apreciações muito especiaes, se, como espero, podér ser levado a conclusões definitivas.

As ultimas contas das sepulturas são as que figuro com o n.º 7 na est. XXVIII, em que todas vão figuradas com as proprias cores, e por isso não julgo necessario descrevel-as. Darei porém uma succinta relação ácêrca das origens que lhes são attribuidas e das mais antigas estações em que hão sido achadas.

Para não dar a este assumpto demasiada extensão, vou limitar-me a extractar algumas noticias coordenadas pelo sr. G. Perrot e C. Chipiez na sua obra intitulada *Histoire de l'art dans l'antiquité*. No tom. III (1885), desde a pag. 733 em diante, dizem estes auctores:

«Os inventores do vidro fôram os egypcios: esta fabricação ascende ao antigo imperio, ou em todo o caso estava em plena actividade no tempo do primeiro imperio thebano, quando ainda não havia cidades phenicias ou era mui pouca a sua importancia; pois foi no tempo dos Ramzés que a gente phenicia se fez corretora, depois discipula do Egypto, e se apropriou as principaes industrias, apanhando aos fabricantes de vidro os segredos da fabricação, para assim augmentar os seus lucros com um artigo de facil e seguro consumo.»

Os referidos auctores distinguem tres especies de vidro: «o incolor e transparente, que deixa passar a vista; o translucido e corado, que a luz atravessa, perdendo-se na graduação da côr que a arte deu á materia, e o vidro opaco, similhante á porcelana. Os phenicios fabricaram tudo isto. O transparente é representado por urnas de epocha menos antiga, que se acham em sepulturas gregas e romanas na ilha de Chypre, com irisações mara-

villhosas, resultantes de uma alteração mollecular. O vidro de luxo era o translucido com filetes ou fitas, cuja fabricação distinguia os mais habeis artifices. O segredo da fabricação do vidro opaco ficou ignorado. Este vidro fornecia uma bella pasta vermelha, dura e pesada, de que faziam placas para o revestimento de paredes e de moveis». D'este vidro diz Plinio (xxxvi, 197) que tambem se faziam estatuas».

Ha mais ainda. «Fallaremos agora (dizem os auctores) dos vidros multicolores e filigranados, que se acham em Camiros e em Chypre nas mesmas sepulturas que os barros esmaltados de fabrica egypciaca, onde tambem apparecem objectos da mais antiga industria phenicia, os quaes attingíram as primeiras relações com o Egypto, e correram livremente até á primeira conquista grega nos mercados.»

Os auctores representam nas estampas vii a ix uns nove exemplares de bellissimos frascos e urnas de pequenas dimensões. Advertem, porém, que os artefactos de vidro colorido de fórmas elegantes pertencem á epocha dos successores de Alexandre, e alguns já aos tempos romanos, quando as fabricas de Alexandria e de Sidonia forneciam aos povos littoraes do Mediterraneo os mais luxuosos objectos de vidro, sendo alguns marcados com os nomes dos fabricantes de Sidonia, taes como de Enion e Artas.

Representam as contas e os tubos de vidro de cores e com esmaltes, dizendo serem muito similhantes ás que no Oriente se encontram na parte mais antiga da necropole de Tarquinii, assim como nas mais antigas sepulturas de Cumes e Syracusa. Os collares que reproduzem na estampa x (tom. iii, pag. 900), são de fabricação pheniciana e pertencem ao museu do Louvre. N'estes collares ha muitas contas e tubos similhantes aos exemplares do Algarve.

No primeiro volume da sua obra (pag. 827) referem os auctores, que no Egypto eram fabricadas as contas de vidro para braceletes e collares, e que com ellas chegavam a revestir as mumias quasi completamente: «On couvrait les momies, à une certaine époque, d'une espèce de vêtement fait tout entier de ces

grains de verre enfilés en longs chapelets». Nas sepulturas das ilhas da Grecia e nas da Italia são mui frequentes. O conde Gozzidini, tendo explorado a necropole de Villanova, que descreve n'um opusculo d'este titulo, e classifica como pertencente á primeira epocha do ferro, achou contas de vidro esmaltadas, e dá a estampa de uma fibula (fig. 14, pag. 45) ornada com oito d'estas contas. Apparecem na Sardenha, em Inglaterra, bem como n'outros paizes, e dizem ser muito frequentes em certas necropoles da Africa as que são formadas de camadas de cores sobrepostas. Diffundiram-se, emfim, com tal profusão, que até invadiram a America. A este respeito refere o sr. dr. Ladislau Netto, director do museu do Rio de Janeiro (*Ann.*, vol. VI, pag. 441) a seguinte noticia:

«Que na provincia do Rio Grande do Sul, no logar denominado Linha Grande, foram encontradas dentro de uma urna funeraria de incalculavel antiguidade, duas perolas cujos caracteres parecem ligal-as ás perolas de vidro achadas na America do Norte e que Morlot e Nilsson tomam por testemunhos ou vestigios irrecusaveis da presença dos phenicios n'este continente. As nossas duas perolas, que não sei se na sua estructura têem similhança com as dos tumulos indigenas da America septentrional, são compostas de camadas concentricas, canaliculadas e de varias cores, isto é, brancas, vermelhas e de azul ferrete. Examinando-se estas diversas camadas ou capas concentricas, reconhece-se facilmente que foram formadas succéssivamente, cada uma sobre a que lhe é sotoposta, sendo a perola depois d'esta longa operação, submettida a uma elevada temperatura que a vitrificou. A superficie canaliculada de cada camada foi assim preparada, naturalmente quando a substancia pastosa conservava ainda um pouco de ductilidade.»

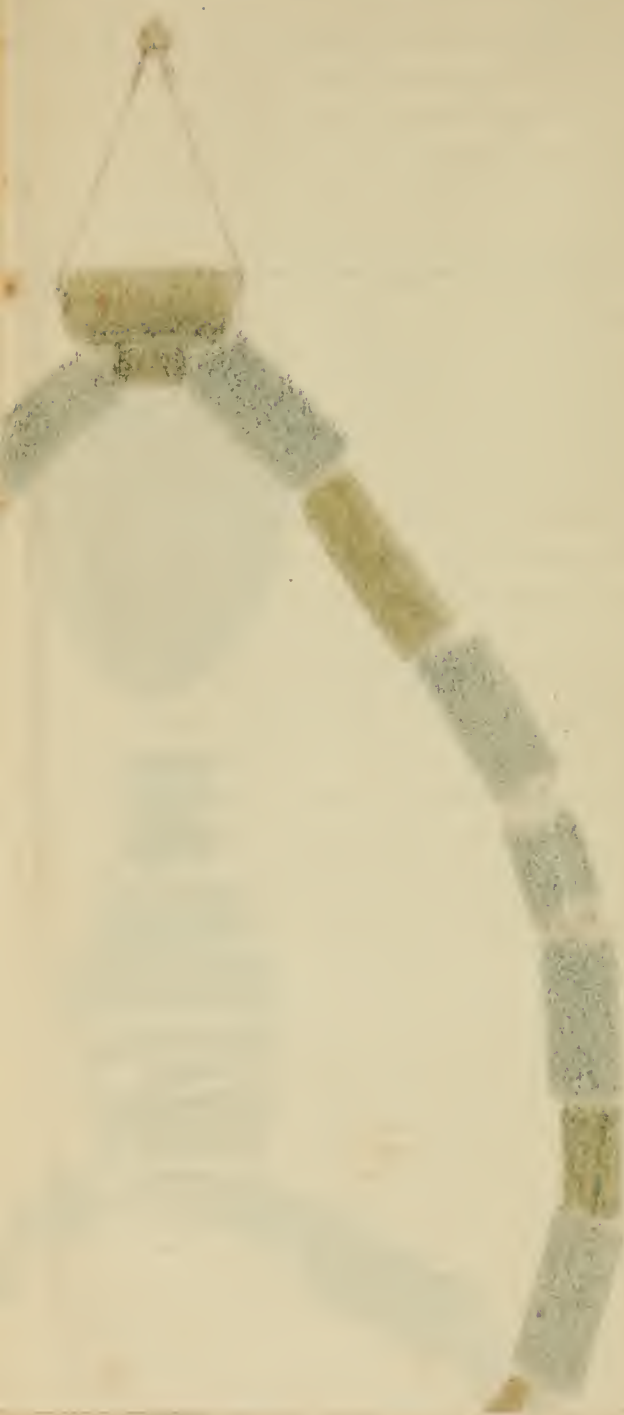
Com mui acertado conceito não concorda, porém, o sr. Ladislau Netto com a opinião de Morlot e de Nilsson emquanto não se provar que os phenicios chegaram até o continente americano, e discorda igualmente, com seguro fundamento, do parecer de Franks, que attribue a Veneza a fabricação d'estas contas, refle-

cluido que as contas venezianas, sendo muito mais perfeitas, não se podem confundir com as phenicias.

O sr. Ladislau Netto não sabe explicar como taes contas chegaram á America do Norte e ao Rio Grande do Sul; mas as contas estão no mesmo caso em que se acham alguns idolos, as louças e outros productos industriaes de similhante feição egypciaca. A este respeito julgo eu, que se taes objectos não foram levados pelas tribus exoticas, que desde tempos immemoriaes invadiram o continente americano, podem ter alli chegado, de estação em estação, desde o Egypto ou da Syria, até o estreito de Bhering, e penetrado na America sem a minima intervenção phenicia, como porventura teriam chegado em epocha muito anterior aos Pampas argentinos muitos artefactos typicos no territorio portuguez, como mostrei no primeiro livro d'esta obra.

Os antigos habitantes dos Alpes tambem se adornaram com as contas de vidro esmaltadas, e o caso é que n'essa frigida região ellas sómente apparecem nas necropoles e nos tumulos da primeira idade do ferro. Assim o testifica o sr. Chantre na sua bella obra intitulada *Premier âge du fer*, publicada em 1880. O sr. Chantre indica n'uma sepultura da necropole de Peyre-Haute (Altos Alpes) um esqueleto com o pescoço ornado de um collar de nove contas de ambar vermelho, dezesete de vidro branco e onze de bronze; n'uma sepultura de Saint-Ours, oito contas azues de vidro e seis brancas; n'uma sepultura da necropole da Grande-Serenne um esqueleto com um collar de tres contas de vidro grosseiro, raiado de cores, e mais vinte e sete diversas contas, sendo cinco de ambar. No tumulus de Amancey contas azues de vidro com fragmentos de argolas de ferro; no de Créancey contas de vidro azul ou verde, havendo-as igualmente nos de Chambain, de Magny Lambert, de Igé e de Trévoux.

Nenhuma d'essas contas tenho eu achado nos numerosos jazigos de epochas posteriores que explorei, nem nos que precedem a primeira idade do ferro, e por isso as julgo mui caracteristicas d'essa idade.

Não foi sómente na necropole da Fonte Velha de Bensafrim

que descobri essas contas; havia-as tambem na destruida necropole dos Cômoros da Portella de S. Bartholomeu de Messines, no proprio terreno onde foram arrazadas muitas sepulturas, em que havia lages de grés vermelho escuro com inscripções identicas ás da Fonte Velha. Alli obtive eu uma conta de vidro azul escuro guarnecida de folhagem de esmalte branco; uma conta de vidro preto, ornada de esmalte branco; outra lisa de vidro azul escuro, e ainda uma de vidro verde com esmalte orlado de branco, assim como uma cabeça de serpente, de vidro preto, transversalmente atravessada por dois furos parallelos, cujas extremidades representavam os olhos e os ouvidos. Estes cinco objectos são os que figuro com o n.º 8 na est. XXVIII das contas de vidro. Advirto, porém, que a conta verde, collocada na extremidade superior, não saíu impressa com as cores proprias, assim como succedeu ás de n.ºs 4 e 7, que são tambem de côr tirante a verde.

Parece, pois, poder este caracteristico deixar presumir que a necropole dos Cômoros da Portella haja pertencido á primeira idade do ferro.

Em Silves e Estombar têem sido achadas muitas d'essas contas, principalmente das de fórma cylindrica, e são as que represento na est. XXX com a designação das ditas duas terras. Todas pertencem ao sr. Judice dos Santos, e estão depositadas no gabinete de numismatica e de outras antiguidades da bibliotheca nacional de Lisboa, a cargo do sr. Leite de Vasconcellos [1]. Não se sabe se appareceram em ruinas de edificios arrazados, ou

---

[1] O sr. J. Leite de Vasconcellos, já mui conhecido por seus trabalhos litterarios, descobriu ultimamente numerosos monumentos de todo o ponto valiosos, concernentes ao deus Endovellico ou Endovollico. D'este modo, sobre os que já eram conhecidos, vieram estes importantes subsidios, de que ainda estava carecendo a historia do paganismo lusitanico, permittir a elaboração de uma monographia especial, com que mui provavelmente o sr Leite de Vasconcellos completará este importante assumpto, já mui brilhantemente encetado pelo sr. Adolpho Coelho, na *Revista Archeologica*, com referencia á generalidade das divindades lusitanicas, pondo assim em relevo a sua exuberante erudição. Acabou-se, porém, a *Revista Archeologica*, porque Borges de Figueiredo, seu proprietario e laborioso director, cessou de existir, deixando no vasto campo da epigraphia romana e wisigothica, entre os mais adestrados interpretes, uma lacuna, que tão cedo não será facil supprir-se.

em sepulturas; mas nem por isso deixam ellas de caracterisar n'aquellas localidades a primeira idade do ferro. Estas contas ficaram um tanto reduzidas nas suas dimensões pela photographia.

Em Silves achou-se tambem a arma de ferro que represento com o n.º 1 na est. XXXIII, em que figuro as armas de Alcacer do Sal e de Hijes. A grossura do que parece ter sido espigão para o encabamento não mostra decrescimento, e por isso se póde julgar que a propria haste da lança seria de ferro, como o são algumas de Alcacer do Sal. Este exemplar pertence ao sr. Judice dos Santos.

Appareceram mais contas esmaltadas no vasto campo das ruinas de Ossonoba, por mim parcialmente explorado.

Ossonoba era uma opulenta cidade originariamente préromana; mas a área que occupou, caracterisa outras anteriores populações, como já mostrei, figurando os instrumentos de pedra e os de bronze, que alli descobri em cotas muito inferiores ás dos alicerces dos edificios romanos.

As contas, que na est. XXVIII figuro com o n.º 9, estavam um tanto abaixo dos alicerces dos edificios, indicando porventura a cota de nivel do plano correspondente á primeira idade do ferro. É toda verde e lisa a que se vê inferiormente; as duas lateraes, sub-cylindricas, são de duas cores, como indica a estampa, alternando-se em camadas horisontaes sobrepostas; a ultima é uma rodela ou marca semilenticular, de duas cores, com largo orificio no centro.

Nos terrenos das ruinas de Balsa, outra cidade préromana, em planos tambem inferiores aos dos alicerces dos edificios arrazados, colligi as que vão figuradas com os n.ºs 10 e 11. Julgo não ser preciso descrevel-as, por terem ficado sufficientemente perceptiveis. Advirto apenas, que as quatro superiores de n.º 10 são vertebras de peixe furadas, e que a inferior é uma agatha rematada superiormente n'um sulco circumdante, para poder ser usada como pinjente.

A carta paleoethnologica indica outros sitios com caracteris-

ticos isolados da primeira idade do ferro. Pela maior parte são fragmentos de louças préromanas, que tive o cuidado de colligir. Tenho alguns no museu do Algarve e outros nas collecções que posteriormente organisei. A sua descripção seria porventura fastidiosa, e por isso me abstenho d'esse inutil trabalho. Cheguei a mandar desenhar alguns exemplares; mas a estampa saíu de modo, que mal se podem perceber. A typica louça prehistorica tinha quasi totalmente sido substituida por outras fórmas, que tambem muito differem da ceramica romana.

O Algarve deve ter ainda um certo numero de estações d'essa idade, como o deixam presumir os vestigios esparsos que colligi; mas não me deram tempo sufficiente para as descobrir. Se alguma vez houver nas altas regiões da governação publica quem por estas cousas se interesse, não será difficil achal-as.

A primeira idade do ferro deve ter igualmente existido em todo o territorio nacional: alguns vestigios d'ella poderiam desde já ser indicados até o Minho e Traz os Montes; mas faltam-me esclarecimentos especiaes, e por isso receio deixar este assumpto em peior estado do que está. Se querem saber o que ha no nosso territorio, tratem de proceder ao reconhecimento das suas antiguidades, como ha muitos annos estou lembrando e até propondo. Antes d'isso pouco se póde dizer com a precisa segurança.

No littoral maritimo das terras transtaganas appareceram tambem muitas contas de vidro preto esmaltadas de branco. A 2 kilometros de distancia do mar, no sitio de Almogrebe, perto de Odemira, fazendo-se uma excavação, brotou um veio de agua, que na sua corrente poz á vista muitas d'essas contas, de que o benemerito dr. Abel da Silva Ribeiro conseguiu salvar mais de trinta de fórma espheroidal, entre as quaes havia duas de maior tamanho e uma subcylindrica, ornada de estrias brancas, dispostas em angulos parallelos, como me communicou em 1 de junho de 1889.

Constando, porém, ao dr. Silva Ribeiro, que Sua Magestade El-Rei o senhor D. Carlos I, então Principe Real, dedicava especial apreço ás antiguidades encontradas no territorio nacional, a

dois estoques de bronze, de que já dei noticia no capitulo antecedente, e a mais alguns instrumentos de bronze e de pedra, reuniu as referidas contas, e tudo isso offereceu a tão illustrado Principe, desejando d'este modo concorrer para que o futuro Rei continuasse a interessar o seu mui cultivado espirito pelo estudo das antiguidades da nação, para assim poder com mais segura consciencia determinar em opportuno tempo o seu geral reconhecimento e methodica organisação.

As contas de Almogrebe são as que represento na est. xxxi, junta a esta pagina, porque para este fim se dignou Sua Magestade mui benevolamente auctorisar-me; o que muito reconhecido e satisfeito aqui registro com o meu mais respeitoso agradecimento.

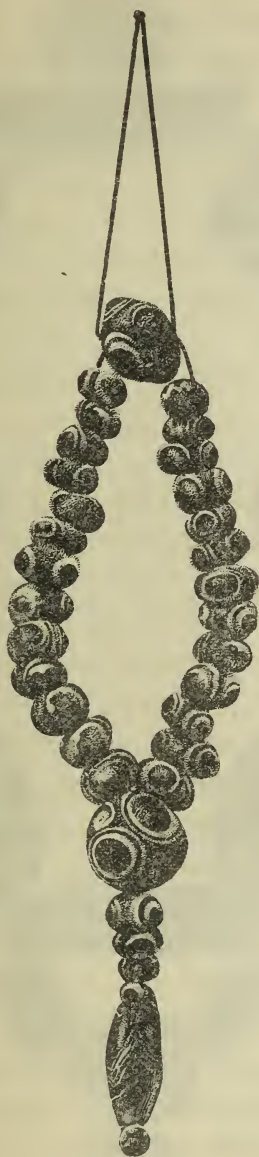
Sem grande risco de poder errar, parece-me ter havido em Almogreve uma estação de habitação, ou mortuaria, na primeira idade do ferro.

No museu da commissão geologica ha numerosas contas vitreas, pela maior parte incompletas, offerecidas áquelle museu pelo sr. Alfredo Ben-Saude, tendo-as comprado a um collector particular, que em reinos estrangeiros tem adquirido diversos objectos antigos, e por isso presume o sr. Ben-Saude que não fôssem achadas em terreno portuguez.

Apresentam estas contas muitas adherencias terrosas e outras, que parecem conter algum cimento de cal. D'este modo occorre que tenham sido depositadas em antigas sepulturas e n'esse acto quebradas para não poderem ser utilisadas por mais ninguem.

Dá-se porém um caso, que póde talvez deixar perceber a razão de apparecerem partidos tantos exemplares.

O chamado nicho da Magdalena, no claustro do convento de Chellas, é por dentro e por fóra guarnecido de contas identicas, e por outras de vidro preto opaco, das dimensões das contas usadas nos rosarios mais communs, manifestando a já indicada particularidade de estarem umas impregnadas de substancia terrosa endurecida como resultante do meio em que permaneceram talvez

Almogrebe (Odemira.)

Pertence a Sua Magestade El Rei D. Carlos I.

Est. XXXII

durante muitos seculos antes de terem mui fortuitamente sido trazidas para Chellas, ao passo que outras deixam perceber que foram intencionalmente partidas para assim poderem chegar para as linhas de guarnição do arco do nicho.

Consta que estas contas são mui frequentes e abundantes em antigas sepulturas da Africa septentrional, deixando assim presumir a sua proveniencia egypciaca, ou talvez antes carthagineza; e póde-se igualmente presumir, que, durante o predominio portuguez n'aquellas paragens, após a conquista de Ceuta, fôssem trazidas para o reino e mui devotamente offerecidas ao convento de Chellas e ao de Marvilla, onde tambem houve outras similhantes guarnições decorativas, em que entraram estas contas, do mesmo modo assentes em cimento de cal e areia fina.

Parece-me, pois, mais provavel que as contas existentes no museu da commissão geologica, que represento na est. XXXII, junta a esta pagina, tenham sido extrahidas do convento de Chellas, onde faltam muitas, ou mais provavelmente do de Marvilla, onde já não ha signal d'ellas, como prova do vandalismo com que tantas cousas dignas de conservação têem sido condemnadas ao mais completo aniquilamento.

Nas minhas collecções, não depositadas no museu, tenho alguns fragmentos d'essas contas, permittindo dois d'elles, de secção transversal, deixar conhecer a fórma, a disposição mechanica e as cores, de que se serviram os fabricantes de vidro opaco.

Estas contas são de fórma externamente cylindrica, umas revestidas de azul e outras de côr verde; e sendo formadas por sete camadas concentricas canaliculadas, vejo no exemplar que tenho presente, que a primeira camada, de côr azul, foi formada em torno de um eixo metallico, sendo-lhe logo abertas as caneluras para serem cobertas por outra camada branca da mesma fórma, atravessada porém longitudinalmente por nove orificios, que parece terem sido enfiados por arames, apesar de alguns serem extremamente pequenos. Segue a terceira camada azul, coberta por outra branca, mui tenue, e toda arqueada. Outra camada de côr vermelha assenta sobre a orla branca e termina por outra orla

branca. Finalmente, uma camada lisa, azul ou verde, dá ao artefacto a fórma cylindrica. Para, porém, as ultimas cinco camadas ficarem visiveis, a conta foi chanfrada em seis facetas decrescentes, a um terço de cada extremidade, onde em plano horisontal ou ligeiramente obliquo, ficou figurada a fórma hexagonal.

Estas contas são de mui variadas dimensões: as que tenho á vista medem no eixo langitudinal entre 0m,035 e 0m,045, e de diametro 0m,034 e 0m,026. São identicas ás duas que o sr. Ladislau Netto possue no museu do Rio de Janeiro, provenientes do logar de Linha Grande, na provincia do Rio Grande do Sul, e mui provavelmente ás que hão sido achadas na America do Norte.

As chamadas contas tubulares apresentam o mesmo processo de fabricação. O exemplar que tenho á vista represênta um parallelipipedo de quatro faces iguaes, com cinco camadas de tres cores, azul, branca e vermelha, sendo a externa dividida em listas parallelas de azul escuro e azul claro.

Os parallelipipedos, depois de formados, soffriam ligeira torsão e eram retalhados em pedaços desiguaes, tendo geralmente uma só extremidade minguadamente cortada em quatro facetas para deixar ver as cores.

Na est. XXXII figuro seis d'estes tubos. O que estou vendo, mede de comprimento 0m,45, e entre as faces externas 0m,013. Outros accusam varias dimensões. Este esteve assente em cimento de cal, e por isso tambem o julgo tirado do nicho de Chellas ou do convento de Marvilla.

Quem, atravez de uma influencia reconhecidamente romana, não vê na Citania de Briteiros, e mais ainda em Sabroso, onde quasi nenhum romanismo se observa, um conjuncto de caracteristicos architectonicos, esculpturaes, decorativos e industriaes, testemunhando nas cristas d'aquellas collinas, como n'outras muitas do Minho, uma civilisação muito anterior ao dominio romano, tendo porém continuado a sua existencia até essa epocha transformadora de todas as rudezas anteriores?

Digam, como se diz no *Compte rendu* do congresso de Lisboa (pag. 662), que tudo aquillo está repassado do estylo oriental e

que fôram os phenicios os instauradores d'esse estylo n'aquellas solitarias paragens, emquanto eu as considero outr'ora habitadas e defendidas por populações indigenas, e desde a ultima idade da pedra, como o deixam entender os numerosos instrumentos de varias rochas, que as explorações do benemerito Martins Sarmento pozeram á vista.

É notavelmente assombroso o conceito que logo occorre, de fazer intervir a influencia phenicia ou hellenica em todas as cousas antigas de origem desconhecida, tirando-se assim á gente indigena a peculiar faculdade de qualquer iniciativa propria do entendimento humano!

Que o commercio, principalmente alguns seculos antes da nossa era, logo que a navegação adquiriu maior actividade, chegou a introduzir nos portos maritimos do Mediterraneo e do Atlantico numerosos productos estrangeiros, é cousa facil de se entender; mas durante o tempo em que o valor monetario ainda não entrava em permutações, forçoso é tambem admittir que os productos recebidos eram trocados por outros.

O que não é racional pretender-se, é que os phenicios fôssem os primeiros navegadores e commerciantes, quando já demonstrado está, que os povos maritimos do Mediterraneo e do Atlantico exerciam a navegação desde a ultima idade da pedra. Não se póde mesmo julgar que os phenicios tivessem melhores meios de transporte maritimo do que tinham as nações que com elles commerciavam, pois é insuspeita a palavra do sr. Maspero [1], que nos diz, narrando a regularidade das carreiras entre Cadiz e Tyro, qual era a possança d'esses barcos de transporte: «Les petits navires des anciens ne pouvait parcourir un chemin aussi long sans s'arrêter souvent, soit pour se garer du mauvais temps, soit par renouveler leurs provisions».

Portanto, os productos de industria estrangeira que se acham nas estações da primeira idade do ferro na Europa, tanto podiam

[1] *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, pag. 316.

ser trazidos pelos phenicios, como pelos navegadores indigenas, em troca dos valores que transportavam.

O que sobretudo suscita a minha admiração, é que a perspicacia dos archeologos tenha podido reconhecer tantas cousas de origem estrangeira na Europa, e ainda não tivesse até hoje descoberto um unico producto europeu em algum dos grandes fócos da industria asiatica.

Voltando, finalmente, aos caracteristicos de Briteiros e de Sabroso, presumo reconhecer alli os vestigios de uma população indigena, que desde a ultima idade da pedra foi subsistindo até ás primeiras idades do ferro e ainda posteriormente á epocha do dominio romano. Quando se chegar a descobrir as necropoles correspondentes ás differentes epochas em que viveram aquelles antigos povos, talvez possam ellas elucidar este assumpto com mais seguro fundamento.

Á falta de esclarecimentos dignos de confiança, deixo de indicar outros pontos do reino já assignalados com alguns caracteristicos da primeira idade do ferro; mas não posso encerrar este capitulo sem registrar a sua existencia nas proximidades de Alcacer do Sal.

Por uma escriptura celebrada em 9 de fevereiro de 1876, entre Antonio de Faria Gentil e sua mulher, e o marquez de Sousa Holstein, vice-inspector da academia de bellas artes, contratou este outorgante a acqusição de varios objectos archeologicos para o museu de bellas artes, pelo custo de 3:000$000 réis pagos em prestações, com os referidos outorgantes, proprietarios de uns terrenos proximos de Alcacer do Sal, de que foram extrahidos os ditos objectos, e além d'estes os que por livre exploração, concedida ao dito vice-inspector da academia de bellas artes, houvessem de ser descobertos.

Examinei os ditos objectos, juntamente com o sr. Carlos Teixeira de Aragão, a pedido da referida academia, e de todos tomei apontamento. Citarei, porém, aqui sómente aquelles que nos terrenos do sr. Antonio de Faria Gentil, perto de Alcacer do Sal, caracterisam uma estação da primeira idade do ferro.

Instrumentos de ferro

Quinze lanças com hastes de ferro, pela maior parte incompletas, tendo a haste irregularmente enrolada.

Vinte e seis ferros de lanças de differentes grandezas e fórmas, de armar em haste de madeira.

Seis ferros pontagudos *(cuspis)*, de encabar em hastes de madeira.

Um dardo de ferro.

Oito *glaudius* (?) e dezeseis fragmentos de bainhas de ferro.

Oito armas de ferro (copis?).

Quatro cutellos da fórma de folha de navalha.

Um freio de cavallo e tres fragmentos de outros.

Um arco, em cinco pedaços, que parece ter circumdado uma roda de madeira.

Um instrumento pontagudo n'uma extremidade e achatado na outra, estando no meio d'esta atravessado por uma cavilha.

Quinze pregos.

Relacionei tambem varios artefactos de cobre e bronze, que podem ter sido achados com os de ferro, taes como algumas fibulas, uma lança de cobre de alvado, chapas de acolchetar cinturões, braceletes e anneis de cobre, etc.

Ceramica

Duas urnas de barro de côr escura com figuras emblematicas pintadas, das vulgarmente chamadas etruscas, ou gregas, sendo desiguaes nas dimensões.

Um disco do mesmo barro das urnas [1].

---

[1] Visivelmente, ás explorações de Alcacer presidiu uma grande ignorancia: tudo ficou confundido, e, segundo parece, não colligiram fragmentos de outras louças grosseiras, que deixassem conhecer a pasta ceramica, as formas e a qualidade do trabalho. A academia de bellas artes tambem repelle as louças quebradas, e todavia quer ter um

Quatro fragmentos de pratos do mesmo barro, com pinturas similhantes ás das urnas.

Nenhuma noticia me foi possivel colligir ácêrca das condições em que fôram achados os referidos objectos. Não se póde, pois, saber se appareceram em ruinas de antigas habitações ou em sepulturas, e a que distancia, em profundidade, estavam dos objectos romanos. Se o marquez de Sousa, meu antigo amigo e collega, tomou a este respeito alguns apontamentos particulares, como julgo proprio do seu illustrado entendimento, não os transmittiu ao archivo da academia de bellas-artes.

Para se conhecer a fórma de algumas d'aquellas armas de ferro, figuro quatro exemplares na est. XXXIII, junta a esta pagina.

O n.º 4 é uma adaga de curtas guardas, que se achou com a folha recurvada, e por isso é mui provavel ter sido extrahida de sepultura ou monumento funerario.

Na Hispanha, como adiante mostrarei, tambem se tem achado armas de ferro torcidas, assim como nas provincias balticas da Russia, principalmente na Livonia e na Curlandia. Worsaae[1] explica o uso de torcer ou dobrar as espadas e as lanças de ferro nos termos seguintes: «Les armes ont peut-être été tordues, en vertu d'un usage réligieux ayant de l'affinité avec les offrandes faits aux dieux après les victoires, *offrandes qui étaient fort répandues dans l'Europe occidentale*».

N.º 5. Difficil é achar um termo convenientemente adaptavel a esta arma de guerra, que por emquanto apenas sei ter sido encontrada em Portugal e no territorio italico, outr'ora etrusco, sendo porém mui provavel achar-se tambem em outras paragens do Mediterraneo.

Á falta de outro termo, parece que o de alfanje, ou alkhanjar, arma curta, convexa pela cota e pelo fio, seria o que melhor idéa

---

museu archeologico antes de perceber o que deve ser e significar um tal museu! Os sabios que o querem, têem ainda muito que aprender! Melhor fôra que organisassem mais racionalmente o museu de bellas-artes.

[1] *La colonisation de la Russie et du nord scandinave*, pag. 84.

Primeira idade do ferro

Est.a XXXVIII

1 2 4 5 5 6 7 8 9 11 12 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24

poderia dar d'esta terrivel successora das armas de bronze, de que ha alguns exemplares, extrahidos dos terrenos de Alcacer do Sal, no museu de bellas-artes.

Estas armas são inteiriças e bem forjadas, e os punhos, rematados n'algumas em cabeça de cavallo, parece terem sido guarnecidos de madeira. Podiam ferir de ponta, mas o seu principal golpe era de cutelo, como bem o mostram os desenhos que o sr. Cartailhac[1] tirou de uns vasos gregos ou etruscos, em que é figurado um guerreiro descarregando o golpe n'um inimigo já prostrado. Estas armas diz o sr. Cartailhac terem apparecido em jazigos do v ou do iv seculo anterior á era christã; mas como não houve synchronismo em toda a parte para cada idade, podem trazer sua origem de data muito anterior e ter continuado o seu uso por largo tempo nos paizes, onde a primeira idade do ferro é relativamente mais antiga.

Esta prioridade só a podem, porém, manifestar os jazigos em que taes armas sejam acompanhadas de mais alguns caracteristicos da primeira idade do ferro, não contrariados por outros já pertencentes a uma phase mais adiantada.

Não seria talvez difficil poder-se ainda fazer este reconhecimento, procedendo-se a excavações methodicas no mesmo campo em que aquellas armas appareceram.

N.º 3. É uma espada curta, ou terçado de dois fios, de guardas pouco salientes, com o punho rematado lateralmente em dois engrossamentos espheroidaes; tem bainha de ferro terminada n'outro engrossamento e duas passadeiras com suas argolas para se poder suspender por cordões ou correias de talim. No museu de bellas-artes ha muitos fragmentos d'estas bainhas de ferro.

N.º 2. Cabeça de lança de fórma prismatica, rematada em punho ôco ou de alvado para poder ser hasteada em vara de madeira. Mostra ter soffrido uma ligeira torsão. Ha mais exemplares

---

[1] *Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal.*

no museu de bellas-artes. Não ha originalidade n'estas lanças; o seu modelo acha-se nas de bronze, da epocha anterior.

Em presença de tão numerosos caracteristicos da primeira idade do ferro, forçoso é considerar o terreno de Alcacer do Sal, em que appareceram, como séde de uma estação d'essa idade.

Na Hispanha está igualmente verificada a primeira idade do ferro. Não posso n'este momento occupar-me em reunir os diversos caracteristicos que a primeira industria do ferro deixou em varias provincias. Limito-me a dar simples noticia de uma estação, que julgo mui bem comprovada.

Ha mais de quarenta annos emprehendeu D. Francisco de Paula Nicolau Bofarull, secretario do governo da provincia de Guadalajara, uma exploração archeologica na villa de Hijes, onde desde antigos tempos se conservava a tradição de ter havido uma grande povoação, que de todo se extinguiu n'uma epocha de que não ha noticia escripta.

Começaram as excavações n'uma planicie proxima da villa e ahi foram descobertas muitas sepulturas em profundidade de duas a duas e meia varas, como refere o n.º 29 de 21 de julho de 1850 do *Semanario pintoresco español*, onde estão estampadas varias armas de ferro e algumas urnas de barro encontradas n'aquelles jazigos, que o dito periodico descreve n'estes termos:

«Grandes losas de piedras arenosas y pizarras colocadas de canto y que forman uma especie de callejon, sirven de reparacion de las ollas en que se encuentran depositadas las cenizas de los guerreros, pues no parece deben ser otra clase de difuntos los que alli se colocasen, atendido á que en lo general si hallan bajo la urna armas, si bien se encuentran en algunas de aquellas urnas varios adornos de alambre, que se cree lo serian de mujeres. Las urnas colocadas de saliente á poniente, se ven perfectamente conservadas y en varias se hallan bolas de barro de diferentes figuras, cuya significacion se ignora.»

O explorador, além de achar nas sepulturas «una infinidad de ollas ó urnas cinerarias, alfanges, lanzas, dagas, bocados y fragmentos de lámparas inestinguibles», descobriu restos de edi-

ficios arrazados no proprio logar em que se diz ter existido a povoação.

O *Semanario pintoresco* descreve assim os objectos estampados, e que eu aqui reproduzo para se ver a grande similhança que ha entre alguns e os de Alcacer do Sal, e notar-se mui principalmente a feição de aperfeiçoamento que já então começavam a manifestar os productos ceramicos.

«Las cinco vasijas que se ven en la parte superior (n.os 6 a 10) que eran las destinadas á conservar las cenizas, son de barro cocido y tienen el color encarnado de los cacharros de ahora; la del centro se halla cubierta por un tapon que ajusta en la boca de la olla; los cuatro objetos mas pequeños que se ven entre los dos segundos son tambien de barro y se ignora su uso[1].» (N.os 11 a 14.)

«Los cuchillos y lanzas de la parte inferior son de hierro ó acero; uno de ellos está doblado por la punta (n.º 21) como aparece en el grabado. No sabemos á punto fijo que sean las piezas que se ven al principio de la última fila (n.º 16): lo primero es un hierro con tres espirales de alambre perfectamente templado, que acaso serian parte de algun adorno de mujer; las dos piezas siguientes (n.º 17) debian formar unas tigeras.

«En otra viñeta hallarán tambien nuestros lectores la copia de un broche del cinto de una espada (n.º 24), hallado tambien entre los objectos de que nos occupamos. Es de bronce y se halla tan deteriorado como lo indica el dibujo.»

Não resta duvida alguma de que, tanto em Portugal como na Hispanha, á já demonstrada idade do bronze, succedeu a primeira idade do ferro, fazendo raiar nos horisontes do futuro as precursoras auroras do progresso das nações e da humanidade, e radicando em toda a parte as mais robustas e laboriosas civilisações sociaes.

Entre todas as riquezas com que a natureza physica dotou o

[1] São mui provavelmente pesos ou cabeças de fusos, mui frequentes em estações prehistoricas de epochas ainda mais remotas.

mais intelligente e perfeito dos seus immensos seres animados, resáe o ferro, como devendo ser o mais poderoso elemento da sua prosperidade e das suas grandezas.

Não somos nós hoje os unicos panegyristas d'esse metal valiosissimo, de que absolutamente dependem todas as industrias que enaltecem a possança intellectual das sociedades modernas: teve já outros que nos precederam; outros que logo comprehenderam o valor d'essa conquista sublime do entendimento. O seu panegyrico está feito por muitos escriptores classicos e realçado ainda pela inspiração poetica.

Corriam já em apressurada decadencia os ultimos alentos da chamada cidade eterna e capital do mundo, quando Claudio Rutilio Numaciano, dois annos depois de ter sido o prefeito de Roma, e que de Roma tinha feito uma segunda patria, se víra forçado a voltar á Gallia, onde havia nascido. No seu melancholico e saudoso adeus de despedida a essa terra das suas mais gratas recordações, por elle intitulado *De reditu suo itinerarium*[1], ao avistar a ilha de Elba, já desde muito tempo celebrada por suas riquissimas minas de ferro, não póde deixar em deslembrança as excellencias d'este metal, que elle denomina fecundo promotor das riquezas da terra e poderoso defensor do homem.

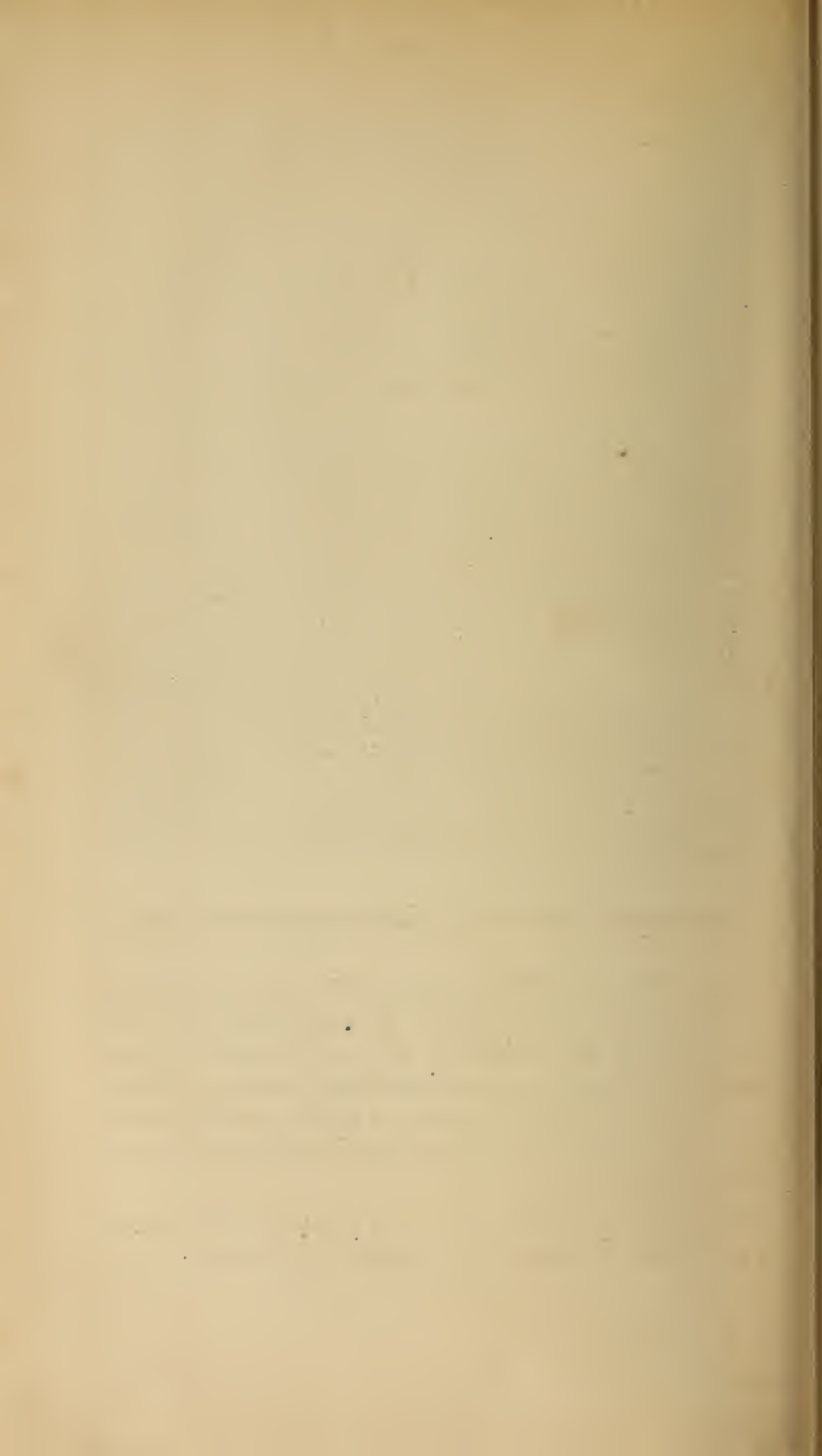
D'este modo, diz o poeta, que se a furiosa ambição pelo ouro derrama a corrupção nas cidades, com o ferro é que o homem rompe a terra inculta para fazer brotar a abundancia e a riqueza, e arma e braço contra o ataque dos inimigos.

Auro victa fides munitas decipit urbes:
Auri flagitiis ambitus ipse furit.
Ad contra ferro squalentia rura coluntur:
Ferro vivendi prima reperta via est.
Saecula semideum, ferrati nescia Martis,
Ferro crudeles sustinuere feras.
Humanis manibus non sufficit usus inermis,
Si non sint aliae, ferrea tela, manus.

[1] Cl. Rutilius Numantianus — *De reditu suo itinerarium*, vers. 361 a 368.

Longe estava, porém, Claudio Rutilio de imaginar a que sublimes applicações chegaria quatorze seculos depois o precioso metal, que elle, no seu doloroso adeus a Roma, preconisava sobretudo como simples agente que fazia brotar a abundancia dos seios da terra, e armava a mão do homem para defender a existencia; porque ainda não ha um seculo que o progresso das sciencias physicas e mathematicas inspirou os maravilhosos descobrimentos da força expansiva do vapor applicada a todas as industrias, á viação terrestre e á navegação, levando as invenções mechanicas e as suas apropriações a um estado de admiravel perfeição, outr'ora inconcebivel, e que o fluido electrico poderia supprir na terra o limpido clarão da luz siderea, e ser em todo o mundo o instantaneo transmissor da idéa, da palavra e dos proprios sons articulados!

Com referencia, porém, ao grau de civilisação das populações da idade do bronze, o descobrimento do ferro e dos seus primitivos methodos de reducção, a sua manipulação e emprego em diversos usos da vida, foi relativamente tão util e de tão efficaz transformação social, como no estado actual da civilisação moderna, que nada dispensa, porque tudo concebe e realisa.

O ferro constituia então uma epocha ou idade de prospero progresso, e essa idade e progresso provado fica terem succedido no actual territorio portuguez á idade do bronze.

VII

SUMMARIO

Suppostas origens da palavra escripta.—Pretende-se derivar do systema graphico pheniciano toda a copiosa serie de escripturas que existiram e existem em toda a superficie do globo.—Examina-se este espantoso aphorismo e repelle-se a sua veracidade.—Mostra-se que o systema graphico luso-iberico não descende do elemento pheniciano, e que a epigraphia paleoethnologica peninsular representa as mais antigas manifestações paleographicas.—Monumentos epigraphicos peninsulares que comprovam esta asserção em vista da rigorosa classificação archeologica das estações em que fòram descobertos.—Prova-se que a epigraphia luso-iberica, amplamente diffundida em varias regiões geographicas durante a primeira idade do ferro, já existia na idade do bronze em todo o territorio peninsular e muito anteriormente na ultima idade da pedra.—Invoca-se a exhibição de um documento graphico de origem asiatica, egypciaca, ou de qualquer outra região, que haja sido descoberto n'uma estação e entre caracteristicos de antiguidade superior á dos monumentos peninsulares que se representam, e descrevem n'este e nos antecedentes capitulos d'este livro —Chega-se emfim á conclusão de que todos os systemas graphicos, compostos na sua maioria de caracteres identicos ou similhantes aos dos mais antigos padrões epigraphicos d'esta região, forçoso é considerarem-se derivados das mais antigas manifestações graphicas da peninsula luso-iberica.

A epigraphia luso-iberica dos tempos prehistoricos

Numerosos sabios, desde os mais antigos tempos classicos até estes ultimos dias da era corrente, hão empenhado todas as faculdades do seu entendimento, a sua vasta erudição e os mais engenhosos processos de atilada investigação critica para descobrir as origens da palavra escripta, e a filiação das diversissimas linguas que em quasi todo o mundo ficaram memoradas por seus privativos caracteres.

Recorreu-se mui naturalmente aos escriptores mais antigos, aos documentos dos tempos mais remotos e ás tradições dos po-

vos, que, no conceito historico, se tinham perpetuado por seu maior grau de civilisação, suppondo-se que este conjuncto de elementos, habilmente combinado, bastaria para se chegar a uma solução definitiva.

Enganaram-se!

Uns, olhando sómente para a Biblia, dão a toda a linguistica uma origem commum, filiada na mais antiga lingua judaica, como refere o sr. Hovelacque [1], sem comtudo perfilhar este conceito.

Outros querem que o Egypto iniciasse o caracter alphabetico, e que durante o reinado dos Pastores, os cananéos escolheram, entre as fórmas da escripta cursiva, um certo numero de caracteres correspondentes ás articulações fundamentaes da sua lingua, como propoz mr. de Rougé [2].

Champollion [3] tinha, porém, anteriormente ido mais longe, pretendendo que o alphabeto pheniciano se derivava dos hieroglyphos do Egypto; mas o aphorismo de mr. de Rougé teve quasi geral acceitação, sobretudo desde que estabeleceu a comparação dos dois alphabetos, estampando os caracteres do pheniciano ao lado dos do cursivo egypciaco, como o sr. F. Lenormant [4] confirma, dizendo ser deduzido do typo dos papyros das XVIII.ª e XIX.ª dynastias; o que não abona a grande antiguidade a que se tem pretendido levar o alphabeto dos phenicios [5].

O sr. Maspero, reproduzindo os dois alphabetos, confirma a opinião do sr. de Rougé e do sr. Lenormant, dizendo:

«L'alphabet phénicien se compose de vingt-deux lettres, dont

---

[1] *La Linguistique* (1881), pag. 240: «Au surplus on comprend assez quelle sorte d'intérêt pousse ces derniers tenants de la sainte Ecriture à assigner à toutes les langues de l'univers une origine commune, et combien il leur importe, en particulier, de les rattacher plus ou moins directement à la prétendue langue du prémier des Juifs.»

[2] *Mém. lu en* 1859, *devant l'Académie des inscriptions,* publié en 1874. Cit. par M. Maspero.

[3] Maspero — *Hist. ancienne des peuples de l'Orient*, pag. 745.

[4] Lenormant — *Dicc. des antiq. grecques et romaines*, par Daremberg et Saglio, tom. I, verb. *Alphabetum*.

[5] A XXXVIII dynastia, diz Lyell, corresponde proximamente ao anno 1450 a. de J. C., e a XIX ao anno 1300.— Lyell — *Ancienneté de l'homme*, pag. 43 e 44 — 1870.

quinze sont assez peu altérées pour qu'on reconnaisse leur prototype égyptien du premier coup d'œil, et dont les autres se ramènent au type hiératique sans blesser les lois de la vraisemblance.» Ao passo, porém, que reconhece ter sido *derivado* completamente do cursivo egypciaco, affirma na pagina antecedente que «les phéniciens *inventèrent* l'alphabet proprement dit.»!

E continúa o sr. Maspero (pag. 746):

«Cet alphabet, employé d'abord dans le pays de Canaan, s'y modifia selon les localités et forma successivement les alphabets araméens, palmyréniens, hébreux. Transporté par les sidoniens et les tyriens dans les contrées où les menait le commerce, il devint comme la souche commune d'où se détachèrent tous les alphabets du monde connu, depuis l'Inde et la Mongolie, jusqu'à la Gaule et l'Espagne. Je n'ai pas à m'inquiéter ici des systèmes qu'il enfanta chez les peuples de l'extrème Orient ou de l'extrème Occident: il me suffira de montrer comment de Phénicie il passa en Grèce, puis de Grèce en Italie.»

Servindo-se quasi dos mesmos termos, já o sr. Lenormant tinha dito:

«Tous les alphabets proprement dits, qui ont été ou qui sont encore en usage sur la surface du globe, se rattachent plus ou moins immédiatement à l'invention des phéniciens et sortent tous de la même source, dont ils sont éloignés à des degrés divers.»

O sr. Lenormant segue ainda, dizendo «que o mais antigo alphabeto grego se deriva do pheniciano e que a nomenclatura das letras phenicianas foi conservada pelos hebreus».

Isto mesmo confirma o sr. Maspero, expressando-se assim:

«Les grecs connaissaient l'origine phénicienne de leur alphabet. La tradition la plus accréditée, parmi eux, attribuait à Kadmos l'honneur d'avoir le premier répandu l'écriture sur le continent européen; d'autres légendes nommaient, au lieu de Kadmos, Orphée, Linos, Musée, et surtout Palamède.»

É sobremodo notavel a indifferença com que o famoso Mercurio — o deus das letras — permittiu que tantas entidades figurassem na elaboração e na propagação do systema graphico, que

os inspirados phenicios tinham *inventado* no paiz de Cananéa! Não fez boa figura!

Não é tambem menos de admirar que o alphabeto pheniciano, que *já sabemos* ter-se derivado do cursivo egypciaco, tendo sido implantado na Grecia, fôsse depois pela Grecia transmittido á Italia, quando o sr. Maspero, que todas estas cousas nos ensina, reconhece ao mesmo tempo, que se os povos da Italia tivessem adoptado o systema graphico dos phenicios, mal se poderia explicar no alphabeto etrusco a presença de letras *que não são de origem pheniciana:*

«Si les peuples de l'Italie avaient emprunté directement aux phéniciens leur système graphique, on s'expliquerait difficilement la présence dans l'alphabet étrusque de lettres *qui ne sont pas phéniciennes d'origine.* Tacite a eu raison d'affirmer que les étrusques reçurent des grecs l'usage de l'écriture, et l'étude des monuments prouve qu'il faut étendre son assertion aux autres peuples italiens.» (Pag. 750.)

De tudo isto já evidentemente se deduz, que todos os alphabetos *du monde connu* são derivados do typo cursivo egypciaco dos papyrus das XVIII.ª e XIX.ª dynastias: portanto, anteriormente a essa epocha, só existia em todo o mundo o alphabeto hieratico ou cursivo, precedido dos hieroglyphos; mas, segundo as affirmações do sr. Maspero, temos por um lado, que «*les phéniciens inventèrent l'alphabet proprement dit*» (pag. 745), e por outro lado que não inventaram cousa alguma, porque em vista do referido quadro comparativo do sr. de Rougé, elles *simplesmente copiaram* os caracteres cursivos do alphabeto dos egypcios, porém n'uma data que, á falta de documentos, não se póde levar além da mais antiga que designa o sr. Lenormant para os monumentos de Théra, nem além da que corresponde aos papyrus das XVIII.ª e XIX.ª dynastias, isto é, uns 1800 annos antes da nossa era.

Fica-se porém não pouco perplexo quando o sr. Maspero, depois de reconhecer que os povos da Italia não receberam dos phenicios o seu systema graphico, e que o alphabeto etrusco se compõe de letras que não são de origem pheniciana (pag. 750).

pretende ao mesmo tempo que a Italia o recebesse da Grecia (pag. 746), pois tendo igualmente affirmado que a Grecia recebeu da Phenicia o seu alphabeto, não se póde entender como o alphabeto etrusco e dos outros povos italicos, se compõe de letras *que não são de origem pheniciana.*

Como foi, pois, que sendo o alphabeto dos phenicios «la souche commune d'où se détachèrent tous les alphabets du monde connu, depuis l'Inde et la Mongolie, jusqu'à la Gaule et l'Espagne», não conseguiu introduzir-se na Etruria e nos outros territorios da Italia, se fôram os phenicios que o implantaram na Grecia e o levaram a todos os portos do seu commercio?

De que modo e quando o alphabeto pheniciano chegou á peninsula hispanica já o sr. Maspero nos fez saber, descrevendo o paiz dos Tartessos dos gregos, com suas planicies banhadas pelo Betis (Guadalquivir) e o Anas (Guadiana), como sendo uma das regiões do mundo antigo mais fecundas de ricas producções, entre as quaes abundava o ouro, a prata, o estanho, o cobre e o ferro, e dizendo que todos estes attractivos alli levaram muitas vezes os phenicios, antes mesmo de fixarem no paiz as suas colonias.

«Leurs plus anciennes colonies (refere o illustre orientalista e historiador), paraissent avoir été Six, en deçà des Colonnes d'Hercule, et Onoba au delà. Enfin, une escadre tyrienne arriva dans ces parages vers l'an 1100 avant notre ère, débarqua des colons sur une petite île longue, étroite, à peine séparée de la côte par un filet d'eau, et y construisit Gadir. Gadir devint bientôt, grâce à son admirable situation, le centre des possessions phéniciennes en Espagne, Carteia, Malaca, Abdera. De Tyr à Gadir et de Gadir à Tyr, les communications furent bientôt aussi régulières et aussi complètes qu'entre Chypre et la Phénicie.» (Pag. 315.)

Pelo que genuinamente se deprehende das narrativas d'este historiador, os phenicios introduziram na Hispanha o seu alphabeto e o seu systema graphico n'uma epocha que póde ser anterior á da fundação de Gadir no XI seculo, mas que não se julga poder ultrapassar o XII antes da nossa era.

N'este caso, a paleographia luso-hispanica, com que os phe-

nicios vieram illustrar esta região, conta apenas 3100 annos de existencia.

N'este ponto parece, porém, não haver a mais exacta concordancia entre o sr. Maspero e o sr. Lenormant, quando este insigne auctor nos diz:

«Nous croyons pouvoir fixer approximativement l'âge des inscriptions de Théra dans le IXe siècle avant notre ère et la première moitié du VIIIe pour les plus anciennes, du milieu du VIIIe siècle au milieu du VIIe pour celles de la date intermédiaire, enfin entre la XXXe et la XLVe Olympiade, c'est-à dire dans la seconde moitié du VIIe siècle pour les plus récentes.

«Cette manière de voir place encore l'exécution des plus anciennes plusieurs siècles après le premier établissement des phéciens a Théra et la colonie de la Béotie, deux événements dont nous avons essayé, dans un autre travail, de déterminer la date et auxquels doit être rapportée la première introduction de l'alphabet parmi les populations de la Grèce.

«Mais les phéniciens s'étaient maintenus à Théra, de même qu'à Mélos, beaucoup plus tard que dans le reste de l'archipel; ils y étaient restés maîtres jusqu'à la venue des doriens; par suite, les plus anciennes inscriptions de cette île parvenues jusqu'à nous touchent presque à l'époque où les fils de Chanaan y dominaient encore d'une manière directe.» (Pag. 195. *Dicc. des ant. gr. et rom.)*

Não deixa de ser notavel que a mais antiga inscripção de Théra pertença a uma epocha comprehendida entre o IX seculo anterior á nossa era e a primeira metade do VIII, tendo os phenicios occupado aquella ilha muitos seculos antes, isto é, quando introduziram na Grecia o seu alphabeto; pois, ou mui tarde chegou aos phenicios de Théra o furor epigraphico, ou os seus primitivos monumentos não fôram ainda descobertos.

Levados, emfim, os expendidos conceitos a estes singularissimos apuramentos, duas questões prévias disputam entre si a primasia: 1.ª, se os monumentos epigraphicos de caracteres não ainda decifrados, encontrados em Portugal e na Hispanha, estão grava-

dos em caracteres phenicianos, dos que o sr. de Rougé e Maspero derivam dos caracteres hieraticos egypciacos (pag. 745); 2.ª, se as condições archeologicas dos jazigos peninsúlares com taes inscripções podem concordar com a data da pretendida introducção dos caracteres phenicianos na Hispanha.

Quanto á primeira questão, muito poderia eu dizer, se tratasse de comparar os caracteres das inscripções e das medalhas peninsulares com as do alphabeto pheniciano de vinte e duas figuras, que o sr. Maspero achou ser derivado do cursivo ou hieratico egypciaco. (Pag. 745.)

Para mostrar que os povos peninsulares não se serviram de tal alphabeto, mas que, pelo contrario, antes parece terem contribuido para a sua formação, bastará dizer, que, na paleographia peninsular, representada pelos monumentos de pedra, numismaticos, e até por algumas rochas *in situ*, ha, com raras excepções, todos os caracteres que se acham nas mais antigas inscripções phenicianas de Carthago[1], de outras regiões do Mediterraneo, e ainda muitos mais.

Muitas outras considerações em reforço do meu conceito podéra aqui adduzir, se este assumpto não tivesse em breve tempo de ser amplamente tratado por um especialista, que durante muitos annos lhe dedicou os seus mais assiduos cuidados.

É o sr. João Bonança, meu illustre amigo e conterraneo, quem vae occupar-se do estudo das linguas primitivas da Europa, e mui especialmente da peninsula luso-hispanica, no segundo volume da *Historia da Luzitania e da Iberia*. Ahi, tendo em vista o seu programmã, serão ordenados todos os caracteres paleographicos dos monumentos peninsulares já conhecidos, e designados os seus respectivos valores, para d'este modo se poderem applicar ao exame e interpretação das inscripções monumentaes e das legendas

---

[1] *Inscriptions in the Phaenician character, now deposited in the British Museum, discovered on the site of Carthage — During researches made by Nathan Davis, Esq.*— 1862.
Corp. inscrip. semiticarum, pub. pela Acad. das Inscrip., 1881-1885.

monetarias, sendo mui provavel que um tão laborioso e illustrado escriptor, para poder attingir um tão brilhante resultado, haja minuciosamente examinado as verdadeiras origens da paleographia peninsular.

Entretanto, com referencia a esta primeira questão, não posso deixar passar sem formal objecção a aventurosa affirmativa do sr. Maspero, de «ter sido o alphabeto phenicio transportado pelos sidonios e os tyrios, que deu origem aos da Gallia e da Hispanha». (Pag. 746.)

Já vimos, segundo os conceitos do illustre orientalista, que o primitivo alphabeto phenicio se derivou do typo hieratico ou cursivo da paleographia dos papyrus indicados pelo sr. Lenormant; que os phenicios implantaram na Grecia o seu alphabeto; que a Grecia transmittiu á Etruria e aos outros povos da Italia o seu systema graphico; e que os sidonios e os tyrios introduziram o alphabeto na Gallia e na Hispanha.

De tudo isto resulta, que da paleographia hieratica do Egypto descendem todas as escripturas semiticas e não semiticas, mas que fôram os phenicios os seus grandes propagadores.

Dá-se, porém, um caso de todo o ponto singular, deixando desde logo entrever, que a origem das linguas escriptas não é cousa tão certa e bem averiguada como se affirma.

Alguns sabios estrangeiros, e mais especialmente a academia das inscripções, composta dos mais abalisados orientalistas, não só dão como interpretados os hieroglyphos, a escriptura hieratica e a demótica dos egypcios, como toda a epigraphia archaica dos gregos. Além d'isto, tudo quanto tem apparecido filiado na epigraphia semitica, dizem estar magistralmente interpretado, chegando a causar a mais satisfactoria admiração os preciosos *fac-similes* dos monumentos phenicios de Carthago, publicados no *Corpus inscriptionum semiticarum* pela academia das inscripções, desde 1881 até 1885.

São numerosas e de diversas regiões as cidades a que pertencem as reliquias epigraphicas. Cito simplesmente algumas, para que melhor se possam avaliar os altos serviços que todos esses

sabios hão dedicado á historia das mais antigas civilisações; e taes são Massilia (Marselha), Carthago, Memphis, Abydus, Ipsambul, Athenas, Melita, Panormus, Byblus, Templum Baalis ad Libanum, Citium, Idalion, etc.

Ora, se, com effeito, fôram os phenicios de Sidonia e de Tyro que estabeleceram a base commum, de que dimanaram todos os alphabetos do mundo conhecido, desde a India e a Mongolia, até á Gallia e á Hispanha, em que consistem os embaraços que impedem tantos sabios de interpretar as inscripções etruscas, as da Gallia e da Hispanha?

O alphabeto dos phenicios, empregado primeiramente no paiz de Canaan, refere o sr. Maspero (pag. 746), modificou-se segundo as localidades e formou successivamente «les alphabets araméens, palmyréniens, hébreux», e o mesmo deve tambem ter succedido nos paizes a que foi levado pelos sidonios e tyrios; mas apesar d'essas modificações, toda a epigraphia, em que se diz ter imperado o elemento pheniciano, já está interpretada: é pois evidente que, não o podendo ser a da Etruria, da Gallia e da Hispanha, é porque nenhuma d'ellas nasceu do elemento pheniciano.

O sr. Hovelacque[1], não julgando demonstradas as origens attribuidas á lingua vasca, nem affirmando que ella tenha sido a lingua dos antigos iberos, ou um dos seus dialectos, reconhece comtudo não accusar origem semitica ou indo-europêa, expressando-se n'estes termos:

«Conservé dans la région où vivaient les ibères, l'escuara n'étant ni sémitique, ni indo-européen, on fut amené à le tenir pour le représentant direct, au moins pour l'un des anciens représentants de la vieille langue ibérienne.»

Esta lingua já tinha sido considerada pelo insigne Broca como sendo a mais antiga da Europa[2]; e com referencia ás relações dos iberos com povos estrangeiros, diz o sr. Hovelacque[3]:

---

[1] *La Linguistique,* pag. 165 — 1881.
[2] Idem, pag. 152.
[3] Idem, pag. 165.

«Leurs premiers rapports connus avec des individus de race étrangère remontent au temps des expéditions phéniciennes dont l'histoire nous a transmis le souvenir.»

Ora, estas expedições dos phenicios, pertencendo já ao dominio da historia, nada podem attestar com referencia ás origens da linguagem escripta, tanto na peninsula hispanica, como nos paizes que melhor podem comprovar a sua muito anterior antiguidade prehistorica.

Estas origens não se podem deduzir dos textos classicos, cujo alcance é relativamente limitado, nem dos modernos methodos linguisticos, em que o sr. Hovelacque [1] muito parece confiar para se poder atinar com a procedencia da lingua vasca.

Muito antes dos phenicios invadirem o Egypto; muito antes da fundação de Sidonia e de Tyro; muito antes, emfim, dos phenicios serem nomeados no mundo, já havia navegação.

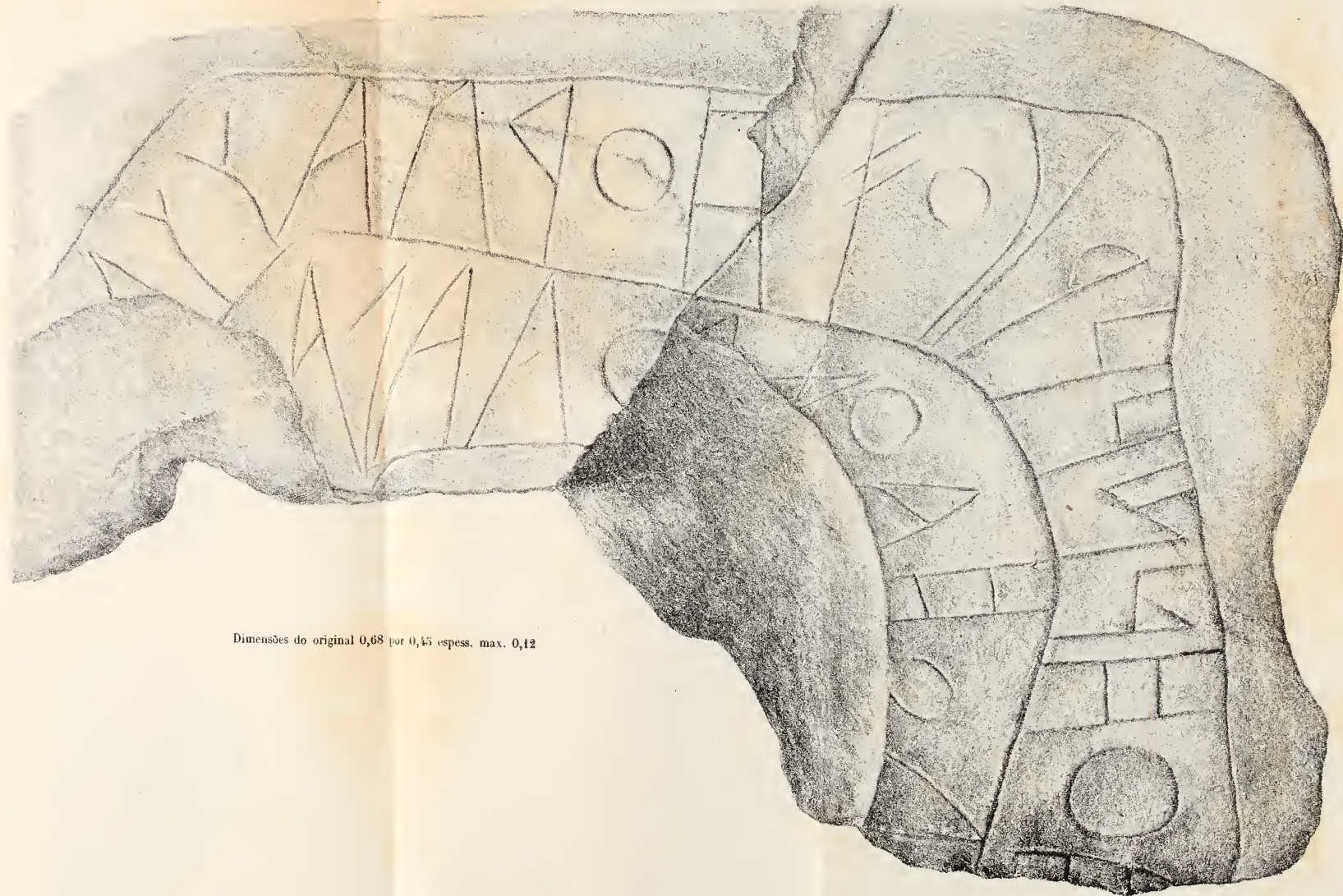
A existencia da navegação, como já o disse n'outro logar d'esta obra, está comprovada a contar da ultima idade da pedra. Bastaria saber-se que na Irlanda, nas Canarias, em algumas ilhas do Mediterraneo, e n'outras muitas paragens, appareceram instrumentos de pedra de todo o ponto similhantes aos dos paizes continentaes; que algumas d'essas pedras fabricadas pertencem a outras localidades, e que são numerosas as naves ou pirogas excavadas em grossos troncos de arvores pela acção do fogo e de instrumentos de pedra, que têem sido achadas em grande profundidade nos lodos marginaes de muitos pontos maritimos, de rios e lagos, para não poder haver a minima duvida a este respeito [2].

Sabido isto, com que fundamento se dá aos phenicios o exclusivo privilegio da propagação de um alphabeto, que se affirma terem elles inventado e trazido a estas paragens do extremo Occidente, quando archeologicamente se demonstra que a peninsula

---

[1] *La Linguistique,* pag. 153.

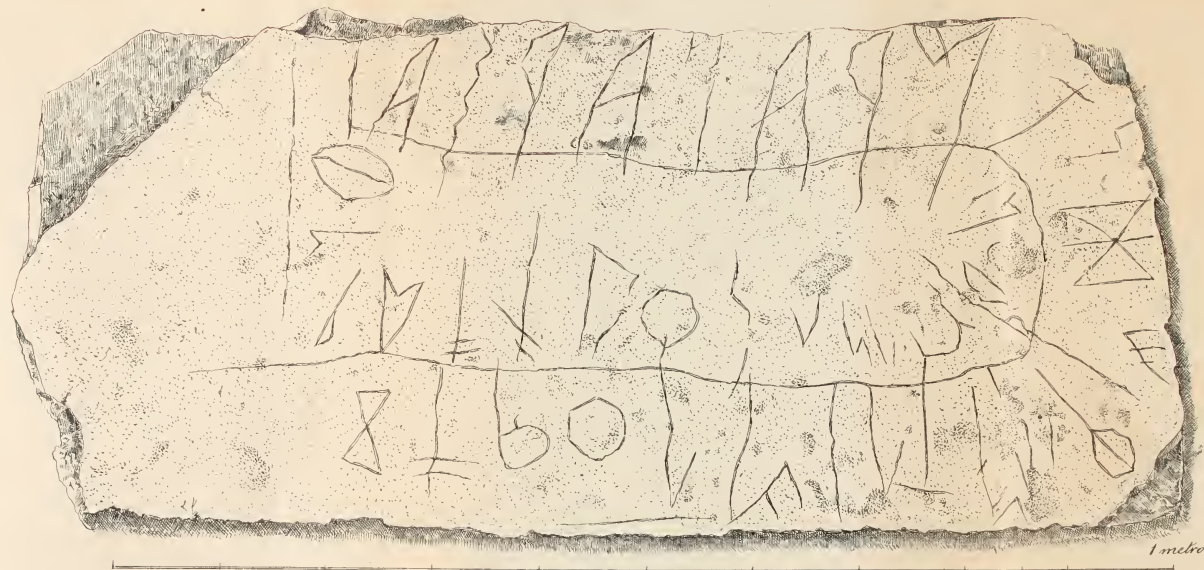
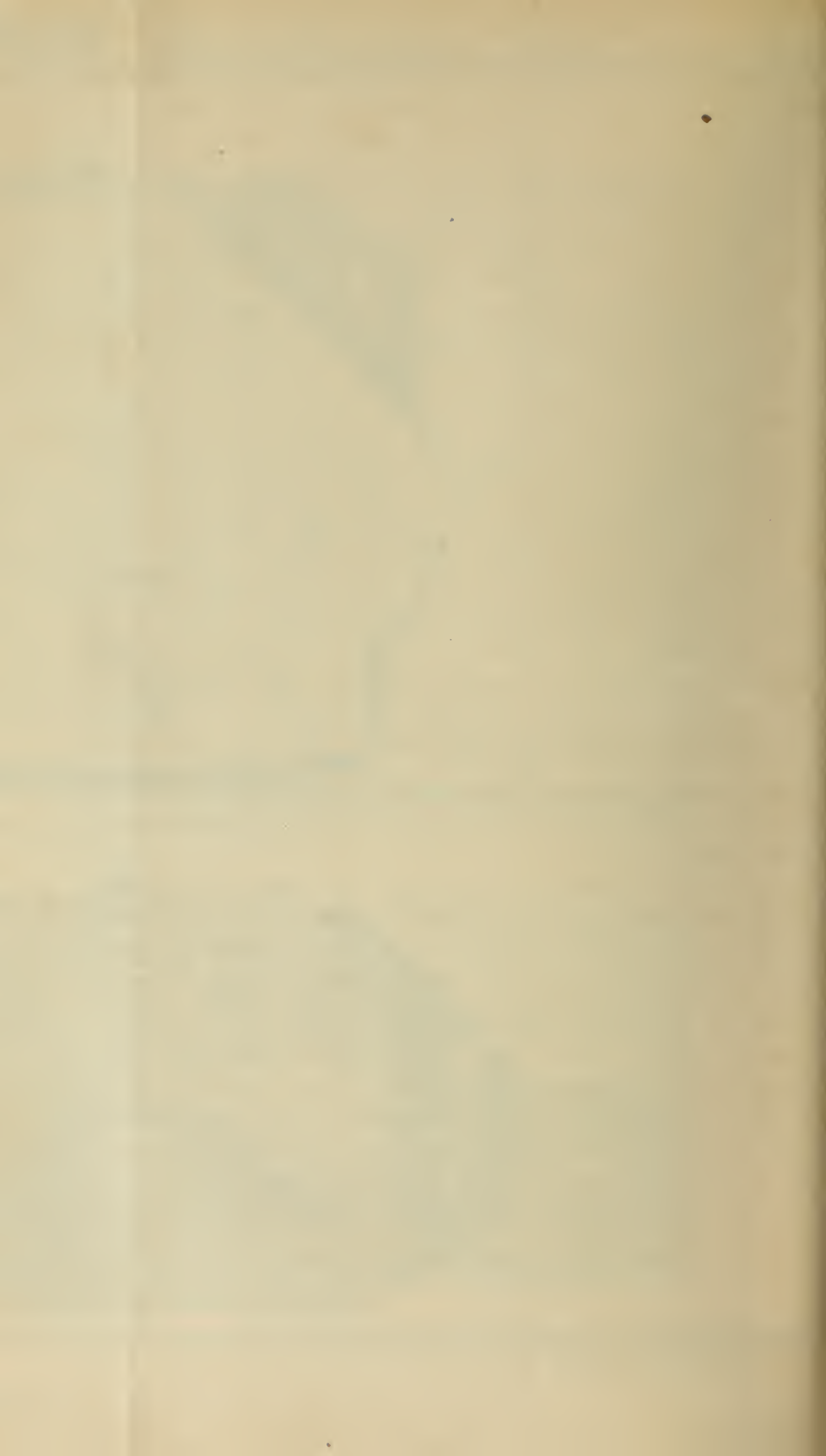
[2] Veja-se uma interessante memoria publicada em Paris em 1867, pelo sr. G. de Mortillet, intitulada *«Origine de la navigation et de la pêche.»*

Freg. de Bensafrim Fonte Velha
Dimensões do original 0,68 por 0,53 espess. max. 0,158 –

Dimensões do original 0,68 por 0,45 espess. max. 0,12

Freg. de Bensafrim   Fonte Velha

1 metro

Escala de 1 : 5

des. A. J. Nunes da Gloria.

hispanica é possuidora de muitos monumentos epigraphicos, uns pertencentes á primeira idade do ferro, outros á idade do bronze, e, ainda uma preciosa reliquia d'essa lingua escripta, á ultima idade da pedra?

Querem as provas d'esta arrojada affirmação, que acabo de proferir? São, certamente, indispensaveis! Eil-as aqui.

No capitulo antecedente apresentei a planta de uma vasta necropole, que parcialmente explorei em 1878 no sitio da Fonte Velha, a curtos passos da igreja de Bensafrim, no concelho de Lagos. Descrevi as sepulturas, referindo-me a umas lages toscas de grés vermelho com inscripções de caracteres não ainda decifrados, gravadas n'uma face, que formavam os lados ou os topos, ficando as inscripções voltadas para o interior dos jazigos; e dando a estampa e a descripção dos artefactos que continham, reconhecer-se-ha pertencer aquella necropole á primeira idade do ferro. Creio que ninguem poderá inscrevel-a n'outra epocha.

Aquellas inscripções faziam, pois, parte integrante e fundamental da construcção da necropole: portanto, pertencem á mesma idade.

As inscripções são as que reproduzo nas tres estampas juntas a esta pagina. Ha mais algumas e fragmentos de outras. Se pertencem ao grupo semitico, creado pelo elemento pheniciano, os orientalistas que as traduzam. Eu não as percebo.

Póde-se presumir que a necropole seja contemporanea ou mesmo um tanto posterior á vinda dos phenicios, por conterem as sepulturas umas contas de vidro de cores e esmaltadas, que se diz terem elles diffundido pelas populações maritimas como sendo um dos ramos do seu commercio, se é que não fôram trazidas do Egypto, d'onde são oriundas, e mesmo muito antes de haver rumor de phenicios nos portos da Hispanha, por navegadores peninsulares, ou pelos descendentes d'aquelles que desde a ultima idade da pedra mantiveram em communicação as ilhas do Atlantico e do Mediterraneo com os paizes do continente.

Nos Cômoros da Portella, perto de S. Bartholomeu de Messines, tive noticia de haver outra necropole com sepulturas forma-

das de lages toscas de grés vermelho, tendo algumas d'essas lages grosseiramente lavradas muitas letras desconhecidas.

Fui inspeccionar o sitio. As sepulturas estavam já em grande parte destruidas pelos lavradores, mas constou-me ainda haver muitas sob a terra lavrada. Um dos proprietarios lembrava-se de ter achado uns pedaços de grés com letras e de tel-os atirado para um monte de pedras, e com effeito assim era, porque os achou. São os fragmentos de inscripções, que figuro na estampa junta a esta pagina com o n.º XXXVII.

Tambem alli recebi informação de terem apparecido nas sepulturas algumas argolas delgadas de cobre e outras cousas miudas, que o informante não sabia se eram de cobre ou de bronze, nem explicar para que teriam servido, e que além d'esses objectos só havia alguns pedaços de ossos e de louça muito ordinaria; mas nada d'isso cheguei a ver. De ferro affirmou não ter visto cousa alguma.

D'este modo devo presumir que aquella necropole pertencesse á idade do bronze, mas não posso afiançar.

Na freguezia do S. Bartholomeu ha outros muitos sitios com taes sepulturas.

Em Messines, onde muitos machados de pedra têem apparecido, ha tambem sepulturas formadas por quatro lages toscas, tendo-se achado n'uma d'ellas uma adaga de cobre.

Muitas noticias similhantes tinha eu já d'aquella freguezia, fornecidas pelo proprio parocho em 30 de maio de 1874.

Affirmou-me este illustrado informante haver no proximo Serro do Castello muitas sepulturas abertas na rocha; que ao norte do Serro da Portella, 2 kilometros a sueste da igreja, ha na estrada que vae para Messines muitas sepulturas formadas por quatro lages, tendo todas alguns ossos e vasilhas grosseiras de barro escuro; que outras similhantes sepulturas ha no Serro da Fonte da Figueira, a uns 300 metros ao sueste da igreja; e que no Monte do Boi, junto á estrada para Silves e a uns 600 metros a oeste da igreja, ha outras sepulturas da mesma construcção, tendo

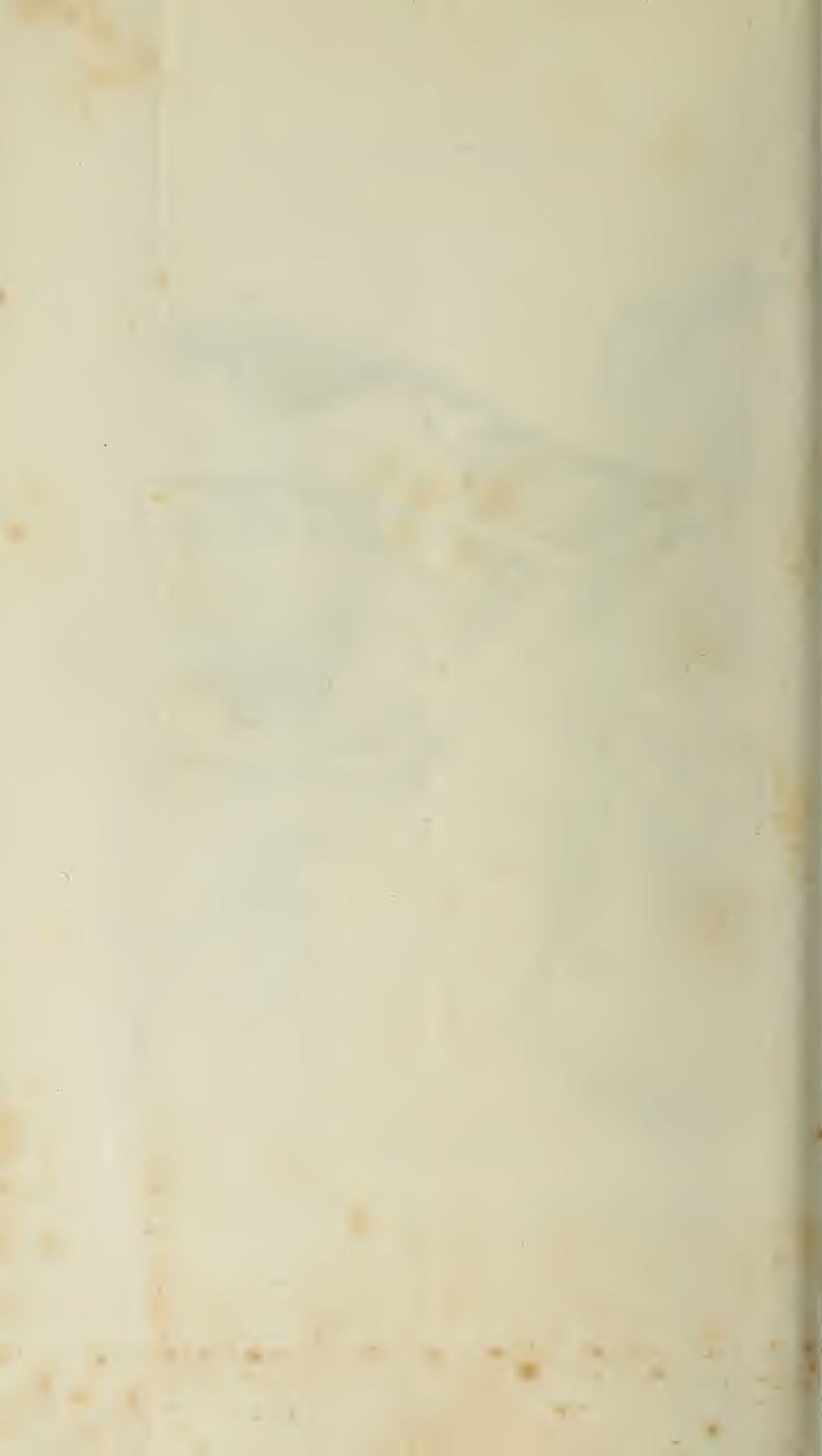
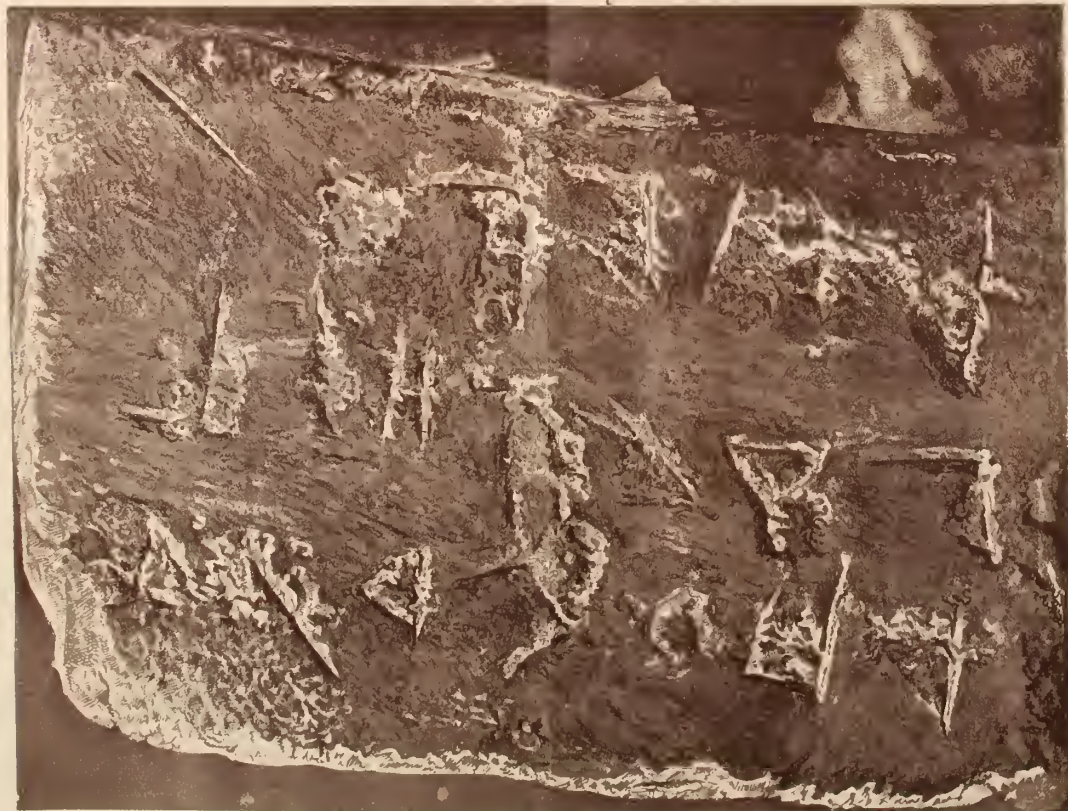
espess. max. 0,12 —

Dimensões do original 0,24 por 0,25 espess. max. 0,12 -

S. BARTHOLOMEU DE MESSINES

Cômoros da Portella

Martim Longo

Martim Longo

n'uma d'ellas apparecido um terçado, e um punhal de bronze, que ainda conservava um pedaço do cabo, de côr amarellada.

Ha portanto conhecimento de varios instrumentos de cobre e de bronze, e de inscripções de caracteres não decifrados em alguns sitios d'aquella accidentada região; o que parece relacionar-se com os grandes *menhirs* de grés vermelho da Cumiada, n'um dos quaes eu ainda vi gravados alguns caracteres iguaes aos das inscripções dos Cômoros da Portella; e não havendo noticia de terem apparecido em algum d'aquelles sitios com taes sepulturas senão umas contas de vidro nos Cômoros da Portella, póde-se entender que a idade do bronze e a primeira do ferro tiveram predominio n'aquella região serrana.

Ha mais no Algarve outro logar assignalado com um d'esses monumentos de epigraphia peninsular. É a serrana aldeia de Martim Longo, séde parochial de uma larga circumscripção abundante de varias antiguidades; pois tratando-se ha alguns annos de apparelhar o terreno adjacente ao adro da igreja, achou-se uma lage tosca de grés mui rijo, tendo em cada face aberta uma inscripção, e por isso julgo ter esta pedra sido collocada de modo que os dois letreiros podessem ser lidos pelos transeuntes.

Estas inscripções disse eu que seriam reunidas á pag. 187; mas depois d'isso entendi que melhor ficariam n'este capitulo, e por isso aqui as apresento.

O monumento de Martim Longo, embora não fôsse achado em condições taes que permittam a designação da epocha a que pertence, marca todavia na carta geral da peninsula mais um ponto na extensa linha d'esta ethnographia especial, que começa na região do Cabo de S. Vicente, e segue pela serra de S. Bartholomeu de Messines e Martim Longo para o Alemtejo, e pela Andaluzia até, pelo menos, ao reino de Valencia, em direcção a Barcellona e aos Pyrenéus orientaes, manifestando-se igualmente n'outros muitos pontos da Hispanha.

Advirto, porém, que no territorio portuguez não é só no Algarve e no Alemtejo que taes inscripções se hão patenteado; pois ha talvez uns dez annos me affirmou o mui illustrado vis-

visconde de Seabra, de respeitavel memoria, que mesmo em rochas firmes têem apparecido no Minho e em Traz-os-Montes.

Já D. Jeronymo Contador de Argote[1] havia feito reparo mui especial nas inscripções abertas nas rochas firmes (fragas).

Contador de Argote, descrevendo as fragas que ainda conservavam vestigios de antigos templos, deu e deixou interpretadas as inscripções que encontrou, menos uma, e esta era a da fraga I, n.º 4, ácêrca de cujos caracteres refere:

«Pelo que se me perguntão de que de idioma são, responderei que não são Latinos, nem Gregos, nem Hebraicos, porque estes letreiros forão postos depois muito das guerras Punicas, e depois de extincta Carthago, como logo diremos; e não he possivel que em Hespanha se usassem caracteres punicos depois de tantos annos de não haver já memoria de Carthaginezes. Demais, que eu entendo, que o dominio dos Carthaginezes em Hespanha nunca chegou a passar além do rio Douro, nem á provincia de Tráz-os-Montes, onde existe esta fabrica.

«Isto supposto, segue-se que os taes caracteres ou eram romanos, ou *hespanhoes nacionaes.* Eu tenho advertido que os Romanos em certo modo tinhão duas especies de caracteres; vê-se isto nas medalhas, que traz Goltzio, nos Fastos, em que algumas vezes os caracteres da mesma medalha, de uma parte se vêem perfeitamente impressos e da outra estão tão diversos na figura, que é necessario cuidado para os ler.» (Pag. 354.)

« . . . .

«Sendo pois certo que o letreiro não está escripto com caracteres romanos, nem na lingua romana, segue-se, que está escrito em caracteres hespanhoes e nacionaes. E a razão é, porque o letreiro foi posto para declarar aos que o vissem o que relatava: logo havia de ser gravado em caracteres, que se entendessem, e usassem no paiz onde existia: no paiz só se usavam os

[1] *Mem. para a hist. eccl. do arceb. de Braga*, tom. I, pag 356.

Romanos e Hespanhoes: logo se não erão Romanos, precisamente havião de ser Hespanhoes, e na lingua Hespanhola.» (Pag. 356.)

Os caracteres das inscripções da primeira idade do ferro julgo eu anteriores á chegada dos primeiros phenicios, porque representam uma linguagem escripta, que não se póde suppor haver sido então improvisada. Já devêra estar desde largo tempo constituida para ter chegado a assumir a fórma epigraphica; e com effeito assim era, como se vae ver.

No capitulo v d'este livro reproduzi na est. xxiv a planta de uma necropole do sitio da Colla, na freguezia de Ourique, explorada pelo arcebispo de Evora, D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas. Tudo já ficou descripto em conformidade das noticias deixadas por aquelle sabio explorador. Das sepulturas extrahiu algumas lages toscas com as inscripções que em seguida reproduzo, e uns estoques de bronze, que figuro na est. xxv com os n.os 1 a 5. O prelado de Evora não deu noticia de ter achado n'aquelles jazigos mais algum artefacto.

Os estoques de bronze têem apparecido em varios pontos do termo de Beja e de Evora, assim como, perto de Beja, se sabe terem sido ha poucos annos achadas duas pedras com as ditas inscripções, e anteriormente outras, a que se refere D. Antonio Delgado [1].

Nenhuma razão póde haver para que taes estoques se attribuam á primeira idade do ferro, porque um dos caracteristicos d'essa idade nos paizes em que ficou comprovada a sua existencia, consiste em terem passado a ser de ferro as armas de guerra e instrumentos de trabalho, que na idade anterior eram de bronze e já raras vezes de cobre. Reconhecida então a vantajosa superioridade do ferro, algumas formas dos instrumentos de bronze serviram primeiramente de modelo, mas outras muitas de nova feição fôram inventadas.

Não podem, pois, aquelles estoques de bronze ser fundada-

---

[1] Delgado — *Medallas auton. de Esp.*, tom. I, pag. 133.

mente inscriptos na primeira idade do ferro, tanto mais não constando que nas sepulturas apparecesse outro caracteristico d'essa idade, como alguns que existiam na necropole da Fonte Velha de Bensafrim: portanto, é forçoso collocal-os na idade do bronze, visto que em doze estoques figurados na est. xxv, só um é de cobre.

Consequentemente, as inscripções, e a necropole que continha aquellas armas, pertencem á mesma idade do bronze.

Eis-aqui como eram os caracteres paleographicos d'esta parte da peninsula hispanica na idade do bronze, que certamente é muito anterior á data da fundação das cidades d'onde saíram as mais antigas expedições phenicias de que ha noticia. Então... ainda não se fallava em phenicios.

Mas esta epigraphia não parava no Alemtejo; pois, como já ficou dito, o visconde de Seabra achou-a em varias rochas da sua provincia, quando anteriormente Contador de Argote a indicára nas fragas de Traz os Montes.

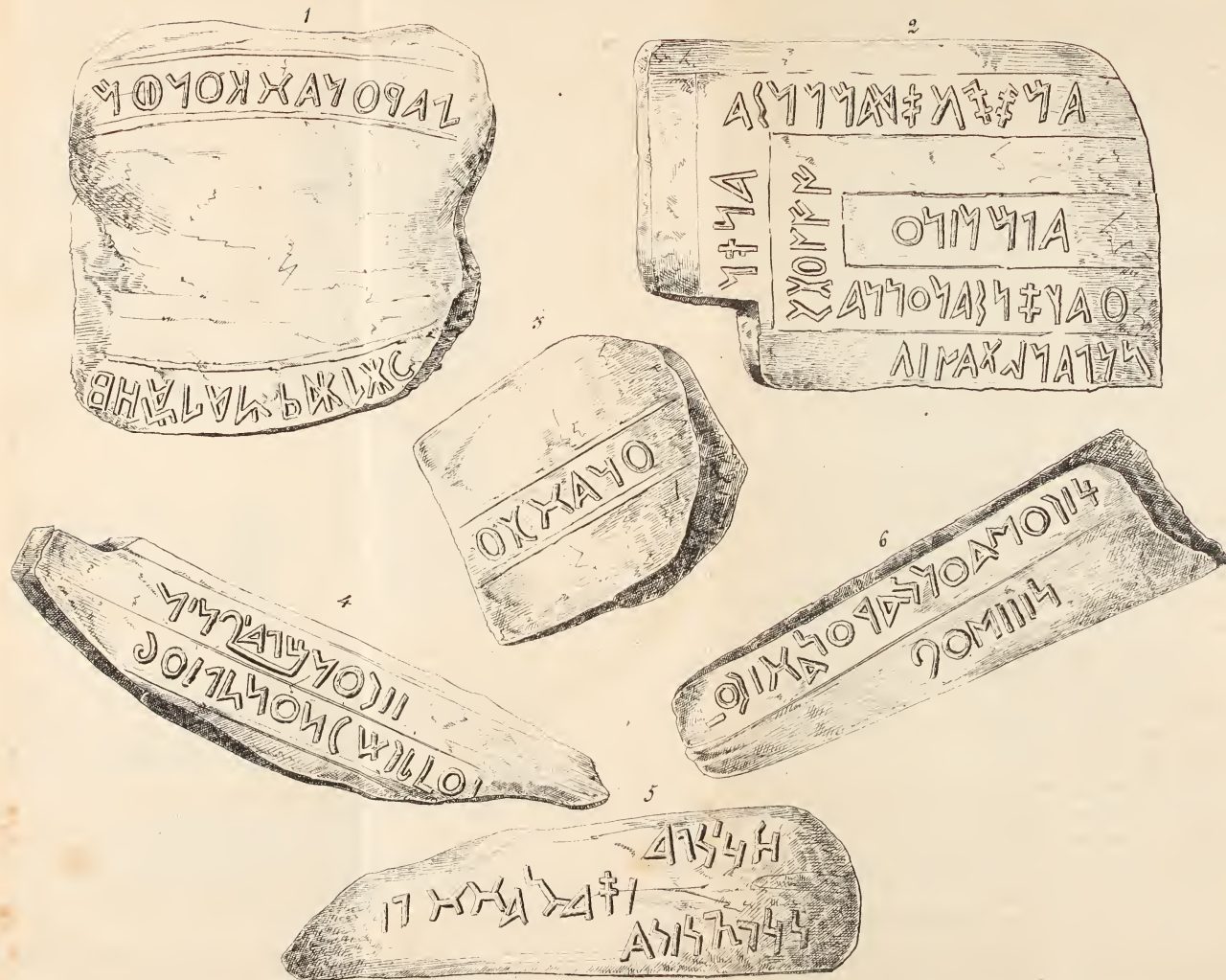
Na Andaluzia são conhecidas muitas d'estas inscripções. Só o dr. Hübner colligiu perto de quarenta em varios pontos da peninsula. Não pedi as copias; preferiria ter a designação das terras em que fôram achados os monumentos, porque d'este modo já poderia traçar n'uma carta geographica o seguimento, menos interrompido, da sua distribuição territorial, como a seu tempo muito convirá fazer-se.

Ha, porém, um tracto um tanto littoral da Hispanha oriental, comprehendendo o reino de Valencia, em que esta epigraphia teve ampla manifestação.

Restam nove copias d'essas inscripções, geralmente pouco ou quasi nada conhecidas.

No ultimo quartel do passado seculo occupava-se da exploração e estudo das antiguidades do reino de Valencia um investigador por muitos titulos illustre. Foi D. Antonio Valcarcel Pio de Saboya, principe pio, marquez de Castel-Rodrigo e membro da real academia de historia.

O principe pio offereceu em 12 de dezembro de 1805 á re-

1 2 3 4 5 6

1 a 5, Ourique; 6, S. Miguel do Pinheiro (Almodovar).

13

12

121

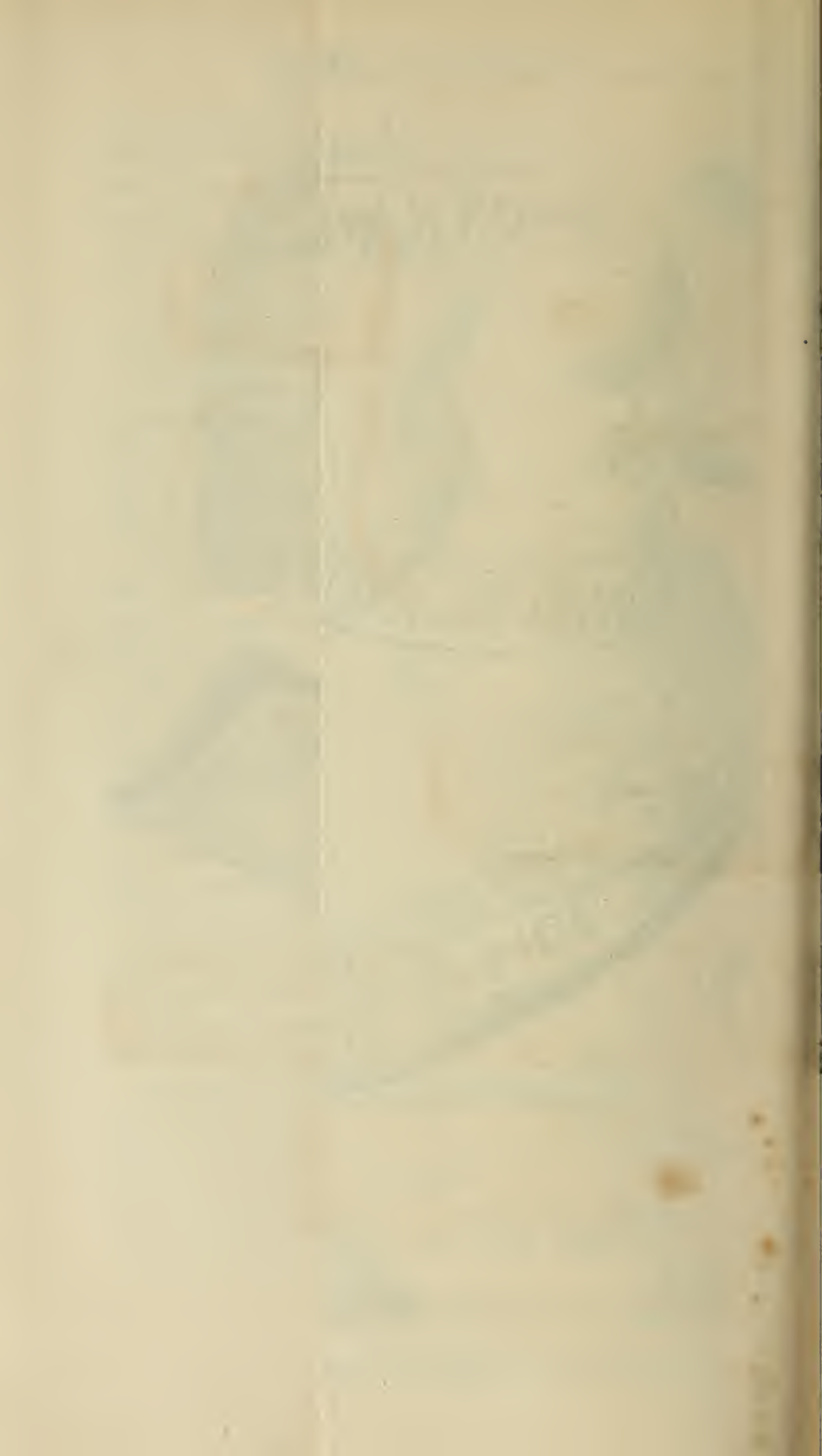
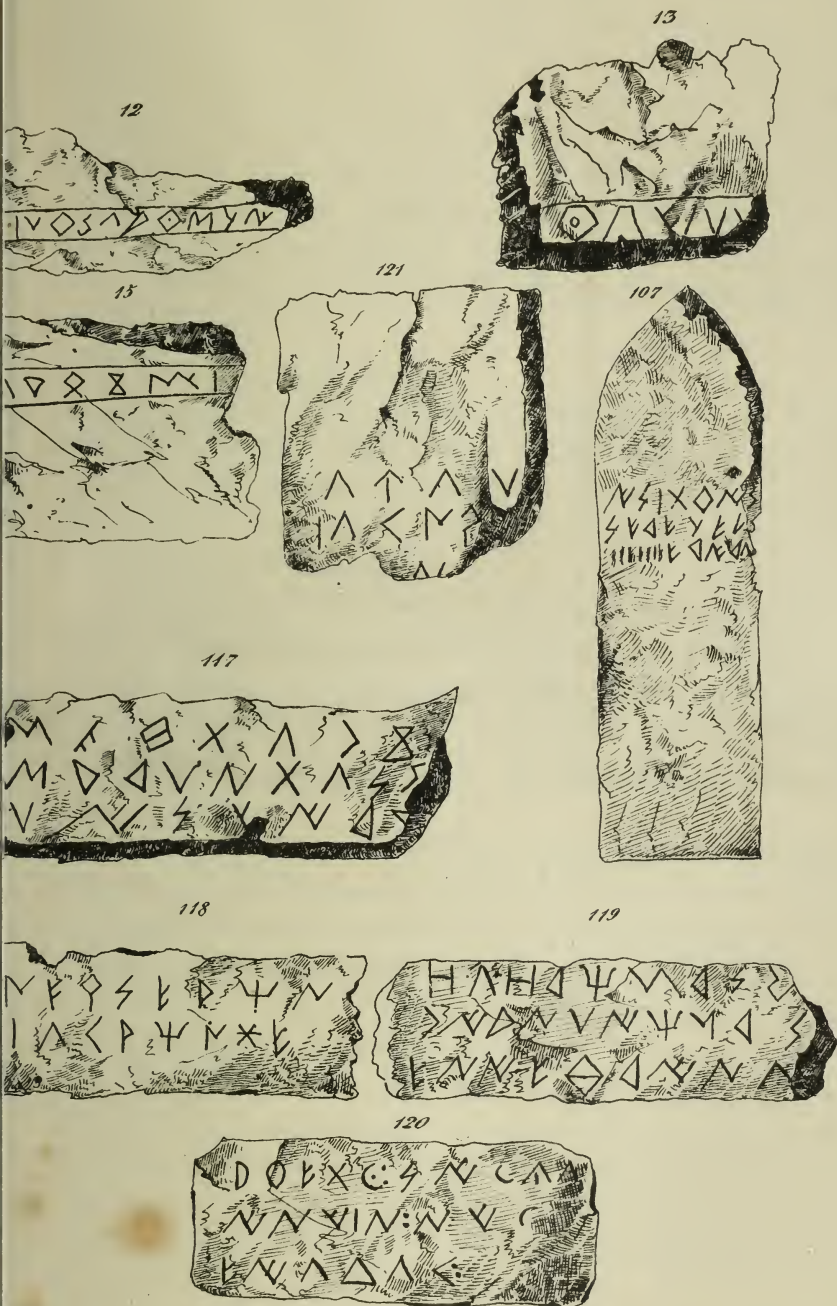
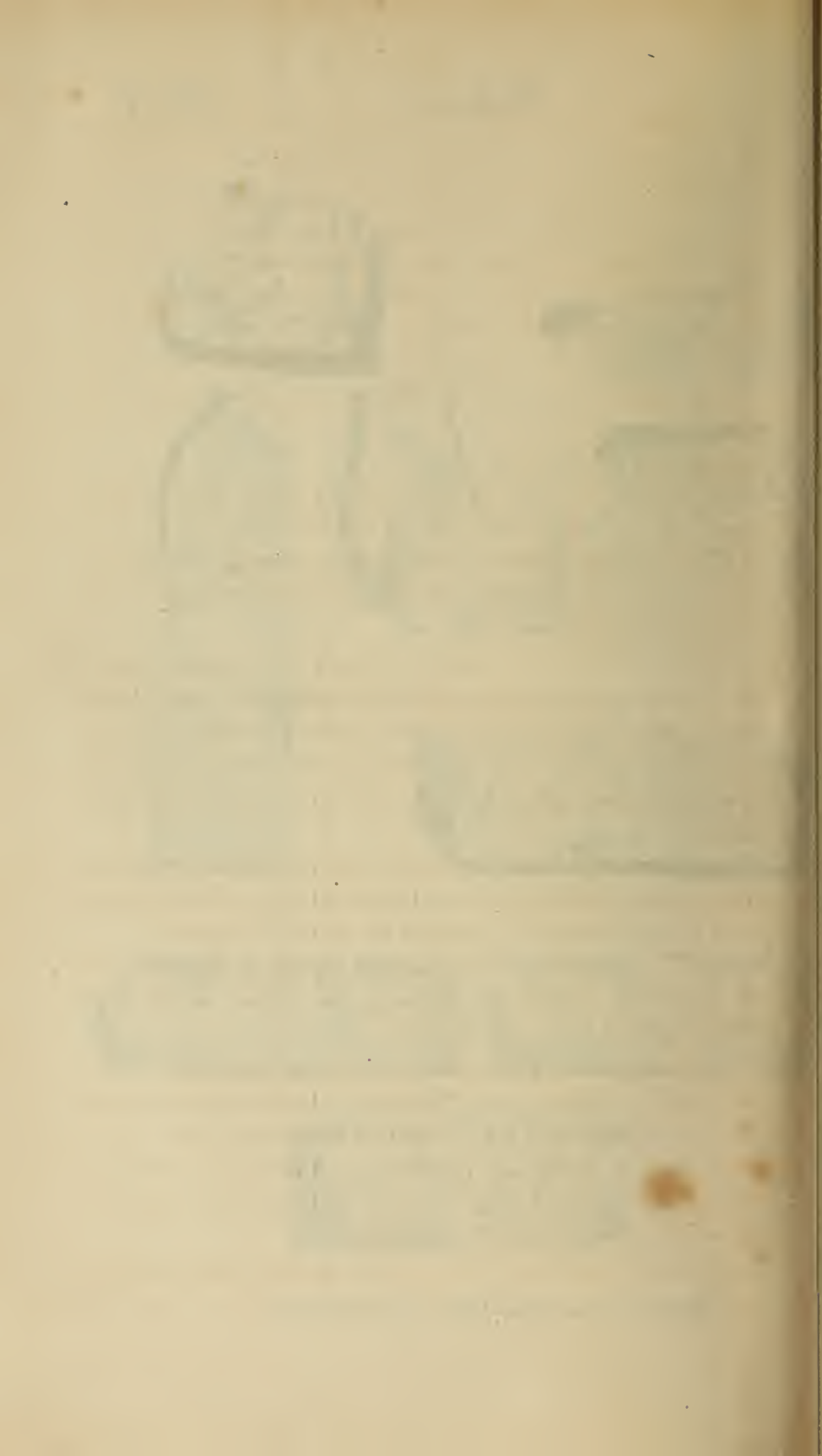
15

107

117

118

119

120

ferida academia de Madrid a sua importantissima collecção lithologica, acompanhada de interessantes noticias e de varios commentarios; mas, por diversas circumstancias, esteve durante muitos annos archivado o manuscripto, em que tambem abundam numerosas copias de monumentos romanos, até que, estando já lithographados os desenhos em 1845, D. Antonio Delgado foi incumbido de dar áquelle trabalho a ordenação com que saíu publicado no vol. VIII das *Memorias de la real academia de la historia,* em 1852, sob o titulo de *Inscripciones y antigüedades del reino de Valencia.*

Eis-aqui as inscripções:

As inscripções são indicadas na ordenação geral com os n.os 12, 13, 15, 107, 117, 118, 119, 120 e 121. As de n.os 12 e 13 fôram achadas entre o material de construcção de uma muralha pertencente ás ruinas de uma povoação arrazada no sitio do Corral del Royo em 1791.

A de n.º 14 foi descoberta por excavação no mesmo anno e sitio das antecedentes, apparecendo tambem quatro urnas de barro escuro com tampa, contendo cinzas e pedaços de ossos humanos. A mesma excavação patenteou uns pequenos idolos de bronze, figurando veados, pontas de lança e de outras armas, muito oxydadas.

A inscripção n.º 15, aberta em marmore preto, foi achada n'umas ruinas similhantes ás do Corral del Royo, no sitio de Polpis, 2 leguas distante e a noroeste de Alcalá de Chisvert.

Entre o material de construcção do castello de Murviedro, no sitio chamado Secanito de Vaquero, foi achada a inscripção n.º 107, gravada em marmore preto.

A inscripção n.º 117 estava na cêrca de Armengol, na estrada real de Valencia para Barcellona; a 118 no angulo de uma casa da rua de Ramos; a 119, tambem de marmore preto, no segundo pilar do claustro de trinitarios; a 120 estava mettida na muralha do castello, á direita, antes da torre de Hercules; e a 121 existia solta no hospital da cidade.

O illustre descobridor d'estes restos dos mais antigos padrões

epigraphicos da Hispanha pretendeu decifrar as inscripções, e chegou a convencer-se de ter percebido algumas: entretanto, a minha incompetencia no assumpto não me permitte abonar o bom exito de tão arriscada tentativa.

Outra de Alcalá del Rio (distante 2 leguas ao norte de Sevilha, sobre a margem direita do Guadalquivir), publicou D. Antonio Delgado [1] e é a que reproduzo na est. XLI; mas não quiz ligar-lhe o minimo conceito archeologico, receiando ter de discordar do mystico preceito da *primordial unidade asiatica,* de que na sua propria obra fez profissão de fé, e prejudicar as servilissimas origens phenicianas, a que cegamente sacrificou a remotissima paleographia peninsular, pondo-a por inteiro nas mãos dos phenicios, dos gregos archaicos e dos hebreus-samaritanos, mas com tão avessa fortuna que, quando quiz subordinar ao alphabeto grego o *alphabeto iberico,* que denomina «nuestro alfabeto» [2], onde todavia faltam numerosos symbolos graphicos das inscripções peninsulares, apenas conseguiu achar um caracter do *fenicio antiguo* correspondente ao *Beht* (B), outro que diz corresponder ao *Caph* e K phenicio, e o *Coph* (Q), que diz tambem ser derivado do «*fenicio antiguo*»!

Limita-se, emfim, o numismatico hispanhol a dizer-nos que «en Alcalá del Rio se descobrió una piedra informe y grabada en ella una inscripcion, que reproducimos por no estar publicada».

Sabia, porém, que em Portugal havia monumentos simillhantes, que não quiz estudar, porque nos diz:

«Sabemos que en Beja, del Alemtejo portugués, se encuentran inscripciones que participan del mismo genero de escritura, y entre las monedas *inciertas,* atribuidas por unos á Odacisa y por Heiss á Evíon, vemos tambien caracteres de un origen fenicio *mas puro* [3].

---

[1] Delgado—*Nuevo método de classificacion de las medallas autónomas de España,* tom. I, pag. CXXXII.

[2] Idem, pag. CXXIX, tom. I. (Veja-se o alphabeto).

[3] Idem, pag. CXXXIII.

Alcalá del Río

Delgado - Medallas aut. de Esp. tom. I, pag. CXXXII.

Já mostrei que a linguagem escripta em caracteres peninsulares tem sido achada no territorio portuguez em estações archeologicas da primeira idade do ferro e da idade do bronze.

Bastariam estas provas locaes para se chegar a entender que esta epigraphia é muito mais antiga na peninsula luso-hispanica do que todas as inscripções phenicias de que os auctores classicos e modernos dão noticia: d'este modo forçoso é immediatamente concluir, que não é do systema graphico pheniciano que se deriva a escriptura peninsular.

Podendo, porém, haver ainda alguma hesitação ácêrca da epocha a que archeologicamente pertencem os monumentos do Alemtejo, descobertos pelo arcebispo Cenaculo, porei aqui ponto final em todas as duvidas, e fóra de acção todas as subtilezas e subterfugios, com que se tem pretendido desviar da Europa a origem da linguagem escripta, apresentando agora um documento authentico, de epocha reconhecidamente bem classificada, que resolve de um modo incontestavel este importantissimo assumpto.

Quando ainda pouco ou quasi nada se tratava de investigações e estudos archeologicos na Hispanha, começava D. Manuel de Gongora a fazer-se conhecido e estimado, manifestando a mais decidida dedicação e apreço pelos monumentos da sua patria.

Empregando os modestos recursos pecuniarios de que podia dispor, emprehendeu pôr por obra um reconhecimento archeologico desde a provincia de Andaluzia até o reino de Granada e mais ainda em alguns pontos de outros territorios.

Fôram muitos e valiosos os descobrimentos que deixou figurados e descriptos n'um livro intitulado *Antigüedades prehistóricas de Andalucia*, publicado em 1868. Não trato n'este momento de enumeral-os, porque, para a comprovação a que me comprometti, basta-me apenas citar o que tem de corresponder mui satisfactoriamente ao meu reservado proposito.

Acha-se a villa de Albuñol situada não longe da costa do antigo reino de Granada, e partindo d'alli no sentido de leste por espaço de 3 kilometros, chega-se por um estreito despenhadeiro

a uma famosa caverna, denominada *Cueva de los Murciélagos*, distante apenas 1 legua da raia maritima do Mediterraneo.

A estampa XLII, junta a esta pagina, mostra a planta da caverna e alguns dos artefactos neolithicos que continha.

A figura n.º 3 representa a planta da caverna. A entrada está a 50 metros de altura sobre o álveo do Barranco de las Angusturas.

Abundante guano alli accumulado pela habitação immemorial dos morcegos, sendo observado por um lavrador vizinho, deu origem ás primeiras excavações na caverna, a fim de ser aproveitado nas terras cultivadas.

Essas excavações pozeram á vista alguns veios de mineral de chumbo, e foi quanto bastou para que em 1851 se formasse uma companhia para a exploração d'este minério.

Começando por desembaraçar a entrada, marcada na planta junta, descobriram no logar indicado com a letra B tres mumias vestidas de tecido de esparto, tendo uma d'ellas a cabeça cingida por um diadema de ouro puro, batido a percutor de pedra e mui provavelmente acabado de preparar com raspador de silex e alisador ou brunidor. O diadema e varios fragmentos dos tecidos de esparto representa Gongora nas est. I (pag. 28) e II (pag. 30). (*Antig. prehist. de Andalucia.*)

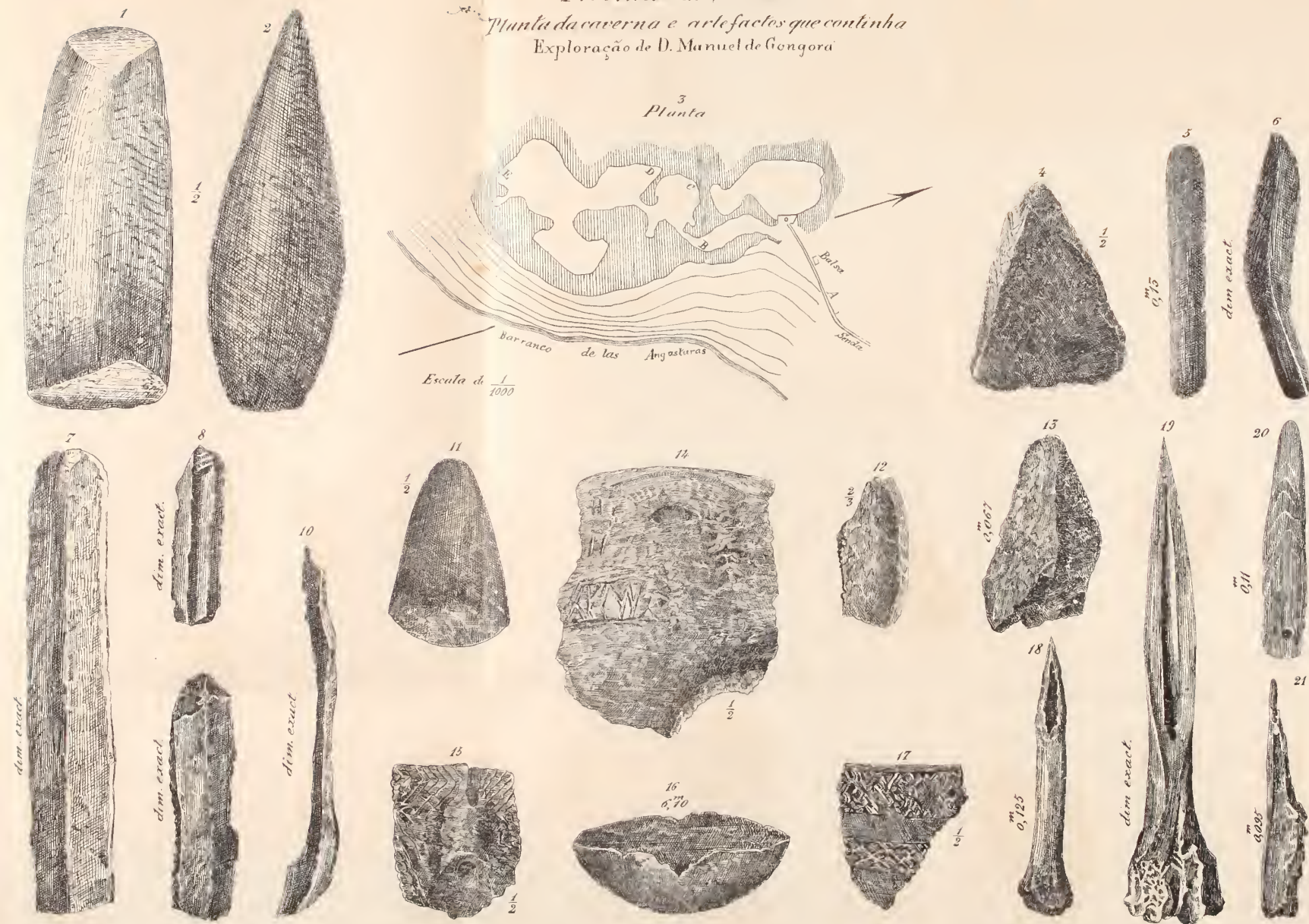
A letra C indica na planta o logar em que estavam outros tres esqueletos mumificados, porventura por infiltração do abundante nitro que reçumava em toda a caverna.

No recinto marcado com a letra D acharam os mineiros doze cadaveres dispostos em semicirculo, rodeando um esqueleto de mulher, mui bem conservado, vestido de pelle que se sobrepunha no lado esquerdo e ajustava por meio de correias enlaçadas, e adornado por um collar de anneis de esparto, de que pendiam conchas univalves e dentes de javali. Os esqueletos tinham gorras conicas ou hemisphericas e calçado de esparto. Junto d'elles havia facas de frechas de silex, machados de pedra, bolsas de esparto e vasilhas de barro contendo muitos instrumentos cortantes

Est. XLII

Cueva de los Murciélagos
Provincia de Granada

Planta da caverna e artefactos que continha

Exploração de D. Manuel de Gongora

Antiguidades prehistoricas de Andalucia, por D. Manuel de Gongora y Martinez. Madrid, - 1868. - Designação do numero da figura e da pagina d'essa obra, em que são estampados e descriptos os objectos aqui reproduzidos. = N.º 1, machado polido de pedra (Fig 8 pag 32). - N.º 2, picão polido de pedra (Fig 9 pag. 32). N.º 3, planta da caverna dos morcegos. (Fig 4, pag. 30) - N.º 4, machado de pedra (Fig. 53, pag. 46). - N.º 5, alisador de pedra (Fig 19, pag. 34). - N.º 6, brunidor de pedra com exactas dimensões (Fig 59, pag 48). - N.º 7, faca de silex (Fig. 60, pag. 49) N.º 8, faca de silex (Fig 11, pag 33). - N.º 9, faca de silex (Fig 56, pag. 47). - N.º 10, faca-buril de silex (Fig 57, pag. 47). - N.º 11, machado de pedra (Fig. 10, pag. 33). - N.º 12, raspador de silex (Fig. 12, pag. 33). - N.º 13, frecha de pedra (Fig. 13, pag. 33). - N.º 14, fragmento de vaso de barro, com ornatos e restos de legenda de caractéres peninsulares (Fig. 24, pag. 40). - N.º 15, fragmento de urna de barro com lavor (Fig. 46, pag. 45). - N.º 16, vaso de barro de forma hemispherica (Fig. 62 pag 52). - N.º 17, fragmento de urna de barro com ornatos (Fig 51 pag. 45). - N.º 18, punção de osso (Fig. 15, pag. 33). - N.º 19, punhal de osso (Fig. 61, pag. 49). - N.º 20, faca de osso (Fig. 14 pag. 33). - N.º 21, punção de osso (Fig 16, pag. 33).

de pedra, facas, punções de osso e colheres de pau, trabalhadas a fogo e pedra cortante, com orificio na extremidade do cabo.

No ponto E da planta estavam cincoenta mumias com seus vestidos e calçado de esparto, acompanhadas dos mesmos instrumentos de pedra, de osso e dos mais utensilios já indicados. Em algumas bolsas maiores de esparto, de 6 a 15 pollegadas de altura, havia terra negra, talvez proveniente de alimentos decompostos, e umas bolsinhas com madeixas de cabello, flores e sementes de dormideiras, que os saes do deposito tinham admiravelmente conservado. Alguns d'estes objectos acham-se estampados na obra de Gongora, de pag. 31 a 57; e tudo isto eu aqui indico para que o leitor possa recorrer a essa obra e notar, que, em vez de engrandecer um tal descobrimento, me limito a resumil-o, e mesmo a omittir alguns dos seus caracteristicos.

Dou, porém, como simples amostra das armas de pedra e de alguns outros artefactos, a reproducção de varios desenhos, a fim de que logo á primeira vista os entendedores fiquem reconhecendo a epocha a que pertence um tal conjuncto de caracteristicos, inteiramente desacompanhado de qualquer manufactura de ferro, de bronze ou de cobre. Veja-se a est. XLII.

Se tudo isto não caracterisa a industria mais typica da ultima idade da pedra, de que a *Cueva de los Murciélagos* ficou sendo estação classica, digam os sabios, mas positivamente e sem subterfugios, em que periodo, epocha ou idade se deve inscrever aquella vasta mansão mortuaria.

A estampa explica os exemplares que representa.

Vejâmos agora alguns conceitos expendidos pelo auctor:

«Las armas e hierramientas de ellos eran puntas de pedernal, hachas y cuchillos ó raspadores de serpentina ó javaluna, convenientemente afiladas; punzones de hueso y otros utensilios de esta sustancia y de madera.

«Usavan vasijas de barro de varia hechura y toscamente labradas: unas en forma de patera (fig. 62); oblongas otras, con un escaso reborde en el asiento; ligeramente concavas y prolongadas; con borde liso ó pequeña vuelta en la parte superior; con

asas poco salientes, ó sin ellas, y adornos de una estrema sencillez.»

«No conocieran ni el hierro, ni las piedras preciosas; pero si el oro, de que es muestra interesantisima la corona ó diadema ya citada. Seguramente que la hidalguia ingénita del oro nativo debió fascinar sus ojos. ¿Repararian en alguna pepita de este metal, brindada con espontaneidad por las arenas de los arroyos; y machacándola con una piedra, serviria de diadema y distintivo al caudillo de aquellas gentes?

«El conocimiento del oro antes que el de los demás metales no tiene nada de singular en la cueva de Albuñol... Natural es, en efecto, que presentandose el oro en estado de pureza ó nativo, con mas frecuencia que ningun otro metal, y siendo el más dúctil y maleable de todos los usuales, fuese tambien el primero que apropiase á sus necesidades el hombre primitivo...»

D. Manuel de Gongora, enumerando os caracteristicos industriaes da caverna, deduz de um modo mui sensato os usos, os costumes, as aptidões e o estado de civilisação a que tinha chegado aquelle povo, que tão esmeradamente sabia honrar os mortos e cuidar da vida.

Com justa admiração descreve Gongora o notavel desenvolvimento que tinha tido a tecelagem do esparto, vendo as mumias revestidas de gorras, tunicas e calçado de taes tecidos, com excepção de uma ou outra que trajava vestuario de pelles.

As pelles dos animaes fôram porventura os mais antigos abrigos da nudez humana. Era a propria natureza que parecia ter querido soccorrer com esses abrigos uma das maiores necessidades da vida; e porque todos os viventes surgiram na terra com o instinctivo condão de saber acudir ás suas mais instantes precisões, não ha que admirar que o homem, de todos o mais brindado de faculdades intellectuaes, chegasse a descobrir outras substancias adaptaveis ao seu vestuario e a outros usos diversos.

O esparto (*Stipa tenacissima*, Linn.) é uma graminea indigena da flora peninsular. Nasce espontaneamente em toda a zona do Algarve, a partir do Cabo de S. Vicente no sentido de leste, e se-

gue pelo territorio andaluz para attingir famosas proporções nos campos granadinos de Almeria e de outros tractos territoriaes.

Os homens que viveram na ultima idade da pedra, no actual territorio granadino, póde-se dizer que fôram os instauradores da industria manufactora do esparto. A perfeição dos seus tecidos e as varias applicações a que os destinaram, bastariam para comprovar o grau de cultura a que tinham levado as faculdades do entendimento. Serviam-se ainda, é verdade, de instrumentos de pedra lascada e polida, de facas, punções e punhaes de osso, e de uma louça de todo o ponto rudimentar, porque não estava ainda realisada a descoberta dos metaes, com excepção do ouro, que por si proprio se manifestava sem precisar ser procurado.

Não foi, porém, a industria manufactora do esparto que sómente deixou assignalado esse povo. Outro descobrimento de maior alcance o recommendou á posteridade.

O povo, que na ultima idade da pedra occupava a região littoral granadina, já sabia transmittir os seus pensamentos, os seus conceitos, as suas palavras, servindo-se de caracteres graphicos. Tinha portanto uma linguagem escripta já constituida!

Eis-aqui a prova. Nem taes affirmações se devem aventurar senão com incontestavel documento á vista.

O documento comprovativo é o que figuro com o n.º 14 na est. XLII. É um fragmento de vaso de barro com alguns ornatos, em que mui distinctamente se vê entre duas raias parallelas um resto de legenda gravada em caracteres peninsulares, e ainda outros symbolos graphicos superiormente. Este fragmento, reduzido á metade das suas dimensões, foi pela primeira vez estampado com o n.º 24 na pag. 40 das *Antigüedades prehistóricas de Andalucía,* por D. Manuel de Gongora, tendo por elle sido extrahido, com outros de diversos vasos, do interior da *Cueva de los Murciélagos.*

Tem aquelle fragmento até hoje percorrido os arraiaes scientificos, sem que ninguem tivesse percebido o seu immenso valor. O proprio descobridor nem por isso lhe ligou grande importancia; apenas, muito de passagem, referindo-se aos ornatos de al-

guns fragmentos de louça, que colligiu na caverna, diz (pag. 45 e 46) serem «caprichosas lineas, *que tanto pueden ser letreros como adornos*».

Eu mesmo, quando ha muitos annos li a obra de Gongora, confesso não ter reparado nos caracteres gravados no referido fragmento. Foi muito depois, quando tive precisão de citar alguns trechos d'essa obra, que os descobri. Parecendo-me, porém, que podéra ter-me enganado, voltei a revel-os e a cotejal-os com os das inscripções do Algarve e do Alemtejo, e com effeito ahi os achei perfeitamente exemplificados; mas, receiando ainda que alguma preoccupação me tivesse illudido, tirei uma copia exacta e pedi a este respeito o auctorisado voto do meu douto amigo sr. João Bonança, porque os seus estudos de muitos annos ácêrca das legendas luso-ibericas me inspiravam segura confiança. O sr. Bonança examinou os caracteres, e concordando inteiramente com o meu parecer, eu formulei então um resumo dos caracteristicos da caverna dos morcegos, e conclui que um tal documento, em presença de tão significativas provas, ficava demonstrando, do modo mais positivo, que na ultima idade da pedra já existia no territorio peninsular uma linguagem escripta, ou figurada por caracteres graphicos, identicos aos das inscripções transtaganas da idade do bronze e aos das inscripções do Algarve pertencentes á primeira idade do ferro.

Que venham agora os textos classicos e os mais apurados methodos linguisticos negar a genuina classificação d'este eloquente facto archeologico.

Com referencia a textos classicos, só um se póde de hoje em diante citar, sem tão grande receio dos commentadores dissidentes: é o que expende Estrabão (liv. III, cap. I, 6), traduzido n'estes termos pelo sr. Amedée Tardieu (1867):

«Comparés aux autres ibères, les turdétans sont réputés les plus savants; ils ont une littérature, des histoires ou annales des anciens temps, des poëmes et des lois en vers qui datent, à ce qu'ils prétendent, de six mille ans; mais les autres nations ibères

ont aussi leur littérature, puisqu'elles ne parlent pas toutes la même langue.»

Como soube Estrabão, tendo vivido no primeiro seculo da era christã, que os turdetanos *pretendiam* ter em verso, havia mais de seis mil annos, os seus poemas e as suas leis?

Que esta tradição era conhecida e corria com insistencia no tempo do geographo grego, não ha que duvidar; pois é elle quem a propaga, lançando porém a data das leis e dos poemas á conta de *pretenção* dos turdetanos, não obstante referir que elles tinham uma litteratura, historias ou annaes, *desde antigos tempos;* e que eram reputados como sendo os mais sabios entre os povos da Iberia.

Isto não desconhece Estrabão, porque aponta os turdetanos e turdulos com uma elevada civilisação *desde antigos tempos;* mas esta expressão de *antigos tempos,* proferida por um escriptor tão conspicuo e cauteloso, não póde deixar de significar uma anterioridade de muitos seculos: logo, entre essa origem, que se perde entre os vagos limites dos *antigos tempos,* e os seis mil annos invocados pela gente turdetana, é que póde haver dissentimento; mas como é inevitavel descontar dos seis mil annos, de que datavam as leis e as reformas, todo o lapso dos taes *antigos tempos,* referentes á litteratura e ás historias ou annaes dos turdetanos, os seis mil annos soffrem assim uma grande reducção, e d'este modo diminue tambem mui sensivelmente a supposta exageração da tradição turdetana.

Não julgo eu porém exagerada a tradição que em tempo de Estrabão elevava a civilisação turdetana a seis mil annos; porque, quando trato de epochas prehistoricas, não me deixo guiar por textos classicos, mas tão sómente por factos propriamente archeologicos, que tenham sido scientificamente examinados.

Pois não acabei de patentear tres estações principaes, uma da primeira idade do ferro, na Fonte Velha de Bensafrim; outra da idade do bronze, na região transtagana de entre Ourique, Castro Verde, Beja e Evora; e finalmente outra, perfeitamente inscripta na ultima idade da pedra, como é a *Cueva de los Murcié-*

lagos, na região andaluzo-granadina, que apenas bastaria para demonstrar o periodo de que data no territorio peninsular uma linguagem escripta, já então constituida?

Quem, de ora diante, em presença de tão positivas provas, ousará querer usurpar á peninsula luso-hispanica a prioridade da linguagem escripta?

Citem-me uma estação asiatica, a que julguem ser mais antiga no Egypto, ou n'outra qualquer parte do mundo, que haja manifestado caracteres graphicos, mas que archeologicamente possa provar-se pertencer a uma epocha que preceda, com melhores caracteristicos, a ultima idade da pedra n'este territorio peninsular, para assim se ficar sabendo de que lado partiu uma tão sublime invenção. Entretanto, até que chegue essa indispensavel demonstração, fica o documento epigraphico da *Cueva de los Murciélagos* testemunhando a prioridade da linguagem escripta na peninsula luso-hispanica.

Não devo deixar de incluir aqui uma interessante inscripção ha poucos annos descoberta no termo de Luzaga, partido judicial de Siguenza, na Castella a Velha, distante umas 25 leguas ao nordeste de Madrid, e muitas mais do reino de Valencia, em que appareceram as inscripções antecedentes.

É assaz notavel este padrão epigraphico por estar gravado em caracteres perolados n'uma chapa de bronze com sete orificios, mui similhante a algumas tabulas do mesmo metal, que na epocha romana eram affixadas em logares publicos, quando continham leis ou regulamentos attinentes á execução de certos ramos de serviço que devesse ser fiscalisado pela administração do estado.

Foi esta inscripção publicada no *Boletín de la real académia de la história*, tom. II. cuaderno I, pag. 35 a 44, em janeiro de 1882, sendo descripta pelo sr. Fidel Fita, e acompanhada de uma carta do sr. Zóbel de Zangroniz; mas não me consta que a sua interpretação tenha sido emprehendida pelos sabios interpretes das inscripções dos phenicios.

Em Luzaga ha ruinas de antiga povoação, assim como de um

1.ª Tabula de bronze de Luzaga

2.ª Signal monetario e legenda da moeda de Luzaga

Anv. Signal ⊙

Rev.

3.ª

Vaso de prata com moedas peninsulares e consulares, sendo a mais moderna da Fam. Portia (46 ann. antes de J. C.), achado a 3 leguas de Baeza, na prov. de Cordova.

castello derruido até os alicerces, e ahi hão sido achadas algumas moedas de prata das chamadas celtibericas. Uma d'estas moedas representa um cavalleiro de lança em riste, tendo em baixo a legenda que vae reproduzida com o n.º 2 na est. XLIII, e é possuida, assim como a propria tabula de bronze, por D. Juan Maria Morales, o qual, a respeito d'esta tabula, deu os esclarecimentos seguintes:

«La plancha celtiberica fué encontrada en el término de Luzaga, transmitiendose de unos á otros poseedores, y pasando por las transformaciones de pantalla de velon y cobertera de olla, vino a parar á Huerta-Hernando, en cuyo punto llego á nuestro poder.»

Vê-se, pois, que esta epigraphia não acompanhou sómente a Andaluzia e o reino de Valencia no seguimento da estrada para Barcellona e os Pyrenéus Orientaes, mas que era usada na Castella a Velha e n'outros pontos da Hispanha; o que deixa entender que em epochas remotas teve geral predominio na peninsula.

Eis-aqui a reproducção da inscripção com as suas exactas dimensões.

Sabendo, porém, que esta escriptura peninsular foi subsistindo até muito depois da era christã em varios pontos da Hispanha; e tendo em vista ser esta gravada n'uma tabula de bronze com orificios e de fórma similhante á de outras de epocha romana, julgo-a relativamente moderna ou já pertencente aos tempos historicos, sem comtudo o affirmar.

Eis-aqui a inscripção. Parece dever-se inteiramente ler da esquerda para a direita.

Na mesma estampa sob n.º 2 reproduzo a legenda da medalha achada com a inscripção n.º 1, e com o n.º 8 transcrevo outra inscripção perolada, gravada n'um vaso de prata do peso de 10 onças e da capacidade de 24 de agua, achado em 1618 no sitio de Torres, a 3 leguas de Baeza, com umas setecentas moedas de prata do peso dos denarios romanos, umas com legendas

que Delgado julga serem *españolas antiguas*[1], e outras de muitas familias consulares romanas.

O numismatico hispanhol tentou decifrar a inscripção e achou o seguinte:

LIÆI&CHORVPHÆI

Eu não sei nem tento querer ler estas inscripções.

Vejo que as legendas de um grupo são de caracteres ibericos e que as do outro grupo são todas consulares, sendo a mais antiga da familia Lutatia (duzentos e quarenta annos antes Jesus Christo), e a mais moderna da familia Porcia (quarenta e seis annos antes de Christo), o que mostra não ser anterior a esta ultima data a inscripção de caracteres ibericos perolados que adorna o vaso de prata.

Note-se que em grande parte estes monumentos já mutilados e tratados como material de construcção, seguem no sentido da antiga estrada littoral de Valencia para Barcellona e os Pyrenéus Orientaes, e por isso não deverá causar estranheza, se chegarmos a encontral-os em regiões um tanto mais longinquas, a que fôsse levada a sua epigraphia pelos habitantes, ou tribus aventureiras do territorio iberico.

Esta epigraphia peninsular acha se ramificada em diversos rumos. No norte da Europa manifestou-se na Baixa-Saxonia, avizinhando-se da margem esquerda do Baltico, e passando á margem direita, internou-se na Suecia, não se podendo porém indicar o trajecto terrestre ou maritimo que seguiu.

As provas são concludentes, como vou mostrar.

Em 1794 propoz-se o conde J. Potocki emprehender o reconhecimento das antiguidades slavas na Baixa-Saxonia, e em resultado das suas investigações publicou em 1795 um assaz interessante livro, ornado de muitas estampas, intitulado *Voyage dans quelques parties de la Basse-Saxe pour la recherche des antiquités slaves ou vendes*.

---

[1] *Medall. de Esp.*, tom. I, pag. 149.

Apresenta os paizes de Mecklemburg-Schwerin e de Strelitz occupados pelos slavos no seculo VIII, e querendo dar a respeito d'elles auctorisada noticia, recorre a Ditmar de Merseburg, que escreveu no seculo IX, quando os de Mecklemburg já tinham voltado á idolatria e a praticavam publicamente.

Seguindo o texto de Ditmar, refere ter havido no paiz de Strelitz uma cidade chamada Ridegast, com um templo, rodeada de um sombrio bosque, tão reverenciado, que a ninguem era permittido tocar nas arvores.

O templo, artisticamente construido de madeira, assentava a base em cornos de diversos animaes. Tinha as paredes internas e externas ornadas de deuses, que trajavam capacete e couraça, tendo cada um o seu nome gravado.

Os principaes idolos se denominavam Luarasici, e estes eram mais venerados que os outros.

No templo se guardavam os estandartes sob a vigilancia dos ministros, e sómente saíam, quando havia expedições guerreiras de gente a pé.

Quando os ministros sagrados se reuniam para immolar aos deuses e applacar-lhes a colera, assentavam-se no chão, ficando de pé os assistentes. Segredavam entre si, raspavam a terra com ar temeroso, como procurando a solução das cousas duvidosas. Quando triumphavam, o incredulo ou o cavallo era a victima propria para com seu sangue tranquillisar os furores da divindade.

No Mecklemburg, o paiz dos lagos, diz Ditmar que os slavos não acreditavam na immortalidade da alma.

O conde Potocki falla das sepulturas de Hoch-Zyritz, onde ha tumulos slavos, dizendo que continham urnas de barro cheias de cinzas, e ossos, que se desfaziam em pó, pedras dispostas em de redor sobre uma excavação mais baixa, tambem guarnecida por pedras formando pyramides, e havendo ainda um fôsso de fórma rectangular, revestido de pedras, contendo cinzas, ossos e carvões.

Desenha os idolos, as pateras, as facas dos sacrificios, que achou em Prilwitz, e cada objecto dos dois lados, tanto porque

os idolos em grande parte são bifrontes, como porque as inscripções estão quasi sempre nas costas ou reverso das figuras. Desenha, emfim, muitas placas de bronze e urnas similhantes ás que Sponholtz achou nas suas excavações.

Um dos assumptos a que o conde J. Potocki parece ter dedicado maior interesse foi a linguistica.

A este respeito diz ser certo, que a antiga lingua está inteiramente perdida, e que para isso muito concorreu a regencia de Hanover, pretendendo substituil-a pelo ensinamento geral da lingua allemã, mas de que não tirou resultado, porque o povo ficou reduzido na sua linguagem a uma ingrezia sem artigos, sem conjuncções, e tão inintelligivel como o seu antigo dialecto, não obstante os velhos de Luchau presumirem conservar alguns termos do seu primeiro idioma; e não conservavam só isso, porque nos arredores de Luchau ainda havia muitas sepulturas dos antigos povos, contendo urnas, pontas de lança de cobre e outros objectos.

Perdeu-se a linguagem fallada, mas os caracteres paleographicos sobreviveram nos monumentos e nos idolos. Foi isto que mais aguçou a curiosidade do illustre explorador.

Descobriu um vocabulario slavo manuscripto, que de seus paes tinha recebido, e lhe confiou, o sr. de Plato; a este respeito diz elle: «le caractère en est formé dans un certain genre brisé, qui n'est plus d'usage en Allemagne, mais heureusement très distinct».

Consultou outros diccionarios, que cita, dizendo porém conterem copiosas noções, que os eruditos alteraram, *par ignorer les sources & les cannaux qui les ont transmis* (pag. 37).

Notou comtudo no vocabulario slavo muitas palavras referentes á religião d'aquelles povos, dando finalmente como certo não haver já slavos na margem esquerda do Elbo em tempo de Carlos Magno.

Na segunda parte da sua obra trata de explicar a significação dos objectos que desenhou com inscripções no gabinete do

sr. de Sponholtz, para dar a conhecer a religião dos slavos do Mecklemburg.

Cita, porém, primeiramente um texto descriptivo de Helmold, por ser este auctor considerado como principal historiador dos slavos do Oder, e porque se refere a certos nomes, que o conde Potocki presumiu ler em algumas inscripções. Diz, pois, Helmold:

«Tollenziens ou Redairiens, leur ville la plus connue est Rhetré. Là est un vaste temple consacré aux démons dont le Prince est Radegast. Son simulacre est tourné au Levant & son lit au midi.»

«La ville a neuf portes, renfermées de tous côtés par un lac profond; un pont de bois offre un passage qui n'est libre que pour les prêtres & pour ceux qui demandent des réponses.»

Tenha-se porém em vista, que tudo isto se refere ao anno da Encarnação 1001, quando os slavos, que tinham sido christãos durante sessenta ou setenta annos, levantaram a grande lucta entre o paganismo e o christianismo, não deixando um unico vestigio christão além do Elbo e o Oder.

Um dos martyres foi um bispo (Jean l'Ancien), capturado em Mecklemburg, o qual, não querendo renunciar ao christianismo, padeceu a pena do martyrio, sendo-lhe a cabeça offerecida ao deus Radegast, em Rhetra, capital dos slavos.

Radegast era o deus da terra dos obotritas, assim como Prowe o era da terra de Aldenburg, e Siwa a deusa dos palabos. Todos tinham padres, culto e rito particular com sacrificios. O padre consultava os oraculos e fixava o dia das solemnidades, em que homens, mulheres e creanças sacrificavam bois, cordeiros e christãos.

Entre os deuses multiformes o mais illustre era Zwanthevit, e guiavam-se por suas respostas, porque os outros eram considerados semi-deuses. Para o honrarem, todos os annos tiravam á sorte um christão e lh'o sacrificavam.

Refere o conde Potocki, que os slavos, excessivamente crueis, e não podendo viver em paz, de continuo vexavam os povos vizi-

nhos por terra e por mar, sendo difficil descrever todos os generos de morte por elles inventados para exterminar os christãos.

Todas as divindades slavas eram subordinadas a um só deus celeste e representadas com duas e mais cabeças, como se vê nas estampas desenhadas nas collecções de Sponholtz, achadas em 1687 e 1697, não no antigo Schlosberg, mas no lado norte da montanha. Eram numerosos os vasos de metal e numerosas as inscripções *runicas* ao lado dos vasos. Só os utensilios de ferro pesaram quasi 2 quintaes. A descoberta fel-a Frederico Sponholtz, pastor da aldeia, morto em 1697. A viuva tudo vendeu: o ferro passou a ser de novo manipulado e os vasos de cobre fôram fundidos para um sino; só escaparam alguns idolos.

O dr. Hempel, medico em Neubrandeburg, obtendo grande numero d'esses objectos antes de condemnados á bigorna e ao cadinho, pretendeu explicar as inscripções *runicas* (que foi como as designou) por uns alphabetos que lhe forneceram Cluvier e Westphal.

Estas interpretações occupariam aqui demasiado espaço. Melhor será exeminal-as na obra do conde Potocki, de que tenho feito todo este resumo.

Transcrevo porém algumas inscripções, por ser esse o meu principal intuito, a fim de que os seus caracteres possam ser cotejados com os da epigraphia luso-iberica, e reconhecer-se que nenhum d'elles falta no grande numero de symbolos paleographicos da peninsula hispanica, já existentes em epochas prehistoricas, que attingem a ultima idade da pedra. D'este modo parece-me ser mais racional e prudente não se pretender deduzil-os do tão preconisado alphabeto pheniciano.

Por simples curiosidade junto a algumas palavras a interpretação que tiveram, sem que todavia seja meu proposito abonal-a.

Vejam-se as inscripções juntas a esta pagina.

Passarei agora ao outro lado do Baltico, a que tambem chegaram os monumentos epigraphicos de caracteres luso-ibericos, aos quaes podem chamar runicos, phenicios e tudo mais que qui-

Antiguidades slavas achadas em Prilwitz

Fig. 1
1/3

Un Dieu tenant une tête d'une main & une baguete de l'autre, avec les inscriptions suivantes:

ULHIN - Romawv - Rhetra.

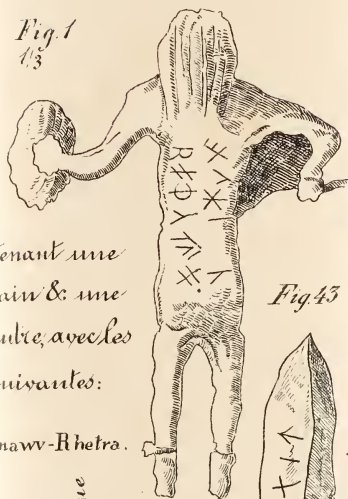



Fig. 15 - Une tasse avec le nom de Rhetra.

Fig. 45 Bout de lance prismatique en bronze avec ces mots: Tui - Belbuk

Fig. 43 Couteau à lame prismatique avec le nom de Dieu

Fig. 47 Dard de bronze melé de métaux précieux avec l'inscription suivante: - KRIVE - Radegast

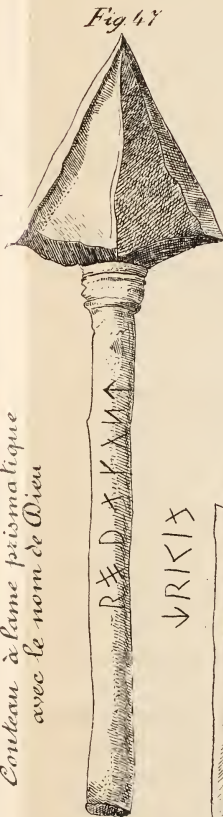



Fig. 116 Bout de lance en cuivre

Fig. 118 Epée en cuivre jaune

zerem, que não ha de ser por isso que elles hão de perder a sua legitima e bem attestada filiação.

É a Suecia que os possue e tem em grande apreço, como paiz altamente civilisado. Cá em Portugal, senão fôra eu, permitta-se-me que o diga, todos se teriam perdido, como se perderam em Beja (?) os que o sabio Cenaculo descobriu, e tanto estimou. Restam só os do Algarve, dos quaes tenho quatro depositados no museu, *que ha nove annos está fechado ao publico!*

Estavam igualmente ignorados, ou em muito esquecimento, os padrões epigraphicos de caracteres ibericos, existentes na Suecia, quando o sr. Bruzelius, professor da universidade de Lund, e mui nomeado archeologo, renovou a sua memoria em 1869 n'um opusculo redigido em lingua sueca, intitulado *Antiquarisk beskrifning öfver Bjeresjö eller Bergsjö socken (Bierghusa,* 1383) *i Herrestads härad, Målmöhus län, Skåne,* com seis paginas de impressão e tres estampas, representando as primeiras dois d'esses monumentos em excellente estado de conservação.

Anteriormente ao sr. Bruzelius outros auctores já se tinham occupado do exame d'aquellas inscripções; é elle mesmo quem os cita, nomeando Bautil, Liljegren e Worms.

Os referidos auctores referem-se a quatro pedras com taes inscripções, achadas na freguezia de Bjeresjö, situada no limite dos districtos de Ljunitz e Herrestads.

Eu sigo o texto do sr. Bruzelius, por ter conseguido obter uma traducção litteral[1], que muito auxilio veiu trazer ao meu estudo, mostrando-me uma das regiões mais septentrionaes a que chegou a civilisação luso-iberica.

---

[1] Foi o sr. C. von Bonhorst quem, por seu animo sempre graciosamente obsequiador, a seu cargo tomou a traducção, contando com a benevolencia de um mui illustrado cavalheiro sueco, seu particular amigo, cujo nome sinto ignorar. A um e outro consigno aqui o meu mais cordial agradecimento, porque considero este bom serviço, não só util para mim como para todos os que se dedicam a estes assumptos, infelizmente ainda mal estimados n'este paiz. Ambos comprehenderam a necessidade que eu tinha d'esta traducção, e não sei qual d'elles foi mais solicito em favorecer-me, se o que a pediu, ou se o que tão promptamente a quiz fazer. A todos fico obrigadissimo

Vou, pois, extractar da traducção o que julgo ser mais essencial ao meu intento.

«N'esta freguezia (Bjeresjö) acham-se quatro pedras runicas, das quaes provavelmente apenas existem tres. A pedra runica, a que Bautil dá o n.º 1:161, e Liljegren, no Run-Urkunder, o n.º 1:423, não pude eu achar. Está porventura destruida. Segundo este auctor lia-se n'ella: (Veja-se na est. XLV a 1.ª inscripção.)

«Já no tempo de Worms havia uma pedra runica collocada na parede a oeste do muro do cemiterio de Bjeresjö, e lá se acha ainda á esquerda do portão do cemiterio. Segundo Worms *(Danicorum monumentorum, libri sex)*, media ella de altura 2 covados, de largura 1 $^1/_2$; mas agora a parte superior está partida, resultando terem-se estragado duas runas da legenda. A sua altura ficou sendo de 1 covado e 18 pollegadas, largura inferior 2 covados e superior 17 pollegadas: d'isto se segue que o desenho de Worms é incorrecto. Eu leio assim em irlandez: (Veja-se na estampa a 2.ª inscripção.) Em portuguez quer dizer: Aulfun (ou, em sueco, Kare) × erigiu × pedra × em memoria × Aulfun ×.

«No parque de Marsvinsholms existe agora uma pedra runica designada por Worms nos *Mon. Dan.*, pag. 179: por Bautil com o n.º 1:161; e Liljegren, no Run-Urkunder, com o n.º 1:422. Worms conta que no seu tempo ella estava em *Bjergesö*, encostada á grade de um jardim, no caminho de Gunderslev (Gunderslöf), tendo anteriormente estado n'uma collina proxima; mas que, segundo a tradição, foi para lá mudada pelo administrador de um burgomestre de Ystad, e não impunemente, como com certa ingenuidade se exprime Worms: «porque, segundo todos sabem, conta-se que elle perdeu a saude e viveu miseravelmente, ensinando assim com o seu exemplo, que não se profanam sem punição os monumentos dos antepassados (ainda mesmo os dos gentios benemeritos) consagrados á eternidade com grande despeza e zêlo religioso.»

«Agora acha-se esta grande e bem conservada pedra runica collocada n'um lindo local de Marsvinsholms, resguardada de

Est. XLV

Monumentos epigraphicos da Suecia, descobertos em Bjeresjö, freguezia do concelho de Malmöhus, no districto de Herrestad

1.ª × ᛆᚢᚦᛁᚱ × ᛋᛆᛏᛁ × ᛋᛏᛁᚾ × ᚦᛆᚾᛋᛁ × ᛁᚠᛏᛁᛦ × ᚼᛆᚴᚢᚾ

Audir × erigiu × pedra × esta × em × memoria × Hakun (Håkan)

2.ª × ᚴᛆᚱᛁ × ᛋᛆᛏᛁ × ᛋᛏᛆᛁᚾ × ᛁᚢᚠᛏᛁᛦ × ᛆᚢᛚᚠᚢᚾ ×

Traduzida em irlandez, quer dizer em portuguez:

· Alfun (ou em sueco, Kare) × erigiu × pedra × memorande × Aulfun ×

3.ª

4.ª

1.ª Bruzelius julga perdido o monumento. transcreveu de Bautil e Liljegren a inscripção.

2.ª Monumento existente no muro de oeste do cemiterio de Bjeresjö

3.ª Monumento existente no parque de Marsvinsholms

4.ª Monumento existente no parque de Bjeresjöholms.

Obs. Segundo Bruzelius a 3.ª inscripção foi traduzida em irlandez; posta agora em portuguez quer dizer: Ake erigiu esta pedra em memoria de Ulf irmão seu, um muito distincto heroe.

- A 4.ª inscripção: Oradi erigiu esta pedra em memoria do seu parente (um) muito bom heroe. (Versão do irlandez para portuguez).

qualquer estrago[1]. Mede 3 covados de altura, 1 covado e 1 pollegada de largura, com 23 pollegadas de espessura, e está muito bem conservada. Worms lê n'ella o seguinte: (Veja-se na est. XLV o monumento n.º 3).»

Tambem foi lida por Bautil e citada por Liljegren. A inscripção traduzida em irlandez, e posta em portuguez, diz: «Åke erigiu esta pedra em memoria de Ulf irmão seu, um mui distincto heroe.

«A quarta pedra runica, que o professor P. G. Thorsen e o fallecido cura Lundh encontraram no dia 27 de julho de 1845 n'um campo de Bjersjöholm, acha-se agora collocada no parque proximo ao palacio novo. Essa bella pedra, que tem de altura 3 covados e 1 palmo, 19 pollegadas de largura e de espessura quasi 1 covado, não tem sido mencionada na imprensa, nem desenhada. Varias runas estão menos intelligiveis. Tanto o professor Thorsen, como o auctor, lê n'ellas: (Veja-se na estampa o monumento n.º 4). Traduzida do irlandez, em portuguez, diz: «Oradi erigiu esta pedra em memoria do seu parente (um) muito bom heroe.»

Eis-aqui as inscripções:

Não são referidas as condições archeologicas em que appareceram esses monumentos. Worms diz, porém, que na quebrada de alguns valles de Bjeresjö ha turfeiras de que se têem extrahido varias antiguidades, e até fosseis, como na de Ruuthsbo, onde, sendo aberto um canal, appareceu o esqueleto completo de um veado, de que só aproveitaram o craneo; em Svarteskog fôram encontrados, havia vinte e cinco annos, dois altos tumulus, contendo um d'elles um sabre de bronze. Refere tambem, que ao sul de Ruuthsbo appareceram uns monumentos, em grande parte estragados, construidos de pedra em fórma de bote, entre os quaes

---

[1] Cá em Portugal tambem está em uso escolher-se o mais lindo local para a collocação dos monumentos da nação, como o exemplificam os do museu do Algarve, escondidos nas arrecadações da Academia de bellas-artes... para que não soffram qualquer estrago.

ainda havia tres em bom estado, os quaes, retiradas as pedras, manifestaram ossos queimados, cinzas e instrumentos de ferro. Além d'estes monumentos, indica tres altos tumulos em Ruuthsbo; um denomina-se Herrehögen e está situado nas proximidades do mar, e outros dois um ao lado do outro. Um d'estes chamados Tvehögarne attinge grandes dimensões. Em Bjersjöholm ha tambem dois grandes tumulos.

De tudo isto parece, pois, poder-se deduzir, que essas antiguidades suecas não irão muito além da primeira idade do ferro, sendo mui provavel que as inscripções pertençam a essa idade, tendo-se tambem em vista o já correcto delineamento das figuras.

Fôram, emfim, os phenicios que levaram á Baixa-Saxonia e á Suecia aquelles quatro monumentos de caracteres luso-ibericos? Será facil affirmar-se, mas não provar-se.

A epigraphia luso-iberica, que acabâmos de ver implantada na Baixa-Saxonia e na Suecia, ha de igualmente ser reconhecida n'outras regiões.

Tempo virá em que os factos archeologicos (de maior alcance e mais concludentes do que todos os textos classicos com referencia aos tempos prehistoricos, e do que todos os methodos linguisticos até hoje empregados no exame da filiação das linguas), quando fôrem conscienciosamente estudados á luz da mais escrupulosa e despreoccupada critica, terão de revogar a grande maioria dos conceitos que constituem a engenhosa urdidura de uma escola moderna, que tem por base a rigorosa observancia preceituada da exclusiva *unidade asiatica.*

Foi este preceito que obrigou a procurar um povo de origem asiatica para se lhe attribuir a invenção de um alphabeto, de que se diz terem-se emanado todos os do mundo conhecido; mas os factos archeologicos, como já mostrei, refutam terminantemente esta indemonstravel affirmação.

A Europa, principalmente, não póde por mais tempo permittir um tal attentado contra a prioridade que já tem patenteado ácêrca das origens humanas, industriaes, e agora da palavra escripta.

A diffusão da escriptura peninsular não está sómente comprovada pela identidade de numerosos caracteres dos que entram na composição dos muitos alphabetos, a que chamam semiticos. A Suecia reservou mais uma outra prova em apoio d'este conceito, mostrando-nos os seus monumentos de pedras toscas da mesma fórma dos do Algarve e Alemtejo, e as inscripções, similhantemente dispostas, gravadas em faxas que contornam as pedras e voltam para o centro. É o que se observa em algumas da Fonte Velha de Bensafrim, de Ourique, e Bjeresjö, lendo-se umas da direita para a esquerda e outras no sentido inverso, como se vê na de Alcalá del Rio (est. XLI).

Além d'isto, se antes mesmo de conhecida a estructura grammatical das linguas escriptas, os orientalistas, cotejando os signaes graphicos de cada uma com as do alphabeto dos phenicios, deduzido pelo sr. de Rougé, viram na identidade, e ainda na similhança de muitos dos caracteres confrontados, uma prova fundamental da sua origem commum, a mesma regra seguiu o sr. Pictet, não poucas vezes em discordancia com o sr. Renan, quando, convencido de que todas as linguas indo-europêas descendem de uma unica, tratou de examinar a relação que liga os sons articulados da palavra aos signos que os representam.

A este respeito diz o sr. Pictet [1]:

«Or quand ce signe, arbitraire par lui même, se trouve être identique dans des idiomes séparés depuis des siècles, et qui les analogies s'étendent à tout l'organisme du langage, il devient impossible d'en rendre compte autrement que par une transmission continue à partir de l'origine.»

Bem se sabe que não é ainda conhecido o organismo grammatical dos antigos povos peninsulares, mas entretanto, achando-se os caracteres dos seus monumentos, archeologicamente reconhecidos até á ultima idade da pedra, no referido alphabeto

---

[1] Pictet — *Les origines indo-européennes*, tom I, pag. 57 e 58. Obra em tres volumes. — 1878.

pheniciano e nas outras linguas que se diz serem d'elle derivadas, commetter-se-ía um grosseiro anachronismo, affirmando-se que a arte da escripta foi aqui trazida e ensinada pelos phenicios, os quaes só começaram a apparecer na Europa em plena idade do ferro.

Este facto, porém, já ficou tão evidentemente dilucidado, que não permitte ser desviado da sua imperiosa significação; pois emquanto archeologicamente não se provar a existencia de taes monumentos em alguma estação de antiguidade anterior ás da peninsula luso-iberica, o alphabeto pheniciano e os de todas as outras linguas que se diz serem d'elle derivados, só é racionalmente licito consideral-os como directos descendentes do primitivo systema graphico peninsular.

A transmissão da escripta poderiam os proprios peninsulares tel-a realisado em tempos prehistoricos muito anteriores á primeira idade do ferro, levando-a directamente aos portos maritimos ou aos emporios de maior confluencia estrangeira, assim como os navegadores de outras nações, reconhecendo as vantagens que lhes promettia este meio de communicação explicita, poderiam ter aprendido com os povos peninsulares e vinculado nos seus paizes este sublime processo de emissão do pensamento e da palavra.

Para exemplificar um d'estes casos, bastará indicar a reconhecida affinidade existente entre a epigraphia do archipelago canariense e a da peninsula hispanica.

O sr. Berthelot [1], na sua obra das *Antiquités canariennes*, etc. (París, 1879), refere que os monumentos megalithicos da Betica, que D. Manuel de Gongora estampou e descreveu, se observam reproduzidos nas ilhas Canarias, assim como outros caracteristicos similhantes aos do visinho tracto do continente africano e aos da Iberia, os quaes levam a considerar estes povos em remoto contacto com a população indigena e talvez primitiva d'aquellas ilhas.

Ácêrca d'esta obra do sr. Berthelot apresentou o sr. Fidel Fita em 1882 o seu parecer á academia real da historia de Ma-

drid, e com referencia ás mencionadas observações do auctor, acrescenta os conceitos seguintes:

«... así tambien pudo acontecer que simultaneamente á la expansion del saber, coexistisse otra literatura indigena en nuestras regiones occidentales; y esto es lo que hoy sospecha y estima no sin gravisimos fundamentos la opinion general de los doctos, porque en primer lugar, los letreros de los monumentos megalíticos en la Bética se reproducen ó se encuentran grabados con mayor amplitud conforme lo ha probado diseñándolos M. Berthelot en las islas Canarias. Este distinguido sabio ha hecho tambien observar que aquellos letreros arcanos marcados en la viva roca, aparecen semejando obedecer al mismo sistema grafico en los monumentos que suelen llamarse celticos de Galicia; y á poco vuelo ulterior que hubiese dado á sus investigaciones los habria encontrado igualmente en el país de Gales y en Irlanda. Merced al talento de mr. Rhys, profesor de celtico en la universidad de Oxford, sabemos que en ambas islas ibérnica y británica, aquel sistema gráfico, tal como se conoce en las inscripciones de fecha segura y decifrable, servió para escribir en latin y en céltico.»

Ácêrca da direcção da escripta, diz o sr. Maspero:

«Sur les textes les plus anciens il s'écrit de droite à gauche comme son prototype phénicien; puis, l'usage s'introduisit de ranger les lettres en lignes flexueuses autour des figures qui ornaient le monument. Cette disposition rappela à l'esprit des contemporains la marche du bœuf attelé à la charrue, que le laboureur fait revenir sur lui-même pour tracer un second sillon à côté du premier; ils lui donnèrent le nom de *boustrophédon*, qui lui resta. Plus tard, on substitua aux lignes flexueuses des lignes droites parallèles dans lesquelles la direction des caractères alternait régulièrement: la première ligne était écrite de droite à gauche, la seconde de gauche à droite, et ainsi de suite jusqu'à la fin du texte. Le *boustrophédon* servi de transition entre les systèmes sémitiques où les lignes se lisent de droite à gauche, et le système européen où toutes les lignes se lisent de gauche à droite.» (Pag. 747 e 748.)

Exemplifica-se assim o systema europeu, em que todas as linhas são lidas da esquerda para a direita (nem sempre), com a inscripção da tabula de bronze de Luzaga, que deixei reproduzida. Um cananéo, um sidonio ou um tyrio, não a lia!

D'este modo o illustre historiador reconhece dois systemas, a origem de cada um e o seu grau de antiguidade relativa: considera serem as inscripções escriptas da direita para a esquerda de origem semitica e as mais antigas; que as de linhas flexuosas, adaptadas ás fórmas das figuras que revestem, indicam o grupo *bustrophédon;* mas, succedendo ás primeiras, claro é serem menos antigas; diz, emfim, terem sido posteriormente substituidas as inscripções de linhas flexuosas pelas de linhas direitas e parallelas, e alternada a direcção dos caracteres, escrevendo-se a primeira da direita para a esquerda, a segunda da esquerda para a direita, e assim até ao fim do texto.

Deviam, portanto, ser estas as mais modernas; e se com effeito a disposição das suas linhas foi deduzida do andamento da charrua, deu esta ultima adopção em resultado a união dos dois systemas, sem comtudo se ficar sabendo se esta união foi operada pelo grupo chamado semitico ou pelo europeu.

É, porém, de todo o ponto inexplicavel, que, tendo sido os phenicios os implantadores do seu systema graphico na Europa, como o ensina o sr. Maspero, os europeus tratassem logo de invertel-o completamente, escrevendo da esquerda para a direita!

Além d'este caso verdadeiramente notavel, e não esclarecido de um modo comprehensivel, não posso deixar de notar a sensivel discordancia existente entre a affirmada successão de fórmas introduzidas na disposição graphica, e a que se observa nos monumentos epigraphicos de idades *archeologicamente classificadas.*

Duas inscripções da Fonte Velha de Bensafrim, pertencentes á primeira idade do ferro, e outras do Alemtejo, pertencentes á idade do bronze, acham-se escriptas da direita para a esquerda.

Portanto, esta ordenação dos caracteres durou, pelo menos, até á primeira idade do ferro na peninsula, e não se póde attribuir á influencia do elemento phenicio, porque já existia na idade

do bronze, quando ainda não havia rumor de phenicios n'estas ultimas raias do Occidente. D'este modo, a ordenação dos caracteres da direita para a esquerda não é typicamente exclusiva do grupo phenicio.

Havendo, porém, na peninsula outras inscripções escriptas da esquerda para a direita, segue-se que os dois systemas fôram aqui usados, manifestando-se tambem n'uma idade do ferro já muito adiantada e em regiões não influenciadas por phenicios; pois ao passo que na Baixa-Saxonia e na Suecia as inscripções dos idolos, das armas e dos monumentos de pedra apparecem escriptas da esquerda para a direita, as das estatuas etruscas[1] de guerreiros armados de *lanças* e *cutelas de ferro,* identicas aos de Portugal e Hispanha, que as adornam, acham-se escriptas da direita para a esquerda.

Em presença d'estes factos, não sei como se possam abonar por ordem de successão as alterações indicadas no systema graphico, que se diz ser de origem pheniciana, nem mesmo presumo como, não se tendo essa antiguidade relativa derivado de estações archeologicas scientificamente classificadas, se haja podido reconhecer com tal precisão.

Não admiro eu, porém, que os orientalistas, quasi totalmente desconhecedores da paleoethnologia peninsular, atirem tão afoutamente para aqui, para a Grecia e para toda a parte com o seu preconisado alphabeto phenicio; deve-se antes admirar, que o servilismo ou a ignorancia peninsular, a que preside o fanatismo, tenha chegado a ponto de sanccionar toda a astuta doutrina das migrações asiaticas, como primitivas povoadoras d'este solo, como instauradoras de todas as civilisações que nos precedem, e até como instituidoras da palavra escripta; pois tudo devêra ser originariamente asiatico...

Delgado, como todos os mais sectarios do supremo principio fundamental da escola orientalista, quiz tambem ser um dos seus

[1] *Italie ancienne,* par Duruy, Filon, Lacroix et Yanoski. pl. 24, fig. 1 e 2.

propagadores: elle mesmo o confessa com a mais singela franqueza, suppondo a peninsula completamente deserta antes de virem povoal-a os descendentes da raça de Cham. As suas palavras não deixam duvida alguma:

«Nosotros, aceptando estas opiniones, creémos que los aborigenes de España, es decir, sus mas antiguos pobladores *(porque reconocemos en principio la unidad de la especie humana)* fueran de origen comun con les del Africa septentrional.»

E adiante acrescenta: «Debemos suponerlos procedentes de la raza de Cham». *Nuevo met.*, tom. I, pag. LXXXI.

Advirta-se que D. Antonio Delgado escrevia n'estes termos muitos annos depois de ter visto geologicamente demonstrado em San Izidro, no valle do Manzanares, incontestaveis vestigios do homem peninsular na camada mais inferior das formações quaternarias ou quasi no contacto do plioceno superior. Ora, se esse sabio tivesse reunido á sua vasta erudição classica umas noções geraes de geologia, ou mesmo se tivesse applicado uma rigorosa critica ás condições archeologicas em que no seu paiz se manifestaram alguns monumenlos epigraphicos, não ousaria commetter um tão sensivel anachronismo, quando proclamou que «*la escritura ibérica es inmediatamente hija de las mas antiguas de los fenicios*[1].»

Suppondo mesmo poder-se tomar a serio a data da invenção da escriptura phenicia, essa data não attingiria ainda quatro mil annos; pois, refere Delgado[2]:

«Segun la opinion mas comun, tomada de los escritos que nos han quedado del fenicio *Sanchoniaton,* el inventor de la escritura fenicia fué Faaut, que vivió en el siglo XXI a. J. C., el cual compuso el alfabeto de trece letras. Despues de este Faaut, Isiris añadió otras tres, formando el alfabeto fenicio de diez y seis le-

[1] Obr. cit., tom. I, pag. 126
[2] Obr. cit., tom. I, pag. 129

tras, que, son con leves alteraciones, las mismas que Cadmo enseñó á los griegos en el siglo xv a. J. C.»

D'este modo, a contar da invenção dos caracteres até á formação da linguagem escripta, deve ter decorrido largo tempo, e é mesmo verosimil suppor-se um tanto duradouro o seu estacionamento antes de se começar a propagar, se tivermos em vista que Cadmo só seis seculos depois conseguiu transmittir aos gregos o mesmo systema graphico; o que claramente quer dizer, que ainda não ha tres mil e quatrocentos annos que os gregos aprenderam a servir-se da maravilhosa invenção de Faaut e Isiris.

Mas como se diz ter sido a Grecia que transmittiu á Italia o systema graphico que Cadmo lhe ensinou, e sendo tambem verosimil que a Grecia, antes de adaptal-o á sua lingua e de havel-o vinculado no seu vasto territorio, não o ensinasse á Italia, segue-se que os italiotas, haverá pouco mais de tres mil annos, aprenderam a escrever.

Á peninsula iberica, já se vê, chegou muito mais tarde, e por isso forçoso seria admittir que foi ahi pelo seculo xi antes da nossa era, data em que os mestres inscrevem a fundação de Gadir pelos phenicios, ou mesmo pouco antes, que a Hispanha logrou a fortuna de se iniciar nas *primeiras letras:* consequentemente, a ter sido assim, a epigraphia peninsular mais antiga, achada em lages toscas de grés triasico e de schisto paleozoico, devêra ser relativamente moderna, visto que só muito depois de constituida a linguagem escripta é que poderia attingir a precisa concisão da fórma epigraphica.

Em presença dos textos citados e das suas legitimas deducções, a epigraphia monumental luso-iberica não deve ser muito mais antiga do que as *medalhas autonomas* da Hispanha.

Mas das legendas das medalhas deduziu Delgado um alphabeto, que diz ser *nuestro alfabéto ibérico,* e chegou á conclusão de que os caracteres, na sua quasi totalidade, se derivavam do hebraico-samaritano e do grego archaico, porque só a tres concedia origem de phenicio antigo.

Com este alphabeto, que todavia não representa numerosos symbolos graphicos das medalhas, presumiu elle ter decifrado muitas legendas monetarias; não quiz porém applical-o á interpretação dos monumentos de pedra, que apenas exemplifica com o de Alcalá del Rio, cuja inscripção transcreveu, porém não decifrou.

Mui provavelmente aconteceu-lhe o mesmo que a todos os mais orientalistas: não percebeu cousa alguma; o que desde muito deixa lamentar a falta de uma corporação de occidentalistas, fundamentalmente guiada pela critica archeologica, sem necessidade de recorrer aos textos classicos, de todo o ponto inuteis com referencia á interpretação dos factos paleoethnologicos.

E quem duvidará de que a epigraphia peninsular seja fundamentalmente prehistorica?

Comparem as toscas pedras em que esse lavor graphico se manifesta em Portugal e na Hispanha com os *fac-similes* das artisticas laminas das inscripções de Carthago, publicadas no *Corpus inscriptionum semiticarum*. Observem ahi, por exemplo (tom. I, fascic. 3.°, tab. XL e XLIII, n.° 183), com que esplendor se patenteia a arte esculptural. Verão na primeira um portico firmado em columnas canneladas; entablamento com frontão ornado de denticulos e ovulos, e no centro um leão; entre as columnas do portico uma estatua vestida e coberta de manto, que é primor de arte; na segunda um cavallo perfeitamente delineado, em attitude de correr para a direita; e na terceira uma figura alada segurando á altura do peito um crescente sob um arco denticulado entre frisos parallelos, e na base duas aves.

Que quer dizer tudo isto senão que o lavor esculptural e ornamental já então largamente participava da influencia artistica da grande civilisação hellenica?

Como tudo corre confundido e desfigurado! Até a Grecia ficou devendo ás migrações asiaticas o ensinamento da sua incomparavel civilisação perante a propria Asia, que nunca a excedeu nem igualou! Até os seus proprios historiadores fôram illudidos, quan-

do imaginaram que a um phenicio (Cadmus) deviam a introducção do seu primitivo alphabeto!

Mas como se póde conceber, que, constando sómente de treze symbolos o alphabeto de Cadmus, o systema graphico dos phenicios já então estivesse constituido, se elle ainda posteriormente se diz ter sido augmentado por Isiris com mais tres caracteres?

Confessem que ao phantasioso idealismo da musa hellenica fôram buscar as tradições, as lendas e os mythos, e que sobre esta base dourada pelo esplendor do genio poetico é que se traçaram os primeiros esboços concernentes aos primordios d'esse grande povo, ou antes d'essa raça assombrosamente predestinada para manifestar ao mundo inteiro até que ponto podéra elevar-se a cultura da intelligencia humana e do sentimento artistico.

Pretendem alguns auctores que os hellenos em epocha mui remota invadissem a Grecia, mas que alli achassem os pelasgos, tambem de origem asiatica, que já os tinham precedido n'uma data não posterior ao XVIII seculo antes da nossa era, querendo assim persuadir que o territorio grego estava deserto quando os pelasgos o fôram occupar!

Contentem-se, porém, com isto os que só fazem obra por textos classicos, cujo alcance é sempre limitado; mas tenham tambem em vista que os antigos habitantes da Grecia se consideravam descendentes dos autocthones d'aquelle mesmo solo, como refere um erudito escriptor moderno [1], servindo-se d'estes termos:

«Les anciens grecs se prétendaient autochthones, nés sur le sol même, suivant l'acception consacrée, ce que les athéniennes exprimaient symboliquement en portant une cigale d'or dans leur chevelure (la cigale était l'emblème de l'autochthonie).»

E bem plausivel é que as damas athenienses, usando o emblema symbolico da autocthonia da sua raça, conservassem uma tradição fundamentalmente muito mais verosimil do que essa bella

---

[1] *La Grèce*, par L. Combes, pag. 4.

terra estivesse deserta quando os pelasgos, uns mil e oitocentos annos antes da era christã, a invadiram.

Mas não estava, porque desde os tempos geologicos, a que não chegam os textos classicos, era provadamente habitada.

A peninsula grega, as que ficaram formadas pelo seu caprichoso recorte hydrographico, e mais ainda algumas ilhas do seu apparatoso archipelago, do mesmo modo que a peninsula iberica, demonstram ter sido habitadas desde os mais antigos tempos paleolithicos. Até lá não chegam os textos, nem as designações ethnicas das migrações do Oriente; e por isso, se os pelasgos fôram erigir monumentos cyclopicos na Attica, na contigua Beocia e na distante ilha de Samos, monumentos que são typicos em muitos pontos do Mediterraneo, principalmente na Italia meridional, nas ilhas Baleares e na Hispanha oriental, não servem elles para testemunhar um caracteristico da primitiva população, porque outros de diversas idades muito anteriores a essas, que não vão além do XVIII seculo antes da nossa era, já fôram descobertos.

Para comprovar o que digo, não preciso accumular citações; basta-me reproduzir aqui o que está relatado pelo sr. A. Dumont[1].

Refere o sr. Dumont, que a Grecia não só foi habitada nos tempos neolithicos, como bem o comprovam os instrumentos de pedra achados em Athenas, Théra, Hydra, Orchomena, na Livadia, em Gythium, Megara, nos Dardanellos, n'outros logares, e nas minas do Laurium, taes como percutores e machados, assim como facas de silex na ilha Helena, deserta como em tempo de Estrabão; mas que além de tudo isto appareceram instrumentos paleolithicos da epocha do *Elephas primigenius*, do *Bos primigenius* e do *Ursus spelæus*.

Do periodo neolithico indica no museu de Athenas muitos machados de serpentina e de varios porphyros, bem como outros

[1] Renseignements nouveaux sur la Grèce avant la légende et avant l'histoire. — *Rev. Archéolog.*, 1867, tom. II, pag. 141 a 147.

achados na ilha de Amorgos, nas ruinas da antiga cidade de Arcesina e na Attica, mas alguns de rochas proprias de Milos e Santorino; o que deixa ver que já então havia communicações maritimas. Indica tambem vestigios de habitação lacustre na Thessalia, em os lagos de Bibeis e de Prasias.

É, porém, ampliada esta noticia pelo sr. F. Lenormant[1], indicando na Grecia muitos instrumentos da idade da pedra em Corintho, na Attica, na Beocia, em Megarida, na Arcadia, na Laconia, em Achaia, na Eubéa e nas Cycladas.

Á ultima idade da pedra succedeu uma idade do cobre. Em muitos pontos da Grecia, diz o sr. Dumont, os instrumentos metallicos, que se acham, são de cobre; e referindo que o sr. Miller achou no valle de Achmet-Aga, ao norte de Chalcis, um machado de cobre da fórma dos de pedra, acrescenta:

«On sait que le cuivre a été en usage avant le fer. Il est facile à travailler, et les conquérants du Méxique ont vu des sauvages qui lui donnaient des formes variées avec le seul secours de marteaux de silex.»

O sr. Dumont considera aquelle machado de cobre como pertencente ao fim da ultima idade da pedra, e que este conceito harmonisa com os textos de Hesiodo; pois, fallando este historiador da terceira geração dos homens, refere: «Elles tinham armas de cobre e trabalhavam a terra com o cobre, porque o ferro negro ainda não existia». Lucrecio com seus versos reforça o mesmo conceito. (C. v. 1283 e seg.)

Á idade do cobre succedeu na Grecia a idade do bronze. O museu de Athenas possue muitos artefactos d'essa idade, armas achadas em varios territorios da Grecia e instrumentos de trabalho. Worsaae representa seis diversos machados da ilha de Thermia, duas adagas e duas lanças de alvado da ilha de Chypre[2].

Á idade do bronze succedeu na Grecia a primeira idade do

---

[1] *Rev. Archéolog.*, 1867, tom. I, pag. 16 a 19.
[2] Vorsaac — *La colonisation de la Russie et du nord scandinave*, pag. 58 e 59.

ferro. As inscripções de Paros, citadas pelo sr. Cartailhac, já indicam na Grecia a existencia do ferro manufacturado mil e quinhentos annos antes da era corrente.

Da descoberta do ferro, e das suas poderosas applicações a todas as industrias, artes, e varios usos da vida, nasceu a civilisação moderna.

Worsaae, um dos grandes sectarios do orientalismo, diz que «l'influence des peuples antiquement civilisés de l'Asie et de l'Egypte avait finit par ruiner complètement la civilisation de l'âge de bronze en Grèce, et pour faire de ce pays un foyer de science et d'art[1]».

Não creio.

Nem o Egypto nem a Asia podia ensinar á Grecia o que a Grecia ensinou ao mundo inteiro.

Foi durante a primeira idade do ferro, quando se começou a conhecer que o descobrimento d'este famoso metal constituia uma das principaes conquistas do entendimento humano, que os gregos crearam uma epocha de tão levantada prosperidade, como até então nunca fôra lograda por outro algum povo da terra.

Foi n'essa epocha que os povos gregos poderam manifestar as eminentes faculdades do seu intellecto e a superioridade do seu genio. Cultivando as sciencias, as artes, as industrias, e marcando desde logo cada emprehendimento com o cunho original da sua individualidade, fôram elles os predestinados propagadores da civilisação universal. Com as suas colonias, o seu commercio e suas conquistas atravessaram a Asia Menor e chegaram aos confins da India. A sua influencia na Europa foi immensa e duradoura. Se a mimosa Italia não lhe deve o genio, deve-lhe o exemplo.

E não fôram sómente as nações do Mediterraneo que participaram da civilisação hellenica. Se por um lado tocava a orla occidental do Mar Negro, subindo ate á Russia meridional, ahi

[1] Vorsae — Obr. cit., pag 77.

radicára as suas colonias sete seculos antes da era christã, implantava o seu genio artistico e diffundia os primores da sua sabedoria. A propria peninsula hispanica não escapou em muitos pontos ao influxo d'aquelles insignes propagadores do progresso.

Mas, muito mais antigas deveriam porém ser as relações que o commercio maritimo teria firmado entre a Hispanha, a Gallia meridional, a Italia e a Grecia.

Todas estas nações, que mutuamente reflectiam entre si uns certos caracteristicos proprios de cada uma, não podiam deixar de se entender. Embora a indole dos seus idiomas fôsse mais ou menos diversa, o contacto em que a navegação, desde tempos muito mais antigos, poria todos esses povos, como ainda outros da região maritima, os obrigaria, por seu reciproco interesse, a estabelecer uma linguagem, ou uma formula qualquer, que os deixasse comprehender.

Ora, se quizermos por um pouco fugir ao preceito escolar, que nos é imposto pelos mestres; se quizermos abstrahir ou discordar da invenção e propagação do preconisado alphabeto até hoje attribuido aos phenicios, chegaremos a julgar que a Hispanha, as Gallias, a Etruria e a Grecia não ficariam privadas de um systema graphico, que se me afigura poder lobrigar, o qual na sua grande maioria se compõe de caracteres, desde remotas eras registrados na epigraphia monumental d'essas nações.

A sabedoria europêa acceitou, como obra originariamente phenicia, o alphabeto que o insigne sr. de Rougé deduziu do hieratico ou cursivo egypciaco, e a minha ignorancia leva-me a ver unicamente n'esse alphabeto mais uma das muitas concepções engenhosas do atilado espirito d'esse distincto successor de Champollion; pois, confrontando os dois alphabetos, o egypciaco e o pheniciano, não me parece haver tão absoluta paridade na grande maioria dos caracteres correspondentes, como observa o respeitavel sabio sr. Maspero[1].

---

[1] *Hist. anc. des peup. de l'Orient.*, pag. 745.

Ha muitas cousas assim, que, sem o minimo parentesco entre si, postas em contacto e cotejadas sob o influxo de uma idéa preconcebida, chegam a persuadir as mais estreitas ligações em sua origem, ao passo que outras, pertencentes á mesma estirpe, se manifestam de tal arte deformadas e pervertidas, que não ha regra ou preceito imaginavel, que permitta o seu reconhecimento. É o mesmo que succede com o descendente mediocre de um heroe famoso, com o idiota que põe termo a uma geração de sabios, com o perverso, que nasceu e foi embalado nos regaços da virtude.

Ora, o sr. F. Lenormant, por muitos e devidos respeitos, altamente considerado entre os mais abalisados orientalistas, não obstante affirmar com todo o entono da sua auctoridade, «que *todos* os alphabetos propriamente ditos, que existiram e existem em toda a superficie do globo, se prendem mais ou menos immediatamente á invenção dos phenicios», é que me parece ter notavelmente contribuido para que os conhecedores das antiguidades paleoethnologicas da peninsula hispanica possam agora, com maior elucidação, formar um conceito diametralmente opposto.

O sabio sr. Lenormant, que todos admiram e veneram em razão dos seus valiosos trabalhos, forneceu ao exame comparativo com o alphabeto phenicio uma serie de alphabetos archaicos, usados pelos antigos povos gregos, pela Etruria e outras nacionalidades da Italia meridional; mas não deduziu os das Gallias e da peninsula luso-iberica.

O chamado cadmeano serve de typo de comparação com os alphabetos éolo-dorico, argiano, corinthio, attico, das ilhas, e jonico; mas, anteriormente a este quadro [1], offerece outro para poderem ser confrontados o phenicio e o cadmeano [2].

Tenhâmos agora em lembrança, que n'esta região peninsular

---

[1] *Dicc. des antiq. grecs et romaines*, par Daremberg e Saglio, tom. I, 1873. Verb. *Alphabetum*, pag. 199.
[2] Idem. pag. 196.

a paleographia monumental luso-iberica está archeologicamente demonstrada por padrões epigraphicos existentes em estações rigorosamente classificadas da primeira idade do ferro, da idade do bronze e da ultima idade da pedra.

Advirta-se que, se as inscripções de Paros já reconhecem na Grecia o ferro manipulado n'uma era mil e quinhentos annos anterior á nossa, isto é, ha tres mil e quatrocentos annos, a peninsula hispanica não fabricaria o ferro muito mais tarde; mas antes da primeira idade do ferro houve n'esta região, como provado fica, uma idade do bronze, á qual todos os paleoethnologos attribuem, principalmente nas nações meridionaes da Europa, uma larguissima duração, que nenhum elemento chronologico póde attingir; e ficando igualmente provado, que n'esta peninsula houve muito anteriormente ás primeiras manifestações do bronze uma idade do cobre, caracterisada por numerosas estações, forçoso é entender que essa idade, que é a do primeiro metal utilisado, deve ter tambem existido durante muito tempo, sem que comtudo possa ser computada.

De modo algum pretendo aqui improvisar imaginosas chronologias, nem exagerar a duração que necessariamente coube á idade do bronze e á do cobre; seguindo, porém, simplesmente o conceito dos mais abalisados paleoethnologos, deve ter sido immensa a duração das industrias metallurgicas que precedem a primeira idade do ferro.

Se tudo isto assim é, quantos milhares de annos separam as gerações actuaes d'aquelle povo que viveu nas campinas de Albuñol, e depositou na proxima caverna dos morcegos os seus mortos vestidos de pelles de animaes e de tecidos de esparto, acompanhados unicamente de facas, raspadores e frechas de silex, de machados e brunidores de varias pedras, de instrumentos de osso, e de uma ceramica ainda rudimentar na composição da massa plastica, na fórma e no lavor, mas entre a qual surge parte de uma urna com um fragmento de legenda de mui perfeitos caracteres graphicos, identicos aos que revestem as lages toscas de

schisto da idade do bronze e as lages de grés não menos toscas da primeira idade do ferro!

Note-se, porém, que esse monumento ceramico, assignalado com uma legenda de caracteres graphicos peninsulares, era ainda mais antigo, porque jazia n'uma estação mortuaria rigorosamente neolithica, e pertencendo consequentemente á ultima idade da pedra, nenhum outro documento graphico, nem mesmo do proprio Egypto, póde com este disputar prioridade.

Mas todos os caracteres do monumento epigraphico da celebre caverna dos campos de Albuñol acham-se identificados nas inscripções da idade do bronze, da primeira do ferro e ainda nas legendas monetarias préromanas: portanto, a peninsula hispanica creou um systema graphico na ultima idade da pedra, cujo typo fundamental se conservou e foi sendo transmittido de idade em idade até os tempos historicos.

Ora, a grande maioria dos caracteres graphicos archaicos dos alphabetos gaulez, etrusco, italiotas, gregos e phenicios, com excepção dos que algumas linguas sentissem necessidade de modificar, de acrescentar ou desprezar, em razão da sua indole particular, acham-se geralmente na paleographia dos monumentos e das medalhas peninsulares: segue-se, pois, que todos os alphabetos que até hoje se hão julgado descendentes do alphabeto pheniciano antigo, incluindo este mesmo, devem ter sido derivados do systema graphico peninsular, quer fôsse transmittido pelos navegadores peninsulares, quer fôsse aqui adquirido pelos commerciantes das outras nações.

É nova esta doutrina, e sobretudo altamente audaciosa e provocativa, porque estabelece bases e deduz conclusões inteiramente oppostas a todos as regras e preceitos da escola orientalista.

Conheço a situação que escolhi; não escaparei certamente á invectiva da vaidade offendida; será, emfim, este livro declarado heretico perante o supremo juizo da hierarchia dos altos estudos; o moderno areopago de Athenas me condemnará; mas pouco me importa isso; nada temo, porque expendi o que me foi inspirado pela consciencia, ensinado pela sciencia dos factos e comprovado

pelos documentos do archivo da terra, não adulterados por escribas e rabbís, mais phenicios que os proprios phenicios.

Se for chamado ao areopago, provarei que os verdadeiros delinquentes são aquelles que polluem a primordial pureza das raças autocthones da propria Grecia; os que não sabem que essa terra de tantas preeminencias já era habitada nos tempos geologicos em que viveram os grandes mammiferos das faunas extinctas; os que hão visto arrancar aos megalithos e aos tumulus da ultima idade da pedra os instrumentos de silex, de porphyro e serpentina, sem saber reconhecer que estes documentos, ha tantos milhares de annos archivados, bastariam para provar que ainda então existiam os descendentes das raças aborigenes; os que tendo olhado para as armas e instrumentos de cobre que o solo da Grecia tem manifestado, não quizeram perceber que esses preciosos documentos comprovavam os inicios locaes da mais antiga industria metallurgica, do mesmo modo que os artefactos de bronze, a que já alludi, significavam um novo progresso na vida dos descendentes da primitiva raça, assim como que os artefactos de ferro, achados tambem nas necropoles d'esse solo, serviam primeiro que tudo para comprovar, que ainda n'aquella epocha, de tão promettedoras grandezas, viviam os representantes de todos aquelles que formaram os ramos da sua arvore genealogica, em que não pegou o grosseiro enxerto pelasgico, com que a quizeram desfigurar, pela mesma razão physiologica por que não pega no robusto *Quercus robur* a enxertia do *Platanus orientalis*.

Os que tão astuciosamente pretenderam mostrar que o territorio grego estava deserto, emquanto os pelasgos (dezoito seculos antes da nossa era) não se destacaram do seu centro asiatico para vir povoal-o, é que devem ser ensinados ou condemnados como falsificadores da historia, por isso que fazendo unicamente obra pelos textos classicos, não contrarios ao seu reservado proposito, simulam não ligar a minima importancia ao que Hesiodo, o mais antigo dos historiadores, referia ácêrca dos velhos habitantes da Grecia, que «tinham armas de cobre e trabalhavam a terra com cobre, porque o ferro negro ainda não existia»; o que deixava

immediatamente entender, que muito antes da invasão, que denominam pelasgica, isto é, na idade do cobre, já o territorio grego era povoado.

Toda a immensa cultura da civilisação hellenica attribuiram á influencia da supremacia asiatica, como actuando no espirito de uma população que tinha originariamente dimanado d'aquelle berço universal, porque não podiam admittir a existencia de uma raça autocthone n'outra qualquer plaga da superficie do globo; mas não pensavam assim os gregos, que mui firmemente repelliam uma tal origem, considerando-se descendentes de uma autocthonia local e primitiva; e por isso as suas lendas e as suas proprias epopéas explicavam por um odio hereditario da raça hellenica contra a dos troyanos a heroica empreza nacional da destruição da opulenta cidade, a que Herodoto parece tambem associar-se, vendo apenas n'essa guerra «um grande commettimento da Grecia contra a Asia[1]».

Desenganem-se de que não chegarão a descobrir as origens que julgam ter achado, porque ellas não podem ser simplesmente deduzidas dos textos classicos e de engenhosos processos, sem ao mesmo tempo se recorrer a uma base puramente archeologica, que permitta a segura classificação das epochas em que é forçoso ordenar os monumentos para a sua inquirição; e por isso n'este ponto concordo inteiramente com a franca e leal opinião que o sr. Hovelacque, ácêrca da individualidade das linguas semiticas e da sua patria primitiva, expende n'estes termos[2]:

«Nous pensons que cette question demeurera obscure longtemps encore et que la linguistique seule ne la résoudra pas sans le secours de l'anthropologie et de l'archéologie.»

Foi esta a minha base principal, e por isso posso chegar a conclusões incontestaveis emquanto não fôrem formalmente desmentidos os principios que as produzem.

---

[1] Cit. de L. Combes — *La Grèce anc.*, pag. 11.
[2] A. Hovelacque — *La Linguistique*, 1881, pag. 242.

Tendo emfim archeologicamente demonstrado, que nenhum documento graphico ou ideographico póde approximar-se da immensa antiguidade de que datam as mais remotas manifestações epigraphicas da peninsula luso-hispanica; que a navegação entre as nações do Mediterraneo já era exercida na ultima idade da pedra; e que os alphabetos das Gallias, da Etruria, da Grecia, e o dos phenicios mais antigos, são na sua maioria compostos de caracteres, uns identicos e outros similhantes aos que existem gravados nos mais antigos monumentos epigraphicos d'esta peninsula: manda a natural boa razão, simplesmente auxiliada da logica mais rudimentar, que todos esses alphabetos e quantos mais existam total ou parcialmente formados de taes caracteres, sejam considerados como directa ou indirectamente derivados do primitivo systema graphico peninsular, mui sufficientemente exemplificado pelo monumento ceramico, que reproduzo na est. XLII, sob n.º 14, manifestado ha pouco mais de trinta annos na celebre estação neolithica do termo de Albuñol sobre o plano mais baixo da celebre caverna, que os naturaes d'aquella região granadina denominam *Cueva de los Murciélagos*.

Estando por este modo demonstrada a estação de mais remota antiguidade epigraphica em pleno periodo neolithico; conhecida a fórma dos caracteres gravados nos monumentos peninsulares mais antigos, como ordinalmente se devem reconhecer em razão da determinação scientifica das idades das estações a que pertencem; sabendo-se que o documento graphico mais antigo, de que se diz terem os phenicios deduzido o alphabeto que rege todo o grupo denominado semitico, pertence á epocha da XVIII.ª e XIX.ª dynastias egypciacas, como propõe o sr. Lenormant, isto é, a uma phase já mui adiantada da primeira idade do ferro no Egypto, na Grecia, e geralmente nas outras nações do Mediterraneo; observando-se, finalmente, que a grande maioria dos caracteres graphicos dos chamados alphabetos phenicianos se acha nos monumentos peninsulares de maior antiguidade, excepto simplesmente alguns dos que cada idioma teve de adaptar ás exigencias do seu phonetismo particular: segue-se que todos os referidos

alphabetos fôram originariamente derivados do mais antigo systema graphico peninsular, incluindo as variantes que representa nos seus diversos grupos geographicos, e que o proprio systema cuneiforme abrange muitos symbolos, que apesar da sua feição especial, mostram não ter tido outra origem.

Levadas a este apuramento as precedentes conclusões, claro é que n'ellas fica incluida a epigraphia gauleza, etrusca, italica, hellenica archaica, balearica, canariense e a de todos os pontos em que se tenha manifestado com caracteres correspondentes aos do systema graphico peninsular.

Não é mister adduzir maior numero de argumentos para já se dever julgar precisamente demonstrada na peninsula hispanica a existencia da linguagem escripta desde a ultima idade da pedra até mesmo depois do dominio romano.

Esta doutrina não deixará de molestar a susceptibilidade de alguns espiritos dos que se julgam exclusivamente na posse absoluta das verdades indiscutiveis, em razão das legitimas consequencias a que ella mui pacificamente obriga; se assim fôr, condemnem primeiramente a natureza por se ter manifestado ao entendimento humano, e ordenem á sciencia que emmudeça, já que tantas vozes congregadas para sophisticar a significação dos factos, não têem conseguido desfigural-a.

O mundo marcha e a civilisação prospera, porque a cultura intellectual não pára. Querer á viva força que tudo isto se aniquile, equivale a pretender que a corrente do rio retroceda, que a luz solar não alumie, que a arvore despida pelos rigores do inverno não se revista e floresça sob os tepidos bafejos da primavera.

Não cause espanto o facto de se ter achado na mais funda camada da *Cueva de los Murciélagos* um monumento ceramico, cingido de uma legenda epigraphica d'esses symbolos paleographicos que se diz terem sido inventados pelos phenicios, não obstante ser aquelle celebre deposito um conjuncto de caracteristicos unica e essencialmente neolithicos; pois se as descobertas de Boucher de Perthes já não causam indignação nem desafiam as iras dos que em presença d'ellas viram baquear as suas imagi-

narias doutrinas á luz da evidencia, a maior d'essas descobertas é nada menos do que *uma linguagem figurativa em pleno periodo terciario!*

Se a esta arrojadissima proposição cabe um conceito sério e definitivo, o espirito não póde deixar de ser viva e profundamente impressionado perante a sua simples enunciação.

Uma descoberta d'esta ordem não se repelle, não se recebe, não se discute, antes de se proceder ao mais minucioso exame das provas apresentadas.

O tão combatido, como posteriormente triumphante, Boucher de Perthes[1], durante a sua perseverante exploração nas formações terciarias do valle do Somme, achou e colligiu nas melhores condições geologicas «parmi les silex ouvrés que m'ont fournis les bancs tertiaires», entre os silices manufacturados numerosos exemplares intencionalmente preparados para representarem por modos diversos a figura humana, como varios mammiferos, aves, peixes, reptis, etc., sendo um olho o mais constante caracteristico na configuração da cabeça de cada um.

Vejam os incrédulos, e os systematicos de má fé, as trinta e seis figuras delineadas na est. II do tom. II das *Antiquités celtiques et antédiluviennes,* entre as paginas 142 e 143 (1857), e digam se taes figuras, de todo o ponto innegaveis, pódem ser attribuidas a um capricho da natureza, á fractura conchoidal do silex, ou a qualquer outra causa, que não seja a do livre arbitrio do homem, e se Boucher de Perthes não seria competente para classificar o deposito e as condições geologicas em que as achou.

Comquanto esses silices, reduzidos na estampa a um terço das suas dimensões, estejam longe da minha vista, não me é licito julgar que Boucher de Perthes quizesse imbuir taes figuras n'uns pedaços de silex, em que ao mesmo tempo se observa um delineamento parcialmente adequado á fórma perimetrica dos individuos que representam, levando n'isso o indecoroso intuito de

---

[1] Boucher de Perthes — *Antiquités celtiques et antédiluviennes,* tom. II, pag. 29 e 30.

falsear a verdade scientifica, que a elle, os da escola de Cuvier, tantas vezes e tão grosseiramente impugnaram.

Sendo porém possivel, mas não presumptivel, que esses silices inspirassem imagens que n'elles não existam, muito conviria, que, para o seu definitivo julgamento, fôssem reunidos e submettidos ao rigoroso exame do mais proximo congresso de anthropologia e de archeologia prehistoricas, sendo acompanhados da mais cuidadosa classificação dos terrenos de que fôram extrahidos.

Este julgamento, preparado, discutido e resolvido em boa fé, abriria novo horisonte á historia do homem e do trabalho, e firmaria a base mais segura, ou o mais racional ponto de partida para a legitima inquirição de todos os factos inherentes aos tempos posteriores, se chegasse a ser confirmada a existencia de figuras symbolicas nos mencionados silices.

Boucher de Perthes viu desde logo nas figuras que estampou uma significação ideographica, e a este respeito diz (tom. II, pag. 30):

«Je le dis avec une antière conviction: dans ces signes si nombreux auxquels il est impossible de donner une explication purement matérielle, il faut voir une pensée morale, une intention ayant son caractère mémoratif et réligieux. Lorsqu'un peuple rend des honneurs à ses morts, quand il orne leur sépulture, il n'est ni athée ni matérialiste, il croit à une antre vie et dès lors à une divinité. Ces signes n'eussent-ils d'autre destination que d'honorer les morts, ils auraient déjà leur langage, ils signifieraient quelque chose. Si l'on n'avait voulu que jeter une pierre, on n'aurait pas pris la peine de la tailler, et si l'on n'avait appliqué à ces pierres qu'une intention unique, on ne les aurait pas taillées dans ces formes différentes.»

Note-se agora um facto, a que não se tem ligado a minima relação de congruencia com a serie dos silices terciarios figurados por Boucher de Porthes, mas que parece poder-se considerar como significando uma ligação de continuidade.

Em muitas estações do periodo quaternario, e principalmente das da ultima epocha, são numerosos os desenhos de animaes, e

de alguns vegetaes, gravados mais geralmente em ossos de rangifer. Estes descobrimentos vieram attestar que o homem dos tempos quaternarios não era tão brutalmente selvagem que desconhecesse o sentimento artistico, que nas sociedades civilisadas, cultivado em alto grau, tem produzido celebridades.

O homem quaternario desenhou, gravou e até cinzelou, copiando a grande maioria dos mammiferos do seu tempo, aves, peixes, reptis e alguns vegetaes. As suas gravuras eram mais geralmente lavradas em ossos de animaes, cujo uso se tem pretendido determinar, suppondo-se terem sido cabos de armas, insignias ou bastões de auctoridade, etc., mas tambem se hão descoberto em laminas de pedra e de osso, em rochas firmes e no interior de cavernas ossiferas. São representados numerosos individuos isolados ou formando grupos, taes como o homem, a mulher, o mammouth *(Elefas primigenius)*, o rangifer *(Cervus tarandus)*, o cavallo, parado ou em attitude de correr, a cabra montez, o camelo, o veado vulgar, o boi, a raposa, o hippopotamo, o rhinoceronte, o urso das cavernas e o dos Pyrenéus, o leão, o porco, a phoca, etc.,; das aves, o gallo das charnecas, a cegonha, o ganso, etc.; dos peixes fluviaes, a truta, a carpa, o barbo, a enguia; dos reptis, as serpentes, etc.; do reino vegetal, a arvore, as flores e folhas.

Na terceira epocha quaternaria *(solutreana)* representa o sr. de Mortillet *(Musée préhistorique,* pl. XIX, n.os 125 e 126) em duas pedras silicco-calcareas brandas dois veados deitados e atraz de um d'elles uma mão humana com quatro dedos estendidos; o que deixa entender que já então havia desenhadores e esculptores; mas que significação podiam ter estas duas pedras com taes esculpturas, as placas de osso fossil, os ossos dos animaes, as rochas firmes e as paredes de varias cavernas com tão diversas figuras gravadas?

Tanto e tão variado trabalho deve ter necessariamente obedecido a uma idéa util ou a um determinado fim, quando todos os outros productos da industria humana deixam perceber a necessidade da sua applicação nos usos da vida.

E porque, do mesmo modo que Boucher de Perthes considerou os silices terciarios esculpturados, não poderão os desenhos das estações quaternarias corresponder a uma linguagem ideographica?

Tudo isto, porém, se approxima da peninsula hispanica; pois as cavernas dos Pyrenéus tambem hão contribuido com alguns d'esses productos artisticos[1]. Uma d'essas gravuras obteve o sr. Brun, director do museu de historia natural de Montauban, e outra figurava a cabeça do urso actual dos Pyrenéus. A gruta de Duruthy foi primeiramente habitada na idade do rangifer e durante a sua epocha artistica, mas serviu tambem de abrigo funerario n'um tempo já um tanto avisinhado do periodo neolithico. N'esse deposito superior, ou menos antigo, havia um craneo e outros ossos associados a dentes de urso e de leão com trabalho de gravura, tendo um d'estes figurado de um lado um peixe e do outro opposto algumas linhas ornamentaes e uma frecha barbellada. A este respeito refere o dr. N. Joly[2]:

«Les gravures exécutées par les artistes basques ou béarnais portent neanmois leur cachet d'origine, et la flèche barbelée leur sert de signature.»

Temos, portanto, aqui um quasi completo seguimento chronologico na manifestação d'essa ideographia, começando no terciario, continuando no quaternario, em que apenas é interrompido pela epocha dos grandes geleiros, ou glaciaria, e passando das estações *magdalenianas,* isto é, dos ultimos tempos quaternarios para a unica phase que estabelece a transição entre elles e o começo do periodo neolithico. A alguma d'essas epochas devem, pois, pertencer as gravuras symbolicas, de que ha noticia, em rochas firmes, no Alemtejo, na Beira, no Minho e em Traz-os-Montes, mas que ninguem ainda emprehendeu reproduzir.

---

[1] N. Joly—*L'homme avant les métaux,* pag. 268, 1879.

[2] Veja-se especialmente a memoria que em 1874 publicaram L. Lartet et Chaplain Duparc, intitulada «*Une sépulture des anciens troglodytes des Pyrenées, superposée à un foyer contenant des débris humains associés à des dents sculptés de lion et d'urs.*

As noticias que já é possivel colligir ácêrca d'este assumpto são da maior importancia. O dr. Joly, referindo-se aos grosseiros desenhos achados pelo sr. Rivière nas rochas do *Val d'Enfer*, «compara-os aos que os guanches, antigos habitantes das Canarias, gravaram nas rochas das suas ilhas n'uma epocha em que não existia o estreito de Gibraltar, e em que a Africa ainda estava ligada á Hispanha e ás ilhas Canarias». Refere, finalmente, que n'aquella epocha se diz que os guanches occuparam o sul da Europa occidental; o que parece poder-se acreditar, tendo-se em vista a grande similhança dos seus caracteres craneanos com os de Cro-Magnon, e a de alguns adornos que os acompanhavam [1].

Que este paiz foi muito habitado durante o periodo quaternario, não ha que duvidar; pois bastará observar a grande copia de silices trabalhados, que Carlos Ribeiro descobriu em numerosos logares nos terrenos terciarios e quaternarios das bacias do Tejo e Sado [2], para que assim se deva entender, tanto mais tendo-se em lembrança que as boas condições climatericas existentes n'esses tempos são explicadas n'esta região pela ausencia de alguns mammiferos, e mais particularmente do *Cervus tarandus* (o rangifer) na peninsula, e pelo seu desapparecimento da Europa, onde se extinguiram todos os individuos d'esta especie que não poderam emigrar para as frigidas regiões hyperboreas.

Entre os muitos silices colligidos por Carlos Ribeiro, notou elle alguns de fórmas tão excepcionaes, que julgou serem symbolos de uma linguagem ideographica. Vejam-se principalmente os desenhos que figurou com os n.os 4, 10, 12, 26, 42, 43, 57, 58, 70, 71, 76, e ainda outros das estampas que acompanham a memoria indicada, comquanto muito melhor seria observar os originaes no museu da commissão geologica.

Lembro, porém, ás pessoas que queiram emprehender este

---

[1] Obra cit. pag. 274.

[2] Carlos Ribeiro — *Descripção de alguns silex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado*, publicada pela academia das sciencias em 1871.

exame, que conviria ao mesmo tempo ter á vista a est. II do vol. II da já citada obra de Boucher de Perthes, a fim de poderem confrontar e comparar os exemplares indicados e descriptos nas mencionadas obras.

Quanto a mim, abstenho-me por emquanto de proferir um conceito definitivo a este respeito. Julgo ser mais prudente e seguro colligir-se primeiramente maior numero de exemplares nos proprios logares apontados por Carlos Ribeiro; e não basta apenas colligil-os; é indispensavel que as formações sedimentares e as condições geologicas dos seus jazigos sejam representadas em córtes e cuidadosamente descriptas por pessoas de insuspeita competencia.

Ha quasi quarenta annos que este assumpto, apresentado pelo celebre Boucher de Perthes, se acha systematicamente desprezado por uns e esquecido por outros; mas occorrendo-me agora a possibilidade, ou antes probabilidade, de poder haver entre os silices terciarios figurativos e as gravuras e as esculpturas quaternarias até á epocha préneolithica uma não interrompida continuidade de significação ideographica, julgo tornar-se n'esta occasião muito mais importante para que o seu estudo deva merecer a attenção dos sabios.

Se a linguagem figurativa dos hieroglyphos precedeu no Egypto o systema graphico hieratico e demotico n'um tempo ainda accessivel ao alcance historico, o mesmo caso póde ter-se dado na Europa a contar de epochas geologicas.

A ser assim, poder-se-ha chegar á conclusão de que a faculdade figurativa do sentimento e do conceito intellectual nasceu com os primeiros representantes da vida humana.

Com este livro ponho termo aos estudos paleoethnologicos concernentes á zona do Algarve.

Nada mais me consta haver-se manifestado dos tempos prehistoricos, comquanto saiba que muito fica ainda por descobrir.

Cheguei até onde me permittiram os prazos e os meios, que os governos quizeram conceder-me para o desempenho do trabalho de que havia sido incumbido.

O futuro, se é que a este paiz cabe ainda fundada esperança de se poder engrandecer pela cultura da sciencia, fará o resto.

O quinto volume d'esta obra formará o élo de ligação entre os tempos prehistoricos e historicos.

Os outros volumes, se para tanto a vida me chegar, occupar-se-hão das epochas romana, wisigothica e mahometana, que n'este territorio precederam a gloriosa instituição da monarchia portugueza.

FIM DO VOLUME IV

SUMMARIOS

PAG.

I Recapitulação dos principaes assumptos do periodo neolithico, de que tratam os dois primeiros volumes. — Explica-se a razão por que na carta paleoethnologica não foi indicada a idade do cobre. — Continuando a ordenação dos assumptos, allude-se á doutrina exarada no terceiro volume, mostrando-se que n'esta região data da ultima idade da pedra o descobrimento e a manipulação do cobre, não sendo ainda conhecido o bronze. — Referencia á impugnação que ficou feita á theoria que attribue ás migrações asiaticas a instauração das industrias metallurgicas na peninsula luso-hispanica. — Previnem-se os futuros exploradores do muito que ficou ainda por descobrir no territorio do Algarve, recommenda-se-lhes com particular especialidade a exploração das cavernas e indica-se o motivo unico que a impediu. — Demonstra-se o absurdo conceito de estarem desertos os continentes e consequentemente o sólo peninsular antes dos primeiros imaginarios éxodos asiaticos, mostrando-se serem mais antigas do que as da Asia as manifestações ethnologicas e industriaes d'este territorio, as de uma parte da Europa, da Africa, e da America, por isso que em pleno periodo quaternario, associados a faunas extinctas, patentearam estas regiões os typos fundamentaes dolichocephalo e brachycephalo. — Explica-se a causa que teria promovido a uniformidade geral não synchronica dos instrumentos de pedra n'aquelle periodo geologico, mas não se admitte, á falta de provas, que da Asia tivesse dimanado. — Mostra-se que os da peninsula hispanica occupam a cota de nivel mais inferior que se conhece. — Razões fundamentaes que repellem as affirmações de ser provenientes da região caucasica as primitivas populações européas. — Condições que desabonam a prioridade do periodo neolithico na Asia. — Refuta-se a pretendida indole civilisadora da Asia com o facto das raças indianas no continente americano, ainda hoje refractarias a todos os progressos da civilisação. — Conclusões geraes 17

PAG.

II Resumo dos caracteristicos que representam os inicios da industria manufactora do cobre, já representados e descriptos no volume antecedente (pag. 123 a 130). — Novos descobrimentos que reforçam a significação dos anteriores. — Mostra-se que as frechas, as lanças e outros artefactos de cobre têem sido achados em sepulturas, dolmens, cavernas, em campos de habitações arrazadas da ultima idade da pedra e em minas. — Conclusões que todos estes factos obrigam a deduzir 35

III Transição do periodo neolithico para a idade do cobre. — Instrumentos de cobre que succedem aos encontrados, sem outros metaes, em minas, sepulturas, dolmens e cavernas da ultima idade da pedra; suas variedades, dimensões e fórmas. — Mostra-se que o progresso d'estas manufacturas acompanha o das construcções architectonicas dos monumentos mortuarios, deixando assim ver uma phase de mais adiantada civilisação. — Confrontam-se os monumentos que continham artefactos de cobre com outro que é puramente megalithico e só manifestou productos industriaes do periodo neolithico. —Apparição de artefactos de ouro juntamente com os de cobre, de pedra, osso, ambar, barro, etc. — Estações fundamentalmente neolithicas, nacionaes e estrangeiras, em que está verificada a presença do cobre e do ouro sem mais nenhum metal. — Indicando-se a situação em que estão as poucas estações até hoje conhecidas e presumindo-se que muitas mais deve haver, insiste-se em mostrar a necessidade inadiavel de se proceder ao reconhecimento geral das antiguidades do reino.. 41

IV Fundamentos com que fôram divididos os tempos prehistoricos em idade da pedra, idade do bronze e idade do ferro. — Subdivisões que soffreu a idade da pedra. — Falta de synchronismo na ultima idade da pedra, fazendo variar geographicamente as origens da metallurgia nos dois hemispherios do globo. — A lei de Thomsen. — Mostra-se que esta lei não se póde applicar á peninsula hispanica — De como a idade do bronze envolveu durante quasi meio seculo a idade do cobre, e esta foi constantemente ignorada por uns e systematicamente negada por outros. — Caracteristicos da idade do cobre em Portugal e na Hispanha. — Estações e necropoles da idade do cobre no Algarve: Aljezur, caverna com armas de cobre; Arregata e Ferrarias, com necropoles da idade do cobre; Corte Cabreira, com pedreira de lavra antiga, de onde se extrahiram as lages de schisto para a construcção das sepulturas das necropoles mais proximas e as ardozias para as placas gravadas do grande monumento neolithico de Aljezur: Margalhos, mina com machados de cobre; indicios da idade do cobre em Bensafrim, Espiche, Chocalho e Odiáxere, onde tambem appareceram, assim como no Monte de Alcaria em a varzea de Arão

e em Valle da Lama, enterramentos em grandes potes de barro cru, mui similhantes aos de Almeria e aos que em Espiche continham muitos e varios objectos de cobre sem mais algum metal. — Prioridade que este systema de inhumação parece conferir ao Algarve, por isso que em Almeria é acompanhado de artefactos de bronze e na Chaldéa, na Assyria, e no Egypto por artefactos de ferro. — Necropoles da idade do cobre na Mexilhoeira Grande e em Montes de Alvor. — As lanças e machados de cobre de Silves. — A mina de cobre de Santo Estevão primitivamente lavrada com machados e percutores de pedra e com machados de cobre. — As sepulturas quadradas com instrumentos de pedra no Zambujal, a curta distancia de abundantes escorias de fundição. — As sepulturas excavadas na rocha de grés do Serro do Castello e no Serro do Monte da Figueira, a 300 metros da igreja de S. Bartholomeu, contendo uma d'ellas um treçado de cobre. — Outras necropoles similhantes em Monte de Boi e no Serro da Portella. — Mostra-se a curta distancia que ha entre essas necropoles e a mina de cobre do Pico Alto, onde havia machados de cobre e outros artefactos d'este metal. — A mina de cobre de Alte; os instrumentos de cobre que continha e os que nos terrenos proximos foram achados com muitos outros de pedra; figuram-se alguns na est. VIII. — Cavernas que estão a curto caminho da mina com a tradição de ter sido habitadas. — A necropole da Fonte Santa a 1:800 metros de Alte. — Instrumentos de pedra e de cobre das sepulturas existentes no museu de Freiburg. — Identidade de circumstancias existentes na mina de Alte e na de Santo Estevão. — Mostra-se que Paderne foi estação neolithica, que continuou a existir na idade do cobre e na do bronze. — Famosa collecção de instrumentos de cobre de Paderne e de amuletos de schisto, figurados na est. X. — Outro grupo de caracteristicos similhantes aos das minas já indicadas, acompanham a mina de cobre da Vendinha do Esteval, perto de Querença. — Machados de cobre que appareceram perto da mina, e cavernas que lhe ficam proximos. — Abundancia de machados e percutores de pedra n'aquelles sitios e nos de Salir, onde existem restos de um monumento megalithico. — Grande concentração de caracteristicos neolithicos e da idade do cobre na região central cuprifera, occupando de oeste para leste uma linha superior a 35 kilometros. — As cavernas da Melhoeira da Carregação, e os instrumentos de pedra no sitio do Mexilhão, do Quintão, Loubite e Estombar, juntamente com machados de cobre; de Ferragudo e da Ponte do Altar; de Lagôa e do Bemparece, em que ha uma necropole da idade do cobre; do Cabo Carvoeiro, de Alporcinhos e de Porches Velho, onde ha machados de cobre achados em sepulturas quadradas; de Crastos, com outra necropole do mesmo tempo; de Alcantarilha, da Senhora do Pilar, de Algoz e das proximidades da caverna do Serro de Gueina. — As sepulturas quadradas, os machados de pedra e de cobre e a lavra immemorial da pedreira da serra de Santa Barbara de Nexe, nas proximidades da caverna de Matos de Nora. — A

necropole do Monte do Castello, perto das ruinas de Ossonoba, contendo uma das sepulturas quadradas a famosa adaga de cobre, figurada com o n.º 14 na est. x. — Os instrumentos neolithicos do Milreu, do Monte da Mestra, de Alcaria, S. Braz e Alportel, nas proximidades da mina de cobre da Pedra do Leão, parecendo constituir um outro grupo mineiro. — A necropole de Bias, os instrumentos de pedra de Moncarapacho, na proximidade da caverna do Abysmo. — Os machados de pedra, e as adagas de cobre das Antas, que figuro com os n.ºs 1 e 2 na est. xii. — A grande população neolithica do littoral comprehendido entre a ribeira do Almargem e Castro Marim, onde appareceram famosos monumentos prehistoricos. — As necropoles mais typicas da idade do cobre em varios sitios da Torre dos Frades e de S. Bartholomeu, com armas de cobre. — As proximas necropoles, que começam nos montes da Zambujeira acima de Castro Marim, as da Córte do Guadiana, de Almada do Ouro, dos Serros dos Valles, da Eira da Estrada, dos Corveiros, das Casas Velhas, das Casas Novas e dos Mochos. — Plantas, louças e armas de cobre d'essas necropoles, onde não havia outro metal. — A necropole de Odeleite e a do Serro da Conceição, tendo a oeste as minas de cobre de Forra Merendas e do Serro da Pedra. — A necropole de Relva Chã. — A mina de cobre da Cova dos Mouros rodeada das necropoles e monumentos de pedra dos Serros de Vaqueiros. — A necropole dos Vicentes, na freguezia do Pereiro — Os montes do Valle de Nossa Senhora, perto de Alcoutim, colmados de necropoles, na proximidade da mina de cobre com trabalho antigo, que fica a curta distancia da de antimonio. — Mostra-se que o grande tracto de terreno abrangido pelas freguezias de Vaqueiros, Martim Longo, Giões, Pereiro e Alcoutim, entre as ribeiras do Vascão e da Foupana, constituem uma rica região cuprifera com quatro minas de trabalho antigo, numerosos instrumentos de pedra e necropoles da idade do cobre nas proximidades de cada uma, distinguindo-se a de Martim Longo com a manifestação de um monumento epigraphico com duas inscripções de caracteres peninsulares. — Conclue-se, mostrando que um tão vasto conjuncto de significativos caracteristicos comprova em toda a região do Algarve, que aos ultimos tempos neolithicos succedeu n'aquelle territorio a *idade do cobre*. — Conclusões geraes. — Rapido bosquejo de outros logares do reino com vestigios d'essa idade. — Nota-se serem identicos estes aos do Algarve. — Estações de comprovação entre a foz do rio Mira e Barcellos. — Os mesmos caracteristicos em muitas minas cupriferas e outras estações ricas da Hispanha, deixando comprovada em toda a peninsula a *idade do cobre* 55

V Mostra-se que na peninsula luso-hispanica, assim como n'outras muitas nações, a idade do bronze não succedeu á ultima idade da pedra. — Condições physicas que excluem a Escandinavia de poder constituir a serie das

PAG.

estações humanas desde os tempos paleolithicos. — De onde mais provavelmente receberiam aquelles paizes do norte os primeiros elementos de população. — Indicios industriaes que abonam esta presumpção. — Do mesmo modo que os homens neolithicos d'esta região criaram a idade do cobre, passaram a instaurar a idade do bronze logo que a riqueza estanifera d'este sólo começou a ser conhecida e aproveitada; pois está verificado, como aqui se demonstra, que onde havia cobre e estanho, a industria do bronze foi exercida desde o Alemtejo central até ás extremas raias do Minho e Trás-os-Montes. — Provas de que esta industria era local, e logares que mais seguramente a manifestam. — As minas de cobre e as minas de estanho n'este territorio. — Refuta-se a theoria da importação do bronze. — Caracteristicos da idade do bronze em Portugal, deduzidos dos factos observados. — Estações e logares do Algarve com caracteristicos da idade do bronze. — Monte de Pedralva: figuras de bronze parecendo representar o touro e o javali; conceitos ácêrca d'estas figuras. — Budens, Serro das Alfarrobeiras e Serro do Castello, seus caracteristicos, e os de Bensafrim, Monchique, Silves, Ferragudo, Estombar, Paderne, Milreu, Faro e Tavira, representados na est. XXII. — Proseguimento dos mesmos caracteristicos no Alemtejo, em Odemira, Villa Nova de Milfontes, Almodovar, Ourique, Senhora da Colla, Castro Verde, Aljustrel, Mina da Juliana, Grandola, Beja, Evora, Estremoz e Elvas. — Apparecem finalmente em quasi todo o reino provados indicios da idade do bronze, na Extremadura, na Beira, no Minho e em Trás-os-Montes. — Notaveis estações da mesma idade em o territorio fronteiro. — Houve portanto na vida das populações peninsulares uma phase do progresso industrial em que imperou a idade do bronze 161

VI Primeira idade do ferro. — Fabulas e falsos conceitos que desfiguram as origens da industria manufactora do ferro. — Noticias eruditas de alguns auctores ácêrca d'este assumpto. — Necropoles e tumulos: armas, adornos e utensilios que continham desde os Altos Alpes até ás fozes do Rhódhano. — Attribuem-se todos os productos industriaes dos usos funerarios a importações estrangeiras. — Repelle-se este conceito com referencia á peninsula hispanica. — Riqueza ferrifera de Portugal, Hispanha e de muitos outros paizes da Europa. — Aproveitamento do ferro sob varias fórmas desde tempos remotissimos. — Admittem os proprios sectarios da theoria das importações estrangeiras dois typos de producção industrial não derivados do mesmo fóco, reconhecendo ser differentes dos da Europa occidental os da região do norte. — Discussão de que resulta deprehender-se que o Egypto já manipulava o ferro anteriormente á epocha da primeira dynastia. — Anachronismo na implantação do uso do ferro em as nações da Europa. — Mostra-se que uma estação que se diz ser typica da primeira idade do ferro, não se póde assim considerar na peninsula hispa-

PAG.

nica. — A estação da primeira idade do ferro na Fonte Velha de Bensafrim. — Planta da necropole e caracteristicos das sepulturas. — Manifestação de monumentos epigraphicos de caracteres luso-ibericos. — As contas de vidro da necropole e a sua origem estrangeira. — Outras contas, do mesmo genero, dos Cômoros da Portella, de Silves, Estombar, Milreu, Torre d'Ares, Odemira, Chellas e de varios paizes da Europa, da Africa e da America. — Mostra-se que, assim como as contas de vidro esmaltadas constituem um bom caracteristico da primeira idade do ferro nas estações prehistoricas, ou deixam suppor a existencia de taes estações nos logares em que apparecem, ha outros caracteristicos, que d'ellas não dependem para poder assignalar estações d'essa idade. — Exemplifica-se este caso em Alcacer do Sal, nos montes de Briteiros, de Sabroso e n'outros d'este paiz. — Figuram-se e descrevem-se os caracteristicos de Alcacer do Sal, comparam-se com alguns da Hispanha e do norte da Europa. — Dá-se finalmente como demonstrada a existencia da primeira idade do ferro no territorio luso-hispanico 239

VII Suppostas origens da palavra escripta. — Pretende-se derivar do systema graphico pheniciano toda a copiosa serie de escripturas que existiram e existem em toda a superficie do globo. — Examina-se este espantoso aphorismo e repelle-se a sua veracidade. — Mostra se que o systema graphico luso-iberico não descende do elemento pheniciano, e que a epigraphia paleoethnologica peninsular representa as mais antigas manifestações paleographicas. — Monumentos epigraphicos peninsulares que comprovam esta asserção em vista da rigorosa classificação archeologica das estações em que fôram descobertos. — Prova-se que a epigraphia luso-iberica, amplamente diffundida em varias regiões geographicas durante a primeira idade do ferro, já existia na idade do bronze em todo o territorio peninsular e muito anteriormente na ultima idade da pedra. — Invoca-se a exhibição de um documento graphico de origem asiatica, egypciaca, ou de qualquer outra região, que haja sido descoberto n'uma estação e entre caracteristicos de antiguidade superior á dos monumentos peninsulares que se representam, e descrevem n'este e nos antecedentes capitulos d'este livro. — Chega-se emfim á conclusão de que todos os systemas graphicos, compostos na sua maioria de caracteres identicos ou simílhantes aos dos mais antigos padrões epigraphicos d'esta região, forçoso é considerarem-se derivados das mais antigas manifestações graphicas da peninsula luso-iberica. — São ainda propostos outros symbolos de uma linguagem ideographica muito mais remota. — Estudo especial que este assumpto requer 275

INDICE DAS ESTAMPAS

			PAG.
Est.	I.	Córte da estação geologica de San Izidro, no valle do Manzanares, perto de Madrid	28
»	II.	Frechas de cobre de Portugal e de Hispanha	36
»	III.	Armas e instrumentos de cobre da necropole de Alcalá	44
»	IV.	Frechas de cobre e artefactos de ouro da necropole de Alcalá e Balugães	46
»	V e VI.	Lanças de cobre de uma caverna de Aljezur	61
»	VII.	Lança e machados de cobre de Silves	78
»	VIII.	Machados de cobre de Estombar e de entre Alte e Paderne	85
»	IX.	Percutor de pedra da mina de cobre de Santo Estevão (Silves), machados de pedra e escopro de cobre da Fonte Santa (Alte), no museu de Freiburg	87
»	X.	Instrumentos de cobre de Silves, Paderne, de Santa Barbara de Nexe e do Monte do Castello (Estoi)	90
»	XI.	Planta das sepulturas de Bias, Torre dos Frades, Serro de Alcaria, S. Bartholomeu, Odemira e Villa Nova de Milfontes, e das armas de cobre que continham	106
»	XII.	Faca e adaga das Antas; frecha de uma sepultura dos Montes da Zambujeira; punhal e placa ornamentada de sepulturas do Serro da Estrada; frecha de uma sepultura do Serro dos Valles e outra frecha da necropole do Curral da Pedra. Todos estes objectos são de cobre	108
»	XIII.	Planta da necropole de Alcaria do Pocinho	112
»	XIV.	Planta da necropole da Corte do Guadiana	123
»	XV.	Louças dos Montes da Zambujeira, da Corte do Guadiana, da Eira da Estrada, dos Corveiros e do Curral da Pedra	124
»	XVI.	Planta das sepulturas do Serro dos Corveiros, da Eira da Estrada e do monumento do Serro do Castello	125

PAG.

Est. XVII. Passou com o n.º XXXVIII para a pag. 287.
» XVIII. Instrumentos de cobre do museu de Evora, da Fonte da Ruptura, do Valle do Nenna (Setubal), da Caverna de Oeiras, das grutas de Cascaes e do Cadaval.............. 144
» XIX. Instrumentos de cobre de Porto de Moz, Espite, Caldellas e Condeixa a Velha.............................. 151
» XX. Touro de bronze do Monte de Pedralva................ 172
» XXI. Javali (?) de bronze do Monte da Pedralva.............. 174
» XXII. Artefactos de bronze.............................. 178
» XXIII. Machados de bronze de Odemira, da Juliana, de Grandola, Estremoz, Elvas, Abrigada e Ferreira de Aves........ 194
» XXIV. Planta das necropoles exploradas pelo arcebispo Cenaculo na freguezia de Ourique... 196
» XXV. Estoques de bronze do Alemtejo........................ 205
» XXVI. Idolos de bronze, representados por figuras humanas, por um phallus e tres cabras.......................... 216
Pyramides do Monte de Roma (Silves)................ 234
Necropole da Donalda............................... 236
» XXVII. Planta da necropole da Fonte Velha de Bensafrim........ 252
» XXVIII. Contas de vidro da Fonte Velha, dos Cômoros da Portella, do Milreu e da Torre de Ares..................... 253
» XXIX. Artefactos metallicos da necropole da Fonte Velha e do Milreu.................................. 254
» XXX. Collar das contas de vidro de Silves e Estombar.......... 259
» XXXI. Collar de Almogrebe (Odemira)...................... 262
» XXXII. Collar das contas vitreas do museu da commissão geologica 263
» XXXIII. Armas de ferro de Silves, de Alcacer do Sal e da villa de Hijes, na provincia de Guadalajara.................. 268
» XXXIV a XXXVI. Inscripções da Fonte Velha de Bensafrim........ 285
» XXXVII. Inscripções dos Cômoros da Portella.................. 286
» XXXVIII. Inscripções de Martim Longo...................... 287
» XXXIX. Inscripções do Alemtejo............................ 290
» XL. Inscripções de Valencia............................ 291
» XLI. Inscripções de Alcalá del Rio........................ 292
» XLII. Planta e instrumentos da Cueva de los Murciélagos....... 294
» XLIII. Inscripções de Luzaga e de Baeza.................... 301
» XLIV. Inscripções da Baixa Saxonia........................ 306
» XLV. Inscripções da Suecia.............................. 309

ERRATAS

PAGINA	LINHA	ERRO	EMENDA
36	39	e a 1 kilometro de Palmella	e a um de Palmella
49	2	a dos	a dois
60	13	a famosa carta	a famosa estação
72	19	estudadas	estudados
82	6	cadavor	cadaver
82	19	treçado	terçado
83	28	resto	rasto.
106	2	est. IX	est. XI
119	31	1ᵐ,80	0ᵐ,80
128	31	Serro,	Serro
136	41	não poucas	e não poucas
137	15	Inscripções de Martim Longo	Passaram com o n.º XXXVIII para a pag. 287
149	20	est. XVII	est. XVIII
172	17	para a direita	para a direita, ou para a esquerda
176	10	Endovelico	Endovellico
183	5	cultos na	cultos da
184	5	serpenticotas	serpentícolas
198	5	póde ser	póde não ser
212	24	0ᵐ,53	0ᵐ,053
219	11	e mesma estampa os	e na mesma estampa com os
223	29	Irlonda	Irlanda
247	10	de	do
253	24	XXXVIII	XXVIII
254	5	XXXVIII	XXVIII
276	35	XXXVIII	XVIII
316	19	monumenlos	monumentos
321	26	brouze	bronze

PALEOETHNOLOGIA

ANTIGUIDADES MONUMENTAES DO ALGARVE

TEMPOS PREHISTORICOS

POR

SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTACIO DA VEIGA

Socio correspondente da academia real das sciencias
de Lisboa, do instituto e da sociedade broteriana de Coimbra, do imperial instituto archeologico
germanico de Roma, da sociedade franceza de archeologia, da real academia
de historia de Madrid, da sociedade economica de Malaga, da academia de archeologia
da Belgica, do instituto archeologico e geographico pernambucano,
collector e fundador do museu archeologico do Algarve

VOLUME IV

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891